UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA – UFPB
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS, LETRAS E ARTES – CCHLA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LETRAS – PPGL

FERNANDA CARDOSO NUNES

TRADUZINDO NARRATIVAS MÍSTICAS DE AUTORIA FEMININA MEDIEVAIS: UMA ANÁLISE LITERÁRIA DAS OBRAS DE JULIANA DE NORWICH E MARGERY KEMPE

JOÃO PESSOA - PARAÍBA
2023

FERNANDA CARDOSO NUNES

TRADUZINDO NARRATIVAS MÍSTICAS DE AUTORIA FEMININA MEDIEVAIS: UMA ANÁLISE LITERÁRIA DAS OBRAS DE JULIANA DE NORWICH E MARGERY KEMPE

Tese apresentada ao Programa de Pós-graduação em Letras da Universidade Federal da Paraíba para obtenção do título de Doutora em Letras. Área de Concentração: Literatura, Cultura e Tradução. Linha de Pesquisa: Estudos Clássicos e Medievais.
Orientadora: Profa. Dra. Luciana Eleonora de Freitas Calado Deplagne (PPGL/UFPB).
Coorientadora: Profa. Dra. Isabel Maria da Cruz Lousada (CICS. NOVA/FCSH).

JOÃO PESSOA - PARAÍBA
2023

Catalogação na publicação
Seção de Catalogação e Classificação

N972t Nunes, Fernanda Cardoso.
Traduzindo narrativas místicas de autoria feminina medievais : uma análise literária das obras de Juliana de Norwich e Margery Kempe / Fernanda Cardoso Nunes. - João Pessoa, 2023.
355 f. : il.

Orientação: Luciana Eleonora de Freitas Calado Deplagne.
Coorientação: Isabel Maria da Cruz Lousada.
Tese (Doutorado) - UFPB/CCHLA.

1. Literatura inglesa - Medieval. 2. Juliana de Norwich. 3. Margery Kempe. 4. Tradução literária. I. Deplagne, Luciana Eleonora de Freitas Calado. II. Lousada, Isabel Maria da Cruz. III. Título.

UFPB/BC CDU 821.111(043)

Elaborado por GRACILENE BARBOSA FIGUEIREDO - CRB-15/794

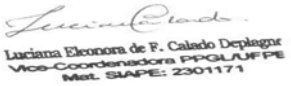
FERNANDA CARDOSO NUNES

TRADUZINDO NARRATIVAS MÍSTICAS DE AUTORIA FEMININA MEDIEVAIS: UMA ANÁLISE LITERÁRIA DAS OBRAS DE JULIANA DE NORWICH E MARGERY KEMPE

Tese de Doutorado elaborada por Fernanda Cardoso Nunes e apresentada à banca de defesa do doutorado em Letras da Universidade Federal da Paraíba (UFPB) como pré-requisito para obtenção do título de Doutora em Letras na área de pesquisa em Estudos Clássicos e Medievais.

Tese de Doutorado avaliada em: 24/02/2023.

BANCA EXAMINADORA



Profa. Dra. Luciana Eleonora de Freitas Calado Deplagne
(Presidente da Banca – PPGL/UFPB)

Profa. Dra. Isabel Maria da Cruz Lousada
(Coorientadora – CICS. NOVA/FCSH)

Profa. Dra. Isabela Albuquerque Rosado do Nascimento
(Examinadora – UPE)

Profa. Dra. Karine Simoni
(Examinadora – UFSC)

Profa. Dra. Cláudia Costa Brochado
(Examinadora – UnB)

Profa. Dra. Maria Simone Marinho Nogueira
(Examinadora – UEPB)

Ao Deus de infinita bondade.

À minha mãe, Nilse Portela.

Ao meu pai, Raimundo Eduardo (*in memoriam*).

À minha companheira, Vânia Moreira.

Aos meus professores, amigos e familiares.

A todos aqueles e aquelas que acreditam que o lugar de uma mulher é onde ela quiser estar.

AGRADECIMENTOS

A Deus, ao Divino Mestre Jesus e a Maria Mãe Santíssima.

Ao meu pai, Raimundo Nunes Eduardo (*in memoriam*), que sempre me incentivou a cursar o Doutorado, mas retornou à Pátria Espiritual antes de presenciar esse momento e sei que está muito feliz por essa conquista; e à minha querida mãe, professora Maria Nilse Portela Cardoso Nunes, que sempre me apoiou e lutou para que eu estudasse e fizesse parte dessa linda linhagem de professoras da minha família.

À minha companheira, Vânia Moreira, por todo o apoio, incentivo, paciência e carinho principalmente na reta final de elaboração desta tese.

À minha querida orientadora, Profa. Dra. Luciana Deplagne, por todo o apoio, incentivo, indicações de leituras e direcionamentos. À minha corientadora, Profa. Dra. Isabel Lousada por todo o apoio, direcionamentos, incentivos e a calorosa acolhida em terras portuguesas. Vocês são inspirações para mim. Muita gratidão por tudo.

Às queridas professoras que aceitaram participar tanto do momento da qualificação dessa pesquisa, quanto da defesa: Profa. Dra. Karine Simoni, Profa. Dra. Isabela Albuquerque, Profa. Dra. Simone Marinho e Profa. Dra. Cláudia Brochado. Suas sugestões e contribuições são valiosíssimas para esta pesquisa.

À família Lima, nas pessoas das professoras Dra. Maria Graciele de Lima e Dra. Maria Nazareth de Lima Arrais, bem como ao Renato Arrais de Lima, que muito me acolheram e me apoiaram durante a elaboração, escrita inicial e minha estadia em João Pessoa. Minha eterna gratidão a todos vocês.

Aos meus colegas do Curso de Letras da Faculdade de Filosofia Dom Aureliano Matos – FAFIDAM/UECE por todo o apoio, bem como aos meus queridos alunos e alunas do Curso de Letras – Inglês dessa mesma faculdade.

Aos meus amigos, familiares e colaboradores que me apoiaram e torceram por mim. Meu eterno agradecimento a todos vocês.

Ao meu gato Pepê, companheiro de todas as horas e que me avisava a hora de começar e de parar as leituras da tese.

Ao Programa de Pós-Graduação em Letras (PPGL) da Universidade Federal da Paraíba (UFPB) pela oportunidade de cursar o Doutorado em Letras.

A todas as mulheres pioneiras, modelos para minha vida, para minha trajetória acadêmica, que lutaram e lutam para ocupar espaços na sociedade e na produção de conhecimento por um mundo mais justo e melhor.

“All shall be well.
In all manner of things
All shall be well.”
(Julian of Norwich)

RESUMO

Esta tese tem por objetivo a análise literária das obras *A Revelation of Love* (c. 1395), de autoria da mística inglesa Juliana de Norwich (c.1343 - c. 1416), em sua versão longa, e *The Book of Margery Kempe* (c. 1438), de Margery Kempe (1373 - c. 1438), observando de que forma conceitos como memória, corpo e maternidade são representados literariamente nos dois textos, bem como propor a tradução inédita desta última obra para a língua portuguesa. A análise se realizará com o aporte da crítica literária feminista buscando observar como essas questões se articulam nos textos das duas mulheres. No primeiro capítulo, traçamos um breve panorama da literatura de autoria feminina inglesa medieval, discorrendo sobre a literatura em inglês médio e apresentando as autoras em estudo. No segundo capítulo, analisamos como memória, corpo e maternidade se articulam como espaços do feminino nesses textos literários. No terceiro capítulo, discutimos a importância dos Estudos de Tradução para a Crítica Literária Feminista e para a realização da tradução do livro de Margery Kempe. No quarto e último capítulo, propomo-nos a traduzir a obra de Margery Kempe para o português através da tradução do texto do único manuscrito da obra presente na British Library (Add. MS 61823), cotejando-o com as versões modernas de Anthony Bale (2015), Barry Windeatt (2004) e com sua versão para o espanhol de Salustiano Moreta Velayos (2012). Acerca da fundamentação teórica, no tocante à questão da análise dos aspectos da memória, utilizamos os escritos de Jacques Le Goff (2003) e Michelle Perrot (2015). Sobre a representação do corpo e da maternidade de Jesus Cristo, faremos uso dos seguintes estudos: de Caroline Walker Bynum (1983); a pesquisa de Josué Soares Flores (2013); e os estudos de Liz Herbert McAvoy sobre autoridade e corpo feminino nos escritos de Juliana de Norwich e Margery Kempe (2004), além da obra *A Companion to Julian of Norwich* (2008) e do artigo de Lieve Troch (2013), "Mística Feminina na Idade Média: historiografia feminista e descolonização das paisagens medievais", para compreendermos o lugar das místicas enquanto produtoras de textos literários. Trazemos ainda Nancy Bradley Warren (2007), acerca da inserção das duas autoras no cânone literário inglês; bem como o texto de Lélia Almeida (2004) sobre a constituição de uma linhagem literária de autoria feminina. A respeito da tradução da obra de Margery Kempe, teremos, como aporte teórico, os estudos acerca da tradução de Susan Bassnett (2005); Sherry Simon (2005); Louise Von Flotow (2013), além de Barboza e Castro (2017). Através da nossa pesquisa, pudemos considerar Juliana de Norwich e Margery Kempe transgressoras, ao romperem com papéis convencionados às mulheres de seu tempo. Seus escritos trazem o papel feminino numa nova perspectiva de protagonismo religioso, social e literário e destacamos o quanto esse processo de resgate e releitura pode ser renovador para os estudos da literatura, da cultura e da tradução.

Palavras-chave: Literatura Inglesa Medieval. Juliana de Norwich. Margery Kempe. Tradução Literária.

ABSTRACT

This thesis aims at the literary analysis of the works *A Revelation of Love* (c. 1395) by the English mystic Juliana of Norwich (c.1343 - c. 1416), in its long version, and *The Book of Margery Kempe* (c. 1438) by Margery Kempe (1373 - c. 1438), noting how concepts such as memory, body and motherhood are represented literarily in both texts, as well as proposing the unpublished translation of the latter work into Portuguese. The analysis will be carried out with the contribution of feminist literary criticism, seeking to observe how these issues are articulated in the texts of the two women. In the first chapter, we draw a brief overview of medieval English female authorship, discussing literature in Middle English and presenting the authors under study. In the second chapter, we had analyzed how memory, body and motherhood are articulated as feminine spaces in these literary texts. In the third chapter, we had discussed the importance of Translation Studies for Feminist Literary Criticism and for translating Margery Kempe's book. In the fourth and last chapter, we had proposed the translation into Portuguese of Margery Kempe's work through the translation of the text of the only manuscript of the work present in the British Library (Add. MS 61823), comparing it with the modern versions of Anthony Bale (2015), Barry Windeatt (2004) and with its Spanish version by Salustiano Moreta Velayos (2012). Regarding the theoretical foundation, regarding the issue of analyzing aspects of memory, we had used the writings of Jacques Le Goff (2003) and Michelle Perrot (2015). On the representation of the body and motherhood of Jesus Christ, we will make use of the following studies: by Caroline Walker Bynum (1983); the research by Josué Soares Flores (2013); and Liz Herbert McAvoy's studies on authority and the female body in the writings of Juliana of Norwich and Margery Kempe (2004), in addition to the work A Companion to Julian of Norwich (2008) and the article by Lieve Troch (2013), "Mística Feminina na Idade Média: historiografia feminista e descolonização das paisagens medievais", in order to understand the place of mystics as producers of literary texts. We had also used Nancy Bradley Warren's text (2007) about the insertion of the two authors in the English literary canon; as well as the text by Lélia Almeida (2004) on the constitution of a literary lineage of female authorship. Regarding the translation of Margery Kempe's work, we had, as a theoretical contribution, the studies about the translation of Susan Bassnett (2005); Sherry Simon (2005); Louise Von Flotow (2013), as well as Barboza e Castro (2017). Through our research, we were able to consider Juliana de Norwich and Margery Kempe as transgressors, as they broke with conventional roles for women of their time. Her writings bring the female role in a new perspective of religious, social and literary protagonism and we highlight how much this process of rescue and rereading can be refreshing for the studies of literature, culture and translation.

Keywords: Medieval English Literature. Julian of Norwich. Margery Kempe. Literary Translation.

RESUMEN

Esta tesis tiene como objetivo el análisis literario de las obras *Libro de Revelaciones* (c. 1395), de la mística inglesa Juliana of Norwich (c. 1343 - c. 1416), en su versión larga, y El Libro de Margery Kempe (c.1438), de autoria de Margery Kempe (1373 - c. 1438), señalando cómo conceptos como memoria, cuerpo y maternidad son representados literariamente en ambos textos, además de proponer la traducción inédita de esta última obra al portugués. El análisis se realizará con el aporte de la crítica literaria feminista, buscando observar cómo estos temas se articulan en los textos de las dos mujeres. En el primer capítulo, dibujamos una breve descripción de la autoría femenina inglesa medieval, discutiendo la literatura en inglés medio y presentando a los autores bajo estudio. En el segundo capítulo, analizamos cómo la memoria, el cuerpo y la maternidad se articulan como espacios femeninos en estos textos literarios. En el tercer capítulo, discutimos la importancia de los estudios de traducción para la crítica literaria feminista y para traducir el libro de Margery Kempe. En el cuarto y último capítulo, proponemos traducir la obra de Margery Kempe al portugués a través de la traducción del texto del único manuscrito de la obra presente en la Biblioteca Británica (Add. MS 61823), comparándolo con las versiones modernas de Anthony Bale (2015), Barry Windeatt (2004) y con su versión en español de Salustiano Moreta Velayos (2012). En cuanto a la fundamentación teórica, sobre la cuestión de analizar aspectos de la memoria, se utilizaron los escritos de Jacques Le Goff (2003) y Michelle Perrot (2015). Sobre la representación del cuerpo y la maternidad de Jesucristo, nos serviremos de los siguientes estudios: de Caroline Walker Bynum (1983); la investigación de Josué Soares Flores (2013); y los estudios de Liz Herbert McAvoy sobre la autoridad y el cuerpo femenino en los escritos de Juliana of Norwich y Margery Kempe (2004), además del trabajo A Companion to Julian of Norwich (2008) y el artículo de Lieve Troch (2013), "Mística Feminina na Idade Média: historiografia feminista e descolonização das paisagens medievais", para comprender el lugar de las místicas como productoras de textos literarios. Traemos también a Nancy Bradley Warren (2007), sobre la inserción de los dos autores en el canon literario inglés; así como el texto de Lélia Almeida (2004) sobre la constitución de un linaje literario de autoría femenina. En cuanto a la traducción de la obra de Margery Kempe, tendremos, como aporte teórico, los estudios sobre la traducción de Susan Bassnett (2005); Jerez Simón (2005); Louise Von Flotow (2013), así como Barboza e Castro (2017). A través de nuestra investigación pudimos considerar a Juliana de Norwich y Margery Kempe como transgresoras, ya que rompieron con los roles convencionales de las mujeres de su tiempo. Sus escritos traen el rol femenino en una nueva perspectiva de protagonismo religioso, social y literario y destacamos cuánto puede ser refrescante este proceso de rescate y relectura para los estudios de literatura, cultura y traducción.

Palabras clave: Literatura inglesa medieval. Juliana de Norwich. Margery Kempe. Traducción literaria.

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO..... 11

2 LITERATURA DE AUTORIA FEMININA INGLESA MEDIEVAL: PELAS TERRAS DE ALBION, MULHERES DE LETRAS..... 15

2.1 A Europa e o medievo britânico (650-1450): palavras de mulheres..... 17

2.2 A Literatura em Inglês Médio (*Middle English Literature*)..... 30

2.3 Juliana: a mística de Norwich..... 36

2.4 Margery Kempe: uma voz arrebatada pelo poder das palavras..... 44

2.5 "Is really she *unletteryd?*": Protagonismo Feminino na Literatura Inglesa Medieval..... 48

3 METÁFORAS DA REPRESENTAÇÃO FEMININA NAS OBRAS DE JULIANA DE NORWICH E MARGERY KEMPE: MEMÓRIA, CORPO E MATERNIDADE..... 59

3.1 Quando o esquecimento é pecado: a memória nos escritos literários de autoria feminina medieval..... 59

3.1.1 Os usos da memória nas obras de Juliana de Norwich e Margery Kempe..... 59

3.1.2 Um corpo amante em busca do corpo amado: representações do corpo nas obras de Juliana de Norwich e Margery Kempe..... 67

***3.1.2.1 Autolegitimação e representações literárias do corpo feminino*..... 68**

3.2 *Jhesu Christ oure Moder*: as figurações da maternidade nas obras místicas de Juliana de Norwich e Margery Kempe..... 82

3.2.1 A maternidade de Deus recriada: a *imago Dei* feminina e a *imitatio* da *Mater Dolorosa*..... 84

4 TRADUZINDO NARRATIVAS MÍSTICAS MEDIEVAIS DE AUTORIA FEMININA: QUESTÕES DE CÂNONE E ESTUDOS DE GÊNERO..... 98

4.1 Os Estudos da Tradução e os Estudos Literários: ferramentas para repensar o cânone literário..... 99

4.2 **Traduzindo escritos de mulheres medievais: diálogos entre os Estudos de Gênero e a Tradução.....** 110
4.3 **As *Revelações* de Juliana de Norwich no Brasil.....** 118
5 ***THE BOOK OF MARGERY KEMPE* OU *O LIVRO DE MARGERY KEMPE*: UMA PROPOSTA DE TRADUÇÃO INÉDITA PARA A LÍNGUA PORTUGUESA.....** 127
5.1 **Traduzindo o livro de Margery Kempe: percursos e estratégias.....** 127
5.2 ***O Livro de Margery Kempe*.....** 129
5.3 **Livro II.....** 315
CONSIDERAÇÕES FINAIS..... 345
REFERÊNCIAS..... 347

1 INTRODUÇÃO

Esta pesquisa propõe a análise literária da obra *The Book of Margery Kempe* de autoria da inglesa Margery Kempe e das *Revelations of Love* de Juliana de Norwich, a partir da crítica literária feminista, destacando como as questões de memória, corpo e maternidade se articulam dentro das duas obras literárias. Dentro do estudo proposto, além de reconhecer as características literárias peculiares à Idade Média inglesa, também se faz importante discutir a presença das obras de Juliana de Norwich e Margery Kempe numa tradição de textos de autoria feminina que teve sua origem e efusão durante a Idade Média, desenvolvendo-se nas épocas seguintes.

Além disso, propõe-se uma tradução inédita no Brasil do texto do único manuscrito da obra *The Book of Margery Kempe* (1438) presente na British Library (Add. MS 61823), cotejando-o com as versões modernas de Anthony Bale (*The Book of Margery Kempe* – OUP, 2015), Barry Windeatt (*The Book of Margery Kempe: Annoted Edition* – D. S. Brewer, 2004) e sua versão para o espanhol de Salustiano Moreta Velayos (*Libro de Margery Kempe* – Universitat de Valencia, 2012).

As obras *A Revelation of Love,* da anacoreta Juliana de Norwich, e *The Book of Margery Kempe*, da mística Margery Kempe, permanecem como representativas de uma tradição de autoras pioneiras que transgridem a imagem tradicional de Deus. O constante rememorar como processo de compreensão e registro das vivências místicas se traduz numa ânsia por autoridade de seus discursos. A memória constitui, assim, um elemento central para a percepção de suas experiências visionárias. Sobre a fundamentação teórica acerca deste tema, utilizaremos os escritos de Jacques Le Goff sobre a memória em *História e Memória* (2003); a obra *Minha história das mulheres*, de Michelle Perrot, de 2015; e as *Confissões* de Santo Agostinho, em edição de 2013.

Sobre a questão da representação de Jesus Cristo como mãe, e, portanto, as metáforas utilizadas pela autora para descrever a corporeidade feminina de Cristo, utilizaremos, como fundamentação teórica, o estudo de Caroline Walker Bynum, *Jesus as Mother*: *Studies in the Spirituality of the High Middle Ages* (UCLA, 1983); de Sarah McNamer, *The Exploratory Image: God as Mother in Julian of Norwich's Revelation of Divine Love*, de 1989; e a pesquisa de Josué Soares Flores, *Maternidade de Deus em Juliana de Norwich*, publicada pela Fonte Editorial de 2013.

Com relação à perspectiva dos estudos de gênero e literatura, serão utilizados os estudos de Liz Herbert McAvoy sobre *Authority and the Female Body in the Writings of Julian*

of Norwich and Margery Kempe e outros constantes no livro *A Companion to Julian of Norwich* (D. S. Brewer, 2008); Lieve Troch e o texto "Mística Feminina na Idade Média: historiografia feminista e descolonização das paisagens medievais", para compreendermos o lugar das místicas enquanto produtoras de textos literários, publicado na Revista Graphos (UFPB), de 2013; Nancy Bradley Warren, "Feminist Approaches to Middle English Religious Writing: The Cases of Margery Kempe and Julian of Norwich", de 2007, que discute a questão da inserção das duas autoras no cânone literário inglês; os estudos de Lúcia Osana Zolin (2009) sobre crítica feminista e literatura de autoria feminina; bem como o texto de Lélia Almeida, "Linhagens e ancestralidade na literatura de autoria feminina", publicado na Revista Espéculo (2004).

Também foram consultadas as contribuições teóricas de Épiney-Burgard e Zum-Brunn (2007) a respeito da literatura religiosa de autoria feminina, bem como Danielle Régnier-Bohler, "Vozes literárias, vozes místicas", de 1990. Serão considerados também os estudos sobre a literatura inglesa medieval realizados por Michael Alexander (2007) no seu *A History of English Literature,* com o objetivo de situar os escritos da autora em seu contexto literário medieval. Outro estudo de fundamental importância, talvez um dos mais completos acerca da análise literária da obra de Juliana de Norwich, pelo viés da teoria da narrativa literária, e que aqui será amplamente utilizado, é *Julian, God and the Art of Storytelling*, de Godelinde Gertrude Perk, de 2016.

A respeito da tradução da obra de Margery Kempe, teremos como aporte teórico os estudos acerca da tradução de John Milton, *Tradução: teoria e prática*, de 1998; Susan Bassnett em sua compilação *Estudos de Tradução (*2005); Paulo Henriques Britto e *A tradução literária* (2012); André Lefevere, com *Tradução, reescrita e manipulação da fama literária* (2007); Sherry Simon e seu *Gender in Translation* (2005); Louise Von Flotow com seu estudo *Translation and Gender*: *translating in the 'Era of Feminism'* (2013).

No tocante à relação entre os estudos da tradução e os estudos de gênero, questão de grande pertinência para esta pesquisa, visto que propomos a tradução para o português da obra de Margery Kempe, temos os estudos citados acima, de Louise Von Flotow e Sherry Simon, que se destacam por ressaltarem que, nos últimos quarenta anos, o movimento de mulheres, as políticas feministas e a produção acadêmica feminista têm sido fortemente afetados pela tradução (FLOTOW, 2013, p. 169). A estudiosa ainda deixa claro que as traduções de mulheres escritoras permitiram ampla fertilização mútua e intercâmbio de ideias (FLOTOW, 2013, p. 170), e com as releituras, reavaliações e retraduções de textos-chave publicados no Ocidente, a cultura feminista se torna cada vez mais importante.

Já Sherry Simon, em seu livro *Gender in Translation* (2005), observa que "as questões de identidade, incluindo gênero, tornaram-se um fator crucial para nosso entendimento da cultura hoje. [...] Mais importante, entretanto, tem sido o impacto decisivo do feminismo, como movimento político e literário sobre a teoria e a prática da tradução" (SIMON, 2005, p. ix). Portanto, a relação entre os estudos da tradução e os estudos de gênero muito tem contribuído para cada vez mais trazer a um público diversificado os textos literários de muitas autoras que tiveram suas vozes silenciadas ao longo da história da literatura.

No primeiro capítulo, traçaremos um panorama da literatura de autoria feminina em língua inglesa. O protagonismo feminino nas terras britânicas se torna cada vez mais evidente com as diversas pesquisas dentro do campo da História das Mulheres e da Crítica Literária Feminista. Para pensarmos essas questões, precisamos remontar às origens dessa literatura. Além disso, buscaremos elucidar um pouco sobre quem foram as autoras Juliana de Norwich e Margery Kempe, apresentando suas obras e o que se conhece de suas vidas e de seu tempo. Finalizaremos com uma discussão sobre se essas mulheres foram ou não "iletradas", tema que se faz relevante para o âmbito desta pesquisa, visto que ambas são consideradas percursoras literárias no contexto inglês.

No segundo capítulo, analisaremos como memória, corpo e maternidade se articulam como espaços do feminino nesses textos literários. A literatura mística de autoria feminina no medievo é composta de textos que narram experiências visionárias e de êxtase. Essas experiências trazem o aspecto da memória e da autobiografia, ou seja, narrativas que apresentam situações vividas pelas vozes femininas que narram. A memória, portanto, tem papel fundamental, e o esquecimento pode ser visto como pecado. As representações do corpo também se farão presentes nesses textos: a experiência mística muitas vezes é vivenciada com o próprio corpo da narradora. Em relação à maternidade, outro aspecto da vivência feminina amplamente trabalhada pelas duas místicas, vale lembrar que uma das características mais importantes da obra de Juliana de Norwich é a visão de Jesus Cristo como Mãe.

No terceiro capítulo, discutiremos a importância dos Estudos de Tradução para a Crítica Literária Feminista. Vale lembrar que, nesta pesquisa, propomos a tradução para a língua portuguesa da obra *The Book of Margery Kempe*. Torna-se, portanto, fundamental essa reflexão sobre a relação entre literatura e tradução através do viés dos Estudos Feministas da tradução (EFT). Sabe-se que atividade da tradução esteve presente em toda a Idade Média e teve papel relevante na construção de línguas e literaturas nacionais, ou seja, da consolidação das línguas vernáculas. Além disso, as traduções ajudaram a disseminar conhecimentos que se tornariam

fundamentais para a construção do pensamento medieval. Neste capítulo também analisaremos brevemente as duas traduções da obra de Juliana de Norwich para o português.

No quarto e último capítulo, propomo-nos a traduzir a obra de Margery Kempe para o português através da tradução do texto do único manuscrito da obra *The Book of Margery Kempe* (1438) presente na British Library (Add. MS 61823), cotejando-o com as versões modernas de Anthony Bale *(The Book of Margery Kempe* – OUP, 2015*)*, Barry Windeatt *(The Book of Margery Kempe: Annoted Edition* – D.S. Brewer, 2004) e sua versão para o espanhol de Salustiano Moreta Velayos *(Libro de Margery Kempe* – Universitat de Valencia, 2012). Consideramos de grande importância a tradução dessa obra para o contexto literário brasileiro, não apenas no sentido de disponibilizarmos para o vernáculo essa que é considerada a primeira autobiografia escrita em língua inglesa, também pelo seu pioneirismo na tradição da literatura de autoria feminina medieval.

Esperamos, com este trabalho de pesquisa, análise literária e tradução, contribuir cada vez mais com o repensar do cânone literário não só da literatura inglesa, mas da literatura medieval, vista como predominantemente masculina e misógina. Quebrar estes estereótipos, rasurar os significados obscurantistas acerca de quem escrevia e produzia obras na Idade Média é de suma necessidade para os vários campos de conhecimento. Juliana de Norwich e Margery Kempe podem ser consideradas transgressoras nesse sentido. Seus escritos trazem o papel feminino numa nova perspectiva de protagonismo religioso, social e literário. Através desta pesquisa, esperamos deixar claro o quanto esse processo de resgate e releitura pode ser renovador para os estudos literários, da cultura e da tradução.

2 LITERATURA DE AUTORIA FEMININA INGLESA MEDIEVAL: PELAS TERRAS DE ALBION, MULHERES DE LETRAS

Os estudos acerca da literatura de autoria feminina no contexto medieval inglês vêm chamando cada vez mais a atenção de pesquisadoras e pesquisadores que intentam, através de seus estudos, repensar o cânone literário inglês. O protagonismo de mulheres nas terras da antiga Albion, como eram chamadas as terras britânicas no passado, torna-se cada vez mais evidente com as diversas pesquisas dentro do campo da História das Mulheres e da Crítica Literária Feminista. Ambas as disciplinas, em auxílio mútuo, vêm descortinando e desconstruindo os vários estereótipos ligados a um pretenso apagamento e ostracismo da participação das mulheres ao longo da história e da literatura inglesas.

Para pensarmos todas essas questões, precisamos remontar às origens dessa literatura. A literatura de língua inglesa tem suas origens no século VII, com a presença de diversos povos germânicos e célticos, como anglos, saxões, pictos, jutos, vikings, entre outros. Como afirma Lerner, em sua obra *A Criação da Consciência Feminista:* a luta de 1.200 anos das mulheres para libertar suas mentes do pensamento patriarcal (2022),

> O mesmo período também viu florescer monastérios duplos na Grã-Bretanha e no continente europeu. Muitos deles eram organizados de modo que as freiras pudessem se beneficiar da proteção, do trabalho físico e da orientação espiritual de religiosos homens. Como a maioria dos mosteiros duplos era administrada por abadessas, ou de forma conjunta por um abade e uma abadessa, eles fomentaram a liderança feminina (LERNER, 2022, p. 47).

A crescente atividade religiosa de mulheres, bem como o aumento de seu papel de liderança religiosa, coincidiu com a conversão dos francos e dos anglo-saxões ao cristianismo. Nessa época, com as várias invasões nórdicas e todas as suas contribuições linguísticas, históricas e culturais, tivemos uma língua nas terras inglesas chamada de *Anglo-Saxon* (Anglo-saxão) ou ainda *Old English* (Inglês Antigo ou Arcaico), que compreende o período de 450-1100 d.C., usada para designar tanto esses povos quanto a linguagem usada na Inglaterra anterior à conquista normanda de 1066.

Segundo Alexander (2007, p. 13), "[...] linguística e historicamente, os poemas ingleses compostos por Caedmon depois de 670 e Beda (673-735) são os mais antigos que conhecemos" [1]. Os temas que permeiam essa literatura seriam inicialmente heroicos, como

[1] Todas as traduções, quando não indicado o contrário, são de minha autoria: "Linguistically and historically, the English poems composed by Caedmon after 670 and Bede (673-735) are the earliest we know of."

podemos perceber no poema épico mais conhecido do período, *Beowulf* (século IX), mas teremos também, principalmente depois da conversão ao cristianismo de muitos desses povos por São Patrício no século V, um grande número de poemas que mesclam heroísmo pagão a elementos cristãos, como é o caso de composições de autoria anônima, como *The Dream of the Rood*, que exemplifica a tradição medieval de poemas de temática visionária cristã ou as paráfrases do Velho Testamento de Caedmon e Cynewulf: *Daniel, Judith, Genesis* e *Christ*.

Vale destacar, das obras citadas, o poema de autoria anônima *Judith* (Judite), que traz como protagonista a personagem feminina bíblica do Velho Testamento, Judite. Na "Apresentação" à sua tradução do referido poema para a língua portuguesa, Elton Oliveira Souza de Medeiros escreve que "[...] na reconstrução da história bíblica de Judite em inglês antigo, fica clara a influência da hermenêutica cristã e da interpretação patrística do Livro de Judite e dos modelos da hagiografia latina" (2021, p. 9). Essas influências e reinterpretações dos escritos do Velho Testamento estavam muito presentes na literatura da Inglaterra anglo-saxônica e, assim, influenciaram, de certa forma, a tradição de escritos religiosos ingleses posteriores.

Ao longo dos tempos, o *Old English* vai se modificando. Com a derrota dos vikings e a chegada dos normandos em 1066, o franco-normando, que seria depois chamado de anglo-normando, e o latim, tornar-se-iam as línguas oficiais, respectivamente, da corte e do clero, o que provocaria uma séria ruptura na literatura que seria produzida na época. Tivemos, então, o *Middle English* (Inglês Médio). Segundo Scanlon (2009, p. xi), o ano de 1100 é aceito pelos linguistas históricos como a linha divisória entre o *Old English e o Middle English.*

Alguns anos após esse período, teremos uma das obras referências para a compreensão da história inglesa, *Historia regum Britanniae*, escrita em latim por Geoffrey de Monmouth, em aproximadamente 1136, onde aparece a figura de Brutus, apresentado na obra como o pai da raça inglesa e primeira manifestação escrita da literatura arturiana, também chamada de Matéria da Bretanha. Segundo Silva, "[...] a partir desta obra, muitos escritores compuseram seus trabalhos baseados na lendária história medieval do monarca da Bretanha: o rei Arthur. Desde então, a história do rei Arthur tem sido usada tanto como fato real quanto como ficcional em vários textos e contextos" (SILVA, 2005, p. 577). Assim, a lenda do rei Arthur teve grande influência sobre a literatura inglesa da época e mesmo posteriormente.

No entanto, podemos perceber a influência que a literatura em *Old English* exerceu sobre a literatura em inglês médio. O imaginário pagão mesclado aos elementos cristãos e os próprios meios de se trabalhar a temática cristã, através dos relatos de sonhos, visões e

revelações, fora uma presença marcante nessa literatura, e que iria influenciar enormemente os textos de autoria feminina no contexto inglês medieval.

2.1 A Europa e o medievo britânico (650-1450): palavras de mulheres

A literatura de autoria feminina na Europa medieval vem se tornando cada vez mais objeto de estudos, tanto por parte da área de conhecimento da História, como da Filosofia, da Teologia e da Literatura. Aqui podemos observar a complexidade de se analisar a posição das mulheres nesse contexto social, visto que a História das Mulheres surge ligada aos movimentos feministas, conforme afirma Joan Scott:

> A emergência da história das mulheres como um campo de estudo acompanhou as campanhas feministas para a melhoria das condições profissionais e envolveu a expansão dos limites da história. Mas esta não foi uma operação direta ou linear, não foi simplesmente uma questão de adicionar algo que estava anteriormente faltando. Em vez disso, há uma incômoda ambiguidade inerente ao projeto da história das mulheres, pois ela é ao mesmo tempo um suplemento inócuo à história estabelecida e um deslocamento radical dessa história (SCOTT, 2011, p. 77).

Concordando com as palavras de Scott, é justo afirmar que para conhecermos essa produção feminina, precisamos analisar qual a posição ou quais as posições das mulheres nessa sociedade medieval. Escreve a historiadora britânica Power: "[...] a posição das mulheres é uma coisa na teoria, outra na questão legal e outra na vida diária"[2] (POWER, 1997, p. 1). Para a historiadora, a verdadeira posição das mulheres medievais era uma mistura dessas três situações.

Nesse tópico da nossa pesquisa, partiremos de uma perspectiva mais geral para uma perspectiva mais localizada no contexto britânico, ou seja, abrangendo a posição das mulheres no contexto histórico, social e literário europeu medieval, principalmente no tocante às mulheres que tiveram uma produção literária. A crítica literária feminista, surgida principalmente a partir dos anos 1970, tem contribuído de forma notável ao destacar a importância do resgate e da releitura dos textos literários de autoria feminina que experimentaram o "silenciamento" e o "esquecimento" de suas autoras em várias épocas da história.

O revisionismo crítico literário passa a lançar, nesse sentido, uma série de novas luzes sobre a literatura produzida por mulheres na Idade Média; corrobora-se, portanto, a defesa que

[2] "[…] the position of women is one thing in theory, another in legal position, yet another in everyday life."

muitas correntes críticas fazem da necessidade de se considerar o objeto de estudo em relação ao contexto no qual está inserido.

A crítica feminista contribui, em relação à literatura medieval produzida por mulheres, para desconstruir a imagem de ausentes que se tem delas no âmbito literário dessa época. Por meio desse resgate, redescobre-se toda uma linhagem de escritoras: "Este movimento genealógico é fundamental para a criação de uma linhagem, de uma história literária em que as mulheres asseguram a legitimidade do seu espaço e de sua expressão" (ALMEIDA, 2004)[3]. Traçar essa genealogia de autoras místicas é, na realidade, reescrever a história da literatura medieval.

Para tanto, devemos, mais uma vez, destacar o papel fundamental que o pensamento feminista ocidental e, dentro dos estudos literários, a crítica literária feminista, teve ao valorizar o resgate e o revisionismo do cânone literário. Rivera Garretas ressalta a importância do pensamento feminista no sentido de reescrever a história das mulheres anteriores ao Renascimento:

> Penso simplesmente que o pensamento feminista ocidental construiu e sistematizou nos últimos vinte e cinco anos um conjunto de categorias e modelos de análise perfeitamente aplicáveis aos textos e à história das mulheres que viveram antes do Renascimento italiano. Penso, na verdade, que uma história não anacrônica das mulheres, uma história combativa próxima da vida (como Lucien Febvre propôs há muitos anos), não poderia ser feita ignorando-se a crítica feminista contemporânea (RIVERA GARRETAS, 2005, pp. 13-14)[4].

O pensamento feminista e seu desdobramento dentro da crítica literária feminista intentam, portanto, traçar essa história literária de obras de autoria feminina. Remontando à Antiguidade, através da busca de autoras, pensadoras e de tantas mulheres que tiveram seus nomes apagados das narrativas oficiais, esses estudos contribuíram e continuam contribuindo para uma reescrita do que conhecemos como cânone literário ocidental. Podemos, neste sentido, nos questionar em que constitui e de quais obras esse cânone é feito.

O termo "cânone", do grego *kanon* (espécie de vara usada para medir), é bastante usado quando desejamos nos referir a leis, normas ou padrões. Na teologia cristã, os textos canônicos se referem às obras cristãs que deveriam ser preservadas de acordo com os interesses

[3] Disponível em: https://webs.ucm.es/info/especulo/numero26/linhages.html. Acesso em: 25 abr. 2018.

[4] "Pienso simplesmente que el pensamento feminista occidental há construído y sistematizado em los últimos veinticinco años un conjunto de categorias y de modelos de análisis que son perfectamente apilcables a los textos y a la historia de mujeres que vivieron antes del Ranascimiento italiano. Pienso, realidade, que una historia de mujeres no anacrónica, uma historia combativa cercana a la vida (como proponía hace muchos años Lucien Febvre), no se pude hacer prescidiendo de la crítica feminista contemporânea."

de uma determinada instituição, no caso aqui da Igreja nascente. Ou seja, a questão do cânone envolve um princípio de exclusão e de seleção e, portanto, é algo que não se desvincula da questão do poder. No caso da inclusão das autoras aqui estudadas, na seleção de quais obras constam ou não no cânone literário, o que podemos perceber é que temos como critério de seleção a questão do gênero da autoria, visto que o cânone literário ocidental se constitui principalmente de autores europeus brancos e cristãos.

Quem seleciona e exclui possui autoridade para fazê-lo e um interesse a privilegiar. Segundo Reis, o conceito corrente de cânone significa

> [...] um perene e exemplar conjunto de obras – os clássicos, as obras-primas dos grandes mestres –, um patrimônio da humanidade (e, hoje percebemos com mais clareza, esta 'humanidade' é muito fechada e restrita) a ser preservado para as futuras gerações, cujo valor é inestimável (1992, p. 70).

Ao propor a releitura e o resgate de muitas autoras consideradas esquecidas, a crítica feminista questiona as verdades absolutas postuladas pelo cânone nas literaturas ocidentais.

Reis ainda ressalta que "a leitura estará condicionada pelo estatuto de classe, pelo 'gosto', pelo lugar ocupado pelo leitor no tecido social e num dado momento histórico" (1992, p. 68). A crítica feminista terá um papel fundamental na revisão do cânone literário, assim como no sentido de questionar muitos dos estereótipos que são usados como justificativas para a exclusão dessas mulheres do cânone, tais como o fato de elas se posicionarem em seus textos como iletradas (questão que será discutida no último tópico deste capítulo), ou seja, que não tiveram acesso à educação formal ou que não sabiam latim.

Na atualidade, dentro do âmbito da História das Mulheres, muito se vem discutindo sobre a qual tipo de educação essas mulheres na Idade Média tiveram acesso (quando tiveram acesso). O fato de que muitos dos textos de autoria feminina mencionarem o "iletramento" ou "não letramento" de suas autoras, inclusive nos escritos das duas que estamos estudando nessa pesquisa, suscita muitos debates acerca do que em si constitui essa situação de desvantagem educacional. Lerner afirma que, durante a Idade Média e o Renascimento, a maioria das pessoas era iletrada e, portanto, não teve acesso à educação formal: "Mesmo depois, quando a educação se tornou institucionalizada e os meninos recebiam educação fora de casa, a educação inicial de crianças de ambos os sexos ainda era fornecida pelas mães" (LERNER, 2022, p. 45). A estudiosa ressalta ainda que essa educação doméstica era informal, individualizada e com fins utilitários, além de ser não letrada e oferecida em vernáculo. Às mães, cabia a educação das filhas e das servas; aos pais, a educação dos filhos e dos servos.

É importante sempre lembrar que essa educação se dava principalmente nas elites: "Educação era um privilégio de classe para ambos os sexos e servia aos interesses da família e do Estado. Não surpreende, portanto, constatar que quase todas as mulheres instruídas conhecidas da Antiguidade até o século XVI d.C. faziam parte da nobreza" (LERNER, 2022, p. 46). Sobre o conhecimento ou não do latim por parte das religiosas em terras britânicas nos séculos XIV e XV, ressalta Riddy que:

> Os conventos, mais do que as casas religiosas masculinas, eram recrutados nas classes altas, e suas internas sabiam inglês e francês; da mesma forma que seus equivalentes aristocráticos que permaneceram no mundo. Tanto leigas quanto freiras foram, é claro, excluídas da educação superior, mas isso não significa que não soubessem latim. Muitas mulheres, tanto dentro como fora dos conventos, possuíam saltérios e livros de horas em latim e deviam ter algum conhecimento dessa língua[5] (RIDDY, 1996, pp. 110-111).

Como podemos observar, a Idade Média testemunhou esse papel das instituições religiosas em relação à proteção e educação de muitas mulheres, tal como o silêncio imposto a elas. Muitos nobres fizeram doações e financiaram a construção de muitos monastérios:

> Durante os séculos VII e VIII foram construídas por todos os lados instituições femininas, e as mulheres conseguiram encontrar homens de religião que intercedessem por elas. Nos séculos IX e X, época em que foi incentivada a clausura estrita das monjas, os pais pressionam as filhas para que entrassem em um mosteiro (WEMPLE, 1990, p. 249).

Os conventos se constituíram, dessa forma, em centros de ensino e educação nos quais elas puderam ter seus primeiros contatos com a cultura letrada. Não à toa muitos conventos tiveram como benfeitoras da nobreza. Muitas delas, ao se tornarem viúvas, decidiam se dedicar a uma vida religiosa no final de suas vidas. Assim, muitas se tornavam mulheres com grande poder religioso e político, influenciando outras autoridades eclesiásticas e seculares, como papas e reis:

> Durante toda a Idade Média, mulheres da realeza e nobreza fundaram e doaram conventos nos quais as filhas de nobres e algumas filhas de pobres, às vezes meninos e meninas juntos, recebiam educação em religião, latim, leitura, escrita, aritmética simples e cantos. Todas as meninas recebiam treinamento doméstico e eram instruídas em bordado, fiação e tecelagem. Alguns conventos se especializaram na produção de bordado fino, outros em transcrever e elucidar manuscritos. Algumas freiras tinham

[5] "Nunneries, more than male religious houses, recruited from upper classes, and their inhabitants knew English and French, in the same way as their aristocratic counterparts remaining in the world. Both laywomen and nuns were of course excluded from higher education, but this does not mean they knew no Latin at all. Many women, both inside and outside nunneries, owned Latin psalters and books of hours and must have had some knowledge of that language."

> treinamento nessas habilidades bastante especializadas, outras eram peritas em medicina e cirurgia (LERNER, 2022, p. 48).

Nessa perspectiva, podemos também observar como as mulheres eram representadas e como essa imagem permaneceu para a posteridade. Vale observar que as primeiras mulheres a figurarem como autoras medievais foram, predominantemente, as religiosas, ou seja, mulheres que, de alguma maneira, estavam ligadas à Igreja Católica, mas que por muito tempo permaneceram apagadas das fontes oficiais. Como bem destaca Régnier-Bohler, trazer à tona essas vozes femininas é "Ressuscitar, fora do silêncio das fontes, a palavra das mulheres... Na verdade, primeira a tomar a palavra no Paraíso, a mulher está no centro, no próprio berço da palavra" (RÉGNIER-BOHLER, 1990, p. 517). Resgatar esses escritos, fazer ouvir de novo as palavras dessas mulheres, muitas delas famosas em suas épocas, é fazer jus a uma tradição literária silenciada pelo patriarcado.

Como destaca Dickens, "[...] na Alta Idade Média, as mulheres começaram a ter um papel mais proeminente nos escritos teológicos, aparecendo tanto como tema dos escritos dos confessores, quanto algumas vezes escrevendo suas próprias obras"[6] (2009, p. 1). Este papel vem sendo cada vez mais destacado pelos estudos da História Nova, especificamente dentro do âmbito da História das Mulheres:

> Com esse aumento da visibilidade da vida religiosa das mulheres vieram questões sobre os papeis que essas mulheres representaram e sua adesão ou desafio às normas sociais. As mulheres e suas inclinações à santidade e à heresia serviram como tema para muita literatura. Os homens diziam que as mulheres eram fracas e, portanto, mais propensas à heresia, assim necessitavam de maior orientação, não podiam ensinar assuntos religiosos e precisavam dos homens para estabelecer os limites da ortodoxia para elas[7] (DICKENS, 2009, p. 1).

O ato da escrita na Idade Média estava ligado a contextos sociais e históricos que envolviam patrocínio, reprodução e circulação, assim como às figuras dos escribas, compiladores, confessores e biógrafos. Muitas dessas mulheres não escreveram seus textos de próprio punho, mas recorreram a intermediários que, de certa forma, também serviam como censores. As estratégias de humildade e autodepreciação, bem como o uso dos termos "criatura", "iletrada", "simples", "sem nenhum conhecimento", serão constante nesses textos

[6] "In the high middle ages, women began to take a more prominent role in theological writings, both figuring as the subjects for male confessors' writings and sometimes writing their own works."

[7] "With this increase in the visibility of women's religious lives come questions about the roles that these women played and their adherence to or defiance of societal norms. Women, and their proclivities to holiness and heresy, served as the subject of much literature. Men said that women were weak and therefore more prone to heresy, and thus needed more guidance, could not teach religious matters and needed men to establish the bounds of orthodoxy for them."

como uma forma de deixarem claro que não querem aparentar qualquer forma de erudição que afronte os ensinamentos da Igreja.

Mesmo com tantas imagens negativas de fraqueza e propensão à heresia, muitas mulheres sentiram a necessidade e foram instigadas por seus confessores a produzir textos relatando suas experiências místicas, vividas fosse dentro ou fora das instituições religiosas. Assim, podemos inferir que a motivação inicial das mulheres religiosas para escrever, como ressalta Peter Dronke, podia "[...] raramente parece ser predominantemente literária: é frequentemente mais urgentemente séria do que o comum entre os escritores; é uma resposta que brota de suas necessidades profundas, mais do que uma inclinação artística ou didática"[8] (DRONKE, 1984, p. viii). A partir desse pressuposto, já percebemos certa tendência a uma escrita de si, das experiências vividas e de como tais vivências influenciavam outras autoras e autores. É também outra opção diante da objetividade e racionalidade patriarcal da teologia, tal como praticada canonicamente, visto que o texto místico de autoria feminina seria uma forma de escrita alternativa às narrativas patriarcais predominantes, como destaca Gerda Lerner (2022). As narrativas místicas de autoria feminina foram, mesmo quando notamos a clara influência dos pais da Igreja, portanto, uma forma de transgredir as narrativas patriarcais canônicas.

Podemos nos perguntar quando falamos de autoras místicas, quem seriam essas mulheres e o que seria a mística. Evelyn Underhill assim define a palavra "misticismo" no sentido da "mística", empregado nesta pesquisa:

> Considero-a como a expressão da inclinação inata da consciência humana a uma completa harmonia de ordem transcendental, qualquer que seja a fórmula teológica usada para exprimir essa ordem. Essa aspiração ocupa gradualmente, nos grandes místicos, todo o campo de sua consciência; domina sua vida e alcança sua finalidade na experiência da "união mística". Que essa finalidade tenha o nome do Deus da cristandade, da Alma Universal do panteísmo ou do Absoluto da filosofia, o anseio de alcançá-la e o movimento em sua direção – desde que procedam de um processo vital sincero e não de uma especulação intelectual – constituem o real objeto do misticismo. Acredito que essa aspiração representa o desenvolvimento verdadeiro da mais alta forma de consciência humana (UNDERHILL, 2008, p. 15).

A mística constitui, assim, um mergulho ou uma experiência abissal na vida de tantos homens e mulheres na Idade Média. Ao nos depararmos com tais obras, necessitamos nos munir de uma sensibilidade que possa nos fornecer as chaves para a decifração desses textos. Como

[8] "[…] seems rarely predominantly literary: it is often more urgently serious than is common among men writers; it is a response springing from inner needs, more than from an artistic, or didactic, inclination."

ressalta Teixeira, a mística é a "experiência suprema da realidade", a beira do abismo, a ânsia do infinito e da fusão com a divindade:

> O místico vive a certeza de uma Presença que não só contagia, mas que dele se apodera com força e vigor, provocando uma palavra que destoa do léxico tradicional. As palavras são "atormentadas" para poderem dizer o que literalmente não conseguem. Violenta-se a linguagem para dela desentranhar forças inauditas e criadoras (TEIXEIRA, 2014, p. 51).

Quando pensamos sobre a intensidade dessa experiência por parte das místicas, notamos, de antemão, a ruptura que se processa no interior desses escritos. Não é à toa que muitas delas serão perseguidas e condenadas à morte, como é o caso da beguina Marguerite Porète, que no início do século XIV foi queimada viva em praça pública na cidade de Paris. Falaremos mais sobre ela e sobre as beguinas mais adiante nesse capítulo. Na própria Inglaterra encontraremos religiosas que tiveram grande representatividade em seu tempo. Mulheres como Hilda de Whitby (c. 614 - c. 680), Lioba (século VIII) e Richeldis de Faverches (século XII), Christina de Markyate, somente para citar aqui algumas pioneiras de origem inglesa que tiveram reconhecida importância na história da religião cristã naquela região.

Santa Hilda de Whitby fundou vários conventos, ficando mais conhecida pela fundação do mosteiro de Whitby, o qual foi escolhido como local do Sínodo de Whitby em 664 e tinha a fama de ser um local de muito aprendizado, sendo o já mencionado poeta Caedmon ligado ao mesmo. Hilda de Whitby foi uma importante figura no processo de cristianização da Inglaterra anglo-saxônica, tendo sido mesmo requisitada por Aidan de Lindisfarne para ajudá-lo na conversão dos nortúmbrios[9].

Lioba, um século mais tarde, foi uma freira inglesa em Thanet. Ela fora ensinada pela Abadessa Eadburga a memorizar leis divinas em forma de versos. Lioba também compunha poemas de própria autoria e era uma talentosa classicista: "Tornou-se abadessa de Bischofsheim e lá serviu durante 28 anos, combinando trabalho manual com o estudo do latim e da literatura patrística"[10] (LERNER, 2022, p. 47). Já observamos aqui que muitas religiosas tiveram acesso ao estudo da língua latina e aos temas pertinentes à teologia. Tal condição iria mudar gradativamente ao longo dos séculos seguintes.

---

[9] Os nortúmbrios eram povos oriundos da região da Nortúmbria (Northumberland), um reino de anglos ao norte da Inglaterra, que foi inicialmente dividido em dois, Bernícia e Deira. Localizava-se onde hoje temos o norte da Inglaterra e o sudeste da Escócia.

[10] "She became abbess of Bischofsheim and served there twenty-eight years, combining manual labor with the study of Latin and patristic literature."

Christina de Markyate (c. 1096 - c. 1155) era proveniente de uma rica família anglo-saxã e sobrinha de Ranulf Flambard, bispo influente na época. Christina fez seus votos de castidade em tenra idade, mas o referido bispo e sua família queria forçá-la a um casamento arranjado com um nobre chamado Beorhtred. Nasceu Theodora em Huntingdon, East Anglia, trinta anos depois da conquista normanda. Tornou-se conhecida pela obra *The Life of Christina of Markyate*, originalmente em latim, escrita provavelmente por um monge da abadia de St. Albans.

Determinada a devotar sua vida a Deus e permanecer virgem, Christina recusa as investidas sexuais do bispo de Durham e este, por vingança, arranja o casamento entre ela e o já citado jovem nobre. Ela se nega a consumar o casamento, atraindo a ira de seus pais. Sustentada por visões, ela encontra refúgio junto ao eremita Roger e passa a viver reclusa por quatro anos em Markyate, em St. Albans na Inglaterra, onde posteriormente se tornou prioresa. Ela se considerava a noiva de Cristo: "Embora o tropo de se tornar uma Noiva de Cristo remeta aos dias da Igreja primitiva, o uso de Christina da imagem vai além do metafórico e prenuncia uma nova literalidade na forma com a qual mulheres santas conversavam com seu Deus" (FANOUS; LEYSER, 2008, p. xi). Uma das formas de comunicação dessas mulheres com a divindade era justamente através do culto à Virgem Maria, que também se fez presente no relato da mística inglesa:

> Mostrou também que ela deveria ser ensinada pelo exemplo e amparada pela proteção de Santa Maria, virgem eternal, que ela deveria ser santa no corpo e no pensamento, e que ao se libertar das coisas que são do mundo ela encontraria paz na contemplação das coisas do alto[11] (2008, p. 3).

Não só na obra que tratou da vida de Christina de Markyate podemos observar a presença da figura da Mãe de Cristo. Em 1061, pouco antes da invasão normanda, Richeldis de Faverches (conhecida também como "Rychold"), uma devota inglesa pertencente à nobreza, recebeu uma visão na qual a Virgem Maria a instruía para a construção de um santuário mariano em Walsingham. Em vez de um livro, Richeldis de Faverches deixou como principal legado um santuário dedicado a Maria, um local de peregrinação e cura.

Segundo Dickens, "O único testemunho escrito sobre ela aparece numa balada escrita em 1460, aproximadamente 400 anos depois de sua vida. Também é instrutiva a existência do

[11] "It showed also that she would be taught by the example and strengthened by the protection of the Blessed Mary, ever virgin, that she would be holy in mind and body, and that by detaching herself from those things which are of the world she would find in peace in contemplation of things above."

lugar de Walsigham e referências ao mesmo na literatura da idade média"[12] (DICKENS, 2009, pp. 11-12). A balada, chamada de "Pynson Ballad", é de autoria anônima e relata a visão de Richeldis (Rychold) e a construção do santuário sob a orientação da Virgem Maria:

> [...]
> Uma nobre viúva, certa feita dama desta cidade,
> Chamada Rychold, em plena e viva virtude,
> Fez a Nossa Senhora um pedido,
> Para honrá-La com uma obra generosa,
> Essa Virgem abençoada, a mais graciosa Senhora,
> Garantiu sua petição, como depois contarei,
> Para sua adoração edificar uma capela[13].
> [...]

Na descrição da petição, a única coisa que Richeldis pede à Virgem Maria é que proporcione os meios com os quais ela possa homenageá-la. O poema segue descrevendo as condições necessárias para a fundação de um santuário, e Maria repete a visão três vezes para Richeldis, para que essa possa memorizar as medidas do edifício precisamente. Temos aí já a presença forte da devoção mariana que irá se desenvolver por toda a Idade Média e que influenciou as místicas aqui tratadas:

> A devoção a Maria como a Mãe do Cristo Encarnado enfatizou seu papel de trazer os humanos a Deus, reforçando assim o papel de Cristo como mediador. Como mãe de Cristo, Maria teve um papel especial no Cristianismo; com a gestação física e o nascimento de Cristo, Maria foi o vaso por meio do qual Deus se encarnou. [...] Longe de insistir que Maria era passiva, a devoção mariana na idade média apresentou uma forte figura feminina ao lado de Cristo, parte integrante da obra salvadora da Encarnação[14] (DICKENS, 2009, p. 17).

Esse culto a Maria, como já mencionamos anteriormente, estará presente em muitos dos textos místicos medievais. Maria como Mãe de Cristo, mediadora da salvação humana, será uma figura constante em visões, sonhos e revelações, traduzindo, de certa forma, essa busca de aproximação do humano com o divino. Notamos aí a vinculação da própria maternidade, no caso da Mãe de Jesus, com a condição de ser mulher, seja essa mãe da humanidade pecadora,

---

[12] "The only written testimony about her comes in a ballad written in 1460, nearly 400 after her life. Also instructive is the existence of the place of Walsingham and references to it in the literature of middle ages."

[13] "A noble wydowe, somtyme lady of this towne,/ Called Rychold, in lyvynge full vertuous,/ Desyred of Oure Lady a petycyowne /Hir to honoure with some werke bountyous, /This blyssed Virgyn and Lady most gracious /Graunted hir petycyon, as I shall after tell,/ Unto hir worschyp to edefye this chapel."

[14] 'As mother of Christ, Mary had a special role in Christianity; with Christ's physical gestation and birth, Mary was the vessel through which God became incarnate. Devotion to Mary as the Mother of the Incarnate Christ emphasized her role bringing humans to God, thus undergirding Christ's role as mediator. […] Far from insisting that Mary was passive, Marian devotion in the middle ages presented a strong female figure alongside Christ, integral to the saving work of Incarnation."

seja de suas filhas e filhos: “Deste vínculo da mulher com a palavra emergem algumas imagens surpreendentes, retiradas de um imaginário de uma grande força para o leitor moderno” (RÉGNIER-BOHLER, 1990, p. 518). E o imaginário feminino, através das metáforas da maternidade da divindade e da Igreja, permearão os escritos das místicas que trataremos daqui por diante.

A primeira delas, Hildegarda de Bingen (1098-1179), santa e doutora da Igreja, talvez seja a mais famosa dentres as autoras da Idade Média. Nesse período, como já destacado anteriormente, as famílias da nobreza tinham o costume de enviar suas filhas para instituições religiosas, a fim de que tivessem uma educação mais completa. Foi o caso de Hildegarda, que fora enviada ao convento em torno dos sete anos de idade. Ficou sob os cuidados de Jutta de Spanheim, que lhe ensinara noções de latim através da leitura e do conto dos salmos, sendo que desde cedo apresentava tendência ao misticismo manifestado através de suas visões (PINHEIRO, 2015, p. 29).

Sua influência e seu poder ficaram conhecidos para a posteridade. Como destaca Georgette Épiney-Burgard e Émilie Zum Brum, “Hildegarda oferece um exemplo excepcional do que uma mulher podia realizar no século XII, tanto no plano da ação como no da vida espiritual e artística. Ela se impõe pela qualidade de seus dons, por seu carisma profético e por sua energia reformadora”[15] (ÉPINEY-BURGARD; ZUM BRUM, 2007, p. 39), sendo que suas obras místicas chamaram a atenção de autoridades da Igreja, como Bernardo de Claraval e Papa Eugênio III.

A principal obra de Hildegarda, *Scivias: (Scito Vias Domini): conhece os caminhos do Senhor*, levou dez anos para ser composta (1141-1151) e, segundo Newman,

> [...] resultaram diretamente do chamado profético de Hildegarda e foram endereçados a uma audiência largamente clerical e monástica, mais especificamente aos indolentes teólogos masculinos [...] Para os leitores modernos, o desfio inicial de *Scivias* reside em seu estilo e estrutura singulares (2015, p. 45).

A obra está dividida em três livros que tratam das ordens da criação, da redenção e da santificação. É um texto composto de vinte e seis visões que são inicialmente descritas e depois explicadas exegeticamente. O protagonismo da mística alemã e sua escrita prolífica abrangem não só o campo das visões místicas: ela foi autora de tratados de herbalismo, medicina, entre

[15] “Hildegarda oferece um ejemplo excepcional de lo que uma mujer podia realizar em el siglo XII, tanto em el plano de la acción como en el de la vida espiritual y artística. Se impone por la cualidad de sus dones, por su carisma profético y por su energia reformadora.”

outros. Dessa forma, ela transgrediu o papel submisso muitas vezes atribuído às mulheres medievais:

> Hildegarda considerava que as mulheres tinham um papel positivo dentro da Igreja, mas sua função era mais contemplativa do que clerical. No entanto, num período em que a literatura pouco prestigia as mulheres, ela as defende, podendo ser considerada como uma das precursoras no resgate deste papel do feminino na sociedade medieval (PINHEIRO, 2015, p. 34).

A autora, através dos seus escritos e de sua ampla influência, proporcionou uma defesa da representação feminina em um contexto bastante desfavorável. Através de sua autoridade espiritual e temporal, Hildegarda de Bingen restituiu o papel complementar e não submisso das mulheres na sociedade medieval. As místicas medievais perfazem, assim, uma genealogia literária cujos escritos abarcaram várias áreas de interesse, como bem apontado anteriormente:

> Dentro desse novo momento histórico em que a participação das mulheres intelectuais se tornou mais forte, é possível considerar a mística como uma das expressões mais evidentes, tanto no espaço vivencial da ascese, quanto na construção de obras religiosas e literárias que sobreviveram século a século, não sem provocar suspeitas e perseguições, em determinadas épocas mais do que outras (LIMA, 2018, p. 62-63).

Dentre as intelectuais religiosas desse período, faz-se importante destacarmos as beguinas, mulheres consideradas semirreligiosas e que "[...] viviam em comunidades chamadas beguinarias onde trabalhavam, realizavam suas práticas devocionais e exerciam atividades de cunho intelectual. Algumas praticavam a mendicância e trabalhos de caridade, como o cuidado dispensado a enfermos" (LIMA, 2018, p. 63). Foram consideradas heréticas e muitas delas foram condenadas.

As beguinas representaram um movimento de resistência à opressão muitas vezes representada pela Igreja. Como destaca Calado, nos diferentes cenários de atuação dos grupos considerados heréticos, "[...] é considerável a participação das mulheres em quase todos os movimentos de resistência e de protesto contra a dominação totalitária exercida pela alta hierarquia da Igreja e seus aliados" (CALADO, 2008, p. 20). Nos vários movimentos considerados heréticos, como os cátaros, os valdenses, os begardos, os ingleses lolardos e as beguinas, percebemos uma grande participação das mulheres exercendo influência muitas vezes sobre autoridades da Igreja:

> O termo "Beguina" ("Begijhof", "Béguinage") tem origem controvertida. Segundo alguns, estaria ligado a uma antiga tradição do século X, inspirada em Santa Bega. [...] Seja como for, tratava-se de um movimento formado por mulheres devotas, dedicadas a causa dos pobres, com sólida formação humanizadora, de profunda

> sensibilidade aos valores do Sagrado (“embriagadas de Deus”) e à causa dos pobres, a quem desejavam servir e se consagrar, mas sem o controle rígido dos mosteiros e das congregações dirigidas por homens, numa sociedade extremamente misógina (CALADO, 2008, p. 22).

Claro que o fato de não viverem em comunidades sob a supervisão masculina causou desconfiança por parte do clero. Detemo-nos aqui sobre o movimento das beguinas, visto ter sido um movimento feminino e devido ao fato de existirem teóricas como Grace Jantzen que sugerem a possibilidade de Juliana de Norwich, uma das místicas estudadads nessa tese, ter tido algum tipo de ligação com as beguinas:

> É interessante notar que Norwich tinha uma beguinaria – a única cidade inglesa a possuir uma. [...] Na ausência de qualquer evidência concreta, só podemos especular sobre que, se houve as relações de Juliana com as beguinas, poderiam ter se dado ao fato de que ela certamente compartilhava da compaixão delas pela miséria humana (mas o mesmo, é claro, muitos outros também), e é não é impossível que ela pudesse ter sido mais intimamente ligada a elas[16] (JANTZEN, 2000, p. 7).

Essa hipótese é algo a ser pensado em futuras pesquisas, mas não deixa de ser instigante. É notório o fato de que muitos desses movimentos religiosos reconheciam a importância estratégica da cidade de Norwich, a segunda maior da Inglaterra no século XIV e um local de muito trânsito de mercadores e lá estabeleceram muitas de suas casas.

Dentre as principais beguinas, podemos destacar os nomes de Hadewijch da Antuérpia (século XIII), cujos relatos de visões, poemas e cartas chegaram até a atualidade, e a já mencionada Porète (c. 1260 - 1310), que teve sua única obra, *O Espelho das Almas Simples e aniquiladas e que permanecem somente na vontade e no desejo do Amor* (*Le Miroir des âmes simples anéanties et qui seulement demeurent en vouloir et désir d' Amour*, 1295), foi a razão pela qual ela foi condenada pelo Tribunal do Santo Ofício à fogueira como herética no dia 1 de junho de 1310 na Praça de Grève em Paris. Vale destacar aqui que a obra teve várias cópias que sobreviveram, uma delas, inclusive, traduzida para o inglês médio:

> No entanto, apesar de sua morte como herege, e embora a Inquisição declarasse que manter uma cópia de seu livro tornava alguém sujeito à excomunhão, o *Miroir* foi bastante lido e apreciado nos séculos seguintes. Uma cópia do original em francês foi salva, mas havia cinco traduções medievais (duas em latim, duas em italiano e uma em inglês médio) nas quais o livro sobreviveu (LERNER, 2022, p. 112).

[16] “It is interesting to note also that Norwich had a house of Béguines – the only English city to do so. […] In the absence of any concrete evidence, one can only speculate about that, if any, Julian’s relations to the Béguines might have been: certainly she shared their compassion for human wretchedness (but so, of course, did many others), and it is not impossible that she might have been more closely affiliated to them.”

Podemos aqui nos perguntar se as místicas inglesas posteriores à tradução do livro para o inglês médio teriam tido contato com o conteúdo da obra e se teriam tido alguma influência do mesmo. Fica a questão para ser discutida em pesquisas posteriores. O fato é que a obra é constituída de um texto místico feminino escrito fora do âmbito de uma instituição religiosa, visto que Porète era uma beguina. Outro fato relevante aqui é que, diferentemente de outras místicas, Porète escreveu em vernáculo, ou seja, em médio-francês (picardo): "Ao fazer esta opção, Marguerite afasta-se da instituição marcada pelas hierarquias e realiza seu percurso de forma livre, alcançando, também, um número considerável de pessoas que não sabiam latim" (NOGUEIRA, 2020, p. 78). Essa questão do uso das línguas vernáculas nos textos de várias místicas medievais, como no caso dos textos das duas autoras inglesas estudadas nesta pesquisa, faz-nos cogitar sobre qual seria a intenção dessas mulheres ao escolherem o vernáculo e não o latim, língua oficial do clero. Pensamos que, como bem coloca Juliana de Norwich em suas *Revelações*, que esses eram ensinamentos e relatos que deveriam ter o máximo de divulgação entre os "companheiros cristãos": ou seja, não só do clero, mas do povo em geral. Procurou-se, com essas obras em vernáculo, ampliar o alcance por parte das pessoas de temas e consolações que muitas vezes estavam confinadas a um público eclesiástico bastante restrito.

Nos versos que abrem o *Espelho*, Porète (2008, p. 5), assim se dirige aos teólogos e clérigos:

> Vós que este livro lereis,
> Se bem o quiserdes entender,
> Pensai no que vos direi,
> Pois ele é bem difícil de compreender,
> À humildade, que da Ciência é a guardiã
> E das doutras Virtudes a mãe,
> Deveis vos render.
>
> Teólogos e outros clérigos,
> Aqui não tereis o entendimento
> Ainda que tenhais as ideias claras
> Se não procederdes humildemente;
> E que Amor e Fé conjuntamente
> Vos façam suplantar a Razão,
> Pois são as damas da mansão.

Observemos que a autora é incisiva ao deixar claro que, para se compreender seu escrito, é necessário seguir os caminhos da humildade, do Amor e da Fé muito mais do que o da Razão tão apregoada pela Igreja. Tal assertiva incomodou as autoridades eclesiais em sua defesa aristotélica da razão através do pensamento de São Tomás de Aquino. Essa visão racionalista vai de encontro à visão agostiniana que traz grande influência platônica e, portanto,

subjetiva. Como destaca Nogueira, “Lembremos, apenas para ilustrar, toda a carga mística que há na filosofia platônica e toda a recorrência que há na mística aos conceitos de nada, infinito, liberdade, conhecimento de si, para ficarmos por aqui” (NOGUEIRA, 2015, p. 93). A mística, neste sentido, vê o ser humano como um todo, e propõe o aniquilamento do ser na divindade e tais pressupostos, visto que provenientes de experiências interiores e que fugiam do controle de teólogos e censores, incomodaram e levaram muitas mulheres e homens a situações extremas, como a própria condenação à morte.

Já notamos, de início, que essas mulheres participaram do primeiro grande período da mística cristã que compreende o surgimento nos séculos III e IV e o florescimento até o século XII, conforme McGinn, que chama esse período de “[...] estrato monástico, uma vez que ele estava intimamente associado aos valores e práticas do monaquismo” (2012, p. 13). As autoras objetos dessa pesquisa fizeram parte do que ele chama de segundo período e se estendeu do século XIII até o século XVI, período em que novas formas de vida e práticas religiosas surgiram: “Esses séculos viram a criação de ‘escolas’ clássicas da mística, que buscaram disseminar práticas míticas a todos os grupos da sociedade cristã através do uso das línguas vernaculares, não do latim erudito do clero” (MCGINN, 2012, p. 13). Este é o caso do uso do inglês médio por parte das autoras Juliana de Norwich e Margery Kempe em seus textos. Trataremos, a partir dos tópicos seguintes, da literatura em inglês médio e das influências mais diretas de textos literários e religiosos, sobre as autoras Juliana de Norwich e Margery Kempe.

2.2 A Literatura em Inglês Médio (*Middle English Literature*)

A literatura medieval se apresenta como um rico conjunto de obras nas quais podemos perceber uma mescla de influências que oscilam entre a tradição de textos da Antiguidade até os escritos religiosos do cristianismo. No entanto, dado que o conceito de “literatura” como o conhecemos hoje é algo muito recente, mais precisamente do século XVII, podemos nos perguntar, como o fez Zink na entrada “Literatura” do volume 2 do *Dicionário analítico do Ocidente medieval*, organizado por Le Goff e Schimdt:

> Existe na Idade Média uma literatura – até mesmo literaturas? O próprio termo é desconhecido, pelo menos em sua acepção moderna. Em latim, *litteratura* tem o mesmo sentido que *grammatica* e designa, como esta, ou a gramática propriamente dita ou a leitura comentada dos autores e o conhecimento que proporciona, mas não as obras em si. Seus derivados (*litteratus*, *illiteratus*), suas transposições em línguas vernáculas (*letreüre*, no francês antigo), remetem igualmente a uma aptidão, a da escrita, a um saber, o que é comunicado pelos textos e, por último, a um estatuto

> social, o do clérigo, oposto ao do leigo ou, no fim da Idade Média, o do letrado oposto ao da "gente simples" (ZINK, 2017, p. 90).

A pergunta que o estudioso faz é pertinente, no sentido de que nos faz pensar sobre essa abrangência de estilos e gêneros literários que caracterizava a literatura no medievo, visto que as línguas vernáculas nem mesmo possuíam um termo específico para designar essas obras:

> As línguas vulgares não possuem nenhum termo genérico para atividade ou obras literárias e dispõem de palavras apenas para designar cada gênero particular, definido de modo paralelo, cruzado ou sobredeterminado por uma forma métrica ou musical, um tipo de interpretação, uma ideologia, uma prática social (ZINK, 2017, p. 90).

Dessa forma, podemos inferir que não havia uma delimitação mais definida do que temos na contemporaneidade a respeito da literatura, visto que hoje a vemos como diferente de outras disciplinas, como a história, a filosofia ou às ciências exatas, por exemplo. O que diferencia a literatura dessas outras disciplinas é, muitas vezes, o fator ficcional que a caracteriza, o que não é totalmente pertinente em se tratando de Idade Média, pois "[...] a arte da expressão e da escrita aplica-se igualmente a todos os conteúdos. Os que têm caráter didático ou científico não estão nem encerrados em espaço reservado, nem excluídos das letras" (ZINK, 2017, p. 91). Daí que podemos considerar como literatura medieval obras de cunho filosófico, histórico e religioso, como é o caso das obras de Juliana de Norwich e Margery Kempe, nas quais fica patente a veracidade ou não de situações realmente vividas e talvez ficcionalizadas pelas autoras, com fins religiosos e didáticos. Assim, temos a questão da ambiguidade da palavra literária:

> Derivado da palavra "letra", o termo literatura implica a escrita. Ora, a obra medieval, até o século XIV, só existe plenamente sustentada pela voz, atualizada pelo canto, pela recitação ou pela leitura em voz alta. Em um certo sentido, o sinal escrito é pouco mais que auxílio para a memória e apoio (ZINK, 2017, p. 92).

Como estamos tratando aqui de relatos religiosos e visionários que são "comandados" pela divindade, como no caso do livro de Margery Kempe, para que sejam transpostos do oral para o registro escrito, fica clara a importância da conservação da memória dessas experiências, e não apenas para o meio religioso, mas para a sociedade do medievo de uma forma geral. Além disso,

> O final da Idade Média concederá nova atenção ao texto conservado, recopiado, reutilizado, e ao livro como objeto. Até baseará neles sua definição de arte literária. Mais que no oximoro etimológico, afinal tolerável, de uma literatura oral, aquela

> ambiguidade da Idade Média reside nesta aparente contradição: ela mostra simultaneamente a preeminência do oral e do escrito (ZINK, 2017, p. 93).

As duas obras aqui em estudo se situam justamente no período da Baixa Idade Média inglesa, no qual podemos perceber a emergência do *Middle English* (Inglês Médio) como meio de produção literária, língua na qual os dois textos foram produzidos.

Segundo Burrow (2008, p. 1), o termo *Middle English* foi inicialmente cunhado para designar um período na história da língua inglesa, sendo pensado, a princípio, dentro do campo de estudos da Filologia: "Sendo a filologia e a história da literatura disciplinas gêmeas, não surpreende o fato de que os historiadores da literatura foram rápidos em adotar o conceito de 'Middle English'. Os três ou quatro séculos em questão logo vieram a ser vistos também como um período literário"[17].

Além disso, a história do *Middle English* é geralmente dividida em três períodos, de acordo com a entrada "Middle English Language" da Enciclopédia Britânica: o primeiro, *Early Middle English* (Inglês Médio Inicial), abrange desde 1100 até 1250, durante o qual o sistema de escrita do *Old English* (Inglês Antigo) ainda estava em uso; o segundo período do *Central Middle English* (Inglês Médio Central) vai de cerca de 1250 a 1400, marcado pela formação gradual de dialetos literários, pelo uso de uma ortografia muito influenciada pelo sistema de escrita anglo-normando, pela perda da pronúncia do (-e) final não acentuado e o empréstimo de um grande número de palavras anglo-normandas – este período foi muito marcado pela ascensão do dialeto londrino, nas mãos de escritores como John Gower e Geoffrey Chaucer –; e por último o período do *Late Middle English* (Inglês Médio Tardio), que englobava a duração de cerca de 1400 a cerca de 1500 e foi marcado pela disseminação do dialeto literário de Londres e a clivagem gradual entre o dialeto escocês e os outros dialetos do norte (BRITANNICA, 2022).

A literatura em inglês médio terá, dessa forma, uma variedade linguística e temática maior do que o período anterior, visto que a Inglaterra estava sob forte influência continental por conta dos franco-normandos e, consequentemente, da língua e da cultura literária francesa medieval. Como observam Alexander e Riddy:

> A imposição do francês ajudou a mudar a cultura inglesa ao proporcionar o contato com novos temas e formas. A França era a fonte principal das novas correntes de pensamento que fluiam através da literatura, do ensino, da arte e da espiritualidade da Europa no século XII, o que tem levado muitos historiadores a descrever esse período

[17] "Philology and literary history being twin disciplines, it is not surprising that literary historians were quick to adopt the concept of 'Middle English'. The three or four hundred years in question soon came to be seen also as a literary period."

> como uma renascença[18]. A Inglaterra falante de língua francesa, unida politicamente à Normandia até 1204, estava em contato próximo com as novas ideias, tanto em Latim quanto em vernáculo, o que influenciou os escritos em inglês tão profundamente quanto àqueles em anglo-normando[19] (1989, p. xviii).

A influência literária francesa acima citada permeou toda a literatura inglesa medieval pós-1066. O período em questão, séculos XII e XIII, pode ser realmente considerado uma verdadeira renascença, quando a Europa conheceu um notável florescimento nas artes e no pensamento religioso. As marcas de tal período foram perceptíveis ainda nos séculos seguintes:

> E quando o autor desconhecido de *Ancrene Wisse,* escreve no início do século XIII sobre a natureza do amor espiritual, ele o faz de uma forma profundamente afetada pelo misticismo de Bernardo de Claraval (1090-1150) e de Hugo de São Vítor (1096-1141*).* Os escritores ingleses do século XIV - Richard Rolle, Julian of Norwich, o autor de "Em um vale de uma mente inquieta" - ainda carregam a marca indelével da transformação do sentimento religioso no século XII[20] (ALEXANDER; RIDDY, 1989, p. xviii).

Essa literatura em inglês médio se constituiu de obras que se tornaram referenciais para compreendermos como se articulava a sociedade e a representação literária no período após a invasão normanda de 1066. A literatura em Inglês Médio (*Middle English Literature*) utilizou como meio de expressão uma mescla de línguas e dialetos, como já mencionado, afora a questão de que neste período se tinha três línguas como "oficiais" no solo inglês: o latim como meio de expressão do clero, o francês para a corte e o inglês médio falado pelo povo em geral. Os dialetos de cada região inglesa eram variados. Não havia, portanto, um inglês padrão para os escritos literários: os maiores autores ingleses da época, tais como Geoffrey Chaucer, William Langland, Juliana de Norwich e Margery Kempe, deixaram obras em variantes regionais da língua inglesa.

É neste contexto de ampla variação linguística que irá florescer a chamada *Middle English Literature*, ou Literatura Inglesa em Inglês Médio, que contará com nomes como Layamon (c. 1200), autor do poema *Brut*, considerado o primeiro escrito em inglês médio;

---

[19] "The imposition of French helped to change English culture by providing contact with new themes and forms. France was the fountainhead of the new currents of thought which flowed through the literature, learning, art and spirituality of the Europe in the twelfth century, and which have led historians to describe this period as a renaissance. French-speaking England, united politically with Normandy until 1204, was closely in touch with the new ideas, both in Latin and in vernacular, and these influenced writings in English as profoundly as those in Anglo-Norman."

[20] "And when the unknown author of *Ancrene Wisse* writes in the early thirteenth century of the nature of spiritual love, he does so in a way which is deeply affected by the mysticism of Bernard of Clairvaux (1090-1150) and Hugh of St Victor (1096 – 1141).Fourteenth-century English writers – Richard Rolle, Julian of Norwich, the author of 'In a Valley of a Restless Mind" – still carry the indelible impress of the twelfth-century transformation of religious feeling."

Geoffrey of Monmouth, autor da *Historia Regnum Britanniae* (c. 1130-1136), em latim; ou ainda *Piers Plowman*, de autoria de William Langland, também em inglês médio. Vale lembrar que nesse momento temos uma importante mudança no gosto literário em terras inglesas: uma mudança do poema épico para o *romance*[21]. Desse novo gosto, difundir-se-ia o interesse pela chamada literatura do amor cortês em terras inglesas, o que iria constituir uma das influências literárias nas obras *A Revelation of Love* de Juliana de Norwich e *The Book of Margery Kempe*. Vale destacar que o romance foi o gênero não religioso dominante da literatura em inglês médio e seus temas permearam a cultura literária como um todo. Muitos dos romances em inglês médio foram traduzidos ou adaptados de obras latinas, francesas ou anglo-normandas, ou seja, esses romances serão reescrituras provindas de outras literaturas. No entanto, eles foram redirecionados, parodiados e criticados pelos autores ingleses medievais.

Os escritos religiosos em inglês médio constituem um acervo amplo de textos. Segundo Newhauser (2009, p. 37), tivemos principalmente três categorias: as hagiografias ou narrativas das vidas dos santos e da sagrada família; os escritos contemplativos ou devocionais ou textos místicos e meditativos sobre o desejo não só da salvação, mas também da perfeição; e as *pastoralia* ou textos sobre edificação em matéria de doutrina através de sermões, catequese e outros escritos pastorais. O texto de Juliana de Norwich se encaixa principalmente na segunda categoria. O de Margery Kempe, considerado a primeira autobiografia em língua inglesa, pode ser considerado também uma hagiografia, no sentido de que Margery procura em sua narrativa construir a imagem de si como uma mulher santa.

Quando falamos em literatura em inglês médio, também precisamos destacar o papel da heresia lolarda e do público leitor, que se ampliou graças aos muitos escritos nessa língua. Como afirma Scanlon, o ano de 1380 presenciou o aparecimento dos lolardos (*lollards*), a única heresia inglesa conhecida. Os lolardos, ao defenderem e praticarem a tradução da Bíblia para o inglês médio, defendiam a ampliação do público leitor e conhecedor dos textos sagrados do cristianismo:

> Com sua desconfiança do clero e sua defesa da tradução bíblica, os lolardos também imaginaram um leitor comum, embora de uma faixa doutrinária muito específica, que os escritores lolardos frequentemente associavam a frases como 'o povo da Inglaterra', 'nós, os ingleses', 'as pessoas comuns' e a afirmação de que 'o inglês é a língua comum do nosso povo'[22] (SCANLON, 2009, p. 3).

[21] Segundo Alexander (2007, pp. 40-41), o *romance* seria um tipo de narrativa popular na época medieval, originária das narrativas escritas em *romauns* ou francês vernáculo. A palavra "romance" é o adjetivo usado para denominar as línguas derivadas do latim. *Romances* seriam, portanto, narrativas de feitos memoráveis: de aventuras e de guerras, nos quais os heróis, no caso os cavaleiros, defendiam as damas e lutavam por seus reinos.

[22] "With its distrust of the clergy and its advocacy of biblical translation, Lollardy also imagined a common reader, albeit of a very specific doctrinal stripe, which Lollard writers frequently associated with such phrases as '"þe

Podemos notar, portanto, o interesse dos lolardos em trazer instruções espirituais diretamente para os leitores ingleses comuns, tanto que a maioria das produções em vernáculo no século XIV inglês consistiu de obras religiosas.

Sobre a heresia lolarda (*Lollardy*)[23], movimento do qual Margery Kempe foi inclusive acusada de participar, questão que trataremos mais profundamente adiante ainda nesse capítulo, teve suas origens no pensamento heterodoxo do teólogo de Oxford, John Wycliff (1324-1384). No início, tratava-se de um movimento restrito ao círculo acadêmico de Wycliff e seus discípulos. Em 1370, ele ganhou notoriedade e, por um tempo, teve apoio político de John de Gaunt, por defender a destituição do clero de seus bens temporais. Mas Wyclif também deu enorme atenção a questões doutrinárias, sendo o mais importante de seus ataques o que ele fez em relação à doutrina da transubstanciação da Eucaristia:

> Em 1382, o Conselho de Dominicanos, um conselho de clérigos e teólogos convocado pelo Arcebispo de Canterbury, determinou que certas proposições encontradas nos escritos de Wyclif eram heréticas ou errôneas. Este conselho pode ser visto como uma linha divisória histórica entre as fases acadêmica e popular (ou laica) do movimento herético. Depois de 1382, o movimento começou lentamente a perder sua base acadêmica, conforme as autoridades da Igreja voltaram sua atenção para expurgar de Oxford adeptos do pensamento de Wyclif, ao longo das duas décadas seguintes, forçando alguns a se retratarem, forçando outros para a clandestinidade e perseguindo novos ou remanescentes[24] (COPELAND, 2009, p. 112).

Em 1401 e em 1409, o arcebispo Thomas Arundel impôs suas *Constituitions*, que buscavam suprimir a heresia lolarda e proibiam a qualquer pessoa possuir a Bíblia em vernáculo traduzida por Wycliff e seu grupo, bem como qualquer obra relacionada a essa heresia. Sabe-se, pela narrativa do *Book*, de Margery Kempe, que a personagem Margery foi perseguida, aprisionada e acusada de ser uma lolarda. Lembremos que o livro data de um período posterior ao texto de Arundel, que estabelecia, em termos detalhados, a perseguição de suspeitos desse movimento herético, respondendo com força particular ao caráter pedagógico e textual do movimento.

---

pepel of Englond," "we English men," "þe comoun pepel," and the claim that "Englische is comoun langage to oure puple."

[23] O termo "lolardo" foi aplicado aos seguidores de Wycliff depois de sua morte e deriva do holandês "lollen" ("resmungar", "balbuciar"), um termo pejorativo dirigido a excêntricos e vagabundos.

[24] "In 1382, the Blackfriars' Council, a council of clerics and theologians convened by the Archbishop of Canterbury, determined that certain propositions found in Wyclif's writings were heretical or erroneous. This council can be seen as a historical dividing line between the academic and popular or lay phases of the heretical movement. After 1382, the movement slowly began to lose its academic foothold, as the authorities of the Church turned their attention to purging Oxford of adherents to Wyclif's thought, over the next two decades forcing some to recant, driving others underground, and persecuting new or remaining adherents."

O fato é que os lolardos tiveram um papel fundamental na difusão e ampliação do público leitor inglês na Baixa Idade Média. A ênfase dada por esse movimento na tradução de textos sagrados e na escrita de textos doutrinários em vernáculo em inglês médio sem dúvida impulsionou a produção de textos religiosos e literários nesse idioma. Como veremos adiante, as obras aqui em estudo foram escritas em inglês médio, na variante dialetal de Norfolk, bem como muitos escritos religiosos da época. O papel das heresias merece ser cada vez mais destacado, visto que um de seus objetivos era compartilhar com o povo as verdades cristãs que até então eram restritas a um grupo clerical que as interpretava e compartilhava de acordo com seus interesses, estabelecendo, assim, uma relação de poder e dominação sobre suas comunidades.

2.3 Juliana: a mística de Norwich

A obra da mística Juliana de Norwich constitui o mais antigo texto conhecido de autoria feminina em língua inglesa. Nascida possivelmente na cidade de Norwich, Inglaterra, em aproximadamente 1343 ou 1342, e falecida provavelmente em 1416, a anacoreta relata que teve suas experiências místicas quando jovem. Segundo Alexander, Juliana de Norwich é a "[...] mais refinada escritora espiritual inglesa antes de George Herbert, e a primeira grande escritora da prosa inglesa"[25] (2007, p. 48). Seu estilo demonstra uma autora que devotava grande importância e cuidado em relação ao escrito que produzia.

Pouco se sabe sobre sua vida. Escrevendo em inglês médio (*Middle English*) e não em latim, a língua oficial dos escritos católicos do século XIV, Juliana de Norwich, em seu texto *A Revelation of Love* (também conhecido por *Shewings* ou *Vision*, em sua versão inicial ou curta), de aproximadamente 1395, apresenta as visões que teve da divindade durante a recuperação de uma séria doença que a teria deixado entre a vida e a morte por "três dias e três noites".

Ao lado das já mencionadas Christina de Markyate e Margery Kempe, Juliana de Norwich forma a tríade de místicas medievais inglesas. Lembrando que a *English Mystical Tardition*[26] (*Tradição Mística Inglesa*) ainda seria composta pelos místicos: Richard Rolle

[25] "[…] is the finest English spiritual writer before George Herbert, and the first great writer of English prose."

[26] De acordo com Liam Peter Temple (2016, p. 142), o conceito de "medieval English mystics" ("místicos ingleses medievais") teve como seu principal defensor o monge beneditino inglês e professor de Cambridge, David Knowles. Em sua obra *English Mystical Tradition* (1964), Knowles enfatizou a "anglicidade" e o catolicismo dos místicos e que essas figuras do passado deviam ser consideradas à luz da fé que os fiéis ingleses partilhavam na atualidade.

(1290/1300-c. 1349), o autor de *A Nuvem do Não-saber* (*The Cloud of Unknowing*) e Walter Hilton (1340-1396).

Liam Peter Temple (2016) discute a inclusão de Juliana e Margery nesse grupo; prefere colocá-las numa tradição continental mais ampla de experiência mística feminina, visto que ambas

> [...] mostram-se profundamente influenciadas pelas tradições bem estabelecidas de piedade afetiva feminizada, como forma de se mostrar, em primeiro lugar, esgotadas e, em segundo lugar, que a 'utilidade' dos 'místicos ingleses' como rótulo e conceito foi esgotado e, em segundo lugar, que essas duas mulheres podem ser vistas como parte de uma tradição transnacional de piedade feminizada[27] (2016, p. 142).

Para o estudioso, a obra das místicas inglesas estaria mais próxima de suas companheiras continentais, como Marguerite Porète, Marie de Oignies, Elizabeth da Hungria, Hildegarda de Bingen, Brígida da Suécia, Angela de Foligno, Metchild de Hackeborn, Metchild de Magdeburg, entre outras, do que mesmo dos místicos ingleses supracitados. Foram influenciadas mais por tradições espirituais femininas contemplativas já existentes no restante da Europa. Isso nos remete à questão da genealogia de escritos medievais femininos já referida nessa pesquisa. Juliana de Norwich e Margery Kempe foram a "contraparte inglesa" do movimento de produção literária feminina de teor místico que floresceu no medievo europeu.

Embora se autodenominasse uma "simples criatura iletrada", Juliana é hoje considerada uma das maiores teólogas da Idade Média. Uma autora cujas visões se inserem, portanto, dentro de toda uma tradição de experiências visionárias por parte de mulheres entre os séculos XI e XV, bem como sua contemporânea, a já referida Margery Kempe: "Por muito tempo negligenciada fora de um pequeno círculo, Juliana vem sendo estudada com grande entusiasmo nos últimos cem anos tanto por leitores fora da academia, bem como por estudantes e eruditos"[28] (WATSON; JENKINS, 2006, p. ix). Tal fato pode ser claramente percebido nas várias traduções para o inglês contemporâneo desde o início do século XX, além de estudos acadêmicos, artigos e traduções para outras línguas, como o espanhol e, recentemente, para a língua portuguesa, em duas traduções surgidas no ano de 2018 pelas editoras Vozes e Paulus, que serão analisadas comparativamente no capítulo terceiro dessa pesquisa.

---

[27] "[...] are shown to have been deeply influenced by the well estabilished traditions of feminized affective piety, as a way of showing, firstly, exhausted and, secondly, that the 'usefulness' of 'English mystics' as a label and concept has been exhausted and, secondly, that these two women can be seen as part of a transnational tradition of feminized piety."

[28] "Long neglected outside a small circle, Julian has been studied with increasing excitement over the last hundred years, and by readers outside the academy as least as much as by students and scholars."

Se pensarmos em Juliana de Norwich, uma mulher talvez leiga, talvez religiosa[29], escrevendo em vernáculo em um período de convulsões sociais, políticas e religiosas acerca de uma visão amorosa e feminina de Jesus Cristo, podemos encarar sua situação como, no mínimo, arriscada. Lembremos que são dessa época a heresia lolarda já mencionada e suas traduções completas da Bíblia para o inglês médio. Talvez daí o silêncio acerca da obra da anacoreta inglesa durante quase três séculos, visto que seu primeiro editor conhecido, o monge beneditino Serenus Cressy, editou uma cópia do texto em 1623, ou seja, mais de duzentos anos após sua morte.

A obra de Juliana de Norwich possui duas versões, popularmente chamadas de Texto Curto (*Short Text*), escrito logo após as visões, e o Texto Longo (*Long Text*), uma ampliação do primeiro, feita depois de muitos anos de reflexão sobre as revelações. Os manuscritos da obra conhecidos atualmente são o *Sloane Manuscript* (c. 1650), da British Library, e o *Paris Manuscript*, da Bibliothèque Nationale (c. 1500), ambos contendo a versão longa; um manuscrito contendo a versão curta, também da British Library (século XV); um do St. Joseph's College (1650); o dos Westminister Archdiocesan Archives (séculos XV ou XVI); e a primeira versão impressa, o *Cressy Text*, de 1623, editado pelo já mencionado Serenus Cressy.

Juliana de Norwich apresenta, em sua obra, uma visão teológica bastante otimista, o que a diferenciou de outros religiosos medievais. Vivendo numa época de pestes (a Peste Negra devastou a Inglaterra várias vezes durante sua vida, sendo que Norwich perdeu um terço de sua população no primeiro surto), guerras (a Revolta dos Camponeses, o início da Guerra dos Cem Anos entre França e Inglaterra), o Grande Cisma Católico, a heresia de John Wycliff, os lolardos, o enfraquecimento dos monastérios ingleses, entre outras crises, surpreende-nos a sua visão de que "tudo ficaria bem" ("all shall be well").

Outro tema recorrente em sua obra é a concepção de um Deus amoroso, compassivo e não um Deus cheio de ira e ódio para com seus filhos, pois, para ela, o pecado era algo visto como um passo para o aprendizado e para a fé. Uma concepção feminina de Deus, o que por si só já constituía uma transgressão dentro da tradição de representações da divindade nos textos literários medievais:

> Eu entendo três maneiras de ver a maternidade em Deus. A primeira é a criação da nossa espécie humana. A segunda é a tomada de nossa espécie, e aí começa a maternidade da graça. A terceira é a maternidade na ação e assim, espalhando-se pela

[29] Há poucos dados biográficos sobre a vida de Juliana de Norwich. Estudiosos discutem se ela se entrou para a vida religiosa após ter as visões ou se já seria uma monja pertencente à Ordem beneditina da Carrow Abbey, que se localizava próxima a Norwich.

> mesma graça, de comprimento e largura e de altura e de profundidade sem fim. E tudo é um só amor (NORWICH apud WATSON; JENKINS, 2006, p. 311)[30].

Para as místicas medievais, o próprio silêncio muitas vezes é imposto e transgredido através da escrita de suas experiências. As palavras dessas mulheres, seus relatos pessoais de experiência com o divino rompem com esse silêncio e assombram os homens que a elas conferem o papel de fracas, ingênuas e suscetíveis às "investidas do demônio". O contato com Deus irrompe de onde menos se espera. Como observa Régnier-Bohler, "[...] a palavra, contrariamente ao excesso narcísico da aparência, é tanto mais perniciosa, aos olhos dos homens, quando surge do silêncio, imprevisível" (1990, p. 521).

Mesmo em meio a um contexto de muito sofrimento, Juliana teve uma série de visões a partir do dia 8 de maio de 1373 e logo as transcreveu. Na ânsia de compreender o que acontecia e saber como comunicar todas aquelas revelações aos outros, foi-lhe permitido que vivesse como reclusa adotando a vida de anacoreta (*anchoress*), passando a viver numa cela anexa à pequena Igreja de Saint Julian of Le Mans[31] em Norwich, da qual ela adotou seu nome de religiosa, *Julian of Norwich* (Juliana de Norwich), ou simplesmente *Dame Julian*, como também ficou conhecida. Então, Julian ou Juliana não era o seu nome civil:

> Antes de se tornar *anchoress* – ou "reclusa", como se dizia no seu tempo -, talvez se chamasse Katherine. Alguns estudiosos consideram que teria pertencido a uma família muito abastada (os Erpingham ou os de Blickling) e que teria estudado. O que é certo é que, para se manter na vida solitária, deveria dispor de meios próprios, pelo menos enquanto não se tornou uma asceta procurada pelos seus conselhos espirituais, respeitada e reconhecida. Talvez tivesse feito estudos não formais, ao acaso, na comunidade das monjas beneditinas de Carrow, de que a Igreja de St. Julian dependia, em Conisford, Norwich, usando, para alimentar o seu espírito, os livros da biblioteca do mosteiro (FANTUZ, 2019, p. 11).

De acordo ainda com Fantuz, sabe-se que em 1135, o rei Stephen teria confiado a Igreja de St. Julian às monjas beneditinas da abadia de Carrow, situada no final da King Street, em Norwich. Mesmo com a escassez de informações sobre a vida de Juliana de Norwich, tais dados e hipóteses começam a nos trazer a possibilidade de que ela não era a "iletrada" que dizia

[30] Todas as traduções do texto em estudo de Juliana de Norwich são de minha autoria, a partir da edição de Nicholas Watson e Jacqueline Jenkins de 2006, *The Writings of Julian of Norwich: A vision showed to a devout women and A revelation love* (The Pennsylvania University Press): "I understode thre manner of beholdinges of motherhed of God. The furst is grounde of oure kinde making. The seconde is taking of oure kinde, and ther beginneth the motherhed of grace. The thurde is motherhed in werking, and therin is a forthspreding by the same grace, of length and brede, of high and of depnesse without ende. And alle is one love."

[31] De acordo com GiullianaVittoria Fantuz (2019, p. 14), em nota, "O edifício sagrado, que remonta a 950 d.C., foi gravemente danificado, em 1942, por um bombardeamento, tendo-se chegado a pensar em arrasá-lo. Mas o reitor de então, padre Raybould, propôs o seu restauro para que se tornasse lugar de peregrinação e oração em memória da mística que lá tinha vivido."

ser em seu texto. Talvez tenha tido uma educação beneditina, o que justifica o reconhecido conhecimento teológico presente em sua obra, mesmo que não saibamos se ela foi monja beneditina ou não antes de receber as revelações.

Com relação a seu nome e seus possíveis laços familiares, Ralph Milton, em seu romance *Julian's Cell* (2012), no qual narra ficcionalmente a vida de Juliana, a possível Katherine teria casado muito jovem e tido dois filhos. Teria perdido seu marido e filhos para a peste negra e, ficando sozinha, poderia ter se dedicado à contemplação, vindo a ter as dezesseis visões. Tudo isso são hipóteses, mas é interessante citarmos aqui e não fecharmos as interpretações. Como temos poucas fontes sobre a vida dela, apenas os manuscritos das versões curta e longa, a referência no livro de Margery Kempe e algumas menções em testamentos, ainda há um longo caminho a se percorrer para se construir a imagem de quem realmente foi Juliana, a mística de Norwich.

Se Juliana foi ou não Katherine, o fato é que em 1390, a anacoreta trouxe a público suas *Revelações*, texto que até hoje tem a capacidade de impressionar e falar aos leitores atuais. Podemos pensar na reação do público da poderosa cidade de Norwich, na região de Norfolk, que no final do século XIV era, depois de Londres, a maior cidade inglesa em termos de população total, poderio econômico e religioso:

> A sua poderosa catedral, que tinha uma das mais bem fornecidas bibliotecas do reino, estava rodeada de vários mosteiros e não menos de cinquenta igrejas e eremitérios. Para embelezar esses edifícios, havia uma florescente produção de arte sacra. Frequentemente, chegavam aos conventos e mosteiros doutos estudiosos e pregadores de renome; este grande dinamismo de conhecimentos fez com que Norwich fosse conhecida como cidade onde conviviam, enriquecendo-se mutuamente, diversas formas de expressão artística e de vida religiosa (FANTUZ, 2019, p. 14).

Esse ambiente de grande efervescência cultural e religiosa certamente contribuiu para a formação de Juliana. Essa presença muito intensa da arte sacra deve ter impressionado a anacoreta e treinado seu olhar para a contemplação estética, visto que em seu texto as representações do corpo de Cristo, outro tema recorrente em sua narrativa, é bastante plástica e visual.

O corpo de Jesus na obra de Juliana de Norwich é apresentado de forma transgressora em relação a como ele é representado na obra de outras místicas contemporâneas suas. Uma das características que nos chama logo a atenção é a questão da maternidade de Jesus Cristo, como já mencionado. Cristo é representado como "oure Moder", ou seja, "nossa Mãe", que nos alimenta com o leite que jorra de seu peito (uma referência clara ao momento em que Cristo é

crucificado e perfurado por um soldado romano e de cuja ferida jorra seu sangue), numa visão amorosa do sacrifício de Jesus por todos os seus companheiros cristãos:

> Mas quando nossas falhas e nossa desgraça nos são apresentadas, ficamos tão assustados e tão envergonhados de nós mesmos que mal sabemos onde nos colocarmos. Por sua vez, nossa mãe amorosa não quer que fujamos, pois nada poderia ser mais indesejável para ele. Ele quer que nos comportemos como uma criança, que quando está chateada ou assustada corre o mais rápido possível para sua mãe[32] (NORWICH apud WATSON; JENKINS, 2006, p. 317).

É interessante notarmos o uso do pronome "him" ("ele") em vez de "her" ("ela"), como seria de esperar, por conta da concordância, visto que a autora se refere a Jesus como "mãe", mas não altera o gênero da palavra no texto. Trata-se, claramente, de uma representação feminina, maternal e acolhedora de Cristo.

A representação materna da divindade é amplamente estudada por Caroline Walker Bynum no livro *Jesus as Mother*: *Studies in the Spirituality of the High Middle Ages* (University of California Press, 1983). Segundo Bynum, outras místicas medievais, especialmente durante os séculos XII e XIII, também se utilizaram de imagens maternais de Jesus Cristo, tais como Gertrude de Helfa, Mechtild de Hackeborn e Mechtild de Magdeburg. A estudiosa afirma, inclusive, que a Idade Média conheceu a devoção a Cristo como nossa Mãe destacando a importância da obra de Juliana de Norwich para tal pensamento:

> Esse novo entusiasmo pela "mãe Jesus" dos escritores religiosos medievais tem se concentrado comumente sobre os usos da imagem nos séculos treze e quatorze, especialmente na sofisticada teologia desenvolvida sobre a mesma pela anacoreta Juliana de Norwich (+ depois de 1416), e tem geralmente implicado que tal tradição devocional é particularmente própria às mulheres e portanto deve ter sido desenvolvida por /para ou sobre elas[33] (BYNUM, 1982, pp. 110-111).

O aparecimento desses textos que se utilizaram da imagem maternal de Jesus após a época patrística, data do século XII, nas obras de vários autores: os monges cistercienses Bernardo de Claraval, Aelred de Rievaulx, Adam de Perseigne e Helinand de Froidmont; William de St. Thierry; e o beneditino Anselmo da Cantuária (Santo Anselmo). Assim, a

[32] "But oftimes when oure falling and oure wretchedness is shewed us, we be so sore adred and so gretly ashamed of oureselfe that unnethis we we with wher that we may holde us. But then wille not oure curtesse moder that we flee away, for him were nothing lother, but he will than that we use use the condition of a childe. For when it is dissesed and adred, it runneth hastely to the moder."

[33] "This new enthusiasm for the "mother Jesus" of medieval religious writers has usually concentrated on thirteenth – and fourteenth century uses of the image, especially on the sophisticated theology developed around it by the anchoress Julian of Norwich (+ after 1416), and has often implied that such a devotional tradition is particularly congenial to women and therefore must have been developed by or for or about them."

humanidade de Cristo é descrita em imagens que retratam a corporeidade feminina, principalmente a corporeidade da mãe:

> Descrições de Deus como uma mulher amamentando a alma em seus seios, secando suas lágrimas, punindo suas pequenas travessuras, dando à luz em agonia e trabalho, são parte de uma tendência crescente de falar sobre o divino em imagens acolhedoras e enfatizar sua proximidade[34] (BYNUM, 1982, p. 129).

Esse Cristo é descrito pela mística de Norwich através de uma imagem feminina e de suas características: "Assim, o corpo feminino, símbolo complexo e multifacetado, carrega o potencial de 'não apenas refletir e construir a realidade, mas também inverter, questionar, rejeitar e transcendê-la'"[35] (MCAVOY, 2008, p. 170). É precisamente nesse ponto que aparece o interesse dos estudos de gênero no texto de Juliana de Norwich: no que ele traz para um âmbito feminino uma imagem tradicionalmente concebida como masculina. Essa temática será mais amplamente analisada no próximo capítulo dessa pesquisa.

Voltando ao possível cotidiano de Juliana, sabe-se que ela viveu na pequena cela e dedicava-se à oração, à meditação e aos estudos, e era constantemente visitada por homens e mulheres de todas as idades e classes sociais em busca de aconselhamento espiritual, dentre eles sua conterrânea Margery Kempe, fato que será narrado no capítulo 18 de seu livro:

> E então ela foi ordenada por Nosso Senhor para ir até uma anacoreta na mesma cidade que se chamava Dama Juliana. E assim ela fez, e contou a ela sobre a graça que Deus colocou em sua alma, a compunção, contrição, doçura e devoção, a compaixão com santa meditação e alta contemplação, e muitos discursos sagrados e conversas que Nosso Senhor falou à sua alma e também muitas revelações maravilhosas, que ela descreveu à anacoreta para descobrir se havia algum engano nelas, pois ela era especialista em tais coisas e poderia dar bons conselhos[36] (KEMPE, 1994, p. 77).

Notemos que Margery Kempe considerava Juliana uma "especialista" em questões espirituais e em dar bons conselhos. Essa passagem do livro de Margery Kempe é um dos poucos registros da vida de Juliana de Norwich fora de sua própria obra. Mas o que podemos

---

[34] "Descriptions of God as a woman nursing the soul at her breasts, drying its tears, punishing its petty mischief-making, giving birth to it in agony and travail, are part of a growing tendency to speak of the divine in homey images and to emphasize its approachability."

[35] "Thus, the female body, as a complex and multivalent symbol, carries the potential to 'not only reflect and shape reality but also invert, question, reject, and transcend it'."

[36] "And then she was commanded by our Lord to go to an anchoress in the same city who was called Dame Julian. And so she did, and told her about the grace, that God had put into her soul, compunction, contrition, sweetness and devotion, compassion with holy meditation and high contemplation, and very many holy speeches and converse that our Lord spoke to her soul, and also many wonderful revelations, which she described to the anchoress to find out if there were any deception in them, for she was expert in such things and could give good advice."

constatar é que, como afirmado anteriormente, Juliana era considerada uma referência e uma autoridade espiritual na Inglaterra de seu tempo:

> Era de tal modo estimada pelos seus conterrâneos, que se tornou herdeira, juntamente com as mulheres que tratavam dela, de legados testamentários. Nos arquivos da cidade existem alguns testamentos que a designam herdeira, quer reportando o nome de "Julian", quer como "anacoreta de St. Julian." O primeiro legado foi feito em 1394 por William Reed; um testamento de 1429 deixa dinheiro a uma "reclusa do cemitério de St. Julian" (FANTUZ, 2019, p. 16).

O apreço de seus contemporâneos era notável. Vale observar na citação acima que Juliana tinha o direito, como anacoreta, de possuir uma serviçal e, caso desejasse, um gato, visto que se tratava da época da peste negra, que era transmitida por ratos. Não é à toa que na iconografia referente à Juliana de Norwich, ela muitas vezes retratava-se acariciando um gato. Há também a referência aí ao cemitério da Igreja de St. Julian. Não custa lembrar que na época muitas igrejas tinham cemitérios ao seu redor. E falando sobre cemitérios, é interessante trazer aqui a questão do próprio ritual de reclusão de uma anacoreta que se assemelhava a uma liturgia fúnebre, incluindo missa de réquiem e demais exéquias. Não podemos esquecer que essas mulheres reclusas se tornavam como que mortas para o mundo externo, e nos Evangelhos defende-se o conceito de que a verdadeira vida surge após a morte.

A obra de Juliana, portanto, e o pouco que conhecemos acerca de sua vida, mas que se nos afigura fascinante, atraem estudiosas e estudiosos. Como bem observa Perk (2016, p. 41), desde a segunda metade do século XX, os estudos acerca da obra de Juliana de Norwich podem ser divididos em dois grupos: aqueles que estudam a obra da anacoreta como sendo mística ou teológica e aqueles que a discutem como sendo literatura medieval, particularmente no âmbito dos escritos de mulheres medievais.

Nesta pesquisa, buscaremos criar pontes entre os dois grupos, tendo a percepção de que se trata de uma autora mística escrevendo em vernáculo sobre suas experiências, o que pode esclarecer bastante acerca do lugar de onde essa mulher se constrói como produtora de sentidos, num texto literário que rompe com paradigmas conferidos aos textos produzidos por mulheres na Idade Média. Daí a importância do estudo da obra de Juliana de Norwich, haja vista o seu pioneirismo na literatura de autoria feminina em língua inglesa.

2.4 Margery Kempe: uma voz arrebatada pelo poder das palavras

A obra da segunda autora a ser estudada, *The Book of Margery Kempe* (*O Livro de Margery Kempe*) (séc. XV), é considerada a primeira autobiografia escrita em língua inglesa. O texto relata as vivências de Margery Kempe (1373-c. 1438), autora inglesa nascida em King's Lynn, na região de Norfolk: sua vida doméstica, sua peregrinação a lugares sagrados na Europa e na Terra Santa, bem como seus diálogos místicos com Deus e sua vida devocional. Como observa Anthony Bale na "Introdução", a sua tradução para o inglês contemporâneo do texto de Kempe:

> No *Livro* podemos observar o contexto de Kempe como filha do prefeito de Lynn, seus problemas maritais, seus conflitos com castidade, suas várias dificuldades com pessoas importantes e poderosas e nós escutamos sobre suas visões e conversações com Cristo, Deus e a Virgem Maria[37] (BALE, 2015, p. xi).

Seus relatos se apresentam como uma interessante viagem ao cotidiano de uma mulher inglesa medieval, bem como uma jornada ao interior de experiências visionárias, que vão lhe render tanto a simpatia quanto a antipatia e a perseguição de seus contemporâneos.

Nascida em aproximadamente 1373, filha de uma família abastada de classe média, Margery Kempe casou aos vinte anos e relata que teve uma visão de Cristo durante uma crise após o parto de seu primeiro filho. Depois de muitos fracassos como negociante, diz que teve visões e se sentiu chamada para uma vida espiritual. Aos quarenta anos de idade, depois de ter tido quatorze filhos, persuadiu o marido a tomar os votos de castidade e embarcou numa vida agitada de peregrinações pela Inglaterra, Europa, Terra Santa, visitando personalidades religiosas de seu tempo, incluindo a também mística inglesa Juliana de Norwich, em busca de aconselhamento de místicos e reclusos, pois seus choros incomodavam e comoviam seus contemporâneos. Na obra da autora inglesa, podemos detectar a influência de Santa Brígida da Suécia, Marie d'Oignies, Angela de Foligno e Richard Rolle. Margery Kempe também ficou conhecida, como destacado anteriormente, como uma incansável peregrina: Terra Santa, Roma e Bolonha (1414); Santiago de Compostela (1417); Noruega, Danzig e Aachen (1433) e a Abadia de Syon na Inglaterra, foram locais sagrados visitados por ela numa época de alto risco para uma mulher se aventurar pelas estradas. Faleceu aproximadamente em 1438.

The Book of Margery Kempe (*O Livro de Margery Kempe*), escrito por volta de 1436, é considerada a mais antiga autobiografia em língua inglesa. Ficou perdida por séculos até 1934, quando foi redescoberta na casa de uma família de nobres católicos ingleses em um manuscrito

[37] "In the *Book* we glimpse Kempe's background as the daughter of the mayor of Lynn, her marital problems, her struggles with chastity, her various difficulties with important people in power, and we hear, about her visions of and conversations with Christ, God, and the Virgin Mary."

do século XV. É formado por preâmbulos de escribas e dois livros por ela ditados e revisados e possui uma grande riqueza de detalhes, apesar de ter sido escrito mais de vinte anos depois de suas experiências místicas começarem a acontecer. No *Livro* frases das escrituras e imagens de obras devocionais demonstram uma total rememoração do que liam ou pregavam para ela. Na obra, ela, que se autodenomina *creature* ("criatura"), relata que o Senhor, Maria e o Espírito Santo sugeriram que escrevesse um livro com suas percepções místicas: "E esta criatura teve contrição e grande compunção, com lágrimas abundantes e muitos soluços altos e violentos, por seus pecados e por sua indelicadeza para com seu criador. Ela refletiu sobre sua grosseria desde a infância, como Nosso Senhor colocaria em sua mente muitas vezes"[38] (KEMPE, 1994, p. 48).

Sobre a obra da mística de King's Lynn, escreve Telles:

> Os fragmentos que encontrei formam, com muitas outras páginas, o relato que uma mulher de uns sessenta e cinco anos fez escrever contando seus percursos por estradas empoeiradas da Terra e pelas topografias imaginais de um mundo contemplativo. Uma mulher inteligente e ativa, uma comerciante da emergente burguesia citadina, que viveu como tantas outras mulheres no final da Idade Média, se casou, teve quatorze filhos e, diferindo da maioria, se mostrou uma visionária singular e uma viajante intrépida (TELLES, 2012, p. 121).

A vida dessa mulher à frente de seu tempo, que ousou largar o lar e partir em busca de sua identidade espiritual, encanta e instiga as estudiosas da atualidade por conta de seu pioneirismo e da mescla de gêneros literários medievais:

> Uma obra que une as visões opostas de mulheres peregrinas como vistas na literatura secular e religiosa. *The Book of Margery Kempe* é um marco para a problemática das percepções medievais do espaço e o papel das peregrinas nisto. O gênero do *Book* mistura hagiografia – a influência das revelações de Brígida da Suécia é evidente ao longo da obra – autobiografia e visões[39] (MORRISON, 2002, p. 128).

Tanto a obra de Juliana de Norwich quanto a de Margery Kempe passaram a despertar maior interesse por parte dos estudiosos da literatura inglesa, principalmente a partir da década de 1970 em diante. Em 1986, a obra de Kempe, *The Book of Margery Kempe*, seria incluída na prestigiosa *The Norton Anthology of British Literature,* e excertos da *Revelation*, de Juliana de

[38] "And this creature had contrition and great compunction, with plentiful tears and much loud and violent sobbing, for her sins and for her unkindness towards her maker. She reflected on her unkindness since her childhood, as our Lord would put it into her mind, very many times."

[39] "One work unites the opposing visions of women pilgrims as seen in secular and religious literature. *The Book of Margery Kempe* is a touchstone for the problematic of medieval perceptions of space and the role women pilgrims play in it. The genre of the Book melds hagiography—the influence of Bridget's revelations is evident throughout the work— autobiography, and visions."

Norwich, seriam incluídos na edição da mesma antologia de 1993, marcando, assim, a entrada das duas autoras no cânone literário medieval inglês, como será discutido adiante, no último subtópico desse capítulo.

A obra de Juliana de Norwich, como visto anteriormente, rompe com preceitos estabelecidos acerca da escrita produzida, no que traz, por exemplo, a representação de Jesus Cristo como mãe. O mesmo pode-se inferir acerca do texto de Kempe, que além de trazer esse aspecto de ruptura com padrões e representações estabelecidos em relação ao papel das mulheres, traz a dimensão do cotidiano de ser mulher na Idade Média.

No caso de Margery Kempe, sabemos, através de seu texto, que ela foi acusada de heresia e chegou mesmo a ser presa. Tudo isso por conta de sua forma inusitada de experienciar a divindade: Margery, seus êxtases e visões causava espanto em seus contemporâneos, pois se expressava através de choros, gritos e contorções. Como observa Régnier-Bohler, "Na palavra, a mulher tenta clamar a sua diferença. Face aos clérigos que a interrogavam, a mística laica Margarida Kempe, no princípio do século XV, ousa inventar outra linguagem, afirmar que a sua palavra lhe vem de outro lado, e que é lícita, melhor ainda, ordenada" (1990, p. 527). Observa-se aqui Kempe em busca de uma linguagem de ruptura, que transcendesse a mera descrição de uma experiência vivida.

As místicas medievais eram mulheres que se utilizavam da linguagem disponível para descrever experiências que transcendiam o uso cotidiano dos vocábulos, inserindo-as num espaço para além do que a elas era convencionado, o espaço da linguagem poética, da que se cria em seu realizar, de uma *poiésis* do sagrado:

> As mulheres desejam afirmar, com seu estilo próprio de falar, uma maneira distinta da religião proveniente da teologia clássica e querem dar a sua opinião em discussões teológicas. No entanto, os homens – para garantir a sua própria definição teológica – classificam estereotipadamente a teologia das mulheres como "mística". A "mística", tal como é praticada por mulheres, é caracterizada por uma linguagem alegórica, uma linguagem de visões, uma linguagem poética, um modo de vida e espiritualidade, mas também por uma reformulação teológica da divindade (TROCH, 2013, p. 3).

A literatura mística de autoria feminina constitui, portanto, instrumento de inserção da produção escrita dessas mulheres no cânone da literatura inglesa medieval, reinventando-o e reconfigurando-o por meio da presença de suas memórias, corpos e anseios através da palavra escrita. Temos aí textos pessoais que se aproximam das autobiografias, dos diários íntimos, das correspondências e das memórias. Em uma tradição literária que durante muito tempo teve a presença da mulher, "[...] frequentemente apagada, seus vestígios, desfeitos, seus arquivos

destruídos [...]", só podemos constatar que há "[...] um déficit, uma falta de vestígios" (PERROT, 2015, p. 21).

No caso de Juliana de Norwich, temos o relato de suas experiências místicas, o que não deixa de ser uma forma de relato memorialístico, pois como ainda afirma a supracitada historiadora francesa, "[...] esses diversos tipos de escritos são infinitamente preciosos porque autorizam a afirmação de um 'eu' [...]" (PERROT, 2015, p. 21), que aparece nessas narrativas de forma assumidamente pessoal e, ao mesmo tempo, transcendental.

Na obra de Margery Kempe, o corpo de Cristo é descrito principalmente em seu aspecto de sofrimento. Em várias passagens, Kempe narra cenas da Paixão de Cristo vista através de seus momentos de visão, como, por exemplo, na seguinte cena passada em sua peregrinação a Jerusalém:

> Quando essa criatura e seus companheiros visitaram o sepulcro onde Nosso Senhor foi sepultado, ao adentrar aquele lugar sagrado ela caiu segurando a vela em sua mão, como se fosse morrer de dor. E depois ela se levantou com muito choro e soluços, como se estivesse vendo Nosso Senhor sepultado a sua frente. Então ela pensou que viu nossa Senhora em sua alma, como ela chorou pela morte de seu filho e, então, a dor de nossa Senhora era a dela[40] (KEMPE, 2015, p. 67).

A intensidade das experiências místicas vividas por Margery Kempe era relatada de forma a nos transmitir a impressão de que ela realmente estava vivendo toda a dor que Jesus Cristo vivera em seus últimos momentos. Temos aí mais um olhar sobre a Paixão de Cristo, dessa vez um olhar apaixonado, no sentido do *pathos* trágico, que Margery traz ao texto de forma a mergulhar o leitor na experiência mística por ela vivida. Vale lembrar aqui as correntes de devoção popular do século XV e que estarão presentes nas obras tanto de Juliana quanto de Margery Kempe: a Humanidade Sagrada e a Paixão de Cristo.

A obra de Margery Kempe rompe com os padrões de escrita da Idade Média inglesa ao utilizar a linguagem mística como meio de relato: uma linguagem que, mesmo implicitamente, fala de suas memórias e experiências enquanto mulher que vivencia o contato com a divindade. Para seguir seu caminho espiritual, Kempe rompeu com vários estereótipos atribuídos às mulheres de seu tempo, e assim relatou com autonomia suas experiências através do exercício da memória em seu texto autobiográfico. Com isso, contribuiu com uma obra que enriqueceu o variado campo das narrativas religiosas femininas medievais.

---

[40] "When this creature with her companions came to the grave where our Lord was buried, as she entered that holy place she fell down with her candle in her hand, as if she should die of sorrow. And after that she got up again with great weeping and sobbing, as though she had seen our Lord buried right in front of her. Then she thought she saw our Lady in her soul, how she wept for her son's death, and then our Lady's sorrow was her sorrow."

2.5 "Is really she *unletteryd*?": Protagonismo Feminino na Literatura Inglesa Medieval

Os estudos da crítica literária feminista acerca dos escritos de religiosas medievais inglesas constituem uma área relativamente nova. Apesar dos esforços de medievalistas pioneiras, como Eileen Power, as pesquisas feministas do *corpus* de textos literários medievais ingleses de autoria feminina só aparecem como um campo de investigações mais estabelecido nos últimos trinta anos. Como observa Warren,

> De fato, a inserção de figuras como Margery Kempe e Juliana de Norwich no cânone, marcada iconicamente pelas suas entradas na *Norton Anthology of British Literature* em 1986 e 1993, respectivamente, sugere, de uma vez por todas, o quão recente é o desenvolvimento dessas pesquisas e o quão forte é a influência desses trabalhos sobre os estudos da literatura em inglês médio[41] (WARREN, 2007, p. 1378).

As palavras de Warren deixam clara a questão da importância de se repensar o cânone literário a partir de uma mirada feminista e que contemple os textos de autoras que tiveram um verdadeiro protagonismo dentro da literatura inglesa medieval. Os escritos das autoras Juliana de Norwich e Margery Kempe constituem verdadeiros marcos na literatura medieval escrita em língua inglesa. Como foi dito, a obra da mística Juliana de Norwich constitui o mais antigo texto conhecido de autoria feminina em língua inglesa. Nascida possivelmente na cidade de Norwich, Inglaterra, em aproximadamente 1342 ou 1343, e falecida provavelmente em 1416, a anacoreta relata em sua obra *A Revelation of Love* (1395) que teve suas experiências místicas quando jovem.

Também foi reportado aqui que *The Book of Margery Kempe* (c. 1438) é considerada a primeira autobiografia escrita em língua inglesa. O texto relata as vivências de Margery Kempe (1373-c. 1438): sua vida doméstica, sua peregrinação a lugares sagrados na Europa e na Terra Santa, as perseguições que sofrera, tendo sido mesmo acusada de heresia, bem como seus diálogos místicos com Deus, com Jesus Cristo, a Virgem Maria e sua vida devocional.

Como já observado, tanto a obra de Juliana de Norwich quanto a de Margery Kempe passaram a despertar maior interesse por parte dos estudiosos da literatura inglesa, principalmente a partir da década de 1970. Ao inserir tais autoras em manuais e antologias literárias, buscou-se, portanto, repensar o cânone literário de língua inglesa. Essa releitura da

[41] "Indeed, the entry of such figures as Margery Kempe and Julian of Norwich into the canon, marked iconically by their entries into the Norton Anthology of British Literature in 1986 and 1993 respectively, suggests at once how recent a scholarly development such work is and how strong an influence such scholarship has had on the study of Middle English literature."

produção literária de autoria feminina, relegada muitas vezes ao esquecimento pela tradição canônica, sob o pretexto de consistir numa produção de baixo valor estético, deve-se ao trabalho de resgate e de reinterpretação praticado pela crítica literária feminista.

Nesse sentido, a crítica literária feminista teve papel preponderante no resgate das obras de Juliana de Norwich e de Margery Kempe e de sua releitura e reavaliação pelo viés do feminismo. Perk, em sua pesquisa *Julian, God, and the Art of Storytelling*. *A Narrative Analysis of the Works of Julian of Norwich* (2016), observa que a análise de *A Revelation of Love* pelo viés dos estudos de gênero destaca a atitude subversiva e positiva em relação à representação e às características femininas do corpo de Cristo: "Estes aspectos da *Revelation* são geralmente vistos como proto-feministas e subversivos em relação ao discurso masculino hegemônico" (2016, p. 42). Dessa forma, o texto de Juliana de Norwich pode ser visto, em certo sentido, como transgressor dentro de seu contexto sociocultural-literário-religioso.

O mesmo se pode inferir acerca do texto de Kempe, que além de trazer esse aspecto de ruptura com padrões e representações estabelecidos em relação ao papel das mulheres, traz a dimensão do cotidiano de o que significava ser mulher na Baixa Idade Média na Inglaterra. Ambas as obras poderiam ser vistas como proto-feministas, ou seja, textos que, mesmo anteriores ao início do movimento feminista, tal como o conhecemos na contemporaneidade, já trazem em seu interior elementos que antecipam muitas pautas feministas que seriam abordadas nos textos literários dos séculos subsequentes. Vale lembrar que não foram as únicas. Rovere, no entanto, faz uso do termo *arqueofeminismo*, buscando evitar o termo *proto-feminismo*, que, segundo o autor, é:

> [...] por vezes empregado pelos (as) historiadores (as), que tem o inconveniente de dar um fim na história e de ignorar as especificidades do movimento compreendido entre os séculos XVI e XIX. Por fim, para enfatizar que arqueofeminismo não é apenas uma forma antiga de feminismo, que diz respeito às sociedades diferentes da nossa (não industrializadas, não capitalistas), mas também que os textos desses (as) autores (as) ainda estão em processo de exumação, sendo lentamente retirados dos fundos das bibliotecas por numerosos (as) pesquisadores(as), em um trabalho similar ao de arqueólogos (as), e que a maneira pela qual se desenvolve esse terreno está diretamente ligada aos métodos que empregamos para analisar esse tipo de feminismo (ROVERE, 2019, p. 10).

Contemporânea a ambas, encontramos a autora franco-italiana Christine de Pizan (1363-1430), considerada a primeira escritora profissional da Europa, cuja obra principal, o livro *A Cidade das Damas* (*La Cité des Dames*), de 1405, constitui

> [...] uma verdadeira enciclopédia das mulheres, um resgate de várias personalidades femininas, da história à mitologia, da Antiguidade à Idade Média, das letras às

> ciências, destacando nelas, ora suas qualidades pretensamente masculinas, como a coragem, a ousadia, a bravura, seus feitos históricos, ora suas qualidades reconhecidas como femininas, como a sensibilidade, a dedicação, a solidariedade (DEPLAGNE, 2012, p. 30).

Christine de Pizan traça, portanto, toda uma linhagem de personalidades femininas que muitas vezes permaneceram "esquecidas" ou não pela história ao longo dos séculos. Mulheres que trouxeram inestimáveis contribuições aos diversos campos do saber e que diversas vezes foram pioneiras em suas áreas de atuação. Importante destacar aqui não apenas Christine, mas mulheres como Hidelgarda de Bingen, Marguerite Porète, Metchild de Magdeburg, Brígida da Suécia, Angela de Foligno, Trótula de Ruggiero, entre tantas outras que deixaram obras que foram silenciadas e/ou diminuídas e que somente no século XX vão ser realmente relidas e estudadas como de fato merecem.

Faz-se necessário, portanto, o questionamento da historiadora Barreiro, uma das poucas pesquisadoras da obra das autoras inglesas medievais no Brasil, acerca da produção escrita de mulheres na Idade Média: "Se a escrita, com seus signos, códigos e correspondências, e os suportes da escrita, bem como seus meios de transmissão foram formulados a partir das exigências dos homens, como pensar na possibilidade de inserção das mulheres nesses meios e nesses códigos?" (BARREIRO, 2016, p. 5). Essa pergunta norteia toda a nossa pesquisa em relação às produções literárias de Juliana de Norwich e Margery Kempe, bem como das várias vozes literárias femininas medievais.

Escrevendo dentro de um meio eminentemente patriarcal, ou seja, a Igreja Católica medieval, essas mulheres estiveram sujeitas a todos os tipos de perseguições e silenciamentos. Barreiro ressalta em nota que "[...] Igreja e masculinidade são elementos necessariamente correlatos e que, portanto, poder religioso e poder de gênero estavam entrelaçados (o que não equivale dizer que só existam figuras masculinas na Igreja, mas que esses poderes se reforçam)" (BARREIRO, 2016, p. 7). Se considerarmos tal relação, podemos perceber o quanto essas mulheres transgrediram os papéis a elas convencionados dentro do meio religioso da época.

Como já enfatizado anteriormente, o texto de Juliana de Norwich surpreende o público leitor contemporâneo, no sentido de que se utiliza de metáforas femininas acerca da divindade de Jesus Cristo. Nos seus escritos, Jesus Cristo é muitas vezes chamado de "Mãe", bem como são a ele atribuídas qualidades maternas. Apesar de se tratar de algo que não é uma novidade absoluta na tradição cristã, visto que essas metáforas do caráter maternal de Cristo aparecem em trechos bíblicos, como na obra de teólogos como Bernardo de Claraval, torna-se interessante o fato de aparecerem como um dos elementos centrais do texto da mística de Norwich:

> Assim Jesus Cristo, que faz o bem em face do mal, é a nossa Verdadeira Mãe – Jesus Cristo é o Fundamento da Maternidade porque Dele brota a nossa vida e o Seu amor protetor nos abriga e acompanha incessantemente. Sim, Deus é nosso Pai – e sim, Deus é também a nossa Mãe! (NORWICH, 2018, p. 160).

Percebe-se aqui a tensão entre o uso dos substantivos "Pai" e "Mãe" em relação a Jesus Cristo. Podemos pensar em como o texto de Juliana põe em xeque os papéis de gênero representativos da divindade. Em relação a essas questões gramaticais de gênero, Scott escreve que "[...] na gramática, gênero é compreendido como um meio de classificar fenômenos, um sistema de distinções socialmente acordado mais do que uma descrição objetiva de traços inerentes" (SCOTT, 2019, p. 50). Sabemos que a voz das mulheres na Idade Média, principalmente das mulheres inseridas em contextos religiosos, sofreu uma série de interdições quanto ao que elas podiam tratar em suas obras. O que era dito no discurso precisava estar dentro dos "acordos" firmados entre homens e mulheres que relatavam suas experiências com a divindade.

Muitas dessas mulheres sofreram censuras de suas instituições religiosas. Margery Kempe, por exemplo, fora acusada diversas vezes de estar ligada à heresia lolarda, por conta de suas efusões extáticas que envolviam choros, gritos, entre outras manifestações consideradas escandalosas por seus pares. Assim, as representações textuais das vivências dessas místicas precisavam estar inseridas dentro de padrões relativos ao que uma mulher poderia experienciar em termos religiosos. Como observa Butler,

> Os domínios da "representação" política e linguística estabeleceram *a priori* o critério segundo o qual os próprios sujeitos são formados, com o resultado de a representação só se estender ao que pode ser reconhecido como sujeito. Em outras palavras, as qualificações do ser sujeito têm que ser atendidas para que a representação possa ser expandida (BUTLER, 2003, p. 18).

Daí a importância de se conhecer melhor o papel que mulheres como Juliana de Norwich e Margery Kempe, assim como tantas outras autoras medievais, tiveram ao transgredir os modelos estabelecidos para mulheres num dado contexto político, religioso, cultural e linguístico (visto se tratar de autoras de textos de importância literário-religiosa). Dessa forma, percebemos a relevância de três abordagens fundamentais para se compreender esses textos: da perspectiva religiosa, através da teologia feminista; da história das mulheres; e da crítica literária feminista.

Iniciemos pela perspectiva religiosa, por se tratarem de textos produzidos por duas autoras inseridas no contexto religioso católico da Baixa Idade Média inglesa. Para tanto, faremos uso da abordagem proposta pela teologia feminista. Segundo Furlin,

> A Teologia Feminista emerge como uma "outra voz" no interior de um campo de saber majoritariamente masculino. É uma voz que resulta da consciência de um sujeito reflexivo, neste caso, de mulheres teólogas que passam a questionar os lugares que socialmente lhes foram outorgados como legítimos por um único discurso teológico produzido, em geral, por homens celibatários. Nesse sentido, a Teologia Feminista integra uma grande rede de saberes que emergiram em diferentes áreas acadêmicas problematizando e desconstruindo os discursos hegemônicos androcêntricos. Saberes que emergem da consciência de uma experiência compartilhada de dominação, invisibilidade e discriminação vivida pelas mulheres (FURLIN, 2011, p. 140).

A teologia feminista surge, portanto, dentro de um contexto de *pluralismo teológico* caracterizado, segundo Gebara, "[...] pela elaboração de diferentes aproximações, segundo a problemática levantada por diferentes grupos" (2006, p. 58). Temos, assim, a teologia negra, a teologia índia, a teologia *queer*, a teologia ecológica e a teologia feminista. Essas diversas teologias deixam claro o quanto a teologia, na segunda metade do século XX, principalmente com o advento da Teologia da Libertação, sofreu um descentramento das propostas androcêntricas que haviam marcado desde o início o seu campo de conhecimento. Dessa forma, concordamos com Forcades i Vila, quando ela afirma que "[...] a teologia feminista é uma teologia crítica"[42] (2011, p. 13). Nesse sentido, o objetivo da teologia feminista é duplo: evidenciar os aspectos das interpretações recebidas que geram contradições e oferecer interpretações alternativas teologicamente consistentes que possibilitem superar essas contradições.

Dentro dos Estudos Literários, teremos a contribuição da Teopoética, que estuda o diálogo entre literatura e teologia. Segundo Bingemer e Villas Boas, "[...] na história das religiões foi possível encontrar místicos que eram poetas e vice-versa, tanto que a experiência mística serviu de inspiração para a poesia, assim como a própria poesia despertou experiências místicas em homens e mulheres ao longo dos tempos" (2020, p. 9). São inúmeros os exemplos de místicas e místicos que também ficaram conhecidos para a posteridade, e mesmo em suas épocas, como grandes poetas, como Santa Teresa d'Ávila, San Juan de La Cruz, John Donne, Adélia Prado, Cecília Meireles e grandes prosadores e prosadoras religiosos, inclusive da literatura inglesa, como o já citado John Donne, John Gower, Juliana de Norwich e Margery Kempe. Assim, podemos perceber que o discurso da teopoética é um lugar de entrelaçamento

[42] "La teología feminista es una teología crítica."

cultural, onde se conectam teologia, literatura, estética, espiritualidade e as formas de arte em geral:

> A linguagem humana, na medida em que toma consciência do que lhe foi dado, fala do que ouviu, do que recebeu e do que acolheu como dom primordial e mistério indecifrável e inefável, que é fonte de tudo o que pode ser caos, mas que pode igualmente constituir vida para muitos (BINGEMER, VILLAS BOAS, 2020, p. 10).

Vale observar que a literatura mística, por mais que se esforce no sentido de dizer que se trata de uma experiência indizível, tenta criar uma linguagem peculiar que possa transmitir o conteúdo do que se vive e que transcende o mero cotidiano através das palavras.

Quando analisamos a obra de Juliana de Norwich, *A Revelation of Love*, percebemos, como Reuther afirma, que a mística constrói sua reflexão teológica a partir de três fontes: a razão natural, os ensinamentos comuns da Igreja Católica (a tradição e as escrituras) e as revelações interiores transmitidas pelo Espírito Santo (REUTHER, 2012, p. 86). E nos perguntamos sobre qual o interesse da teologia feminista contemporânea na obra da autora inglesa medieval e até que ponto sua obra antecipa questões relevantes para uma perspectiva teológica feminista de análise do seu texto. Reuther também nos dá pistas sobre esta questão:

> A exploração de Juliana da natureza trinitária de Deus como mãe e pai despertou renovado interesse nos tempos modernos, especialmente entre as teólogas feministas. Embora a patrística e os teólogos medievais ocasionalmente falassem de Deus como mãe, particularmente em conexão com Cristo, através de quem nós tanto renascemos e somos alimentados através da Eucaristia, Juliana desenvolve seu aspecto maternal de Deus, o Filho, muito mais completamente do que qualquer teólogo anterior. Em onze capítulos no texto longo, ela elabora essa união de paternidade, maternidade e soberania em Deus[43] (REUTHER, 2012, p. 89).

Percebemos aí que a exploração de Juliana em relação ao tema da maternidade de Deus está fortemente enraizada em aspectos chave de sua teologia. Assim, as três pessoas da Trindade estão, para ela, numa relação dinâmica que envolve não só as divindades, mas todos os seus irmãos e irmãs cristãos: "Nós somos criados, restaurados, e preenchidos na relação com Deus como Pai, Mãe e Senhor. Sua identificação da Segunda Pessoa com a Sabedoria reivindica o

[43] "Julian's exploration of the trinitarian nature of God as both mother and father has aroused renewed interest in modern times, especially among feminist theologians. Although both patristic and medieval theologians occasionally speak of God as mother, particularly in connection with Christ, through whom we are both reborn and fed through the Eucharist, Julian develops this maternal aspect of God the Son far more fully than any previous theologians. In eleven chapters in the long text, she elaborates on this union of fatherhood, motherhood, and lordship in God."

aspecto feminino desse símbolo bíblico"[44] (REUTHER, 2012, p. 90). A própria questão dos símbolos eucarísticos que aparecem no texto, relativos ao nascimento e renascimento, bem como de ser alimentado com o corpo de Cristo, trazem muito da simbologia da maternidade, dos aspectos femininos traduzidos em seu texto. A própria visão da divindade como uma mãe amorosa e compassiva transgride os padrões de uma visão dessa mesma divindade como vingativa e punitiva:

> A Mãe compassiva, amorosa, conhece e compreende as necessidades do filho e zela por ele com uma ternura vigilante, pois esta é a sua natureza. À medida que a criança cresce, os cuidados maternos modificam-se, mas não o amor. [...] Da mesma maneira o Nosso Senhor age conosco, com toda equidade e bondade. Portanto, Cristo é a Mãe da nossa Natureza humana pela ação da Graça, e, pela ação do Amor, é a Mãe da nossa Natureza espiritual (NORWICH, 2018, pp. 164-165).

Assim, notamos que Juliana de Norwich insere em seu texto não só percepções da maternidade de Deus, mas atribui qualidades consideradas femininas, como cuidados, compaixão e ternura, transformando a imagem de um Deus patriarcal em um Deus maternal e amoroso. A divindade em seu texto é construída, como destacou Reuther, a partir de toda uma simbologia feminina que rompe com os padrões misóginos da época.

Margery Kempe, em sua obra *The Book of Margery Kempe* (c. 1438), apresenta-nos uma perspectiva bastante interessante ao trazer ao primeiro plano da narrativa sua própria personagem, descrita no texto por "creature" ("criatura"). Se o muitos estudiosos consideram o texto como a primeira autobiografia escrita em língua inglesa, outros vão considerá-lo um tratado, que apresentaria um modelo de vida e santidade a ser seguido por outras mulheres. Nesse sentido, também poderia ser visto como uma tentativa de narrativa hagiográfica, visto que Margery, enquanto autora, utiliza vários artifícios argumentativos para demonstrar sua vida santificada. Assim inicia a obra em questão:

> Aqui se inicia um breve e consolador tratado para os miseráveis pecadores, no qual podem encontrar grande consolo e alívio para si mesmos e compreender a grande e inexplicável misericórdia de Jesus Cristo nosso soberano Salvador, cujo nome deve ser adorado e louvado por toda a eternidade que agra em nossos dias se digna a nos mostrar, a nós indignos, sua nobreza e sua bondade[45] (KEMPE, 2004, p. 41).

---

[44] "We are created, restored, and brought to fulfillment in interrelationship with God as Father, Mother, and Lord. Her identifi cation of the Second Person with Wisdom reclaims the feminine aspect of this biblical symbol."

[45] "Here begynth a schort tretys and a confortabyl for synful wrecchys, wherin thei may have gret solas and comfort to hem and understondyn the hy and unspecabyl mercy of ower sovereyn Savyowr Cryst whos name be worschepd and magnyfyed wythowten ende, that now in ower days to us unworthy deyneth to exercysen hys nobeley and hys goodness."

Da perspectiva de um texto que retrate a história de uma mulher inglesa medieval, *The Book of Margery Kempe* traz, em seu interior, muitas luzes acerca do papel representado por essa mulher na sociedade da época. Tal abordagem nos é facilitada pela história das mulheres que busca traçar, ao longo dos tempos, como a emancipação feminina se deu:

> Uma das tarefas da história das mulheres é questionar os esquemas aceitos de periodização. Tomar a emancipação das mulheres como um ponto de vista é descobrir que eventos que promovem o desenvolvimento histórico dos homens, libertando-os das restrições naturais, sociais ou ideológicas, têm efeitos bastante diferentes, até opostos, sobre as mulheres[46] (KELLY, 1984, p. 19).

Além disso, como ressalta Barreiro (2016, p. 54), as figuras femininas são centrais:

> Fosse através de mulheres que em alguma medida ajudaram e foram ajudadas por Kempe (como Julian of Norwich, a abadessa de Denny e mesmo mulheres comuns, como a esposa do homem responsável por seu cárcere), fosse através das santas e seu modelo de santidade. Santas com quem Kempe havia entrado diretamente em contato através de suas visões, compartilhando experiências tais qual o sofrimento por Cristo. Enquanto a fala de mulheres devotas era frequentemente apresentada por homens como uma futilidade trivial, a conversação entre mulheres poderia trazer uma validação muito diferente para seus espaços de fala (BARREIRO, 2016, pp. 54-55).

Tal observação da já citada pesquisadora nos remete à noção de linhagem de uma literatura de autoria feminina medieval. Kempe, em seu texto, além de se colocar como uma mulher que experiencia o divino, traça toda uma genealogia de santas que a precederam e que lhe servem de exemplo e guia. Ou seja, ela não está só nessa jornada de fazer-se escutar no texto. A própria Juliana de Norwich aparece como uma conselheira para Margery em sua busca de firmar uma autoridade espiritual:

> E então Nosso Senhor a ordenou que fosse se encontrar, na mesma cidade, com uma reclusa a que chamavam Dama Juliana. E assim ela o fez, falando-lhe da graça que Deus havia depositado em sua alma e sobre a compunção, a contrição, a doçura e a devoção, a compaixão durante a santa meditação e a alta contemplação e a multiplicidade de santos discursos e conversações entre Nosso Senhor e sua alma, assim como de muitas revelações maravilhosas que à reclusa para assegurar-se de que não existia nenhum engano nisso, pois esta reclusa era experiente em tais questões e sabia como dar sábios conselhos[47] (KEMPE, 2004, pp. 119-120).

---

[46] "One of the tasks of women's history is to call into question accepted schemes of periodization. To take the emancipation of women as a vantage point is to discover that events that further the historical development of men, liberating them from natural, social, or ideological constraints, have quite different, even opposite, effects upon women."

[47] "And than sche was bodyn be owyr Lord for to gon to an ankres in the same cyte, whych hyte Dame Jelyan. And so sche dede and schewyd hir the grace that God put in hir sowle of compunccyon, contricyon, swetnesse and devocyon, compassyon wyth holy meditacyon and hy contemplacyon, and ful many holy spechys and dalyawns that owyr Lord spak to hir sowle, and many wondirful revelacyons whech sche schewyd to the ankres

Essa busca de uma autoafirmação enquanto mulheres que vivenciam o divino e colocam essa experiência em um texto permeia a obra de muitas dessas mulheres. Como sabemos, a condição das mulheres na Idade Média muitas vezes não permitia o exercício da escrita. Assim, teremos várias estratégias de articulação do texto literário como uma forma de burlar esses impedimentos. No caso da obra de Kempe, a autora se utiliza de vários artifícios, como o exagero em relação ao sofrimento que passou por conta das perseguições, por exemplo:

> Ao mostrar o sofrimento que tinha diante das falsas acusações (porque Cristo estava ao seu lado e, portanto, a legitimava), a autora elaborava um discurso que invertia por completo as interdições colocadas à mulher. Com Kempe, a fala feminina não se apresentou como um perigo e mesmo a divindade de Cristo lhe dava permissão para tanto (BARREIRO, 2016, p. 49).

Já Juliana de Norwich deixava clara sua vinculação aos ensinamentos da "Santa Mãe Igreja". Ao mesmo tempo em que seu texto inova ao trazer toda uma simbologia ligada à maternidade e consequentemente aos atributos femininos, a autora inglesa se defende vinculando suas ideias à instituição religiosa a qual pertence. Margery Kempe vai mais além ao se colocar como uma voz feminina que tem um contato constante e imediato com Deus:

> Margery Kempe tensionou o monopólio sobre a palavra a respeito de Deus, apropriando-se da legitimidade de fazê-lo. O movimento que se coloca é duplo: tanto autoriza a fala feminina sobre Deus a despeito das restrições clericais masculinas, quanto usa a própria ferramenta discursiva deles para gerar essa autorização. Kempe parte das Escrituras, elemento fundamental de sustentação da autoridade dos membros da Igreja, para criar uma legitimidade a si mesma. Parte de uma autorização divina – e, portanto, de maior legitimidade que qualquer figura terrena – para estipular a si mesma a possibilidade de enunciação pública (BARREIRO, 2016, p. 49).

Essas mulheres, portanto, antecipam em seus textos muitas das discussões acerca do espaço inferior, convencionado às mulheres como sujeitos enunciativos, denunciado séculos depois pelo feminismo. Ao criarem redes de apoio mútuo e de validação discursiva, como no caso do encontro de Juliana de Norwich e Margery Kempe, no qual claramente podemos perceber que a palavra autoritativa de Juliana, mulher de reconhecida santidade na época, demonstra esse senso de comunidade que vai se criando entre essas autoras:

> Enquanto a igreja seria um local de enunciação para homens, por exemplo, a relação entre mulheres permitiria que falassem (que questionassem suas religiosidades, que se oferecessem apoio ou divergências). Esse espaço permitiria autoridade e

to wetyn yf ther wer any deceyte in hem, for the ankres was expert in swech thyngys and good cownsel cowd gevyn."

> legitimidade ao enunciado feminino, invertendo relações fundamentais de gênero (BARREIRO, 2016, p. 55).

Percebemos, portanto, a transgressão dessas mulheres em relação ao patriarcado medieval inglês cristão, trazendo para si o poder da palavra que tece novos significados e rompe com padrões estabelecidos para o espaço do discurso religioso e literário permitido às autoras. Não podemos esquecer, entretanto, que muitas vezes essas mulheres encontravam apoio e companheirismo entre seus pares masculinos, que também as auxiliavam nesse processo de transgressão em relação ao patriarcado inglês medieval.

Juliana de Norwich e Margery Kempe podem ser consideradas pioneiras num processo de ruptura com a sociedade patriarcal inglesa medieval. Seus escritos trazem o papel feminino numa nova perspectiva de protagonismo dentro da literatura de língua inglesa do medievo. Através dos aportes da crítica literária feminista, da teologia feminista e da história das mulheres, pudemos perceber o quanto esse processo de resgate e releitura pode ser renovador para a constituição de um cânone literário tão rico quanto o da literatura inglesa.

Além disso, tentamos deixar clara a inserção e o diálogo das duas místicas dentro de uma longa tradição de autoras que vêm há séculos rompendo com preconceitos religiosos que durante muito tempo legaram às mulheres uma posição de ostracismo dentro da Igreja Católica. Visionárias, místicas, mulheres do seu tempo e à frente dele, Juliana de Norwich e Margery Kempe transcendem as barreiras religiosas, culturais e literárias de sua época para ecoar suas vozes protagonistas e transgressoras na contemporaneidade.

Essa transgressão, além de extrapolar o espaço concedido ao papel feminino no contexto religioso da época, irá aparecer na forma como essas autoras trabalham a representação do corpo feminino em sua relação com a divindade, bem como a questão de gênero e memória no repertório temático desses textos. Não é à toa que veremos uma autora como Margery Kempe ser acusada de heresia e chegar mesmo a ser aprisionada por conta de seus arroubos místicos. No próximo capítulo, analisaremos como memória, corpo e maternidade se articulam como espaços do feminino nesses textos literários.

3 METÁFORAS DA REPRESENTAÇÃO FEMININA NAS OBRAS DE JULIANA DE NORWICH E MARGERY KEMPE: MEMÓRIA, CORPO E MATERNIDADE

3.1 Quando o esquecimento é pecado: a memória nos escritos literários de autoria feminina medieval

A literatura mística de autoria feminina no medievo é rica em textos que narram experiências visionárias e de êxtase. Essas experiências trazem aspectos muitas vezes memorialísticos e autobiográficos, ou seja, narrativas que apresentam situações vividas pela voz feminina que as relata. O historiador francês Le Goff, em sua obra *História e Memória* (2013), observa que o conceito de memória é crucial: “A memória, como propriedade de conservar certas informações, remete-nos em primeiro lugar a um conjunto de funções

psíquicas, graças às quais o homem pode atualizar impressões ou informações passadas, ou que ele representa como passadas" (LE GOFF, 2013, p. 387).

Na Idade Média, ainda segundo o autor, a memória coletiva formada por diferentes estratos sociais sofreu profundas transformações: "O essencial vem da difusão do cristianismo com religião e como ideologia dominante e do quase monopólio que a Igreja conquista no domínio intelectual" (LE GOFF, 2013, p. 404). E em se tratando do âmbito da literatura de autoria feminina religiosa cristã da Idade Média, pensar o papel da memória na produção de seus escritos é algo fundamental, pois as mulheres tinham, de certa forma, a "obrigação" de registrar suas vivências místicas e extáticas.

3.1.1 Os usos da memória nas obras de Juliana de Norwich e Margery Kempe

As obras *A Revelation of Love* (1395) e *The Book of Margery Kempe* (1438) têm em comum o uso da memória, que constitui, assim, um elemento literário importante e se torna o fio condutor dos textos, visando facilitar a elaboração das narrativas das vivências das duas autoras.

No entanto, como observa Antonio Viñao, a memória não é um mero espelho da realidade, mas, sim, um filtro através do qual recriamos o passado, misturando coisas lembradas e esquecidas:

> A memória não é um espelho, mas um filtro, e o que sai pelo filtro nunca é a própria realidade, mas uma realidade sempre recriada, reinterpretada e, por vezes, até consciente ou inconscientemente imaginada a tal ponto que pode atingir, na mente daquele que se lembra, para substituir, vantajosamente, o que realmente aconteceu[48] (VIÑAO, 2007, p. 1).

Assim, imagina-se e se recria essas experiências através da reinterpretação proposta pelo ato do registro escrito, da prática textual. Nesse sentido, podemos considerar as duas narrativas em estudo como interpretações e, podemos mesmo pensar, recriações de experiências místicas vividas pelas duas autoras.

Temos, então, dois textos nos quais as místicas Juliana de Norwich e Margery Kempe relatam suas visões de Cristo e de outras personalidades do universo católico, como a Virgem Maria, Maria Madalena, entre outras. Como destaca a historiadora Michelle Perrot, "As

[48] "La memoria no es um espejo, sino um filtro, y lo que sale a través del filtro, no es nunca la realidade mism, sino uma realidade siempre recreada, reinterpretada y a veces, incluso, consciente o inconscientemente imaginada hasta tal punto que puede llegar, em la mente del que recuerda, a substituir, com ventaja, a lo realemente acaecido."

mulheres são imaginadas, representadas, em vez de serem descritas ou contadas" (2015, p. 17) A partir de tal constatação, podemos já analisar o quanto os textos de Juliana de Norwich e de Margery Kempe rompem com paradigmas literários de representação das mulheres em um contexto medieval e eminentemente religioso. Em vez de terem suas vivências contadas, mesmo que nas versões que restaram tenhamos a transcrição de seus relatos por parte de escribas, elas mesmas contam o que vivenciaram: suas impressões, sensações, interpretações etc.

Percebemos, nesse sentido, a busca da construção de uma linhagem feminina no tocante aos textos que se configuram como memorialísticos e discutimos, "[...] a ausência dos escritos autobiográficos de autoria feminina nos estudos teóricos e críticos definidores das particularidades do gênero literário que abarcam as escritas de si" (DEPLAGNE, 2018, p. 96).

No caso de Margery Kempe e Juliana de Norwich, temos o relato de suas experiências místicas, o que não deixa de ser uma forma de relato memorialístico. E nesse contexto, "[...] falar em memórias de mulheres – coletivas e/ou individuais – é falar de relações de poder" (DEPLAGNE, 2018, p. 97). É graças a esses escritos que se ouve o "eu", a voz das mulheres e como essas vozes são entretecidas e muitas vezes se perdem em meio às questões de poder, seja ele secular, seja religioso. Vozes em tom menor, mas de mulheres cultas ou, pelo menos, que tiveram acesso à escrita, fosse de próprio punho, fosse através da figura de um escriba (PERROT, 2015, p. 30). Podemos concluir então que "[...] a memória é um dos suportes essenciais para o encontrar-se dos sujeitos coletivos, isto é, para a definição dos laços de identidade" (FÉLIX, 1998, p. 35). A partir do ato de rememorar, de lembrar, os sujeitos se constituem como vozes com todas as suas singularidades e, ao mesmo tempo, semelhanças de experiências.

No caso das obras das autoras em estudo e de suas conterrâneas anteriormente citadas, dessas mulheres que, mesmo sob uma supervisão acirrada do meio religioso e cultural em que viviam, conseguiram deixar para a posteridade obras que apresentam uma riqueza literária ímpar por meio dos seus relatos, sejam eles visionários, autobiográficos, memorialísticos ou epistolares (ou ainda textos que mesclem todos ou parte desses gêneros literários). Como observa Le Goff, "[...] tornar-se senhores da memória e do esquecimento é uma das grandes preocupações das classes, dos grupos, dos indivíduos que dominaram e dominam as sociedades históricas" (2003, p. 422). Percebemos que em todos os escritos de autoria das místicas há um movimento no sentido de não esquecer o vivido, de não perder de vista aquilo que constituiu matéria de uma vida.

Destaca, ainda, Le Goff (2017) que a memória estava no centro do cristianismo. Inicialmente ligada ao ritual fúnebre, ela tornava presente os que já tinham partido, fosse pela

articulação de palavras, fosse pela manipulação de objetos. Isso valia tanto para os mortos comuns quanto para os "mortos especiais" (os santos):

> Estendendo-se, o termo *memoriae* aplicou-se às igrejas ou aos altares que detinham esses objetos. No domínio do profano, a *memoria* desempenhava um papel importante, confirmando a legitimidade das leis e instituições, que dependia da *consuetudo* e do precedente. Nos *juries* ingleses como nas *enquêtes* francesas e nos *Weistümer* germânicos, **indivíduos sob juramento deviam contar o passado para estabelecer o presente e o futuro** (LE GOFF, 2017, p. 191). (Grifos nossos)

Essa definição ratifica o valor do conhecimento do passado como fundamental para a construção e compreensão do presente e do futuro. Le Goff ainda destaca que a memória estava no centro da psicologia de Santo Agostinho, um dos maiores pensadores da Igreja medieval e uma das maiores influências da teologia juliana. Segundo Agostinho, a inteligência humana era composta de *intelligentia*, *amor* e *memoria*: "A memória era a memória do pecado e de Deus, a memória como distração e como consciência, a ponte entre a perfeição intemporal do Criador e a natureza temporal e múltipla da criatura humana imperfeita" (LE GOFF, 2017, p. 192). No texto que estamos analisando, a memória tem a função de provocar essa consciência da divindade que faz com que os cristãos não caiam no pecado da distração, ou seja, do esquecimento de seus compromissos como cristãos. O esquecimento, assim, é visto como uma morte, um pecado, pois se perdem os ensinamentos do que se experimenta:

> O esquecimento é um aspecto fundamental da memória e é reconhecido como tal na Idade Média. A exaltação da memória e a obrigação de recordar eram conscientemente contrariadas e ameaçadas pelo esquecimento, e considerava-se que o espírito humano era fraco e inferior à empreitada (GEARY, 2017, p. 205).

No caso da obra de Juliana de Norwich, o esquecimento (como se percebe a forte influência dos escritos de Santo Agostinho presente em sua obra) é visto como pecado: algo que causa a separação dela em relação a Deus: "Através da lembrança, ela espera a reparação da transgressão do 'pecado do esquecimento'"[49] (TRACY, 2015, p. 148). Como destaca Aquino em seu estudo sobre memória e consciência histórica, isso se dá porque "[...] enquanto experiência que se dá no fluxo do tempo, a narração em sua estrutura permite recolhermos os modos como se dá toda a nossa experiência no e com o tempo" (AQUINO, 2006, p. 87). A narrativa constitui, dessa forma, um modo de sobrevivência no tempo dessas experiências que formam o que poderíamos chamar de literatura mística de autoria feminina.

[49] "Though recollection, she hopes to redress the transgression of the 'sin of forgetfulness.'"

Por meio da constante rememoração de suas visões, Juliana desenvolve novas percepções acerca de sua experiência com a divindade, "[...] enfatizando como a rememoração repetida de suas visões e de sua natureza dramática leva a uma melhor compreensão delas"[50] (TRACY, 2015, p. 152) (Tradução minha). Além disso, a memória constitui um elemento importante, objetivando facilitar a elaboração da narrativa de suas visões, desenvolvendo um enredo que seja de fácil assimilação para os leitores. O objetivo dessa valorização da memória se dá no sentido de uma "memória da fé", através da constante rememoração de Deus, a fim de uma melhor compreensão dos mistérios divinos ou ainda do impulso de escrever "commanded by God" ("ordenada por Deus"), no caso do texto de Margery Kempe:

> Aqui tem início um tratado curto e reconfortante para indignos pecadores, no qual eles podem ter grande alívio e conforto para eles mesmos e compreender a alta e indescritível misericórdia de nosso soberano Salvador, o Senhor Jesus Cristo - cujo nome deve ser louvado e adorado sem fim – que agora em nosso tempo se digna a exercer Sua Nobreza e Bondade conosco, que somos indignos (KEMPE, 2015, p. 4)[51].

Vale ressaltar que esse artifício de escrever "sob ordem divina" era muito comum às místicas medievais, pois tal artifício lhes conferia autoridade textual. E essa memória que é registrada sob os auspícios divinos é algo caro à Idade Média. Daí a perda de memória ou uma memória imperfeita, como observa Tracy (2015), pode ser considerada uma afronta à relação ser humano-divindade. Ameaçar a memória é ameaçar a fé de um indivíduo.

Como o já citado Le Goff destaca, era grande a influência cristã como ideologia e religião dominante:

> Cristianização da memória e da mnemotécnica, repartição da memória coletiva entre uma memória litúrgica girando em torno de si mesma e uma memória laica de fraca penetração cronológica, desenvolvimento da memória dos mortos, principalmente dos santos, papel da memória no ensino que articula o oral e o escrito, aparecimento, enfim, de tratados de memória (*artes memoriae*), tais são os traços mais característicos das metamorfoses da memória na Idade Média (LE GOFF, 2013, p. 405).

Essa cristianização da memória de que nos fala Le Goff é fundamental para se compreender o registro que essas mulheres fazem de suas vidas. No caso de Margery Kempe, a memória é fio condutor para tentar compreender as suas vivências com o sagrado. Dessa

---

[50] "[…] emphasizing how repeated recollection of her visions and their dramatic nature led to a better understanding of them."

[51] "Here begins a short and comforting treatise for sinful wretches, in which they might have great solace and comfort for themselves and understand the high and indescribable mercy of our sovereign Saviour, Lord Jesus Christ – whose name shall be worshipped and magnified without end – who now in our time deigns to exercise His nobility and His goodness to us, the unworthy ones."

forma, maximizar o poder memorialístico do enredo dessa narrativa potencializa o poder transformador das visões sobre a narradora-personagem e seu público. No trecho a seguir, temos um relato de sua conversa com o vigário de Norwich:

> Então ela se sentou na igreja. Ela, sentada um pouco para o lado, contou a ele todas as palavras que Deus a tinha revelado em sua alma. Depois disso, ela contou para ele tudo que ela havia vivido desde sua infância até Nosso Senhor Jesus Cristo, o quão orgulhosa e vã ela fora em seu comportamento, o quão obstinada contra as leis de Deus e o quão invejosa de seus irmãos cristãos; e, depois, o quanto agradou ao Senhor Jesus Cristo, o quão purificada ela foi com muitas atribulações e tentações horríveis e como depois disso tudo ela foi alimentada com meditações sagradas e ficou especialmente atenta para com a Paixão de Nosso Senhor[52] (KEMPE, 2015, p. 39).

Assim, Kempe narra os fatos de sua vida que a levaram a buscar uma vida consagrada à divindade. O tempo rememorado constitui esse fio que tece o enredo de sua experiência. Segundo Castagnino, o tempo "[...] é o que confere à memória existência vital, à essa memória que é simultaneamente a substância do processo de existir individual e coletivo, e da obra literária" (1970, pp. II-III). O tempo nas narrativas em estudo constitui, portanto, eixo norteador e condutor do texto literário. Dessa maneira, o manejo com a categoria tempo narrativo, principalmente num relato memorialístico, como é o caso dos textos das autoras medievais, atribuirá ou não autoridade e confiança a esses textos.

De fato, Perk destaca que, no pensamento medieval, a memória era considerada uma virtude moral. A pesquisadora destaca a importância do estudo do enredo da narrativa memorialística, no caso da narrativa visionária de Juliana de Norwich, ressaltando o papel condutor da narradora em primeira pessoa: "Tal investigação capta como a narradora descreve a si mesma como imprimindo o *significado* (ou *intenção*) das visões na memória dos companheiros cristãos e como ela se apresenta como confiável transformando a *matéria* e o *significado* das memórias das visões em *matéria* e *significado* dos textos" (PERK, 2016, p. 51) (Grifos da autora)[53].

Portanto, aspectos literários de *A Revelation of Love,* tais como sua notável construção imagística, o uso abundante de metáforas relacionadas aos textos bíblicos, a criação de uma

---

[52] "Then she sat himself down in the church. She, sitting a little to one side, told him all the words that God had revealed to her in her soul. After that she told him all her manner of living from her childhood towards our Lord Jesus Christ, how proud and vain she had been in her deportment, how obstinate against the laws of God, and how envious towards her fellow Christians; and, later, when it pleased our Lord Christ Jesus, how chastised she was with many tribulations and horrible temptations and how afterwards she was fed and comforted with holy meditations and was especially mindful of our Lord's Passion."

[53] "Such an investigation captures how the narrator depicts herself as imprinting the *mening* (or *entent*) of the visisons on the *evencristen*'s memory, and how she presentes herself as reliably turning the *mater* and *mening* of the visions into the *mater* and *mening* of the texts."

parábola de sua autoria (a parábola do "Senhor e do Servo"), o seu diálogo com textos hagiográficos (como a referência à história de Santa Cecília, presente no Texto Curto) podem ser lidos como tendo uma função mnemônica. Lembremos que, no texto, Juliana dirige-se aos seus "companheiros cristãos" ("*evencristen"*) denotando tanto a consciência de possíveis leitores para sua obra quanto a função didático-religiosa desta.

A memória aqui é fundamental; o fio condutor da sua tessitura textual: "Ainda, mais do que uma tela na qual uma reprise de suas visões é projetada em seu pensamento, a memória define e molda as experiências de Juliana"[54] (TRACY, 2015, p. 152). A memória se torna o fio condutor da narrativa e uma preocupação constante, não só da autora em análise, mas de outras obras religiosas inglesas medievais, como a anônima *The Cloud of Unknown* (*A nuvem do esquecimento*).

A própria memória, na sua constante reelaboração de fatos vividos, constitui o princípio por meio do qual teremos a produção do Texto Longo, considerado por muitos estudiosos uma revisão do Texto Curto, cuidadosamente pensado ao longo de dez anos após as visões: "Na *Revelation* ela descreve Deus renovando a memória da personagem Juliana acerca das visões através de 'momentos de iluminação e inspiração'" (PERK, 2015, p. 51) (Tradução nossa)[55]. Comparando sua alma e dos outros cristãos a uma Cidade Divina (referência aqui à *Cidade de Deus* agostiniana), Juliana observa que:

> Deus fez desta Cidade Divina a Sua morada e de lá jamais sairá. Ele nunca se ausenta da alma, pois ali está a Sua felicidade sem fim. Isto está revelada na Décima Sexta Visão, com as seguintes palavras: "*O lugar onde Jesus faz Sua morada é a nossa alma, e de lá Ele jamais se ausentará*" (NORWICH, 2018, p. 150)[56] (Grifos da autora).

A vívida imagem aqui criada, essa "Cidade Divina" que é a alma, tem uma função mnemônica: "Assim a narradora faz com que sua personagem-alter ego e seus companheiros cristãos estejam constantemente envolvidos nos processos de lembrar" (PERK, 2015, p. 52) [57]. Vale destacar, mais uma vez, o valor de virtude moral da memória na Idade Média. Dessa forma, maximizar o poder memorialístico do enredo dessa narrativa e o poder transformador

[54]"Yet, even more than a screen on which a replay of her visions is projected in her mind, memory defines and molds Julian's experiences."

[55]"In *Revelation* she depicts God as renewing character Julian's memory of the visions by 'lightenings and touchings.'"

[56]Deste ponto do texto em diante faremos uso da tradução de *A Revelation of Love* de Maria Eizabeth Hallak Nielsen: NORWICH, Juliana de. *Revelações do Amor Divino*. (Trad.de Maria Eizabeth Hallak Nielsen). Petrópolis: Vozes, 2018. (Série Clássicos da Espiritualidade).

[57]"Thus, the narrator makes her character-alter ego and her *evencristen* constatly engage in processes of remenbering."

das visões sobre a narradora-personagem e seus companheiros cristãos. Faz-se, então, necessário o emprego do Tempo como artifício doutrinário e literário dentro do texto da mística da Igreja de St. Julian em Norwich.

O tempo nas narrativas em estudo constitui, portanto, eixo norteador e condutor do texto literário. Dessa maneira, o manejo com a categoria tempo narrativo, principalmente num relato memorialístico visionário, como é o caso dos textos das místicas medievais, atribuirá ou não autoridade e confiança a esses textos.

Essa literatura, além de seus valores literários e estéticos, contém em si os primórdios de toda uma tradição, de toda uma linhagem de autoras que vai se desenhando conforme os pesquisadores acerca da literatura de autoria feminina voltam seus olhares para o passado.

A forma como essas mulheres irão trabalhar a questão do tempo também influencia em sua aceitação ou não dentro do cânone literário. Como observa Carruthers, "a habilidade da memória de relembrar e representar percepções passadas é a fundação de todo o treinamento moral e da excelência de julgamento" (2008, p. 155)[58]. Compreende-se, portanto, que um indivíduo de memória notável na Idade Média era amplamente considerado.

Juliana de Norwich, em sua narrativa mística, ressalta cada vez mais o fato de que "[...] memória, enredo e a capacidade humana de compreender e criar narrativas tem sido consideradas como elementos que afetam uns aos outros" (PERK, 2015, p. 51)[59]. Vejamos alguns trechos de sua obra que destacam esse fato da importância da criação narrativa como elemento mnemônico:

> Ainda na flor da juventude, imaginei quão profunda tristeza seria morrer – não porque existisse na Terra algo pelo qual eu achasse valer a pena viver, ou porque temesse padecer de quaisquer dores – minha confiança jazia no Senhor e na Sua misericórdia! –, mas porque gostaria de haver podido adorar a Deus e servi-Lo mais e por mais tempo, e assim alcançar um entendimento mais profundo de Deus e de Seu amor quando chegasse ao êxtase celestial (NORWICH, 2018, p. 14).

Neste excerto, podemos observar a ânsia por parte da personagem Juliana no sentido de não morrer sem ter servido de alguma forma a Deus. O medo da morte também se confunde com medo do esquecimento: o medo do desconhecido e desse pecado de não deixar para os seus irmãos cristãos o registro, a memória das experiências vividas pela visionária. Afinal,

[58] "[...] the ability of memory to re-collect and represent past perceptins is the foundation of all moral training and the excellence of judgement."

[59] "[...] memory, plot and the human capacity for comprehending and creating narrative have been thought to affect one another."

como tantos pensadores cristãos, como Agostinho, irão ressaltar: lembrar é viver e deixar viva a palavra que relata suas vivências com o divino.

A mística de Norwich ainda destaca a fugacidade do tempo: "É preciso que estejamos cientes da fugacidade de todas as coisas criadas, para que possamos amar e conter em nós o próprio Deus, que é eterno" (NORWICH, 2018, p. 20). Escrever, neste sentido de produzir uma narrativa, é uma forma de acessar a transcendência, de conservar no âmago do ser e compartilhar com os demais o contato com o divino, o contato e o amor por esse Deus, que ela descreve como Todo-Poderoso, Todo-Sabedoria e Todo-Bondade. Além disso, "Deus deseja ser conhecido e se deleita que permaneçamos imersos Nele, pois tudo o que é menos do que Ele não nos sacia" (NORWICH, 2018), daí a importância de compartilhar e registrar a memória da vivência mística.

Não podemos esquecer que as autoras, no caso de Juliana de Norwich, sendo uma religiosa do século XIV e, portanto, um membro do clero, tinha o registro da memória como uma de suas principais atribuições enquanto tal. Margery Kempe, enquanto leiga que almeja em toda sua narrativa uma autoconstrução hagiográfica, também necessitava desse registro como forma de se autolegitimar enquanto uma mulher santa. Lembrar e registrar, portanto, são movimentos no mesmo sentido tanto afirmativo, enquanto voz feminina que escreve e se insere numa tradição de escritos místicos medievais, quanto de uma personagem feminina que traz muitos elementos do universo feminino para sua caracterização.

A obra *A Revelation of Love,* da anacoreta Juliana de Norwich, permanece como representativa de uma tradição de autoras pioneiras ao transgredir a imagem tradicional de Deus: através do relato de suas visões da divindade, a imagem de Jesus Cristo como uma mãe, o que suscita reflexões acerca das representações de gênero na Idade Média inglesa. No caso do *Book of Margery Kempe,* o constante rememorar como processo de compreensão e registro dessa vivência se traduz numa ânsia por autoridade de seu discurso. A memória constitui, assim, um elemento central para a percepção de suas experiências visionárias. E essa memória muitas vezes toma a forma de uma memória do corpo, uma "memória corporal" que apresenta, em formato de narrativa, como essas vozes femininas experienciaram através dos seus corpos esse contato com o divino.

3.1.2 Um corpo amante em busca do corpo amado: representações do corpo nas obras de Juliana de Norwich e Margery Kempe

Os textos de Juliana de Norwich e Margery Kempe trazem muitas representações da corporeidade inserida numa perspectiva do "corpo amante em busca do corpo amado", sendo este corpo nada mais nada menos do que o corpo de Cristo. Em suas palavras, temos a voz de sujeitos "desejantes", de um desejo que busca o corpo do amado divino. São corpos femininos que desejam, com toda a intensidade possível, realizar, através da alma amante, o encontro com o amado que as preencherá com todo o seu amor. Podemos afirmar que essas místicas inscrevem e escrevem seu corpo em suas narrativas visionárias. Elas traçam os caminhos dos seus corpos com a palavra do êxtase e da contemplação do amado Cristo, rompendo as amarras que amordaçaram tanto tempo a escrita feminina acerca do fruir erótico-místico que marca essas experiências.

Como sabemos, o desejo se aproxima da ação de desejar, de ter vontade de possuir algo ou alguém. Assim, o desejo se acerca da apropriação, da posse, do ter, e não tanto do ser, veiculando a ideia de domínio do outro. Todo desejo parte de uma separação – no sentido da diferenciação – de duas substâncias semelhantes. Nesse sentido, para desejarmos algo, é preciso que em nós esteja uma parte daquilo que desejamos. Trata-se de uma atração profunda, de tal forma que, quando o desejo aparece, tudo põe em marcha para ser satisfeito: o desejo é o princípio de todo movimento. No caso do desejo de Deus, da divindade crística, tão presente na obra das duas místicas inglesas, temos nele mesmo o motor de suas ações relatadas nas narrativas. A busca da *unio mystica*, da comunhão amorosa e profunda entre Criador e criatura.

3.1.2.1. Autolegitimação e representações literárias do corpo feminino

Ao tratarmos da questão do desejo ao iniciarmos esse subtópico, tocamos também no ponto do "corpo que deseja", e em se tratando de narrativas místicas de autoria feminina, podemos observar, como destaca a pesquisadora Liz Herbert McAvoy, no seu estudo *Authority and Female Body in the Writings of Julian of Norwich and Margery Kempe* (Brewer, 2004), que servirá como uma das fundamentações teóricas para discussão da temática aqui abordada, que a forma como essas mulheres abordam seus corpos nesses textos irá conferir-lhes ao mesmo tempo perseguição por parte das autoridades eclesiásticas e, por outro lado, contribuição para a autolegitimação de si mesmas enquanto mulheres que experienciam esse contato mais direto com o divino em suas várias representações. Perseguição no sentido da "[...] crença comum na Idade Média, que se manifesta em grande parte de sua literatura, de que a mulher era 'a porta do diabo', com efeito, o portal para a localização anárquica e degenerada da luxúria e do apetite

descontrolado"[60] (MCAVOY, 2004, p. 2). Ou seja, as mulheres eram vistas sob a sombra de Eva, a pecadora do livro do Gênesis, que levara Adão e consequentemente toda a humanidade à perdição, por ter comido do fruto proibido da árvore do conhecimento. Autolegitimação quando observamos os caminhos através dos quais as autoras em estudo, Margery Kempe e Juliana de Norwich, rompem com as barreiras de seus espaços convencionais, no caso, principalmente o espaço doméstico atribuído às mulheres, e, com suas vozes - e corpos, inscrevem suas vivências em lugares para além dessas fronteiras, construindo assim uma autoridade textual e pessoal que, segundo Liz McAvoy, era dependente de uma reconstrução interna de seus textos do que eram consideradas algumas das particularidades da experiência corporal feminina (2004, p. 3).

Assim, essas mulheres tentam exceder o espaço ao qual estão confinadas pelas regras sociais. Margery Kempe, por exemplo, literalmente excede esse espaço ao se colocar como uma mulher que peregrina a vários sítios sagrados da Cristandade. Juliana de Norwich também ultrapassa os espaços limitados da reflexão teológica conferida às mulheres de seu tempo, produzindo uma obra que ultrapassou sua época em termos de refinamento teológico. O espaço doméstico era visto como o espaço principal de atuação de uma mulher leiga como Kempe, constituído principalmente das atividades de cuidados e nutrição dos filhos, sendo que qualquer movimento fora desse ambiente era muitas vezes visto com suspeição e alvo de acusações de comportamento transgressivo. No caso de Juliana de Norwich:

> O espaço, no entanto, não é meramente uma entidade geograficamente ou arquitetonicamente estática. O espaço [...] é também uma abstração, um ideólogo culturalmente construído que combina localização e relações sociais, que passam a se reforçar mutuamente. Os significados culturais atribuídos aos espaços fechados do quarto e da cela tão importantes para Juliana de Norwich, por exemplo, são úteis para demonstrar tanto a ruptura quanto a continuidade em sua escrita[61] (MCAVOY, 2004, p. 5).

Podemos, portanto, observar na citação acima o quanto o espaço é crucial para que essas mulheres possam articular as suas transições da falta de conhecimento e imaturidade em termos de experiência transcendente, para uma maturação e reflexão acerca do que fora experimentado por elas: Margery Kempe, através da ultrapassagem do mero espaço doméstico

[60] "[…] the common belief in the Middle Ages, which manifests itself in much of its literature, that woman was 'the devil's gateway', in effect, the portal to anarchic and degenerate location of lust and uncontrolled appetite."

[61] "Space, however, is not merely a geographically or architecturally static entity. Space […] is also an abstraction, a culturally constructed ideologue which combines both location and social relations, which then proceed to reinforce one another. The cultural meanings attached to the enclosed spaces of bedroom and anchorold so important to Julian of Norwich, for example, are useful for demonstrating both rupture and continuity in her writing."

em suas peregrinações pelos locais sagrados, e Juliana de Norwich, no silêncio de sua cela de anacoreta para uma melhor compreensão de suas vivências que gerariam o Texto Longo de suas *Revelações*, que viria a lume vinte anos transcorridos após a experiência mística, segundo ela mesma revela no seu texto.

São nesses espaços também que seus corpos vivem e experimentam o contato místico com a divindade. São muitas vezes nesses espaços que seus corpos podem conhecer o "corpo amado". Mas não somente isso. Ressalta Bordo que o corpo é um agente da cultura, "ele é uma poderosa forma simbólica, uma superfície na qual as normas centrais, as hierarquias e até os comprometimentos metafísicos de uma cultura são inscritos e assim reforçados através da linguagem corporal" (BORDO, 1997, p. 19). O corpo, nesse sentido, também pode funcionar como uma metáfora da cultura. Mas ele não é apenas um texto da cultura; segundo a estudiosa, ele se constitui como um lugar prático direto de controle social. Quando pensamos no corpo feminino e no contexto da Idade Média, esse controle social se faz ainda mais evidente. E tal questão é fundamental para pensarmos a representação, ou melhor, as representações do corpo nas obras de Juliana de Norwich e Margery Kempe.

A fim de examinar a importância do corpo feminino nas obras das supracitadas autoras, faz-se necessário recorrer a algumas abordagens teóricas acerca desse corpo. Teóricas como Judith Butler e seus estudos acerca de gênero como *performance* são de grande valia para nosso estudo, para que possamos compreender como mulheres como as duas místicas inglesas, "[...] mapearam sua própria percepção do corpo feminino como um meio de obter acesso à autoridade para sua escrita"[62] (MCAVOY, 2004, p. xx). E podemos nos perguntar como o corpo feminino é visto no contexto medieval para que possa ser um dispositivo de autolegitimação através de sua representação nas narrativas aqui estudadas. Para tanto, precisamos analisar algumas teorias acerca do corpo na Idade Média. Vale destacar o que escreve Calude Thomasset sobre o pensamento medieval acerca do corpo feminino:

> As palavras reservadas para definir a mulher servem unicamente para evocar a sua função principal: até a sua fraqueza física, garantia de submissão ao homem, favorece a procriação. Esta adaptação e esta redução a uma função permitem a todos os teólogos detractores da mulher fazerem economia de uma reflexão sobre a sua psicologia, considerando-a como uma força inquietante, como um corpo que escapa ao domínio de um espírito, como um ser governado pelos seus órgãos, e em particular pelos seus órgãos sexuais. A mulher é inteiramente um ser natural, já que é o instrumentoda continuidade da raça humana, o elemento essencial da Natureza, essa força ativa que estabeleceu e que mantém a ordem do universo. (THOMASSET, 1990, p.70).

[62] "[...] mapped out their own perception of the female body as a means to gaining access to authority for their writing."

Neste sentido, as palavras utilizadas para se referir às mulheres reforçavam mais ainda os estereótipos acerca de seus corpos. Segundo McAvoy (2004), os escritos do médico e filósofo grego Galeno (129 d.C. - 216 d.C.) foram fundamentais para a construção das teorias medievais acerca do corpo. Ele compartilhava com Aristóteles um desejo de criar uma ciência coesiva e racional baseada em preceitos filosóficos e uma análise intelectual, aderindo à chamada teoria das duas sementes, a qual postulava que tanto o homem quanto a mulher produziam as sementes para a geração dos filhos. Outra teoria bastante popular de sua autoria (alguns estudiosos vão atribuir também a Hipócrates) era a dos quatro fluidos humorais (temperamentos), que ele considerava serem responsáveis pela saúde dos indivíduos: sanguíneo, fleumático, colérico e melancólico. Cada um deles ligado a um dos quatro elementos respectivamente: terra, ar, fogo e água.

Na lógica proposta, as doenças não surgiam a partir de fora do indivíduo e sim de um desequilíbrio interno desses temperamentos. Vale lembrarmos, como afirma Schmitt, que a sociedade ocidental medieval, entre os séculos IV e XIV, "[...] foi dominada por uma representação religiosa do mundo e, em particular, do infortúnio sob todas suas formas, de suas causas, dos meios de se preservar e de aliviá-los" (SCHMITT, 2014, p. 284). Tal fato conferia um importante papel à Igreja, que interferia de várias formas na interpretação tanto da doença quanto no lidar com o corpo adoecido.

Para a análise da representação do corpo feminino na obra das místicas inglesas, a questão do papel da doença é algo que precisa ser levado em conta, visto que suas experiências transcendentais começam a acontecer após experimentarem períodos de adoecimentos que as levam à beira da morte, como no caso de Juliana, em sua enfermidade misteriosa que teria durado "três dias e três noites", ou à beira da loucura, como Margery Kempe após o nascimento do primeiro filho. Essas doenças podem ser vistas como espécies de autoiniciações e transformações preparativas para a vivência mística:

> Para ambas as mulheres, a doença é representada como uma experiência auto iniciadora e transformadora que desencadeia um processo que, por fim, leva à escrita. Em outras palavras, ela anuncia sua emergência em uma agência primeiramente encenada por meio do texto de seus próprios corpos sofredores e, posteriormente, traduzida para a palavra escrita na página. No decorrer dessa tradução, seus próprios corpos femininos são incorporados à sua escrita e se tornam sinônimo de individualidade, epifania e agência em si[63] (MCAVOY, 2004, p. 10).

[63] "For both women, illness is represented as a self-initiated and transformative experience which sets in motion process which ultimately leads to writing. In other words it heralds their emergence into an agency first enacted by means of the text of their own suffering bodies, and later translated into the written word on the page. In the

A doença poderia ser vista aqui também em seu potencial autolegitimador, pois não podemos esquecer que estamos diante de relatos que buscam construir uma visão de santidade dessas mulheres, e o sofrimento através da doença também contribui para se criar esse tom autohagiográfico das narrativas. Elas buscam, de certa forma, construírem suas imagens de mártires para assim obterem "autorização" para descreverem e escreverem suas vivências divinas. Schmitt destaca mesmo que "[...] a enfermidade é imediatamente percebida como uma linguagem, com todos os níveis de significação simbólica [...]" (2014, p. 284), e a linguagem do adoecimento estará presente não somente na obra das autoras estudadas, mas nos relatos de outras místicas, como a espanhola Teresa d' Ávila no século XVI e Hildegarda von Bingen.

A própria Juliana de Norwich, no dia 13 de maio de 1373, data das revelações, conforme escrito no seu livro, pede que Deus lhe conceda três graças: "A primeira foi a da contemplação de sua paixão, a segunda foi uma doença corporal, na juventude, aos trinta anos de idade, e a terceira foi ter três feridas como graças de Deus" (NORWICH, 2018, p. 23). A própria narradora pede que seja acometida por uma doença especificamente "corporal" justificando esse desejo da seguinte forma:

> A segunda veio à minha mente com contrição, eu livremente desejando ter uma enfermidade tão severa que pareceria mortal, a ponto de receber todos os ritos da Santa Igreja; então eu mesma pensaria que iria morrer, igualmente presumindo todos os que me vissem. Pois desejei não ter nenhum conforto na vida terrena. Nessa enfermidade, desejei ter todos os tipos de dores corporais e espirituais que teria se eu morresse, com todos os medos e tentações dos demônios, exceto a morte da alma. E isso porque desejo ser purificada pela misericórdia de Deus e depois viver mais para louvá-lo, por causa dessa doença. E que isso fosse recompensa na minha morte, pois desejei estar logo com meu Deus (NORWICH, 2018, pp. 23-24).

Assim, a mística de Norwich busca a doença e até mesmo a morte como forma de purificação e de união com a divindade. Notemos que ela deseja todo o tipo de sofrimento para o corpo, visto que esse deveria ser purificado e transformado como preparação para a vivência mística, mas ela não deseja a morte de sua alma. Fazer sofrer o corpo para salvar a alma. Vejamos o trecho no qual Juliana de Norwich narra sua doença:

> E quando eu tinha trinta anos e meio, Deus me enviou uma doença corporal, e fiquei no leito três dias e três noites. E na quarta recebi todos os ritos da Santa Igreja, pois pensei que não teria mais vida ainda naquele dia. E depois disso definhei por dois dias e duas noites, e na terceira noite pensei muitas vezes que iria morrer. [...] Assim resisti até que raiou o dia; mas então, meu corpo estava morto da metade para baixo, assim

course of this translation, their own female bodies become incorporated into their writing and become synonymous with selfhood, insight and agency itself."

> como eu sentia. Com ajuda, eu me sentei, com apoio nas costas, para o meu coração ter mais liberdade de realizar o desejo de Deus e poder pensar em Deus enquanto minha vida se mantinha (NORWICH, 2018, p. 25).

E ela espera que advenha a morte. O pároco de sua comunidade chega e coloca uma cruz diante de seu rosto e pede para que ela olhe e se conforte na imagem de Jesus Cristo crucificado. No entanto, sua visão começa a falhar e tudo de repente fica escuro no quarto onde ela se encontrava. Nesse momento, começa o processo das visões que iriam dar origem às suas *Revelações*. É interessante notar justamente que a doença corporal que a acomete é o motor que desencadeia todas as percepções místicas que irão se seguir. A doença como caminho de iniciação e transformação para a experiência com o divino.

No caso de Margery Kempe, a enfermidade que quase a conduziu à loucura absoluta aconteceu logo após o nascimento de seu primeiro filho, aos vinte anos de idade, conforme relata em seu *Livro*:

> Então esta criatura, sobre a qual este tratado, pela misericórdia de Jesus, mostrará só parcialmente, sua maneira de viver, foi submetida à prova por obra de Nosso Senhor mediante uma grave enfermidade pela qual ela perdeu a razão durante longo tempo, até que a graça de Nosso Senhor lhe devolveu de novo a saúde, como depois se mostrará com maior amplitude[64] (KEMPE, 2015, pp. 3-4).

Tal doença, não apenas corporal, mas também mental, deixou-a irreconhecível para seus parentes e amigos, pois relata que via demônios com suas bocas cheias de fogo e que lhe pediam que renunciasse à sua fé e às suas crenças, negasse a Deus e aos santos, bem como aos seus familiares e amigos:

> E assim o fez. Difamava seu marido, seus amigos e a ela mesma. Pronunciava muitos insultos e vitupérios, não reconhecia virtude nem bondade alguma; desejava toda a maldade, exatamente como os espíritos a tentavam para que dissesse e fizesse assim ela dizia e fazia. Ela teria se matado várias vezes como eles a incitavam a fazer e havia sido condenada com eles ao inferno e como prova mordeu a sua mão com tal violência que se pôde ver a cicatriz durante o resto da sua vida. E ela também arrancou violentamente a pele de seu corpo perto de seu coração com suas unhas, por não dispor de nenhuma ferramenta, e teria feito algo pior se não estivesse atada e sujeitada à força de dia e de noite, de modo que não podia fazer o que queria.[65] (KEMPE, 2015, p. 11-2).

---

[64] "Then this creature (of whom this treatise shall, through the mercy of Jesus, reveal in part the manner of living) was touched by our Lord's hand with great bodily sickness through which she lost her reason and her wits for a long time until our Lord, by grace, returned her to health again, as shall later be shown more openly."

[65] "And so she did. She slandered her husband, her friends, and her own self; she spoke many a malicious word and many a wicked word; she knew neither virtue nor goodness; she desired all wickedness; just as the spirits tempted her so say and do, so she said and did. She would have killed herself many a time at their promptings and been damned with them in Hell, and in witness of this she bit her own hand so violently that the scar could be seen afterwards all her whole life. And she also violently tore her skin on her body over her heart with her

Observamos, nesta passagem, o quanto a doença que a afligira fora talvez mais violenta do que a sua contemporânea de Norwich sofrera. Além disso, temos aqui a presença dos demônios que a afligiam e a incitavam a renegar sua fé e seus entes queridos. Temos aqui um duplo martírio: o do corpo, pois ela era violenta para consigo; e o da alma, ao ser atormentada por seres malignos. Tudo isso contribui para construir e afirmar sua imagem enquanto mulher que fora salva da doença e das tentações do diabo. Assim, Kempe, através dos relatos de superação em sua obra, através da aparição do Cristo sobre a cabeceira de seu leito, que lhe diz "Filha, porque me abandonaste e eu nunca te abandonei?", e da sua total entrega às lágrimas e aos prantos que iriam marcar sua trajetória daí por diante, tece sua auto-hagiografia e legitima seu relato como sendo de origem divina e miraculosa.

Assim, como podemos constatar, a linguagem do corpo feminino, mesmo que esse corpo esteja adoecido, é usada como uma ferramenta literária que lhe confere autoridade. Segundo McAvoy,

> Esta escrita de Margery Kempe e de Juliana de Norwich faz uso extensivo do corpo feminino como ferramenta literária identificada como feminina e, como tal, tende a constituir uma *performance* textual do que é considerado "fêmeo" ou "feminino" dentro de uma cultura que *realmente* essencializou a diferença de gênero, como vimos. O que devemos lembrar como leitores, é claro, é que o que temos aqui não são as práticas dessas mulheres medievais, mas apenas os "efeitos textuais" dessas práticas que – incomumente – estão nesses textos sendo articuladas por elas próprias[66] (MCAVOY, 2004, p. 12).

Essas narrativas místicas de autoria feminina rompem com estereótipos misóginos medievais. Segundo Finke, essa verdadeira linguística textual/sexual que permeia esses textos, põe em xeque

> [...] nossos estereótipos habituais da mulher na Idade Média, ora como sujeito de uma misoginia clerical que via a mulher como a encarnação de todo mal, por um lado, ora como sujeito da mariolatria, como santa dócil e virginal e mártir, por outro lado, sugerindo que a dicotomia entre Eva e Maria simplifica demais a posição das mulheres na Idade Média[67] (FINKE, 1988, p. 440).

---

fingernails, for she had no instruments and she would have done something worse but that she was bound and forcibly restrained both day and night so that she could not have her way."

[66] This writing of both Margery Kempe and Julian of Norwich makes extensive use of the female body as female-identified literary tool and, as such, tends to constitute a textual *performance* of what is deemed to be "female" or "feminine" within a culture which *did* essentialise gender difference, as we have seen. What we must remember as readers, of course, is that what we have here are not the practices of those medieval women themselves, but merely the "textual effects" of those practices which – unusually – are in these texts being articulated by the women themselves."

[67] "[…] our usual stereotypes of women in the Middle Ages as either the subject of a clerical mysogyny that saw woman as the incarnation of every evil, on the one hand, or as the subject of mariolatry, as docile and virginal

Na realidade, essas mulheres transcendem esses papéis ao se colocarem como transmissoras dos mistérios dos divinos ensinamentos que fluem através de suas palavras. Seus discursos têm, nesse sentido, poderoso efeito na instituição sociorreligiosa da qual fazem parte, ou seja, a cristandade, visto que esses discursos estão permeados com uma autoridade de origem divina. Efeito este que ecoa até os dias de hoje.

Podemos perceber, portanto, o discurso místico de autoria feminina como um lugar de empoderamento linguístico para as mulheres medievais. Finke assevera que esse mesmo empoderamento estava ligado a certas questões constantes relativas à representação do corpo no medievo:

> O discurso da mística feminina foi moldado a partir de disciplinas destinadas a regular o corpo feminino e é, paradoxalmente, por meio dessas disciplinas que a mística consolidou seu poder. O misticismo, como eu o descrevo, não é uma manifestação dos estados afetivos internos do indivíduo, mas um conjunto de construções culturais e ideológicas que compartilham e subvertem as instituições religiosas ortodoxas[68] (FINKE, 1988, p. 441).

O discurso místico carrega mesmo o poder de colocar o corpo no centro da representação literária em textos de autoria feminina medievais. O poder que as místicas experimentavam era tanto discursivo quanto público, pois no final de suas vidas, conforme narram, ficaram conhecidas como *wise women*, ou seja, sábias, que muitas vezes serviram de conselheiras a religiosos e leigos: "A posse da mística de uma 'linguagem pública' dá a ela a capacidade de agir não apenas dentro de uma 'cultura feminina', mas também no mundo masculino"[69] (FINKE, 1988, p. 442). Assim, podemos considerar que essas mulheres tinham consciência do poder social e religioso de seus relatos.

No caso de Margery Kempe, McAvoy (2004, p. 33) destaca que "[...] como autora, ela é altamente seletiva no material que escolhe incluir em uma narrativa que é muito mais ordenada, premeditada e estruturada do que frequentemente se considera"[70]. Essa observação da estudiosa é muito importante para entendermos como essas autoras – sendo que isso fica

---

saint and martyr, on the other, suggesting that the dichotomy between Eve and Mary oversimplifies women's position in the Middle Ages."

[68] "The discourse of the female mystic was fashioned out of disciplines designed to regulated the female body and it is, paradoxically, through these disciplines that the mystic consolidated her power. Mysticism, as I describe it, is not a manifestation of the individual's internal affective states but a set of cultural and ideological constructs that both share and subvert orthodox religious institutions."

[69] "The mystic's possession of a 'public language' gives her the ability to act not just within a 'woman's culture', but on a man's world as well."

[70] "[…] as author she is highly selective in the material she chooses to include in a narrative which is far more orderly, premeditated and structured than has often been considered."

claro no caso de Juliana de Norwich, que leva cerca de vinte anos para elaborar a versão longa de seu texto – tiveram uma preocupação em produzir suas narrativas com cuidado, a fim de que tivessem os efeitos desejados, ou seja, o de autolegitimarem-se enquanto mulheres santas. Não podemos considerá-las como simples "iletradas". E a forma como representaram o corpo feminino em suas narrativas também pode ser pensada como um elemento literário constitutivo desse efeito.

Como sabemos, a misoginia da Igreja buscava suprimir e controlar o corpo feminino, visto que as mulheres eram consideradas a encarnação do mal. Finke lembra que comumente atribuímos ao corpo uma existência material *a priori*, sem considerarmos como a experiência do nosso corpo é organizada pelas representações culturais dele: "Tais representações não são universais, mas têm especificidades históricas"[71] (FINKE, 1988, p. 443). A estudiosa, em seu texto "Mystical Bodies and the Dialogics of Vision" (1988), dialogando com as ideias de Bakhtin sobre as representações do corpo, faz uma distinção entre dois tipos de representações de corpos para a Igreja: o corpo "clássico" e o corpo "grotesco".

O corpo clássico seria harmonioso, simétrico, monumental, ou seja, aristotélico, representando uma espiritualidade transcendental, quase imaterial. Esse seria o corpo daqueles e daquelas que se adequavam às normas da Igreja. O corpo grotesco seria constituído dos aspectos mais materiais do corpo, mais "grosseiro". O corpo feminino, no caso aqui das místicas, bem como de outros grupos marginalizados socialmente, se encaixaria na segunda categoria, cujos discursos incluiriam heterogeneidade, assimetria, lacunas, orifícios, predominância das emoções, envolvimento pessoal intenso:

> A oposição entre o corpo clássico e o grotesco é automaticamente invocada pela mística feminina, cujo único meio de escapar de seu corpo era entregar-se a uma exibição obsessiva e denúncia de suas características mais "grotescas". Isso sugere até que ponto, em sua escrita, a mística feminina internalizou as normas discursivas da "alta" cultura dominante[72] (FINKE, 1988, p. 444).

Ao passo que a mística feminina internaliza esse discurso, ela o transgride e o fissura se utilizando da "alta" cultura medieval, incluindo em seus relatos passagens das sagradas escrituras, citações em latim etc. O corpo místico passa a ser considerado, por expor o corpo feminino que vivencia o sagrado, um corpo "grotesco" de acordo com a definição anterior, pois

[71] "Such representations are not universal but have historical specificities."
[72] "The opposition between the classical and grotesque body is automatically invoked by the female mystic whose only means of escaping her body was to indulge in an obsessive display and denouncing of its most\'grotesque' features. This suggests the extent to which, in her writing, the female mystic has internalized the discursive norms of the dominant 'high' culture."

descrevem em seus relatos, inclusive, as "funções mais simples" do corpo humano e que são amadas por Jesus Cristo:

> Pois ele não tem aversão a nada do que criou, nem tem desprezo por nos servir nas mais simples funções pertencentes à natureza de nosso corpo, por amor de nossa alma, que fez a sua própria semelhança. Pois o corpo é vestido pela roupa e a carne com a pele, e os ossos pela carne e o coração por tudo, assim somos nós, alma e corpo, vestidos na bondade de Deus e incluídos nele (NORWICH, 2018, p. 32).

Temos, nesse trecho das *Revelações* de Juliana de Norwich, mais precisamente no capítulo VI, essa percepção da humanidade de Jesus, pois se considera que ele ama a natureza do corpo humano em todas as suas especificidades, inclusive nas suas funções consideradas mais vis. Esse aspecto mais encarnado, mais corporificado de sua relação com a divindade é amplamente utilizado em sua obra. Lichtmann, em sua pesquisa "'God fulfylled my bodye': Body, Self and God in Julian of Norwich", destaca essa verdadeira teologia do corpo que informa o texto da mística: "Em sua avaliação consistentemente positiva do corpo, Juliana consegue superar séculos de dualismo neoplatônico-agostiniano de corpo e alma, matéria e espírito, que permeia a tradição religiosa ocidental"[73] (LICHTMANN, [s.d.]). Assim, Juliana de Norwich, como anacoreta, isolada das estruturas sociais da família, da igreja e até mesmo da comunidade religiosa, libertou-se no sentido de aceitar visões diferenciadas sobre o significado espiritual do corpo. O corpo aqui passa a ser considerado sagrado pela divindade em todos os seus aspectos e funções. Além disso, sua confiança em sua própria experiência, às vezes em desacordo com a autoridade recebida da Igreja, permitiu-lhe libertar-se de uma tradição exclusivamente patriarcal.

Em outras situações, esse corpo místico feminino é motivo para torturas e autodisciplinas infligidas pelas próprias narradoras. Na Idade Média, sabe-se que essas autoflagelações não eram consideradas apenas uma forma de punição. Como observa Finke (1988, p. 446), a flagelação inscrevia no corpo da vítima os "sinais" do poder de quem ditava as regras, no caso elas mesmas. Em seus arroubos, as místicas se tornavam tanto suas carrascas quanto suas vítimas. Temos aí o aspecto grotesco do corpo torturado em busca da purificação de seus pecados. Margery Kempe, em seu *Livro*, relata uma passagem na qual ela passa a usar o cilício para evitar as tentações da lascívia e da luxúria:

> E assim ele colocou diante dessa criatura a armadilha da lascívia quando ela acreditava que todos os seus desejos carnais estavam completamente extintos. E assim foi tentada

[73] "In her consistently positive valuation of the body, Julian manages to overcome centuries of a Neoplatonic-Augustinian dualism of body and soul, matter and spirit, which is pervasive of the Western religious tradition."

> com o pecado da luxúria por um longo tempo, apesar de tudo que tivesse feito. E mesmo assim ela se confessava, frequentemente usava cilício, fazia grandes penitências corporais e derramava muitas lágrimas amargas. Muitas vezes implorava a Nosso Senhor que a protegesse e a impedisse de cair em tentação, pois ela achava melhor estar morta do que consentir tal coisa. E durante todo esse tempo ela não quis ter relações sexuais com o marido, o que foi muito doloroso e horrível para ela[74] (KEMPE, 2015, p. 17).

Nessa passagem, temos o corpo feminino que resiste às tentações da luxúria e, através da autoflagelação pelo cilício, carrega as marcas de seu próprio poder espiritual. No caso de Kempe, a sua evolução enquanto narradora que constrói sua própria imagem de santa é organizada pela disciplina autorizada pela tradição religiosa cristã e performada no seu próprio corpo. Ela inscreve nele os sinais de sua autoridade espiritual no sentido de vencer as tentações malignas através da mortificação de seu corpo. Ela assume o lugar de definir se as forças que a oprimem têm poder ou não sobre ela. Ela assume o controle de seu corpo.

A disciplina, os "exercícios espirituais" sobre o corpo e seus significados conforme estabelecidos pelas místicas, como os chama Finke, também podem ser notados no texto de Juliana de Norwich, durante sua meditação sobre a coroa de espinhos usada por Cristo na Crucificação:

> Em todo o tempo que ele me mostrou a visão espiritual que contei agora, vi em visão corporal um permanente e abundante sangramento de sua cabeça. As grandes gotas de sangue caíram da cora como bolinhas parecendo saídas das veias; e ao saírem, elas eram vermelhas amarronzadas, pois o sangue era muito espesso; e espalhando-se, elas eram vermelhas e brilhantes. E quando chegaram às sobrancelhas, então desapareceram. Contudo, o sangramento continuou até muitas coisas serem vistas e entendidas por mim. A beleza e a vivacidade de seu rosto permaneciam as mesmas, sem mudança. A abundância era como gotas de água que caem do telhado depois de uma grande chuva, que caem tão numerosas que nenhum homem pode contá-las com uma inteligência humana; e em volta, elas eram como escamas de arenque, espalhadas na testa (NORWICH, 2018, p. 36).

A imagem que aparece aqui pode parecer um tanto quanto bizarra, mas não podemos negar os recursos extremamente pictóricos que Juliana utiliza para descrever cenas como esta. Não é à toa que Cirlot intitula seu estudo sobre as imagens visionárias da mística de Norwich de *Visión em rojo* (*Visão em vermelho*) (2019), no qual destaca a necessidade de relacionar visão e arte, ressaltando a influência do estilo gótico na forma com a qual ela descreve as visões

[74] "And so laid the snare of lechery in front of this creature, when she believed that all fleshly lust had been quenched in her. And she was long tempted with the sin of lechery, in spite of anything she might do. Yet she was often shriven at confession, she wore the hair cloth, and did great physical penance, and wept ,any a bitter tear, and prayed very often to our Lord that He should preserve her and keep her so that she should not fall into temptation, for she thought that she would rather be dead than consent to that. And all this time she had no wish to have sexual contact with her husband, and it was very painful and horrible for her."

que experiência. A presença do sangue do Cristo, da cor vermelha que escolhe de seus ferimentos, chama a atenção de nós, leitoras e leitores, tamanha a intensidade cromática, como pudemos constatar na passagem acima. Elas detalham de forma realística o sofrimento de Cristo e, ao mesmo tempo, apontam para a natureza simbólica desse mesmo sofrimento:

> Na visão de Juliana, embora os torturadores tentem deixar sua marca de poder temporal no corpo de Cristo, ela mostra que os "sinais" contêm mensagens diferentes daquelas pretendidas pelos torturadores, símbolos do poder divino que transcendem a mera dor física, que se transformam no decorativo, na arte. Na verdade, a cena me lembra de nada mais nada menos do que uma pintura[75] (FINKE, 1988, p. 448).

Apesar de Juliana dizer afirmar se tratar a imagem da citação anterior de uma "visão corporal", concordamos com Finke ao afirmar que para quem lê, a impressão se parece mais com uma meditação sobre uma imagem visual, uma pintura gótica numa igreja a qual a mística pode ter visto. A anteriormente citada Cirlot ressalta no seu estudo a influência que essas imagens podem ter tido sobre a obra em análise. Podemos afirmar, então, que ela reinterpreta imagens em palavras com uma precisão artística que impressiona. Um evento calculado, "[...] cuidadosamente preparado e altamente estruturado pelas experiências religiosas disponíveis para as mulheres medievais, incluindo aquelas destinadas a castigar a carne e imitar o sofrimento de Cristo"[76] (FINKE, 1988, p. 448). Fica claro aí o fato que percebemos ao ler esses textos místicos de autoria feminina medievais, que não se tratam de narrativas impressionistas ou descuidadas, mas de textos altamente elaborados por mulheres que tinham plena consciência do poder de suas experiências e da força autoritativa de suas palavras.

Como constatamos, místicas como Juliana de Norwich e Margery Kempe usaram de estratégias discursivas para conseguirem ser aceitas e toleradas pela Igreja da época, pois como observa Finke, toda experiência mística tornada pública é uma tentativa de representar o "irrepresentável": "Essas mulheres reivindicaram seu poder de moldar o significado e a forma de sua experiência. Suas palavras, e até mesmo seus corpos quando necessário, tornaram-se locais de uma luta para redefinir o significado do silêncio e da falta de poder femininos"[77] (FINKE, 1988, p. 448-449). E nesse sentido, essas mulheres vão buscar nas próprias escrituras

---

[75] "In Julian's vision, although the torturers attempt to leave their mark of temporal power on Christ's body, she shows that the 'signs' contain messages other than those intended by the torturers, symbols of divine power that transcend mere physical pain, that shade over into the decorative, into art. Indeed the scene reminds me of nothing so much as a painting."

[76] "[…] carefully prepared for and highly structured by the religious experiences available to medieval women, including those designed to chastise the flesh and imitate Christ's suffering."

[77] "These women claimed their power to shape the meaning and form of their experience. Their words, and even their bodies when necessary, became the sites of a struggle to redefine the meaning of female silence and powerlessness."

sagradas e histórias de santos, seus modelos e inspirações femininos. Nas duas obras, podemos perceber a presença da Virgem Maria, mãe de Jesus, cuja influência será observada nos discursos sobre maternidade nos textos das místicas inglesas e de outra personagem feminina que teve ampla influência e culto na Idade Média ocidental: Maria Madalena.

Nas obras de Juliana de Norwich e Margery Kempe, a representação da figura de Maria Madalena é constante. No caso de Kempe, essa influência foi muito importante, pois ela, de certa forma, seguiu o exemplo da santa, no sentido que ela molda o próprio movimento de sua vida de pecadora para uma mulher penitente. Além disso, Maria Madalena foi associada ao dom das lágrimas, que são constantes no relato da mística de Lynn:

> As lágrimas de Maria Madalena foram, no século XV, divididas entre lágrimas de compunção, compaixão e devoção; a própria Kempe usou essa taxonomia de lágrimas para descrever seu próprio dom. Ao se modelar em uma das santas mais populares e amadas da Idade Média, Kempe alinhou-se com uma poderosa imagem de pecado e redenção[78] (BERRIGAN, 1999, p. v).

Ao longo do *Livro* de Margery Kempe, de todas as referências femininas, ao lado da Virgem Mãe de Cristo, Maria Madalena é, sem sombra de dúvidas, a mais citada. Como destacou Berrigan na citação acima, Madalena era considerada uma das santas mais populares no medievo ocidental. Nas *Revelações* de Juliana de Norwich, Maria Madalena é vista como "símbolo do pecado convertido em louvor". No capítulo XXXVIII, ela é citada ao lado de outros santos que são convertidos do pecado para a salvação:

> Pois nessa visão, meu entendimento foi elevado aos céus, e então Deus trouxe alegremente à minha mente Davi e outros tantos do Antigo Testamento. E do Novo Testamento, trouxe à minha mente, primeiro, Maria Madalena, Pedro e Paulo, e aqueles da Índia, São João de Beverley e tantos outros, como são conhecidos na Igreja na terra, com seus pecados; e isso para eles não é vergonha, pois tudo é convertido para admiração deles. E, portanto, nosso cortês Senhor mostra aqui, em parte, como é lá em completude, pois lá o símbolo do pecado é convertido em louvor (NORWICH, 2018, p. 113).

Maria Madalena é considerada, nesse sentido, nas duas obras, como uma mulher que se converte do pecado da carne e do mundo material para o amor divino pelo Cristo[79]. Isso

[78] "Mary Magdalen's tears had, by the fifteenth century, been broken down into tears of compunction, compassion and devotion; Kempe herself used this taxonomy of tears to describe her own gift. By modeling herself on one of the most popular and beloved saints in the Middle Ages, Kempe aligned herself with a powerful image of sin and redemption."

[79] Vale destacar aqui que a associação de Maria Madalena ao "pecado" da prostituição não está em nenhum dos quatro evangelistas, nem nos evangelhos apócrifos. Ou seja, a ideia de "prostituta arrependida" foi criada *a posteriori*, no século VI, e atravessou a Idade média e os períodos seguintes. Somente em 1969 a Igreja admitiu que Madalena não foi uma prostituta, mas o imaginário coletivo sobre ela se manteve como tal. Na realidade,

reflete muito da crença da época na humanidade de Cristo, com a qual as místicas largamente se identificaram e trabalharam metaforicamente em seus textos. No caso do texto de Juliana, podemos perceber sua recusa à desconfiança em relação à natureza feminina do Cristo em seu aspecto maternal. Maria Madalena também será inserida aqui como uma representação feminina redimida, ressaltando que o humano pode se converter em divino. De fato, para Juliana, o corpo humano, em particular o feminino, junto com sua carne vulnerável, é reflexo da beleza da criação e fornece um símbolo do amor divino pela humanidade (MCAVOY, 2004, p. 138). Podemos considerar que a figura de Maria Madalena faz justamente essa ponte entre o humano e o divino, entre o pecado e a salvação.

No *Livro*, de Margery Kempe, temos uma passagem na qual ela descreve o grande amor que Maria Madalena teve por Cristo:

> – Filha, você deve pensar em minha bendita mãe, que viveu na terra por mais quinze anos depois da minha morte, o mesmo que São João Evangelista e Maria Madalena que me amaram muito.
> – Ah, bendito Senhor! – disse ela – como eu queria ser digna de estar certa de seu amor assim como Maria Madalena esteve.[80] (KEMPE, 2015, p. 158).

Aqui, a protagonista Margery anseia por desenvolver um amor pelo Cristo semelhante ao que Maria Madalena tivera. Como já destacado antes, Maria Madalena é um modelo para os êxtases de lágrimas característicos dela:

> – Filha, muito bendita seja, pois meu filho Jesus infundirá tanta graça em você que o mundo inteiro ficará maravilhado. Não se envergonhe minha querida filha, de receber os presentes que meu filho lhe concederá, porque em verdade lhe digo que os que ele lhe der serão grandes presentes. E por isso, querida filha, não se envergonhe de quem é o seu Deus, o seu Senhor e o seu amor, mais do que me envergonhei quando o vi pendurado na cruz, meu doce filho Jesus, para gritar e chorar pelo sofrimento de meu querido filho, Jesus Cristo, Maria Madalena não teve vergonha de chorar e gritar pelo amor do meu filho. Assim, filha, se vai participar de nossa alegria, deve também participar de nossa dor[81] (KEMPE, 2015, p. 68).

Maria Madalena foi "uma mulher rica, influente e crucial" na vida de Jesus Cristo. Para mais informações acerca do tema, vale conferir a seguinte leitura: https://brasil.elpais.com/brasil/2018/08/02/cultura/1533237261_768771.html extraídado jornal El País de 3 de agosto de 2018.

[80] "'Daughter, you must think to yourself about my blessed mother, who lived after me on earth for fifteen years, and also St John the Evangelist, and Mary Magdalene, who loved me very highly.' 'Oh, blissful Lord,' she said, 'I wish I were as worthy to be as sure of your love as Mary Magdalene was.'"

[81] "Then our Lady spoke to her soul in this way, saying, 'Daughter, you are well blessed, for my son Jesus will flow such grace through you that the whole world will marvel at you. Do not be ashamed, my highly esteemed daughter, to receive the gifts that my son shall give you. And therefore, my highly esteemed daughter don not be ashamed of Him that is your God, your Lord, your love, any more than I was when I saw Him hanging on the Cross – my sweet son, Jesus! – to cry and weep for the pain of my sweet son, Jesus Christ; and Mary Magdalene was not ashamed to cry and weep for my son's love. Therefore, daughter, if you will partake of our joy, you must partake of our sorrow.'"

A personagem Nossa Senhora convida Kempe a não se envergonhar de seus êxtases, visto que Maria Madalena também chorava e gritava, segundo a narrativa. Madalena, portanto, aparece aqui com seu já referido dom das lágrimas. Não só essa representação da santa que possui esse dom aparece, mas uma outra representação de Maria Madalena como a amada de Cristo também será aqui retratada numa das passagens mais interessantes de seu texto:

> Numa Quinta-feira Santa a dita criatura foi em procissão com outras pessoas e ela viu em sua alma Nossa Senhora, Santa Maria Madalena e os doze apóstolos. E então contemplou com seus olhos espirituais como Nossa Senhora se despedia de seu bendito filho, o Cristo Jesus, como ele a beijava e aos seus apóstolos, e também à sua verdadeira amante, Maria Madalena[82] (KEMPE, 2015, p. 156).

Vemos, nesse trecho, a representação de Maria Madalena como a verdadeira amante do Cristo. Não podemos esquecer que Margery também se autorrepresenta em sua narrativa como esposa do Cristo. Portanto, a presença de Maria Madalena nessas duas obras medievais de autoria feminina reforça as várias faces dos papéis femininos apresentadas nesses textos. Além disso, temos a presença desse Cristo humanizado como amado e a busca dessas místicas em se tornarem suas esposas divinas. No próximo subtópico trabalharemos outro aspecto dessa visão feminina de Deus: as representações da maternidade nas obras de Juliana de Norwich e Margery Kempe.

3.2 *Jhesu Christ oure Moder*: as figurações da maternidade nas obras místicas de Juliana de Norwich e Margery Kempe

Neste subtópico, pretendemos analisar algumas passagens das obras *A Revelation of Love* e *The Book of Margery Kempe*, que apresentam uma visão bastante diferenciada da *imago Dei* (imagem de Deus) medieval, bem como a forma como elas inserem aspectos relacionados à maternidade de Deus nas duas narrativas. Como destaca McAvoy, "[...] as experiências femininas específicas de menstruação, gestação, parto e amamentação também podem ser transformadas em textos escritos sobre os corpos (masculino e feminino, humano e divino) e

[82] "On Holy Thursday, as the said creature went in a procession with other people, she saw in her soul our Lady, St Mary Magdalene, and the Twelve Apostles. And then she watched with her spiritual eye how our Lady took her leave of her blissful son, Christ Jesus, how He kissed her and all His apostles and also His true lover, Mary Magdalene."

usados como uma linguagem para validar o igual valor do feminino"[83] (MCAVOY, 2004, p. 15). A maternidade aparece nos dois textos como elemento de validação feminina, visto que no texto de Juliana de Norwich, por exemplo, Jesus Cristo é visto como "oure Moder", ou seja, "nossa Mãe": "Assim, Jesus Cristo, que faz o bem contra o mal, é nossa verdadeira Mãe: dele temos nosso ser – onde se inicia o fundamento da maternidade – como todo o doce cuidado de amor que segue eternamente" (NORWICH, 2018, p. 185).

Para Juliana de Norwich, a maternidade reflete o lado compassivo e de "terno amor" de Deus, pois o trabalho da maternidade inclui dar à luz, com toda a dor e luta que o parto sempre envolve. A dor, o risco, a coragem, fazem parte do lado maternal da divindade, visto que a própria criação é a atividade materna primordial do Criador. O relacionamento entre a maternidade divina e os humanos é, segundo Juliana, necessariamente carnal. Deus é apresentado em seu texto como mãe, bem como como sabedoria.

No caso de Margery Kempe, temos uma visão da maternidade de certa forma diferenciada da de sua contemporânea Juliana. Ela constrói para si uma imagem de santa maternal, figura que ganhou popularidade a partir do século XIII ao século XV, e com a qual se identifica, se espelhando na imagem da Virgem Maria como *Mater Dolorosa*. Como já observado anteriormente, a doença sofrida por Kempe logo após o parto do primeiro dos seus quatorze filhos, ocorrido por volta de 1393, e todo o sofrimento daí decorrente, contribuiu para que ela se inserisse numa tradição de conhecidas mártires maternais, como Elizabeth da Hungria e Brígida da Suécia, e mulheres da Bíblia, como Santa Ana e a Virgem Maria.

No caso da Virgem Maria, que na obra de Juliana representa a Mãe de Sabedoria, ícone medieval cristão do modelo a ser seguido pelas mulheres, ela é a mãe de Jesus e ele é considerado "nossa verdadeira Mãe":

> Assim, Nossa Senhora é nossa Mãe, em quem estamos todos inclusos e de quem somos nascidos em Cristo, pois ela, que é Mãe de nosso Salvador, é Mãe de todos que serão salvos em nosso Salvador; e nosso Salvador é nossa verdadeira Mãe, em quem infinitamente nascemos e de quem nunca sairemos (NORWICH, 2018, p. 178).

Não podemos esquecer, portanto, que a maternidade é uma constante da literatura de autoria feminina, fazendo parte mesmo de uma "poética uterina" que caracteriza as vozes poéticas de muitas autoras. A maternidade, no entanto, é uma realidade que vem sendo definida de maneira deformada, idealizada e até mesmo degradada. As concepções patriarcais, religiosas

[83] "[…] the female-specific experiences of menstruation, gestation, giving birth, breast-feeding are also capable of being transformed into text which is written upon bodies (both male and female, human and divine) and used as a language to validate the equal worth of the feminine."

e socioculturais apresentam conotações confusas acerca dela que vão "[...] de um sentimentalismo quase doentio a uma imagem aterrorizadora de 'continente escuro', negativo, que precisa ser controlado, anatomizado, às vezes até demonizado" (STEVENS, 2006, p. 115). Dessa forma, essas mulheres inserem imagens femininas dentro de textos visionários convencionalmente marcados pelos valores masculinos:

> Assim, vemos a maternidade renunciada de Margery Kempe ressurgir em expressões corporais de piedade que reinvocam as dores do parto e simultaneamente inscrevem a marca da maternidade mariana e da santa virgindade em seu corpo. Da mesma forma, no texto do sofrimento corporal de Juliana, durante o qual ela "dá à luz", sua própria experiência mística é transmitida em seu corpo e hermeneuticamente reiterada no corpo de seu texto escrito, culminando em uma descrição plenamente realizada de Deus como mãe divina[84] (MCAVOY, 2004, p. 15).

Vale notar a presença da humanidade de Cristo, seja através de sua imagem como mãe divina e, portanto, corporal, humanizada, tão popular naquele período da Baixa Idade Média e que deve ter sido amplamente conhecida pelas místicas inglesas. Vejamos adiante como esse aspecto feminino da maternidade se articula e é representado nos textos aqui em análise.

3.2.1 A maternidade de Deus recriada: a *imago Dei* feminina e a *imitatio* da *Mater Dolorosa*

Juliana de Norwich e Margery Kempe, como já pudemos perceber até aqui, foram autoras que, cada uma à sua forma, romperam com papéis convencionados às mulheres inglesas do período da Baixa Idade Média. Ao trazerem e inscreverem o universo feminino em seus textos visionários, elas reconfiguraram essas narrativas a partir do olhar de místicas que sentiram no próprio corpo a experiência com o divino.

Nas suas *Revelações do Amor Divino*, Juliana de Norwich apresenta-nos um tratamento relacionado à imagem de Jesus Cristo como sendo "nossa Mãe", como afirmado anteriormente, ou seja, rompendo com os modelos da tradição católica e exigindo uma mudança nas representações simbólicas e no imaginário cristão medieval (FLORES, 2013, p. 101). Vale ressaltar, como indica McNamer (1989, p. 21), que ela incorpora e expande aspectos relacionados à devoção medieval de Deus como mãe, devoção essa que teria ganhado certa

[84] "So, we see Margery Kempe's relinquished maternity re-emerge in bodily expressions of piety which reinvoke the pains of childbirth and simultaneously inscribe de imprint of Marian maternity and holy virginity upon her body. Similarly, in the text of Julian's bodily suffering during which she 'gives birth' to her own mystical experience is carried forward on and in her body and hermeneutically reiterated in the body of her written text, culminating in a fully realized depiction of God as divine mother."

popularidade a partir do século XII e que incluía, entre seus adeptos, Bernardo de Claraval e Anselmo da Cantuária.

As visões de Juliana de Norwich se inserem dentro de toda uma tradição de experiências visionárias por parte de mulheres entre os séculos XI e XV, como já observado ao longo dessa pesquisa. Troch (2013, p. 4) ressalta que "[...] visões geralmente foram consideradas mensagens provenientes de Deus. Quando são inescrutáveis, a pessoa que recebe a visão é que deverá interpretá-la". Sua escrita, portanto, é uma forma de interpretar e atestar essa experiência com o sagrado: "as visões – compreendidas como contato imediato com o divino – são um meio, um estilo, uma forma para aumentar a importância do conteúdo" (TROCH, 2013, p. 4). As visões constituem, dessa forma, uma forma literária considerada verdadeira para afirmar a experiência com o divino e um "*conceito estratégico* para garantir à voz teológica feminina uma dimensão divina e, consequentemente, sua autoridade" (Grifos da autora).

Autoridade essa que muitas aparentemente temem assumir. A própria Juliana de Norwich abre seu texto afirmando que suas visões foram reveladas a alguém, ou seja, ela mesma, "que não podia ler uma letra" (2009, p. 63). Segundo seus estudiosos, ela sabia tanto ler quanto escrever; alguns chegam a dizer que ela sabia latim (JOHN-JULIAN, 2009, p. 62). Mas o que nos interessa aqui é destacar a modéstia tão presente nos escritos dessas mulheres:

> Por fim, afirmando modestamente a sua inaptidão à palavra dos homens por um *topos* de modéstia, mas proclamando com brilho seu direito irreprimível à invenção de uma outra linguagem, a palavra da mulher mística integra o corpo como suporte sensorial, que desemboca numa língua "total", onde o grito, as lágrimas, o silêncio sabem entrar numa sintaxe nova (RÉGNIER-BOHLER, 1990, p. 524).

No caso das *Revelações*, temos a metáfora do corpo feminino, do corpo da mãe divina que gera, dá a luz e nutre seu filho com todo o amor que somente uma mãe poderia proporcionar. Como ainda observa Troch, essa linguagem mística, tal como praticada por essas mulheres se caracteriza por elementos específicos tais como linguagem alegórica, poética, modo particular de vida e espiritualidade e uma reformulação teológica da divindade. A obra de Juliana de Norwich apresenta esses elementos e causa impacto no leitor principalmente pela reformulação teológica ao transformar a imagem convencionalmente masculina de Deus:

> Em suma, uma leitura comparativa das *Revelações* de Juliana com as obras de outros escritores místicos e espirituais do século quatorze (tanto na Inglaterra quanto no Continente) indica que enquanto a experiência de Juliana e as suas descrições gráficas da Crucificação foram características de muitos escritores daquela época, uma distinção radical deve ser feita entre seus escritos místicos, teológicos e didáticos com

> base nos seus motivos e estilos. Enquanto virtualmente todos os outros escritores pretendiam que seus leitores se sentissem terrivelmente culpados, envergonhados e sentindo degradada ignomínia pela Paixão, Juliana, única e brilhantemente, transforma sua visão da humanidade sofredora de Jesus em uma matéria de gratidão e alegria. Exatamente como sua visão da face de seu Salvador sofredor, Juliana reconhece a dor, mas a vê transformada em júbilo[85] (JOHN-JULIAN, 2009, p. 16).

Transformar essa visão tradicional medieval de divindade constitui, portanto, "uma redefinição do divino, uma redefinição da importância do corpo na relação com o divino", como observa Troch (2013, p. 5). Preocupações essas que estão na pauta atual das discussões teológicas feministas, demonstrando o quanto essas mulheres místicas medievais estavam dialogando não só com as percepções, valores e princípios teológicos de sua época, mas com o ser humano e seu contato com o sagrado, o que transcende tempo, espaço e as coloca como possíveis precursoras das discussões contemporâneas no campo da já citada teologia feminista.

Juliana de Norwich apresenta em sua obra uma visão teológica bastante otimista, o que a diferenciou de outros religiosos medievais. Vivendo numa época de tantas crises, surpreende a sua visão de que "tudo ficaria bem". Além disso, seus escritos apresentam uma "transcendência dos fatos históricos", como bem aponta John-Julian (2009, pp. 6-7): "Para Juliana, não havia necessidade de lamentar circunstâncias e eventos históricos, pois o que quer que fossem, eles estavam dentro da vontade de Deus [...]"[86].

Outro tema recorrente em sua obra é a concepção de um Deus amoroso, compassivo e não um Deus cheio de ira e ódio para com seus filhos, pois para ela o pecado era algo visto como um passo para o aprendizado e para a fé. Não mais a visão punitiva, mas uma visão acolhedora, consoladora e amorosa da divindade. Uma concepção feminina de Deus.

A reclusa da Igreja de St. Julian, portanto, traz uma visão completamente diferente de experiência da divindade e de concepção desta. Embora inserida num contexto adverso, ao manter uma visão otimista do caminho do cristão por um mundo marcado por pestes, fome, guerras e desiludido com o papel da Igreja enquanto consoladora, Juliana de Norwich, por meio das dezesseis visões descritas na obra, composta por oitenta e seis capítulos, apresenta uma visão maternal de Deus através da figura de Jesus Cristo.

---

[85] "In summary, a comparative reading of Julian's *Revelations* with the works of other spiritual and mystical writers of the fourteenth century (both in England and on the Continent) indicates that while Julian's experience and graphic descriptions of the Crucifixion were characteristics of many mystical writers of the day, a radical distinction must be made between her mystical, theological and didactic writings on the basis of their motive and style. While virtually all other writers intend for their audience to feel horrendous guilt, shameful culpability, and degrading ignominy over the Passion, Julian, uniquely and brilliantly, turns her vision of the suffering humanity of Jesus, into a matter of gratitude and joy. Exactly like her vision of the face of her suffering Savior, Julian recognizes the pain but uniquely see it transformed into bliss."

[86] "There is, for Julian, no need to complain about circumstances and historical events, because whatever those circumstances or whatever those events, they are there at the will of God […]".

Vale observar, como destaca McNamer, que o uso de uma imagem maternal da divindade não é algo absolutamente novo na época da reclusa de Norwich. Como dito anteriormente, já havia, principalmente a partir do século XII, uma devoção à imagem de Deus como mãe. Entretanto,

> Aqueles que precederam Juliana na tradição usaram a imagem maternal por seu apelo afetivo, valorizando-a primariamente como um meio de transferir a resposta contemplativa para uma resposta emocional. Juliana, entretanto, não apenas ilumina alguns aspectos maternais da imagem tradicionalmente masculina de Deus: ela equivale a imagem da mãe à do pai. […] Isso funciona não somente como uma personificação da ideia, nem simplesmente como um instrumento afetivo, mas como uma imagem exploratória – um meio de conhecer a verdadeira natureza de Deus[87] (MCNAMER, 1989, p. 21).

Juliana de Norwich, portanto, não rejeita a imagem paterna de Deus. Deus é experienciado com "Mãe" e "Pai". Isso é o que a diferencia de outros místicos: "Isso é o que a faz se destacar com particular distinção entre os místicos, pois a permite explorar conceitos maternais que permanecem relativamente pouco desenvolvidos pelos seus contemporâneos: imanência, amor incondicional e misericórdia"[88] (McNAMER, 1989, p. 22). Dessa maneira, ela pode ampliar suas possibilidades de trabalho com a linguagem, agora munida de todo um vocabulário relacionado à maternidade, para tentar descrever o amor de Deus pelo ser humano.

Como dito anteriormente, sua obra é permeada por uma teologia de cunho acolhedor, na qual o pecado original é visto como benção original, contendo uma espiritualidade não dualista, onde se percebe a importância da sensualidade humana. Como assinalado por Matthew Fox (1993, p. 15), para Juliana de Norwich, o corpo e a alma formam uma "gloriosa união". Daí sua valorização da sensualidade humana, pois que é por meio dela se recebe os dons divinos.

A imagem feminina de Deus por meio da revelação de Deus como mãe constitui hoje um dos aspectos que mais chama atenção e motiva estudos sobre a obra de Juliana de Norwich. De acordo com Fox (1993, p. 16), Juliana atribui a maternidade a Deus, à trindade, a Jesus Cristo e à Igreja. Para a anacoreta, a maternidade reflete o lado compassivo e de "terno amor" de Deus. O trabalho da maternidade inclui dar à luz, com toda a dor e luta que o parto sempre

---

[87] "Those who preceded Julian in tradition used the maternal image for its affective appeal, valuing it primarily as a means of moving the contemplative to an emotional response. Julian, however, does not simply illuminate some maternal aspects of the traditionally masculine image of God: she gives the image of mother equivalence with that of the father. […] It functions not only as an embodiment of the insight, nor simply as an affective instrument, but as an exploratory image – a means of knowing the very nature of God."

[88] "This is what makes her stand out with particular distinctness among the mystics, for it enables her to explore maternal concepts which remain relatively undeveloped by her contemporaries: immanence, unconditional love, and mercy."

envolve. A dor, o risco e a coragem fazem parte do lado maternal da divindade. A própria criação é a atividade materna primordial do Criador:

> Para Juliana, Deus carrega consigo toda a Criação, preserva em unidade consigo, e essa unidade se dá por duas vias, primeiro por uma ideia remota de cuidado uterino que gera o cosmo, depois pela ideia da Encarnação, em Jesus Cristo assume nossa substância e sensualidade como ela define, unindo mais uma vez, na recriação, Deus e a Criação (FLORES, 2013, p. 64).

A imagem de Maria, que recebe em seu ventre Jesus Cristo, é evocada logo nos capítulos iniciais de sua obra. Ela é considerada "nossa Mãe", pois que é "nela que estamos todos encerrados, e é dela que nascemos em Cristo (pois como ela é a Mãe do nosso Salvador é a Mãe de todos aqueles que serão salvos em nosso Salvador)"[89] (JOHN-JULIAN, 2009, p. 277). Assim, segundo Juliana, a experiência de maternidade é a experiência de se estar "encerrado" no útero divino. A sacralidade de Maria percorre toda a obra. Como observa Flores, Juliana estaria ligada à doutrina do *Cristotokos*, a qual assevera que "Maria é genitora da humanidade ou *natureza sensível* de Jesus, mas é Cristo, nossa verdadeira Mãe, que em sua Paixão, o *trabalho* de parto, pare a nova humanidade redimida" (2013, p. 80) (Grifos do autor).

As imagens femininas do "ventre", do "útero", apresentadas na obra, conferem certo cunho de experiência pessoal da autora enquanto mulher e mãe:

> Pois, ao mesmo tempo que Deus se uniu a nosso corpo, no útero da Virgem, assumiu nossa alma sensível. E ao assumi-la, fazendo-nos todos inclusos nele, uniu-a à nossa substância. Nessa união, ele foi o homem perfeito, pois Cristo unindo-se a cada homem que será salvo, é o homem perfeito (NORWICH, 2018, p. 178).

Não podemos esquecer que este é um relato de uma vivência pessoal com o sagrado. Como sabemos, essa experiência muitas vezes encontra dificuldades, em termos de linguagem, para ser descrita.

Alguns estudiosos da vida de Juliana de Norwich, como já mencionado antes, cogitaram da possibilidade de ela ter sido mãe antes de se tornar reclusa. Isso poderia justificar uma maior familiaridade com um repertório vocabular e experiencial que seja adequado ao que se pretende relatar: "Na sua diversidade, os documentos femininos são testemunhos insubstituíveis de um discurso sobre si, e muito particularmente através da missão da mística que se diz atravessada pela palavra" (RÉGNIER-BOHLER, 1990, p. 54). E ambas as místicas

[89] "[...] and out of her we are born in Christ (for she is Mother o four Savior is Mother of all who shall be saved within our Savior)."

inglesas têm essa consciência da importância da linguagem em seus textos, do uso adequado das palavras.

No capítulo LVIII, temos a maternidade como um dos aspectos da Trindade: "Eu contemplei a obra de toda a Santíssima Trindade. Nessa contemplação, eu vi e entendi estas três propriedades: a propriedade da paternidade, a propriedade da maternidade e a propriedade do senhorio, em um Deus" (NORWICH, 2018, p. 182). Mais adiante, no mesmo capítulo, ela vê a Segunda Pessoa da Trindade, Jesus Cristo, como "Mãe, Irmão e Salvador". Para Juliana, Jesus é nossa Mãe, que "[...] age na misericórdia para todas as suas crianças que são, para ela, submissas e obedientes" (NORWICH, 2018, p. 183).

Mais uma vez temos aí o vocabulário referente à maternidade, no que se exige do filho obediência e submissão, visto que essa "Mãe" é misericordiosa: "E assim nossa Mãe está trabalhando para nós de diversas maneiras e nela nossas partes se mantém inseparáveis" (NORWICH, 2018, p. 182). Metáforas maternais como proteção e amor são relacionadas constantemente à figura do Cristo, o que surpreende bastante: "À luz do que muitos generalizam sobre a misoginia medieval e sobre a devoção da Virgem como um substituto para a divindade feminina, a alegoria de Cristo como Mãe de Juliana de Norwich, parece ainda mais notável"[90] (LONG, 1995, p. 2).

Num outro excerto, ela atribui a Jesus a função de nutrir seus filhos e ressalta os atributos maternos, numa linguagem que ressalta imagens bastante poéticas:

> A mãe pode permitir seu filho sugar seu leite, mas nossa preciosa Mãe, Jesus, pode nos alimentar com ele próprio, e o faz, muito cortês e delicadamente, com o sacramento bendito, que é o precioso alimento de minha vida. [...] A mãe pode deixar a criança delicadamente em seu peito, mas a nossa delicada Mãe, Jesus, pode graciosamente nos conduzir ao seu santo peito através de seu doce flanco aberto, e mostrar ali uma parte da divindade e das alegrias do céu, com a certeza espiritual de alegria eterna (NORWICH, 2018, p. 188).

Metáforas que causam surpresa por sua semelhança com a realidade da vivência materna com seus filhos. A enumeração dos atributos da missão materna, a consciência da necessidade dos filhos, tudo isso contribui para se criar essa imagem de Deus como uma mãe. Além do que ela ressalta que assim como uma mãe muda naturalmente a forma de lidar com seus filhos ao passo que esses crescem, o seu amor permanece o mesmo. Certamente uma analogia acertada para tratar, como ela bem destaca, do amor infinito de Deus para com seus filhos e filhas. Vale ressaltar aqui uma curiosidade: muitas vezes, ao longo das *Revelações*,

[90] "In light of what most people generalize about medieval misogyny and about the veneration of the Virgin as a surrogate for a female divinity, Julian of Norwich's trope of Christ as Mother seems even more remarkable."

Juliana se refere à humanidade como “cada homem e mulher” (“man and woman”), e não apenas o pronome masculino indistinto para ambos os sexos. Tal constatação sugere a sua preocupação em incluir e destacar as mulheres de forma mais ampla no público para o qual escrevia.

Podemos dizer que a profundidade com a qual a autora trabalha essas metáforas não encontra paralelos na tradição mística anterior. Trata-se de algo realmente inovador, ao pensarmos no contexto histórico no qual ela está inserida, assolado por peste, guerras e fome, uma mulher ousando falar de Jesus Cristo como uma mãe extremamente amorosa e misericordiosa com seus filhos, traz, no mínimo, uma imagem consoladora e esperançosa:

> Num século em que a insegurança era total, tanto do aspecto da seguridade da vida, por conta das várias epidemias e guerras, quanto da seguridade da salvação, por conta do declínio moral e institucional da Igreja, a Maternidade de Deus expressa na Graça torna-se relevante, muito embora ela não esquematize um modelo de ascensão pessoal ou exercícios espirituais, muito típico dos escritores místicos medievais, para ela a Graça é algo dado a toda a humanidade, a *hospitalidade* é dEle (FLORES, 2013, p. 90)

Assim, compreendemos que os relatos místicos de Juliana de Norwich sugerem uma reformulação de conceitos teológicos, no sentido de que o seu tratamento dado a *Imago Dei* proporciona um novo olhar sobre a divindade, tradicionalmente masculinizada e punitiva, agora revelada em seus atributos femininos. Dessa forma, não só a Paternidade de Deus será valorizada, mas teremos também, lado a lado, a visão da Maternidade de Deus com todas as suas peculiaridades e, assim, a ênfase na importância da experiência religiosa feminina:

> E assim vi que Deus se alegra por ser nosso Pai, se alegra por ser nossa Mãe e se alegra por ser nosso próprio Esposo e nossa alma a sua amada esposa. Cristo se alegra por ser nosso Irmão e se legra por ser nosso Salvador. E essas são cinco grandes alegrias, como entendo, que ele deseja que desfrutemos, louvando-o, dando-lhe graças, amando-o abençoando-o eternamente (NORWICH, 2018, p. 159).

A obra *Revelações do Amor Divino*, da anacoreta Juliana de Norwich, permanece como ícone ao transgredir a imagem tradicional de Deus, ao colocar, através do relato de suas visões da divindade, a imagem de Jesus Cristo como uma mãe, com todos os seus atributos de amor, cuidados e proteção para com seus filhos. Essa Teologia da Maternidade de Deus se apresenta como uma ruptura dentro do próprio cânone da literatura mística medieval.

Como apontam os estudos sobre esses textos, as místicas daquele período rompem com os padrões de escrita ao utilizarem outra linguagem como meio de relato: uma linguagem que, mesmo implicitamente, fala de suas experiências *enquanto mulheres* que vivenciam o

contato com o divino. E Juliana de Norwich apresenta isso de forma pungente ao relatar suas visões de um Deus consolador e que ao mesmo tempo se apresenta como uma "cortês Mãe":

> Então, nossa **cortês Mãe** não deseja que fujamos, pois ela nada odiaria mais do que isso; mas deseja que exerçamos nossa condição de criança, pois quando a criança está machucada ou apavorada, corre apressadamente para a mãe, ou pede ajuda com toda a sua força. Então, Jesus deseja que façamos como uma dócil criança, dizendo assim: **"Minha querida Mãe, minha Mãe tão cheia de graça, minha honrada Mãe, tem misericórdia de mim: fui tolo e não sou como tu és, e não consigo, nem posso, fazer nada senão com tua ajuda e graça."** E mesmo se não nos sentimos aliviados com isso, estamos certos de que **Jesus usa sua condição de Mãe sábia** (NORWICH, 2018, p. 193) (Grifos meus).

Notamos, na passagem acima, a própria atribuição da mãe como sendo cortês, amável para com seus filhos. De uma "Mãe" que acolhe seus filhos sem distinção e que deles cuida com todo o amor que só uma mãe é verdadeiramente capaz de dar. Essa relação entre a maternidade e o discurso místico de autoria feminina se torna uma marca da obra juliana. Vale ressaltar aqui uma curiosidade: na atualidade, Juliana de Norwich é conhecida em sua região na Inglaterra como "Dame Julian" ("Dama Juliana") e também por "Mother Julian" ("Mãe Juliana"), afirmando o seu caráter de "mãe espiritual" de todos que se dedicam a conhecer a espiritualidade descrita em sua obra.

Já Margery Kempe, em seu relato autobiográfico e/ou auto-hagiográfico, traz uma visão da maternidade como martírio inicialmente, visto que o nascimento de seu primeiro filho, como já descrito anteriormente, gerou um processo de adoecimento que hoje alguns classificariam como uma depressão pós-parto que a levou à beira da loucura e que teria culminado com as visões de Cristo e sua cura subsequente. No entanto, como destaca Karen Elizabeth Berrigan (1999), a narrativa de sua vida não começa com seu próprio nascimento, mas com o seu renascimento como mulher santa depois dessa experiência mística após o nascimento de seu filho, quando contava então vinte anos. E a experiência com a maternidade, bem como seu papel de esposa em sua obra, será redefinida e reempregada rompendo com os papéis socialmente prescritos para uma mulher medieval, muitas vezes funcionando como estratégias de poder. Nesse sentido, McAvoy demonstra

> [...] como Margery continuamente se baseia em discursos ideológicos e experimentais da maternidade de várias maneiras, explorando o potencial que eles possuem para o empoderamento feminino e, assim, facilitando sua própria ocupação de suas posições

> preferidas de mulher santa e mãe espiritual para o mundo inteiro[91] (MCAVOY, 2004, p. 30).

Assim, observamos sua consciência acerca de seu papel como autora e sua seletividade do material que ela escolhe para incluir no seu texto que, como já afirmado, é organizado, premeditado e estruturado muito mais do que se pensa. Toda essa configuração narrativa converge justamente para construir uma imagem dela tanto santa como autora.

No início da narrativa, logo no "Proêmio", Margery Kempe já traz a Igreja como sua "mãe espiritual", metáfora maternal também utilizada por Juliana de Norwich em seu texto. Tal referência já deixa clara a sua visão católica e, ao mesmo tempo, estratégia de discursiva de submissão à autoridade eclesiástica. Kempe também construirá no texto sua autorrepresentação como *Mater Dolorosa*, identificando-se mesmo com o papel da Virgem Maria, mãe de Jesus e todo o sofrimento pelo qual ela passa:

> O sofrimento de Margery, portanto, constitui uma fúria contra o mundo que se coloca entre ela e uma subjetividade desejada, e uma crítica mordaz da autoridade eclesiástica masculina cuja suposta "linha direta" com Deus a torna sujeita a seus julgamentos hegemônicos. É, no entanto, também uma articulação corporal da condição não confessada e pecaminosa que foi profundamente enfatizada por sua transformação de virgem para esposa e mãe[92] (MCAVOY, 2004, p. 36).

Como já exposto em citação anterior, ao dar à luz ao seu primeiro filho, Kempe se vê numa situação na qual se aproxima da loucura e chega mesmo a se ferir com as próprias unhas, rasgando a carne perto do coração, o que nos lembra as chagas de Cristo. A maternidade e consequentemente sua doença mental recorrente a afastam de sua família, amigos, de Deus e dela mesma. Jesus Cristo aparece e a salva dessa situação de isolamento, revelando-se para ela. Assim, Cristo oferece a ela uma chance de renascer como uma "virgem" e "amante" de Deus. Pouco depois, ela se nega a ter relações com seu marido, pedindo a ele que vivesse em castidade com ela:

> E depois dessa época nunca mais desejou ter relações sexuais com seu marido, pois pensava que cumprir com o dever do matrimônio lhe parecia tão abominável que preferia comer e beber o lodo e as fezes dos esgotos a concordar em ter relações sexuais, a menos que fosse por obediência. E por isso, disse ao seu marido: - Não posso lhe negar meu corpo, mas todo o amor e carinho do meu coração estão separados

[91] "[…] how Margery continually draws upon both ideological and experimental discourses of motherhood in a variety of ways, exploiting the potential they hold for female empowerment and thus facilitating her own occupation of her preferred subject positions of holy woman and spiritual mother to the whole world."

[92] "Margery's suffering, therefore, constitutes a raging against the world which stands between her and a desired subjectivity, and an acerbic critique of male ecclesiastic authority whose supposed 'hot-line' to God renders her subject to its hegemonic judgments. It is, however, also a bodily articulation of the unconfessed and sinful condition which has been deeply underscored by her transformation from virgin to wife to mother."

> de todas as criaturas terrenas e colocados somente em Deus. Mas ele iria satisfazer seus desejos e ela o obedeceria com muito choro e tristeza por não poder viver em castidade[93] (KEMPE, 2015, p. 15).

Ela volta, então, depois da doença, à esfera doméstica e a uma aparente conformidade social. No entanto, a partir desse momento, várias questões não teriam mais o mesmo significado para ela. O compromisso matrimonial e a maternidade não seriam mais vistos da mesma forma por conta das experiências místicas que ela tivera. Ela se torna uma mártir maternal. Temos aqui sua identificação textual, como já observado, com a figura hagiográfica da santa maternal, que ganhou popularidade a partir do século XIII até o século XV e desenvolveu a imagem da Virgem Maria como *Mater Dolorosa*, que fornecia às mulheres um modelo de papel que era "[...] infinitamente mais atingível do que a maternidade virgem e tornou-se um estereótipo hagiográfico bem estabelecido no século XIV, alimentado como era por um novo apoio entusiástico ao casamento e maior devoção ao menino Jesus" [94] (MCAVOY, 2004, p. 44).

Essa visão da bondade redentora das esposas e das mães foi reforçada à época pela atenção dada às figuras de Maria e de sua mãe Santa Ana. Ambas entregaram seus filhos para a vontade divina. Vale destacar que essa questão do sacrifício dos filhos já era presente em muitas narrativas bíblicas. Margery Kempe deveria estar familiarizada com muitos desses textos. Numa visão relatada no capítulo 6, Kempe, durante um momento de meditação, no qual ela pede que Cristo lhe oriente em que pensar, tem contato com Santa Ana e com Maria, mãe de Jesus:

> Nosso Senhor Jesus Cristo respondeu em seu interior: "Filha, pense em minha mãe, pois ela é a causa de toda a graça que possuis.".
> E imediatamente viu Santa Ana grávida, e então suplicou a Santa Ana que lhe permitisse ser sua dama de companhia e serva. E pouco depois nasceu Nossa Senhora, e logo se ocupou de tomar a criatura para ela mesma e cuidar dela até os doze anos, com boa comida e bebida, com belos vestidos e lenços brancos. E então ela disse à abençoada menina:
> – Senhora, será a mãe de Deus.
> – Eu gostaria de ser digna de ser a serva daquela que concebesse o Filho de Deus – respondeu a abençoada menina.
> A criatura disse:

[93] "Also, after this time she had no desire to have sexual contact with her husband, for the conjugal debt was so abominable to her that, she thought, she would have rather eaten or drunk the slime, the muck, in the gutter than consent to any sexual contact, except out of obedience. So then she said to her husband, 'I may not deny you my body, but the love and affection in my heart is drawn away from all earthly creatures and fixed only on God. He would have his way with her, and she obeyed with great weeping and sorrowing because she could not live in chastity."

[94] "[...] infinitely more attainable than that of virgin motherhood and it became a hagiographic stereotype which was well established by the fourteenth century, fuelled as it was by a newly enthusiastic support for marriage and increased devotion the Christ child."

> – Eu lhe rogo minha Senhora que se essa graça recair sobre vós que não renuncies aos meus serviços.
> A bem-aventurada menina desapareceu durante um tempo, permanecendo a criatura em contemplação e quando voltou disse de novo:
> – Filha, agora me tornei a mãe de Deus.[95] (KEMPE, 2015, p. 21).

Podemos observar aqui que a personagem Margery Kempe se apresenta desejando ser dama de companhia e serva de Santa Ana, mãe de Maria. A visão aparentemente ingênua traz, a nosso ver, um interessante elemento para a construção autohagiográfica de Kempe: ela se alinha e se insere na tradição de mártires maternais santas ao se dar em sacrifício como serva de duas mães santas. Ela se coloca como partícipe de todo o mistério maternal que culminará no nascimento do Cristo. Margery Kempe, agora através de Maria, sua mãe, torna-se mais uma vez serva de seu "Senhor Jesus". Tal fato reforça sua autoridade literária e religiosa.

Além da Virgem Maria e Santa Ana, duas mártires maternais medievais que tiveram grande influência sobre Kempe e que são inclusive citadas no seu livro são as já citadas Santa Isabel da Hungria (1207-1231), filha de André II da Hungria e da rainha Gertrudes de Andechs-Meran, descendente da família dos condes de Andechs-Meran, e Santa Brígida da Suécia (1303-1373), escritora, teóloga, fundadora de ordem religiosa, padroeira da Suécia e copadroeira da Europa e que, por intermédio de seus pais e de seu esposo, pertenceu aos círculos políticos mais influentes da Suécia medieval. Ambas foram esposas e mães chamadas a levarem uma vida santa e que passaram suas vidas tentando conciliar seus compromissos matrimoniais com suas necessidades vocacionais, visto que suas famílias se opunham a elas.

Não podemos esquecer que a maternidade na Idade Média era vista no sentido de sofrimento físico e dedicação aos filhos, fossem esses de sangue ou quem quer que estivesse em situação de necessidade. Muitas dessas mães mártires trocavam o amor de seus filhos pelo amor divino, compreendendo a humanidade como seus filhos necessitados. Esse foi o caso de Isabel da Hungria e que teve grande influência sobre Kempe. Como observa McAvoy, um dos escribas do *Livro* era familiarizado com os escritos de Isabel: "Ele também leu questões parecidas sobre Richard de Hampole, o ermitão, em *Incendium Amoris*, que o levaram a crer na

[95] "Our Lord Jesus Christ answered in her mind: 'Daughter, think about of my mother, for she is the cause of all the grace that you have." And immediately she saw St Anne pregnant, and then she asked St Anne if she might be her lady-in-waiting and servant. And forthwith Our Lady was born, and then St Anne busied taking the child to herself and caring for her until she was twelve years old, with good food and drink, with fine clothes and white kerchiefs. And then she said to the blessed child, 'My Lady, you shall be the mother of God.' The blessed child answered and said, 'I wish I were worthy to be the handmaiden of her that should conceive the Son of God.' The creature said, 'I pray , my Lady, that if such grace should conceive the Son of God.' The creature said, 'I pray, my Lady, that if such grace should befall you, do not relinquish my service.' The blessed child went away for a certain period, the creature being still in contemplation, and then come back and said, 'Daughter, now I have become the mother of God.'"

dita criatura. Também Isabel da Hungria gritava com uma voz forte, segundo aparece escrito em seu tratado" [96] (KEMPE, 2015, p. 139). Notemos aqui duas questões importantes que servem para validar a narrativa de Kempe: a primeira, a leitura do *Incendium Amoris*, de Richard Hampole, tratado muito popular na Inglaterra da época, que trata da chama do amor divino e que, conforme é relatado no texto, faz com que o escriba seja levado a "crer na criatura"; e a segunda, os momentos de êxtase de Isabel com gritos altos e fortes que lembravam os de Margery, que também atestavam sua santidade.

Portanto, os exemplos oferecidos por Isabel da Hungria "em seu tratado", provavelmente ofereciam provas concretas de que era possível para uma mulher casada ser "[...] reestabelecida como santa – se, no entanto, ela fosse capaz de redirecionar suas energias matrimoniais e maternais, em última análise, para Deus"[97] (MCAVOY, 2004, p. 45). Assim, na própria literatura mística de autoria feminina medieval já havia terreno para que essa mudança de papel fosse representada por suas personagens sem tanta surpresa ou censura por parte de confessores e/ou autoridades eclesiásticas. A mártir maternal já vinha sido estabelecida como modelo a ser seguido por mulheres que estavam construindo suas imagens de santas.

No caso da influência de Brígida da Suécia sobre Margery Kempe, podemos perceber que ela constituía possivelmente o modelo ideal para a mística de Lynn, além disso, "[...] ela era uma mulher que a precedeu cronologicamente e cujas circunstâncias pessoais ela pode ter percebido como, de certa forma, refletindo as suas próprias"[98] (MCAVOY, 2004, p. 46). A santa sueca aparece várias vezes ao longo do *Livro* e, assim como Margery Kempe, ela havia recebido a sanção divina quanto ao seu status sexual da Virgem; ela insistia que a humildade era mais importante do que a virgindade para uma vida casta e santa.

Em 1349, Santa Brígida saiu da Suécia e morou em Roma até 1370, quando veio a falecer. Alguns anos depois, Kempe, em sua viagem a Roma, menciona que conheceu sua criada no capítulo 39 do *Livro*:

> Depois esta criatura falou com a antiga serva de Santa Brígida em Roma, mas não conseguia compreender o que ela dizia. Então, conheceu um homem que podia entender sua língua e este homem falou à criada de Santa Brígida o que esta criatura dizia e como lhe perguntava por Santa Brígida, sua senhora. Logo a criada disse que Santa Brígida, sua senhora, era agradável e amável com todo mundo e que mostrava um semblante sorridente. E também o bom homem em cuja casa ela estava alojada

[96] "He also read of Richard Hampole, hermit, in the *Incendium Amoris*, similar material that moved him to give credence to the said creature. Also, Elizabeth of Hungary cried with a loud voice, as it is written in her treatise."
[97] "[…] re-established as holy – if, however, she were able to redirect her wifely and maternal energies ultimately towards God."
[98] "[...] she was a woman who only just preceded her chronologically and whose personal circumstances she may have perceived as in some ways reflecting her own."

> lhe disse que também a havia conhecido, mas que não sabia se tratar de mulher tão santa, pois se mostrava muito familiar e amável com quem desejasse falar com ela[99] (KEMPE, 2015, p. 87).

Sem dúvida ela irá se espelhar no comportamento de Brígida, não somente em termos de sua humildade, mas também em suas habilidades proféticas, como no caso do capítulo 20 do *Livro* no qual Margery profetiza um terremoto em Lynn, tal qual Brígida o fizera antes, em outro local, como relatado em seus escritos:

> – Acontecerá um terremoto – respondeu logo Nosso Senhor. Dize-o a quantos deseje, em nome de Jesus. Porque em verdade te digo, igual disse a Santa Brígida, assim o digo a ti, filha e verdadeiramente te digo que cada palavra que está escrita no livro de Brígida é verdadeira e através de ti se conhecerá efetivamente a verdade[100] (KEMPE, 2015, p. 46).

Assim, Kempe busca construir sua imagem de *Mater Dolorosa* tal qual a tradição de místicas medievais, e através da recontextualização de mãe mundana para mãe divina, podemos notar que ela se utiliza de tal estratégia como uma forma de autoempoderamento que proporciona uma *imitatio*, uma verdadeira identificação com o sofrimento da Virgem Maria no Calvário ao ver o Cristo morto na cruz. Ela se coloca como não mais apenas mãe de seus quatorze filhos, mas de todos aqueles que sofrem no mundo: "Agora, em vez de filhos terrenos, Margery é capaz de dar à luz a uma espiritualidade especial que é a mais poderosa de toda a sua descendência. Nasce do acúmulo de todos os seus esforços anteriores, e as dores foram longas e exigentes"[101] (MCAVOY, 2004, p. 63). E depois de todo esse trabalho de parto "textual", eis que Margery deu à luz ao seu último e não menos importante filho, seu *Livro*, o qual permanece como uma obra literária gendrada e criada a partir das dores de sua maternidade e que se faz ouvir ao longo dos séculos até a atualidade.

Como pudemos constatar ao longo desse capítulo, os aspectos da memória, do corpo e da maternidade são fundamentais para interpretarmos as obras das místicas inglesas. Juliana de Norwich e Margery Kempe desconstroem estereótipos acerca das representações das

---

[99] "Afterwards, this creature spoke with St Bridget's maidservant in Rome, but she could not understand what she said. Then she got a man who could understand her language, and that man told St Bridget's maidservant what this creature said and how she asked after St Bridget, her mistress. Then the maidservant said that her mistress, St Bridget, was kind and meek to every creature, and that she had a smiling face. And also, the good man where this creature had been lodging told her that she had been as holy a woman as she was, as she was always intimate with and kind to all creatures that wished to speak with her."

[100] "Then our Lord said back to her, 'There shall be an earthquake. Tell it to whoever you like, in the name of Jesus. For I tell you honestly, I spoke to St Bridget exactly as I spoke to you, daughter, I tell you that every word written in Bridget's book is true, and through you it shall be known for the absolute truth."

[101] "Now, instead of earthly children, Margery is able to give birth to a special spirituality which is the most powerful of all her progeny. It is born from the accumulation of all her earlier labours, and the pains have been long and exacting."

mulheres nos textos medievais. Ao trazerem elementos como o corpo e a maternidade, considerados muitas vezes tabus, sob as perspectivas religiosas do medievo, as autoras rompem com padrões e modelos femininos estabelecidos na sociedade da época. Daí a importância de conhecermos seus textos em língua portuguesa, bem como a importância da tradução de textos de autoria feminina, sejam de quais épocas forem. Principalmente medievais, visto que esse é período histórico muitas vezes considerado negativo para as mulheres.

O próximo capítulo tratará das relações entre o cânone literário e os Estudos Feministas da Tradução, no qual destacamos a importância da tradução para a língua portuguesa das obras de Juliana de Norwich e de Margery Kempe, tradução inédita proposta nesta pesquisa.

4 TRADUZINDO NARRATIVAS MÍSTICAS MEDIEVAIS DE AUTORIA FEMININA: QUESTÕES DE CÂNONE E ESTUDOS DE GÊNERO

A atividade da tradução esteve presente em toda a Idade Média e teve papel relevante na construção de línguas e literaturas nacionais, ou seja, da consolidação das línguas vernáculas. Além disso, as traduções preencheram parte das lacunas entre o passado e o presente e ajudaram a disseminar conhecimentos que se tornariam fundamentais para a construção do pensamento medieval, como as traduções das obras de Platão e de Aristóteles. Assim, a transição de línguas clássicas como o latim e o grego para os vernáculos foi se consolidando nesse período. Vários autores e autoras tiveram participação nesse processo, fosse através do registro de suas obras em vernáculo, fosse traduzindo e adaptando textos de outras línguas para as suas literaturas:

> Além das preocupações regionais e de eventualidades na circulação das obras, é preciso ressaltar, sobretudo, a progressiva emergência, durante a Idade Média, de um espaço cultural europeu, no interior do qual as influências se exercem em sincronia, de uma língua vernácula a outra, e não mais segundo o esquema único diacrônico de uma filiação a partir do latim e do modelo ao mesmo tempo universal e antigo que ele encarna. Poder-se-ia escrever a história cultural medieval através das traduções (ZINK, 2017, p. 97).

No âmbito da literatura inglesa medieval, apenas para citarmos um exemplo, temos a obra de Chaucer (c. 1342-1400), tanto como tradutor quanto compilador de versões inglesas de textos estrangeiros. A tradução foi de suma importância para a formação da língua e da literatura inglesa.

No caso da presente pesquisa, faz-se de grande relevância destacar o papel exercido pelas obras de Juliana de Norwich e Margery Kempe em estudo dentro do contexto da literatura inglesa medieval. Até o início do século XX, os textos permaneceram praticamente desconhecidos. Muitos livros sobre história da literatura inglesa publicados, até a primeira metade do século XX, não mencionavam os textos de Juliana de Norwich e Margery Kempe, muito menos apresentavam o significado do protagonismo de suas obras como pioneiras em relação à literatura de autoria feminina em língua inglesa. Sabe-se que a tradução dos dois textos do inglês médio para o inglês contemporâneo foi de suma importância para se repensar o cânone literário inglês. E desconstruir estereótipos que asseveravam a ausência de vozes femininas na literatura inglesa do medievo.

Neste capítulo, faremos um breve histórico das teorias da tradução literária e sua importância na Idade Média, bem como elas podem funcionar como ferramentas para

repensarmos o cânone literário inglês. Discutiremos também acerca da tradução de obras místicas de autoria feminina inglesa através do diálogo entre a crítica literária feminista e os estudos da tradução, bem como da manipulação de suas famas literárias. Para tanto, faremos uma breve revisão da bibliografia de natureza teórica acerca da relação entre os estudos da tradução (ET) e os estudos feministas da tradução (EFT). Concluiremos com uma análise comparativa das traduções, para o português brasileiro, da obra *A Revelation of Love* de Juliana de Norwich. No capítulo seguinte e final desta tese, apresentamos a tradução inédita para a língua portuguesa do livro de Margery Kempe.

4.1 Os Estudos da Tradução e os Estudos Literários: ferramentas para repensar o cânone literário

A pesquisa em tradução literária é uma área relativamente nova dentro das Ciências Humanas, se considerarmos que o nome "Estudos da Tradução" enquanto disciplina foi consolidado nos anos 1980 do século XX. Mas a teorização acerca do ato tradutório remonta à Antiguidade Clássica. Cícero, Horácio entre tantos outros pensadores são um exemplo dessa reflexão inicial sobre o que constitui "o bem traduzir" uma obra literária.

O ato tradutório sempre esteve presente na história da humanidade. Desde as mais remotas épocas, o ser humano observa as diferentes línguas. De acordo com Michaël Oustinoff (2011, p. 30), teríamos os seguintes períodos da história da tradução: Antiguidade, Idade Média, Renascimento, os séculos XVII e XVIII e a época contemporânea. Vale ressaltar que esses períodos não estariam totalmente separados entre si e que muitas vezes a teoria tradutória de um período recupera a de um período antecedente, reformulando-a e utilizando-a.

A teorização acerca da tradução literária está intimamente ligada, em suas origens, a tradução de textos religiosos, particularmente da Bíblia, por São Jerônimo. No entanto, é interessante ressaltar, com o citado Oustinoff, que o pensador romano Cícero em seu *Libellus de optimo genere oratorum* (46 a.C.) antecede São Jerônimo na visão de que a tradução não deveria acontecer *verbum pro verbo*, "palavra por palavra", mas sim "uma ideia por outra ideia" que o religioso tentava exprimir através de sua tradução; pensamento este que seria retomado por Horácio em seu *Ars Poetica* (10 a.C.). Já Fílon de Alexandria (13 a.C. - 54) defendia que "[...] unicamente a tradução literal seria capaz de não alterar os textos sacros" (OUSTINOFF, 2011, p. 31).

Como observa Susan Bassnett, a difusão do cristianismo contribuiu enormemente para a valorização da tradução, pois "[...] a história da tradução da Bíblia corresponde à história da

cultura ocidental em microcosmo [...]" (2005, p. 69). A tradução do Novo Testamento fora solicitada a São Jerônimo pelo Papa Dâmaso I em 384 d.C., versão esta que influenciou tantas gerações de tradutores.

Em 1530 veio a lume a tradução do Novo Testamento para o alemão de Martinho Lutero o que provocou uma verdadeira revolução no mundo cristão dando origem à Reforma Protestante e a consequente reação católica através da Contrarreforma. Vale considerar que durante toda a Idade Média, tentativas vinham sendo feitas no sentido de traduzir a Bíblia para línguas vernáculas, como no caso da língua inglesa, através das traduções de John Wycliffe (1380-84), William Tyndale (publicada em 1525) e Coverdale (1535). Alguns estudiosos cogitam mesmo que Juliana de Norwich teria lido a tradução da Bíblia por John Wycliffe, o que constituiria um risco na época, pois tal ato seria associado à chamada heresia lolarda, visto que a Igreja considerava heresia qualquer tradução da Bíblia para vernáculo. Margery Kempe, por exemplo, como foi dito, foi presa acusada de ser uma herege lolarda.

Como destaca Milton, na época medieval, "a prática generalizada era traduzir, atualizar ou adaptar as obras de outros escritores sem referências às fontes" (1998, p. 18). Se considerarmos a obra de escritores como o já citado Geoffrey Chaucer e o elizabetano William Shakespeare, poderemos observar que as várias traduções para o inglês de obras em italiano, francês e latim contribuíram enormemente para a introdução e adaptação de novos estilos e temas para a literatura inglesa:

> A herança literária é desenvolvida e transmitida da língua clássica para o vernáculo por meio da tradução, inter - ou intralingual, e alguns textos, particularmente aqueles traduzidos em épocas anteriores e para uma língua tão falada como o inglês, eventualmente perdem sua posição como traduções e são assimilados pela cultura alvo dominante, sem referência às suas origens em outras línguas[102] (LONG, 2010, p. 61).

O ato da escrita na Idade Média estava ligado a contextos sociais e históricos que envolviam patrocínio, reprodução e circulação, - bem como às figuras dos escribas, compiladores, confessores e biógrafos. Além disso, como afirma Summit (2003, pp. 91-92), a autoria de uma obra possuía uma variedade de significados na Idade Média, dentro dos diferentes contextos institucionais e culturais. Daí muitos autores e autoras parafrasearem outras obras em seus próprios textos. Esse imiscuir-se de outras vozes literárias acontecia

[102] "Literary heritage is developed and transmitted from classical language to vernacular through translation, inter- or intralingual, and some texts, particularly those translated in earlier times and into a language as widely spoken as English, eventually lose their position as translations and become assimilated into the mainstream target culture without reference to their other-language origins."

muitas vezes através das traduções que os mesmos ou as mesmas faziam ou tinham acesso. Segundo Burke,

> Embora especialistas tenham corretamente apontado "a heterogeneidade e a complexidade da tradição medieval", pode-se ainda assim sugerir que o regime medieval era dominado pela tradução "palavra por palavra" (*verbum pro verbum*, na famosa frase de Cícero), embora ele permitisse, sim, a incorporação de glosas ao texto sem assinalar que essas eram adições do tradutor (2009, p. 33).

A prática da tradução na Idade Média era marcada, então, pela tradução literal, o que marcava uma forte "estrangeirização" das mesmas. De acordo com a terminologia de Lawrence Venuti, "[...] o termo, ele próprio uma tradução do verbo alemão *verfremdem*, refere-se à introdução de palavras da cultura doadora na cultura receptora, produzindo no leitor uma sensação de distanciamento ou estranhamento" (BURKE, 2009, p. 33).

No Renascimento, a tradução teria um papel importantíssimo, visto que as trocas culturais se acentuam cada vez mais nesse período. Portanto, o papel da tradução na Europa renascentista não era de forma alguma secundário, exercendo mesmo "[...] o poder de moldar a vida intelectual da época, sendo que, às vezes, a figura do tradutor aparece quase como a de um ativista revolucionário, e não como a de servo de um texto ou autor original" (BASSNETT, 2005, p. 82).

Vale ressaltar que a tradução sempre fora um elemento central nas várias literaturas. Ezra Pound, escritor, poeta e tradutor norte-americano do século XX, disse mesmo que "Uma grande época da literatura é talvez sempre uma grande época de traduções; ou a sucede" (*apud* MILTON, 1998, p. 80). Ele acreditava que a qualidade das traduções de uma determinada época refletia a qualidade da poesia num período literário e que, no caso da literatura inglesa essa "época de ouro" literária teria sido o período entre as obras de Chaucer e Shakespeare, momento em que a literatura inglesa teria brilhado com as adaptações de línguas continentais.

Ainda no século XVII, com o seu "Prefácio" às *Epístolas* de Ovídio (*Preface to Ovid's Epistles*), John Dryden (1631-1700) deixou uma grande contribuição à história da tradução com seus três tipos de estratégias tradutórias: *metáfrase*, *paráfrase* e *imitação*. A metáfrase constituía a tradução de uma obra palavra-por-palavra e linha por linha de uma língua para a outra. Seria o que chamamos de tradução literal, amplamente praticada na Idade Média. A paráfrase, estratégia predileta do autor inglês, constituía numa tradução com liberdade de escolha ou ainda, "tradução com latitude", na qual se segue a obra a ser traduzida, mas se permite uma liberdade maior ao tradutor. Já a imitação acontecia quando o tradutor abandonava o texto de partida e o recriava, imitando muitas vezes o estilo do autor.

No século XVII temos ainda, na França, as chamadas *belles infidèles* (“belas infiéis”) que prezavam pela beleza e clareza nas traduções literárias, mesmo que, para tanto, os tradutores fizessem alterações nos textos. Como observa John Milton, “[...] os tradutores franceses, a fim de chegar à clareza de expressão e à harmonia de som, muitas vezes faziam acréscimos, alterações e omissões nas suas traduções” (MILTON, 1998, p. 55). Esse fora o procedimento tradutório predominante na França nos séculos XVII e XVIII, momento que coincide com o Iluminismo, que prezava a razão e repudiava a obscuridade. O principal nome desse período foi o tradutor francês Nicolas Perrot d’ Ablancourt (1606-1664), que muitas vezes fez mudanças na tradução dos textos clássicos para atenuar referências consideradas “menos civilizadas” para a sociedade francesa da época.

Chamberlain, em seu texto “Gênero e a metafórica da tradução” (1998), discute a questão das metáforas usadas nos textos teóricos acerca da prática tradutória. Ela observa que geralmente são usadas metáforas que associam sempre a tradução ao gênero feminino e trazem uma carga semântica negativa:

> A sexualização da tradução aparece talvez, mais comumente, sob o rótulo *les belles infidèles* – como as mulheres, diria o provérbio, as traduções são belas ou são infiéis. O rótulo se deve tanto à rima em francês quanto ao fato da palavra “*traduction*” ser feminina, tornando o uso de *les beaux infidèles* impossível. Esse rótulo deve sua longevidade - foi cunhado no século XVII – a mais do que uma simples semelhança fonética: o que lhe dá a aparência de verdade é que captou uma cumplicidade cultural entre as questões de fidelidade na tradução e no casamento (CHAMBERLAIN, 1998, p. 39).

O conceito de fidelidade tradutória, nesse modelo de tradução, é pautado por um acordo implícito entre tradução (como mulher, esposa) e texto de partida (homem, marido ou autor). Assim, temos a esposa/tradução infiel que comete seus crimes de “traição” ao texto de partida/marido original/fiel: “Tal atitude denuncia o verdadeiro conflito acerca do problema da paternidade e da tradução; imita o sistema de reinado patrilinear no qual a paternidade, não a maternidade, legitima a prole” (CHAMBERLAIN, 1998, p. 39). Essa questão da paternidade do texto de partida também apareceu no tratado sobre a tradução de autoria do conde Roscommon ainda no século XVII. Esse texto fora bastante conhecido em sua época, o que também ajudou a disseminar essas ideias patriarcais acerca da tradução.

Sherry Simon, em sua obra *Gender in Translation*, destaca que:

> A teoria feminista da tradução visa identificar e criticar o emaranhado de conceitos que relegam as mulheres e a tradução para o início da escada social e literária. Para tanto, deve investigar os processos pelos quais a tradução passou a ser “feminizada”

> e tentar perturbar as estruturas de autoridade que mantiveram essa associação[103] (SIMON, 1996, p. 1).

Como podemos notar a própria metafórica acerca da tradução foi, até meados do século XX, permeada por associações que possuíam toda uma carga de adjetivos patriarcais. A união entre os Estudos Culturais e os Estudos da Tradução, bem como a escola canadense feminista de tradução, problematizou essa questão a partir dos anos 1980:

> O código metonímico de dupla inferioridade das mulheres e da tradução está na base da multiplicidade de outras metáforas, e surge da oposição entre o trabalho produtivo/ativo (realizado por homens e autores) e o trabalho reprodutivo/passivo (realizado por mulheres e tradutoras/es). Assim, é necessário um olhar (auto) crítico que examine outras possíveis metáforas e discursos teóricos a partir de uma perspectiva feminista. Isso deveria ser complementado com propostas de uma nova retórica da tradução que desconstrua as hierarquias entre os sexos e os textos, liberando ambos de sua carga patriarcal opressora (CASTRO, 2017, p. 226).

Trataremos acerca desse assunto mais adiante, visto que é de grande relevância para o âmbito dessa pesquisa, na qual lidamos com obras de autoria feminina e suas respectivas traduções.

No início do século XX, temos o surgimento da crítica literária formalista que iria fornecer bases para uma maior compreensão do texto literário como um procedimento. Consequentemente, as teorias acerca da tradução também seriam largamente influenciadas pelas ideias dos formalistas russos. No entanto, um texto do início do século XX que foi e ainda continua sendo de suma importância para os estudos da tradução é "A tarefa do tradutor" (*Die Aufgabe des Übersetzers*), de 1921, de autoria do filósofo alemão Walter Benjamin (1892-1940). Segundo Milton (1998), a ideia central desse texto é que a tradução traduz a forma do texto de partida, ou seja, a prioridade é mais da forma do que no conteúdo, principalmente em se tratando de tradução de um texto poético: "A tradução é uma forma. Para apreendê-la como tal, é preciso retornar ao original. Pois nele reside a lei dessa forma, enquanto encerrada em sua traduzibilidade" (BENJAMIN, 2013, p. 102). Para o pensador alemão, a traduzibilidade é uma propriedade essencial de certas obras: "É mais do que evidente que uma tradução, por melhor que seja, jamais poderá significar algo para o original. Entretanto, graças à traduzibilidade do original, a tradução se encontra com ele em íntima conexão" (BENJAMIN, 2013, p. 103):

---

[103] "Feminist translation theory aims to identify and critique the tangle of concepts which relegates both women and translation to the bottom of the social and literary ladder. To do so, it must investigate the processes through which translation has come to be 'feminized,' and attempt to trouble the structures of authority which have maintained this association."

> Pois a tradução é posterior ao original e assinala, no caso de obras importantes, que jamais encontram à época de sua criação seu tradutor de eleição, o estágio de sua "pervivência". A ideia de vida e da "pervivência" das obras de arte deve ser entendida em sentido inteiramente objetivo, não metafórico. [...] Traduções que são algo mais do que meras transmissões surgem quando uma obra tiver chegado, na continuação da sua vida, à época de sua fama. [...] Nelas o original alcança, de maneira constantemente renovada, seu mais tardio e abrangente desdobramento (BENJAMIN, 2013, pp. 103-104)

Faz-se necessário refletirmos sobre a importância das observações de Benjamin acerca dessa "pervivência", dessa sobrevivência do original de uma obra literária de autoria feminina na tradução e sua consequente entrada no cânone literário. Com o diálogo ente a crítica literária feminista e os estudos feministas da tradução, através também do resgate de autoras e obras "esquecidas", percebemos o quão fundamental são essas traduções para esse resgate e revisionismo do cânone, visto que através das traduções, sejam elas intralinguais, no caso aqui das obras em estudo, originalmente escritas num inglês falado na Idade Média e muitas vezes ilegível para a leitora ou o leitor contemporâneos, sejam interlinguais, no caso da nossa proposta de tradução da obra de Kempe para o português brasileiro e assim ampliar o público leitor da mesma e desfazer os mitos acerca da ausência de produção literária feminina no medievo.

Vale lembrar também que, em se tratando das teorias tradutórias do século XX, também temos a abordagem tradutória de Henri Meschonnic que sistematiza uma poética da tradução: "Descobre-se que uma tradução de um texto literário, pela sua prosódia, seu ritmo, sua significância, como uma das formas de individuação, como uma forma-sujeito" (MESCHONNIC, 2010, p. xxiv). Além disso, o autor ressalta que: "Para a poética, a tradução não é nem uma ciência nem uma arte, mas uma atividade que coloca em curso um pensamento da literatura, um pensamento da linguagem" (MESCHONNIC, 2010, p. xxvi). Acompanhamos, durante o século XX, cada vez mais o ato da tradução literária e sua sistematização teórica sendo valorizada e pensada.

O próprio termo Estudos da Tradução (ou "Estudos de Tradução" ou *Translation Studies* em língua inglesa) é relativamente novo. Segundo Susan Bassnett, em 1978, em um breve Apêndice à coletânea do *Louvain Colloquium on Literature and Translation* (1976), André Lefevere propôs que o termo *translation studies* ("estudos de tradução"), deveria ser adotado como disciplina independente dos estudos da literatura comparada: "[...] não apenas uma pequena subdivisão do estudo da literatura comparada, nem uma área específica da linguística, mas um campo vasto e complexo com muitas ramificações extensas" (BASSNETT, 2005, p. 23). Sua aceitação recente no meio acadêmico ainda vem sendo construída com a

contribuição de teóricas e teóricas de muitas outras áreas de estudos, dado o seu caráter interdisciplinar ou transdisciplinar:

> Todavia, apesar da diversidade de métodos e abordagens, uma característica comum da maioria das pesquisas em estudos de tradução é uma ênfase nos aspectos culturais da tradução, nos contextos dentro dos quais a tradução ocorre. Outrora vista como sub-ramo da linguística, a tradução hoje é vista como um campo interdisciplinar de estudo e a indissolúvel conexão entre linguagem e modo de vida tornou-se um foco de atenção acadêmica (BASSNETT, 2005, p. 13).

Assim, os Estudos da Tradução buscam estabelecer pontes entre as várias áreas da linguística, filosofia, crítica literária, semiótica, estética, estudos culturais, teologia entre outras. Estudiosas como Gayatri Chakravorti Spivak observam o caráter de ferramenta de domínio colonial com a qual muitas vezes as traduções foram usadas no passado. A tradução era considerada "[...] um meio de privar os povos colonizados de ter uma voz, pois no modelo colonial, uma cultura dominava e as outras eram subservientes, uma vez que a tradução reforçava aquele poder da hierarquia" (BASSNETT, 2005, p. 15).

A tradução é vista, portanto, como fundamental à cultura e à socialização das comunidades. Como observa Britto, "[...] a tradução é uma atividade indispensável em toda e qualquer cultura que esteja em contato com alguma outra cultura que fale um idioma diferente [...]" (2012, p. 11). Sabemos que as relações que perpassam essa troca intercultural produzida por meio do ato tradutório enriquecem os sistemas literários introduzindo novas formas de fazer literário. Sobre a questão da influência dos Estudos da Tradução sobre o cânone literário, escreve Bassnett que:

> Há padrões canônicos inteiros que são substituídos ou alterados, e cada texto está envolto em uma relação dialética contínua com esses padrões. Não pode mais haver tradução definitiva, assim como não há poema ou romance definitivos, e qualquer avaliação de uma tradução pode ser feita apenas levando em consideração tanto o processo de cria-la quanto a sua função em um dado contexto (BASSNETT, 2005, p. 31).

É importante ressaltar que em relação à história da literatura, os estudos de tradução estão cada vez mais contribuindo para essa reavaliação do cânone literário e apresentando as múltiplas influências e relações tecidas entre os diversos sistemas literários. André Lefevere enfatiza em sua obra *Tradução, reescrita e manipulação da fama literária* (2007), a importância do papel do tradutor como aquele que não produz a literatura, mas que a reescreve:

> Isso é importante porque eles são, no presente, co-responsáveis, em igual ou maior proporção que os escritores pela recepção geral e pela sobrevivência de obras literárias

> entre leitores não profissionais, que constituem a grande maioria dos leitores na nossa cultura globalizada (LEFEVERE, 2007, p. 14).

Positivamente, uma das maiores contribuições que o estudioso trouxe para o campo dos Estudos da tradução foi o conceito da tradução como *reescrita* do texto literário e sua importância como divulgadora de uma determinada obra escrita numa língua de partida diferente da língua do contexto linguístico de chegada.

No caso de uma pesquisa que destaque a necessidade de maior conhecimento e de maiores estudos acerca de uma determinada obra escrita numa língua diferente da do contexto linguístico dessa pesquisa, faz-se necessário, portanto, propor uma tradução da mesma. No caso da obra *The Book of Margery Kempe*, percebemos como de grande importância, para sua divulgação, sua tradução para a língua portuguesa brasileira, haja vista que não se conhece nenhuma tradução da mesma para nossa língua:

> Insisto, de minha parte, que o processo que resulta na aceitação ou rejeição, canonização ou não canonização de trabalhos literários não é dominado pela moda, mas por fatores bastante concretos que são relativamente fáceis de discernir assim que se decide procurar por eles, isto é, assim que se evita a interpretação como o fundamento dos estudos literários e se começa a enfrentar questões como o poder, a ideologia, a instituição e a manipulação (LEFEVERE, 2007, p. 14).

Como já mencionamos anteriormente, o texto foi escrito em Inglês Médio (*Middle English*) por volta do ano de 1438. Como observa Anthony Bale na introdução de sua tradução da obra de Margery (KEMPE, 2015, p. xxxv), "*The Book of Margery Kempe* foi escrito em prosa da região de East Anglia do século XV"[104]. Como destaca Bassnett, "[...] embora haja um grande volume de trabalho debatendo as questões que envolvem a tradução de poesia, muito menos tempo tem sido gasto no estudo dos problemas específicos da tradução em prosa literária" (BASSNETTT, 2005, p. 146). Tal constatação amplia o desafio que se apresenta à realização de tal empreitada. No entanto, sabemos que a tradução inédita de uma obra de tal alcance para os estudos da literatura inglesa no sistema literário brasileiro é de grande contribuição para o mesmo, bem como dos estudos de gênero e literatura, dado o pioneirismo da autora. Como destaca Britto, "traduzir – principalmente um texto de valor literário – nada tem de mecânico: é um ato de trabalho *criativo*" (2012, pp. 18-19) (Grifos do autor).

A literatura traduzida, portanto, muitas vezes é vista como um campo de estudos complexo dentro dos Estudos de Tradução. No entanto, como observam os organizadores do volume *Literatura traduzida & literatura nacional*, "[...] a literatura traduzida ocupa um lugar

[104] "*The Book of Margery Kempe* was written in fiffteenth-century East Anglican prose."

importante no conjunto da produção literária mundial e tem desempenhado um papel de destaque na formação e renovação das diferentes literaturas nacionais" (GUERINI *et al*., 2008, p. 9). Apesar dessa importância enquanto elemento dinamizador de uma determinada literatura, pouca é a importância dada à literatura traduzida.

Vale ressaltar também que a prática tradutória marcou e continua marcando decisivamente o estilo de muitas escritoras que fizeram e continuam fazendo da tradução uma forma de sustento financeiro. Desde a Idade Média até a contemporaneidade, as mulheres traduziram, como afirma Simon e, parafraseando muitos teóricos da tradução já vistos, a tradução funcionou muitas vezes como uma espécie de treinamento para a futura escritora:

> Por um lado, a tradução era o meio através do qual as mulheres, começando na Idade Média europeia, particularmente, foram capazes de ganhar acesso ao mundo das letras. Há muito excluídas dos privilégios da autoria, as mulheres se voltaram para a tradução como uma forma de expressão pública. A tradução continuou a servir como um tipo de aprendizado para as candidatas a escritoras nos ´seculos XIX e XX[105] (SIMON, 2005, p. 2).

Podemos observar, portanto, a importância dos estudos acerca da temática proposta tanto para os Estudos de Tradução, bem como para a Crítica Literária e a Historiografia Literária no Brasil e no mundo. Os Estudos da Tradução hoje constituem um campo de conhecimento imprescindível para o estudo da literatura. Sabemos que muitas obras adentram os variados sistemas literários através da via da tradução. Não só adentram esses sistemas, bem como os influenciam e representam fonte de rupturas e renovações literárias, bem como fazem repensar o cânone de uma determinada literatura. A influência da tradução no atual mundo globalizado é incontestável. No tocante à tradução do texto literário, esta se apresenta ainda anterior, remontando às traduções de textos sagrados para as diversas tradições religiosas do mundo ocidental, como é o caso já mencionado da tradução da Bíblia.

Vale ressaltar que o peso da literatura traduzida costuma variar de acordo com cada sistema literário e as conjunturas históricas, políticas e sociais específicas desse sistema. Como deixa claro Even-Zohar, quanto mais um sistema cultural é central e organizado, menos tende a procurar elementos novos e estrangeiros a si; quanto mais periférico em relação ao centro cultural, mais se torna receptivo às atrações inovadoras provindas da literatura traduzida.

---

[105] "On the one hand, translation was the means through which women, beginning in the European Middle Ages, particularly, were able to gain access to the world of letters. Long exluded from the privileges of authrship, women turned to translation as a permissive form of public expression. Translation continued to serve as a kind of writer's apprenticeship for women into the nineteenth and twentieth centuries."

Faz–se necessário também neste levantamento sobre as teorias mais influentes acerca do ato tradutório, tratarmos do diálogo encetado entre os Estudos da Tradução e os Estudos Culturais o que iria proporcionar uma verdadeira "virada cultural" (*cultural turning point*) nas abordagens críticas tradutórias.

Procuraremos através desse trabalho, evidenciar a importância da tradução literária para os Estudos de Tradução e como esta pode influenciar, revelar e consolidar as escolhas e métodos tradutórios dentro de uma mesma literatura, no presente estudo, a literatura de língua inglesa (no caso as primeiras traduções intralinguais das obras em estudo) e a literatura brasileira com as traduções interlinguais já realizadas da obra de Juliana de Norwich e a nossa proposta de tradução inédita do inglês médio para o português brasileiro da obra de Margery Kempe.

Pokorn, em seu artigo "Translation and Mystical Texts", destaca que, na tradução desses textos místicos em inglês médio para o inglês contemporâneo ou outras línguas, o papel dos tradutores geralmente ultrapassa o de mediadores intra ou interlinguais e assume papeis inesperados:

> Uma vez que todos os tradutores de escritos místicos lidam com textos considerados preciosos por seus autores e suas comunidades espirituais e destinados a públicos restritos, as traduções são, em princípio, desleais ao autor quando disponibilizam a obra a um público maior e desconhecido. Ao mesmo tempo, os tradutores também se comprometem com os leitores que desejam acessar o texto por meio da tradução. Ao traduzir a obra, eles fornecem aos contemplativos em potencial um texto que de outra forma não estaria disponível, mas ao mesmo tempo também cairá nas mãos de leitores que o autor considerou indignos. As traduções modernas de textos espirituais e místicos, portanto, inevitavelmente envolvem uma quebra de lealdade ao autor, que é, paradoxalmente, causada pela lealdade ao texto e seus leitores em potencial[106] (POKORN, 2005, p. 104).

O tradutor desses textos considerados sagrados e direcionados inicialmente para um público específico se via numa posição ambígua: ao passo que ajudam a divulgar e dar um acesso mais amplo para um público maior retira-lhe a exclusividade de uma leitura mais individual e fechada. O fato é que a tradução foi e continua sendo fundamental para a Idade Média, no sentido de compreender cada vez mais esse período. Para Beer, a tradução constituiu

[106] "Since all translators of mystical writings deal with texts that are considered precious by their authors and their spiritual communities and intended for restricted audiences, translations are, in principle, disloyal to the author when they make the work available to a larger and unknown audience. At the same time, translators are also committed to readers who want to access the text by means of translation. By translating the work, they provide potential contemplatives with a text that would otherwise not be available, but at the same time it will also fall into the hands of readers that the author considered unworthy. Modern translations of spiritual and mystical texts thus inevitably involve a breach of loyalty to the author, which is, paradoxically, caused by loyalty to the text and its potential readership."

movimento importantíssimo na Idade Média. Como já mencionado, no medievo muitas obras circularam na Europa através das traduções e essas mesmas obras traduzidas, muitas vezes sem ao menos se creditar a autoria correta da obra, eram assimiladas como parte de um sistema literário ao qual não pertenciam, mas passavam a fazer parte:

> A tradução nunca foi algo tão vital quanto na Idade Média. Por sua agência o aprendizado era compartilhado (*translatio studii*) e o poder legitimado (*translatio imperii*). Seus produtos heterogêneos iam desde contratos legais verbalizados até transformações literárias criativas. Ela transmitia conhecimento através do tempo e através das culturas e habilitou os séculos medievais a adotar modelos pré-existentes de excelência a fim de criar um novo moderno[107] (BEER, 2019, p. 8).

Dessa forma, podemos inserir a importância que a tradução teve na época de Juliana de Norwich e Margery Kempe. Na própria Inglaterra e no mundo cristão católico romano da época, traduzir era algo fundamental e ao mesmo tempo, dependendo do texto, algo proibido. Principalmente se se tratasse de um texto que tinha tanto poder quanto a Bíblia. Na verdade, as questões ligadas à tradução são de certa forma e em certos casos, absolutamente ligadas a questões de poder. Impossível não pensarmos se Juliana de Norwich ou Margery Kempe não tiveram algum tipo de contato com uma das várias traduções da Bíblia que circulavam na época. Sabe-se que a tradução de John Wycliffe e seus discípulos era famosa na época. Tão famosa que despertou a fúria e a perseguição das autoridades eclesiásticas associando-a à já mencionada heresia lolarda, da qual Margery Kempe fora acusada.

Partiremos, então, do único manuscrito da obra presente na British Library (Add. MS 61823), cotejando-o com as versões modernas de Anthony Bale (*The Book of Margery Kempe* – OUP, 2015), Barry Windeatt, (*The Book of Margery Kempe Annoted Edition* – D. S. Brewer, 2004) e sua versão para o espanhol de Salustiano Moreta Velayos (*Libro de Margery Kempe* – Universitat de Valencia, 2012). Como descreve o escriba da obra, esta teria sido escrita entre os anos de 1436-8, ou seja, muitos anos depois dos eventos descritos na narrativa. Esperamos, com essa tradução, tornar a obra de Margery Kempe acessível aos leitores e leitoras de língua portuguesa. Que estes possam conhecer uma das maiores prosadoras da literatura inglesa medieval, com toda a beleza de seu texto místico e sua riqueza metafórica e literária.

No tocante à relação entre os estudos da tradução e os estudos de gênero, questão de grande pertinência para esta pesquisa, visto que propomos a tradução para o português da obra

---

[107] "Translation was never more vital than in the Middle Ages. By its agency learning was shared (*translatio studii*) and power was legitimized (*translatio imperii*). Its heterogeneous products ranged from carefully worded legal contracts to creative literary transformations. It transmitted knowledge across time and across cultures, and enabled the medieval centuries to adopt pre- existing models of excellence in order to create a new modern."

de Margery Kempe, temos os estudos de Flotow e Simon, teóricas pertencentes à chamada escola feminista de tradução canadense, que se destacaram por ressaltarem que os últimos quarenta anos "no movimento de mulheres, nas políticas feministas e na produção acadêmica feminista têm sido fortemente afetados pela tradução: não só nos países anglófonos, mas em todo mundo" (FLOTOW, 2013, p. 169). A estudiosa ainda deixa claro que as traduções de mulheres escritoras permitiram "ampla fertilização mútua e intercâmbio de ideias" (FLOTOW, 2013, p. 170) e com as releituras, reavaliações e retraduções, de textos-chave publicados no ocidente, a cultura feminista se torna cada vez mais importante.

Já Simon, em seu livro *Gender in Translation* (2005), observa que "[...] as questões de identidade, incluindo gênero, tornaram-se um fator crucial para nosso entendimento da cultura hoje. [...] Mais importante, entretanto, tem sido o impacto decisivo do feminismo, como movimento político e literário sobre a teoria e a prática da tradução"[108] (SIMON, 2005, p. ix). Portanto, a relação entre os estudos da tradução e os estudos de gênero muito tem contribuído para cada vez mais trazer a um público diversificado os textos literários de muitas autoras que tiveram suas vozes silenciadas ao longo da história da literatura. Trataremos agora acerca dessa abordagem tradutória que muito contribuiu para a relação entre Estudos de Gênero e Tradução.

4.2 Traduzindo escritos de mulheres medievais: diálogos entre os Estudos de Gênero e a Tradução

A tradução de textos de autoria feminina tem despertado nos últimos quarenta anos muitos debates e recebido ricas contribuições de teóricas e teóricos da tradução. De acordo com Louise von Flotow, muito antes de ideias como "tradução feminista" emergirem nos anos 1990, a tradução era um veículo importante para a divulgação dos textos feministas em diversas línguas. No Brasil, por exemplo, as traduções das obras feministas teve e ainda tem papel muito importante na divulgação dos vários feminismos entre nós, sendo que, na atualidade os diversos volumes publicados por Heloísa Buarque de Holanda acerca do *Pensamento Feminista* e suas diversas perspectivas, publicada em vários volumes e trazendo várias abordagens, bem como a antologia *Traduções da Cultura*: perspectivas críticas feministas (1970-2010) organizada pelas professoras Izabel Brandão, Ildney Cavalcanti, Claudia de Lima Costa e Ana Cecília A. Lima, contando com a colaboração de traduções de diversas pesquisadoras brasileiras de textos

[108] "Identity issues, including gender, have become a crucial factor in our understanding of culture today. […] Most important, however, has been the decisive impact of feminism, as a political and literary movement, on translation theory and practice."

fundamentais para a compreensão das diversas ondas feministas, tem verdadeiramente impulsionado os feminismos no nosso país. Vale destacar também as pesquisas realizadas pelo grupo vinculado ao PPGET – Programa de Pós-graduação em Estudos da Tardução da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC): GEFLIT – Grupo de Estudos Feministas na Literatura e na Tradução. Ou seja, através dos textos fundamentais e do trabalho realizado por iniciativas de grupos de estudos como o GEFLIT, a crítica literária feminista no Brasil vem se consolidando. Lefevere trata da influência que tal movimento tem sobre a tradução e publicação de obras que hoje são consideradas clássicas feministas:

> A razão pela qual os clássicos feministas são republicados não se encontra no valor intrínseco dos textos, mas no fato de que eles estão sendo editados sobre um pano de fundo de um impressionante conjunto de crítica feminista, que os anuncia, os incorpora e os suporta (2007, p. 14).

Ou seja, através das várias traduções de textos base para compreensão das questões feministas, a crítica literária feminista brasileira vai se fortalecendo cada vez mais e assim a necessidade e recepção maior a obras que hoje estão sendo consideradas pioneiras. Flotow (2013, pp. 170-171) destaca esse papel das traduções no sentido de que as traduções de mulheres escritoras permitiam ampla "*fertilização mútua e intercâmbio de ideias*" (Grifos da autora); com as releituras, reavaliações e retraduções de textos básicos publicados no ocidente permitiu mais visibilidade à cultura feminista; a redescoberta de escritoras permitiu e incentivou a tradução e publicação das mesmas e assim toda a movimentação envolvendo pesquisa, resgate, tradução e publicação levou a uma análise da tradução em si, como meio sem o qual não seriam possíveis tais divulgações e intercâmbios de ideias: "Muitos trabalhos acadêmicos resultaram do poder da tradução, das mulheres tradutoras e sua influência nos textos, e das teorias de tradução que desenvolveram uma visão poderosa sobre o suposto lado feminino do fenômeno da tradução" (FLOTOW, 2013, p. 171). Daí essa visão feminista da tradução ter provocado a reavaliação do cânone literário.

E assim a maior necessidade dessa atividade tradutória para se criar uma rede de inter-relações entre obras literárias e de crítica feminista, visto que vivemos em uma sociedade de cultura patriarcal e que muitas vezes dá pouca ou nenhuma visibilidade às mulheres na área da Tradução. Além disso, os estudos de gênero e os estudos da tradução possuem uma relação não unidirecional, pois "[...] tanto a Tradução incorpora pensamentos dos Estudos de Gênero quanto fornece formas destes se articularem transnacionalmente" (MATOS; BARBOZA; SANTOS. 2018, p. 45).

Não só em relação à própria crítica feminista e aos estudos de gênero, mas também devemos ressaltar, com Louise Von Flotow que a tradução é deliberada: "Ela é intencional e, usualmente, feita com um propósito. Nenhuma tradução é produção somente do/a tradutor/a" (FLOTOW, 2013, p. 171). Nesse sentido, a tradução nunca é responsabilidade única do tradutor/a: editoras, patronos, mercado editorial e público leitor também entrarão como coparticipantes desse processo de escolha do que traduzir e como traduzir.

Na tradução do prefácio escrito por Patricia Hill Collins para a obra *Feminist Translation Studies: Local and Transnational Perspectives* (2017), editada por Olga Castro e Emek Ergun, traduzido para a Revista Ártemis (2019.1) por Cibele de Guadalupe Sousa Araújo, Dennys Silva-Reis e Luciana de Mesquita Silva, Patricia Hill Collins descreve o esforço para uma maior compreensão do que se escreve em vários locais e em várias culturas:

> Ainda assim, como nossos esforços para entender os/as outros/as e para nos fazer entendidos/as ocorrem em um mundo caracterizado por relações hierárquicas de poder, por mais que desejássemos que fosse o contrário, há limites em relação ao que cada um/a de nós pode ver e dizer a partir de nossos lugares sociais específicos. (COLLINS, 2019, p. 26).

Assim, a "[...] a tradução é central para a práxis feminista. Indivíduos que servem como tradutores/as não apenas interpretam os significados variantes através de cenários sociais, políticos e intelectuais diferentes: eles/as criam novo conhecimento em espaços fronteiriços" (COLLINS, 2019, p. 26). A tradução provoca assim uma apropriação da linguagem de chegada, no sentido de que esta possa compartilhar experiências e significados dos textos escritos na linguagem de partida. Patricia Hill Collins destaca mesmo o papel da tradução para sua prática enquanto pensadora:

> Possuir o poder de uma língua, de uma cultura, de um estilo de comunicação é a marca de poder por si só, tanto dentro de nossas comunidades intelectuais específicas quanto para além delas. [...] Ser capaz de me mover entre diversas comunidades interpretativas, que, por si sós, são situadas politicamente, tomar decisões estratégicas sobre o que se traduz, se se deve realmente traduzir e sobre como as coisas podem ser traduzidas tem sido essencial para o meu trabalho (COLLINS, 2019, p. 26).

Aqui temos a própria pensadora trazendo a importância do ato tradutório, que é essencialmente um ato de linguagem, como já ressaltou Walter Benjamin e toda a teoria da tradução linguística, e que faz parte da sua escritura, como forma de construir seu próprio pensamento a partir do conhecimento de outras experiências. Podemos aqui pensar também em como a tradução de textos religiosos para o inglês médio permitiu às autoras em estudo ter

acesso a muitos conhecimentos que eram restritos a um grupo específico de "letrados" que sabiam latim, língua oficial do clero na Idade Média.

No mundo em decolonização em que vivemos na atualidade, a tradução é fundamental. E pensarmos em decolonizar o conhecimento acerca do medievo é tarefa de suma importância e que pode ser realizado através da tradução de textos que até então permaneceram inacessíveis a um público leitor mais amplo, como é o caso das místicas medievais:

> Dentro das políticas de um mundo em processo de decolonização, a tradução é a ferramenta que catalisa o novo conhecimento que possivelmente fundamenta uma nova práxis política. Portanto, quando se trata de ativismo intelectual, aperfeiçoar habilidades de tradução constitui-se tanto como um desafio intelectual importante quanto como uma necessidade política (COLLINS, 2019, p. 27).

É importante destacar a dimensão política do ato tradutório, aqui destacada por Collins. Como estamos analisando e propondo uma tradução de autoras medievais, sabemos da implicação que tal ação representa tanto em como a representação das mulheres no medievo é descrita, e seus consequentes estereótipos ou pretensas "ausências", bem como a revisão que tal fato pode provocar no sentido de uma reavaliação da História medieval: "Possuir o poder de uma língua, de uma cultura, de um estilo de comunicação é a marca de poder por si só, tanto dentro de nossas comunidades intelectuais específicas quanto para além delas" (COLLINS, 2019, p. 26). Dessa forma, através das traduções, as ideias podem circular pelos espaços de poder e assim construir novos pensamentos. É importante destacar aqui também o conceito de Collins de tradutores como *power brokers* ("mediadores de poder"), ou seja, agentes de poder em nome de grupos dominantes ou em seu próprio nome, espécie de "guarda de fronteira" que decide quais ideias valem a pena traduzir em ambos os lados do poder:

> Apesar de a tradução parecer ser uma simples reiteração de um conjunto de verdades na língua do/a outro/a, o processo é profundamente enredado em relações de poder desiguais. Não é uma simples transferência de uma língua para outra. Ao contrário, a natureza da tradução reflete o suposto valor das ideias nos diferentes lados de uma divisão cultural, na qual aqueles/as em cada um dos lados não têm outro modo de ter engajamento dialógico (eles/as poderiam se comunicar certamente, talvez violentamente e sem compreensão mútua) a não ser por meio de mediadores/as de língua. Tradutores/as experientes que estão comprometidos/as com o ativismo intelectual frequentemente se veem confrontando mediadores/as de poder que trabalham para manter relações de poder e/ou seu próprio carreirismo. Para além de simples oposição à desigualdade, tradutores/as progressistas frequentemente usam seu lugar social como mediadores/as de poder para construir espaços subversivos e transgressivos entre pessoas que compartilham interesses e línguas diferentes. Tradutores/as que reconhecem as complexidades do poder e a importância de o processo de tradução atuar eticamente naquele espaço (COLLINS, 2019, pp. 28-29).

Collins ainda ressalta que a tradução tem uma importância epistemológica fundamental para o tipo de conhecimento que surge a partir da prática feminista:

> O espaço da tradução não é um espaço vazio, uma função que pode ser ocupada por qualquer um/a, onde verdades são construídas pelo mapeamento linear de um conjunto de ideias dentro daquelas de uma outra. Em vez disso, porque a tradução facilita a comunicação, espaços de tradução possibilitam que as ideias ressaltem umas às outras. Ainda assim, compartilhar ideias via tradução requer confiança. [...] Espaços de tradução são zonas de fronteira epistemológica, onde o conhecimento é construído via confiança (COLLLINS, 2019, p. 29).

A escritora cita como exemplo dessa influência das traduções a própria elaboração de sua obra *Pensamento Feminista Negro: conhecimento, consciência e a política do empoderamento* (publicada em inglês em 1990 e traduzida no Brasil em 2019 pela editora Boitempo), que faz parte do cânone bibliográfico dos estudos de gênero e raça nos Estados Unidos, a qual requisitou dela um aprimoramento de suas habilidades tradutórias visto que estava escrevendo numa zona fronteiriça na qual as comunidades epistemológicas, culturais e linguísticas não eram iguais (COLLINS, 2019, pp. 29-31). Assim,

> O mundo não nos pertence para que o agarremos e o entendamos como transparente, terminado e pronto para levar. Dentro de uma conjuntura ocidental, o desejo por conhecer catalisou a crença de que a ciência pode revelar tudo que é conhecível se seguirmos as regras e que o desconhecido tipicamente não merece ser conhecido. Nesse contexto, é difícil aceitar um processo de tradução perpétua que revele camadas de significado que nós nunca poderemos conhecer enquanto indivíduos. Ainda assim, não há um modo de conhecer nosso mundo sem cruzar fronteiras linguísticas, culturais e epistemológicas, de assumir riscos tanto em conversas quanto dentro de nossa produção intelectual. Nós nunca podemos requerer ou vivenciar as experiências de outras pessoas, ou mesmo os sentidos que as pessoas fazem delas, sem violentar suas realidades. Nesse contexto, trabalhar dialogicamente e aperfeiçoar habilidades de tradução é um ato de confiança – em nossas próprias habilidades e naquelas de outros em acertar, ou ao menos chegar o mais perto disso quanto puderem (COLLINS, 2019, pp. 31-32).

Dessa forma os Estudos Feministas de Tradução agem apresentando outras possibilidades de se pensar as traduções, bem como as estratégias que temos à disposição para realizarmos tal intento. A confiança da qual Patricia Hill Collins nos fala é fundamental para realizarmos tal atividade, visto que estamos enfrentando e transformando séculos de patriarcalismos e sexismos vinculados à tradução. Principalmente em se tratando de textos de autoria feminina. A união entre os feminismos e os Estudos da Tradução se faz então urgente e necessária.

Nesse sentido, a escola feminista de tradução canadense, trouxe uma contribuição imensa:

> Os feminismos são uma dessas teorias marco cujas contribuições revelam- se em todos os âmbitos da sociedade, inclusive nos Estudos da Tradução. A materialização mais evidente dessa interação é o surgimento, nos anos 80, de uma corrente de tradução feminista no Canadá, capaz de colocar o gênero como centro do debate sobre tradução. Na atualidade, apesar das críticas e posteriores redefinições do conceito de tradução feminista, a proposta canadense continua sendo vista como paradigma da interação entre feminismos e tradução em geral (CASTRO, 2017, p. 216).

O grupo canadense composto por escritoras e tradutoras incluindo Nicole Brossard, Barbara Godard, entre outras autoras aqui já citadas, baseava suas práticas tradutórias numa "reescritura no/do feminino". Baseando suas estratégias de tradução no conceito de *écriture féminine* de feministas francesas como Hèléne Cixous e Luce Irigaray, as feministas de Quebec, como também eram chamadas, desenvolveu uma forma de tradução chamada *réécriture au féminin* ("reescritura no/do feminino"), o que levou a um repensar a forma com a qual definimos a tradução, bem como novas aberturas em relação à teoria da tradução:

> No contexto das teorias pós (pós-colonialismo, pós-modernismo, pós-estruturalismo) dos anos 70, e de um renovado interesse pelos estudos culturais, realiza-se um encontro entre os feminismos e os Estudos da Tradução (ET) que enriquece ambas as disciplinas. Uma das materializações dessa intersecção está no nascimento da escola de tradução feminista canadense. Sua contribuição aos ET foi – e é – tal que, apesar das críticas e posteriores redefinições da tradução feminista, ainda é frequente que as correntes dominantes de tradução concebam a proposta canadense como paradigma de tradução feminista e, por extensão, da interação entre feminismos e tradução (CASTRO, 2017, p. 218).

Talvez a maior contribuição das tradutoras feministas canadenses tenha sido sua habilidade de reformular o campo de associações a partir do qual os tradutores fazem suas opções tradutórias, o que gerou um impacto sobre a forma com a qual os teóricos conceitualizam o papel da tradução na formação cultural e literária:

> Os ET possuem, nesse sentido, um trabalho primordial a desenvolver, questionando o que se traduz, quem decide o que se traduz, e qual critério embasa essas escolhas, como primeiro passo para acabar com essa atitude discriminatória. A partir da tradução, também se pode contribuir para a transformação do cânone literário contemporâneo, optando abertamente por uma recuperação dos trabalhos de autoras silenciadas, o que, por sua vez, enriqueceria grandemente o campo da tradução (CASTRO, 2017, p. 229).

A escola de tradução feminista canadense, de tradição anglo-francesa, colocou em xeque várias questões relativas a um patriarcalismo, seja literário, seja metafórico, em termos da tradução. Teóricas como Barbara Godard, Susanne de Lotbinière-Harwood, Louise von Flotow, Sherry Simon, além de tradutores feministas como Howard Scott. Essa abordagem

tradutória consiste numa "[...] corrente de trabalho e pensamento que defende a incorporação da ideologia feminista à tradução pela necessidade de articular novas vias de expressão para desmantelar a carga patriarcal da linguagem e da sociedade" (CASTRO, 2017, p. 220). Ressaltam, portanto, as pesquisadoras, que a escola de tradutoras canadenses concebe a tradução como uma continuação do processo de criação literária e de circulação de significados dentro de uma rede contingente de discursos. Assim, as canadenses inovaram ao encontrar novas formas de expressão que não apagassem as marcas de gênero do original.

Segundo Louise von Flotow, as estratégias utilizadas pela escola de tradutoras canadenses foram as seguintes: *supplementing* (suplementação), *prefacing* (escrita de prefácios), *footnoting* (notas de rodapé) e *hijacking the text* (sequestro do texto) (FLOTOW, 1997, p. 19). Todas objetivando uma reescritura no feminino através da prática tradutória. Vale observar que muitas dessas estratégias não são absolutamente originais dessa escola de tradução:

> Em última instância, o fato de que se traduzam textos de autoria feminina entre diferentes línguas e culturas colocará em contato experiências de mulheres muito distintas, contribuindo para dissolver a presunção patriarcal de que o homem é heterogêneo e a mulher homogênea, e a constatar que o gênero não é um princípio unificador para todas as mulheres, mas que apenas configura a identidade junto a outras variáveis. Além disso, se nos referimos especificamente à tradução de obras feministas, poderia-se analisar, a partir dos ET, em que medida a tradução tem contribuído para a expansão do movimento feminista ao redor do mundo através de traduções que colocaram em contato diferentes metodologias que antes não se conheciam (BARBOZA; CASTRO, 2017, p. 230).

Os prefácios e as notas de rodapé são práticas constantes ao longo da história da tradução. Sem dúvidas, a mais polêmica de todas foi a última, ou seja, o *sequestro do texto*, quando se propunha uma espécie de reformulação do texto que desarticulasse as marcas patriarcais do discurso: "Apesar dessas críticas e redefinições, ainda é frequente na atualidade que, a partir das correntes dominantes nos ET, conceba-se a tradução feminista canadense como o paradigma da interação entre feminismos e tradução, o que, visto de uma perspectiva (auto) crítica, resulta contraproducente (CASTRO, 2017, p. 224)". Castro fala também a criticidade em relação ao que ela chama de "falotraduções":

> A partir desses exemplos, demonstra-se a necessidade de uma atitude (auto) crítica nos ET para desmascarar falotraduções com as ferramentas que os feminismos proporcionam. Além disso, porém, essas ferramentas se tornam fundamentais também para revelar aqueles casos em que a tradução desempenha um papel chave na canonização de certos textos como feministas, mesmo não sendo considerados como tais em seu contexto original (CASTRO, 2017, p. 34).

Castro propõe examinar numa perspectiva crítica os níveis prático, conceitual, historiográfico, o crítico ou profissional, as abordagens feministas da tradução.

> Uma das muitas contribuições dos feminismos está na revisão crítica a que têm submetido as diferentes disciplinas científicas e humanistas, questionando seu caráter supostamente neutro e objetivo e revelando que atendiam (em uma medida diferente) aos critérios patriarcais. Porém, a revisão da tradução feminista contou, desde o começo, com uma particularidade a mais, dado que a própria disciplina se encontrava em debate interno para adaptar-se às novas concepções filosóficas da época (CASTRO, 2017, p. 219).

A pesquisadora destaca também que essas "falotraduções" não apenas afetam textos canônicos, mas também podem afetar qualquer outro texto (literário) em que a autora se separe da pretensão patriarcal (CASTRO, 2017, p. 233). Faz-se necessário observar a articulação dessas traduções ao longo da história:

> O passado outorga legitimidade. Se é fundamental para qualquer disciplina ter um passado, para os ET é estratégico, dada a "juventude" da disciplina entendida como tal: apenas recentemente as reflexões teóricas sobre a tradução deixaram de se ver como um ramo de outras disciplinas (linguística, literatura, filologia, etc.), para consolidar-se e estabelecer-se como área independente, embora com uma profunda vocação transdisciplinar (CASTRO, 2017, p. 227).

Se pensarmos nas traduções das obras de Juliana de Norwich e Margery Kempe, essa reavaliação no plano historiográfico proporciona-nos a visão do quanto tal prática pode ser revolucionária e libertadora para os estudos literários e para a representação das mulheres na história da literatura:

> Dessa forma, a tradução atua como instrumento libertador, ao resgatar as mulheres de um silêncio imposto enquanto autoras, permitindo-as entrar no mundo literário como tradutoras, mas também como instrumento opressor, porque as condena à margem do discurso. [...] Este percurso pelas interações entre feminismos e tradução inclui também o plano prático, isto é, a contribuição dos feminismos à compreensão do comportamento tradutório no processo pelo qual um texto em uma língua se transforma em outro texto em outra língua. Diferentemente do plano crítico, não se trata de apenas analisar as soluções que (já) foram adotadas no produto, mas de estudar o processo pelo qual se adotam umas ou outras (CASTRO, 2017, p. 237).

Contemplando assim contextos culturais, as estratégias de tradução não sexista e não patriarcais estão determinadas pela ordem do discurso exigindo assim uma reflexão constante. Além disso ressalta Castro, elas possuem uma validade unicamente provisória: "Neste ponto, é necessário avaliar também o trabalho de ressignificação que a tradução pode oferecer a autoras feministas que, embora "canônicas" em seu contexto originário, fossem apropriadas por outros

discursos" (CASTRO, 2017, p. 30). Daí a importância da crítica e da análise das traduções de textos de autoria feminina, observando todas as relações de poder que se pode verificar na prática.

4.3 As *Revelações* de Juliana de Norwich no Brasil

Neste tópico buscaremos realizar uma análise comparada das duas traduções brasileiras da obra *A Revelation of Love* (c. 1395), de autoria da mística inglesa Juliana de Norwich (c. 1343 - c. 1416). Focaremos, mais especificamente, por conta do espaço desse tópico, nas traduções do trecho referente à "Primeira Revelação", visto ser uma obra constituída de dezesseis revelações. As referidas traduções foram publicadas no ano de 2018. Ambas, com o título de *Revelações do Amor Divino*, inserem a autora dentro do contexto dos estudos teológicos e devocionais, bem como do sistema literário brasileiro, visto que a autora é considerada a primeira grande prosadora da Literatura Inglesa. A análise, que visa descrever e a partir dessa descrição comparar as traduções de um mesmo texto, no caso o texto em prosa medieval, pode esclarecer acerca de métodos tradutórios e questões literárias que elucidam escolhas e tendências do fazer tradutório.

A primeira tradução foi publicada pela Paulus em 2018, como parte da Coleção Clássicos do cristianismo, e é de autoria de Marcelo Masson Maroldi, que escreve em sua "Apresentação" à referida tradução: "A presente tradução foi feita a partir da versão longa do texto mais antigo encontrado no Museu de Londres, na edição feita em 1901 por Grace Warrack, que o comparou com as outras versões existentes" (MAROLDI, 2018, p. 9). Percebemos que o tradutor deixa claro, neste paratexto, o texto fonte de sua tradução, ou seja, uma tradução do texto em inglês médio para o inglês contemporâneo, e apresenta a obra e sua autora.

A segunda é de autoria de Maria Elizabeth Hallak Nielsen e foi publicada pela Editora Vozes na Série Clássicos da Espiritualidade, também em 2018. É importante notar que a tradutora não apresenta nenhum tipo de paratexto, como "apresentação", "prefácio" ou "introdução" que indique qual o texto fonte de sua tradução. Nem mesmo é indicado a partir de qual versão, a curta ou a longa, é realizada a tradução, visto que a referida obra possui duas versões diferentes e vários manuscritos. No entanto, esta tradução traz um "Posfácio de um escriba":

> O manuscrito pertencente a Sloane intitula-se *Revelações a uma criatura inculta, Anno Domini*, 1373, e o cabeçalho de cada CAPÍTULO é composto por algumas linhas que prenunciam o seu conteúdo. Estes cabeçalhos estão numa linguagem similar à dos textos e, provavelmente, forem redigidos por um dos primeiros escribas que transcrevem esta obra (MAROLDI, 2018, p. 219).

Pelo que podemos inferir desse adendo ao texto original, por parte de um escriba, devemos lembrar que, ao analisarmos textos medievais, precisamos ter em mente o trabalho dos escribas e dos monges copistas, visto que, muitos textos na Idade Média, precisavam ser ditados ou copiados por pessoas autorizadas para que pudessem passar pelo crivo da censura religiosa da época. Podemos, portanto, perceber que a tradução de Nielsen foi feita a partir do manuscrito *Sloane* da British Library (c. 1650).

A dificuldade em traduzir um texto como esse reside no aspecto relativo ao fato de se tratar de um texto medieval, escrito em *Middle English* (Inglês Medieval), nesse sentido, um tanto quanto diferenciado em termos de língua inglesa contemporânea. O inglês da anacoreta de Norwich ainda guarda resquícios muito presentes do *Old English*, ou *Anglo-saxão*, bem como a forte influência da língua francesa que, como se sabe, até meados do século XIV era a língua oficial da corte da Inglaterra. Sobre a dificuldade de se traduzir um texto medieval, escreve Long:

> No entanto, as ferramentas fornecidas pela disciplina de estudos de tradução tendem a não aparecer nos estudos de história literária e cultural medieval. O medievalista argumentaria que o processo de tradução na época medieval não pode ser sensivelmente separado de seu contexto literário e cultural único, enquanto os estudos de tradução teorizam os processos de tradução sempre que eles ocorrem, empregando paradigmas que funcionam em qualquer contexto[109] (LONG, 2010, p. 61).

Portanto, pensar a tradução de textos medievais é algo que se faz necessário. Trazer o contexto da vida e da época da autora, como ressaltou Long, é, portanto, fundamental para uma maior compreensão de sua obra e, consequentemente, de sua tradução. Pouco se sabe sobre a vida da autora, como já bem ressaltamos anteriormente. De acordo com o tradutor Marcelo Maroldi (2018, p. 5), a anacoreta "viveu de maneira simples e devotadamente, registrando seus pensamentos e emoções e, sobretudo, compartilhando conosco as revelações a ela transmitidas por Deus. São essas as revelações e visões que consideramos fundamental trazermos agora ao leitor de língua portuguesa". Traduzir, portanto, um dos textos fundamentais para se

[109] "However, the tools provided by the discipline of translation studies tend not to feature in studies of medieval literary and cultural history. The medievalist would argue that the process of translation in medieval times cannot sensibly be separated from its unique literary and cultural context, whereas translation studies theorizes the processes of translation whenever they occur, employing paradigms that work whatever the context."

compreender toda uma tradição de literatura de autoria feminina em língua inglesa constitui uma contribuição importante para pensarmos o impacto desse texto seja no âmbito religioso, seja no contexto literário brasileiro.

Sobre a edição mais antiga da obra, escreve Alexandra Barratt, em seu artigo "Julian of Norwich and Her Children Today: Editions, Translations and Versions of Her Revelation" que se trata da única cópia do texto curto em Londres, BL MS Additional 377790 datada de depois de 1435 de um exemplar de 1413 e que se infere, a partir do início do texto, que autora ainda estaria viva naquele ano: "Aos monges cartuxos, que também preservaram a única cópia manuscrita do *The Book of Margery Kempe*, deve ser creditada sua preservação"[110] (BARRATT, 2009, p. 1). Fato interessante a ser destacado esse de que foram os mesmos religiosos que conservaram os textos de ambas as místicas inglesas. Haveria aí algum indício de uma tradição de espiritualidade feminina inglesa que teria sido conservada pelos monges para a posteridade? Haveria outras além de Juliana de Norwich e Margery Kempe? O fato é que com a ascensão ao trono de Henrique VIII e a perseguição e destruição de instituições católicas na Inglaterra muita coisa se perdeu.

Como se sabe, a tradução literária é vista por muitos tradutores como uma das mais complexas. Para muitos, a traduzibilidade do texto literário muitas vezes é vista como algo impossível e/ou difícil de ser alcançado: "A tarefa do tradutor é redimir, na própria, a pura língua, exilada na estrangeira, liberar a língua do cativeiro da obra por meio da tradução (*Umdichtung*)" (BENJAMIN, 2013, p. 117) No entanto, podemos observar que a tradução constitui um ato de (re)criação, no sentido de que esta transporta um universo cultural e linguístico de um sistema literário para outro: "Pois na sua 'pervivência' (que não merecia tal nome, se não fosse transformação e renovação de tudo aquilo que vive), o original se modifica" (BENJAMIN, 2013, p. 107). Tentaremos, neste estudo, analisando as traduções da primeira revelação da obra, perceber as estratégias e escolhas utilizadas pelos tradutores ao verter a obra de Juliana de Norwich para o português brasileiro.

A tradução é vista assim, como fundamental à cultura e à socialização das comunidades. Como observa Britto, "a tradução é uma atividade indispensável em toda e qualquer cultura que esteja em contato com alguma outra cultura que fale um idioma diferente [...]". (2012, p. 11). No caso da obra *A Revelation of Love* de Juliana de Norwich, percebemos como de grande importância, para sua divulgação, suas traduções para a língua portuguesa, haja vista que são as primeiras versões para o nosso vernáculo:

[110] "The Carthusian monks, who also preserved the unique manuscript copy of The Book of Margery Kempe, must be credited its preservation."

> No que concerne à recuperação das escritoras clássicas mediante sua reescrita em outras línguas, a tradução pode servir como instrumento para contextualizá-las, incorporando comentários nos quais as/os tradutoras/es debatam sobre as razões que levaram essas obras a serem ignoradas (CASTRO, 2017, p. 30).

Como já mencionamos anteriormente, o texto fora escrito em *Inglês Médio* (*Middle English*) acerca do ano de 1395. Sabe-se que o Padre Augustine Baker O. S. B. foi o principal responsável pela publicação impressa e divulgação desses manuscritos no século XVII: "A maioria dos manuscritos da *Revelation* existentes, bem como a primeira edição impressa, foram produzidos no século XVII, e os escritos de Baker podem informar uma compreensão de seu contexto de leitura".[111] (DUTTON, 2005, p. 1).

Tal constatação amplia o desafio que propõe à realização de tal empreitada. No entanto, sabemos que a tradução de uma obra de tal alcance para os estudos da literatura inglesa no sistema literário brasileiro é de grande contribuição para o mesmo, bem como dos estudos de gênero e literatura, dado o pioneirismo da autora.

Traduzir, portanto, um texto produzido na Idade Média constitui desafiadora empreitada. E o texto da autora inglesa traz uma série de peculiaridades estilísticas. De acordo com Windeatt, "[...] muito do que é agora visto como característica do estilo e da linguagem de Juliana é trabalho do texto longo, no qual Juliana ganha controle do que anteriormente parecia incontrolavelmente problemático e tal maestria é refletida estilisticamente" (2015, p. xxiv)[112]. Seus escritos revelam ter sido a autora uma mulher do século XIV que recebeu educação monástica, mas que possuía um diferencial em relação à visão corrente do conceito do Deus cristão.

Não só no contexto teológico, bem como no contexto do cânone literário inglês medieval, Juliana rompe paradigmas relacionados ao fato de, até bem recentemente, mal se falava em mulheres autoras na Idade Média. Sua visão de Jesus Cristo como "Mãe" já proporciona uma série de desafios para o/a tradutor/a ao se debruçar sobre sua obra. A imagem feminina de Deus, por meio da revelação de Deus como mãe constitui hoje um dos aspectos que mais chama atenção e motiva estudos sobre a obra de Juliana de Norwich.

Veremos adiante nas análises das traduções, como ambas, de editoras com vínculo religioso, trazem as marcas do aspecto devocional e/ou doutrinário, em detrimento do aspecto

---

[111] "The majority of extant *Revelation* manuscripts, as well as the first printed edition, were produced in the seventeenth century, and Baker's writings may inform an understanding of their reading contexto."

[112] "[…] much of what is now viewed as Julian's characteristic style and language is the work of the long text, where Julian gains control of what previously seemed uncontrollably problematic, and such mastery is reflected stylistically."

literário apontado por muitos estudiosos da literatura inglesa, como Michael Alexander, que vê Juliana de Norwich como a "[...] mais refinada escritora espiritual inglesa antes de George Herbert, e a primeira grande escritora da prosa inglesa" (2007, p. 48). Seu estilo demonstra uma autora que devotava grande importância e cuidado em relação ao que produziu o que atesta a qualidade literária do seu texto e as revisões que a autora fez em relação à versão curta do texto original.

Agora nos deteremos sobre a análise das duas traduções da "Primeira revelação" das *Revelações do Amor Divino* de Juliana de Norwich. Vale ressaltar uma peculiaridade em relação ao título escolhido pelos dois tradutores. Sabe-se que, nos textos originais temos o seguinte título: *A Revelation of Love*. Sobre essa questão, escreve Marion Glasscoe:

> Desde a publicação em 1670 da edição de Cressy das revelações de Juliana como *XVI REVELATIONS of Divine Love, Shewed to a Devout Servant o four Lord, called MOTHER JULIANA*... As edições da versão longa têm sido intituladas *Revelações do Amor Divino* (*Revelations of Divine Love).* A própria Juliana, no entanto, embora certamente falasse de revelações no plural, tinha um sentido definido de todas elas se combinando numa experiência total, a qual ela chama simplesmente de uma revelação do amor (GLASSCOE, 1993, p. xii)[113].

Podemos perceber aí, a clara influência religiosa de Serenus Cressy, ele mesmo um religioso do século XVII, no sentido de atribuir uma qualidade "divina" às revelações escritas pela anacoreta inglesa. Glasscoe ainda acrescenta que, em sua própria edição do texto juliano, adota o título que teria sido proposto originalmente por Juliana: "Esta edição adota como título *Uma Revelação do Amor* (*A Revelation of Love*) pois é assim que Juliana chama suas visões e porque se sente que essa forma está mais de acordo com o que ela quis dizer ao relatar sua experiência" (GLASSCOE, 1993, p. xiii)[114]. Concordamos com Glasscoe, visto que acrescentar o "Divino" ao título de certa forma descaracteriza uma experiência visionária que é vivida tanto no âmbito religioso, quanto no âmbito carnal ou humano.

A primeira revelação tem início a partir do capítulo IV até o IX. Na tradução de Maroldi, ela vai da página 27 a 42. Já na de Nielsen, ela vai da página 17 a 32. Já podemos perceber algumas diferenças entre as duas: a de Maroldi soa mais objetiva e menos poética, ou talvez, menos subjetiva. Comparemos as duas epígrafes, em itálico em ambas as traduções, que

---

[113] "Since the publication in 1670 of Cressy's edition of Julian's revelations as *XVI REVELATIONS of Divine Love, Shewed to a Devout Servant o four Lord, called MOTHER JULIANA*... editions of the longer account have been titled *Revelations of Divine Love*. Julian herself, however, although she certainly talks of revelations in the plural, has a definite sense of them all combining into one total experience which she calls simply a revelation of love."

[114] "This edition adopts for its title *A Revelation of Love* because that is what Julian calls her shewings and because it is felt that it more justly relates to her account of her experience."

abrem as revelações. Vejamos a tradução de Marcelo Maroldi: “Vi como se eu estivesse no tempo de sua paixão. E na mesma visão, repentinamente, a Trindade preencheu meu coração com a máxima alegria” (NORWICH, 2018, p. 27). Vejamos agora o mesmo trecho em tradução de Elizabeth Nielsen: “Eu vi... como se fosse no tempo da Sua Paixão... E de súbito, ainda nessa mesma Visão, a Trindade inundou meu coração de uma alegria suprema” (NORWICH, 2018, p. 17). Nos trechos acima citados como dito anteriormente, podemos perceber uma maior elaboração poética da parte de Nielsen: algumas expressões e palavras como “Sua Paixão”, “Visão” e “Trindade” são todas grafadas com maiúsculas, o que confere um destaque a esses aspectos teológicos das revelações, o que podemos perceber na tradução de Maroldi apenas na palavra “Trindade” que também é destacada, visto que a doutrina da Trindade é um dos fundamentos do cristianismo católico. Na tradução de Nielsen, vemos o uso do verbo “inundar” em vez de “preencher” usado por Maroldi e ainda “alegria suprema” da tradutora em vez de “máxima alegria” do tradutor, vocábulos que aproximam o uso dos verbos e dos adjetivos de um sentido hiperbólico da experiência de Juliana por parte de Nielsen.

Mais diante temos o seguinte trecho na tradução de Elizabeth Nielsen: “‘*Benedicite Domine*!’, exclamei com voz vigorosa, tomada de um assombro respeitoso. Espantava-me e admirava-me que Ele, tão digno de veneração, tão portentoso, desejasse ter tamanha intimidade com uma criatura pecadora, revestida de carne ignóbil” (NORWICH, 2018, p. 17). No manuscrito *Sloane,* o qual Nielsen usa como texto fonte, temos o seguinte em inglês médio: “And I said: ‘Benedicite Domine!’ This I said, for reverence in my meneing, with a mighty voice; and full gretly was atonyed for wonder and mervek that I had tha he that is so reverend and dredfull will be so homey with a synfull creture liveing in wretched flesh” (NORWICH, 1993, p. 6). Percebemos aí uma tradução que constitui praticamente uma metáfrase do texto fonte e estrangeirizante no sentido de que Nielsen conserva inclusive a expressão em latim “*Benedicite Domine*!”, que, no entanto, será traduzida por Maroldi: “E eu disse: ‘Bendito seja o Senhor!’[...]” (NORWICH, 2018, p. 27). Tal estratégia domestica a expressão latina do texto fonte, mas, a nosso ver, descaracteriza um dos pontos fundamentais de discussão acerca da literatura de autoria feminina medieval: a questão de se essas mulheres eram ou não “letradas”.

Sabe-se que a grande maioria das místicas medievais, grupo de autoras do qual Juliana de Norwich, Teresa d’Ávila, Hildegard von Bingen, Marguerite Porète entre outras, registravam em seus textos que eram “pobres criaturas iletradas”, que não tinham nenhum conhecimento formal etc. Hoje se sabe que isso constituía uma estratégia de burlar a censura eclesial da época que não via com bons olhos textos produzidos por mulheres. Além disso, essa “iletrada” poderia significar que elas não possuíam conhecimentos das “letras”, ou seja, não possuíam

conhecimento do latim, língua oficial do clero, ou conhecimentos teológicos. Ao exclamar em latim, Juliana contraria o lugar comum e ao longo de seu texto percebemos sim, o conhecimento do latim e de profundas questões teológicas como a da Trindade.

Ao trazer para o português a expressão latina, Maroldi, ao passo que domestica e facilita para o leitor interessado mais no aspecto devocional do texto, perde esse aspecto fundamental para a compreensão dessas interdições medievais. Em nossa análise, consideramos aqui, de acordo com Antoine Berman, um caso de *empobrecimento qualitativo*: "ele remete à substituição dos termos, expressões, modos de dizer etc. do original por termos expressões, modos de dizer, que não têm nem sua riqueza sonora, nem sua riqueza significante ou – melhor – *icônica*" (BERMAN, 2007, p. 53) (Grifos do autor). A expressão usada por Juliana no texto fonte enobrece e exalta.

No capítulo VII, no qual é citada Maria, Marcelo Maroldi traduz:

> E para nos ensinar isso, segundo compreendi, Nosso Senhor Deus me mostrou ao mesmo tempo **Nossa Senhora Santa Maria**, isto é, a mais alta sabedoria e verdade que ela tinha ao contemplar seu Criador, contemplando quão grandioso, quão sagrado, quão poderoso e quão bondoso era seu Deus (NORWICH, 2018, p. 35) (Grifos nossos).

Já Elizabeth Nielsen traduz o mesmo trecho da seguinte forma:

> De acordo com a minha compreensão, foi para nos transmitir um ensinamento que o Nosso Senhor Deus nos mostrou a **Virgem Santa** nesta mesma Revelação, a fim de expressar a excelsa Sabedoria e Verdade que dela se apossaram ao contemplar o seu Criador – Aquele que é só Generosidade, só Sublimidade, só Poder e só Bondade (NORWICH, 2018, pp. 24-25) (Grifos nossos).

Façamos uma análise da tradução desse trecho da primeira revelação para concluirmos nosso estudo. Como podemos observar, há uma série de escolhas tradutórias interessantes nesse trecho: a primeira escolha destacada é como cada um dos tradutores traduz a expressão original do *Sloane* para Maria ("Saint Mary") por "Nossa Senhora Santa Maria" na tradução de Maroldi e "Virgem Maria" por Nielsen. No primeiro caso, temos um alongamento (BERMAN, 2007, p. 51), um "[...] acréscimo que não acrescenta nada, que só aumenta a massa bruta do texto, sem aumentar sua falância ou sua significância". Já no segundo caso, temos uma substituição do "Santa" por "Virgem" o que se relaciona muito bem com a visão de Maria como a "Virgem Mãe de Jesus", o que nos remete ao culto marital da Idade Média e à exaltação da virgindade como virtude no meio eclesiástico.

A tradução de Nielsen também traz novamente vários adjetivos e substantivos grafados com maiúsculas dando um efeito de exaltação ou ênfase o que difere de Maroldi, que deixa o texto mais objetivo e, portanto, mais doutrinário. Podemos observar que ambas as traduções se inserem num contexto devocional, apesar de que a de Nielsen amplia e traz um pouco mais dos aspectos literários do texto traduzido.

Sendo assim, observamos que a obra *A Revelation of Love*, da anacoreta Juliana de Norwich, permanece como representativa de uma tradição de autoras pioneiras ao transgredir a imagem tradicional do divino na Idade Média e ao mostrarem as mulheres como produtoras de conhecimento numa época de censuras e perseguições. Traduzir a obra da mística e autora inglesa, pioneira dos escritos de autoria feminina das literaturas de língua inglesa é de suma importância para um maior conhecimento e aprofundamento de seus estudos dentro do sistema literário brasileiro.

As traduções aqui analisadas, de Marcelo Masson Maroldi e Elizabeth Hallak Nielsen, merecem todo o nosso respeito e consideração pelo seu pioneirismo em trazer um texto de ampla complexidade teológica e literária para a língua portuguesa e atestam a sua vinculação religiosa a proposta editorial das duas editoras pelas quais publicaram. Observamos, no entanto, a necessidade de traduções da mesma obra focando nos aspectos literários ricamente apresentados na obra para que o/a leitor/a brasileiro/a possa ter acesso ao universo metafórico e poético da mística de Norwich.

No próximo capítulo, propomos uma tradução do texto do único manuscrito da obra *The Book of Margery Kempe* (1438) presente na British Library (Add. MS 61823), cotejando-o com as versões modernas de Anthony Bale (*The Book of Margery Kempe* – OUP, 2015), Barry Windeatt (*The Book of Margery Kempe Annoted Edition* – D.S. BREWER, 2004), que contém o texto original em inglês médio, e sua versão para o espanhol de Salustiano Moreta Velayos (*Libro de Margery Kempe* – Universitat de Valencia, 2012). Nossa tradução buscará focar no aspecto literário da obra, diferentemente das traduções da obra de Juliana de Norwich, analisadas aqui nesse capítulo, que dão mais ênfase aos aspectos mais devocionais da mesma.

5 *THE BOOK OF MARGERY KEMPE* OU *O LIVRO DE MARGERY KEMPE*: UMA PROPOSTA DE TRADUÇÃO INÉDITA PARA A LÍNGUA PORTUGUESA

5.1 Traduzindo o livro de Margery Kempe: percursos e estratégias

Traduzir uma narrativa mística de autoria feminina do século XV inglês constitui uma tarefa desafiadora. Devemos lembrar que se trata de uma obra escrita em inglês médio, como já destacado antes, no dialeto da região de Norfolk, East Anglia. *O Livro de Margery* foi traduzido aqui a partir da tradução para o inglês contemporâneo de Anthony Bale (OUP, 2015), cotejada com a edição trazendo o texto no original em inglês médio de Barry Windeatt (2004, D. S. Brewer), bem como com a tradução para o espanhol de Salustiano Moreta Velayos (*Libro de Margery Kempe* – Universitat de Valencia, 2012).

O *Livro de Margery Kempe* é composto de três seções: Livro I, Livro II, bem mais curto do que o primeiro e uma seção com orações de Kempe. Como o escriba deixa claro, o livro foi reescrito entre os anos de 1436 e 1438, muitos anos depois que os eventos descritos aconteceram. Segundo Bale,

> O manuscrito sobrevivente está encadernado com uma carta, de Peter de Monte para William Bogy de Soham (Cambridgeshire), datada de c. 1440, e isso sugere que o manuscrito não poderia ter sido encadernado antes dessa época, o manuscrito foi escrito em papel provavelmente importado da Holanda para a Inglaterra no final da década de 1440, então provavelmente data de cerca de dez anos depois que o *Livro* foi reescrito pelo padre (BALE, 2015, p. xxxiv)[115].

A referida carta sugere que o livro foi escrito nos arredores de Lynn, ou seja, em Soham e tal fato é corroborado pelo nome do escriba da obra, "Salthows": Salthouse possivelmente foi um monge beneditino em Norwich, onde agora se encontra a Catedral de Norwich. Da região de East Anglia, o manuscrito foi levado, em algum momento do século XV, para o Monte Gracie em Yorkshire. Bale afirma que Julie A. Chappell traçou o itinerário do manuscrito a partir desse ponto em diante, sugerindo que em 1533 ele foi levado do Monte Gracie até a London Chatterhouse, "[...] tanto para ser compartilhado com a comunidade altamente letrada de lá quanto para protegê-lo dos agentes reformistas de Henrique VIII"[116] (BALE, 2015, p. xxxiv). Informação muito importante a ser destacada aqui, pois temos uma obra de autoria feminina medieval que despertou o interesse da "comunidade altamente letrada" da época, tanto que mereceu ser protegido dos ataques dos agentes reformistas do rei anglicano da época.

Em 1538, Everard Digby, ex-monge cartuxo de Londres, adquiriu o manuscrito e este passou a pertencer à sua família. Os Digbys, conforme descrito por Bale, eram originários de Leicestershire e Rutland; eram os ancestrais da família Butler-Bowdon, católica, em cuja casa de campo o manuscrito fora redescoberto na década de 1930. Assim, como sua autora, o manuscrito de Kempe peregrinou pelos anos, sobrevivendo a perseguições religiosas e difamações de todos os tipos, até reaparecer no século XX. Uma história realmente fascinante.

Preservamos aqui a divisão original do manuscrito em capítulos, embora não se saiba se o texto original estava assim dividido. Aqui seguimos as quebras de parágrafos originais, mas acrescentamos travessões para indicar as falas das personagens, diferentemente de Bale e de Windeatt em suas versões. Também acrescentamos muitas notas de rodapé, pois consideramos que se fazem necessárias para uma melhor compreensão por parte da leitora/leitor contemporâneo, visto que muitos dos lugares descritos por Kempe mudaram de nome ou nem mesmo existem mais.

---

[115] "The surviving manuscript is bound with a letter, from Peter de Monte to William Bogy of Soham (Cambridgeshire), dated to c. 1440, and this suggests that the manuscript could not have been bound before this time, the manuscript was written on paper probably imported to England from Holland in the late 1440s, so it likely dates from something like ten or so years after the *Book* was rewritten by the priest."

[116] "[…] both to be shared with the highly literate community there and to protect it from the reformista agentes of Henry VIII."

As dificuldades em relação ao original em inglês médio foram diminuídas através do cotejamento com as traduções contemporâneas e em língua espanhola, mas ainda assim adicionamos algumas notas referentes ao vocabulário. Traduzir o *Livro de Margery Kempe* foi uma atividade que nos fez nos transportarmo-nos para um mundo distante, no qual uma mulher muito à frente de seu tempo ousou partir sozinha em busca de seu amado Jesus Cristo, em busca de respostas para sua espiritualidade. Uma voz feminina corajosa, que ecoa pelos séculos e desconcerta a nós, leitoras e leitores modernos. Que possamos ler o livro de Margery Kempe e percorrer, junto dela, os caminhos medievais com os olhos de uma mulher que foi mística, mãe e peregrina.

5.2 *O Livro de Margery Kempe*

O Livro de Margery Kempe

Liber Mountis Gracie. Este livro pertence ao Monte Gracie.

PROÊMIO

Em nome de Jesus Cristo.

Aqui se inicia um breve e consolador tratado para os miseráveis pecadores, no qual podem encontrar grande consolo e alívio para si mesmos e compreender a grande e inexplicável misericórdia de Jesus Cristo nosso soberano Salvador, cujo nome deve ser adorado e louvado por toda a eternidade e que agora em nossos dias se digna a mostrar, a nós indignos, Sua nobreza e Sua bondade. Todas as obras de nosso Salvador são para nosso exemplo e instrução, e o que a graça obra em qualquer criatura é para nosso proveito, se a falta de caridade não constituir um obstáculo da nossa parte.

E por isso, com a permissão de nosso misericordioso Senhor Jesus Cristo, para exaltar Seu santo nome, Jesus, este breve tratado se ocupará parcialmente de suas maravilhosas obras; quão misericordiosa, benigna e caritativamente moveu e chamou a Seu amor uma desgraçada pecadora, a qual, durante muitos anos, mediante a inspiração de Espírito Santo, quis e tratou de seguir ao nosso Salvador, realizando solenes promessas de jejuns, além de outras obras de penitência. E sempre que era tentada se voltava para trás – como o talo da cana se dobra com o vento e nunca se mantém intacto enquanto o vento não cessar – até que nosso misericordioso Senhor Jesus Cristo, por piedade e compaixão de Sua obra e criatura[117], converteu a saúde em doença, a prosperidade em adversidade, a honra em ignomínia e o amor em ódio.

Assim, com todas essas coisas acontecendo de forma contrária, esta criatura, que durante muitos anos viveu desviada e sempre se comportou de maneira instável, foi completamente seduzida e impulsionada a entrar na senda da alta perfeição, cuja forma mais

[117] Em inglês médio, *hys handwerke and hys creatur* (KEMPE, 2004, p. 42). Anthony Bale, em nota acerca dessa expressão em sua tradução da obra para o inglês contemporâneo observa o seguinte: "[...] através de todo o *Livro*, Kempe é referida através da terceira pessoa, como uma 'criatura', enfatizando que ela é uma coisa criada pelas mãos de Deus (*God's 'handiwork'*)" (BALE, 2015, p. 230). Traduzimos aqui por "Sua obra". Cf. WINDEATT, Barry (Ed.). *The Book of Margery Kempe* (Annoted Edition). Cambridge: D. S. Brewer, 2004. Todas as referências a expressões do texto de partida em inglês médio serão retiradas dessa edição.

acabada, exemplificou em sua própria pessoa, o Cristo nosso Salvador. Ele a pisou antes com firmeza e a tomou para si definitivamente.

Então esta criatura, sobre a qual este tratado, pela misericórdia de Jesus, mostrará só parcialmente, sua maneira de viver, foi submetida à prova por obra de Nosso Senhor mediante uma grave enfermidade pela qual ela perdeu a razão durante longo tempo, até que a graça de Nosso Senhor lhe devolveu de novo a saúde, como depois se mostrará com maior amplitude. Seus bens terrenos, que então eram valiosos e abundantes, em pouco tempo se tornaram praticamente inúteis e bastante escassos. Logo, abandonou e deixou de lado a vaidade e o orgulho. Aqueles que até então a haviam respeitado, logo a ofenderam asperamente; seus familiares e seus amigos logo se converteram em seus inimigos.

Assim, consciente de tão surpreendente mudança, e buscando ajuda sob as asas de sua mãe espiritual, a Santa Igreja, foi e se humilhou ante seu confessor, acusando-se de suas faltas e se submetendo depois a uma grande penitência corporal. E, pouco depois, Nosso Senhor misericordioso visitou a esta criatura coberta de abundantes lágrimas de contrição, dia após dia, até o extremo de que muitos homens diziam que ela podia chorar sempre que quisesse e difamavam a obra de Deus.

Assim, ela foi difamada e injuriada, repreendida e insultada por toda a gente por causa da graça e da virtude com as quais foi dotada pelo poder do Espírito Santo, que foi para ela uma espécie de consolo e conforto sempre que padeceu qualquer aflição por amor a Deus e pela graça que Deus operava nela. Pois quanto maiores eram a difamação e a reprovação, mais ela crescia em graça e devoção mediante a santa meditação, a alta contemplação e os discursos e conversações maravilhosos que Nosso Senhor mantinha com ela e recriava em sua alma, doutrinando-a sobre como seria desprezada por causa de seu amor e como deveria ser paciente mostrando toda a sua confiança, todo o seu amor e todo o seu afeto somente por Ele.

Inspirada pelo Espírito Santo, ela conheceu e teve notícias de muitas coisas secretas e privadas que aconteceriam mais tarde. E, com frequência, enquanto se achava ocupada como semelhantes discursos e conversações sagradas, chorava e soluçava de tal maneira que numerosas pessoas ficavam muito surpresas, pois apenas conheciam a forma tão familiar na qual Nosso Senhor se encontrava em sua alma. Algumas vezes, nem ela mesma podia expressar a graça que sentia, tão celestial que era sobre sua razão e de seus conhecimentos naturais; e seu corpo ficava tão debilitado no momento da presença da graça que jamais poderia descrever com palavras o que sentia em sua alma.

Então esta criatura teve muito medo dos enganos e das armadilhas de seus inimigos espirituais. Por ordem do Espírito Santo, consultou muitos clérigos dignos, arcebispos e bispos,

doutores e bacharéis em teologia. Também conversou com eremitas e lhes falou até onde seu gênio pôde expressar sua maneira de viver e a graça que o Espírito Santo, em sua bondade, havia operado em sua mente e em sua alma. E aqueles a quem confiou seus segredos lhe diziam que era obrigada a amar Nosso Senhor pela graça que ele lhe mostrava e a aconselharam que seguisse seus impulsos e emoções, e acreditasse confiantemente que procediam do Espírito Santo e não do maligno.

Alguns desses ilustres e dignos clérigos afirmaram com perigo as para suas almas e como se eles respondessem diante de Deus, que esta criatura estava inspirada pelo Espírito Santo e lhe ordenaram que escrevesse um livro com suas revelações. Alguns se ofereceram para escrever seus sentimentos com suas próprias mãos e ela não o consentiu de forma alguma, pois que sabia que não devia escrevê-los tão rápido. E assim transcorreram mais de vinte anos desde o dia que esta criatura recebeu os primeiros sentimentos e revelações, até que escrevesse algo. Mais tarde, quando aprouve a Nosso Senhor, ordenou-lhe e mandou-lhe escrever seus sentimentos e suas revelações, bem como sua maneira de viver, para que todos conhecessem sua bondade.

Naquele momento, a criatura não dispunha de nenhum escriba que pudesse satisfazer seu desejo e desse crédito aos seus sentimentos, até que um homem que vivia na Germânia[118], inglês de nascimento, casado na Alemanha e que tinha ali esposa e um filho soube desta criatura e de seu desejo. Movido, segundo acredito, pela graça do Espírito Santo, regressou à Inglaterra com sua esposa e seus bens e morou com a dita criatura até que escrevesse tudo o que ela quis contar enquanto viveram juntos. E depois ele morreu.

Então havia um sacerdote pelo qual essa criatura sentia um grande afeto e por isso falou com ele sobre esta questão e lhe entregou o livro para que ele lesse. Tão mal escrito estava que mal o entendeu, pois nem estava em bom inglês, nem em bom alemão, nem as letras estavam bem traçadas nem tinham a forma de outras letras. Por isso, o sacerdote estava absolutamente convencido de que jamais ninguém seria capaz de lê-lo, salvo mediante uma graça especial. Porém, ele a prometeu que, caso conseguisse lê-lo o copiaria e com bom ânimo o escreveria melhor.

Nesse tempo se falavam tantas maldades desta criatura e de seu pranto, que o sacerdote, por covardia, raras vezes se atrevia a falar com ela, nem se dispunha a escrever como havia prometido à dita criatura. E desse modo evitou e demorou a escrita desse livro durante quase quatro anos, mesmo que esta criatura lhe falasse com frequência dele. Finalmente, ele lhe

[118] No manuscrito está escrito “Dewchlond” que na época incluía todos os países nos quais se falava alemão e também os que constituem hoje os Países Baixos (Cf. KEMPE, 2012, nota número 6).

disse que não podia lê-lo, pois não o havia escrito. Disse que não se colocaria em perigo por esse assunto.

Logo, ele a aconselhou que procurasse um bom homem que tivera boa relação com o primeiro escriba, supondo que seria mais fácil de lê-lo, pois havia lido certa vez cartas escritas por outra pessoa, enviadas do outro lado do mar, enquanto estava na Germânia. E assim ela procurou aquele homem, pedindo-lhe que escrevesse o livro e não o desse a conhecer enquanto ela vivesse, pagando-lhe uma grande soma de dinheiro por seu trabalho. E esse bom homem escreveu quase um fólio, o que não foi suficiente para atingir o objetivo, e, portanto, não pôde fixar o preço, pela simples razão de que o livro fora tão mal escrito e sem sentido algum.

Depois o sacerdote sentiu um peso na consciência, visto que havia lhe prometido escrever este livro, desde que conseguisse lê-lo e não havia cumprido seu compromisso da melhor maneira possível. Por isso, suplicou a esta criatura que pudesse lhe entregar o livro outra vez. Logo, ela pegou o livro outra vez e o entregou ao sacerdote com muita alegria, suplicando-lhe que fizesse um esforço. Ela rogaria a Deus por ele e pediria graças para que pudesse lê-lo e também escrevê-lo. Confiando em suas súplicas, o sacerdote começou a ler este livro e, segundo pensava, foi mais fácil do que antes. E deste modo ele o leu na presença desta criatura, uma palavra atrás da outra, e ela ajudava onde ele tinha alguma dificuldade.

Este livro não foi escrito segundo uma ordem, uma coisa depois da outra, segundo se sucederam, mas sim da forma que vinham à mente da criatura enquanto se escrevia, pois havia transcorrido tanto tempo desde que haviam sido escritas que ela havia esquecido a data e a ordem na qual aconteceram. E por isso ela não havia escrito nada, salvo o que sabia perfeitamente que era a mais autêntica verdade.

Quando o sacerdote começou a escrever este livro, sua vista falhou de modo que não podia mais dar forma às letras nem apontar sua pena. As outras coisas ele conseguia ver bem. Se colocasse umas lentes sobre seu nariz aí é que via pior do que sem elas. Foi queixar-se à criatura sobre seu problema. Ela lhe disse que seu inimigo invejava sua boa ação e que se pudesse a impedia e lhe disse também que Deus lhe concederia ajuda e que a concluiria. Quando voltou a trabalhar de novo no livro, podia ver tudo com tal clareza, pensou ele, como nunca o havia antes, fosse à luz diurna, fosse à luz de velas. E por esta razão, quando terminou um caderno de vinte e quatro folhas ele acrescentou um fólio e logo escreveu este proêmio para falar mais amplamente do que se segue, que se escreveu antes deste. *Anno domini 1436.*

***

Um tratado breve de uma criatura que vivia em meio à grande pompa e à vaidade do mundo que depois foi impulsionada para Nosso Senhor mediante grande pobreza, enfermidade, humilhações e grandes reprovações em muitas regiões[119] e lugares, cujas tribulações serão mostradas a seguir, não na ordem na qual se sucederam, mas segundo a criatura as recordava quando foram escritas.

Pois havia transcorrido mais de vinte anos desde que esta criatura havia renunciado ao mundo e se dedicado com grande diligência a Nosso Senhor antes da escrita deste livro, apesar de que essa criatura havia sido especialmente advertida para que pusesse por escrito suas atribulações e suas revelações e um carmelita[120] se oferecera voluntariamente a escrevê-las por ela se assim o desejasse. E foi advertida em seu espírito que não devia escrevê-lo tão cedo. E muitos anos depois se lhe ordenou, em seu espírito, que o escrevesse.

E então primeiro o escreveu um homem que não sabia escrever bem nem em inglês, nem em alemão. E, portanto, era ilegível salvo mediante uma graça especial, pois esta criatura era tão difamada e caluniada que poucas pessoas acreditavam nela. E assim, finalmente, um sacerdote se comoveu profundamente para escrever esse tratado, e durante quatro anos foi incapaz de lê-lo. Depois, a pedido desta criatura, e forçado por sua própria consciência, tentou lê-lo de novo, o que lhe pareceu muito mais fácil do que antes. Desse modo, começou a escrever no ano de Nosso Senhor de 1436, no dia seguinte à festividade de Maria Madalena, de acordo com a informação desta criatura[121].

LIVRO I

CAPÍTULO 1

Quando esta criatura tinha vinte anos de idade ou mais se casou com um rico burguês[122] e, pouco tempo depois, ficou grávida, como a natureza assim o quis. Depois de conceber, sofreu

---

[119] No manuscrito original “contres” (“countries” no inglês contemporâneo), que possuía, em inglês médio, além do significado de “países”, o de “regiões”, que será usado nessa tradução.

[120] Possivelmente o carmelita Aleyn de Lynn, amigo de Margery Kempe (Cf. KEMPE, 2012, nota número 9).

[121] Podemos presumir que se trata da data de 23 de julho de 1436, dia seguinte às festividades de Maria Madalena, ou seja, dia 22 de julho. Anthony Bale, em nota à sua tradução, destaca também que essa data de início da escrita do livro coincide com a data de morte de Santa Brígida da Suécia, cujos escritos muito influenciaram Margery Kempe. Dessa forma, o *Livro de Margery Kempe* é estruturado de tal forma que apresenta as figuras de Maria Madalena, também grande influência espiritual de Margery, (representando as pecadoras arrependidas, a renúcia do mundo, a proximidade com Cristo e a Crucifixação) e Santa Brígida (incorporando a santidade feminina e as visões místicas) como estrutura e ponto de partida da narrativa (BALE, 2015, pp. 231-2).

[122] John Kempe, com quem se casou em 1393 e tivera papel relevante na vida econômica de King’s Lynn.

graves ataques de uma enfermidade até que deu luz a seu filho. Então, devido às dores do parto e à enfermidade da qual havia padecido antes, perdeu a esperança em sua vida e achou que iria morrer. Então, ela pediu que viesse seu confessor[123], pois havia algo em sua consciência jamais havia revelado até esse momento.[124] Porque seu inimigo, o Diabo, sempre a havia impedido de se confessar, dizendo-lhe, enquanto ela tinha boa saúde, que ela não precisava se confessar e que podia fazer penitência sozinha, e tudo lhe seria perdoado, pois Deus era misericordioso o bastante. Assim, esta criatura fazia com frequência grande penitência, jejuando com pão e água e praticando outras obras de caridade, além de orações devotas, mas não havia revelado aquilo em confissão.

E quando em qualquer ocasião se encontrava enferma ou preocupada, o demônio lhe dizia interiormente que seria condenada, pois não havia se confessado nem havia sido absolvida daquele pecado. Por isso, depois de nascer seu filho, ao não estar segura se sobreviveria, chamou seu confessor, como já mencionado, desejando definitivamente confessar-se de sua vida toda ou o quanto pudesse. E quando chegou a hora de contar aquilo que durante tanto tempo havia ocultado, seu confessor se mostrou bastante apressado e começou a repreendê-la com azedume antes que ela dissesse tudo que tinha em mente, fazendo com que ela não dissesse mais nada, não importando o que ele fizesse. Pouco depois, devido ao medo que tinha de ser condenada, e, por outro lado, às ásperas admoestações que recebera do confessor, esta criatura ficou fora de si e ficou assustadoramente mortificada e atormentada por espíritos durante metade de um ano, oito semanas e os dias ímpares[125].

E nessa época, segundo acreditava, via demônios que abriam suas bocas cheias de chamas ardentes de fogo, como se fossem engoli-la, dando-lhe arranhões algumas vezes, adotando uma atitude ameaçadora em certas ocasiões, empurrando-a e arrastando-a algumas vezes de dia e de noite durante o período já mencionado. Os demônios também proferiram contra ela grandes ameaças, e lhe pediam que renunciasse à sua fé e às suas crenças cristãs, negasse a seu Deus e a sua mãe e a todos os santos do céu, a suas boas obras e a todas as boas virtudes, a seu pai, a sua mãe e a todos os seus amigos. E assim o fez. Difamava seu marido, seus amigos e a ela mesma. Pronunciava muitos insultos e vitupérios, não reconhecia virtude nem bondade alguma; desejava toda a maldade, exatamente como os espíritos a tentavam para que dissesse e fizesse assim ela dizia e fazia. Ela teria se matado várias vezes como eles a

[123] Possivelmente Robert Spryngolde.
[124] A autora não deixa claro a natureza desse segredo.
[125] Alguns estudiosos da obra de Margery Kempe consideram a possibilidade de a autora ter sofrido uma depressão pós-parto ou mesmo uma psicose pós-parto do seu primeiro filho, sendo que esta constitui uma enfermidade ainda mais severa do que a primeira.

incitavam a fazer e havia sido condenada com eles ao inferno e como prova mordeu a sua mão com tal violência que se pôde ver a cicatriz durante o resto da sua vida. E ela também arrancou violentamente a pele de seu corpo perto de seu coração com suas unhas, por não dispor de nenhuma ferramenta, e teria feito algo pior se não estivesse atada e sujeitada à força de dia e de noite, de modo que não podia fazer o que queria.

Então, certa vez, depois de longo tempo mortificada por essas e por outras muitas tentações, de maneira que as pessoas pensaram que ela nunca sairia viva disso tudo, quando ela jazia sozinha e como seus cuidadores não estavam com ela, nosso misericordioso Senhor Jesus Cristo – no qual sempre se há de confiar, adorado seja Seu nome, que nunca abandona seu servo em tempos de necessidade, apareceu a esta criatura, que O havia abandonado, na forma de homem: o mais atraente, o mais belo e o mais carinhoso que jamais se pode ver com olhos humanos, coberto com um manto de seda cor púrpura, sentado sobre a cabeceira de sua cama, olhando-a com um aspecto tão abençoado que reconfortou completamente seu espírito e lhe disse essas palavras:

"Filha, porque me abandonaste e eu nunca te abandonei?"

No mesmo instante em que Ele lhe disse essas palavras, ela viu o ar se abrir tão brilhante quanto os raios e Ele se elevou aos céus, sem pressa nem rapidamente, mas sim majestosa e pausadamente, de maneira que pode vê-Lo claramente no ar até que desaparecesse de novo.

E imediatamente a criatura ficou mais equilibrada em seu juízo e em sua razão como jamais o fora, e perguntou a seu marido, quando veio vê-la, se poderia ter as chaves de sua despensa de volta para pegar sua comida e sua bebida. Suas servas e seus cuidadores aconselharam ao marido que não lhe entregasse chave alguma, pois segundo diziam, ela distribuiria tudo que tivesse, pois, segundo acreditavam, ela não sabia o que dizia. No entanto, seu marido, que sempre havia sido terno e compassivo para com ela, ordenou que lhe entregasse as chaves. E ela consumiu tanta comida e bebida quanto suas forças lhe permitiram e mais uma vez recebeu a seus amigos e familiares e a todos que chegavam para ver como a graça de Nosso Senhor Jesus Cristo havia obrado Sua graça nela. Bendito seja que está sempre por perto nas atribulações! Quando as pessoas pensam que Ele se encontra longe, mais perto Ele está através de Sua graça. Depois esta criatura cumpriu com todas as suas responsabilidades judiciosa e sensatamente, mesmo que ela não conhecesse verdadeiramente o poder de Nosso Senhor de nos atrair para Si.

CAPÍTULO 2

E quando, através da graça, esta criatura recuperou de novo sua lucidez, entendeu que estava em dívida para com Deus e que devia ser sua serva. Apesar de tudo, não renunciou nem a seu orgulho nem à forma extravagante de se vestir à qual estava acostumada antes da crise, nem mesmo com os conselhos de seu marido ou de qualquer outra pessoa. Sem dúvida, sabia perfeitamente que as pessoas faziam muitos comentários maliciosos sobre ela por usar tubos reluzentes de ouro em sua cabeça e capuzes com capas cortadas de acordo com a moda. Também suas capas eram elegantemente cortadas e reluziam com cores vistosas nas costuras, de modo que era a mais admirada e causava fascínio nas pessoas ao seu redor.

Mas quando seu marido tentava conversar com ela para que abandonasse suas maneiras orgulhosas, respondia-lhe ríspida e grosseiramente, dizendo-lhe que provinha de uma família distinta e que ele nunca mereceu se casar com ela, pois seu pai fora, durante certo tempo, o prefeito de N.[126] e depois ocupou o cargo mais alto da grande Guilda da Trindade[127] em N. Por isso ela devia manter a honra de sua família, independente da opinião alheia.

Tinha grande inveja dos vizinhos que se vestiam tão elegantes quanto ela. O seu desejo era que fosse adorada por toda a gente. Não ligaria para nenhuma crítica, nem se contentaria com os bens que Deus havia lhe enviado como fazia seu marido, e sim desejava sempre mais e mais. E então, por pura cobiça e para manter seu orgulho, começou a fabricar cerveja e se tornou uma das grandes cervejeiras da cidade de N. durante três ou quatro anos até que perdeu muito dinheiro, pois carecia de experiência para esse tipo de negócio.[128] Porque mesmo contando com bons trabalhadores e conhecimento acerca da fabricação de cerveja, as coisas nunca funcionaram bem para eles. Pois quando a cerveja tinha uma excelente espuma que todos podiam ver, de repente a espuma desaparecia e assim, toda a cerveja se perdia, uma após a outra, até o momento em que seus empregados começaram a sentir vergonha e não quiseram mais continuar com ela. Então esta criatura pensava como Deus a havia castigado antes, e ela não havia prestado atenção, e agora de novo com a perda de seu dinheiro. Assim, abandonou para sempre a fabricação de cerveja.

---

[126] Aqui Margery Kempe emprega *N.* (referente ao termo latino *nomen*), querendo ocultar a identidade de Lynn, sua cidade natal. Como observa Bale (2015, p. 232), em nota, no início do *Livro*, o nome de sua cidade é ocultado, de acordo com seu desejo de que a obra não deveria ser lida enquanto ela vivesse. Mais adiante na narrativa, no entanto, Lynn é expressamente nomeada. Vale lembrar que o pai da autora foi prefeito de Lynn várias vezes entre 1370 e 1391.

[127] A *Guild of Trinity* (Guilda da Trindade) era a confraria de mercadores mais importante e prestigiosa de Lynn.

[128] A fabricação de cerveja era uma atividade frequente entre as mulheres medievais como forma de complementar sua renda familiar.

Então pediu perdão a seu marido por não haver seguido seu conselho, dizendo que seu orgulho e seu pecado eram a causa de seu castigo, e que estava disposta a corrigir de boa vontade todos os seus erros. Todavia não abandonaria de todo o mundo, pois agora pensava em um trabalho de dona de casa. Ela possuía um moinho de cavalos. Ela mesma dispunha de dois bons cavalos e um homem para moer o cereal das pessoas, confiando que dessa maneira conseguiria ganhar a vida. Este negócio não durou muito, pois, pouco tempo depois, na véspera de Corpus Christi, aconteceu o seguinte prodígio: o homem (que desfrutava de uma boa saúde) que possuía dois cavalos (fortes, em boa condição e que antes haviam trabalhado bem no moinho), naquele dia quando pegou um dos cavalos e um colocou para puxar o moinho como tantas vezes havia feito antes, o mesmo não o fez por nada neste mundo. O homem ficou triste e fez tudo o que podia para fazer seu cavalo trabalhar. Algumas vezes ele o puxava pela cabeça, outras vezes o batia, outras lhe falava e lhe acariciava o lombo, mas não servia de nada, pois o cavalo recuava em vez de seguir adiante. Então o homem colocou um par de esporas afiadas nos calcanhares e subiu no lombo do cavalo para ver se fazia com que ele se mexesse, mas pouco adiantou.

Quando este homem viu que nada serviria, devolveu o cavalo ao estábulo e o deu de comer, e o cavalo comeu bem e com avidez. Depois pegou o outro cavalo e o colocou no moinho. E também fez o mesmo que seu companheiro, pois não puxava, fizesse o que fizesse o homem. Logo este homem desistiu do emprego e não mais permaneceu com a dita criatura. Então correu a história pela cidade de N. que nem homens nem bestas serviam a esta criatura, alguns disseram que ela estava amaldiçoada, outros disseram que Deus se vingava abertamente dela e alguns diziam uma coisa e outros diziam outra. E alguns homens sensatos, cujas mentes estavam mais enraizadas no amor de Nosso Senhor, disseram se tratar da alta misericórdia do Senhor Jesus Cristo que a havia convocado e chamado para longe do orgulho e da vaidade deste mundo miserável. E assim, esta criatura, vendo todas as adversidades que chegavam de todas as partes, pensou que se tratava dos chicotes de Nosso Senhor que a castigava pelo seu pecado. Logo pediu a Deus misericórdia e abandonou seu orgulho, sua cobiça e o desejo que possuía por honrarias mundanas e praticou grande penitência corporal, começando a entrar no caminho da vida eterna, segundo será narrado daqui em diante.

CAPÍTULO 3

Uma noite, enquanto esta criatura jazia na cama com seu marido, escutou uma melodia tão doce e bela que a fez crer que havia estado no paraíso. E imediatamente saltou da cama e exclamou:

– Ai, que eu já pequei! É tão feliz no Céu!

Esta melodia era tão doce que, sem nenhuma comparação possível, superava qualquer outra que pudesse se ouvir nesse mundo e fez com que esta criatura, sempre que escutasse qualquer alvoroço ou melodia, derramasse muitas lágrimas de autêntica devoção, com grandes soluços e suspiros devida a grande felicidade do céu, sem temer as desonras e o desprezo deste mundo miserável. E sempre, depois que foi chamada por Deus desta maneira, guardou em sua memória o alvoroço e a melodia que existiam no céu, de sorte que apenas poderia cessar de falar sobre isso. Pois quando se encontrava em companhia de alguém, somente exclamava:

– É tão feliz no Céu!

E aqueles que conheciam sua conduta anterior e agora a ouviam falar tanto sobre a bem-aventurança do céu lhe diziam:

– Por que fala assim da alegria que existe no céu? Você não a conhece e não estive em nenhum para além de onde tem estado conosco.

E estavam enojados com ela, pois não escutava nem falava das coisas mundanas como fazia antes. E depois dessa época nunca mais desejou ter relações sexuais com seu marido, pois pensava que cumprir com o dever do matrimônio lhe parecia tão abominável que preferia comer e beber o lodo e as fezes dos esgotos a concordar em ter relações sexuais, a menos que fosse por obediência. E por isso, disse ao seu marido:

– Não posso lhe negar meu corpo, mas todo o amor e carinho do meu coração estão separados de todas as criaturas terrenas e colocados somente em Deus.

Mas ele iria satisfazer seus desejos e ela o obedeceria com muito choro e tristeza por não poder viver em castidade. E muitas vezes essa criatura sugeria ao marido que vivessem castamente e dizia que muitas vezes (ela também sabia) haviam desagradado a Deus por causa de seu amor desordenado e do grande prazer que ambos sentiam quando desfrutavam do corpo um do outro, e agora seria bom se eles, por mútuo acordo, punissem e purificassem a si mesmos, abstendo-se da lascívia de seus corpos. O marido disse que seria bom fazer dessa forma, mas que ainda não conseguia: faria assim quando Deus quisesse. E, consequentemente, ele a usou como ele tinha feito antes, pois não se conteve. E ela orou a Deus o tempo todo para que ela pudesse viver castamente e, três ou quatro anos depois, quando agradou ao Senhor, seu marido fez voto de castidade, como será escrito mais adiante, com a permissão de Jesus![129]

E também, depois que esta criatura ouviu esta melodia celestial, fez uma grande penitência corporal. Às vezes, ela se confessava e recebia a absolvição duas ou três vezes no

[129] O consentimento de Kempe em respeitar o voto de castidade de Margery se daria por volta de 1413 (KEMPE, 2012, p. 63).

mesmo dia, especialmente por aquele pecado que há muito havia ocultado e encoberto, como está escrito no início do *Livro*. Ela se entregou a grandes jejuns e à observância de vigílias; levantava-se às duas ou três da manhã e ia até a igreja, lá permanecendo orando até o meio-dia e toda a tarde. Muitas pessoas a admoestavam e difamavam por causa da vida tão rigorosa que levava.

Logo conseguiu uma esteira de crinas de cavalo, como as de secar o malte, e colocou debaixo de seus vestidos da forma mais discreta e secreta que pôde, de tal modo que nem seu marido a notou. E não percebeu, apesar de que, todas as noites ela se deitava ao seu lado na cama levando diariamente a esteira de crinas de cavalo e ainda teve filhos nessa época.

Então ela passou três anos de grandes dificuldades acompanhados de tentações que suportou pacientemente, dando graças a Nosso Senhor por todos os seus dons, e ela ficou muito feliz quando foi repreendida, desprezada ou ridicularizada por amor de Nosso Senhor, e muito mais feliz do que quando ela estava antes entre os admirados deste mundo. Pois ela sabia perfeitamente que havia pecado gravemente contra Deus e merecia muito mais vergonha e dor do que qualquer um poderia lhe causar, e o desprezo neste mundo era o caminho seguro para o céu, pois o próprio Cristo escolheu esse caminho. Todos os seus apóstolos, mártires, confessores e virgens, e todos os que chegaram ao céu, passaram pelo caminho da tribulação, e ela não queria nada além do céu. Então ela se alegrou interiormente quando acreditou que estava entrando no caminho que a levaria ao lugar que mais desejava. E esta criatura teve grande contrição e remorso, com lágrimas abundantes e muitos soluços altos e violentos, por seus pecados e por seu descaso com seu criador. Ela refletiu sobre sua falta de consideração desde a infância, como Nosso Senhor a lembraria muitas vezes. E assim, quando refletia sobre seu próprio mal, ela só conseguia sentir dor e chorar, orando continuamente por misericórdia e perdão.

Seu choro era tão abundante e contínuo que muitas pessoas pensavam que ela podia chorar e parar de chorar quando quisesse, e é por isso que muitas pessoas diziam que ela era uma falsa hipócrita, e que ela chorava pelas pessoas, para obter vantagens e benefícios mundanos. E então muitas pessoas que a amavam antes, enquanto ela estava no mundo, abandonaram-na e a desconheciam, e o tempo todo ela agradecia a Deus por tudo, desejando nada além de misericórdia e perdão dos pecados.

CAPÍTULO 4

Durante os dois primeiros anos, quando esta criatura foi chamada desta forma por Nosso Senhor, gozou de uma grande paz espiritual em relação a qualquer tentação. Conseguia lidar bem com o jejum – não era um problema para ela. Odiava os prazeres do mundo e não sentiu a rebelião de sua carne. Acreditava que era tão forte que não temia o demônio do inferno, pois fazia grandes penitências corporais.

Ela pensou que amava a Deus mais do que Ele a amava. Ela foi tocada pela ferida mortal da vaidade e não se deu conta, porque muitas vezes ela quis que Cristo soltasse suas mãos da Cruz e a abraçasse em sinal de amor. Nosso misericordioso Senhor Jesus Cristo, vendo a presunção desta criatura, enviou-lhe, como já foi escrito, três anos de grandes tentações, das quais pretendo escrever uma das mais graves para que sirva de exemplo para aqueles que vierem depois, para que não confiem em si mesmos, nem se comprazam consigo mesmos como esta criatura; pois, sem dúvida, nosso inimigo espiritual não dorme, mas sonda diligentemente nosso caráter e nossas atitudes, e onde ele nos vê mais fracos, ali, com o consentimento de Nosso Senhor, ele arma a armadilha, da qual ninguém pode escapar com suas próprias forças.

E assim ele colocou diante dessa criatura a armadilha da lascívia quando ela acreditava que todos os seus desejos carnais estavam completamente extintos. E assim foi tentada com o pecado da luxúria por um longo tempo, apesar de tudo que tivesse feito. E mesmo assim ela se confessava, frequentemente usava cilício, fazia grandes penitências corporais e derramava muitas lágrimas amargas. Muitas vezes implorava a Nosso Senhor que a protegesse e a impedisse de cair em tentação, pois ela achava melhor estar morta do que consentir tal coisa. E durante todo esse tempo ela não quis ter relações sexuais com o marido, o que foi muito doloroso e horrível para ela.

No segundo ano de suas tentações, aconteceu que um homem que gostava dela lhe disse, antes da missa da noite, na véspera do dia de Santa Margarida[130], que, apesar de qualquer resistência, dormiria com ela e gozaria da sensualidade de seu corpo, e não deveria resistir, porque, disse ele, se não conseguisse satisfazer seu desejo desta vez, conseguiria em outra: ela não tinha escolha. E ele estava fazendo isso para testar o que ela faria, embora ela imaginasse que ele falava sério desta vez e mal disse nada em sua resposta. Depois se separaram e ambos foram ouvir as vésperas, pois sua igreja era dedicada a Santa Margarida[131]. Esta mulher ficou tão perturbada com as palavras do homem que não conseguiu concentrar-se nas vésperas, nem

[130] Santa Margarida de Antioquia, uma virgem lendária, supostamente martirizada na perseguição de Diocleciano, cujo culto foi muito popular na Inglaterra medieval. Sua celebração se dá no dia 20 de julho.

[131] Tal igreja ainda existe em King's Lynn. Era uma das igrejas principais da cidade e funcionava como paróquia e igreja do priorado beneditino construído na parte meridional do templo pelos monges de Norwich (KEMPE, 2012, p. 65).

recitar seu Pai Nosso, nem ter nenhum outro bom pensamento, pois jamais havia estado tão angustiada.

O diabo colocou em sua mente que Deus a havia abandonado, caso contrário ela não teria sido tentada. Ela acreditou nas persuasões do demônio e começou a consentir porque não podia ter bons pensamentos. Por isso ela pensou que Deus a havia abandonado. E, acabadas as vésperas, foi ter com o dito homem com a intenção de que ele pudesse saciar sua luxúria, como julgava desejar; mas ele dissimulou de tal maneira que ela não pôde saber sua intenção, e assim se separaram naquela noite. Tão preocupada e confusa esta criatura ficou a noite toda por não conseguir descobrir o que poderia fazer. Ela estava na cama com o marido, e parecia tão abominável para ela ter relações sexuais com ele que ela não podia suportar, e ainda assim era legalmente permitido se ela o desejasse. Mas ela estava o tempo todo atormentada com o outro homem, para pecar com ele exatamente como ele havia lhe dito. Finalmente, tão persistente foi a tentação e a falta de discernimento, que ela foi vencida: consentiu interiormente e foi ver o homem para saber se ele concordaria em possuí-la naquele momento. Mas ele respondeu que não o faria nem por todo o dinheiro deste mundo; preferia ser cortado em pedaços tão pequenos como se fosse picadinho para a panela.

Ela se afastou totalmente envergonhada e interiormente confusa, vendo a firmeza dele e sua própria fraqueza. Então ela meditou sobre a graça que Deus lhe havia concedido anteriormente, como havia desfrutado por dois anos de grande paz de espírito, arrependimento de seus pecados com muitas lágrimas amargas de remorso e uma vontade perfeita de nunca mais pecar ou, do contrário estar morta, como lhe parecia. E agora ela via como havia consentido em pecar em seu espírito. Então ela ficava prestes a cair em desespero. Pensava que estava no inferno tão grande era a angústia que sentia. Ela pensou que não era digna de misericórdia porque seu consentimento para pecar foi totalmente deliberado; nem seria digna de servir a Deus, pois era muito desleal a Ele.

No entanto, confessou-se muitas e muitas vezes, fez penitência, tudo o que seu confessor lhe ordenou que fizesse, e depois obedeceu às normas da Igreja. Aquela graça foi concedida por Deus a esta criatura, que Ele seja abençoado, embora não tenha afastado sua tentação, mas aumentado, como ela pensava. E é por isso que ela supôs que ele a havia abandonado e não se atrevia a confiar em sua misericórdia, mas sofreu tentações horríveis de luxúria e desespero por quase todo o ano seguinte, salvo que Nosso Senhor em sua misericórdia, como disse a si mesma, concedeu-lhe todos os dias quase duas horas de contrição por seus pecados, com muitas lágrimas amargas. E então ela sofreu tentações desesperadoras como em outros tempos e estava tão longe de perceber a graça quanto aqueles que nunca a sentiram. E

ela não mais podia suportar, continuando assim a se desesperar. Exceto quando sentia a graça, suas provas eram tão assustadoras que ela mal conseguia enfrentá-las, embora sempre chorasse e se lamentasse como se Deus a tivesse abandonado.

CAPÍTULO 5

Então, uma sexta-feira antes do Natal, enquanto esta criatura estava ajoelhada na capela de São João, na igreja de Santa Margarita de N., chorando amargamente e pedindo misericórdia e perdão por seus pecados e ofensas, nosso misericordioso Senhor Jesus Cristo, bendito seja, arrebatou seu espírito em êxtase e disse-lhe interiormente:

- Filha, por que você chora tão amargamente? Eu, Jesus Cristo, que morreu na cruz, sofrendo amarga dor e paixão por você, vim até você. Eu, o próprio Deus que perdoa completamente todos os seus pecados. E nunca mais pisarás nem no inferno nem no purgatório, mas quando abandonar este mundo, num piscar de olhos, você terá a felicidade do Céu, pois sou eu o mesmo Deus que lhe recordou seus pecados e feito com que se confessasse deles. E lhe concedo arrependimento até o final de sua vida.

"Por isso mesmo, ordeno-lhe e mando que me chame com bravura de Jesus, seu amor, pois sou seu amor e o serei eternamente. E filha, você leva consigo um cilício sobre seus ombros, quero que te livres dele e coloque um cilício em seu coração, o que me agradará muito mais do que todos os cilícios do mundo."

"Também, minha querida estimada filha, deves abandonar o que mais ama neste mundo, que é comer carne. No lugar dessa carne comerás minha carne e meu sangue, que é o verdadeiro corpo de Cristo na eucaristia. Esta é a minha vontade, filha, que recebas meu corpo todos os domingos e eu a preencherei com tanta graça que todo o mundo se maravilhará de ti."

"As pessoas deste mundo te comerão e roerão igual às ratas roem o bacalhau seco. Não temas, filha, sairá vitoriosa de todos os teus inimigos. Dar-te-ei graça suficiente para responder a todos os clérigos no amor de Deus. Juro-te por minha majestade que nunca te abandonarei nem alegria nem na tristeza. Ajudar-te-ei e te protegerei, de modo que nenhum demônio do inferno, nem nenhum anjo dos céus, nem nenhum homem da terra irá te separar de mim, pois não poderão nem os demônios do inferno, nem os anjos do céu, nem os homens da terra."

"E filha, quero que renuncies a tua recitação de muitas orações, e penses naqueles pensamentos colocas em tua mente. Autorizo-te a orar até as seis em ponto, para que digas o que queiras. Depois descansarás e falarás comigo em pensamento, e te concederei a alta meditação e a verdadeira contemplação. E te ordeno que vá encontrar o ermitão do convento

dos dominicanos[132] e conte para ele minhas confidências e os conselhos que lhe revelei e cumpras o que ele te diga, pois meu espírito te falará por meio dele."

Logo, esta criatura, segundo lhe foi ordenado, foi ter com o ermitão e lhe comunicou as revelações que havia recebido. Então, o ermitão, chorando e com muita reverência, deu graças a Deus e disse:

– Filha, está sendo amamentada no seio do Cristo[133] e recebeste uma promessa do Paraíso. Encarrego-te de que aceites esses pensamentos sempre que Deus te outorgue o mais humilde e devotamente que possas, e logo venha e me conte tudo, e, com a permissão de Nosso Senhor Jesus Cristo, te direi se é obra do Espírito Santo ou de teu inimigo, o Diabo.

CAPÍTULO 6

Outro dia, esta criatura se entregou à meditação, como antes havia sido lhe ordenado e permaneceu quieta, sem saber sobre qual coisa ela poderia pensar melhor. Então, disse a Nosso Senhor Jesus Cristo:

– Jesus, sobre o que devo pensar?

Nosso Senhor Jesus Cristo respondeu em seu interior: "Filha, pense em minha mãe, pois ela é a causa de toda a graça que possuis".

E imediatamente viu Santa Ana grávida, e então suplicou a Santa Ana que lhe permitisse ser sua dama de companhia e serva. E pouco depois nasceu Nossa Senhora, e logo se ocupou de tomar a criatura para ela mesma e cuidar dela até os doze anos, com boa comida e bebida, com belos vestidos e lenços brancos. E então ela disse à abençoada menina:

– Senhora, será a mãe de Deus.

– Eu gostaria de ser digna de ser a serva daquela que concebesse o Filho de Deus – respondeu a abençoada menina.

A criatura disse:

– Eu lhe rogo minha Senhora que se essa graça recair sobre vós que não renuncies aos meus serviços.

---

[132] No convento dos dominicanos em Lynn. Ele aparece depois como doutor em teologia e como principal confessor de Margery Kempe e era dotado do dom da profecia. Era muito fiel a ela e morreu antes que Kempe retornasse de Jerusalém.

[133] A literatura religiosa da Baixa Idade Média muitas vezes retrata Jesus empregando uma linguagem nutricional feminina. Interessante notar, como destaca Anthony Bale, que apesar de Kempe retratar Jesus como um homem belo, aqui ela usa a linguagem da nutrição materna. Não podemos esquecer que sua contemporânea Juliana de Norwich também usa linguagem semelhante ao descrever Jesus como "mãe" (BALE, 2015, p. 234, nota 20).

A bem-aventurada menina desapareceu durante um tempo, permanecendo a criatura em contemplação e quando voltou disse de novo:

– Filha, agora me tornei a mãe de Deus.

E então a criatura caiu de joelhos com grande reverência e com muito pranto disse:

– Não sou digna, minha Senhora, de vos servir.

– Sim, filha, – ela disse –, segue-me, estou muito satisfeita com seu serviço.

Depois partiu com Nossa Senhora e com José, levando consigo um frasco de vinho doce e aromático. Então foram à casa de Isabel, mãe de São João Batista, e quando encontraram Maria e Isabel se fizeram reverências, assim moraram juntas doze semanas com muita graça e alegria. E então nasceu São João e Nossa Senhora o levantou do chão com toda a reverência e o entregou à sua mãe, dizendo que seria um homem santo e o abençoou.

Depois se despediram uma da outra com lágrimas de compaixão. E logo a criatura se ajoelhou diante de Santa Isabel e lhe pediu que intercedesse por ela junto a Nossa Senhora para que pudesse servi-la e satisfazê-la.

– Filha, – disse Isabel –, parece-me que desempenhas perfeitamente sua tarefa.

E logo a criatura partiu com Nossa Senhora de Belém e todas as noites organizava suas acomodações com grande reverência, assim Nossa Senhora foi recebida com grande alegria. Também mendigava para Nossa Senhora roupas e lenços brancos para envolver seu filho quando nascesse. E quando Jesus nasceu, preparou o leito para que Nossa Senhora pudesse descansar com seu menino abençoado. E depois mendigou comida para Nossa Senhora e seu filho abençoado. E logo o envolveu com lágrimas amargas de compaixão, ciente da morte dolorosa da qual padeceria por amor aos pecadores, dizendo-lhe:

– Senhor, vou lhe tratar com ternura, não o apertarei quando o envolver em meus braços. Rogo-lhe que não se aborreça comigo.

CAPÍTULO 7

E depois, no dia doze[134], quando chegaram três reis com seus presentes e adoraram ao Nosso Senhor Jesus Cristo no regaço de sua mãe, esta criatura, serva de Nossa Senhora, ao contemplá-lo, chorou amargamente de maneira assombrosa. E quando viu que eles desejavam regressar novamente aos seus lares em seu país, não pôde suportar que tiveram que deixar a presença de Nosso Senhor e, assustada de que desejassem partir, gritou angustiosamente. E pouco depois, apareceu um anjo que ordenou a Nossa Senhora e a José que saíssem de Belém para o Egito. Logo esta criatura acompanhou a Nossa Senhora, organizando todos os dias suas acomodações com grande reverência, com muitos doces pensamentos e altas meditações, assim como altas contemplações, chorando às vezes sem cessar durante duas horas seguidas, e com mais frequência, ao recordar a paixão de Nosso Senhor, algumas vezes por seus próprios pecados, outras pelos pecados de toda a gente, outras pelas almas do purgatório, outras por aqueles que sofriam com a pobreza ou qualquer outra miséria, pois desejava consolar a todos.

Em ocasiões chorava abundante e violentamente pelo muito que desejava a felicidade do paraíso e por permanecer longe dela por muito tempo. Então esta criatura desejava muitíssimo ser levada deste mundo de sofrimento. Nosso Senhor Jesus Cristo lhe disse em seu interior que devia perseverar e languidescer de amor[135]: "Pois te ordenei que te ajoelhasses na frente da Trindade[136] para rogar por todos, pois centenas de milhares de almas se salvarão por causa de tuas orações. E por isso, filha, peças o que desejas e o concederei".

Esta criatura disse: "Senhor, peço-lhe misericórdia e que nos preserveis da condenação eterna a mim e ao mundo inteiro, castigando-nos aqui e no purgatório como desejais e livrando-nos da condenação por vossa grande misericórdia".

CAPÍTULO 8

Certa vez, enquanto esta criatura se encontrava prostrada no chão rezando, apareceu-lhe a Mãe de misericórdia e lhe disse: "Ah, filha, que possas ser abençoada, seu assento está pronto no Paraíso aos pés do meu filho e para quem quer que queira estar contigo".

Então o bendito filho perguntou: "Filha, quem você quer ter como companhia?".

---

[134] Dia 6 de janeiro, Dia de Reis.

[135] Referência ao *Cântico dos Cânticos* da Bíblia.

[136] A Catedral de Norwich era consagrada à Trindade, bem como a guilda dos mercadores de Lynn. A Trindade ocupa um lugar fundamental na devoção e no mundo de Margery Kempe, bem como de sua contemporânea Juliana de Norwich.

– Meu mais honrado Senhor, eu peço que o meu confessor Mestre N. possa estar comigo.

– Por que você pede mais por ele do que por seu próprio pai ou por seu marido?

– Porque nunca poderei retribuir sua bondade para comigo e a atenção benevolente que ele me deu ao ouvir minha confissão.

– Eu concederei o que você deseja para ele, para seu pai e para seu marido também, e todos os seus filhos serão salvos.

Então esta criatura disse: "Senhor, já que você perdoou meu pecado, eu o nomeio executor de todas as boas obras que você obra em mim. Em oração, em pensamento, em lágrimas, em peregrinação, em jejum ou em dizer uma boa palavra; é minha inteira vontade que você conceda metade ao Mestre N. para que ele possa aumentar seus méritos como se estivesse fazendo isso por si mesmo. E a outra metade, Senhor, despeje sobre seus amigos e seus inimigos e sobre meus amigos e meus inimigos, pois terei apenas você como minha recompensa".

– Filha, serei seu verdadeiro executor e realizarei o quanto você desejar, e pelo grande amor que você tem para confortar seus companheiros cristãos, você receberá uma recompensa dupla no Céu.

CAPÍTULO 9

Outra vez, enquanto esta criatura estava orando a Deus para que ela pudesse viver castamente com a permissão de seu marido, Cristo disse à sua mente:

— Você deve jejuar de carne e bebida às sextas-feiras e realizará seu desejo antes de Pentecostes, então, repentinamente acabarei a libido de seu marido.

Mais tarde, na quarta-feira de Páscoa, quando o marido, como sempre, quis ter relações sexuais e começou a se aproximar dela, ela disse "Jesus, ajuda-me!", e ele não nunca mais se atreveu a tocá-la dessa maneira para fazer sexo.

Uma sexta-feira antes da véspera de Pentecostes, enquanto esta criatura ouvia missa na igreja de Santa Margarida em Lynn, escutou um ruído muito grande e assustador. Ela ficou muito consternada, temendo muito a opinião das pessoas, que diziam que Deus deveria se vingar dela. Ajoelhou-se, de cabeça baixa e com o livro na mão, pedindo graça e misericórdia a Nosso Senhor Jesus Cristo. De repente, do alto da abóbada da igreja, debaixo da base das vigas, uma pedra pesando três libras e um pedaço de viga pesando seis libras caíram sobre sua cabeça e costas, o que a fez pensar que tinham sido quebradas em pedaços, e ela temia morrer logo. Nesse momento gritou: "Jesus, misericórdia!" E imediatamente sua dor desapareceu. Um

bom homem chamado John of Wyreham, vendo aquele prodígio e supondo que ela havia sido gravemente ferida, aproximou-se, puxou sua manga e disse: "Madame, como a senhora está?".

Esta criatura, completamente sã e ilesa, agradeceu sua amabilidade, maravilhada o tempo todo e muito surpresa que nesse momento não tivesse dor e que houvesse sentido tanto pouco antes. Durante as doze semanas seguintes não teve dor alguma. Então o espírito de Deus disse em sua alma:

– Considera isto um grande milagre e se os outros não creem, obrarei muito mais.

Um prestigioso doutor em teologia, chamado Mestre Alan[137], frei carmelita, ao escutar esse prodígio perguntou a esta criatura todos os detalhes do acontecido. Ele, desejando exaltar a obra de Deus, recolheu a mesma pedra que havia caído sobre ela e a pesou, e depois conseguiu o extremo da viga que caiu sobre a cabeça dela, o qual um dos guardas da igreja havia jogado no fogo para ser queimado. E este prestigioso doutor disse que era um grande milagre e que Nosso Senhor deveria ser muito enaltecido por preservar a esta criatura da maldade de seu inimigo, e falou sobre isto a muitas pessoas que glorificaram a Deus nesta criatura. E também muita gente não acreditou e preferiram crer que era mais um sinal de ira e vingança do que misericórdia e graça.

CAPÍTULO 10

Pouco depois, esta criatura foi movida em sua alma a ir visitar alguns centros de saúde espiritual, pois havia se curado e não o podia fazê-lo sem o consentimento de seu marido. Pediu a seu esposo que a permitisse ir e ele, crendo totalmente que era vontade de Deus, consentiu imediatamente e foram juntos a esses lugares segundo o desejo dela. E logo Nosso Senhor Jesus Cristo disse a ela: “Meus servos desejam muito te ver.”.

Depois foi bem recebida e honraram muito em muitos locais. Por causa disso, ela sentiu muito medo pela vanglória e estava muito assustada. Nosso misericordioso Senhor Jesus Cristo, louvado seja Seu nome, disse-lhe:

– Não temas, filha, afastarei a vanglória de ti. Pois aqueles que te honram, honram a mim, aqueles que te desprezam, desprezam a mim, e os castigarei por isso. Eu estou em ti e tu estás em mim. E aqueles que te escutam, escutam a voz de Deus. Filha, não existe nenhum homem vivo sobre a terra tão pecador que, se renuncia a seu pecado e segue teu conselho, não haverá graça que o prometa que eu não venha a confirmar por amor a você.

[137] Mestre Aleyn, ou Alan de Lynn (1347-1432), teólogo e monge carmelita educado em Cambridge. Reaparecerá várias vezes na narrativa como um conselheiro muito próximo de Margery Kempe.

Então seu marido e ela visitaram York e outros lugares.

CAPÍTULO 11

Aconteceu que em uma sexta-feira, véspera do dia de São João, um dia realmente quente, quando esta criatura voltava de York[138] com uma garrafa de cerveja na mão, e seu marido, que trazia uma torta oculta sob a camisa, fez-lhe a seguinte pergunta:

– Margery, se viesse um homem e golpeasse a minha cabeça com uma espada, a menos que me deitasse contigo como fazíamos antes, diga-me direto de sua consciência, pois dizes que não se deitarás comigo, deixarias que me cortasse a cabeça ou permitirias que fizesse amor contigo como fazia antes?

– Ai, meu senhor! – ela disse. – Por que voltas a esse tema, si estivemos nos mantendo castos nas últimas oito semanas?

– Porque desejo saber a verdade do seu coração.

– Verdadeiramente – disse logo ela com grande pesar – preferia ver-te morto a voltarmos àquela nossa imundice.

– Você não é uma boa esposa – replicou ele.

E depois ela perguntou a seu marido porque razão ele não havia feito amor com ela nas últimas semanas, se todas as noites dormiam juntos. Ele respondeu que havia sentido tanto medo de tocá-la que nunca mais se atreveu a isso.

– Agora, bom senhor, corrija-se e peça misericórdia a Deus, pois faz quase três anos que disse que te extinguirias sexualmente de repente, e agora estamos no terceiro ano e eu ainda tenho esperanças de realizar meu desejo. Bom senhor, peço-lhe que me conceda o que vou te pedir e rogarei para que te salves pela misericórdia de Nosso Senhor Jesus Cristo e terás no Céu uma recompensa maior que se carregasse um cilício ou uma cota de malha em penitência. Peço-lhe que me dê permissão para fazer voto de castidade nas mãos do bispo que Deus queira.

– Não, – disse ele – não consentirei que o faças, pois agora posso fazer amor contigo sem pecar mortalmente, e depois não poderia.

– Se é a vontade do Espírito Santo que se cumpra o que lhe disse – respondeu ela logo –, rogo a Deus que possas dar teu consentimento e se não é vontade do Espírito Santo, rogo a Deus que nunca o consintas.

---

[138] Depois de consultar o bispo Philip Repingdon sobre o voto de castidade (KEMPE, 2016, nota 52).

Depois caminharam até Bridlington e o dia era extremamente quente, sentindo esta criatura o tempo todo grande pesar e grande temor por sua castidade. E ao chegar a uma cruz seu marido se sentou debaixo dela chamando sua esposa para junto dele e dizendo-lhe estas palavras:

– Margery, concede-me meu desejo e eu concederei o teu. Meu primeiro desejo é que possamos dormir juntos na cama como fazíamos antes, o segundo, que me pagues pelo que me deves antes de partir para Jerusalém e o terceiro, que comas e bebas comigo às sextas como você fazia.

- Não, senhor – disse ela – enquanto eu viver, nunca quebrarei o jejum da sexta.

- Bem, – disse ele – então terei outra vez relações sexuais contigo.

Ela lhe pediu que lhe permitisse rezar suas orações e ele aceitou com amabilidade. Logo ela se ajoelhou junto a uma cruz no campo e assim orou com lágrimas abundantes:

– Senhor, vós conheceis todas as coisas. Vós sabeis quanta dor tenho padecido para manter-me casta em meu corpo por vós durante estes três anos e agora poderia fazer minha vontade e não me atrevo, por vosso amor. Pois se eu quebrar o costume do jejum que me ordenastes, de não comer carne nem beber nas sextas-feiras, conseguiria agora meu desejo. Mas, senhor bendito, sabeis que não obrarei contra vossa vontade e muito grande agora é a minha pensa, se encontro consolo em vós. Agora, Jesus bendito, faça com que eu, indigna, conheça a vossa vontade para poder segui-la e cumpri-la depois com todas as minhas forças.

E logo Nosso Senhor Jesus Cristo falou a esta criatura com grande doçura, ordenando-lhe que voltasse outra vez para junto de seu marido e lhe pedisse para garantir o que ela desejava: “E ele terá o que ele deseja. Pois, minha amada filha, esta é a razão pela qual te ordenei que jejuasses para que alcances o quanto antes o seu desejo, e agora lhe foi concedido. Já não quero que jejues e por isso te mando, em nome de Jesus, que comas e bebas como faz teu esposo”.

Logo após, esta criatura deu graças a Nosso Senhor Jesus Cristo por sua graça e bondade e logo se levantou e se juntou a seu marido dizendo-lhe:

- Senhor, se te apraz, concederá o meu desejo e alcançarás o teu. Promete-me que não virás a minha cama e prometo pagar-te o que te devo antes de ir para Jerusalém. E deixar me corpo disponível para Deus de maneira que nunca mais reclames o dever matrimonial a partir desse dia e eu comerei e beberei às sextas-feiras conforme me ordenares.

Logo seu marido respondeu de volta:

– Que seu corpo possa estar tão disponível para Deus quanto tem estado para mim.

Esta criatura deu muitas graças a Deus, regozijando-se por haver conseguido realizar seu desejo, rogando a seu esposo que rezassem três Pai Nossos em honra da Trindade pela grande graça que lhes havia sido concedida e assim o fizeram, ajoelhando-se debaixo da cruz e depois comeram e beberam com grande alegria espiritual. Isto aconteceu numa sexta-feira, véspera de São João.

Depois visitaram Bridlington e também outros lugares do país e falaram com os servos de Deus, da mesma forma com reclusos e anacoretas e com muitos outros amantes de Nosso Senhor, com numerosos clérigos ilustres, também com bacharéis e doutores em teologia, em muitos lugares diferentes. Assim, esta criatura revelou a vários deles seus sentimentos e suas visões, conforme fora ordenada, para saber se havia algum engano.

CAPÍTULO 12

Esta criatura foi enviada por Nosso Senhor a diferentes centros religiosos, e entre eles foi a um monastério de monges, onde foi convenientemente recebida por amor a Nosso Senhor, mesmo que ali se encontrasse um monge, que ocupava um alto posto naquele lugar, o qual a depreciava e não a valorizava em absoluto. Não obstante, à hora de comer a sentaram junto ao abade e com frequência, durante a comida pronunciou muitas palavras gentis tal como Deus as colocava em seu pensamento – estando presente o mesmo monge que a havia desprezado, junto com muitos outros para o que dizia. E devido a sua conversa o afeto dele começou a inclinar-se fortemente para ela e começou a saborear com deleite suas palavras. E assim, depois, este monge se aproximou dela e, enquanto ambos se encontravam na igreja, ele lhe disse:

– Jovem, ouvi dizer que Deus fala contigo. Peço-te que me digas se me salvarei ou não e com quais pecados tenho ofendido mais a Deus, pois não creio em ti se não puder me dizer meu pecado.

– Vai rezar sua missa, – disse a criatura ao monge – e se eu puder chorar por vós, acredito que alcançarei graça para vós.

Ele seguiu seu conselho e foi dizer sua missa. Ela chorou assombrosamente pelos pecados dele. Quando acabou a missa esta criatura disse a Nosso Senhor Jesus Cristo:

– Bendito Senhor, que devo responder a este homem?

– Minha amada filha, diga, em nome de Jesus, que ele pecou de luxúria, desesperação e da posse de bens deste mundo.

– Ah, bom Senhor! Para mim é difícil dizer isto. Ele me ridicularizará muito se lhe disser alguma mentira.

– Não temas, fala com coragem em meu nome, em nome de Jesus, pois não mentirás.

– Bom Senhor, ele se salvará? – perguntou logo a Nosso Senhor Jesus Cristo.

– Sim – respondeu Nosso Senhor Jesus – se abandonar seu pecado e seguir teu conselho. Ordena-lhe que abandone seu pecado e se confesse e dele seja absolvido e que renuncie também ao cargo que tem.

Depois o monge se aproximou novamente,

– Margery, diga-me meus pecados.

– Peço-lhe, senhor, – disse ela – que não pergunte isso, pois me comprometo que sua alma será salva se seguir meu conselho.

– Certamente não acreditarei em você se não dizer meu pecado.

– Senhor, sei que pecaste de luxúria, de desesperação e de posse de bens deste mundo.

Então o monge emudeceu um pouco envergonhado, até que finalmente disse:

– Mulher, pequei com casadas ou com solteiras?

– Senhor, com casadas.

– Serei salvo? – perguntou ele a seguir.

– Sim, senhor, se seguir meu conselho. Arrependa-se de seus pecados e lhe ajudarei a se sentir dor por eles; confessa-os e renuncia a eles voluntariamente. Deixa o cargo que tens no mundo e Deus concederá sua graça por meu amor.

O monge tomou sua mão e a conduziu a uma linda casa, preparou um banquete e depois lhe entregou dinheiro para que rezasse por ele. E assim, nesse momento, ela se despediu.

Outra vez, quando a criatura regressou ao mesmo lugar, o dito monge havia abandonado seu cargo seguindo seu conselho e havia abandonado seu pecado e havia sido nomeado vice-prior do convento um homem de boa conduta e bem-disposto, graças a Deus, e ele acolheu muito calorosamente a esta criatura e Deus seja altamente bendito que sempre a acompanhou!

CAPÍTULO 13

Em certa ocasião, quando esta criatura se encontrava em Canterbury, na igreja dos monges, foi muito desprezada e criticada por eles, pelos sacerdotes e pelos laicos, pois chorava demasiadamente durante a maior parte do dia, da manhã e da tarde até o extremo de seu esposo se afastar dela como se não a conhecesse e deixando-a sozinha com eles se virando como podia, pois, nesse dia, não recebeu nenhum apoio dele.

Assim, um monge ancião que havia sido tesoureiro da rainha quando vestia roupas seculares[139], um homem rico e muito temido por várias pessoas, tomou-lhe a mão dizendo:

– Que podes dizer de Deus?

– Senhor – disse ela – vou falar d'Ele e lhe escutar ao mesmo tempo – repetindo ao monge uma sentença da Bíblia.

– Eu gostaria – disse o monge – que estivesses encerrada em uma casa de pedra para que nada pudesses falar comigo.

– Ah, Senhor! – disse ela – deverias apoiar os servos de Deus, e é o primeiro a atuar contra eles, Nosso Senhor o ajude!

Logo um jovem monge disse a essa criatura:

– Que possuas em teu interior o Espírito Santo ou o demônio o que nos disse aqui se encontra nas Sagradas Escrituras, mas parece que você não toma esses ensinamentos para você mesma.

– Peço-lhe, senhor, que me dê permissão para contar uma história – disse então esta criatura.

– Permitam que ela diga o que quiser – o povo pediu ao monge.

– Era uma vez um homem – prosseguiu logo ela – que havia pecado muito contra Deus e, ao se confessar e ser absolvido, seu confessor lhe impôs como parte de sua penitência que contratasse durante um ano homens que o repreendessem e o censurassem pelos seus pecados e que os daria moedas de prata pelos seus trabalhos. E um dia se reuniu com muitos homens importantes, como os que aqui se encontram – Deus salve a todos! – e se encontrava entre eles como eu agora estou entre vocês e eles o menosprezavam do mesmo jeito que vocês a mim, enquanto ele ria e sorria o tempo todo e suportava com bom ânimo suas palavras. O que era seu chefe disse ao homem:

– Desgraçado, por que ri quando está sendo tão desprezado?

– Ah, senhor, tenho grande motivo para rir, pois durante muitos dias gastei o dinheiro que tinha em minha bolsa e contratei homens para me repreenderem para que eu pudesse alcançar o perdão do meu pecado e hoje posso guardar meu dinheiro, muito obrigado a vocês todos.

– Eu mesmo os digo, veneráveis senhores. Enquanto estava em casa na minha parte do país – um dia após o outro com grande pranto e aflição – me lamentava por não receber a pena,

[139] Possivelmente John Kynton (morto em 1416), tesoureiro de Joana de Navarra (1368-1437), rainha da Inglaterra, segunda esposa de Henrique IV. Ele se tornou monge na Christ Church, Cantebury, em 1408 (BALE, 2015, p. 236).

o desprezo, o desdém que merecia. Senhores, eu dou a todos muitas graças pelo que hoje, manhã e tarde, recebi na justa medida. Bendito seja Deus por isso!

Logo abandonou o monastério e eles a seguiram gritando:

– Será queimada, falsa lolarda[140]! Há uma carroça cheia de espinhos e um tonel preparados para ti, para te queimar.

E a criatura permaneceu fora das portas de Canterbury, pois anoiteceu e muitas pessoas começaram a olhar para ela.

– Capturem e queimem essa mulher! – diziam todos.

E a criatura não se moveu dali, tremendo e estremecendo terrivelmente todo o seu corpo, sem nenhum consolo terreno e sem saber onde se encontrava seu marido. Por isso, rogou em seu coração a Nosso Senhor, pensando consigo mesma deste modo: "Senhor, vim aqui por teu amor. Senhor bendito, ajuda-me e tem misericórdia de mim!".

E logo, depois que acabou de orar em seu coração a Nosso Senhor, aproximaram-se dois belos jovens e lhe disseram:

– Jovem dama, não é nem herege nem lolarda?

– Não senhores, nem sou herege nem sou lolarda – disse.

E eles perguntaram a ela onde ficava sua estalagem. Ela respondeu que desconhecia a rua, mas que devia ser na casa de um alemão. Logo, estes dois jovens a acompanharam a seu alojamento e se mostraram muito amáveis, pedindo-lhe que rezasse por eles e ali encontrou com seu marido.

E muita gente em N. havia falado mal dela enquanto esteve ausente e a criticaram sobre muitas coisas que devia ter feito em suas viagens. Logo, depois disto, manteve grande tranquilidade espiritual durante longo tempo e dia após dia tinha alta contemplação e muitas santas conversações e confidências com Nosso Senhor Jesus Cristo, pela manhã e pela tarde, com muitas doces lágrimas de grande devoção, tantas e tão continuas que foi uma maravilha que seus olhos as suportassem, ou que seu coração pudesse resistir sem ser consumido por causa do ardor do amor que prendeu com a santa conversação de Nosso Senhor, quando a repetia muitas vezes:

[140] Eram chamados lolardos os seguidores das ideias e crenças, consideradas heréticas pela Igreja Católica, de John Wycliffe (c.1328-1384), teólogo de Oxford e autor de importantes escritos teológicos, além de uma tradução da Bíblia para o inglês. Em 1382, suas doutrinas e seus seguidores foram condenados. Margery Kempe, ao longo da narrativa, foi várias vezes acusada de ser uma herege lolarda. No entanto, "as crenças, afirmações e práticas religiosas de MK ao longo de seu *Livro* contradizem alguns dos dogmas dos lolardos que incluíam a renúncia ao culto das imagens e dos santos, da doutrina da transubstanciação e da participação da Igreja nos assuntos e cargos temporais" (KEMPE, 2016, Nota 58).

– Querida filha, ama-me com todo o seu coração, pois eu te amo com todo o meu coração e com todo o poder da Divindade, pois desde sempre foste uma alma eleita por meus olhos e um pilar da Santa Igreja. Meus misericordiosos olhos estão sempre fixos em ti. Seria impossível que você suportasse desdém e o desprezo que irá sofrer se a minha graça não lhe apoiar.

CAPÍTULO 14

Então essa criatura pensava que era uma felicidade completa ser reprovada pelo amor de Deus. Encontrava grande conforto e consolo quando era repreendida e censurada pelo amor de Jesus, por condenar o pecado, por falar da virtude, por conversar sobre a Bíblia, que ela aprendia pelos sermões e conversando com os clérigos. Imaginava interiormente que morte poderia padecer por causa de Cristo. Pensava que teria gostado de morrer pelo amor de Deus, mas temia o momento da morte e por isso imaginava para ela uma morte sem dor, segundo pensava, pois tinha medo de sua debilidade e de ser atada pela cabeça e pelos pés a um madeiro e que lhe cortassem a cabeça com um machado afiado, pelo amor de Deus.

Então, Nosso Senhor lhe disse em seu pensamento:

– Te dou graças, filha, por desejar morrer pelo meu amor, pois, com a mesma frequência que o pensas, terás a mesma recompensa no céu como se a tivesses padecido a mesma morte. E, no entanto, nada te matará, nem te queimará, nem a água te afogará, nem o vento te causará danos, pois não posso te esquecer porque estás gravada em minhas mãos e em meus pés. Agradam-me também as dores que padeceste por mim. Nunca me aborrecerei contigo e te amarei eternamente. Mesmo que todas as pessoas do mundo se ponham contra ti, não temas, pois não podem saber nada de ti. Juro a teu pensamento que se pudesse padecer dores de novo como antes somente sofri por tua alma, sofreria alegremente tanta dor como sofri, antes que fosses separada de mim para sempre. E isso, filha, do mesmo modo que vê o sacerdote tomar a criança na pia batismal e submergindo-a na água limpando-a do pecado original, assim te lavarei de todos os teus pecados com meu precioso sangue.

“E mesmo que às vezes eu te retire o sentimento da graça, seja do discurso, seja do pranto, não temas por isto, pois sou um Deus escondido em ti, pelo que deverias vangloriar-te e deverias reconhecer que não pode chorar nem ter colóquios espirituais exceto quando Deus os envie, pois são dons divinos gratuitos, distintos de teus méritos e ele pode os conceder a quem desejar e não te equivoques. E por isso os aceita mansamente e com gratidão quando os enviar e sofre com paciência quando os retire e busca com diligência até que os consiga, pois

as lágrimas de contrição, de devoção e de compaixão são os mais altos dons e os mais seguros que eu concedo na terra.

"E que mais poderia fazer por ti, salvo que arrancar sua alma de teu corpo e a levá-la ao céu e isso não farei. Não obstante, onde quer que Deus esteja, está o céu; e Deus se encontra em tua alma e mais de um anjo está ao redor de tua alma para guardar-lhe dia e noite. Pois quando vais a igreja, vou contigo; quanto te sentas para comer, sento contigo; quando vai para a cama, vou contigo e quando sais da cidade, vou contigo.

"Filha, nunca existiu nenhum filho tão submisso a seu pai como eu serei contigo, para te ajudar a cuidar de ti. Às vezes, comportar-me-ei contigo com minha graça da mesma maneira que o faço com o sol. Em ocasiões, segundo também sabes, ele se oculta atrás de alguma nuvem pelo que não se pode ver e sem dúvida, o sol existe, com seu calor e seu brilho. E exatamente assim obrarei contigo e com as almas por mim escolhidas.

"Embora possa acontecer que não chores quando queiras sem dúvida minha graça está em ti. Por isso demonstro que tu és para mim verdadeira filha e também uma verdadeira mãe, uma irmã, uma esposa e uma cônjuge segundo testemunha o Evangelho onde Nosso Senhor diz a seus discípulos: "Que cumpra a vontade de meu pai que está no céu, esse é por sua vez minha mãe, meu irmão e minha irmã"[141]. Quando te esforças por agradar a mim é uma verdadeira filha, quando choras e te lamentas por minhas dores e pela minha Paixão és uma verdadeira mãe que tem compaixão de seu filho, quando choras pelos pecados e pelas adversidades de outras pessoas és uma verdadeira irmã e quando sofres porque estás privada durante tanto tempo da felicidade do céu, és uma verdadeira esposa e cônjuge, pois é próprio de uma esposa estar com seu marido e não gozar de verdadeira felicidade até estar em sua companhia.

CAPÍTULO 15

Esta criatura, quando Nosso Senhor havia perdoado seu pecado, segundo antes fora escrito, tive o desejo de visitar aqueles lugares ele nasceu, onde sofreu sua Paixão e onde morreu, além de outros santos lugares onde ele viveu e também depois de sua ressurreição.

Enquanto sentia estes desejos, Nosso Senhor lhe ordenou em sua mente – dois anos antes de sua partida[142] – que devia ir a Roma, Jerusalém e Santiago de Compostela e ela teria viajado feliz, mas não tinha dinheiro para tanto.

E então, disse a Nosso Senhor:

---

[141] Mc, 3, 35.
[142] Possivelmente em 1411, pois visitara a Terra Santa em 1413.

– Onde conseguirei o dinheiro para viajar a estes santos lugares?

– Te enviarei – ele lhe respondeu – amigos suficientes em lugares diferentes da Inglaterra para que te ajudem. E, filha, eu irei contigo a cada país e cuidarei de ti. Guiar-te-ei até lá e regressarás segura e nenhum inglês morrerá no barco no qual você estiver. Proteger-te-ei do poder dos malvados. E, filha, digo-lhe que quero que vista apenas branco e mais nenhuma cor, pois você deve se vestir segundo a minha vontade[143].

– Ah, amado Senhor, se não viajar igual às demais mulheres castas, tenho medo de ser difamada. Dirão que sou uma hipócrita e me escarnecerão.

– Sim, filha, quanto mais te escarnecerem por meu amor, tanto mais me agrada.

Depois esta criatura não se atreveu mais a fazer nenhuma coisa que o que fosse ordenado em sua alma. E assim, viajou com seu marido, pois ele sempre foi um homem bom e tolerante com ela. Embora ele às vezes, por temor infundado, deixara-a sozinha durante um tempo, mas sempre voltava com ela, sentia compaixão dela e falava para defendê-la tanto quanto podia por medo das outras pessoas. Mas todos os demais que viajaram com ela a deixaram sozinha e a maioria a acusou falsamente, tentados pelo diabo, de coisas das quais ela nunca era culpada.

E assim o fez um homem em quem ela confiava muito e que se ofereceu para viajar com ela e com ele conversava muito contente, crendo que a apoiaria e a ajudaria quando necessitasse, pois ele havia passado muito tempo com um eremita, um doutor em teologia e homem santo e esse eremita era confessor dessa mulher.

E assim seu criado, por sua própria iniciativa, decidiu viajar com esta criatura e também sua própria ama foi com ela, enquanto não existissem problemas e nada fosse dito contra eles.

Mas logo que toda a gente – por meio das armadilhas de nosso inimigo espiritual e pelo consentimento de Nosso Senhor – falou contra esta criatura por chorar muito amargamente, dizendo que era uma falsa hipócrita e que enganava a todos, e ameaçaram queimá-la, então este homem, que era considerado tão santo e em quem ela confiava muito, repreendeu-a com grosseria e a desprezou da forma mais vil e não foi mais a lugar nenhum com ela. Sua ama, vendo aborrecimentos por todos os lados, brigou de forma escandalosa com sua senhora. Não faria nada do que lhe dissessem nem seguiria os conselhos de sua senhora. Deixou que sua senhora fosse sozinha a muitas belas cidades e não iria com ela. E sempre seu marido se encontrava disponível enquanto todos a abandonavam e a acompanhou a onde quer que Nosso

[143] Vestir-se de branco representava possuir uma virtude especial ou ser virgem.

Senhor a enviasse, crendo sempre que tudo era para o bem maior e que acabaria da melhor forma quando Deus quisesse.

Nesta época, ele a levou para falar com o bispo de Lincoln, chamado Philip, e tiveram que esperar três semanas antes de poder falar com ele, pois não se encontrava nem em casa, nem em seu palácio[144]. Quando o bispo chegou a casa e viu como a dita mulher havia esperado para falar com ele tanto tempo, ordenou que a conduzissem ante ele para saber o que ela queria. E imediatamente ela se apresentou a ele e o saudou, ele a acolheu com satisfação e lhe disse que fazia tempo que desejava falar com ela e que se encontrava muito contente porque havia vindo. E assim ela lhe perguntou se podia falar com ele em particular e confiar-lhe os segredos de sua alma e ele definiu uma hora adequada para tanto.

Chegado o momento, ela lhe contou tudo sobre suas meditações e altas contemplações e outras coisas secretas, tanto sobre a vida quanto sobre a morte, segundo Nosso Senhor revelou a sua alma. Ele ficou muito contente escutando e gentilmente a permitiu que dissesse o que quisesse e elogiou muito seus sentimentos e contemplações dizendo que eram assuntos de grande importância e muito piedosos, inspirados pelo Espírito Santo, aconselhando-a severamente que pusesse suas revelações por escrito.

E ela disse que não era vontade de Deus que as escrevesse logo, nem foram escritas antes que se transcorressem vinte anos ou mais. E logo ela acrescentou:

– Meu senhor, se vos agrada, eu[145] recebi a ordem em minha alma de que me dês o manto e o anel e me vista completamente de branco[146]. E se me vestires de branco na terra, Nosso Senhor Jesus Cristo o vestirá no céu, segundo soube mediante revelação.

– Realizarei seu desejo – disse-lhe logo o bispo – se seu marido o consentir.

– Rogo-vos – respondeu ela ao bispo – permitas ao meu marido vir até vós e escutar o que diga.

E assim seu marido se apresentou ao bispo e este lhe perguntou:

– John, é de sua vontade que sua mulher receba o manto e o anel e vivam castamente os dois?

– Sim, meu senhor, – disse ele – e como prova dos votos de ambos de viver castamente ofereço aqui minhas mãos entre as suas – e pôs suas mãos entre as do bispo.

---

[144] Philip Repyngton, bispo de Lincoln de 1405 a 1419. Margery Kempe o visitou pouco depois de 1413.

[145] Importante observar que aqui Margery Kempe utiliza o pronome autobiográfico "eu" para se referir aos processos que sofrera em vez do habitual "esta criatura", mais utilizado na narrativa para relatar sua vida.

[146] O manto e o anel seriam o sinal de fazer o voto de castidade diante do bispo.

E naquele dia o bispo não fez mais nada conosco, salvo que nos tratou muito gentilmente e nos disse que éramos muito benvindos[147].

Noutro dia esta criatura foi convidada a jantar com o bispo e ela o viu, antes de se sentar para comer, entregando com suas próprias mãos treze pences e treze pães, junto com outros alimentos, a treze pobres. E assim o fazia a cada dia. Esta criatura ao vê-lo sentiu uma grande devoção e louvou e adorou a Deus porque havia concedido ao bispo a graça de realizar essas boas obras, com pranto tão abundante que todos quantos se encontravam na casa do bispo se perguntaram quem havia feito algum mal a ela.

E depois ela se sentou para comer com muitos clérigos e sacerdotes ilustres e os escudeiros do bispo, e este muito cortesmente lhe deu de sua própria comida. Os clérigos perguntaram a esta criatura numerosas questões difíceis que, com a graça de Jesus, resolveu de maneira que suas respostas agradaram muito ao bispo e os clérigos estavam assombrados, pois respondera com tamanha facilidade e de modo tão convincente.

Quando o bispo terminou sua refeição, fez com que esta criatura fosse a sua câmara, dizendo-lhe:

– Margery, você e seu marido me pediram para que eu lhe concedesse meu manto e meu anel, acerca do que me aconselhei com os meus conselheiros e eles não me permitiram que eu aceite sua profissão de celibato com vestimentas tão incomuns sem consideração posterior. E você diz que irá a Jerusalém, com a graça de Deus. Por isso, roga a Deus que isto possa esperar até que voltes de Jerusalém, quando estejas melhor testada e sejas mais conhecida.

No dia seguinte, esta criatura foi à igreja e rogou a Deus com toda sua alma para que pudesse conhecer como deveria proceder neste assunto e qual resposta poderia dar ao bispo. Nosso Senhor Jesus Cristo respondeu em sua mente desta maneira:

– Filha, diga ao bispo que lhe preocupam mais as desgraças terrenas do que o perfeito amor de Deus. Diga que também lhe haveria desculpado se houvesse cumprido seu desejo como fez com os filhos de Israel quando lhes pedi que tomassem emprestados os bens dos egípcios e partissem com eles. Portanto, filha, diga que mesmo que não tenha sido feito agora, far-se-á em outra ocasião quando Deus quiser.

E desse modo ela comunicou sua mensagem ao bispo de Lincoln tal como lhe haviam mandado. Depois ele lhe pediu que fosse ao arcebispo de Canterbury, Arundel[148] "e pede que conceda licença a mim, o bispo de Lincoln" para garantir a ela o manto e o anel, pois ela não

[147] Estas são as únicas vezes que Margery Kempe utiliza os pronomes em primeira pessoa.
[148] Thomas Arundel (1353-1414) foi nomeado arcebispo de Canterbury em 1397 e desempenhou importante papel político e grande opositor dos lolardos.

pertencia a sua diocese[149]. Ele inventou esse pretexto aconselhado pelos seus clérigos, pois não estes não gostavam desta criatura. Ela disse:

– Senhor, visitarei meu senhor de Canterbury de boa vontade por outros motivos e outros assuntos que tenho que confiar a sua reverência. Não irei por esta questão, pois Deus não deseja que eu consulte o arcebispo sobre ela.

Logo se despediu do bispo de Lincoln e ele lhe deu vinte xelins e oito pences para que comprasse seus vestidos brancos e orasse por ele.

CAPÍTULO 16

Então esta criatura viajou com seu esposo a Lambeth[150] em Londres, onde morava naquele momento o arcebispo. E quando chegaram à tarde ao vestíbulo se encontravam ali numerosos clérigos e outros homens irresponsáveis, tanto escudeiros quanto soldados de cavalaria, que faziam grandes juramentos e dizia muitas palavras tolas e esta criatura os repreendeu com coragem e disse que seriam condenados a menos que deixassem de jurar e abandonassem os pecados que cometiam.

Nisso chegou uma mulher da mesma cidade vestida com uma pelica que insultou essa criatura, amaldiçoando-a e falou muito maliciosamente dela desta maneira:

– Oxalá estivesse em Smithfield[151], eu mesma carregaria uma tocha para te queimar. É uma pena que esteja viva.

Esta criatura permaneceu calada e seu marido suportava com dor e sofria muito ao escutar como sua esposa era censurada. Logo o arcebispo pediu a esta criatura que se apresentasse diante dele em seu jardim. Quando esteve em sua presença lhe fez reverência o melhor que pôde, pedindo que sua graciosa senhoria lhe concedesse permissão para eleger seu confessor e comungar todos os domingos, se Deus quisesse dispor dela para isto, em todas as partes de sua arquidiocese mediante sua carta e seu selo. E ele muito benevolamente a concedeu todos os seus desejos sem que oferecesse prata ou ouro, nem permitindo a seus clérigos que cobrassem qualquer coisa para escrever ou selar a carta.

Quando esta criatura descobriu esta graça em seus olhos, sentiu-se muito consolada e fortalecida em sua alma e, portanto, contou a esse honrado arcebispo sua maneira de viver e o

[149] Margery Kempe pertencia a diocese de Norwich.
[150] Residência do Arcebispo de Canterbury em Londres.
[151] Local em Londres onde os dois primeiros lolardos foram queimados: William Sawtry, pároco de Saint Margareth de Lynn , em 1401, e John Badby, em 1410.

tipo de graça que Deus havia forjado em sua mente e alma, com o propósito de averiguar o que lhe diria acerca dele e se ele encontrava alguma culpa em sua contemplação ou pranto. E assim lhe contou a causa de seu pranto e a forma que Nosso Senhor falava a sua alma. E ele não encontrou culpa alguma em absoluto, aprovando sua maneira de viver e se alegrou muito de que Nosso Senhor Jesus Cristo mostrara semelhante graça em nosso tempo. Bendito seja! Depois esta criatura lhe falou decididamente sobre a correção a seus familiares, dizendo-lhe com reverência:

– Meu senhor, nosso mais alto Senhor, Deus Todo-Poderoso, não concedeu vosso benefício e as grandíssimas riquezas terrenas para manter a quem O traiu e O ofendeu a cada dia proferindo grandíssimas blasfêmias. Responder-vos-ei por eles a menos que o repreendais ou os aparteis de vosso serviço.

De maneira tranquila e amável ele lhe permitiu que dissesse o que tinha em seu pensamento e lhe respondeu diplomaticamente, supondo que depois as coisas melhorariam. E dessa forma prolongaram sua conversa até que as estrelas começaram a brilhar no céu. Logo ela se despediu e também seu esposo.

Depois disso, eles regressaram a Londres, e muitos homens bons desejavam seu diálogo e sua conversação, pois estavam tão relacionados com o amor de Deus que muitas vezes aqueles que a ouviam, comovidos, choravam com grande tristeza. E desse modo, ela recebeu ali uma calorosa recepção, seu marido também por causa dela, devido ao longo tempo que eles desejavam permanecer na cidade. Depois voltaram a Lynn e depois esta criatura foi ver o eremita que se encontrava no convento dos dominicanos de Lynn e lhe contou como havia sido recebida, bem como se encontrava enquanto viajava pelo país. E ele estava muito feliz por sua volta para casa e o considerou um grande milagre, seu ir e vir de um lugar para outro. E ele lhe disse:

– Desde que te foste ouvi falar mal de ti e me aconselharam repetidamente que te abandonasse e não me aliasse mais contigo e me prometeram grandes amizades com a condição de que te abandonasse. E respondi desta maneira: “Se tu continuavas sendo a mesma que eras quando nos separamos também me atreveria a dizer com segurança que és uma bela mulher, uma amante de Deus e muito inspirada pelo Espírito Santo. E não renunciarei a ela por nenhuma dama deste reino, se falar com a dama significa abandoná-la, pois eu preferia deixar de falar com a dama e falar com Margery, se não posso fazer ambas as coisas, muito mais o contrário (Leia primeiro o capítulo 21 e logo este capítulo depois dele)[152].

[152] O capítulo 21 descreve a gravidez de Margery, enquanto o capítulo 17 começa com Kempe tendo um bebê.

CAPÍTULO 17

Num dia já distante, enquanto esta criatura dava luz a seus filhos e acabava de ter um, Nosso Senhor Jesus Cristo lhe disse que não devia parir mais filhos, e, portanto, ordenou-lhe que fosse a Norwich.

– Ah, meu amado Senhor, – indagou ela – como irei? Sinto-me mole e débil.

– Não temas, eu te darei força suficiente, peço que te apresentes ao vigário de Saint Stephen[153] e lhe diga que lhe saúdo calorosamente e que é uma grande alma, escolhida por mim e que lhe diga que me satisfaz muitíssimo sua pregação e lhe mostre os segredos de sua alma e as confidências que lhe faço.

Então ela viajou a Norwich e foi à igreja numa quinta-feira um pouco antes do meio-dia. E o vigário estava andando para cima e para baixo com outro sacerdote que era seu confessor e que ainda estava vivo quando esse livro foi escrito. E naquele momento esta criatura se vestia de preto.

Saudou ao vigário, perguntando-lhe se podia falar com ele naquela tarde durante uma ou duas horas sobre o amor de Deus, depois que ele almoçasse. Ele, levantando as mãos para o céu, abençoou a si mesmo dizendo: "*Benedicite!*[154]. Como poderia uma mulher falar durante uma ou duas horas sobre o amor de Nosso Senhor? Não comerei nada até que veja o que me pode dizer sobre Deus Nosso Senhor durante uma hora.

Logo ele se sentou na igreja. Ela, sentada um pouco afastada ao seu lado, contou-lhe todas as palavras que Deus lhe havia revelado em sua alma. Depois lhe contou sobre sua maneira de viver desde sua infância, tal como vinha a sua mente: como havia sido censurada com Nosso Senhor Jesus Cristo, o quão orgulhosa e vaidosa havia sido sua conduta, o quão recalcitrante contra as leis de Deus e como invejosa era com seus companheiros cristãos; como – posteriormente quando agradou a Nosso Senhor Jesus Cristo – foi castigada com muitas atribulações e espantosas tentações e, como depois foi nutrida e confortada com santas meditações, especialmente com a memória da paixão de Nosso Senhor.

E, enquanto falava da paixão de Nosso Senhor Jesus Cristo, ela escutou uma melodia tão terrível que não podia suportar. Então esta criatura caiu ao solo, como se houvesse perdido sua força física e permaneceu ali imóvel durante muito tempo, desejando se recuperar e não podia. Então ela verdadeiramente compreendeu por sua fé que havia grande alegria no céu,

---

[153] Identificado como Richard Caister, vigário da Igreja de Saint Stephen em Norwich de 1402-1420.
[154] "Deus te abençoe!"

onde uma partícula de felicidade supera, sem comparação, toda a alegria que jamais se pode imaginar ou sentir neste mundo. Ficou absolutamente fortalecida em sua fé e ficou mais encorajada para contar ao vigário suas sensações, as que tinha mediante as revelações sobre a vida e a morte, e sobre ela mesma.

Ela lhe contou como em ocasiões o Pai do Céu falava com sua alma tão clara e tão realmente como um amigo fala com outro. Uma vez o Filho, outras o Pai, o Filho e o Espírito Santo e uma substância da Divindade, falavam a sua alma e a instruíam sobre sua fé e sobre seu amor – como deveria amá-Lo, adorá-Lo e temê-Lo – de maneira tão excelente como jamais havia ouvido falar em nenhum livro: nem no livro de Hilton, nem no livro de Brígida, nem no *Stimulus Amoris*, nem no *Incendium Amoris*, nem em qualquer outro livro que tenha escutado lerem[155], que falara tão exatamente do amor de Deus tal como ela o percebia que obrava em tão alto grau em sua alma, se ela pudesse comunicar o que sentia.

Às vezes Nossa Senhora falava a sua alma; às vezes São Pedro, às vezes São Paulo, às vezes Santa Catarina[156] ou qualquer santo do céu do qual fosse devota, apareciam na sua lama e a ensinavam como deveria amar a Nosso Senhor e como deveriam agradar-Lhe. Suas conversações eram tão doces, tão santas e tão devotas que com frequência esta criatura não podia suportá-las e assim caía ao solo e se retorcia e contorcia-se angustiosamente e fazia gestos surpreendentes, com soluços veementes e grande abundância de lágrimas, dizendo algumas vezes: "Jesus, tende piedade de mim!" e outras, "Estou morrendo!".

E por isso muitas pessoas a difamavam, sem crer que fosse obra de Deus e sim de um espírito maligno que atormentava seu corpo ou que padecia de alguma enfermidade corporal. Apesar dos rumores e dos ressentimentos do povo contra ela, o santo homem, vigário da igreja de Saint Stephen em Norwich – ao que Deus havia exaltado e o qual mediante ações maravilhosas havia demonstrado que era um santo – sempre esteve ao seu lado e a apoiava contra seus inimigos o tanto que podia, depois que ela, por ordem de Deus, contara-lhe sua maneira de viver e de comportar-se, pois ele acreditava fielmente que estava instruída pela lei de Deus e dotada com a graça do Espírito Santo, a quem cabe inspirar aonde queira, e onde quer que ouça sua voz, não se sabe neste mundo de onde vem e para onde vai.

Depois, este santo vigário foi sempre o confessor desta criatura quando ela ia a Norwich e lhe dava a comunhão com suas próprias mãos. E quando em uma ocasião foi

---

[155] Margery Kempe aqui menciona os quatros livros que serão lidos para ela por um jovem sacerdote: *The Scale of Perfection* de Walter Hilton; *Liber Revelationum Celestium S. Birgitte*; *Stimulus Amoris*, um texto místico do século XIV falsamente atribuído a São Boaventura e *Incendium amoris*, uma obra dirigida às mulheres de autoria de Richard Rolle, um eremita de Hampole, perto de Doncaster, morto em 1349.

[156] Santa Catarina de Alexandria, virgem e mártir do século IV, cujo culto era muito popular na Inglaterra medieval.

requisitada para que se apresentasse perante alguns oficiais do bispo, para responder a certas acusações que se havia feito contra ela através da campanha de pessoas invejosas, o bom vigário, preferindo o amor de Deus acima de qualquer desonra deste mundo, acompanhou-a para escutar seu interrogatório e livrá-la da malevolência de seus inimigos. E então foi revelado a esta criatura que o bom vigário viveria mais sete anos e depois que estes passaram, ele faleceu em grande graça e o fez segundo a forma que ela havia previsto.

CAPÍTULO 18

Foi mandado e ordenado a esta criatura que fosse ver um frade carmelita da mesma cidade de Norwich chamado William Southfield, um bom homem que levava uma vida santa, para que revelasse para ele a graça que Deus havia operado em sua alma, da mesma forma que ela havia feito com o bom vigário. Ela cumpriu a ordem e numa manhã foi ver o frade e permaneceu com ele muito tempo na capela, relatando suas meditações e o que Deus havia feito em sua alma, para saber se estava ou não confundida por alguma ilusão.

Enquanto ela lhe contava seus sentimentos, este bom homem, o frade carmelita, mantinha suas mãos levantadas e dizia:

– Jesus, misericórdia! Graças, Jesus!

– Irmã – disse ele – não tenha medo de sua maneira de viver, pois é o Espírito Santo quem opera completamente com sua graça em sua alma. Dai-o muitíssimas graças por sua bondade, pois nós todos estamos obrigados a dar-lhes graças por ti, que agora em nossos dias te inspira com sua graça para ajuda e consolo de todos os que somos auxiliados por tuas pregações e por todas as de outras pessoas como tu. E nós estamos protegidos de muitas desgraças e aflições que merecidamente devemos padecer por nossos pecados, porque existem tantas boas criaturas entre nós. Bendito seja Deus Todo-Poderoso por sua bondade!

“E por isso irmã, aconselho-te que te disponhas a receber os dons de Deus tão humilde e submissamente como possas, e não te ponhas obstáculos nem objeções à bondade do Espírito Santo, pois pode outorgar seus dons de onde queiras, e o indigno voltar a ser digno, do pecado fazer a virtude. Sua misericórdia está sempre disposta em nós a não ser que a culpa esteja em nós mesmos, pois ele não habita em nenhum corpo escravo do pecado. Ele se distancia de todos os falsos fingimentos e mentiras, nos pede um coração humilde, submisso e contrito, de boa

vontade. Nosso Senhor disse: “Mas para esse olharei, para o pobre e abatido de espírito, e que treme da minha palavra”[157].

“Irmã, eu confio por Nosso Senhor, que possuis estas qualidades bem em tua vontade ou bem em teus afetos, ou também em ambos e não creio que Nosso Senhor permita que sejam permanentemente enganados aqueles que depositam sua confiança nele e não buscam nem desejam nenhuma outra coisa mais que a ele, como penso que fazes tu. E por isso, creia plenamente que Deus te ama e que sua graça obra em ti. Rogo a Deus a aumente e a continue para sua adoração eterna, por Sua misericórdia”.

A dita criatura ficou muito consolada, tanto no corpo quanto no espírito, pelas palavras deste bom homem e foi muito fortalecida em sua fé.

E então Nosso Senhor a ordenou que fosse se encontrar, na mesma cidade, com uma anacoreta a qual chamavam de Dama Julian[158]. E assim o fez, falando-lhe da graça que Deus havia depositado em sua alma e sobre a compunção, a contrição, a doçura e a devoção, a compaixão durante a santa meditação e a alta contemplação, e os diversos discursos santos e conversações entre Nosso Senhor e sua alma, bem como de muitas revelações maravilhosas que descreveu à anacoreta para se assegurar de que não existia nenhum engano nisto, pois a reclusa era uma especialista em semelhantes questões e sabia como dar bons conselhos.

A anacoreta, escutando a maravilhosa bondade de Nosso Senhor, deu muitas graças a Deus de todo o coração por sua visita, aconselhando a esta criatura que obedecesse a vontade de Nosso Senhor e cumprisse com todas as forças tudo o que ele pusesse em sua alma, sem atuar contra a glória de Deus e o bem de seus irmãos cristãos. Pois do contrário não se trataria da influência de um bom espírito e sim de um espírito maligno.

– O Espírito Santo nunca incita a obrar contra o amor e se o fizesse, iria contra si mesmo, pois todo Ele é amor. Também move a alma em direção à castidade absoluta, pois aqueles que vivem castamente são chamados templo do Espírito Santo[159], e o Espírito Santo faz a alma firme e constante na fé e nas crenças verdadeiras.

“E o homem de alma dúbia sempre é instável e inconstante em todos os seus atos. O que sempre duvida é como a onda do mar movida pelo vento, e esse homem não está preparado para receber os dons de Deus. Qualquer criatura que possua esses sinais pode crer firmemente

---

[157] Isaías 66, 2.

[158] Trata-se de Juliana de Norwich (1343-1416), anacoreta da igreja de São Julião de Norwich onde recebeu o nome de Julian. Considerada uma das mais importantes místicas inglesas do medievo, é autora da obra *A Revelation of Love* (1395), na qual relata suas vivências místicas. Margery Kempe possivelmente a visitou antes do ano de 1413. Juliana é uma das referências mais frequentes no *Livro*, ao lado de Brígida da Suécia e Maria Madalena.

[159] 1 Co. 6, 19.

que o Espírito Santo habita em sua alma. E, além do mais, se Deus visita a uma criatura mediante lágrimas de contrição, pode e deve crer que o Espírito Santo mora em sua alma. São Paulo diz que o Espírito Santo pede por nós mediante suspiros e prantos inexplicáveis, ou seja, Ele nos faz pedir e rogar com suspiros tão abundantes que é impossível contar as lágrimas. Nenhum espírito maligno pode conceder esses sinais, pois diz São Jerônimo que as lágrimas atormentam ao demônio mais que as penas do inferno. Deus e o demônio não estão jamais de acordo e jamais morariam juntos no mesmo lugar e o demônio não tem poder sobre a alma do homem."

"Dizem as Sagradas Escrituras que a alma do justo é o trono de Deus[160] e creio firmemente, minha irmã, que você o é. Rogo a Deus que lhe conceda o dom da perseverança. Põe toda a sua confiança em Deus e não tema o burburinho das pessoas, pois quanto mais desprezo, vergonha e censura receba neste mundo, maior será seu mérito ante os olhos de Deus. Você necessita de paciência, pois com ela protegerá sua alma."

Longa foi a conversa que tiveram a anacoreta e esta criatura dialogando sobre o amor de Nosso Senhor Jesus Cristo durante os muitos dias que passaram juntas.

Esta criatura revelou seu modo de vida a numerosos clérigos confiáveis, a teólogos distintos, a religiosos e a seculares e todos diziam que Deus havia forjado tamanha graça nela e lhe ordenaram que não tivesse medo: não existia engano em sua maneira de viver. Eles lhe aconselharam a ser perseverante, pois o que mais temiam era que mudasse e não observasse sua perfeição. Tinha tantos inimigos e era tão caluniada que a eles lhes parecia que não poderia suportá-lo sem uma graça e fé enormes.

Outros que só conheciam sua conduta mediante os comentários alheios ou também através do burburinho de outras pessoas que distorciam o discernimento da verdade, falavam muito mal dela e faziam com que ela tivesse muitos inimigos e muito mais obstáculos, que os que de outra maneira pudesse ter se não fosse por essas fofocas. Sem dúvida, o eremita dos dominicanos de Lynn, que era o principal confessor desta criatura, segundo antes fora mencionado, tomou sobre sua própria alma a responsabilidade de afirmar que os sentimentos dela eram bons e espiritualmente seguros e que não havia engano neles. Ele, pelo espírito da profecia, disse-lhe como, quando estivesse a caminho de Jerusalém teria vários problemas com sua ama e que Nosso Senhor a provaria severamente e que as provas seriam muito rigorosas.

[160] 2 Co. 6, 16.

– Ah, bom senhor, – questionou ela – o que farei quando me encontrar longe de casa e em países estrangeiros e minha ama se voltar contra mim? Então desaparecerá meu bem-estar corporal e não saberei onde encontrar consolo espiritual de nenhum confessor como vós.

– Filha, não temas, pois o mesmo Nosso Senhor te consolará. Seu consolo supera a qualquer outro e quando teus amigos te esquecerem, Nosso Senhor fará com que um homem corcunda te conduza além de onde desejes ir.

E cada detalhe aconteceu segundo o eremita havia profetizado e, como acredito, tudo descrito adiante com maiores detalhes.

Logo esta criatura, queixosa, disse ao eremita:

– Bom senhor, que farei? Quem é meu confessor em sua ausência se mostra muito severo comigo. Ele não acreditará em meus sentimentos, não os dedica a menor atenção, considera-os simples detalhes e tolices. E isso é muito doloroso para mim, pois o amo e de muita boa vontade seguiria seus conselhos.

– Não é estranho, filha – respondeu o eremita –, que não possa crer tão rapidamente em teus sentimentos. Você sabe muito bem que foste uma pecadora e por isso ele pensa que Deus não criaria intimidade contigo em tão pouco tempo. Eu, depois de tua conversão, não seria tão severo contigo como ele é. Por teus merecimentos, Deus o designou para ser teu flagelo e te tratará igual ao ferreiro que com uma lima torna o ferra brilhante e claro para a vista, o qual antes parecia enferrujado, escuro e descolorido. Quanto mais severo é contigo, com maior claridade brilha tua alma à vista de Deus e Ele me ordenou para que eu seja teu cuidador e teu consolo e dê graças a Deus por um e por outro.

*

Em certa ocasião, antes que esta criatura começasse a rezar para conhecer qual resposta devia dar a uma viúva[161]. Foi ordenado a seu espírito que a viúva deixasse logo seu atual confessor se quisesse agradar a Deus e fosse ao eremita dos dominicanos em Lynn e lhe contasse toda a sua vida. Quando esta criatura comunicou esta mensagem, a viúva não quis crer em suas palavras, nem tampouco seu confessor, a não ser que Deus lhe desse a mesma graça que havia concedido a esta criatura e ela ordenou que nuca mais voltasse a sua casa. E porque

[161] Essa seção parece sugerir que está fora de ordem, a "viúva" aqui sugere que se segue ao capítulo subsequente, o qual descreve Margery lidando com mais de uma viúva: no manuscrito, um "C" na margem sugere que um escriba ou um leitor poderia sentir que esse seria um novo capítulo ou talvez marcar a transição abrupta (BALE, 2015, p. 240, Nota 44).

esta criatura lhe disse que ela tinha que sentir amor e afeto pelo seu confessor, a viúva disse que seria conveniente para esta criatura que seu amor e afeto também fossem direcionados para o mesmo lugar que os dela.

Logo Nosso Senhor disse a esta criatura que escrevesse uma carta e enviasse a ela. A pedido desta criatura, um teólogo escreveu uma carta e a enviou a viúva com as seguintes informações: uma era que a viúva não deveria ter jamais a graça que tinha esta criatura, outra que se esta criatura não voltasse nunca mais a entrar em sua casa, o que agradaria muito a Deus.

Nosso Senhor disse outra vez a esta criatura:

– Seria mais proveitoso para ela que todo este mundo sem seu amor fosse tão firme quanto o seu. E lhe ordeno que vá ao seu confessor e lhe diga, porque não irá crer em suas palavras, que eles serão separados antes que ele o saiba e aqueles que não confiaram nela o saberão antes que ele goste ou não. Deste modo, filha, você pode ver o quão difícil é apartar um homem de sua própria vontade.

E de fato, doze anos depois, foram cumpridos todos esses acontecimentos, tal como esta criatura havia anunciado. Logo ela padeceu uma grande atribulação e desventura por dizer estas palavras, segundo Nosso Senhor lhe ordenou. E foi sempre crescendo no amor de Deus foi mais audaz do que antes.

CAPÍTULO 19

Antes de esta criatura partir para Jerusalém, Nosso Senhor a enviou para visitar uma dama socialmente importante para que falasse confidencialmente com ela e comunicasse sua mensagem. A dama não falaria com ela a menos que o confessor dela estivesse presente e ela lhe respondeu que isto lhe parecia muito oportuno. E então, quando chegou o confessor da dama, os três foram juntos a capela e ali esta criatura disse com grande reverência e muitas lágrimas:

– Senhora, Nosso Senhor Jesus Cristo me ordenou lhe dizer que seu marido está no purgatório e que você será salva, mas que levará um longo tempo até que você alcance o Céu.

E então a dama se aborreceu e disse que o marido havia sido um bom homem – ela não acreditava que ele estivesse no purgatório. Seu confessor apoiou a esta criatura e disse que podia perfeitamente acontecer o que ela dizia e respaldou suas palavras com numerosos relatos sagrados.

E depois esta dama enviou a sua irmã e a outros familiares ao eremita que era o principal confessor desta criatura para lhe dizer que ele deveria abandoná-lo, do contrário ele

perderia sua amizade. O eremita disse aos mensageiros que não renunciaria a esta criatura por nenhum outro homem na terra, pois a pessoas como esta que lhe perguntavam sobre como ela se comportava e o que pensava sobre ela, respondia que era serva de Deus e dizia também que era o tabernáculo de Deus.

E para fortalecê-la em sua fé, o eremita lhe disse:

– Mesmo que Deus retirasse de ti todas as lágrimas e conversações, sem dúvida creia que Deus te ama e que terás garantido o céu pelas que tenha tido antes, pois as lágrimas de amor são o maior dom que Deus pode conceder na terra e quantos amam a Deus devem dar-lhes graça por causa de ti.

Também havia uma viúva que pediu a esta criatura que rezasse por seu marido e descobrisse se necessitava de ajuda. E quando esta criatura orou por ele, foi-lhe respondido que sua alma permaneceria por trinta anos no purgatório, a menos que tivesse melhores amigos na terra. Ela contou isto e disse: “Se você fizer caridade por ele, dando três ou quatro libras em missas e esmolas para os pobres, agradará muito a Deus e muito mais suavizará a alma dele”.

A viúva deu pouca atenção às suas palavras e deixou passar. Então esta criatura foi até o eremita e lhe disse o que havia acontecido e ele lhe disse que o sentimento era proveniente de Deus e que a ação era boa em si mesma, mesmo que a alma não tivesse necessidade disto e aconselhou isto deveria ser cumprido. Então esta criatura contou toda a situação a seu confessor para que ele falasse a viúva e assim, por um longo tempo, ela não mais ouviu falar desse assunto.

Depois, Nosso Senhor Jesus Cristo disse a esta criatura:

– Aquilo que mandei que fizesses pela alma não se cumpriu. Pergunta agora a teu confessor.

E assim ela o fez e ele disse que não se havia feito. Ela disse:

– Meu Senhor Jesus Cristo acaba de me dize exatamente isso.

CAPÍTULO 20

Um dia, enquanto esta criatura ouvia missa, um jovem e bom sacerdote, ao elevar a sagrada hóstia sobre sua cabeça, a mesma se moveu e se agitou de um lado para o outro do mesmo modo que uma pomba agita suas asas. E quando elevou o cálice, este se moveu com o sangue precioso, o mesmo se moveu de um lado para o outro como se fosse cair de suas mãos. Quando concluiu a consagração, esta criatura cheia de assombro pela agitação e pelo movimento da eucaristia quis assistir a mais consagrações e comprovar se aconteceria de novo a mesma coisa.

Então Nosso Senhor Jesus Cristo disse a criatura:

– Não voltarás a ver isso da mesma forma, por isso dá graças a Deus por tê-lo visto. Minha filha Brígida nunca me viu assim[162].

– Senhor, o que significa isto? – perguntou esta criatura em seu pensamento.

– Pressagia vingança.

– Ah, bom Senhor! Que vingança?

– Acontecerá um terremoto[163] – respondeu logo Nosso Senhor. Dize-o a quantos deseje, em nome de Jesus. Porque em verdade te digo, igual disse a Santa Brígida, assim o digo a ti, filha e verdadeiramente te digo que cada palavra que está escrita no livro de Brígida[164] é verdadeira e através de ti se conhecerá efetivamente a verdade. E triunfarás filha, apesar de todos os teus inimigos; quanto mais inveja tenham por minha graça, mais te amarei. Não seria justo que não te amasse, pois te conheço melhor que tu mesma, digam o que digam as pessoas de ti. Dizes que tenho muita paciência com os pecadores, e o dizes bem, mas se visses todos os pecadores como eu, ficarias maravilhada muito mais com a minha paciência e te compadecerias dos pecadores muito mais do que o que te compadecesses.

– Ai, querido Senhor, – perguntou a criatura – que devo fazer pelas pessoas?

– Basta o que fazes – respondeu Nosso Senhor.

– Misericordioso Senhor Jesus Cristo – ela suplicou. – Em vós está toda a misericórdia, graça e bondade. Tende misericórdia, piedade e compaixão deles. Mostre vossa misericórdia e vossa bondade neles, ajuda-os, envia-os a verdadeira contrição e não os deixeis morrer nunca em pecado.

– Em minha justiça, filha, – disse Nosso misericordioso Senhor – não posso fazer por eles mais do que faço. Envio a todos a pregação e os ensinamentos, a peste e a guerra, a fome e os famintos, a perda de seus bens, com grandes enfermidades e muitas outras tribulações e eles não creram em minhas palavras nem reconheceram minha visita. E assim lhes direi: “Fiz meus servos pedirem por vocês e vocês desprezaram suas ações e suas vidas”.

CAPÍTULO 21

Durante o tempo em que esta criatura recebeu revelações Nosso Senhor lhe disse:

---

[162] Santa Brígida da Suécia.

[163] Não há notícias de menção a nenhum terremoto nem no *Livro*, nem em nenhum documento contemporâneo a Margery Kempe até que um aconteceu na Inglaterra em 1426.

[164] *Liber Celestis Imperatoris ad Reges*, Livro VIH das *Revelações.*

– Filha, você está grávida.

– Ah, Senhor, – questionou ela – que farei para atender a meu filho?

– Filha, não tema, – disse ele – eu conseguirei alguém que possa cuidar da sua criança.

– Senhor, não mereço vos ouvir falar e depois ter relações sexuais como meu marido, mesmo que me seja muito penoso e dolorido.

– Entretanto, filha, isso não é pecado para você: pelo contrário, é mais uma recompensa e um mérito para você e ainda assim, você terá a graça pois quero que traga mais frutos para mim.

– Senhor Jesus – disse então a criatura – esta maneira de viver pertence às suas santas virgens.

– Sim, filha, mais te convence de que também amo às casadas e de maneira especial àquelas esposas as quais gostariam de viver castamente se pudesse realizar suas vontades e fazer tudo que quisessem para me agradar como tu fazes, pois mesmo que a virgindade seja um estado mais perfeito e mais santo que a viuvez e o estado das viúvas mais perfeito do que o das casadas, sem dúvida, filha, amo-te mais do que a qualquer donzela no mundo. Nada pode me impedir que ame a quem queira e tanto como queira, pois o amor, filha, extingue qualquer pecado. E por isso, pede-me os dons do amor. Não existe nenhum dom tão sagrado quanto o do amor, pois o amor pode conseguir o que quer que deseje. E, portanto, filha, você não pode agradar de melhor maneira a Deus do que pensando continuamente em seu amor.

Logo esta criatura perguntou a Nosso Senhor como poderia amá-lo melhor e Nosso Senhor lhe disse:

– Tenha consciência de sua maldade e pensa em minha bondade.

– Sou a criatura mais indigna à qual alguma vez mostraste a graça na terra – respondeu ela.

– Ah, filha, não temas – disse Nosso Senhor. – Não valorizo o que alguém tenha feito e sim o que fará. Filha tem depreciado a si mesma, por isso não serás depreciada por Deus. Pensa em quem foi Maria Madalena, Maria do Egito[165], São Paulo e muitos outros santos que agora estão no Céu, pois ao indigno torno digno e do pecado faço a virtude. E assim te fiz digna de mim, amada uma vez e cada vez mais por mim. Não há nenhum santo no céu com o qual desejes falar que não venha a ti. Aos que Deus ama, eles amam. Quando agradas a Deus, agradas

[165] Maria do Egito (c. 344 - c. 421 ou 422). Segundo a lenda medieval, foi uma atriz e cortesã de Alexandria, que após sua conversão, viveu como eremita no deserto da Jordânia. É venerada como patrona das mulheres penitentes, em especial na Igreja Copta, mas também na Igreja Católica, Igreja Ortodoxa e Igreja Anglicana.

a sua mãe e a todos do céu. Filha, pelo testemunho de minha mãe, de todos os anjos e santos do céu que te amo com todo o meu coração e não posso renunciar ao teu amor.

Nosso Senhor disse logo a sua bendita mãe:

– Mãe bendita, dize a minha filha como é grande o amor que sinto por ela.

Logo esta criatura permaneceu imóvel, chorando e soluçando como se seu coração explodisse pela doçura das palavras que Nosso Senhor pronunciou em sua alma.

Imediatamente depois, a Rainha da Misericórdia, Mãe de Deus, se dirigiu à alma da criatura dizendo:

– Minha querida filha, trago-te notícias confiáveis, dando testemunho pelo meu doce filho Jesus, com todos os anjos e todos os santos do céu de que Ele te ama muitíssimo. Filha sou tua mãe, tua senhora e tua ama para te ensinar de todas as maneiras com as quais poderás agradar melhor a Deus.

Ela ensinou e informou a esta criatura tão maravilhosamente, os assuntos tão elevados e sagrados, que ficou envergonhada para dizê-los alguém, salvo o eremita que era o seu confessor principal, pois era o maior especialista em semelhantes questões. E ele ordenou a esta criatura que o dissesse tudo o que sentia e ela assim o fez.

CAPÍTULO 22

Enquanto esta criatura permanecia em contemplação, chorando amargamente em seu interior, disse a Nosso Senhor Jesus Cristo:

– Ah, Senhor! As virgens se encontram agora dançando felizes no Céu e por que não posso fazê-lo também? Porque não sou virgem, a falta da virgindade é agora para mim uma grande dor. Penso que haveria gostado de morrer imediatamente depois de receber o batismo, dessa maneira jamais os haveria desagradado e então, Senhor, terias tido minha virgindade por toda a eternidade. Ah, amado Deus! Não os tive amado todos os dias de minha vida e lamento profundamente por isso, fugi para longe de Vós e haveis corrido atrás de mim, ia cair em desespero, mas não permitiste.

– Ah, filha! Quantas vezes eu lhe disse que seus pecados foram perdoados e que estamos unidos para sempre? Para mim você é um amor como nenhum outro, filha e por isso te prometo que terás uma graça especial no Céu, filha e te prometo que chegarás ao final de teus dias, em tua morte, junto a minha bendita mãe e meus santos anjos e os doze apóstolos, a Santa Catarina, a Santa Margarida e a Santa Maria Madalena e a muitos outros santos que estão no Céu que me adoram ao extremo, pela graça que te concedo, eu, teu Deus, teu Senhor Jesus.

Não tens que temer graves dores quando morrer, pois conseguirás teu desejo que é pensar mais em minha paixão que em tua própria dor. Tu não temerás o demônio do inferno, pois não ele não tem poder sobre ti. Ele te teme mais que tu a ele. Está descontente contigo, porque se atormenta mais com teu pranto do que com todo o fogo do inferno; tu o arrebatas muitas almas com teu pranto. E te prometi que não terás mais purgatório que as calúnias deste mundo, pois te castiguei como se castigasse a mim mesmo, com os numerosos temores e tormentos que recebeste dos espíritos malignos, dormindo e acordada, durante muitos anos. E por isso te protegerei à hora da morte com minha misericórdia, pois eles não terão poder nem sobre teu corpo nem sobre tua alma. São uma graça e um milagre enormes que, todavia, conserves o teu entendimento, considerando o vexame que recebeste deles no passado.

"Filha, também te castiguei com o temor de minha divindade, e muitas vezes te aterrorizei com terríveis tormentas, pois que pensavas que a vingança devia ter caído sobre ti pelo pecado. Provei-te mediante numerosas tribulações, muitas dores e muitas enfermidades graves, de maneira que foste ungida para a morte e te libertaste exclusivamente pela minha graça. Assim, pois, filha, não temas em absoluto, pois com minhas próprias mãos que foram cravadas na cruz tomarei tua alma de teu corpo em meio a alegria e a grandes melodias, de deliciosos perfumes e fragrâncias e a oferecerei a meu Pai no Céu, onde o verás cara a cara, morando com ele eternamente.

"Filha, serás muito benvinda para meu pai e para minha mãe e para todos os santos do Céu, pois lhes destes de beber muitas vezes com as lágrimas de teus olhos. Todos os meus santos sagrados se regozijarão quando voltares para casa. Serás recebida com todos os tipos de amor que desejares. Então bendirás o momento em que foste gerada e o corpo te redimiu. Ele se regozijará eternamente contigo e tu com ele.

"Filha, eu prometo a ti a mesma graça que prometi a Santa Catarina, a Santa Margarida, a Santa Bárbara[166] e a São Paulo, a qual diz que, se alguma pessoa sobre a terra até o Dia do Juízo Final te pedir algum favor e crer que Deus te ama, conseguirá o que pede ou algo ainda melhor. Por isso, quem crê que Deus te ama será bendito eternamente. As almas do purgatório se regozijarão em Deus por ti, pois ele obrará muita graça em ti e fará com que todo mundo saiba que Deus te ama. Foste depreciada por meu amor e por isso serás honrada por meu amor.

"Filha, quando estiveres no Céu, poderás pedir o que desejas e te concederei tudo o que quiseres. Já te disse que és uma amante excepcional e por isso terás um amor excepcional no Céu, uma recompensa excepcional e uma honra excepcional. E, como sois virgem em tua

[166] Virgem e mártir cristã do século III. Perseguida pelo próprio pai, Dióscoro, pela sua conversão ao cristianismo, e que a entregou ao juiz para que fosse condenada. Seu culto foi muito popular na Baixa Idade Média.

alma, tomar-te-ei por uma mão no Céu e minha mãe pela sua outra mão e desta maneira dançarás no Céu com outras santas donzelas e virgens, pois posso te chamar de minha doce conquista e minha amada querida. Dir-te-ei, minha bem-aventurada esposa: “Bem-vinda a mim, com todos os júbilos e alegrias, aqui para morar comigo e não se separar nunca de mim pela eternidade, morando para sempre comigo na alegria e na felicidade, que nenhum olho humano pode ver, nem nenhum ouvido escutar, nenhuma língua dizer, nem o coração imaginar, que eu disponibilizei para ti todos os meus servos que desejam me amar e agradar como tu fazes.”

CAPÍTULO 23

Certa vez, um vigário veio ver esta criatura, pedindo-lhe que rezasse por ele e averiguara se agradaria mais a Deus se renunciasse a seu cargo, pois achava que não era mais útil para seus fiéis. Enquanto esta criatura rezava e meditava sobre isto, Cristo disse a seu espírito:

– Diga ao vigário que conserve sua paróquia e seu benefício, e que se dedique a pregar pessoalmente, e, às vezes a trazer outros para ensinar minhas leis e meus mandamentos, de maneira que não exista nenhuma culpa de sua parte, e se eles não fizerem nada de melhor, nem por isso a recompensa dele será menor.

E assim, como lhe foi ordenado, comunicou a mensagem e o vigário conservou seu cargo.

Enquanto esta criatura certa vez se encontrava no coro da Igreja de St. Margaret, onde encontrava presente um cadáver e o esposo da defunta quando gozava de boa saúde para, segundo o costume do lugar, fazer uma oferenda na missa, Nosso Senhor disse a esta criatura:

– Veja filha, a alma deste corpo está no purgatório, e ele que foi seu marido goza agora de plena saúde e, sem demora, morrerá em pouco tempo.

E assim aconteceu segundo ela havia sentido mediante revelação.

Também aconteceu, enquanto esta criatura se encontrava rezando no coro, aproximou-se dela um sacerdote lhe pediu que rezasse por uma mulher que estava à beira da morte. Quando esta criatura pediu por ela, Nosso Senhor lhe disse:

– Filha, é muito necessário rezar por ela, pois foi uma bruxa e vai morrer.

– Senhor – disse ela de novo – já que me amas, livra sua alma da condenação.

E seguidamente chorou abundantes lágrimas por aquela alma. E Nosso Senhor concedeu misericórdia àquela alma, ordenando que rezasse por ela.

O confessor desta criatura se aproximou dela questionando porque rezava por uma mulher que já estava às portas da morte, segundo se acreditava, e Nosso Senhor disse que viveria e gozaria de saúde e ela assim o fez.

Um bom homem que era muito amigo desta criatura e muito solícito com os pobres, há muitas semanas estava enfermo. E toda a gente estava muito penalizada por seu estado, pois se achava que não viveria muito; era tão assustador ao extremo que se lhe doíam todas as suas articulações e todo o seu corpo. Nosso Senhor disse a seu espírito:

– Filha, não temas por este homem, pois viverá e gozará de plena saúde.

E logo depois ele viveu muitos anos prosperamente e com muita saúde.

Outro bom homem que era clérigo encontrava-se também enfermo, e quando esta criatura rezou por ele e ela recebeu em sua mente a resposta de que seguiria enfermo por algum tempo e depois morreria. E assim foi pouco tempo depois.

Também uma mulher socialmente importante e, segundo acreditava toda a gente, uma mulher santa, que era uma amiga especial dessa criatura, encontrava-se muito enferma e muitas pessoas achavam que iria morrer. Então, enquanto esta criatura rezava por ela, Nosso Senhor disse:

– Ela não morrerá até que se passem dez anos, pois celebrarão este momento juntas e manterão saborosas conversas, segundo as tivestes outras vezes antes.

E, em verdade, assim aconteceu: esta santa mulher viveu ainda muitos anos. Esta criatura em sentimento muitas outras revelações parecidas; escrevê-las todas talvez dificultasse assuntos mais substanciais. Estas foram escritas para mostrar a intimidade familiar e a bondade de nosso misericordioso Senhor Jesus Cristo e não para exaltar esta criatura.

Estas sensações e outras parecidas, muitas mais das que se pode escrever, tanto sobre os vivos como sobre os moribundos, alguns para ser salvos, outros para serem condenados, constituíram para esta criatura grande dor e castigo. Havia padecido melhor qualquer penitência corporal do que estas provas, se pudesse evitá-las, pelo medo que tinha das armadilhas e enganos de seus inimigos espirituais. Em certas ocasiões experimentava grande angústia com sensações semelhantes se não resultavam críveis a seu conhecimento, até o extremo de seu confessor temer que caísse no desespero por causa das mesmas. E logo, depois de sua angústia e de seu grande medo, seria mostrada a sua alma como devia interpretar os sentimentos.

CAPÍTULO 24

O sacerdote que escreveu este livro para pôr à prova os sentimentos desta criatura, muitas vezes e em diversas ocasiões lhe fazia perguntas e questionamentos sobre as coisas que iam acontecer – desconhecidas e incertas nesse momento para qualquer criatura – pedindo-lhe, mesmo que ela resistisse e não quisesse fazer tais coisas, que rogasse a Deus e averiguasse, quando Nosso Senhor a visitasse com devoção, o que aconteceria, e então verdadeiramente, sem nenhuma pretensão, dissesse-lhe como se sentia, pois de outro modo não escreveria o livro com alegria.

E assim, esta criatura, forçada de alguma maneira por temor a que de outra forma ele não continuasse com sua intenção de escrever este livro, fez o que lhe pedia e lhe passou suas impressões sobre como aconteceriam as coisas que ele lhe perguntava, se suas sensações eram verdadeiras. E desta maneira ele as submeteu a prova para saber se era verdade. E dessa forma, também, nem sempre deu crédito a suas palavras e assim foi um obstáculo para ele da maneira seguinte.

Aconteceu uma vez que um jovem veio ver este padre, o qual nunca tinha visto antes, e ele lamentou a pobreza e os problemas que haviam acontecido com ele devido ao infortúnio, explicando a causa de seu infortúnio, e também dizendo que ele havia recebido ordens sagradas para ser sacerdote. Por um pouco de temeridade em se defender - pois ele não tinha escolha a não ser capturado e morto por seus inimigos - ele havia ferido um homem, ou talvez dois, em consequência do que, disse ele, eles haviam sido mortos ou poderiam morrer. E assim ele havia caído em conduta irregular e não podia exercer suas ordens sem dispensa da corte de Roma, por isso fugiu de seus amigos e não se atrevia a voltar para seu país por medo de ser preso por suas mortes.

O referido padre acreditou na história do jovem porque era uma pessoa amável, de boa aparência, de aparência e modos cordiais, contido ao falar, com gestos e roupas sacerdotais. E sentindo pena da sua desgraça, pretendendo arranjar-lhe alguns amigos para consolá-lo e o acalmá-lo, dirigiu-se a um importante burguês de Lynn, cuja posição social era igual à de qualquer alcaide e homem compassivo, que estava muito doente e tinha condições durante muito tempo, lamentando a ele e à sua mulher, uma mulher muito boa, a desgraça deste jovem, acreditando que receberia uma generosa doação, como muitas vezes fizera antes quando pedia em nome de outros.

Aconteceu que a criatura de que trata este livro estava presente e ouviu como o padre relatou a situação do jovem e como o elogiou. E imediatamente em seu espírito ela se posicionou contra aquele jovem, e disse que eles tinham muitos vizinhos pobres, que sabiam muito bem que eles precisavam muito de ajuda e socorro, e que era muito mais caridoso ajudar

aqueles que eles também sabiam serem pessoas amigáveis, e que eram seus vizinhos, do que outros estrangeiros que eles não conheciam, pois muitos falavam e pareciam deveras cativantes aos olhos das pessoas. Deus sabe o que eles são em suas almas!

O bom homem e sua esposa pensaram que ela falava muito acertadamente e, portanto, não o ajudaram. Nesse momento o padre ficou muito zangado com a criatura, e quando ficou a sós com ela repetiu como ela havia atrapalhado a ajuda ao rapaz, que era uma pessoa afável, pensou, e elogiou a conduta dele.

– Senhor, – disse a criatura – Deus sabe como ele se comporta, pois, pelo que sei, nunca o vi. E, no entanto, tenho uma ideia de como ele pode se comportar e, portanto, senhor, se quiser seguir meu conselho e fazer o que eu achar melhor, deixe-o escolher e se servir da melhor maneira possível, e não se envolva com ele, porque no final ele vai lhe enganar.

O jovem sempre recorria ao padre, bajulando-o e dizendo que em outros lugares tinha bons amigos que o ajudariam se soubessem onde ele estava, e isso em pouco tempo; e também dariam graças àqueles que o ajudaram em suas dificuldades.

O padre, confiando que aconteceria como este jovem disse, voluntariamente emprestou-lhe dinheiro para ajudá-lo a partir. O jovem pediu licença ao padre e se não o visse por dois ou três dias, pois ia um pouco longe e voltaria logo quando, portanto, devolveria seu dinheiro. O sacerdote, confiando em sua promessa, ficou bastante satisfeito, asseverando seu amor e mandando-o embora até o dia em que prometeu voltar novamente. Ela lhe disse que achava que nunca mais o veria; então ninguém nunca mais o viu. E ele se arrependeu de não ter agido como ela aconselhou.

Pouco depois disso, outro malandro desonesto, um velho, aproximou-se do mesmo padre e ofereceu-se para lhe vender um breviário, um bom livrinho. O padre foi ver a dita criatura, pedindo que ela orasse por ele e descobrisse se Deus queria ou não que ele comprasse o livro, e enquanto ela orava ele cuidou do homem o quanto pôde, e depois voltou para junto da criatura e lhe perguntou como se sentia.

- Senhor - ela disse, - não compre nenhum livro dele porque ele não é confiável, e você saberá muito em breve se se envolver com ele.

Então o padre perguntou ao velho se ele podia ver o livro. O homem respondeu que não o tinha consigo. O padre perguntou como ele conseguiu. Ele disse que ele era o executor de um padre parente dele, e que ele o encarregou de vendê-lo e dispor dele.

– Pai – disse respeitosamente o padre, - por que me oferece este livro e não a outras pessoas ou outros padres, porque nesta igreja há muitos padres mais ricos do que eu e sei perfeitamente que você nunca soube nada sobre mim até agora?

-– Na verdade, senhor, – disse ele – eu não o conhecia, de qualquer maneira, me sinto muito fascinado por sua pessoa e, também quis o proprietário anterior que se eu conhecesse algum jovem sacerdote que considerasse discreto e afável, deveria possuir este livro antes que qualquer outro homem, e por um preço menor que qualquer outro, para que pudesse orar com ele. E esta razão me fez vir até você antes de qualquer outro homem.

O sacerdote lhe perguntou onde vivia.

– Senhor, – disse ele – somente a cinco milhas desse lugar, em Pentney Abbey[167].

– Eu estive já lá e nunca vi você – disse o padre. – Não, senhor, – ele respondeu – estou lá há pouco tempo, e agora tenho direito a uma porção de comida lá, graças a Deus!

O padre perguntou-lhe se podia dar uma olhada no livro para chegarem a um acordo.

– Senhor, – disse ele, – espero estar aqui novamente na próxima semana e trazê-lo comigo; Senhor prometo que, se vos agradar, o terá antes de qualquer outra pessoa.

O padre agradeceu por sua boa vontade, e assim eles se separaram, mas o homem nunca mais viu o velho depois disso, e então o padre também percebeu que o que aquela criatura sentia era verdade.

CAPÍTULO 25

Aqui continua, ademais, um exemplo notável das sensações da criatura, e foi escrito aqui por conveniência, de tal forma que, no sentimento, parece com os assuntos escritos anteriormente, pese ao que acontecera bastante depois das seguintes ocorrências.

Aconteceu em uma importante cidade onde havia uma igreja paroquial e duas capelas anexas que onde se administrava todos os sacramentos, exceto batismo e purificação, com o consentimento do pároco, que era um monge beneditino enviado pelo mosteiro de Norwich, que ali residia com outros três beneditinos, nesta importante cidade já mencionada.

Porque alguns paroquianos que queriam converter as capelas em igrejas paroquiais, exigindo uma bula papal da Corte de Roma, houve muitas disputas e muitos infortúnios entre o prior, que era seu pároco e pároco, e esses paroquianos, que queriam ter uma pia batismal e purificação nas capelas, como as da igreja paroquial, e, especialmente, eles queriam ter a pia batismal na maior e mais bela capela. Pediram uma bula concedendo uma pia batismal para a capela, sem que a igreja paroquial desaparecesse. A bula foi questionada e vários dias foram gastos em discussões para demonstrar se a pia batismal, se instalada, acarretaria ou não o

[167] Um grande monastério agostiniano junto ao rio Nar próximo a Narborough, cerca de 11 quilômetros de Lynn, fundado antes de 1135.

desaparecimento da igreja paroquial. Os paroquianos favoráveis à sua instalação estavam numa posição muito firme e contavam com o apoio dos senhores e, sobretudo, eram também pessoas ricas e poderosas, mercadores importantes, e muito ricos, que teriam sucesso em todas as suas reivindicações. É uma pena que o dinheiro triunfe antes da verdade!

No entanto, o prior que era seu pároco, apesar de ser pobre, os confrontou bravamente, com a ajuda de alguns de seus paroquianos que eram seus amigos e apreciavam o prestígio de sua igreja paroquial. Este litígio durou tanto tempo que começou a ficar desconfortável para ambas as partes, e nunca terminou.

O litígio foi então levado ao meu senhor de Norwich, Alnwick[168], para ver se ele poderia finalmente chegar a um acordo. Ele tratou diligentemente deste assunto e, para alcançar a paz, ofereceu a esses paroquianos praticamente o que eles pediam, com algumas condições, de maneira que aqueles que apoiavam o padre e sua igreja paroquial estavam muito chateados, temendo muito que aqueles que exigiam uma pia batismal alcançassem seu objetivo e assim conseguissem que a capela alcançasse a mesma categoria da igreja paroquial.

Então o padre que, posteriormente, escreveu este livro foi até a criatura mencionada neste tratado, como ele havia feito antes no momento da ação legal, e perguntou-lhe o que ela sentia em sua alma sobre esta questão, se eles deveriam ter uma pia batismal em sua capela.

– Senhor, – disse a criatura – não temas, pois sei em minha alma que, mesmo que dessem um alqueire de nobres[169], não a conseguiriam.

– Ah, mãe! – disse o padre. – Meu senhor o bispo de Norwich ofereceu a eles, em certas condições, e eles têm tempo para considerar se respondem sim ou não, e por isso temo que não a recusem, mas estão muito felizes em recebê-la.

Esta criatura orou a Deus para que sua vontade fosse feita, e na medida em que ela entendeu por revelação que eles não deveriam tê-la, foi a mais ousada em implorar a Nosso Senhor para cumprir seu propósito e enfraquecer sua ostentação. E assim, quando Nosso Senhor quis, eles não obedeceram nem gostaram das condições que lhes foram oferecidas, pois estavam totalmente seguros de alcançar seu objetivo por influência senhorial e processo legal; e quando Deus quis, eles se decepcionaram com seus propósitos, e como queriam ter tudo, perderam tudo.

E assim, apesar de tudo, Deus seja louvado, a igreja paroquial conservou a sua dignidade e o seu título como vinha sendo por mais de duzentos anos, e a inspiração de Nosso Senhor foi mostrada pela experiência como verdadeira e certa na referida criatura.

---

[168] William Alnwick, bispo de Norwich de 1426 a 1436, implacável perseguidor dos lolardos.
[169] O nobre era uma moeda equivalente a vinte e seis xelins e oito pences.

CAPÍTULO 26

Chegado o momento[170] em que esta criatura fosse visitar os lugares santos onde Nosso Senhor viveu e morreu, que ela havia visto por revelação anos antes, ela pediu ao pároco da cidade em que morava que dissesse em seu nome do púlpito que, se houvesse algum homem ou mulher que reclamasse alguma dívida com o marido ou com ela, viesse falar com ela antes que ela partisse, e ela, com a ajuda de Deus, chegaria a um acordo com cada um deles para que eles próprios ficassem satisfeitos. E ela assim o fez.

Depois se despediu de seu marido e do santo eremita que lhe contara anteriormente a sequência de sua viagem e os grandes infortúnios que sofreria ao longo do caminho e, quando todos os seus companheiros de viagem a abandonariam, como um corcunda a acompanharia em sua jornada para sua segurança, através da ajuda de Nosso Senhor. E realmente aconteceu assim, como será descrito mais adiante.

Então ela se despediu do mestre Robert e pediu sua bênção, e também se despediu de outros amigos. E então ela partiu para Norwich, e fez uma oferenda na Trindade[171], e depois foi para Yarmouth, e fez uma oferenda a uma imagem de Nossa Senhora[172] e lá embarcou em seu navio.

E no dia seguinte eles chegaram a uma grande cidade chamada Zierikzee[173], onde Nosso Senhor em sua alta bondade visitou esta criatura com abundantes lágrimas de contrição por seus próprios pecados, e às vezes pelos pecados de outras pessoas. E, sobretudo, derramou lágrimas de piedade em memória da Paixão de Nosso Senhor. E comungava todos os domingos, se o tempo e o lugar permitissem, com muito choro e soluçando violentamente, de modo que muitas pessoas ficaram maravilhadas e se perguntaram sobre a grande graça que Deus operou nesta criatura.

Esta criatura, durante quatro anos antes de deixar a Inglaterra, não comia carne nem bebia vinho, e agora seu confessor lhe ordenou, por obediência, que comesse carne e bebesse vinho, e ela o fez por algum tempo. Ela então pediu ao seu confessor que a dispensasse de comer carne e lhe permitisse fazer o que quisesse pelo tempo que quisesse.

---

[170] Provavelmente o outono de 1413.
[171] Catedral da Santíssima Trindade em Norwich.
[172] Talvez na capela da Virgem na Igreja de São Nicolau.
[173] Na Holanda.

E logo depois, devido à provocação de alguns de seus companheiros, seu confessor e também muitos do grupo se revoltaram porque ela não comia carne. E eles ficaram mais chateados porque ela chorava demais e não parava de falar do amor e da bondade de Nosso Senhor, tanto na mesa de refeições como em outros lugares. E assim eles a insultaram e criticaram duramente, e disseram que não a tolerariam como seu marido fazia quando ela estava em casa na Inglaterra.

E ela respondeu mansamente:

– Nosso Senhor Deus Todo-Poderoso é tão grande senhor aqui como na Inglaterra, e tenho grandes motivos para amá-lo aqui e lá. Bendito seja!

Com essas palavras seus companheiros ficaram ainda mais zangados, e sua raiva e desconsideração foram fonte de grande amargura para essa criatura, pois eram consideradas pessoas muito boas e ela desejava muito seu amor, se pudesse tê-lo, para agradar a Deus. E então ela disse a um em particular:

– Você me traz muita vergonha e dor.

– Peço a Deus – respondeu ele – que a morte do demônio lhe arrebate o mais rápido possível.

E ele falou tantas palavras cruéis para ela que nem ousava poderia repetir.

E logo depois, alguns de seus companheiros mais confiáveis, e também sua própria ama, disseram que ele não deveria mais acompanhá-los, e disseram que deveriam afastar sua ama dela para que não se prostituísse em sua companhia. E então um deles, que administrava seu dinheiro, muito zangado deu-lhe um nobre de ouro para que ela pudesse ir aonde quisesse e andar sozinha como pudesse, porque, segundo o que diziam, ela não podia continuar mais tempo com eles e nessa mesma noite a abandonaram.

Então, na manhã seguinte, ela foi abordada por um de seus companheiros, um homem que se dava bem com ela, pedindo-lhe que fosse ver seus companheiros peregrinos e se comportasse de forma submissa em relação a eles, e perguntou se ela ainda poderia viajar em sua companhia para Constança[174].

E assim o fez, e continuou com eles até chegarem a Constança, com grande angústia e desconforto, pois à medida que avançavam, eles a constrangiam e a repreendiam em vários lugares. Cortaram seu vestido de tal maneira que mal chegava até pouco abaixo do joelho, e a obrigaram a colocar um avental branco feito de pano de saco rústico para que ela fosse tomada como louca, e para que as pessoas não prestassem atenção a ela, nem a sua pessoa ou a sua

[174] Na Alemanha.

reputação. Eles a forçaram a se sentar no fundo da mesa abaixo de todos os outros, de modo que ela mal se atreveu a dizer uma palavra.

E apesar de toda a sua maldade, onde quer que fossem ela era mais respeitada do que eles. E o bom homem proprietário da casa onde estavam hospedados, embora ela se sentasse no fundo da mesa, fazia o possível para encorajá-la na frente de todos e mandava-lhe o que tinha para comer, e isso incomodava terrivelmente seus companheiros.

Ao viajar para Constança, eles disseram que sofreriam grandes danos e grandes transtornos a menos que tivessem muita sorte. Então esta criatura foi à igreja e começou a orar, e orou de todo o coração, com grande clamor e muitas lágrimas, para obter apoio e ajuda contra seus inimigos.

Então Nosso Senhor disse a seu espírito:

– Não temas, filha, teu grupo não sofrerá nenhum dano enquanto permaneceres em companhia deles.

E assim, bendito seja Nosso Senhor em todas as suas obras, chegaram sãos e salvos a Constança!

CAPÍTULO 27

Quando esta criatura e seus companheiros chegaram a Constança, ela ouviu falar de um frade inglês, teólogo e legado papal, que estava na cidade. Então foi ver este distinto homem e, em confissão, contou-lhe sua vida desde o início até aquele momento, com a maior precisão que pôde, pois era um legado papal e um clérigo respeitável. E então contou sobre os problemas que teve com seus companheiros. Contou-lhe também da graça da contrição e do remorso que Deus lhe concedera, da doçura e da devoção, e muitas outras revelações que Deus lhe fez, e o medo que tinha das tentações e armadilhas de seus inimigos espirituais, por isso vivia com grande medo, desejando abandoná-los e não se importar com nenhum, se pudesse enfrentá-los.

E quando ela acabou de falar, o digno clérigo dirigiu-lhe palavras de grande consolação, e disse que isso era obra do Espírito Santo, ordenando e confiando-lhe obedecer e recebê-los quando Deus os permitiu e não duvidar, porque o diabo não teria poder para produzir semelhante graça em uma alma. E ele também afirmou que a apoiaria contra o mau comportamento de seus pares.

Mais tarde, quando aprouve ao grupo, convidaram este honorável doutor da divindade para jantar. E o doutor falou com essa criatura, avisando-lhe que, quando estivesse presente, deveria sentar-se à mesa no mesmo lugar que em sua ausência, e se comportar da mesma

maneira quando ele não estivesse lá. Quando chegou a hora de se sentar à mesa, cada um ficou no lugar que lhe agradava. Primeiro sentou-se o ilustre legado e doutor, depois os outros, e por último a dita criatura, sentada no fundo da mesa e sem dizer uma palavra, como era seu costume quando o legado não estava lá. Então o legado perguntou:

– Por que não estás mais alegre?

E ela permaneceu calada e não respondeu, como ele havia ordenado que ela o fizesse.

Depois de comer, seus companheiros reclamaram muito dessa criatura ao legado, e disseram que não havia mais como ela ficar com o grupo, a menos que ele a mandasse comer carne como eles e que parasse de chorar e não falasse tanto de santidade.

Então o distinto doutor disse:

– Não, senhores, não a forçarei a comer carne enquanto ela puder se abster e for a mais disposta a amar Nosso Senhor. Para qualquer um de vocês que jurou ir a Roma descalço, eu não dispensaria seu voto enquanto pudesse mantê-lo, e eu não vou ordenar que ela coma carne enquanto Nosso Senhor lhe der forças para se abster. Quanto ao choro dela, não está em meu poder proibi-lo, pois é um dom do Espírito Santo. E sobre sua conversa, vou pedir que ela pare de falar até encontrar alguém que ouça com mais vontade do que vocês.

O grupo estava furioso e extremamente zangado. Eles a entregaram ao legado e disseram que não haveria como manter mais o acordo com ela. Ele a recebeu com muita gentileza e benevolência como se ela fosse sua mãe, e cuidou do dinheiro dela - cerca de vinte libras - e um deles levou injustamente cerca de dezesseis libras. Eles também ficaram com sua ama e não permitiram que ela fosse com a patroa, apesar de ela ter prometido e assegurado à patroa que não a abandonaria por nenhuma razão.

E o legado cuidou de tudo o que era necessário para esta criatura – e providenciou para que ela trocasse seu dinheiro inglês por dinheiro estrangeiro – como se ela fosse sua mãe. Mais tarde, essa criatura foi à igreja e pediu ao Senhor que providenciasse alguém para acompanhá-la. E então Nosso Senhor lhe disse:

– Disporás de muito boa ajuda e um guia.

E logo depois, um velho de barba branca veio vê-la. Ele veio de Devonshire e disse:

– Senhora, você me permitirá, pelo amor de Deus e de Nossa Senhora, que a acompanhe e seja seu guia, já que seus compatriotas a abandonaram?

Ela perguntou qual era o nome dele.

– Me chamo William Weaver – disse ele.

Ela o implorou por veneração a Deus e a Nossa Senhora, que a ajudasse em sua necessidade, e ela o recompensaria bem por seu trabalho. E assim combinaram.

Então ela foi ver o legado e disse-lhe como Nosso Senhor havia intercedido por ela, e se despediu dele e de seus companheiros que a rejeitaram tão impensadamente, e também de sua ama que era obrigada a ter continuado com ela. Despediu-se com gestos sérios e ficou muito triste por se encontrar em um país estranho e não conhecer tanto a língua quanto o homem que a acompanharia. E assim, com grande ansiedade e tristeza, o velho e ela partiram juntos. Quando avançaram, este homem lhe disse:

– Temo que você seja tirada de mim, e que eu seja espancado por sua causa e fique sem minha capa.

—William, não tenha medo –disse ela– Deus cuidará muito bem de nós.

E todos os dias esta criatura se lembrava do Evangelho que fala da mulher que foi pega em adultério e trazida diante de Nosso Senhor.

– Senhor, assim como você afugentou seus inimigos, afaste também os meus e preserve a castidade que eu lhe prometi e que eu nunca seja desonrada, e se eu for, Senhor, prometo nunca mais voltar para a Inglaterra enquanto viver.

Depois disso, dia a dia, eles seguiram adiante e conheceram pessoas excelentes. E ninguém falou mal dessa criatura, mas deram comida e bebida a ela e ao velho, e em muitos lugares onde os bons estalajadeiros foram até onde eles ficaram e deixaram sua própria cama pelo amor de Deus. E Nosso Senhor a visitou com grande graça de consolação espiritual enquanto ela caminhava.

E assim Deus a guiou em seu caminho até chegar a Bolonha. E depois que ela chegou lá, também chegaram os companheiros que a abandonaram. E quando souberam que ela havia chegado a Bolonha antes deles, ficaram atordoados, e um deles foi vê-la pedindo-lhe para ir até seus companheiros e ver se eles a receberiam de volta ao seu grupo. E assim ela fez.

—Se quiseres viajar com nosso grupo deves aceitar um novo compromisso: não falarás do Evangelho onde quer que cheguemos e sim permanecerás calada e, como nós, desfrutarás de todas as comidas.

Ela concordou e foi readmitida no grupo. Em seguida, viajaram para Veneza, permanecendo lá treze semanas. E esta criatura comungava todos os domingos em um grande mosteiro de freiras – e recebia uma calorosa recepção por parte delas – onde nosso misericordioso Senhor Jesus Cristo visitou esta criatura com grande devoção e abundância de lágrimas, de modo que as boas senhoras do lugar ficaram muito surpresas com isso.

Mais tarde aconteceu, quando esta criatura se sentou à mesa com seus companheiros, que ela repetiu um texto do Evangelho que havia aprendido junto com outras boas palavras e eles lhe disseram que ela havia rompido o compromisso. E ela respondeu:

– Sim, senhores, certamente posso cumprir durante mais tempo o acordo que tenho com vocês, porque devo falar de meu Senhor Jesus Cristo, mesmo que todas estas palavras tenham sido proibidas.

E então ela se retirou para seu quarto e comeu sozinha por seis semanas, até o momento em que Nosso Senhor a deixou tão doente que ela pensou que ia morrer, e então de repente ficou saudável novamente. E durante todo esse tempo sua ama a deixou sozinha e preparou a comida e lavou as roupas de seus companheiros, e a sua senhora, a quem ela havia prometido servir, não atendeu em nada.

CAPÍTULO 28

Também este grupo, que havia excluído esta criatura da sua mesa, para que não voltasse a comer com eles, fretou um navio para si. Compraram vasos para o vinho e reservaram camas para si, mas nada para ela. Então, vendo a falta de consideração deles, ela foi até o mesmo homem com quem eles haviam conversado e arrumou uma cama para ela, foi até onde eles estavam e contou o que ela havia feito, tentando navegar com eles no navio que haviam fretado.

Mais tarde, enquanto esta criatura estava em contemplação, Nosso Senhor a advertiu em sua mente que ela não deveria navegar naquele navio, e lhe designou outro navio, uma galera, no qual ela deveria navegar. Então ela contou a alguns de seu grupo, e eles contaram aos outros, e assim não se atreveram a navegar no navio que haviam fretado. E então eles venderam as jarras que haviam adquirido para seus vinhos, e ficaram muito felizes em subir até a cozinha onde ela estava, e assim, embora contra sua vontade, ela foi com eles, pois não se atreveram a agir de outra maneira.

Quando chegou a hora de fazer suas camas, eles trancaram a roupa de cama dela, e um padre que estava em sua companhia pegou um lençol dessa criatura e disse que era dele. Ela chamou Deus para testemunhar que o lençol era dela. Então o padre, com o livro nas mãos, jurou veementemente que ela era tão falsa quanto podia ser, e a desprezou e repreendeu severamente.

E com isto sofreu uma grande e contínua atribulação até que chegou a Jerusalém. E antes de desembarcar disse-lhes que supunha que ficariam zangados com ela:

— Rogo a vocês, senhores, tenhais benevolência comigo, pois eu sou benevolente com vocês, e perdoem-me se molestei durante a viagem. E se algum me faltou de alguma maneira, que Deus lhe perdoe por isso, como eu os perdoo.

E assim caminharam em direção à Terra Santa até que viram Jerusalém. E quando esta criatura viu Jerusalém - montada em um jumento - ela agradeceu a Deus de todo o coração, pedindo-lhe a sua misericórdia para que, assim como a trouxera para ver a cidade terrena de Jerusalém, ele lhe conceda a sua graça de ver a bem-aventurada cidade de Jerusalém nas alturas, a cidade do céu. Nosso Senhor Jesus Cristo, respondendo ao seu pensamento, atendeu ao seu desejo.

Então, pela alegria e a doçura que sentia ao conversar com Nosso Senhor, estava prestes a cair do jumento, porque não suportava a doçura e a graça que Deus operava em sua alma. Então dois peregrinos alemães se aproximaram dela e eles a impediram de cair – um deles era padre e colocou especiarias em sua boca para confortá-la, pensando que ela estava doente. E assim a ajudaram a partir de então para Jerusalém, e quando ela chegou lá ela disse:

— Senhores, peço-lhes que não fiquem chateados se eu chorar amargamente neste lugar santo onde Nosso Senhor Jesus Cristo viveu e morreu.

Logo se encaminharam ao Templo de Jerusalém[175], e os autorizaram a entrar no primeiro dia[176] à hora das vésperas e a que permanecer dentro até a véspera do dia seguinte. Então os frades pegaram uma cruz e guiaram os peregrinos pelos lugares onde Nosso Senhor sofreu seus sofrimentos e paixão, homens e mulheres carregando uma vela de cera nas mãos. E sempre os frades, indo de um lugar para outro, contavam-lhes o que Nosso Senhor havia sofrido em cada um deles. E esta criatura chorou e soluçou muito abundantemente acreditando que, naquele momento, ela via com seus olhos Nosso Senhor sofrendo sua paixão.

Antes, ela realmente o via em sua alma através da contemplação, e isso lhe deixava compassiva. E quando eles subiram o monte Calvário, ela caiu no chão porque não conseguia ficar de pé ou de joelhos, torcendo e movendo violentamente o corpo, agitando os braços e gritando com tanta força como se seu coração fosse explodir em pedaços, porque na cidade de sua alma ela viu realmente e claramente como Nosso Senhor foi crucificado. Diante de seu rosto ouviu e com seu olhar espiritual viu o luto de Nossa Senhora, São João e Maria Madalena e de muitos que amavam Nosso Senhor. E ela teve tanta compaixão e dor ao ver o sofrimento de Nosso Senhor, que não pôde deixar de gritar e rugir como se estivesse morrendo por causa disso. E este foi seu primeiro grito, pois nunca havia gritado antes em qualquer contemplação. E tal gritaria continuou depois dessa primeira vez por muitos anos, apesar do que qualquer um pudesse fazer, e sofreu muito desprezo e muita censura por isso. Tão escandaloso e tão assombroso era o grito que as pessoas ficavam estupefatas, a menos que tivessem ouvido antes

[175] Igreja do Santo Sepulcro.
[176] A entrada da Igreja do Santo Sepulcro estava limitada de seis a vinte peregrinos ao mesmo tempo.

ou soubessem o motivo dos gritos. E tão frequentes eram seus gritos que enfraqueceram grandemente sua força física, e especialmente sempre que ela ouvia sobre paixão de Nosso Senhor.

E às vezes quando ela via o crucifixo ou via um homem ou um animal ferido, o que quer que fosse, ou se um homem espancasse uma criança na frente dela ou batesse em um cavalo ou em outro animal com um chicote, se ela visse ou ouvisse falar disso, acreditava que acertavam ou feriam a Nosso Senhor, da mesma forma que o via no homem ou na besta; fosse no campo ou na cidade, estivesse ela sozinha ou no meio do povo.

Depois que ela teve seus primeiros gritos em Jerusalém, repetiu-os muitas vezes, e também em Roma. E quando ela voltou para a Inglaterra pela primeira vez, seus gritos se repetiram, embora não com tanta frequência, talvez uma vez por mês, depois uma vez por semana, depois diariamente, e uma vez quatorze vezes em um dia, e outro dia sete vezes; exatamente quando Deus quis visitá-la com os gritos, às vezes na igreja, às vezes na rua, às vezes no quarto dela, às vezes no campo, quando Deus os mandava, porque ela nunca sabia o momento ou a hora em que chegariam. E eles nunca foram produzidos sem uma grande e incomparável doçura de devoção e alta contemplação.

E assim que sentia que ia gritar, continha-se o máximo que podia, para que as pessoas não a ouvissem e ficassem chateadas. Pois alguns diziam que ela era atormentada por um espírito maligno; outros diziam que era uma doença; outros disseram que ela tinha bebido muito vinho; outros a amaldiçoaram; outros desejavam que fosse jogada do porto; outros desejavam que ela estivesse no mar em um barco sem fundo; e assim por diante, de acordo com o que cada um pensava. Outros de inclinações espirituais a amavam e apreciavam ainda mais. Alguns importantes clérigos diziam que Nossa Senhora nunca chorou assim, nem qualquer santa no céu, embora mal soubessem o que ela sentia, nem quisessem acreditar que ela mesma, mesmo que quisesse, não conseguia parar de gritar.

E, portanto, quando sentia que ia começar a gritar, continha-se ao máximo que podia e fazia de tudo para se controlar ou não, a ponto de ficar pesada, e o tempo todo sentia seus pensamentos ferverem cada vez mais até explodir. E então, quando o corpo não aguentou mais o esforço espiritual, foi dominada pelo amor inexplicável que operava tão fervorosamente em sua alma, ela caiu no chão e gritou com uma força incrível. E quanto mais ela tentava reprimir ou suprimir isso, mais ela chorava ainda mais e mais. E assim o fez no Monte Calvário, como antes se havia escrito.

Ela teve uma contemplação tão real na visão de sua alma como se a humanidade de Cristo estivesse pendurada diante de seus olhos corporais. E quando, pela concessão da grande

misericórdia de nosso soberano Salvador Jesus Cristo, foi concedido a esta criatura contemplar tão autenticamente o seu precioso e terno corpo, coberto de contusões e dilacerado por chicotadas, com mais feridas do que buracos que um pombal[177] jamais teve, pendurado em a cruz com a coroa de espinhos ao redor da sua cabeça, suas mãos abençoadas, seus pés delicados pregados na madeira áspera, rios de sangue fluindo abundantemente de todos os seus membros, a ferida arrepiante e dolorosa em seu precioso flanco fluindo sangue e água por seu amor e por sua salvação, então ela caiu no chão e gritou em voz alta, se torcendo e se contorcendo terrivelmente em todos os lados do corpo, abrindo os braços como se fosse morrer, e não podia deixar de gritar ou de fazer esses movimentos do corpo, por causa do fogo do amor que fervorosamente crepitava em sua alma com piedade e compaixão puras.

Não é à toa que essa criatura gritaria e se contorceria de maneira tão espantosa se todos os dias pudéssemos ver com nossos próprios olhos como homens e mulheres gritariam e torceriam as mãos como loucos - alguns por perda de riquezas mundanas, outros por amor à família ou amizades perdidas, por causa de estudo excessivo e afeto terreno, e sobretudo por causa do amor desordenado e do sentimento material, se seus amigos se separassem deles – como se estivessem loucos e eles saberiam suficientemente bem que eles desagradariam a Deus.

E se alguém lhes pedisse para parar de chorar e gritar, eles diriam que não podiam; eles amavam tanto o amigo e eram tão gentis e afetuosos com ele que não podiam esquecê-lo. Choravam, gritavam e gritariam ainda mais, se seus queridos amigos fossem violentamente arrastados diante de seus olhos e levados perante o juiz com todo tipo de humilhações, injustamente condenados à morte, e principalmente a uma morte tão vergonhosa como a que Nosso Misericordioso Senhor sofreu por nossa causa. Como eles poderiam suportar isso? Sem dúvida, eles gritariam e rugiriam e, se pudessem se vingariam, ou então as pessoas diriam que não eram amigos.

Ai, ai, que tristeza, que a morte de uma criatura que frequentemente pecou e agiu contra seu Criador seja tão lamentada. É uma ofensa a Deus e um obstáculo para outras almas. E a morte compassiva de nosso Salvador, pela qual todos nós fomos trazidos de volta à vida, não a valorizamos: nós miseráveis, indignos e implacáveis, nem apoiamos aqueles a quem Nosso Senhor confiou seus segredos e investiu com seu amor, mas pelo contrário os desprezamos e os atrapalhamos tanto quanto podemos.

CAPÍTULO 29

[177] Cântico dos Cânticos, 2: 14.

Quando esta criatura e seus companheiros chegaram ao túmulo onde Nosso Senhor foi sepultado, no mesmo instante em que pisou naquele lugar sagrado caiu no chão com a vela na mão, como se tivesse morrido de dor. E então ela se levantou com grandes lágrimas e soluços, como se tivesse visto Nosso Senhor sepultado diante dela. Então a criatura pensou que viu Nossa Senhora em sua alma, como ela lamentou e como ela chorou pela morte de seu filho, e naquele momento a dor de Nossa Senhora era a sua dor.

E assim, onde quer que os frades a levassem naquele lugar santo, ela sempre chorava e soluçava espantosamente, e de uma maneira muito especial, quando chegou ao lugar onde Nosso Senhor foi pregado na cruz. Lá ela gritou e chorou sem contenção, e não conseguiu se controlar. Aproximou-se também da pedra de mármore onde foi colocado Nosso Senhor ao descê-lo da cruz, e ali chorou com grande piedade, lembrando-se da Paixão de Nosso Senhor.

Depois disso, ela comungou no Monte Calvário, e então chorou, soluçou e gritou tão alto que foi incrível ouvi-la. Estava plena de tantos pensamentos e sagradas meditações, e santas contemplações sobre a Paixão de Nosso Senhor Jesus Cristo, e sagradas conversas em que Nosso Senhor falava com a sua alma, que depois nunca soube explicá-las, quão altas e sagradas eram. Grande foi a graça que Nosso Senhor mostrou a esta criatura durante as três semanas que permaneceu em Jerusalém.

Outro dia, ao amanhecer, visitaram novamente as grandes colinas. E seus guias contaram onde Nosso Senhor carregou a cruz em seus ombros, e onde sua mãe se encontrou com ele, e como ela desmaiou, e como ela caiu no chão e ele caiu também. E assim caminharam a manhã toda até chegarem ao Monte Sião, e todo o tempo esta criatura chorou abundantemente de tristeza pela Paixão de Nosso Senhor. O monte Sião é um lugar onde Nosso Senhor lavou os pés de seus discípulos, e bem perto dali celebrou com eles a Última Ceia. E por isso mesmo esta criatura teve um grande desejo de comungar naquele lugar santo onde nosso misericordioso Senhor Jesus Cristo primeiro consagrou seu precioso corpo sob a forma do pão e o deu aos seus discípulos. E assim experimentou uma grande devoção, com muitas lágrimas e suspiros violentos, porque neste lugar há uma plena remissão dos pecados.

Este também é o caso em quatro outros lugares do Templo. Um é o Monte Calvário; outro o túmulo onde Nosso Senhor foi sepultado; o terceiro é a pedra de mármore onde seu precioso corpo foi colocado quando foi descido da cruz; o quarto é onde a cruz foi enterrada; e em muitos outros lugares de Jerusalém.

E quando esta criatura chegou ao lugar onde os apóstolos receberam o Espírito Santo, Nosso Senhor lhe deu grande devoção. Então ela foi ao lugar onde Nossa Senhora foi sepultada,

e durante o tempo que ela permaneceu ajoelhada enquanto ouvia duas missas, Nosso Senhor Jesus Cristo disse-lhe:

– Filha, tu não vens aqui por nenhuma necessidade a não ser por mérito e recompensa, pois teus pecados foram perdoados antes que viésseis aqui, e por isso vens aqui para aumentar tua recompensa e teu mérito. E estou filha, muito satisfeito contigo, pois obedeces à Santa Igreja, obedeces a teu confessor e segue o seu conselho, que, pela autoridade que lhe foi conferida pela Santa Igreja, absolveu-te e te dispensou dos teus pecados, para que não precises ir a Roma ou a Santiago de Compostela, ainda que quisesses. Apesar de tudo, eu te ordeno filha, em nome de Jesus, que vá visitar esses lugares santos e faça o que eu te ordeno, porque eu estou acima da santa Igreja, e eu irei contigo e te manterei segura.

Então Nossa Senhora falou à sua alma da seguinte maneira, dizendo:

– Filha, muito bendita seja, pois meu filho Jesus infundirá tanta graça em você que o mundo inteiro ficará maravilhado. Não se envergonhe minha querida filha, de receber os presentes que meu filho lhe concederá, porque em verdade lhe digo que os que ele lhe der serão grandes presentes. E por isso, querida filha, não se envergonhe de quem é o seu Deus, o seu Senhor e o seu amor, mais do que me envergonhei quando o vi pendurado na cruz, meu doce filho Jesus, para gritar e chorar pelo sofrimento de meu querido filho, Jesus Cristo, Maria Madalena não teve vergonha de chorar e gritar pelo amor do meu filho. Assim, filha, se vai participar de nossa alegria, deve também participar de nossa dor.

Tal foi a doce conversa que esta criatura manteve no túmulo de Nossa Senhora, e muito mais coisas do que ela jamais poderia repetir.

Mais tarde viajou de jumento para Belém e, quando foi à igreja e à manjedoura onde nasceu Nosso Senhor, teve grande devoção, muitas conversas em sua alma, e grande consolação espiritual, com muito choro e soluços, a ponto de que seus companheiros peregrinos não a deixaram comer com eles. E dessa maneira comia sozinha.

E então os frades franciscanos que a tinham guiado de lugar em lugar a levaram para dentro do convento e a sentaram com eles durante as refeições para que ela não comesse sozinha. E um dos frades perguntou a um de seu grupo se aquela era a inglesa a qual eles tinham ouvido dizer que falava com Deus. E quando isso chegou ao seu conhecimento, ela sabia que o que Nosso Senhor havia lhe dito antes de deixar a Inglaterra era verdade:

– Filha, eu farei o mundo inteiro se maravilhar com você, e muitos homens e mulheres falarão de mim por amor a ti e me honrarão em você.

CAPÍTULO 30

Em outra ocasião, os companheiros dessa criatura queriam ir ao rio Jordão e não permitiram que ela fosse com eles. Então esta criatura implorou ao Nosso Senhor para acompanhá-los, quisessem eles ou não. E assim pôs-se em marcha pela graça de Deus e sem pedir permissão. Quando chegou ao rio Jordão estava tão quente que ela pensou que seus pés iriam queimar com o calor.

Assim foi com os seus companheiros peregrinos ao Monte Quarentena[178], onde o Nosso Senhor jejuou durante quarenta dias. Ela pediu aos companheiros que a ajudassem a subir a montanha, e eles responderam "não", porque só podiam valer-se de si mesmos para subir. Logo ela ficou muito triste porque não podia subir a montanha. E naquele exato momento aconteceu que um muçulmano, um homem bonito, se aproximou dela; e ela colocou uma moeda de prata na mão dele, chamando-o para levá-la até a montanha. E rapidamente o sarraceno a tomou nos braços e a carregou até o topo da montanha onde Nosso Senhor jejuou por quarenta dias. Em seguida, ela sentiu uma grande sede e não obteve a compaixão de seus companheiros peregrinos, embora então Deus, por sua alta bondade, tenha movido os franciscanos à compaixão, e eles a consolaram enquanto seus compatriotas não queriam reconhecê-la.

E desta maneira se encontrava cada vez mais fortalecida no amor de Nosso Senhor e mais decidida a padecer vergonha e insultos por sua causa em qualquer lugar que fosse, devido à graça que Deus operava em seus prantos, suspiros e gritos, sem que pudesse saber quando Deus a enviaria. E sempre demostrou que seus sentimentos eram verdadeiros e que as promessas que Deus lhe fez enquanto esteve na Inglaterra e também em outros lugares se cumpriram nela segundo os havia percebido antes e, portanto, ousou receber melhor tais discursos e conversas e, consequentemente, depois disso, a agir de forma mais decisiva.

Mais tarde, quando esta criatura desceu do monte, quando Deus quis, foi ao lugar onde nasceu João Batista. E mais tarde foi a Betânia, onde viveram Maria e Marta, e onde se encontrava a tumba onde Lázaro foi sepultado e ressuscitado da morte para a vida. E ele visitou a capela onde nosso bendito Senhor apareceu a sua bem-aventurada mãe antes de todos na manhã de domingo de Páscoa. E ela esteva no mesmo lugar onde Maria Madalena estava quando Cristo lhe disse:

– Maria, por que choras?

[178] Perto de Jericó, onde Jesus teria jejuado quarenta dias e quarenta noites e fora tentado pelo demônio.

Na verdade, ela esteve em muito mais lugares do que os que aparecem escritos aqui, porque ficou três semanas em Jerusalém e em lugares próximos. E ela sempre sentiu uma grande devoção enquanto estava naquela terra.

E os frades da Igreja do Santo Sepulcro a acolheram devidamente e lhe deram muitas relíquias importantes, desejando que ela ficasse com eles se quisesse, pois confiavam nela. O sarraceno também fez muito por ela, e a levou e a acompanhou pelo país por onde ela quisesse ir. E ela percebeu que todas as pessoas eram boas e gentis com ela, exceto seus próprios compatriotas.

E quando ela viajou de Jerusalém para Ramlah[179], quis retornar a Jerusalém novamente, por causa da grande graça e conforto espiritual que ela sentiu enquanto estava lá, e para alcançar mais perdão para ela mesma. E então Nosso Senhor ordenou que fosse a Roma e depois a sua casa na Inglaterra e lhe disse:

- Filha, já que muitas vezes você diz ou pensa "adorados sejam todos aqueles lugares santos de Jerusalém onde Cristo sofreu amarga dor e paixão", você obterá o mesmo perdão que se estivesse lá corporalmente, para você e para todos aqueles aos quais desejar conceder.

E enquanto viajavam para Veneza, muitos de seus companheiros sentiram-se muito mal, e o tempo todo Nosso Senhor lhe dizia:

- Não tema, filha, nada morrerá no barco no qual te encontres.

E descobriu que seus sentimentos eram completamente verdadeiros. E quando novamente Nosso Senhor os levou todos em segurança para Veneza, seus compatriotas a abandonaram e foram embora, deixando-a sozinha. E alguns deles disseram que não iriam com ela nem por cem libras.

Quando eles se afastaram dela, então Nosso Senhor Jesus Cristo, que sempre ajuda na necessidade e nunca esquece o servo que confia verdadeiramente na sua misericórdia, disse a esta criatura:

– Não tenha medo, filha, eu cuidarei de você com o devido cuidado, e vou levá-la em segurança para Roma e para casa na Inglaterra novamente sem nenhum infortúnio para seu corpo se você usar vestidos brancos e usá-los como eu lhe disse quando você estiver na Inglaterra.

Então esta criatura, sentindo-se muito infeliz e com dúvidas, respondeu em sua mente:

– Se vós sois o espírito de Deus que habita em minha alma e eu puder provar que você é um verdadeiro espírito através do conselho da Igreja, obedecerei à sua vontade; e se você me

[179] Perto de Jafa.

levar em segurança para Roma, por seu amor eu usarei branco, mesmo que isso assombre a todos.

– Continue filha, em nome de Jesus, porque eu sou o espírito de Deus, vou ajudá-la em todas as suas necessidades, vou com você e vou apoiá-la em todos os lugares e, portanto, não desconfie de mim. Nunca te enganarei, nem jamais te incitarei a fazer qualquer coisa que não seja para adorar a Deus e para o benefício de sua alma, se obedecer; e eu te infundirei com grande abundância de graça.

Nesse momento, ao olhar para o lado, viu um pobre homem sentado ali, que tinha uma protuberância enorme nas costas. Suas roupas estavam todas remendadas e ele parecia estar na casa dos cinquenta. Ela então se aproximou dele e disse:

– Bom homem! O que aconteceu com suas costas?

– Senhora, foi fraturada devido a uma doença – respondeu ele.

Ela perguntou qual era o nome dele e de onde ele era. Ele disse que seu nome era Richard e que era irlandês. Então ela pensou nas palavras do seu confessor, um santo eremita, como já foi escrito antes, que quando estava na Inglaterra falou com ela assim:

– Filha, quando seus próprios companheiros te abandonarem, Deus te dará um homem com a coluna quebrada que te acompanhará aonde quer que você vá.

– Bom Richard, leve-me para Roma, e você será recompensado por seu trabalho - disse ela então alegremente.

– Não, senhora – disse ele. – Sei muito bem que seus compatriotas a abandonaram e, portanto, seria muito difícil para eu acompanhá-la. Eles têm arcos e flechas com os quais podem defender a você e a si mesmos, e eu não tenho outras armas que não um manto remendado. E, além disso, temo que meus inimigos me roubem e possam levá-la para longe de mim e violá-la e, portanto, não ouso ir com você, pois não quero, nem por cem libras, que você sofra qualquer infortúnio enquanto estiver comigo.

– Richard, – ela respondeu imediatamente – não tenha medo. Deus cuidará bem de nós, e eu lhe darei dois nobres pelas moléstias. Então ele deu seu consentimento e saiu com ela. Pouco depois chegaram dois franciscanos e uma mulher que veio com eles de Jerusalém e ela trazia um jumento que trazia um baú contendo uma imagem de Nosso Senhor. E então Richard disse a esta criatura:

– Você continuará com estes dois homens e esta mulher, e eu me juntarei a você de manhã e à noite, já que devo cuidar de minha ocupação e mendigar para viver.

E assim ela seguiu seu conselho e partiu com os frades e a mulher. E nenhum deles compreendia a sua língua e, no entanto, cuidavam da sua comida, bebida e alojamento todos os

dias como se fosse deles, e melhor ainda, de modo que ela era obrigada a rezar sempre por eles. E todas as noites e manhãs o corcunda Richard vinha e a confortava como prometido. E a mulher que carregava a imagem no baú, quando chegaram às grandes cidades, tirou a imagem do baú e a colocava no o colo das mulheres respeitáveis. E então vestiram a imagem com blusas e a beijaram como se fosse o próprio Deus. E quando a criatura viu a adoração e reverência que dispensavam à imagem, terna devoção e ternas meditações apoderaram-se dela, a ponto de chorar com grandes gemidos e altos gritos. E ficou muito mais comovida porque, enquanto estava na Inglaterra, fez profundas meditações sobre o nascimento e a infância de Cristo e deu graças a Deus porque viu que todas essas criaturas tinham grande fé na mesma coisa que ela viu com seus olhos corpóreos como ela havia visto anteriormente com seus olhos espirituais.

Quando essas boas mulheres viram essa criatura chorando, gemendo e gritando tão surpreendente e poderosamente que ela estava prestes a ser desfalecer por isto, elas fizeram uma boa cama macia e a colocaram nela, e tanto quanto puderam elas a confortaram por amor ao Nosso Senhor. Bendito seja!

CAPÍTULO 31

A dita criatura possuía um anel que Nosso Senhor havia ordenado que usasse quando se encontrava em casa na Inglaterra e no qual tinha gravado *Jesus est amor meus.*[180] Havia pensado muito acerca de como deveria guardá-lo para que fosse roubado em suas viagens, pois achava que não deveria perder o anel nem que fosse por mais de mil libras, pois o havia feito por ordem divina e também o levava por seu mandato, visto que, anteriormente, antes de receber a revelação, havia decidido por jamais usar um anel.

E aconteceu que se encontrava alojada na casa de um bom homem e muitos vizinhos vieram para lhe dar as boas-vindas por sua perfeição e por sua santidade e ela lhes contou o quanto media a tumba de Cristo, o que escutaram de maneira muito amável, experimentando muita alegria e a agradecendo bastante. Depois esta criatura se retirou a seus aposentos e deixou seu anel amarrado aos cordões da bolsa que levava no peito. Na manhã seguinte, quando foi colocá-lo, não conseguiu encontrar. Então se sentiu terrivelmente desgraçada e se queixou dessa forma à boa proprietária da casa:

– Senhora, meu bom anel de bodas com Jesus Cristo, como se poderia dizer, desapareceu.

---

[180] "Jesus é o meu amor."

A boa dona da casa, entendendo o que ela queria dizer, pediu-lhe que rogasse por ela e sua face e expressão mudaram de maneira estranha como se fosse culpada. Logo esta criatura tomou uma vela em sua mão e olhou tudo sobre a cama onde havia passado a noite e a boa proprietária também pegou uma vela em sua mão e procurou ao redor de sua cama. E finalmente foi ela quem encontrou o anel no assoalho embaixo da cama e com grande alegria disse a boa senhora da casa que havia encontrado seu anel. Então, a dona da casa, humildemente pediu perdão a esta criatura e lhe disse: "*Bone Christian, prey pur me*!"[181].

Depois esta criatura chegou a Assis e ali se encontrou com um frade franciscano, um inglês, que era considerado um clérigo devoto. Ela lhe contou sua maneira de viver, suas sensações, revelações e a graça que Deus infundia em sua alma mediante as santas inspirações e as altas contemplações e como Nosso Senhor, por assim dizer, falava com sua alma. Logo, o honorável clérigo lhe disse que ela tinha uma grande dúvida com Deus, pois, disse ele, nunca havia conhecido nenhum mortal que tivesse semelhante familiaridade com Deus, através do amor e da conversação íntima que ela tinha, graças a Deus por seus dons, pois é sua bondade e não mérito dos homens.

Em certa ocasião, quando esta criatura se encontrava na igreja de Assis onde se expunha o véu de Nossa Senhora[182], o que usava aqui na terra, rodeado de numerosas velas e muita reverência, esta criatura deu mostras de grande devoção. Chorou, suspirou, gritou, com lágrimas abundantes e muitos pensamentos santos. Também esteve ali no dia de Lammas[183], quando se concedia um perdão geral mediante a indulgência plena[184] para se alcançar graças, misericórdia e perdão para ela mesma, para todos os seus inimigos e para todas as almas do purgatório.

E estava ali uma senhora que havia vindo a Roma para alcançar seu perdão. Seu nome era Margaret Florentine e a acompanhavam muitos Cavaleiros de Rodes[185], muitas damas e uma rica bagagem. Então Richard, o corcunda, foi até ela e perguntou se a criatura e ele poderiam acompanhá-la até Roma, com a intenção de se manterem seguros contra os assaltantes. E logo a distinta senhora os recebeu em seu séquito e permitiu que fossem com ela até Roma, como Deus o quis. Quando esta criatura chegou a Roma, os peregrinos que haviam sido seus

[181] "Boa cristã, rogai por mim!"
[182] O véu de Nossa Senhora que se encontra conservado na Igreja de São Francisco de Assis.
[183] Festa de origem pagã que celebrava o final da colheita de cereais e tinha lugar no dia 1 ou 2 de agosto.
[184] A *Portiuncula Indulgente*, dada ao próprio São Francisco pelo Papa Honório III, que concedia a remissão plena dos pecados de quem estivesse na capela da Porciúncula no dia de Lammas.
[185] Cavaleiros Hospitalários, ordem fundada em c. 1048 para os peregrinos de Jerusalém.

companheiros e a deixaram se encontravam também em Roma e ao saber que esta mulher havia chegado ficaram muito surpresos de como chegara segura até ali.

E logo ela foi e conseguiu roupas brancas para ela e se vestiu completamente assim, segundo lhe havia sido ordenado anos antes em sua alma mediante revelação e agora efetivamente se cumpria.

Depois esta criatura foi recebida no Hospital de São Tomás de Canterbury de Roma[186] e ali comungava todos os domingos com grandes prantos, violentos suspiros e fortes gritos e era muito amada pelo superior do hospital e todos os seus irmãos.

E então, por inspiração de seu inimigo espiritual, chegou um sacerdote que era considerado um homem santo no hospital e também em outras partes de Roma e que era um de seus compatriotas. E, apesar de toda a sua santidade, falou tão mal desta criatura e a difamou de tal maneira seu nome no hospital que, devido a sua língua maligna, ela foi expulsa do lugar, de modo que nunca mais pôde conseguir o perdão nem comungar ali.

CAPÍTULO 32

Quando esta criatura viu que havia sido abandonada e expulsa daquele grupo de bons homens, sentiu-se muito desgraçada, principalmente porque não tinha confessor e assim não podia se confessar como desejava. Logo, com grande abundância de lágrimas, pediu a Nosso Senhor por sua misericórdia que dispusesse dela como Ele desejasse. E mais tarde chamou Richard, o corcunda, pedindo-lhe que fosse à Igreja que se localizava em frente ao Hospital e informasse ao pároco da igreja sobre sua conduta e da dor que tinha e da maneira que chorava por não poder se confessar nem comungar, e da compunção e contrição que sentia por seus pecados.

Então Richard se apresentou para o pároco e lhe falou sobre esta criatura e de como Nosso Senhor lhe concedeu contrição e compunção com grande abundância de lágrimas e de como queria comungar todos os domingos se pudesse e de como carecia de um sacerdote para se confessar. E logo o pároco, ao saber de sua contrição e compunção se alegrou muito e ordenou que viesse até ele em nome de Jesus e recitasse o *Confiteor* para que assim ele lhe desse a comunhão, pois não sabia falar inglês.

Logo Nosso Senhor enviou a São João Evangelista para que escutasse sua confissão e ela disse "*Benedicite*" e ele respondeu verdadeiramente em sua alma "*Dominus*" de maneira

[186] Uma pousada para os peregrinos ingleses que começou a funcionar 1362 na Via di Monserrato, hoje sede da English College em Roma.

que ela o viu e o ouviu em seu conhecimento espiritual igual ao que havia feito com outro sacerdote através dos seus sentidos corporais. Logo, com muitas lágrimas de tristeza, ela lhe confessou todos os seus pecados e toda a sua desgraça e ele a escutou humilde e amavelmente. E depois lhe deu a penitência que devia cumprir por seu pecado e a absolveu de seus pecados com doces e humildes palavras a exortando a confiar na misericórdia de Nosso Senhor Jesus Cristo e lhe pedindo que recebesse a comunhão em nome de Jesus. E depois se afastou dela.

Quando ele desapareceu, ela orou com todo o seu coração todo o tempo, enquanto ouvia a missa:

– Senhor, com a mesma certeza de que vós não estais aborrecido comigo, garanta-me um poço de lágrimas, em meio do qual eu possa receber o vosso precioso corpo com todos os tipos de lágrimas de devoção para adorar-vos e para aumentar meu mérito, pois vós sois minha alegria, Senhor, minha felicidade, meu conforto e todo o tesouro que possuo neste mundo, pois não desejo nenhuma alegria mundana e sim unicamente a vós. E por isso, meu querido Senhor e meu Deus, não me abandoneis.

Logo Nosso Bendito Senhor Jesus Cristo respondeu a sua alma e disse:

– Minha querida filha, juro por minha alta majestade que jamais te abandonarei. E filha quanto maior é a desonra, o desprezo e os insultos que padeces pelo meu amor, mais te amo, pois me comporto da mesma maneira que um homem que ama muito a sua esposa, quanto mais outros homens a invejem, mais ele a adornará para irritá-los. E desta maneira, filha, comportar-me-ei contigo. Em tudo o que faças, filha, ou digas, não podes agradar melhor a Deus que crendo que ele te ama; pois se pudesse chorar contigo, assim o faria, filha, pela compaixão que lhe tenho. Tempo virá em que tu mesma te considerarás muito satisfeita, pois se cumprirá em ti o provérbio dos homens: “Bem-aventurado é verdadeiramente aquele que pode estar sentado em seu assento de felicidade e falar de sua desgraça passada”. “E assim farás tu, e todo o teu pranto e dor se transformarão em alegria e felicidade que nunca te faltará.”

CAPÍTULO 33

Em outra ocasião, enquanto esta criatura se encontrava em frente ao altar na Igreja de São João de Latrão ouvindo a missa, pensou que o sacerdote a celebrava parecia ser um homem bom e devoto. Estava muito decidida a falar com ele. Logo pediu a seu corcunda que fosse falar com o sacerdote e lhe pedisse para falar com ela. O sacerdote não sabia inglês e não entendia o que ela dizia e ela não conhecia outra língua que não fosse o inglês, e por isso se serviram de um intérprete para falar, um homem que contava a cada um deles o que o outro falava.

Logo ela suplicou ao sacerdote, em nome de Jesus, que rezasse à Santíssima Trindade, a Nossa Senhora e a todos os benditos santos do céu, suplicando também a outras pessoas que amavam a Nosso Senhor que pedissem por ele para que alcançasse o dom de entender seu discurso sobre aqueles assuntos que, através da graça de Deus, ela lhe contaria.

O sacerdote era uma boa pessoa, alemão de nascimento, um bom clérigo e uma pessoa instruída, muito querido, muito apreciado e considerado em Roma, além de ostentar um dos mais altos postos que um sacerdote poderia alcançar em Roma. Com o desejo de agradar a Deus, seguiu o conselho desta criatura e pediu a Deus todos os dias, tão devoto que era para conseguir o dom de entender o que ela dizia e também fez com que outros enamorados de Deus rezassem por ele. Eles rezaram assim durante treze dias. E passados todos esses dias, o sacerdote regressou a esta criatura para comprovar o efeito de suas orações e naquela ocasião ele pôde compreender o que ela lhe dizia em inglês e ela compreendia o que ele dizia. E, no entanto, ele não compreendia o inglês que outras pessoas falavam, mesmo que empregassem as mesmas palavras que ela, ele não as entendia, a menos que saísse da boca da dita criatura.

Logo ela se confessou de todos os seus pecados com este sacerdote, com tanta precisão quanto sua memória permitia, desde sua infância até este momento, e recebeu sua penitência. E logo lhe falou sobre temas secretos das revelações e altas contemplações e de como tinha tal ideia de sua paixão e tão grande lástima quando Deus as concedia que desmaiava por causa delas e não podia suportá-las. Depois chorou amargamente, suspirou violentamente e gritou tão forte e terrivelmente que as pessoas logo tiveram medo e ficaram grandemente surpresas, pensando que ela havia sido perturbada por algum espírito maligno ou enfermidade repentina, ou talvez alguma fraude ou hipocrisia, algo inventado por ela para enganar a si mesma.

O sacerdote estava muito convencido que a aquilo tudo era obra de Deus e quando tinha dúvidas, Nosso Senhor lhe enviava através desta criatura tais provas de sua própria má conduta e de seu modo de vida, que somente Deus e ele conhecia, pois assim ele sabia perfeitamente que os sentimentos dela eram verdadeiros.

E assim, o sacerdote a recebeu reverente e humildemente, como se tratasse de sua mãe e de sua irmã e disse que a defenderia de seus inimigos. E assim o fez enquanto ela permaneceu em Roma e suportou muito burburinho e muitas tribulações. E também renunciou ao seu cargo, pois desejava apoiá-la em seus soluços e em seus gritos quando todos os seus compatriotas a abandonassem; pois eles foram sempre seus piores inimigos e a causaram grandes desgraças em todos os lugares nos quais estiveram, devido a ao fato de que não quisessem que ela suspirasse e gritasse. E ela não podia de forma alguma escolher tais ações, mas eles não acreditavam nisso. Estiveram sempre contra ela e contra o bom homem que a apoiava.

Logo este bom homem, ao ver que esta mulher suspirava e gritava tão assustadoramente, especialmente aos domingos quando ia comungar entre toda a gente, decidiu provar se isso era mesmo um dom de Deus como ela dizia ou talvez uma simulação hipócrita, segundo as pessoas afirmavam. Então, em outro domingo ele a levou sozinha a outra igreja, depois que acabou a missa e todos haviam se retirado para suas casas sem que ninguém o soubesse a não ser o clérigo. E quando estava a ponto de lhe dar a comunhão, ela chorou tão copiosamente e suspirou e gritou com tal força que ele mesmo ficou surpreso, pois segundo lhe parecia ela jamais havia gritado tão estrondosamente. E logo ele acreditou que tudo era obra do Espírito Santo e não fingimento ou hipocrisia dela mesma. E depois disso ele não se envergonhou de ficar ao lado dela e falar contra quem quer que queira difamá-la e falar mal dela, até ser difamado pelos inimigos da virtude quase tanto quanto ela e lhe agradava muito padecer tribulações por causa de Deus. Muitas pessoas em Roma inclinadas à virtude passaram a o amar mais ainda e a ela também, e com frequência a convidavam a comer e era convenientemente recebida, pedindo-lhe que rezasse por eles.

Seus compatriotas continuavam inflexíveis com ela, especialmente um sacerdote que se encontrava entre eles. Ele incitava a todos contra ela e dizia dela muitas maldades, porque vestia mais roupas brancas do que outros que eram muito mais santos e melhores do que ela jamais havia sido segundo acreditava. A causa de sua era malevolência era o fato de que ela não o obedecia. E ela sabia também que ia contra a saúde de sua alma obedecer como ele queria que ela fizesse.

CAPÍTULO 34

Então o bom homem, o sacerdote alemão que a confessava, por conta da campanha do sacerdote inglês que era seu inimigo, perguntou-lhe se ela o obedeceria ou não.

– Sim, senhor – disse ela.

– Então, fará o que eu lhe mandar fazer?

– De muita boa vontade, senhor.

– Neste caso, peço-te que deixes tuas roupas brancas e te vistas outra vez com roupas escuras.

E ela fez o que ele havia ordenado e logo sentiu que agradava a Deus com sua obediência. Mas logo sofreu muito despreza pelas mulheres de Roma. Perguntavam-na se os ladrões a haviam assaltado e ela dizia:

– Não, senhora.

Depois quando seguiu em peregrinação encontrou o sacerdote que era seu inimigo e ele se regozijou muito de que havia sido apartada de seu propósito e ele lhe disse:

– Me alegro que se vista de preto de novo como antes era acostumada.

– Senhor, – ela respondeu – Nosso Senhor não se aborreceria se eu me vestisse de branco, como ele quer que eu faça.

– Agora também sei – replicou ele – que o demônio está dentro de ti, pois o ouvi falar através de ti.

– Ah, bom senhor, peço-lhes que o separe de mim, pois Deus sabe que eu ficaria muito contente de agir bem e de agradá-lo se pudesse.

E logo ele se aborreceu e lhe dirigiu muitos insultos.

– Senhor, – ela lhe disse –, espero não ter o demônio dentro de mim, pois se assim fosse estaria furiosa contigo, como sabes. E, senhor, não creio que me aborreça totalmente contigo por qualquer coisa que me faça.

E imediatamente o sacerdote se afastou dela com uma expressão muito sombria. Logo, Nosso Senhor falou com esta criatura em sua alma e lhe disse:

– Filha, não tenha medo do que ele te diga, pois, apesar de ele ir todos os anos a Jerusalém, não tenho nenhuma simpatia por ele, assim, quando ele fala contra ti, fala contra mim, pois eu estou em ti e você está em mim. E por isto saiba que sofro muitos insultos, pois te digo com frequência que seria de novo crucificado em ti através dos insultos, visto que tu unicamente morrerás pelo sofrimento dos impropérios. E quanto a este sacerdote que é teu inimigo, é um hipócrita.

Logo o bom sacerdote, seu confessor, ordenou-lhe em virtude da obediência e também como parte de sua penitência que servisse em Roma a uma anciã, uma pobre criatura. E assim o fez durante seis semanas. Serviu a pobrezinha da mesma forma que faria se fosse Nossa Senhora. E não dispunha de cama para dormir nem de manta para se cobrir, apenas de seu próprio manto. E logo ela se encheu de parasitas pelo que sofria muita dor. Também carregava água para a casa e lenha sobre seus ombros para esta pobre mulher e mendigava víveres e vinho para ela e quando o vinho dessa mulher amargava, esta criatura o bebia e dava a pobre mulher o vinho de melhor qualidade que havia comprado para ela mesma.

CAPÍTULO 35

Quando esta criatura se encontrava na Igreja dos Apóstolos de Roma no dia de São João de Latrão[187], o Pai Celestial lhe disse:

– Filha, estou muito contente contigo, pois crês em todos os sacramentos da Santa Igreja e em tudo o que significa a fé e especialmente crês na da humanidade do meu filho e pela grande compaixão que tens pela sua amarga paixão.

Também o Pai disse a esta criatura:

– Filha, manter-te-ei desposada com minha Divindade, porque te mostrarei meus segredos e meus conselhos, pois viverás eternamente comigo.

Então esta criatura guardou silêncio em sua alma e não respondeu, pois sentia muitíssimo medo da Divindade; e ela desconhecia o diálogo com a Divindade, pois todo o seu amor e afeto estão postos na humanidade de Cristo, a qual conhecia perfeitamente e da qual não se separaria por nada.

Tinha tão grande sentimento pela humanidade de Cristo que, quando em Roma via mulheres que levavam bebês nos seus braços, se sabia que eram meninos, gritava, guinchava e chorava como se houvesse visto ao menino Jesus. E se dependesse dela, haveria arrebatado os meninos de seus braços e os haveria beijado como se tratasse do próprio Cristo. E se via um homem belo, sentia grande tristeza ao vê-lo, caso ela pudesse vê-Lo que era ao mesmo tempo Deus e homem. E, portanto, gritava muitas vezes e com frequência quando se encontrava com um homem belo e chorava e suspirava amargamente pela humanidade de Cristo enquanto vagava pelas ruas de Roma, de sorte que aqueles que a viam ficavam muito assombrados porque desconheciam o motivo dos seus arroubos.

Assim não foi surpreendente que não respondesse ao Pai Celestial, quando ele lhe disse que devia se casar com sua Divindade. Logo, a segunda pessoa, Jesus Cristo, cuja humanidade ela tanto amava, disse-lhe:

– Margery, filha, que respondes a estas palavras que lhe falou meu pai? Estás feliz de que seja assim?

E então ela não responderia a Segunda Pessoa, e sim chorou amargamente, desejando, entretanto, possuir a Ele e não separar-se Dele de nenhum modo.

Logo, a Segunda Pessoa da Trindade respondeu a seu Pai por ela e disse:

– Pai, desculpa-a, pois ela ainda é jovem e não aprendeu como deveria responder.

[187] Provavelmente no dia 9 de novembro.

E logo o Pai a tomou pela mão em sua alma diante do Filho e do Espírito Santo e da mãe de Jesus e dos doze apóstolos e de Santa Catarina e de Santa Margarida e de muitos outros santos e santas virgens, bem como de uma grande multidão de anjos, dizendo a sua alma:

– Margery, tomo a ti por minha esposa, no bem e no mal, na riqueza e na pobreza, sempre que sejas humilde e submissa para cumprir o que ordeno que faças. Porque, minha filha, nunca existiu um filho pequeno que seja tão carinhoso com sua mãe como serei contigo, seja na alegria ou na tristeza, para ajudar-te e para consolar-te. E, ademais, assim o te prometo verdadeiramente.

E logo a mãe de Deus e todos os santos que ali se encontravam presentes em sua alma oraram para que juntos tivessem muita alegria. Depois esta criatura com grande devoção, com muitas lágrimas, deu graças a Deus por este consolo espiritual, considerando-se a si mesma em seu próprio sentimento muito indigna de uma graça como a que sentia, pois experimentava grandes consolos tanto espirituais quanto corporais. Em certas ocasiões, percebia doces aromas em seu nariz; eram mais doces, pensava ela, do que qualquer outra coisa terrena havia sentido antes, nem jamais poderia explicar o quão doce eram, pois pensava que poderia viver neles se houvessem perdurado.

Às vezes, escutava com seus ouvidos corporais tais sons e melodias que, nesse momento, não podia ouvir nada que lhe dissesse qualquer pessoa por mais alto que falasse. Quando esse livro foi escrito, esta criatura havia escutado durante vinte anos estes sons e melodias quase todos os dias, e, sobretudo quando rezava com devoção, também muitas vezes quando esteve em Roma e na Inglaterra.

Com seus olhos corporais via muitas moscas brancas voando sobre ela por todos os lados, tão densas como partículas de pó à luz do sol; eram muito delicadas e reconfortantes e quanto mais brilhava o sol, melhor podia vê-las. Viu-as em muitos momentos e em muitos lugares diferentes, fosse na igreja, fosse em seu quarto, enquanto comia e enquanto orava, no campo e na cidade, caminhando ou sentada. E muitas vezes tinha medo do que pudesse ser, pois na escuridão da noite as via da mesma maneira que na luz do dia. Então quando tinha medo delas, Nosso Senhor lhe dizia:

– Por este sinal, filha, creia que é Deus quem fala em ti, pois onde quer que Deus esteja ali está o céu, e onde quer que Deus esteja, ali estão muitos anjos e Deus está em ti e tu estás n'Ele. E por isso, filha não tenha medo, pois isso indica que tens muitos anjos ao teu redor, para te proteger dia e noite de modo que nenhum demônio terá poder sobre ti nem nenhum malvado te fará mal.

A partir desse momento ela somente dizia quando as via chegar: "*Benedictus qui venit in nomine Domini*[188]".

Também, Nosso Senhor lhe enviou outro sinal que durou quase dezesseis anos e que aumentou cada vez mais e mais e que era uma chama do fogo do amor, maravilhosamente cálida e deliciosa, e muito confortável, que nunca diminuía e sim aumentava; pois mesmo que a temperatura nunca estivesse muito fria, ela sentia o calor ardente em seu coração, de maneira tão real como uma pessoa que sentisse o fogo material se colocasse sua mão nele. A primeira vez que ela sentiu a chama do amor ardendo em seu peito teve medo e então Nosso Senhor respondeu em seu espírito e disse:

– Filha, não temas, pois este calor é o calor do Espírito Santo, onde ardem todos os seus pecados, porque a chama do amor extingue todos os pecados. E compreenderás, mediante este sinal, que o Espírito Santo está em ti, está no Pai e onde se encontra o Pai, ali está p Filho e por isso tens a Santíssima Trindade completa em tua alma. Por isso tens grande motivo para me amar tanto e, todavia, terás maior motivo que nunca tiveste para me amar, pois ouvirás o que nunca ouviste e verás o que nunca viste e sentirás o que nunca sentiste.

"Pois, filha, tu estás tão segura do amor de Deus tanto quanto sabes que Deus é Deus. Tua alma está mais segura de teu próprio corpo, pois tua alma se separará de teu corpo, mas Deus nunca se separará de tua alma, pois estão unidos para sempre. Por isso, filha, tens mais motivo para ser feliz do que nenhuma outra senhora deste mundo; e se soubesses, filha, o tanto que me agradas quando de boa vontade permites que eu te fale, jamais obraria de outra maneira, pois esta é uma vida santa e o tempo estará perfeitamente empregado. Pois, filha, esta vida me agrada muito mais do que quando usas a cota de malha ou o cilício, ou quando jejuas a pão e água; pois se recitares mil *paternosters* por dia não me agradarias tanto como quando permaneces calada e me permites falar em tua alma.

CAPÍTULO 36

"O jejum, filha, é bom para os jovens principiantes, e a penitência razoável, especialmente a que o confessor lhes ordena que façam. E rezar muitas orações não podem fazer nada de melhor; sem dúvida, ainda não é perfeito. É, no entanto, um bom caminho para a perfeição. Pois te digo, filha, que aqueles que jejuam muito e fazem grande penitência desejariam que se considerasse a forma mais perfeita de vida; também aqueles que se dedicam

[188] "Bendito o que vem em nome do Senhor."

a praticar muitas devoções desejariam que a vida fosse mais perfeita e aqueles que dão esmolas muito generosas desejariam considerar que essa fosse a vida mais perfeita. E com frequência tenho te dito, filha, que a meditação, o pranto e alta contemplação são a vida mais perfeita da terra. Terás maior mérito no Céu por um ano de meditação do que por cem anos rezando pela sua boca e sem dúvida não crerás em mim, pois rezarás muitos rosários, eu queira ou não. Mesmo assim, filha, não me aborrecerei contigo se meditares, rezares ou falares, pois sempre estou satisfeito contigo.

"E se eu estivesse na terra corporalmente igual estive antes, morreria na cruz e não me envergonharia de ti, como acontece com outras pessoas, pois te conduziria pela mão entre elas e te saudaria calorosamente, de maneira que saberiam com certeza que te amo carinhosamente.

"Pois convém à esposa ter intimidades com o seu marido. Seja ele um grande senhor e ela uma mulher tão pobre ao casar-se com ela, eles devem dormir e descansar juntos com alegria e em paz. Exatamente assim deve ser entre nós, pois não levo em conta o que já foste e sim o que poderás ser. E frequentemente tenho lhe dito que já perdoei completamente todos os seus pecados. Assim, posso ter intimidade e deitar contigo em tua cama. Filha sei que desejas muitíssimo me ver, e podes, quando estiveres deitada em tua cama, acolher-me como seu legítimo esposo, como teu amante querido, e como teu doce filho, pois desejo ser amado como deveria um filho ser amado por sua mãe e quero que me ames, filha, como uma boa esposa deve amar seu marido. Por isso, pode tomar-me ousadamente nos braços de sua alma e beijar minha boca, minha cabeça e meus pés tão docemente quanto queiras.

"E com a mesma frequência com que pensas em mim ou farias qualquer boa obra por mim, terás recompensa igual no céu que o fizesses por meu próprio corpo preciso que está no céu, pois não te peço nada mais que o seu coração, que me ame como quem te ama, pois meu amor sempre estará à tua disposição."

Então ela deu graças e louvou ao Nosso Senhor Jesus Cristo pela alta graça e misericórdia que a ela, indigna miserável, ele mostrava.

Esta criatura recebia distintos sinais em seu ouvido corporal. Um era uma espécie de som como se um par de foles fosse soprado em sua orelha. Ela, consequentemente desconcertada, era advertida em sua alma para que não tivesse medo, pois era o som do Espírito Santo. E então, Nosso Senhor convertia aquele som no som de uma pomba e depois o convertia no cantar do pintarroxo, que geralmente cantava alegremente no seu ouvido direito. E logo, depois de escutar semelhante sinal, sempre tinha uma grande graça. Ela se serviria de semelhantes sinais durante quase vinte anos antes que esse livro fosse escrito.

Então, Nosso Senhor Jesus Cristo disse a esta criatura:

– Por estes sinais também podes saber que te amo, pois és uma verdadeira mãe para mim e para todo o mundo, pelo grande amor que há em ti e, sem dúvida, eu sou a causa deste amor e tu receberás uma grande recompensa no céu por isto.

CAPÍTULO 37

– Filha, você obedece à minha vontade e adere a mim tão rápido quanto a pele de bacalhau à mão do homem ao cozinhá-la, e não me negará por nenhuma ofensa que alguém possa infligir a você. E você também diz que mesmo que eu pessoalmente estivesse diante de você e lhe dissesse que você nunca teria meu amor, que você nunca iria para o céu, nem veria meu rosto, ainda assim, filha, você diz que nunca me negaria na terra, que você nunca me amaria menos, nem você deixaria de tentar me agradar, mesmo que tivesse que permanecer no inferno por toda a eternidade, porque você não pode ficar sem meu amor na terra ou ter outro consolo além de somente a mim, que sou seu Deus, e toda a sua alegria e toda a sua felicidade.

"Por isso lhe digo, amada filha, que é impossível que qualquer alma que tenha tanta humildade e amor para comigo seja condenada ou separada de mim. E por isso, filha, nunca tenha medo, porque todas as grandes promessas que prometi a você e a todos os seus, e a todos os seus confessores, sempre serão verdadeiras e realmente se cumprirão quando chegar a hora. Não duvide disso."

Outra vez, enquanto ela estava em Roma, um pouco antes do Natal[189], Nosso Senhor Jesus Cristo ordenou que fosse ao seu confessor, chamado Wenslawe, e pedisse sua permissão para vestir suas roupas brancas novamente, pois ele a fez deixar de usá-las, em virtude da obediência, como escrito anteriormente. E quando ela lhe disse a vontade de Nosso Senhor, ele não se atreveu a dizer "não" nenhuma vez. E dessa forma, depois, ela sempre se vestiria de branco.

Então Nosso Senhor ordenou que ela voltasse para casa novamente no Natal para os aposentos de seu anfitrião, onde havia ficado anteriormente. E então ela foi ver a pobre mulher a quem naquele tempo servia por ordem do seu confessor, como já foi escrito antes, e disse à pobre mulher como ela deveria deixá-la. Quando a viu, a pobre mulher ficou muito triste e lamentou muito sua partida. Esta criatura explicou-lhe que era a vontade de Deus que assim fosse, e então ela aceitou com mais facilidade.

[189] Provavelmente o Natal de 1414.

Mais tarde, enquanto esta criatura estava em Roma, Nosso Senhor ordenou que ela se desprendesse de todo o seu dinheiro e que se tornasse uma indigente em louvor ao seu amor. E imediatamente, com um desejo fervoroso de agradar a Deus, ela se livrou de todo o dinheiro que tinha, e também daquele que lhe foi emprestado pelo homem com a coluna quebrada que a acompanhava. Quando ele descobriu que ela havia se livrado do dinheiro dele, ficou muito chateado e falou muito duramente com ela. E então ela lhe disse:

– Richard, pela graça de Deus, vamos voltar para a Inglaterra em segurança. E você me encontrará em Bristol na semana de Pentecostes, e lá eu lhe pagarei bem e verdadeiramente, pela graça de Deus, pois confio plenamente que aquele que me ordenou a me livrar do dinheiro por seu amor me ajudará a pagar de volta a você.

E assim o fez.

CAPÍTULO 38

Depois que esta criatura se desfez de seu dinheiro e não tinha um único centavo para se manter, enquanto estava na igreja de São Marcelo em Roma, pensando e concentrando-se em onde poderia morar, já que não tinha dinheiro para seu sustento, Nosso Senhor respondeu ao seu espírito e disse:

– Filha, você ainda não é tão pobre quanto eu era quando fui pendurado nu na cruz por seu amor, pois você tem roupas e eu não tinha nenhuma. E você aconselhou outras pessoas a ser pobre por minha vontade e é por isso que você deve seguir seu próprio conselho. Mas não tenha medo, filha, porque o dinheiro virá para você, e eu prometi a você que nunca lhe abandonaria. Vou rogar a minha própria mãe para interceder por você, porque você orou muitas vezes por mim e também por ela. Assim, não tenha medo. Tenho amigos em todos os lugares e exortarei meus amigos a consolá-la.

Depois que Nosso Senhor acabou de falar assim tão docemente à sua alma, ela lhe agradeceu por sua grande consolação, confiando plenamente que aconteceria como ele disse. Então ela se levantou, saiu para a rua e lá encontrou um bom homem. Então, iniciaram uma conversa edificante e ela lhe repetiu muitos relatos exemplares e muitas reflexões santas até que Deus visitou ao homem com lágrimas de devoção e de arrependimento, de tal maneira que ele ficou muito confortado e consolado. E então ele lhe deu dinheiro, o que a aliviou e a consolou por algum tempo.

Logo, ela teve uma visão na qual Nossa Senhora, segundo ela pensou, estava sentada numa mesa com muitas pessoas dignas e pediu comida para ela. Neste momento, esta criatura pensou que nesta visão se cumpriam espiritualmente as palavras de Nosso Senhor, que pouco antes havia prometido a esta criatura que rogaria a sua mãe que intercedesse por ela.

E pouco tempo depois dessa visão se encontrou com uma senhora distinta, Dama Margaret Florentyne, a mesma que a trouxe de Assis para Roma, e que nenhuma das duas conseguia entender-se bem, salvo por meio de sinais e símbolos e umas poucas palavras. E logo a senhora lhe disse: "*Margerya in porverté*?[190]".

Ela, entendendo o que a dama quis dizer, respondeu: "*Yea, grand poverté, madame*"[191].

Então a senhora lhe ordenou que comesse com ela todos os domingos e se sentasse com ela na mesa acima dela mesa e se servir da comida com suas próprias mãos. Logo esta

[190] *"Margery, está na pobreza?"*
[191] *"Sim, senhora, estou em grande pobreza".*

criatura se sentou e chorou amargamente, dando graças a Nosso Senhor, pois por seu amor era encorajada e querida de tal modo por alguém que não entendia sua língua.

Quando terminavam de comer, a boa senhora lhe dava uma cesta de alimentos com os quais poderia fazer sua sopa, o suficiente para se alimentar dois dias e enchia sua garrafa com um bom vinho. E em certas ocasiões também lhe dava oito bolonhinos[192].

Naquela época, outro homem de Roma, chamado Marcello, pediu-lhe que comesse dois dias por semana em sua casa. Sua esposa estava nas vésperas de dar à luz e ela desejava muitíssimo que esta criatura fosse a madrinha de seu filho quando nascesse, mesmo que ela não permanecesse em Roma o tempo necessário.

E também havia uma senhora piedosa, solteira, que dava de comer a esta criatura nas terças. Outros dias, quando não tinha o que comer, mendigava de porta em porta.

CAPÍTULO 39

Em outra ocasião, ao chegar à casa de uma pobre mulher, esta lhe disse que entrasse e a fez sentar-se junto a sua pequena lareira, dando-lhe vinho para beber numa pequena taça de pedra. E parte do tempo ela dava de mamar a um bebê; em outros momentos, este bebê corria até a criatura, enquanto a mãe permanecia sentada cheia de dor e de tristeza. Então esta criatura começou a gritar pensando ter visto a Nossa Senhora e a seu filho no momento da Paixão dele, e teve pensamentos muito santos que nem a metade deles poderia jamais contar, mas sempre ficava sentada e chorava longamente, de tal modo que a pobre mulher, sentindo pena por seu pranto, pedia que ela parasse de chorar sem saber a razão para tantas lágrimas.

Então Nosso Senhor disse a esta criatura, “Este lugar é santo”. E logo ela se levantou e caminhou pelas ruas de Roma, vendo muita pobreza entre as pessoas. E então deu muitas graças a Deus pela pobreza na qual se encontrava, confiando que através disto seria companheira deles em mérito.

Naquela época vivia em Roma uma grande dama que rezava para que esta criatura fosse madrinha de sua filha, colocando-lhe o nome em homenagem a Santa Brígida da Suécia, pois se conheceram em vida[193]. E assim ela o fez. Depois, Deus lhe concedeu a graça de receber grande carinho em Roma, fosse entre os homens, fosse entre as mulheres, e grande favor entre toda a gente.

---

[192] Moeda corrente na Roma do século XV.
[193] Em 1349, Santa Brígida saiu da Suécia e morou em Roma até 1370, quando veio a falecer.

Quando o superior e os irmãos da hospedaria de São Tomás, onde anteriormente ela havia sido rechaçada, como anteriormente escrito, ouviram falar do carinho e do favor de que gozava na cidade a perguntaram se voltaria a ficar com eles de novo, e ela seria benvinda como nunca fora antes, pois lamentavam muito tê-la impedido de estar com eles. E ela lhes deu graças por sua compreensão e fez o que lhe pediam. Quando voltou para eles, receberam-na calorosamente e estavam muito contentes de que houvesse chegado.

Logo se encontrou ali com a jovem que anteriormente havia sido sua serva, e que por justiça ainda haveria de sê-lo, que vivia na hospedaria com grande riqueza e prosperidade, pois era ela que se ocupava do vinho. E algumas vezes, sem humilhar-se, esta criatura foi até ela para lhe pedir comida e bebida, e a donzela o fazia de boa vontade e às vezes também lhe dava um *groat*. Logo se queixou a sua serva e lhe disse que sentia grande pesar por ter se separado dela e que toda a gente a caluniava e falava mal dela devido a esta separação, mas a donzela nunca mais quis voltar a acompanhá-la outra vez.

Depois esta criatura falou com a antiga serva de Santa Brígida em Roma, mas não conseguia compreender o que ela dizia. Então, conheceu um homem que podia entender sua língua e este homem falou à criada de Santa Brígida o que esta criatura dizia e como lhe perguntava por Santa Brígida, sua senhora. Logo a criada disse que Santa Brígida, sua senhora, era agradável e amável com todo mundo e que mostrava um semblante sorridente. E também o bom homem em cuja casa ela estava alojada lhe disse que também a havia conhecido, mas que não sabia se tratar de mulher tão santa, pois se mostrava muito familiar e amável com quem desejasse falar com ela.

Visitou o quarto no qual havia morrido a Santa[194] e escutou ali um sermão de um sacerdote alemão falando dela, de suas revelações e de sua maneira de viver. Também se ajoelhou sobre a pedra na qual Nosso Senhor apareceu a Santa Brígida dizendo-lhe que neste dia morreria. E foi em das festividades de Santa Brígida, quando esta criatura esteve em sua capela, que anteriormente havia sido o quarto dela, o mesmo no qual morreu. Nosso Senhor enviou tais tormentas de vento e de água e distintas turbulências atmosféricas que aqueles que se encontravam no campo e trabalhando ao ar livre correram para se refugiar debaixo de seus tetos para evitarem danos e lesões. Mediante semelhantes sinais esta criatura supôs que Nosso Senhor desejava que a festa de sua santa devesse ser celebrada muito mais e melhor e a santa deveria receber mais culto que até então havia recebido.

[194] A Igreja de Santa Brígida na Praça Farnesio junto à casa da santa.

E algumas vezes, quando esta criatura tinha pensado em visitar as igrejas de Roma, Nosso Senhor lhe advertiu na noite anterior, enquanto descansava em sua cama, que não deveria se ausentar para muito longe de sua hospedaria, pois nesse dia enviaria fortes tormentas acompanhadas de raios e trovões. E, de fato, assim aconteceu. Naquele ano se produziram tais tormentas com trovões e relâmpagos, fortes chuvas e tempestades, que os mais velhos de Roma diziam que jamais haviam visto nada parecido; os relâmpagos eram tão constantes e brilhavam tão intensamente dentro de suas casas que realmente acreditavam que suas casas arderiam com tudo dentro.

Então eles pediram aos gritos a esta criatura que rezasse por eles, absolutamente convencidos de que ela era a serva de Deus Todo-Poderoso e que mediante suas rogativas seriam ajudados e socorridos. Quando fez sua súplica, pedindo misericórdia a Nosso Senhor, este respondeu em sua alma:

– Filha, não temas, pois nenhum temporal nem tormenta te causará danos, portanto, não desconfie de mim, pois nunca te enganarei.

E nosso misericordioso Senhor Jesus Cristo, segundo se lhe pediu, retirou as tormentas, protegendo a toda a gente de qualquer desgraça.

CAPÍTULO 40

Então, através da providência de nosso misericordioso Senhor Jesus Cristo, um sacerdote, um bom homem, chegou a Roma vindo da Inglaterra com outros companheiros, perguntando e indagando cuidadosamente sobre esta criatura, à qual nunca havia visto, nem ela a ele. Pois quando estava na Inglaterra havia ouvido falar de uma mulher que vivia em Roma, como a qual desejava muitíssimo conversar, se Deus lhe concedesse essa graça. Enquanto permaneceu em seu próprio país, pretendendo ver esta criatura, se com o consentimento de Deus pudesse chegar onde ela se encontrava, juntou dinheiro para ajudá-la caso ela precisasse. Desta maneira, perguntando, chegou até o lugar onde ela estava e muito humilde e afável a chamou de “mãe”, pedindo-lhe por caridade que o recebesse como filho. Ela lhe respondeu que ele era tão bem-vindo para Deus e para ela como a sua própria mãe.

Depois dessa santa conversação e troca de ideias teve segurança de que se tratava de um bom homem. E logo, descobrindo os segredos do seu coração, revelou-o a graça que Deus havia efetuado em sua alma através de sua sagrada inspiração e também parte de seu estilo de vida. Depois ele não permitiu que mendigasse o pão durante mais tempo de porta em porta, mas lhe pediu que comesse com ele e seus companheiros, a menos que homens e mulheres bons,

por caridade e consolo espiritual, convidassem-na para comer. Nesse momento ele desejava que ela aceitasse em nome de Nosso Senhor, de outra forma ela comeu todos os dias com ele e seus companheiros, e ele lhes deu dinheiro suficiente para que regressasse à Inglaterra. E assim se cumpriu o que Nosso Senhor havia lhes dito pouco tempo antes: "O dinheiro está chegando." E assim aconteceu. Graças a Deus Todo-Poderoso!

Neste momento, alguns de seus companheiros, com os quais havia ido a Jerusalém, aproximaram-se deste bom sacerdote que acabava de chegar a Roma e se queixaram dela dizendo que havia se confessado com um sacerdote que não entendia sua língua nem sua confissão. Depois este bom sacerdote, confiando nela como se fosse sua própria mãe e desejando a saúde de sua alma, perguntou-lhe se seu confessor entendeu ou não quando falou com ele.

– Bom filho, peço-te que a convide para comer contigo e com teus companheiros, e me permita estar presente e assim conhecerás a verdade.

Seu confessor foi convidado para jantar e chegado o momento se sentou com este bom sacerdote e com seu grupo, fazendo-se presente a dita criatura e o bom sacerdote inglês falava e conversava em sua própria língua, o inglês. O sacerdote alemão, um clérigo honrado segundo se escreveu antes, confessor desta criatura, encontrava-se sentado, abstraído numa espécie de melancolia, pois não entendia o que conversavam em inglês e sim somente o que diziam em latim. E eles faziam isso com o propósito, que ele desconhecia, de provar se entendia ou não o inglês.

Finalmente a dita criatura, vendo e compreendendo perfeitamente que seu confessor não entendia sua língua e que aquela situação resultava muito entediante para ele, em parte para animá-lo, e em parte, ou melhor, para demonstrar a obra de Deus, contou-lhe em sua própria língua, o inglês, uma passagem da Bíblia que havia aprendido através dos clérigos quando se encontrava na Inglaterra, pois não queria falar de nenhuma tolice ou fantasia. Então eles perguntaram a seu confessor se havia entendido o que ela havia dito e ele repetiu as palavras que ela havia dito em inglês em latim correto, visto que não sabia falar inglês e somente o compreendia na boca desta criatura. Maravilhados, tiveram que se render à evidência, pois se deram conta de que entendia o que ela dizia e ela entendia o que ele dizia; e apesar disso, ele não conseguia entender a mais ninguém em inglês. Portanto, bendito seja Deus que fez um estrangeiro a entender quando todos a haviam abandonado e não a haveriam confessado a menos que tivesse parado de chorar e de falar de temas sagrados.

E ela ainda não podia chorar exceto quando Deus a permitisse e com frequência ele a concedeu de tal maneira abundante que ela não podia resistir. Mas quanto mais tentava resistir

ou abandoná-lo, com mais força se produzia em sua alma tais pensamentos sagrados que não conseguia parar. Suspirava e gritava com tanta força, sempre contra sua vontade que muitos homens e mulheres se assombravam com ela.

CAPÍTULO 41

Às vezes, quando a dita criatura assistia aos sermões que os alemães e outros pregadores predicavam, nos quais ensinavam as leis de Deus, apoderou-se de seu coração uma dor e uma opressão repentinos fazendo com que se queixasse com expressões de tristeza por não ser capaz de entender o que estava acontecendo, desejando ser aliviada com alguma migalha do conhecimento espiritual de seu soberano no qual mais confiava e ao qual amava por completo, Jesus Cristo, cuja melodiosa voz o mais doce de todos os sabores, suave melodia em sua alma, dizia: "Eu pregarei para ti e eu mesmo te ensinarei, pois tua vontade e teu desejo são satisfações para mim."

Então sua alma foi tão deliciosamente alimentada com aquela doce conversação de Nosso Senhor e tão satisfeita ficou com seu amor que cambaleava de um lado para o outro como um bêbado, com grandes prantos e suspiros, incapaz de permanecer quieta devido ao inextinguível fogo do amor que ardia com força em sua alma. Logo, numerosas pessoas se assombraram ao vê-la, perguntando-lhe o que estava acontecendo, ao que ela, completamente ferida de amor e a quem havia falhado a razão, gritou com força: "A Paixão de Cristo está me matando!".

As boas mulheres, compadecidas de suas penas e atônitas frente a seus prantos e a seus gritos, amaram-na muito mais. E por isso, desejando animá-la depois de seu esforço espiritual, utilizando sinais e gestos, pois não entendiam sua língua, rogaram-lhe e de certa maneira lhe exigiram que fosse com elas a sua casa, decididas a não deixarem que ela as abandonasse.

Naquela época Nosso Senhor lhe enviou sua graça para que recebesse grande amor e grandes favores de numerosas pessoas em Roma, tanto dos religiosos como de outros homens. Certo religioso se aproximou daqueles seus compatriotas que a amavam e disse:

– Esta mulher semeou muitas boas sementes desde que chegou a Roma; quer dizer, dá bom exemplo às pessoas, através dos quais elas amam muito mais a Deus do que antes o faziam.

Em certa ocasião, esta criatura se encontrava em uma igreja de Roma onde estava sepultado o corpo de São Jerônimo, trasladado milagrosamente de Belém até aquele lugar e que agora é considerado um importante centro de culto, ao lado de onde se encontrava enterrado São Lourenço. São Jerônimo apareceu interiormente a esta criatura, dizendo a sua alma:

– Bendita seja, filha, pelo pranto que tens pelos pecados das pessoas, pois muitos se salvaram por ele. E filha, não temas, pois é um dom particular e especial que Deus te deu, um manancial de lágrimas, o qual nunca ninguém tirará de ti.

Com semelhante conversação ele reconfortava totalmente seu espírito. E, também, ele louvava e dava graças a Deus pela graça que operou em sua alma, pois se houvesse tido semelhantes conselhos espirituais, teria sido impossível para ela suportar as vergonhas e surpresas que sofreu, paciente e mansamente através da graça que Deus mostrava nela.

CAPÍTULO 42

Quando a Páscoa chegou e passou[195], e esta criatura e seus companheiros tentaram regressar a seu país de origem, disseram-lhes que todo o caminho estava repleto de ladrões que lhes tirariam seus bens e até suas vidas.

Então esta dita criatura, com muitas lágrimas amargas em seus olhos, orou a Nosso Senhor Jesus Cristo dizendo:

– Jesus Cristo, em quem está depositada toda a minha confiança, como anteriormente me prometeste que nenhum dos meus companheiros sofreria nenhum dano, e como nunca fui enganada nem frustrada como vossas promessas enquanto plena e fielmente confiei em vós, do mesmo modo escuta os pedidos de vossa indigna serva que confia totalmente em vossa misericórdia e outorga a mim e a meus companheiros que possamos regressar às nossas casas em nosso país na mesma condição na qual chegamos aqui, sem impedimentos para nossos corpos e bens – pois sobre nossas almas, Senhor, eles não tem poder sobre elas –, por vosso amor e não permitais jamais que nossos inimigos tenham nenhum poder sobre nós, Senhor, se vos agrada. Segundo queiras, assim será.

Depois, Nosso Senhor Jesus Cristo disse em sua mente:

– Não temas, filha, pois tu e todos os teus companheiros estarão tão seguros como se estivessem na Igreja de São Pedro.

Logo deu graças a Deus com todo o seu espírito e se sentiu suficientemente disposta para ir aonde Deus quisesse, e se despediu de seus amigos de Roma, especialmente de seu confessor, quem por amor de Nosso Senhor a havia consolado e socorrido com muita ternura contra as más atitudes de seus inimigos invejosos e com quem sua despedida resultou muito triste, segundo se manifestou nas lágrimas que correram por suas faces. Caindo de joelhos, ela

[195] Provavelmente a de 1415.

recebeu a graça de sua benção e dessa maneira se separaram os que a caridade havia convertido em um e através da qual confiavam voltar a reunirem-se, quando Nosso Senhor quisesse, em sua pátria comum, depois de passado esse maldito exílio mundano.

E assim ela e o grupo partiram em direção a Inglaterra, e quando haviam se distanciado um pouco de Roma, o bom sacerdote, o qual esta criatura havia recebido como filho, sobre o qual já se escrevera anteriormente, teve muito medo e se dirigiu desta maneira a ela:

– Mãe, tenho medo de que os inimigos me matem.

– Não, filho, – respondeu ela – tu avançarás sem problemas e viajarás seguro pela graça de Deus.

E ele ficou bastante consolado com estas palavras pois confiava enormemente em seus sentimentos, e durante a viagem ele a tratou tão carinhosamente, como se fosse seu filho, nascido de seu próprio corpo.

E desta maneira, chegaram a Middleburg[196] e depois seu grupo seguiu viagem para a Inglaterra no domingo. Então o bom sacerdote se aproximou dela dizendo:

– Mãe, irás ou não com seu grupo neste bom dia?

– Não, filho, – respondeu ela – não é vontade de Deus que eu parta desse lugar tão cedo.

E assim ela permaneceu com o bom sacerdote e outros do seu grupo até o sábado seguinte, embora muitos de seus companheiros tenham embarcado no domingo. Na sexta-feira seguinte, esta criatura foi ao campo para descansar, em companhia de seus próprios compatriotas os quais ela instruiu nas leis de Deus o melhor que ela pôde – e ela os repreendeu duramente pelas blasfêmias que eles pronunciavam e por não cumprirem os mandamentos do Senhor.

E enquanto ela estava conversando com eles, Nosso Senhor Jesus Cristo lhe ordenou que regressasse rapidamente a sua casa, a seu alojamento, pois se aproximava uma grande e perigosa tempestade. Então ela correu para casa com seus companheiros, e tão logo chegaram em casa no alojamento, a tempestade caiu, segundo ela havia tido conhecimento através da revelação. E muitas vezes, enquanto andava pelo campo, havia grandes clarões de raios com trovões assustadores, de tal forma que temia ser atingida e morrer, e muitas tempestades pesadas de chuva que lhe causaram grande medo e sofrimento.

[196] Zeeland na Holanda.

Então Nosso Senhor Jesus Cristo lhe disse, “Por que estás com medo se estou contigo? Eu tenho poder para mantê-la a salvo aqui no campo tanto quanto na mais segura igreja deste mundo”.

E depois daquela ocasião ela não teve mais tanto medo quanto tinha tido antes, pois ela sempre confiaria em sua misericórdia – bendito seja ele, que a confortava em todas as dores.

Depois disso, aconteceu de um inglês vir até esta criatura e pronunciou uma grande blasfêmia. Ela, escutando aquele absurdo, chorou, lamentou e sentiu um imenso sofrimento, sendo incapaz de conter seu pranto e seus lamentos vendo que seu irmão ofendia a Deus Nosso Senhor Todo-Poderoso e dava pouca importância a sua própria falta.

CAPÍTULO 43

No dia seguinte logo cedo, o bom sacerdote que era como um filho para esta criatura veio até ela e disse: “Mãe, boas notícias! Nós temos um bom vento, Deus seja louvado!”.

E logo ela deu graças a Deus e rezou a ele que pela sua misericórdia lhes concedeu bons ventos e que estes se prolongassem para que chegassem seguros em casa. E assim ele lhes escutou e ordenou em sua alma que eles deveriam seguir seu caminho em nome de Jesus.

Quando o sacerdote soube que ela iria partir de qualquer maneira, ele disse: “Mãe, não há nenhum barco apropriado, apenas um veleiro pequeno”.

– Filho, – respondeu ela – Deus tem igual poder seja num barco pequeno, seja num barco grande, assim viajarei no veleiro com a permissão de Deus.

E depois de subir no barco, o tempo ficou escuro e caíram grandes tormentas. Logo eles imploraram a Deus misericórdia e graça e logo parou a tempestade, e puderam desfrutar de bom tempo e navegaram toda a noite até a véspera do dia seguinte até chegarem à terra firme. E quando desembarcaram a dita criatura caiu de joelhos dando muitas graças a Deus que os havia conduzido em segura até sua casa.

Naquele momento a criatura não tinha nem um centavo na bolsa e nesta situação passou a se reunir com os outros peregrinos, os quais lhes deram oito pêni e meio porque, conversando com eles, ela havia lhes relatado muitas histórias sagradas. E logo ela experimentou muita alegria e energia, pois dispunha de algum dinheiro para realizar uma oferenda em louvor da Trindade em Norwich, como fizera antes de partir da Inglaterra.

E assim, quando lá chegou, fez uma oferenda e depois foi com seus companheiros visitar o vigário de Saint Stephen, Mestre Richard Caister, que ainda era vivo. Ele os acompanhou ao lugar onde iriam comer e lhes deu as boas-vindas. E disse a esta criatura:

– Margery, estou tão surpreso de que possas se sentir tão feliz depois de ter passado por tantos problemas e ter viajado para tão longe.

– Senhor, é porque tenho motivos para estar tão feliz e regozijar-me em Nosso Senhor, que me ajudou e socorreu, trazendo-me de volta em segurança para casa. Bendito e adorado seja!

E assim falaram um bom tempo sobre Nosso Senhor e ficaram muito alegres. E depois se despediram e ela foi visitar um eremita[197] que era monge de uma parte distante do país e que vivia numa ermida do campo[198]. Tinha fama de grande perfeição e em outros tempos havia amado muito a esta criatura. Mas depois, devido aos boatos maledicentes que havia ouvido sobre ela, colocou-se completamente contra ela; por isso o visitou: para humilhar-se perante ele e alcançar, se pudesse, sua compaixão.

Quando chegou, ele lhe deu boas-vindas secamente e lhe perguntou o que havia ocorrido com o filho que havia concebido e dado a luz enquanto estava no estrangeiro segundo havia ouvido falar. E ela disse:

– Senhor, o mesmo filho que Deus me enviou eu o trouxe de volta para casa, pois Deus sabe que não fiz nada desde que parti para o estrangeiro para que pudesse ter um filho.

E ele não acreditava em nada que ela dizia. Mesmo que ela o dissesse humilde e mansamente, pela confiança que tinha nele, como fora a vontade do Senhor de que ela devia se vestir de branco. E ele disse "Deus a proíba!", pois conseguiria que todos se assombrassem com ela. E ela lhe disse: "Senhor, isso pouco me importa, contanto que agrade a Deus".

Mais tarde ele ordenou que ela voltasse de novo e que fosse governada por ele e por um sacerdote chamado Sir Edgard. E ela respondeu que iria averiguar se isso era ou não da vontade de Deus e com isso se despediu nesse momento. E quando se afastou dele, Nosso Senhor disse a sua alma à medida que caminhava: "Não quero que sejas dirigida por ninguém". E ela lhe comunicou a resposta que recebeu de Deus.

[197] Talvez Thomas Brakleye, monge beneditino.
[198] Fundada em aproximadamente em 1248, funcionava incialmente como um hospital no campo ao sul da cidade.

CAPÍTULO 44

E então ela orou a Deus dizendo:

– Com a mesma certeza, Senhor, de que é vossa vontade que me vista de branco, concede-me também um sinal de raio, trovão e de chuva, desde que não constituam um inconveniente nem produzam nenhum dano, para que eu, indigna que sou, possa cumprir o quanto antes a vossa vontade.

Logo Nosso Senhor respondeu e disse a sua indigna serva:

– Filha, não duvides, pois receberás esse sinal no terceiro dia.

E assim aconteceu. Na sexta-feira seguinte, ao amanhecer, enquanto arrumava sua cama, viu grandes relâmpagos e escutou grandes trovões, acompanhados de uma forte chuva e de repente tudo cessou e outra vez fez bom tempo. Então decidiu se vestir de branco definitivamente, apesar de não possuir nem ouro nem prata para comprar seus vestidos.

E então Nosso Senhor disse a sua alma:

– Eu os facilitarei para ti.

Mais tarde foi a Norwich encontrar um homem digno que a acolheu muito bem. E enquanto permaneceram sentados juntos contando histórias sagradas Nosso Senhor lhe dizia continuamente em sua alma: “Fala com este homem! Fala com este homem!”.

Então ela disse ao bom homem: “Queira Deus que eu encontre um bom homem que me empreste dois nobres até que eu tenha condições de pagar de volta para comprar meus vestidos”.

– Eu o farei com muito gosto – disse ele. – Que tipo de vestidos deseja comprar?

– Senhor, – respondeu ela – de cor branca, com a permissão de Deus.

Assim, este bom homem comprou tecido branco e confeccionou um vestido largo para ela e um capuz, uma túnica e uma capa. Na tarde do dia seguinte, que era sábado, ele levou as roupas até ela e as entregou por amor a Deus e se comportou com ela o melhor que pôde pelo amor de Nosso Senhor Jesus Cristo – Jesus Cristo seja sua recompensa tenha misericórdia de sua alma e de todas de todos os cristãos.

E no domingo seguinte ao da Trindade[199], ela comungou vestida completamente de branco e desde aquele momento foi objeto de grande desprezo e vergonha em vários países, cidades e vilas. Graças a Deus por tudo.

[199] Provavelmente se trata do ano de 1415, quando o domingo da Trindade caiu no dia 26 de maio.

Pouco depois, seu marido veio de Lynn a Norwich para comprovar como se encontrava e o quanto tinha progredido e deste modo regressaram juntos a sua casa em Lynn. E pouco depois ela caiu muito enferma, com tal gravidade que recebeu a unção dos enfermos, pois temiam que ela pudesse vir a morrer. E ela desejava, se fosse a vontade de Deus, poder visitar Santiago antes de morrer e sofrer mais desonra por seu amor, segundo ele havia prometido antes e que ela deveria fazer.

Então Nosso Senhor Jesus Cristo lhe disse em sua alma que ela ainda não morreria, mas ela mesma acreditava que não viveria, pois sua dor era muito forte.

E quando chegou o inverno, ela passou tanto frio que não sabia o que fazer, pois era pobre e não tinha dinheiro e estava tremendamente endividada. Além disso, padeceu abusos e vergonha por se vestir de branco e por gritar muito alto quando Nosso Senhor lhe recordava sua Paixão. Pois devido ao pesar que sentia pela Paixão de Nosso Senhor gritava assustadoramente e visto que eles jamais haviam ouvido ela gritar tão alto anteriormente tudo lhes resultava mais surpreendente, porque ela deu seus primeiros gritos em Jerusalém, segundo já escrito.

E muitos disseram que jamais houve um santo no Céu que gritasse como ela e por isso concluíram tinha o maligno dentro dela. E diziam isto publicamente, além de outras maldades. Ela suportava tudo com paciência por amor a Nosso Senhor, pois sabia perfeitamente que os judeus falaram coisas muito piores de Jesus que sua própria gente e por isso ela suportou pacientemente.

Alguns diziam que ela tinha epilepsia, pois gritava enquanto seu corpo se contorcia de um lado para o outro[200], e tomava uma tonalidade entre o azul e o cinza, como a cor do chumbo. Logo as pessoas brigavam com ela por causa do horror à enfermidade e alguns a depreciavam e diziam que ladrava igual a um cão e a maldiziam e diziam que causava muito mal às pessoas. E aqueles que lhes davam comida e bebia por amor a Deus agora a depreciavam e lhe ordenavam que não voltasse àqueles lugares, devido aos boatos que ouviam sobre ela.

E depois quando chegou a hora de viajar para Santiago foi encontrar os melhores amigos que possuía em Lynn e se lhes contou sua ideia, como pretendia ir a Santiago se conseguisse dinheiro, pois era pobre e tinha muitas dívidas. E seus amigos lhe disseram:

– Por que deste todo o teu dinheiro e também o de outras pessoas? Onde conseguirás agora o dinheiro do qual necessitas?

– Nosso Senhor – respondeu ela – me ajudará, pois nunca falhou em nenhum país e por isso confio nele.

[200] Uma nota na margem do manuscrito diz que "assim o fazia o prior de Norton em seus excessos", referindo-se a John Norton, prior do Monte Gracie.

E de repente chegou um bom homem e lhe deu quarenta centavos e com uma parte comprou um casaco de pele. E Nosso Senhor sempre lhe dizia:

– Filha, não te preocupes com o dinheiro, pois eu o proporcionarei a ti, e sim sempre se concentre em amar-me e recordar-me pois irei contigo aonde quer que vás, como antes eu prometi.

E depois chegou uma mulher, uma boa amiga desta criatura e lhe deu sete marcos para que rezasse por ela quando estivesse em Santiago. Logo se despediu de seus amigos de Lynn e tratou de partir o quanto antes.

E se comentava em Lynn que havia muitos ladrões no caminho. Então ela teve muito medo de que roubassem seu ouro. E Nosso misericordioso Senhor, consolando-a, disse-lhe:

– Em frente, filha, em nome de Jesus! Nenhum ladrão poderá contigo!

Logo partiu e chegou a Bristol na quarta-feira da semana de Pentecostes[201] e se encontrou ali com o homem corcunda que havia acompanhado em Roma e ao qual deixara na dita cidade quando saiu dali dois anos antes. E enquanto estiveram em Roma ela lhe pediu emprestado algum dinheiro e por mandato de Deus havia entregado todo dinheiro aos pobres, bem como o que ele havia lhe emprestado. E naquela ocasião, enquanto se encontrava em Roma, prometeu que lhe pagaria em Bristol quando chegasse esse momento e por isso havia vindo até ali para recuperar seu dinheiro.

E Nosso Senhor Jesus Cristo havia disposto para ela que quando se dirigisse a Bristol haveria dinheiro suficiente para pagar facilmente tudo o que devia a este homem. E assim fez. Bendito seja Nosso Senhor!

E logo, por ordem de Deus, permaneceu em Bristol seis semanas para embarcar, pois não havia barcos ingleses que pudessem navegar até Santiago, devido ao fato de que haviam sido requisitados pelo rei[202]. E outros peregrinos que se encontravam em Bristol e queriam apressar sua viagem iam de porto em porto, mas sem conseguir e voltavam a Bristol, enquanto que ela permaneceu onde estava e teve maior sucesso do que eles apesar de seus esforços.

E enquanto esperava em Bristol pelo mandato de Deus, Nosso Senhor misericordioso Jesus Cristo visitou a esta criatura com muitas santas meditações e altas contemplações e muitos doces conselhos. E ali comungava todos os domingos cheia de lágrimas e com violentos suspiros com fortes gritos e suspiros; e por isso muitos homens e mulheres se assombravam

[201] Quarta-feira, 26 de maio de 1417.

[202] Evidentemente essa informação se refere ao fato de que os barcos foram requisitados para a expedição de Henrique V a França em 1417.

com ela e a desdenhavam e depreciavam, maldizendo-a, denegrindo-a, caluniando-a e acusando-a de dizer coisas que jamais disse.

Durante aqueles dias chorava amargamente por seus pecados, pedindo a Deus misericórdia e perdão por eles, dizendo a Nosso Senhor:

– Senhor, como vos dissestes, pregado na cruz, pedindo pelos que o crucificaram, "Pai, perdoa-os, eles não sabem o que fazem"[203], assim orou, perdoando a esta gente por todo o desprezo e as calúnias e por todas as ofensas, se é a vossa vontade, pois eu mereço muito mais sou digna de muito mais.

CAPÍTULO 45

Depois, na solenidade do Corpus Christi[204], quando os sacerdotes levavam o Santíssimo Sacramento em procissão, com muitas velas e grande solenidade, como era de se esperar, a dita criatura participou, cheia de lágrimas e devoção, com santos pensamentos e meditações, chorando com amargura e suspirando violentamente. E então uma boa mulher se aproximou desta criatura e disse:

– Senhora, Deus nos conceda graça para seguir os passos de Nosso Senhor Jesus Cristo.

Então essas palavras produziram tal efeito no seu coração e no seu pensamento que ela não pôde suportar e teve que se retirar para sua casa. Logo gritou: "Eu estou morrendo! Eu estou morrendo!". E gritava de maneira tão assustadora que espantava as pessoas e muitas se perguntavam o que havia acontecido com ela. E logo Nosso Senhor fez com que algumas pessoas a amassem e a apreciassem profundamente, elas a convidaram a suas casas para comer e beber e ficaram muito alegres escutando sua conversação com Nosso Senhor.

E assim havia um homem de Newcastle, chamado Thomas Marshall, que com frequência convidava esta criatura para comer e ouvir sua conversação. Ele se sentia tão fascinado pelas boas palavras que Deus colocava em sua cabeça para falar sobre o arrependimento e a compunção, sobre a doçura e a devoção, que ele se transformava totalmente como se fosse um novo homem, com lágrimas de contrição e de compunção, fosse de dia, fosse de noite, pois Nosso Senhor visitava seu coração com a graça, de tal maneira que às vezes, enquanto andava pelo campo, chorava com tal gravidade por seus pecados e por suas faltas que caia sobre a terra e não podia suportá-lo. Ele confessou à criatura que havia sido uma pessoa

[203] Lucas 23, 34.
[204] Provavelmente em 10 de junho de 1417.

muito insensata e desobediente e que se arrependia amargamente disso tudo. Graças a Deus! E logo ele bendisse o momento que conheceu a esta criatura e decididamente se propôs a ser um bom homem. E também disse a esta criatura:

– Mãe, aqui tenho dez marcos. Rogo-lhes que disponha deles como se fossem seus, pois desejo lhe ajudar para que vá a Santiago com a graça de Deus. E cumprirei seus desejos dando aos homens e mulheres pobres tudo o que me peças, sempre um pêni para vós, outro para mim mesmo.

Então, quando foi do agrado de Nosso Senhor, ele um barco da Bretanha a Bristol, pronto para navegar para Santiago e o dito Thomas Marshall pagou ao mestre do navio por ele e por ela. Neste momento havia um homem rico de Bristol que não permitiria que a dita criatura navegasse naquele barco, pois não a considerava uma boa mulher. E ela disse àquele rico:

– Senhor, se me deixares fora do barco, o meu Senhor Jesus o excluirá do Céu, pois te digo senhor, que Nosso Senhor Jesus não se agrada de um rico, a menos que seja bom e humilde.

E assim lhe dirigiu muitas palavras severas sem arrodeio e nem amenidades. Logo Nosso Senhor lhe disse em sua alma: "Sua vontade se cumprirá e irá a Santiago".

E, imediatamente depois foi convocada formalmente para se apresentar ao bispo de Worcester[205], o qual se encontrava a três milhas de Bristol. No dia seguinte se levantou cedo e se apresentou onde ele estava, enquanto descansava em seu alojamento, e se encontrou com um de seus melhores homens na cidade, e ambos conversaram sobre Deus. E depois de escutá-la durante um bom tempo, pediu-lhe que comesse com ele, e depois a conduziu ao salão do bispo.

Ao adentrar o vestíbulo, viu muitos homens do bispo vestidos à moda, com roupas finamente cortadas. Levantando a mão se benzeu a si mesma. E logo eles lhe disseram: "O que diabos há de errado com você?". E ela lhes replicou:

– De quem sois vassalos?

– Do bispo – responderam.

– Não, na verdade vocês mais parecem vassalos do demônio – respondeu ela.

Logo eles se aborreceram e a repreenderam e lhe falaram com rispidez, mas ela se comportou mansamente. E depois falou tão severamente sobre a má conduta e o pecado deles que se calaram e ficaram muito satisfeitos com a conversa que mantiveram com ela antes de sair – graças a Deus!

Depois foi à igreja e esperou que o bispo chegasse. Quando ele chegou, ela se ajoelhou e perguntou o que ele queria e porque ordenou que ela fosse até ele, pois era algo muito

[205] Thomas Peverell, bispo de Worcester de 1407 a 1419.

desagradável para ela, pois era uma peregrina que pretendia, através da graça de Deus, viajar a Santiago. Logo o bispo lhe disse:

– Margery, não lhe convoquei formalmente porque sei perfeitamente que é filha de John Brunham de Lynn. Peço-lhe que não se ofenda e sim que que seja amável comigo para que eu seja com você, pois hoje jantarás comigo.

– Senhor, – disse ela – eu lhe peço desculpas, pois prometi a um bom homem da cidade que comeria hoje com ele.

– Ambos comerão comigo – respondeu ele.

E assim permaneceu com ele até que Deus enviou vento para que pudesse navegar e foi muito bem acolhida por ele e também por seus familiares. Depois se confessou com o bispo e nesse momento ele lhe pediu que rezasse por ele para que morresse por amor ao próximo, pois um santo homem o avisou que morreria dentro de dois anos. E realmente assim aconteceu. E por isso ele se lamentou a esta criatura e lhe pediu que rezasse por ele, para que pudesse morrer por amor ao próximo. Finalmente ela se despediu e ele lhe deu seu ouro e sua bênção mandando seus servidores que a acompanhassem em seu caminho. E também ele lhe pediu que, quando voltasse de Santiago, fosse visitá-lo outra vez.

E assim ela se dirigiu a sua embarcação. Antes de embarcar, fez suas orações para que Deus os guardasse e preservasse das aflições, das tempestades e dos perigos do mar, para que pudessem ir e voltar seguros. Pois lhes haviam dito, que se houvesse alguma tormenta, a jogariam no mar, pois segundo se falava, isso aconteceria por culpa dela e ainda diziam que aquele barco era o pior de todos por conta da presença dela.

E por isso, em suas orações, rezava ela assim:

– Deus Todo-Poderoso, Jesus Cristo, rogo a vós por vossa misericórdia que se deseja me castigar, espera que eu retorne à Inglaterra. E quando eu regressar me castiga da forma que melhor vos aprouver.

E logo Nosso Senhor lhe concedeu seu pedido e desse modo ela embarcou em nome de Jesus e navegou com seus companheiros, a quem Deus enviou bom tempo e ventos favoráveis, de modo que chegaram a Santiago sete dias depois. E aqueles que estavam contra ela em Bristol agora se mostravam muito amigáveis. E assim permaneceu quatorze dias naquele país e foi muito feliz espiritual e corporalmente, com grande devoção e muitos gritos fortes em memória da Paixão de Nosso Senhor, com muitas lágrimas de compaixão.

E depois, numa viagem que durou cinco dias, regressaram a Bristol e ela não mais permaneceu ali muito tempo indo logo ver o Sangue de Hailes[206] e ali se confesso e deu fortes gritos e suspiros violentos.

E então os religiosos a acolheram entre eles e foi muito bem recebida, exceto que eles blasfemaram muito. E ela os repreendeu em conformidade com o Evangelho e por isso ficaram muito surpresos. Não obstante, alguns deles ficaram muito satisfeitos. Deus seja louvado por Sua bondade!

CAPÍTULO 46

Depois viajou a Leicester em companhia de Thomas Marshall, um bom homem do qual já se falou aqui. E foram a uma bela igreja onde viu um crucifixo[207], penosamente decorado e em estado lamentável para sua contemplação e cuja visão trouxe a sua mente a Paixão de Nosso Senhor, e através desta sua mente começou a dissolver-se e a fundir-se por completo em lágrimas de piedade e compaixão. Nesse momento o fogo do amor ardeu com tal rapidez em seu coração que foi incapaz de manter em segredo, mesmo que o quisesse, fazendo que explodisse em um grito incrível, chorando e suspirando terrivelmente, de tal maneira que muitos homens e mulheres ficaram maravilhados com ela.

E depois de se recuperar e sair pelas portas da igreja, um homem a segurou pela manga e lhe disse: "Mulher, por que choras com tanta amargura?". E ela lhe respondeu: "Senhor, não posso lhe contar".

E assim, ela e o bom homem, Thomas Marshall, partiram e conseguiram alojamento para eles e ali comeram. Quando haviam acabado, ela pediu a Thomas Marshall que escrevesse uma carta e a enviasse a seu marido para que este pudesse ir buscá-la para casa. E enquanto a carta era escrita, o dono da hospedaria correu para seu quarto e levou sua bolsa, ordenando que ela fosse ter com o prefeito. E assim ela o fez. E o prefeito a perguntou de que parte do país ela era e de quem era filha.

– Senhor – disse ela –, eu sou de Lynn em Norfolk, filha de um bom homem da mesma cidade, que foi cinco vezes prefeito desse nobre município e também conselheiro durante muitos anos e tenho por marido um homem bom, também burguês da mesma cidade de Lynn.

---

[206] A abadia cisterciense de Hailes em Gloucestershire possuía uma relíquia do Santo Sangue.
[207] Diferentemente de Margery Kempe, os lolardos desaprovavam a veneração do crucifixo.

– Ah, – disse o prefeito – Santa Catarina disse de que linhagem procedia e sem dúvida você não é como ela, pois é uma falsa prostituta, uma lolarda falsa e uma enganadora das gentes e por isso lhe mandarei para a prisão.

– Tão preparada estou senhor, – respondeu ela – para ir ao cárcere por amor a Deus, como você está para ir à igreja.

Depois que o prefeito a repreendera durante longo tempo e lhe disse muitas palavras maldosas e horríveis, e ela, pela graça de Jesus, havia respondido a ele razoavelmente tudo o que ele lhe dissera, então ele ordenou ao carcereiro que a conduzisse à prisão. Compadecido pelas lágrimas que ela derramava, disse ao prefeito:

– Senhor, não há nenhum lugar onde colocá-la, a menos que a ponha com os homens.

Então, compadecida do homem que queria ajuda-la, pedindo graça e misericórdia para esse homem como se de sua própria alma se tratasse, disse ao prefeito:

– Peço, senhor, que não me ponha com os homens, para que eu possa conservar minha castidade e meu vínculo matrimonial com meu esposo, como sou obrigada a fazer.

– Senhor – disse depois o próprio carcereiro ao prefeito –, eu a manterei sob minha custódia até o momento em que deseje vê-la de novo.

Então havia um homem de Boston que disse à boa esposa da casa onde ela se alojou:

– Verdadeiramente, – disse – em Boston, esta mulher é considerada santa e bendita.

Logo o carcereiro a tomou sob sua custódia e a levou para sua própria casa alojando-a num quarto bonito, fechando a porta com chave e ordenando a sua esposa que guardasse a chave com segurança. No entanto, permitia que ela fosse a igreja sempre que quisesse e que fizesse as refeições em sua própria mesa e a acolheu muito bem por amor a Nosso Senhor, graças a Deus Todo-Poderoso por isto!

CAPÍTULO 47

Então o criado do conde de Leicester, um homem muito bem aparentado, enviou a dita criatura que se encontrava com a esposa do carcereiro, e ela, dado que seu esposo não se encontrava em casa, não permitiu que se encontrasse com nenhum homem, nem com criado nem com nenhum outro. Quando o carcereiro soube, o mesmo a conduziu até o criado. Quando a viu, o criado falou-lhe em latim, encontrando-se presentes numerosos sacerdotes para escutar o que ela diria, além de outras pessoas. Ela disse então a ele: “Fale em inglês, se lhe aprouver, pois não entendo o que fala”.

– Mentes com muita falsidade em inglês vulgar – respondeu-lhe o criado.

– Senhor – respondeu rapidamente ela –, pergunte em inglês o que quiseres e pela graça de meu Senhor Jesus Cristo, responder-te-ei muito razoavelmente.

E depois ele lhe fez numerosas perguntas, respondendo ela rápido e razoavelmente, de maneira que ele não falou nada contra ela.

Logo o criado a tomou pela mão e a conduziu a sua câmara e lhe disse muitas grosserias, palavras lascivas, tentando e desejando, segundo a ela lhe pareceu, forçá-la violá-la. E nesse momento ela sentiu muito medo e aflição, pedindo-lhe que tivesse misericórdia. Ela disse:

– Senhor, por respeito a Deus Todo-Poderoso, tende consideração comigo, pois sou casada.

– Você me dirá se esta conversação procede de Deus ou do demônio, ou então irá para a prisão – disse o criado.

– Senhor – disse ela – não tenho medo de ir a prisão por amor ao meu Senhor, que sofreu muito mais por amor a mim do que eu por ele. Peço-lhe que pense melhor antes de agir.

O criado, vendo sua coragem e vendo que ela não tinha medo da prisão, fazendo sinais lascivos e lhe dirigindo olhares lascivos, assustava-a de tal maneira que ela lhe disse que suas palavras e sua conversação procediam do Espírito Santo e de seu próprio conhecimento.

E então, ele, absolutamente assombrado com as palavras dela, abandonou sua lascívia, disse-lhe igual a muitos homens disseram antes: “Ou és uma mulher verdadeiramente santa ou és uma mulher verdadeiramente perversa”. E a entregou de volta ao carcereiro, que a levou novamente para sua casa.

Depois eles prenderam mais dois homens que peregrinaram com ela – um, o já citado Thomas Marshall, e outro de nome Wisbech – e foram encarcerados por causa dela. Então ela se afligiu e se entristeceu por sua desgraça e pediu a Deus por sua liberdade. E Nosso Senhor Jesus Cristo lhes disse:

– Filha, por teu amor, tratarei deles de maneira que as pessoas ficarão contentes em deixá-los partir e de não mantê-los detidos por tanto tempo.

No dia seguinte, Nosso Senhor enviou tormentas de raios e trovões, além de chuva contínua, que todos na cidade se assustaram muito e não sabiam o que fazer. Temiam que fosse por conta da prisão dos peregrinos. E logo os governantes da cidade foram a prisão e libertaram a todos os peregrinos, que haviam permanecido no cárcere toda a noite anterior, conduzindo-os ao Salão da Guilda para interrogá-los diante do prefeito e das autoridades da cidade, obrigando-os a jurar se a dita criatura era ou não uma mulher de fé e de crenças verdadeiras, casta e pura corporalmente.

Pelo que eles sabiam juraram, tão certos quanto o fato de que Deus os ajudaria no Dia do Juízo Final, que ela era uma boa mulher de fé e crenças verdadeiras, casta e pura em toda a sua conduta, até onde eles sabiam, nos modos e expressões, em palavras e em obras.

E logo o prefeito lhes permitiu que partissem para onde quisessem. E logo cessaram as tempestades e o bom tempo voltou. Louvado seja Nosso Senhor! Estes peregrinos estavam contentes por sua libertação e não se atreveram permanecer em Leicester por muito mais tempo se afastando dez milhas de lá e ali ficando para ter informações do que se sucederia à dita criatura. Pois quando ambos foram feitos prisioneiros, eles mesmos lhe disseram que, se o prefeito fosse fazer o que realmente ele queria, ela seria queimada na fogueira.

CAPÍTULO 48

Numa quarta-feira, levaram a dita criatura à Igreja de Todos os Santos de Leicester, onde, diante do altar principal, estava sentado o abade de Leicester[208], acompanhado de seus cônegos e do decano de Leicester, um clérigo distinto. Havia outros freis e sacerdotes; além do prefeito da cidade e outros leigos. Havia tantas pessoas que algumas subiram nos bancos para vê-la e maravilharem-se com ela.

A dita criatura se ajoelhou, fazendo suas orações a Deus Todo-Poderoso para conseguir graça, entendimento e sabedoria para dizer nesse dia o que mais pudesse agradar e honrar a Ele, o que fosse mais proveitoso para sua alma e o melhor exemplo para toda a gente.

Nesse momento, chegou um sacerdote e a tomou pela mão, conduzindo-a diante do abade e de seus conselheiros sentados diante do altar, que a fizeram jurar diante um livro que responderia aos Artigos da Fé com a verdade segundo o que pensava sobre eles. E em primeiro lugar, eles repetiram o Santíssimo Sacramento da Eucaristia, pedindo-lhe que dissessem fielmente o acreditava sobre ele[209]. Assim ela respondeu:

– Senhores, creio no Sacramento da Eucaristia da seguinte maneira: qualquer homem ordenado sacerdote, por mais perversa que seja sua conduta, se pronuncia corretamente sobre o pão as mesmas palavras que Jesus Cristo disse quando celebrou a Última Ceia entre seus discípulos, creio que é sua verdadeira carne e seu verdadeiro sangue, e não o simples pão material; nem jamais podem ser consideradas não ditas depois que já o foram ditas.

---

[208] Richard Rothley, que sucedeu Philip Repyngdon à frente da abadia em 1405, quando este último foi nomeado bispo de Lincoln.

[209] As perguntas sobre a Eucaristia sugeriam uma suspeita de que Margery Kempe fosse uma herege lolarda, ainda que ela respondesse conforme a ortodoxia religiosa.

E da mesma maneira continuou respondendo a todos os Artigos, a tudo quanto desejaram perguntar, de modo que ficaram muito convencidos. O prefeito, que era seu inimigo mortal disse: “Verdadeiramente seu coração não sente o que ela diz com a própria boca”.

– Senhor, – disseram os clérigos – ela nos respondeu corretamente. Logo o prefeito a repreendeu com severidade e repetiu muitos insultos e indecências, que eram mais adequadas ocultar do que contar.

– Senhor, – disse ela – tenho por testemunha meu Senhor Jesus Cristo, cujo corpo se faz aqui presente na Eucaristia e de que nunca tive parte de homem algum neste mundo mediante ação pecaminosa, exceto o de meu marido, ao qual estou obrigada pela lei do matrimônio e com ele tive quatorze filhos. Pois quero que saibas, senhor, que não existe homem neste mundo ao qual eu ame tanto quanto a Deus, pois o amo sobre todas as coisas e, senhor, digo-lhes verdadeiramente, que amo a todos os homens em Deus e por Deus.

Também lhes disse diretamente na cara:

– O Senhor não merece ser prefeito e isto eu o demonstrarei através da Bíblia, pois o mesmo Deus Nosso Senhor disse, antes de fazer represálias contra as cidades, “Descerei e verei”[210] e mesmo ele, que sabia de todas as coisas. E isto, senhor, só foi para mostrar aos homens que são como você que deveria impor castigos amenos que soubesse antes que isso era apropriado. E hoje senhor, você fez o contrário comigo, causou-me grande desonra por algo do qual não sou culpada. Peço a Deus que o perdoe!

– Quero saber – respondeu-lhe logo o prefeito – por que viestes de branco, pois creio que viestes aqui para nos separar de nossas esposas e levá-las contigo[211].

“Senhor”, ela disse, “não ouvirás de minha boca o porquê de eu me vestir de branco, pois não és digno de o saber. No entanto, senhor, eu o direi em confissão a estes dignos clérigos. Deixe-os considerarem se devem ou não o dizer.”

Logo os clérigos pediram ao prefeito que partisse junto com os outros. E depois que se foram ela se ajoelhou diante do abade e do decano de Leicester e do dominicano, um honrado clérigo, e confessou a estes três como Nosso Senhor mediante revelação a advertiu e ordenou que ela se vestisse de branco antes da viagem a Jerusalém.

– E assim o disse aos meus confessores espirituais. E por isso eles me encarregaram de que me vestisse assim, pois não se atreveram a se opor aos meus sentimentos por temor a Deus e se se atrevessem o haveriam feito com muita alegria. E por isso, senhores, se o prefeito quer saber por que me visto de branco, podem dizê-lo, se os aprouver, que meus confessores

[210] Gn 18, 21.
[211] Em 1399, Ricardo II proibiu a entrada na Inglaterra de uma nova seita que se vestia de branco.

me ordenaram que assim o fizesse e deste modo vocês não contarão mentiras e nem ele saberá a verdade.

Depois disto, os clérigos chamaram o prefeito de novo e em segredo que seus confessores lhe ordenaram que vestisse branco e que ela assim se obrigou por obediência a eles. Depois o prefeito a chamou dizendo-lhes:

– Não permitirei que parta daqui apesar de tudo que possa dizer, a não ser que consiga do bispo de Lincoln um documento, pois você se encontra sob sua jurisdição, de maneira que eu quero ficar livre de responsabilidades relacionadas a você.

– Senhor, – disse ela – certamente que me atrevo a falar com o Monsenhor de Lincoln, pois já fui muito bem recebida por ele.

E logo outro homem perguntou se sentia caridade pelo prefeito e ela disse: “Sim, por todos que Deus criou”.

E logo, fazendo uma referência ao prefeito, entre prantos e lágrimas, pediu-lhe caridade para com ela e a perdoasse por qualquer coisa que houvesse feito para desgostá-lo. E ele lhe dirigiu belas palavras durante alguns momentos, de maneira que acreditou que tudo estava resolvido, e que ele havia se tornado um bom amigo, mesmo que depois soubesse que não era bem assim.

E deste modo ela se despediu do prefeito para ir ter com o Monsenhor, Bispo de Lincoln e conseguir um documento no qual o prefeito se eximia de qualquer responsabilidade para com ela.

CAPÍTULO 49

Então ela foi inicialmente até a abadia de Leicester, à igreja e logo o abade a reconheceu, e com muitos de seus irmãos foi lhes dar as boas-vindas. No mesmo instante que os viu chegar contemplou em sua alma Nosso Senhor que se aproximava com seus apóstolos e estava tão embelezada com doçura e devoção na contemplação que, quando chegaram, foi incapaz de manter-se em pé segundo exige a cortesia pelo que teve que se apoiar em uma coluna da igreja, agarrando-se a ela com força por medo de cair, pois deveria manter-se em pé, mas não podia devido à grande devoção que lhe fazia gritar e chorar com tanta amargura.

Quando controlou seu pranto, o abade rogou aos seus irmãos que a levassem com eles ao interior da abadia e a consolaram, e assim lhe deram um bom vinho para beber se mostraram muito afáveis com ela.

Logo conseguiu uma carta do abade para o Bispo de Lincoln, na qual dava fé do juízo celebrado enquanto estava em Leicester. E o decano de Leicester estava também habilitado para lhe facilitar um documento e uma ata como testemunho, pois ela confiava muito no fato de que Nosso Senhor a amava e por isso ele a consolou bastante em sua casa.

E assim ela se despediu do filho antes mencionado[212], com o propósito de viajar a Lincoln em companhia de um homem chamado Patrick, que já havia estado com ela em Santiago. E agora havia sido enviado por Thomas Marshall de Melton Mowbray a Leicester para que averiguasse como estavam as coisas com a dita criatura. Pois o citado Thomas Marshall tinha muito medo que fosse queimada na fogueira e por isso enviara Patrick para saber a verdade.

E assim, ela e Patrick, junto com muitas boas pessoas de Leicester que haviam vindo animá-la, dando graças a Deus que a havia protegido e concedido a vitória sobre seus inimigos, caminharam até os limites da cidade e ali fizeram uma calorosa despedida, prometendo-lhe que, sempre que quisesse voltar seria muito bem acolhida entre eles.

Mas ela havia esquecido e deixado na cidade um bastão como o de Moisés, que trouxe de Jerusalém e do qual não se desfazia nem por quarenta xelins. Então, Patrick retornou à cidade em busca do bastão e de sua bolsa e se encontrou com o prefeito, este último tentou prendê-lo, no entanto, ele conseguiu escapar com certa dificuldade, mas deixou lá a bolsa.

A dita criatura, muito preocupada, estava esperando este homem na casa de uma mulher cega, temerosa do que podia ter acontecido a ele, pois estava demorando muito. Finalmente ele chegou cavalgando até onde ela se encontrava. Ao vê-lo ela gritou:

– Patrick, filho, onde estavas por tanto tempo longe de mim?

– Sim, sim, mãe, – disse ele – corri grande perigo por você. A ponto de ter sido quase encarcerado por sua causa, e o prefeito me perseguiu muito por conta de você e levou sua bolsa.

– Ah, bom, Patrick, – disse ela – não te preocupes, pois rogarei a Deus por ti e Deus recompensará teus infortúnios, tudo será para o melhor.

Então, Patrick a subiu em seu cavalo e a levou a sua própria casa em Melton Mowbray onde se encontrava Thomas Marshall, como já mencionado, o qual a desceu do cavalo, dando muitas graças a Deus por não terem levado ela para a fogueira. Desta maneira se regozijaram em Nosso Senhor durante toda a noite.

[212] Thomas Marshall.

E depois ela foi ao local aonde se encontrava o Bispo de Lincoln. Sem saber com exatidão onde estava, encontrou um homem muito respeitável com um capuz de pele, um oficial do bispo muito digno, que lhe falou:

– Mulher, não me conhece?

– Não, senhor, – disse ela – sinceramente não.

– E, no entanto, está em dívida comigo, – disse ele – pois em uma ocasião já fui muito bom contigo.

– Senhor, eu confio que o que quer que tenha feito o fez pelo amor a Deus e, portanto, espero que ele o recompense bem. E lhe peço que me perdoe, pois presto pouca atenção ao bom aspecto de uma pessoa ou de sua cara e por isso me esqueço muito rápido delas.

E logo o ele amavelmente lhe indicou onde ela poderia encontrar o bispo e assim ela mesma conseguiu uma carta dele para o prefeito de Leicester, exortando-o a não molestá-la nem impedi-la de ir e vir para onde quisesse.

Depois vieram grandes tempestades de raios e trovões e fortes chuvas, ao ponto de as pessoas acharem que isso tudo era devido à vingança da dita criatura e desejavam muito que ela se afastasse para longe desta parte do país. E ela não partiria enquanto não recuperasse sua bolsa.

Quando o prefeito já citado recebeu a carta do bispo devolveu a ela a bolsa e permitiu que partisse com segurança para aonde ela quisesse. Sua viagem foi atrasada três semanas por causa do prefeito de Leicester, antes que ele a autorizasse a sair daquela área. Logo contratou o mencionado Patrick para acompanha-la pelo país e assim partiram para York.

CAPÍTULO 50

Ao chegar a York, foi visitar uma anacoreta que, antes viajar para Jerusalém, a havia amado muitíssimo, com o propósito de averiguar seu progresso espiritual; desejando, além disso, para uma maior comunicação espiritual, comer nesse dia com a anacoreta somente pão e água, pois era véspera de Nossa Senhora[213]. No entanto, a reclusa não a recebeu, pois havia ouvido falar muito mal dela. Por isso foi ter com outras pessoas desconhecidas que a receberam muito bem por amor a Nosso Senhor.

Certo dia, quando se encontrava sentada na igreja de York, Nosso Senhor Jesus Cristo disse em sua alma: “Filha uma grande atribulação se aproxima para ti”.

[213] Provavelmente a véspera da Natividade da Virgem, 7 de setembro de 1417.

Ao ouvi-lo se sentiu bastante deprimida e consternada e permaneceu imóvel sem responder. Logo Nosso Bendito Senhor disse de novo:

– Filha, como é que te entristece sofrer mais atribulações por amor a mim? Se não desejas sofrer mais, afastá-la-ei de ti.

– Não, bom Senhor, deixa-me que me submeta a sua vontade. E dá-me poder e força para sofrer tudo o que deseje que eu padeça e concede-me também mansuetude e paciência.

E assim, dali em diante, ao saber que era vontade de Nosso Senhor que sofresse mais atribulações, recebia-a com alegria quando Nosso Senhor queria enviá-la e o agradecia muitíssimo, encontrando-se muito contente e alegre no dia que padecia qualquer pena. E ao longo do tempo, no dia em que não sofria nenhuma tribulação, não ficava tão alegre e contente quanto no dia que padecia algum problema.

Depois, quando se encontrava em Minster[214] em York, aproximou-se dela um clérigo dizendo:

– Mulher, quanto tempo permanecerá aqui?

– Senhor, – disse ela – pretendo ficar quatorze dias.

E assim o fez. E durante esse tempo vários homens e mulheres honradas a convidaram para comer e a recebiam convenientemente e estavam muito contentes de escutar sua conversação, muito maravilhados com sua fala, pois era espiritualmente proveitosa.

E também tinha muitos inimigos que a injuriavam, desdenhavam e a depreciavam, dentre os quais se encontrava um sacerdote que se aproximou dela enquanto estava em Minster, a já citada catedral e a tomando pela gola do seu vestido disse:

– Tu, lobo, que pano é este que vestes?

Ela permaneceu imóvel e não se defendeu. Os meninos do monastério que passavam por ali disseram ao sacerdote: “Senhor, é lã”.

O clérigo se achava irritado porque ela não o respondia e começou a fazer solenes juramentos. Então ela, sem medo algum, começou a falar da causa de Deus e disse:

– Senhor, deveria observar os mandamentos de Deus e não blasfemar com tanta insensatez como está fazendo.

O sacerdote lhe perguntou quem guardava os mandamentos. Ela respondeu:

– Senhor, quem quer os guardar.

– Você os guarda? – perguntou ele.

---

[214] Minster é o nome que recebe a catedral gótica de York que foi uma das catedrais mais importantes da Inglaterra medieval. York foi um importante cenário para visões e perseguições de Margery Kempe.

– Senhor, – replicou ela – é minha vontade guardá-los, pois estou obrigada a fazê-lo, da mesma forma que você e que todos aqueles que serão salvos no final.

Depois de discutir com ela durante muito tempo, ele desapareceu antes que ela percebesse, de maneira que ignorava aonde ele fora.

CAPÍTULO 51

Certa vez um grande clérigo veio até ela perguntando como as seguintes palavras deveriam ser interpretadas: *Crescite et multiplicamini*[215].

Ela respondeu dizendo:

– Senhor, estas palavras não devem ser aplicadas apenas ao ato de reproduzir filhos fisicamente, mas também ao ganho da virtude, que é o Fruto espiritual, tal qual escutar as palavras de Deus, dar um bom exemplo, ser humilde e paciente, através da caridade e da castidade, e muitas outras como essas – pois a paciência é muito mais importante do que operar milagres.

E ela através da graça de Deus respondeu o clérigo que ficou satisfeito. E Nosso Senhor, através de sua misericórdia, sempre fazia com que alguns homens a amassem e a apoiassem.

E nesta cidade de York havia um doutor em teologia, Mestre John Aclom, também um cônego de Minster, Sir John Kendale e outro sacerdote que cantou sobre a tumba do Bispo – estes eram seus bons amigos entre os eclesiásticos.

Então ela ficou na cidade por quatorze dias e como ela havia dito antes, e ainda mais, e nos domingos ela recebia a comunhão em Minster com muito choro, soluços violentos, gritos fortes, de tal forma que muita gente se perguntava o que estava acontecendo com ela. E depois veio um sacerdote – parecia ser um clérigo distinto – e disse a ela, “Mulher, você disse a primeira vez que esteve aqui que só passaria quatorze dias”.

“Sim, senhor, com sua permissão, eu disse passaria quatorze dias, mas eu não disse que não ficaria aqui mais do que isso. Mas agora, senhor, eu lhe digo verdadeiramente que ainda não pretendo partir.”

Então ele fixou uma data, ordenando que ela se apresentasse a ele na Sala Capitular. E ela disse que obedeceria a sua ordem com muita satisfação.

---

[215] “Crescei e multiplicai-vos” (Gn 1, 22).

Então ela foi até o Mestre John Aclom, o dito doutor em divindade, implorando-o para que estivesse ao lado dela. E assim ele fez e encontraram grande apoio entre eles todos. Outro doutor em teologia tinha também prometido a ela que estaria lá, mas ele recuou até saber no que tudo aquilo iria dar, fosse a favor dela ou contra ela.

Nesse dia havia muita gente na Sala Capitular de Minster para ver e ouvir o que seria feito da dita criatura. Quando o dia chegou, ela estava pronta para responder e se defender sozinha. Então os amigos dela vieram até ela e insistiram para que ela tivesse ânimo. Agradecendo a todos eles, ela disse que assim ficaria.

E imediatamente um sacerdote veio e muito gentilmente a tomou pelo braço para ajudá-la a atravessar a multidão e a trouxe diante do digno doutor que tinha ordenado que ela fosse encontrá-lo na Sala Capitular na Minster de York. E com esse doutor estavam sentados muitos clérigos, entre os quais muitos amavam a dita criatura.

Então o digno clérigo disse a ela, “Mulher, o que você está fazendo nessa parte do país?”.

– Senhor, eu vim em peregrinação para fazer uma oferenda na capela de Santo William.

Então ele continuou: “Você tem um marido?”.

Ela disse “Sim”.

– Você tem uma carta contendo a autorização dele?

– Senhor, – ela disse – meu marido me deu permissão com sua própria boca. Por que você age dessa maneira comigo muito mais do que com os outros peregrinos que estão aqui e que não têm nenhuma carta como a que você me cobra? Senhor, deixa-me seguir tranquila e em paz, sem atribulações, e não mais ficarei aqui. E senhor, se entre aqueles que aqui se encontram haja algum clérigo que seja capaz de provar que pronunciei alguma palavra que não devia, eu estou disposta a corrigir meu erro de muita boa vontade, e não me manterei nesse estado nem cometerei nenhuma heresia, pois é de minha vontade defender tudo que a Santa Igreja defende e agradar totalmente a Deus.

Então os clérigos a examinaram acerca dos Artigos de Fé e sobre muitos outros assuntos como lhes aprouveram, e para tudo ela respondeu bem e verdadeiramente, de tal forma que eles não tiveram como acusa-la de anda, graças a Deus!

E então o doutor em teologia que estava sentado lá como um juiz a ordenou a ir comparecer perante o Arcebispo de York – e disse a ela em qual dia – numa cidade chamada Cawood, ordenando que ela ficasse presa até o dia de se apresentar.

Então os seculares responderam por ela dizendo que ela não deveria ir para a prisão, pois eles mesmos a defenderiam e iriam até o Arcebispo com ela. E assim os clérigos não disseram mais nada naquele dia, levantando-se e indo aonde quisessem, deixando-a ir para onde ela quisesse – louvado seja Jesus!

E logo depois veio um clérigo até ela – um dos mesmos que tinha ficado contra ela – e disse, “Mulher, peço-lhe para que não se aborreça comigo, embora eu tenha sentado com o doutor que estava contra você, ele me obrigou e não tive como fazer diferente”.

E ela disse:

– Senhor, eu não estou aborrecida com você por causa disso.

E ele disse:

– Eu rezarei por você, reze por mim.

– Senhor, – ela disse – eu o farei com muita satisfação.

CAPÍTULO 52

Havia um monge que iria pregar em York e que havia ouvido muitas difamações e maledicências sobre a dita criatura. E quando se dirigia para a pregação, uma grande multidão o esperava para ouvi-lo, e ela se encontrava entre as mesmas. E assim, ao começar seu sermão, repetiu muitos assuntos de maneira tão explícita que toda a gente entendeu perfeitamente bem que se referia a ela, pelo que os amigos que a amavam se sentiram muito tristes e preocupados e ela se encontrava muito mais alegre, por ter algo com que pôr à prova sua paciência e seu amor, através do qual confiava agradar a Nosso Senhor.

Quando finalizou o sermão, um doutor em teologia que a amava muito se aproximou dela acompanhado de muitas outras pessoas e lhe disse:

– Margery, como passou hoje?

– Senhor, – disse ela – certamente tenho, bendito seja Deus, muitas boas razões para me sentir feliz e contente em minha alma porque posso padecer algo pelo amor dele, pois ele sofreu muito mais por mim.

Pouco depois, um homem de boa vontade que também se preocupava com ela discretamente chegou com sua esposa e outras pessoas e a acompanhou sete milhas, dali até o palácio do arcebispo de York e a conduziu a uma bela câmara, aonde chegou um bom clérigo que disse que a havia conduzido até ali:

– Senhor, por que você e sua esposa trouxeram aqui esta mulher? Ela os roubará e então trará vergonha sobre vocês.

– Me atrevo a garantir – disse o bom homem – que ela permanecerá aqui e responderá por si mesma de boa vontade.

No dia seguinte foi conduzida à capela do arcebispo e muitos serviçais do arcebispo foram até ali insultá-la, chamando-a de "lolarda" e "herege" gritando com horríveis juramentos que ela devia ser queimada. E ela, com a fortaleza de Jesus, respondeu-lhes:

– Senhores, temo que vocês mesmos irão arder eternamente no inferno, a menos que deixem de blasfemar, pois não cumprem os mandamentos de Deus. Eu não blasfemaria assim nem por todo o dinheiro do mundo.

Logo eles partiram se estivessem envergonhados. Ela então, recitando suas orações em sua mente, pediu graças para comportar-se nesse dia como mais agradasse a Deus e aproveitasse sua alma para que fosse bom exemplo para seus companheiros cristãos. Respondendo-lhe, Nosso Senhor lhe disse que tudo ficaria bem.

E finalmente o dito arcebispo[216], acompanhado de seus clérigos, chegou a capela e sem consdideração nenhuma, disse-lhe:

– Por que te vestes de branco? És virgem?

– Não, senhor, – disse ela ajoelhando-se diante dele – não sou virgem; sou uma mulher casada.

Ele ordenou a seus serviçais que trouxessem um par de grilhões e ordenou que ela fosse presa, pois era uma falsa herege, e logo ela lhe disse:

– Não sou herege, não podeis provar nada.

O arcebispo se retirou deixando-a sozinha. Depois durante um longo tempo ela recitou suas orações a Nosso Senhor Deus Todo-Poderoso para que a ajudasse e socorresse contra todos os seus inimigos, tanto espirituais quanto corporais e seu corpo tremia e se estremecia de maneira assustadora, de tal forma que se alegrou quando pôs suas mãos debaixo de seu vestido de forma que ninguém perceberia.

Depois o arcebispo regressou à capela, acompanhado de muitos clérigos distintos, entre os quais se encontrava o mesmo doutor que antes a havia interrogado e o monge que pouco antes em York havia predicado contra ela. Algumas das pessoas lhe perguntaram se era cristã ou judia; umas disseram que era uma boa mulher, outras não.

Logo o arcebispo ocupou seu assento, o mesmo fizeram seus clérigos, cada um segundo sua categoria, em presença de muitas pessoas. E enquanto as pessoas se reuniam e o arcebispo tomava assento, a dita criatura estava na parte de trás rezando suas orações com muita

[216] Henry Bowet, arcebispo de York (1407-1423) que perseguiu bastante os lolardos.

devoção para conseguir apoio e socorro contra seus inimigos por tanto tempo que se derramou em lágrimas. E finalmente gritou com tanta força que ele e seus clérigos e muitas pessoas se assombraram com ela, pois não haviam escutado antes gritos semelhantes.

Quando cessaram seus gritos, aproximou-se o arcebispo e se ajoelhou frente a ele, perguntando o arcebispo com grande rispidez:

– Por que choras assim, mulher?

– Senhor, – respondeu ela – algum dia desejará chorar tão amargamente quanto eu.

E logo depois o que o arcebispo perguntou pelos Artigos de nossa Fé – aos quais com a graça de Deus ela respondeu bem, verdadeira e facilmente, sem hesitar nem pensar, de forma que ele não pôde criticá-la – ele disse aos clérigos:

– Conhece suficientemente bem sua Fé. Que faço com ela?

– Nós sabemos perfeitamente – disseram os clérigos – que ela conhece os Artigos de Fé, mas não permitiremos que viva entre nós, pois toda a gente crê muito em sua conversação e pode levar algumas pessoas pelo mau caminho.

Logo o arcebispo lhe disse:

– Me contaram muitas coisas ruins de ti. Ouvi que era uma mulher muito malvada.

– Senhor, – respondeu ela – também escutei dizer que vós sois uma pessoa muito má. E se sois tão perverso quanto as pessoas dizem ser jamais irás para o Céu, a menos que se corrijas enquanto estás aqui.

– Por que você?... – disse ele muito irado – O que diz essa gente sobre mim?

– Outros homens, senhor, – respondeu ela – podem lhe dizer melhor.

– Calada! – disse logo um clérigo eminente com um capuz de pele – Fale de você e deixe-o de lado.

– Ponha sua mão sobre o livro que está diante de mim – disse-lhe logo o arcebispo – e jure que sairá de minha diocese o mais rápido possível.

– Não, senhor, – ela disse – peço-lhe permissão para voltar para York e me despedir dos meus amigos.

Então ele deu permissão para um ou dois dias. Ela acreditava ser pouco tempo e por isso respondeu:

– Senhor, não posso sair desta diocese tão rápido, pois devo ir ver e falar com um bom homem antes de ir e devo, com vossa permissão, ir a Bridlington e falar com meu confessor, um bom homem, que foi o confessor do bom prior, que agora foi canonizado[217].

[217] São João de Bridlington, prior dos cônegos de Santo Agostinho de Bridlington. Canonizado em 1401. Margery Kempe se refere aqui ao confessor do prior como Sleytan no capítulo 53.

– Jurarás que não doutrinarás as pessoas nem as convocarás na minha diocese para prestar contas – disse-lhe depois o arcebispo.

– Não, senhor, não jurarei, – disse ela – pois falo de Deus e repreendo aqueles que blasfemam aonde quer que eu vá, até que o papa e a Santa Igreja ordenem que ninguém seja tão audacioso como para falar de Deus, pois Deus Todo-Poderoso não proíbe, senhor, que nós falemos dele. E também o Evangelho diz que, quando uma mulher ouviu Nosso Senhor pregar, ela foi até ele e disse em voz alta: "Bendito seja o ventre que o carregou e os seios que o amamentaram". Logo Nosso Senhor lhe respondeu: "mais felizes são aqueles que ouvem a mensagem de Deus e obedecem a ela"[218]. E por isso, senhor, penso que o Evangelho me permite falar de Deus.

– Ah, senhor, – disseram os clérigos – agora sabemos que ela está possuída pelo demônio, pois fala de todos os Santos Evangelhos[219].

Imediatamente, um digno clérigo mostrou uma Bíblia e citou um texto de Paulo contra ela, o qual diz que nenhuma mulher deve pregar[220]. Respondendo a isto, ela disse:

– Eu não prego, senhor, nem subo a nenhum púlpito. Só emprego a conversação e as boas palavras e assim o farei enquanto viver.

– Senhor, – disse logo um doutor que antes a havia examinado – ela me contou o conto mais horrível que já ouvi sobre clérigos.

O arcebispo lhe ordenou que contasse a história.

– Com o devido respeito senhor, só falarei de um sacerdote, como exemplo, o qual, segundo soube, se perdeu no bosque – com sentimento de Deus para benefício de sua alma – até que chegou a noite. Sem um lugar para ficar, encontrou um frondoso caramanchão no qual descansou naquela noite, o qual tinha no centro uma bela pereira coberta de flores, a qual se deliciou olhando. Então chegou ali um urso selvagem, desagradável de se ver, que agitou a pereira e fez caírem as flores. Esta fera terrível comeu devorando com avidez aqueles belos frutos e flores. E depois de comer, voltou sua calda para o sacerdote e expulsou tudo que comeu pela sua parte vergonhosa.

"Muito enojado pelo espetáculo tão desagradável que vira e muito triste por medo do que tudo aquilo poderia significar, no dia seguinte o sacerdote seguiu seu caminho, totalmente pesaroso e pensativo. Por coincidência, encontrou um homem muito bonito de meia idade, com aspecto de peregrino que lhe perguntou o motivo de tanta tristeza. O sacerdote, repetindo que

[218] Lucas, 11, 27-28
[219] Como muitas mulheres acusadas de serem lolardas, Margery Kempe havia provavelmente estudado a Bíblia.
[220] Provavelmente 1 Co 14, 34-35.

antes foi escrito, disse que sentiu grande medo e peso no coração ao ver aquela fera repugnante devorar flores e brotos tão belos e depois descarregar tudo de maneira tão horrível por tão vergonhosa parte na frente do sacerdote. Ele não entendia o que aquilo poderia significar.

"Então o peregrino, apresentando-se como um mensageiro de Deus se dirigiu da seguinte forma a ele: 'Sacerdote, tu mesmo eras a pereira, de certa maneira florescendo e em floração através das recitações das suas orações e da administração dos sacramentos, pois prestas pouca atenção à recitação das matinas e aos teus ofícios, de tal forma que, resumindo, é um falatório sem substância. Assim, realizas tua missa sem devoção e apenas tens contrição de teus pecados. Ali recebe completamente distraído, o fruto da vida eterna, a eucaristia. Depois, durante todo o dia, empregas o tempo de maneira inadequada, dedicas-te a comprar e vender, ao escambo e ao intercâmbio, exatamente igual a um homem do mundo. Sentas-te em frente a tua cerveja, entregando-te à glutoneria e ao excesso, à luxúria de teu corpo, através da lascívia da impureza. Descumpre os mandamentos de Deus, jurado, mentindo, maldizendo e fofocando e cometendo pecados semelhantes. Assim, mediante tua má conduta, semelhante ao urso repugnante, devora e destrói seus brotos e as flores da vida virtuosa para tua própria condenação eterna e para obstáculo de outras muitas pessoas, a menos que se arrependa e se corrija."

Então o arcebispo gostou muito da história e a elogiou, dizendo que era uma boa história. E o clérigo que a havia examinado na ausência do bispo, disse:

– Senhor, este relato me parte o coração.

– Ah, distinto doutor, – disse a dita criatura ao clérigo – no lugar onde resido maior parte do tempo vive um clérigo honrado, que fala corajosamente contra a má conduta das pessoas e não bajula a ninguém. Ele diz muitas vezes no púlpito: "Se a alguém desagrada minha pregação, que o observe bem, isso se deve ao fato de que é culpado". E assim justamente, senhor – disse ela ao clérigo – se se comportais comigo, Deus o perdoará por isso.

O clérigo não sabia o que dizer a ela e depois o mesmo clérigo foi vê-la e lhe pediu perdão por ter enfrentando-a daquele modo. Pediu-lhe que rogasse por ele.

E logo disse o arcebispo: "Onde posso encontrar um homem que possa conduzir essa mulher para longe de mim?".

Muitos jovens se levantaram imediatamente de um salto e todos em uníssono disseram:

– Meu senhor, eu irei com ela.

– Tu és demasiado jovem, não te escolherei – respondeu o arcebispo.

Nesse momento um bom homem bastante sensato que era serviçal do arcebispo perguntou ao seu senhor o que receberia se a acompanhasse. O arcebispo lhe ofereceu cinco xelins e o bom homem lhe pediu um nobre. Ao responder-lhe, o arcebispo disse:

– Não gastarei tanto dinheiro com o corpo dela.

– Sim, bom senhor, – disse a criatura – Nosso Senhor os recompensará devidamente por isso.

– Olhe, – disse logo o arcebispo ao dito bom homem – aqui tens cinco xelins e agora a acompanhe rapidamente para fora desta terra.

Ela, ajoelhando-se sobre seus joelhos, pediu sua bênção. Ele, depois de pedi-la que rezasse por ele a abençoou e permitiu que partisse.

Depois quando regressou de novo a York, foi recebida por muitas pessoas e por clérigos muito importantes, os quais se regozijaram em Nosso Senhor, que havia concedido a ela, uma iletrada, inteligência, talento e sabedoria para responder vergonha nem culpa a tantos homens doutos. Graças a Deus!

CAPÍTULO 53

Depois aquele bom homem que era seu acompanhante a conduziu para fora da cidade e ambos se dirigiram para ver seu confessor de nome Sleytham[221]. E ela falou com ele e com muitos outros bons homens que a haviam alentado e ajudado muito. Naquela ocasião não desejava permanecer ali, pois iniciaria o caminho para sua viagem. E logo seu confessor lhe perguntou se não se atrevia a ficar por medo do arcebispo de York e ela disse: “Na verdade, não”.

Logo o bom homem lhe deu prata pedindo a ela que rezasse por ele. E depois se dirigiu a Hull. E ali, certa vez enquanto iam em procissão, uma mulherona a humilhou com absoluto desprezo e não disse nem uma palavra. Outras pessoas disseram que devia ser encarcerada e fizeram muitas ameaças. E apesar de toda sua maldade, no entanto se aproximou do bom homem e a convidou para comer e acolheu muito bem. Logo as pessoas maldosas que antes havia a desprezado falaram com este bom home e lhe disseram que não deveria ser amável com ela de nenhuma maneira, pois consideravam que não era uma boa mulher. Na manhã seguinte seu anfitrião a acompanhou até as cercanias da cidade, pois não se atrevia a permanecer com ele por mais tempo.

E assim foi a Hessle e tinha que ter cruzado o estuário do Humber. Então aconteceu que antes de cruzá-lo ela se encontrou com dois dominicanos e dois soldados da cavalaria do duque de Bedford[222]. Os frades contaram aos soldados quem era aquela mulher e os dois

[221] William Sleightholme de São João de Bridlington e de quem se conta ter feito milagres.
[222] John, duque de Bedford (1389-1435), terceiro filho de Henrique IV.

soldados a detiveram quando estava a ponto de subir à sua barca e também detiveram o homem que viajava com ela.

– Porque, Nosso Senhor, – disseram eles – o duque de Bedford nos enviou atrás de ti, pois és considerada a maior lolarda de todo o país e até mesmo dos arredores de Londres. Nós temos te procurado por muitos lugares e conseguiremos cem libras se te conduzirmos até o Nosso Senhor.

– À vontade, senhores, – lhes disse ela – irei até aonde me levarem.

Logo a devolveram a Hessle e ali os homens a chamaram de lolarda e as mulheres chegaram correndo para fora de suas casas com suas rocas gritando para toda a gente: "Queimem a falsa herege!".

Desta maneira ela se dirigiu a Beverley em companhia dos ditos soldados e dos frades, encontrando muitas vezes com pessoas daquele distrito que lhe diziam:

– Mulher, deixa esta vida que levas e corre a fiar e cardar lã como fazem as outras mulheres e não sofrerás tanta vergonha e desgraça. Nós não padeceríamos todo que passas nem por todo o dinheiro do mundo.

– Eu – disse-lhes ela então – não sofro tanta pena quanto deveria sofrer por amor a Nosso Senhor, pois só padeço palavras mordazes e Nosso Misericordioso Senhor Jesus Cristo, louvado seja seu nome, sofreu duros golpes, amargos açoites e finalmente uma morte infame por mim e pela humanidade inteira. Bendito seja! E por isso, verdadeiramente não é nada o que passo em comparação com o que ele sofreu.

E assim, enquanto ia com os ditos homens, contava-lhes histórias edificantes, até que um dos homens do duque que a havia prendido lhe disse:

– Eu lamento demais ter lhe encontrado, pois a mim parece que tu dizes palavras muito boas.

– Senhor – respondeu-lhe logo ela – não se lamentem nem se arrependam de haverem se encontrado comigo. Cumprem a vontade de seu senhor e confio que tudo será para o melhor, pois estou muito contente que tenham me encontrado.

– Se alguma vez, senhora – respondeu ele – fores uma santa no céu, interceda por mim.

– Senhor, – lhes respondeu ela – espero que você mesmo seja um santo e que todos os homens possam ir para o céu.

Deste modo caminharam até chegarem a Beverly, onde vivia a esposa de um dos homens que a haviam prendido. E a conduziram até ali e confiscaram sua bolsa e seu anel. Eles a colocaram num bonito quarto e numa cama bastante boa, com tudo o que fosse necessário, fechando a porta com chave e levando a mesma com eles.

Depois levaram o homem que haviam detido com ela, um vassalo do arcebispo de York e o prenderam no cárcere. Um pouco mais tarde nesse mesmo dia chegaram notícias de que o arcebispo se encontrava na cidade onde este homem se encontrava prisioneiro e ele foi informado da prisão de seu servidor e imediatamente fez com que o libertassem. Depois este homem foi com aspecto cansado até onde estava presa a dita criatura dizendo:

– Ai de mim que te conheci! Fui preso por tua causa.

Ela, confortando-o disse: “Tenha humildade e paciência e você terá grande recompensa no céu pelo que você fez por mim”.

Então ele se afastou dela. Depois ela permaneceu olhando pela janela para fora, contando muitas histórias edificantes a quem quisesse escutar, de maneira que as mulheres choravam amargamente e diziam com grande pesar do coração, “Ai, mulher! Por que deverás ser queimada?”.

Então ela pediu a boa esposa da casa que lhe desse algo de beber, pois estava terrivelmente sedenta. E a boa esposa disse que seu marido havia levado a chave e por isso ela não podia entrar e lhe dar algo para beber. E logo a mulher trouxe uma escada e a colocou em frente à janela e lhe deu um litro de vinho numa jarra e também um copo para que ao voltar o bom homem não o notasse.

CAPÍTULO 54

Na noite seguinte, enquanto descansava em seu leito, a dita criatura ouviu com seus ouvidos corporais uma forte voz chamando “Margery”. Ao ouvir, despertou muito assustada e, permanecendo, todavia em silêncio, fez suas orações com tanta devoção como pôde nesse momento. E logo Nosso Senhor misericordioso, presente em todos os lugares, consolando a sua indigna serva, disse-lhe:

– Filha, prefiro que padeça desdém e humilhação, vergonha e impropérios, injustiças e desgraças, que se sua cabeça fosse golpeada três vezes ao dia durante sete anos. E por isso, filha, não tema nada que qualquer homem possa dizer-te. Mas em minha bondade e nas penas que você tem padecido, tem grande motivo para se alegrar, pois quando chegar a casa celestial, então todas as penas se tornarão alegria para você.

No dia seguinte foi conduzida à Sala Capitular de Beverly e ali se encontravam o arcebispo de York e muitos clérigos eminentes com ele: sacerdotes, cônegos e seculares. Então o arcebispo disse a esta criatura:

– Mulher, o que a trouxe aqui de novo? De vontade eu me livraria de você de novo.

E logo um sacerdote a conduziu até ele e o arcebispo disse para que todos os presentes pudessem ouvir:

– Senhores, tive esta mulher diante de mim em Cawood e ali com meus clérigos a examinei em sua fé e não encontrei nenhuma culpa nela. Ademias, senhores, desde então tenho falado com homens que a consideram uma mulher perfeita e boa. Apesar de tudo, entreguei cinco xelins a um dos meus vassalos para acompanhá-la para fora desta parte do país para manter a toda a gente tranquila. E quando realizavam sua viagem, foram detidos e presos, meu homem aprisionado por causa dela; ela também foi despojada de seu ouro e de sua prata, bem como de suas pérolas e de seu anel e foi trazida aqui diante de mim outra vez. Alguém pode me dizer de que estão acusando-a?

– Aqui se encontra um frade que sabe muitas coisas contra ela – disseram nesse momento outros homens.

O frade se aproximou e disse que ela menosprezava a todos os homens da Santa Igreja e neste momento ele falou muito mal dela. E disse também que haveria sido queimada em Lynn, se não fosse pela sua ordem, dos Dominicanos, que estavam ali.

– E senhores, ela diz que pode chorar e ter contrição quando quer.

Então chegaram os dois homens que a prenderam, dizendo com o frade que ela era filha de Cobham[223] e que havia sido enviada para levar cartas para fora do país. E disseram que não havia estado em Jerusalém, nem na Terra Santa, nem em nenhuma peregrinação[224], como ela verdadeiramente havia estado. Eles negaram toda a verdade e mantiveram as acusações, da mesma forma que outros haviam feito antes. Depois de falar bastante durante longo tempo se calaram.

Logo, o arcebispo lhe perguntou:

– Mulher, que dizes disto?

– Meu senhor, – disse ela – com todo respeito que os devo, todas as palavras que dizem são mentiras.

– Frei, – disse logo o arcebispo ao frade – as palavras não são nenhuma heresia; são palavras injuriosas e equivocadas.

– Meu senhor, – disse o frade – ela conhece suficientemente bem sua fé. No entanto, meu senhor de Bedford está furioso com e ela e a terá.

– Bem, frei, – disse o arcebispo – e você a levará.

– Não, senhor, – disse o frade – não é missão de um frade escoltar uma mulher de um lado para o outro.

– E eu – disse o arcebispo – não desejo que o duque de Bedford se aborreça comigo por causa dela.

– Vigia o frade até que eu deseje vê-lo de novo – disse logo o arcebispo a seu vassalo e ordenou a outro homem que vigiara também a dita criatura até que ele desejasse vê-la de novo, quando o quisesse. A dita criatura pediu a sua senhoria que não a colocasse juntamente com os homens, pois era uma mulher casada.

– Não, tu não sofrerás nenhum dano – disse o arcebispo.

Logo o responsável a levou pela mão e a conduziu a sua casa, e sentou com ela para comer e beber, recebendo-a muito bem. Numerosos clérigos e outras pessoas se aproximaram dali para vê-la e falar com ela e muitas pessoas sentiam muito que tivesse sido tão maltratada.

Pouco tempo depois, o arcebispo mandou chamá-la e ela foi até ele e foi conduzida à sua câmara e até a cabeceira do seu leito. Então ela lhe fez uma reverência e lhe deu graças pelo generoso favor que havia lhe feito.

---

[223] Margery Kempe é acusada de ser filha espiritual de Lorde Cobham, o principal lolardo que foi declarado herege em 1413 pelo Arcebispo de Arundel. Ele foi enforcado como malfeitor, traidor e herege no dia 14 de dezembro de 1417 na presença do Duque de Bedford.

[224] Vale destacar que os lolardos desaprovavam a prática das peregrinações.

– Sim, sim, – disse o arcebispo – me contaram coisas piores de ti que antes nunca me disseram.

– Meu senhor, – disse ela – se os compraz examinar-me, confessarei a verdade, e, se for considerada culpada, obedecerei ao seu castigo.

– Agora, senhor, – disse logo o arcebispo a um dominicano que era seu sufragâneo[225] e que havia dado um passo adiante – repita agora o que me disseste quando ela não estava presente.

– Eu devo? – perguntou o sufragâneo.

– Sim – disse o arcebispo.

– Senhora, – disse logo o sufragâneo a esta criatura – você esteve com Lady Westmoreland[226].

– Senhor, quando? – indagou ela.

– Na Páscoa – disse o sufragâneo.

– Bem, senhor – disse ela, sem contestar.

– Minha senhora, pessoalmente, – disse ele – ficou muito feliz contigo e a agradaram muito tuas palavras, mas tu aconselhaste a minha senhora Greystoke, que é esposa de um barão e filha de minha senhora de Westmoreland que deixasse seu marido e agora tu mereces ser queimada pelo que disseste.

E repetiu numerosas palavras duras no mesmo tom diante do arcebispo, que aqui convém não repeti-las.

– Meu senhor, com vossa permissão, – disse ela finalmente ao arcebispo – não vejo Lady Westmoreland há mais de dois anos. Senhor, ela me mandou chamar antes da minha viagem a Jerusalém e se os apraz irei vê-la outra vez como prova de que não lhe pedi nada semelhante.

– Não, – disseram todos que estavam ao redor – coloquem-na na prisão e nós enviaremos uma carta à nobre senhora e se é verdade o que ela diz, deixa-a livre sem nenhum tipo de impedimento.

E ela respondeu que estava absolutamente de acordo que se fizesse assim.

Então um clérigo eminente que se encontrava um pouco distante do arcebispo disse:

---

[225] Identificado como John Rickinghall (1355-1429), natural de Suffolk, posteriormente, bispo de Chichester. Durante a década de 1420 ele era o confessor do Duque de Bedford.

[226] Joan Beaufort , condessa de Westemoreland, filha de John de Gaunt e esposa de Ralph Neville, primeiro Conde de Westmoreland.

– Coloquem-na na cadeia por quarenta dias e amará melhor a Deus pelo resto de sua vida.

O arcebispo lhe perguntou que história havia contado para Lady Westmoreland quando falou com ela.

– Eu contei – disse ela – a exemplar história de uma dama que foi condenada por não querer amar a seus inimigos e a de um meirinho que se salvou por amar aos seus inimigos e lhes perdoou as ofensas e que, no entanto, era considerado um homem mal.

O arcebispo disse que era uma história exemplar. Depois seu camareiro e outros que estavam com ele, gritaram ao arcebispo:

– Senhor, deixe-a partir desta vez e se regressar alguma mais alguma vez, nós mesmos a queimaremos.

– Creio – disse ao arcebispo – que nunca houve na Inglaterra uma mulher que fosse tratada como ela e como tem sido.

– Não sei o que fazer contigo – disse logo o arcebispo a esta criatura.

– Meu senhor, – disse ela – os suplico que possas me dar vosso documento e vosso selo como prova de que me defendi sozinha contra meus inimigos e que não existiu nenhuma acusação contra mim, nem erro nem heresia que possam ser provados contra mim. Graças sejam dadas ao Nosso Senhor! E deixa que John, seu servo, conduza-me até o estuário.

E o arcebispo muito cortesmente lhe concedeu o que ela desejava, Nosso Senhor lhe conceda sua recompensa, e lhe entregou sua bolsa com seu anel e suas pérolas, os quais o duque de Bedford lhe haviam tomado antes. O arcebispo estava desconcertado, pois desconhecia de onde ela conseguia dinheiro para viajar pelo país e ela disse que os homens bons a entregavam para que pudesse rezar por eles.

Logo ela ajoelhou-se e recebeu sua bênção e se despediu com o coração muito contente, saindo de sua câmara. E a comitiva do arcebispo lhe pediu para que rezasse por eles, mas o camareiro se aborreceu porque ela ria e estava muito alegre e lhe disse:

– Os santos não devem rir.

– Senhor – disse ela – tenho grande motivo para rir, pois quanto maior é a vergonha e o desprezo que padeço, mais alegre posso ficar em Nosso Senhor Jesus Cristo.

Depois desceu para o vestíbulo e se encontrava ali o dominicano que causar sua desgraça. E desta maneira passou por ele com um vassalo do arcebispo levando o documento que o arcebispo havia lhe havia concedido como salvo-conduto e ele a conduziu até o rio Humber e ali se despediu dela, regressando junto para o seu senhor com o salvo-conduto e assim ela ficou sozinha sem as pessoas saberem.

Todos os obstáculos mencionados lhe aconteceram numa sexta-feira. Deus seja louvado por tudo!

CAPÍTULO 55

Imediatamente após ter cruzado o rio Humber foi presa como lolarda e conduzida ao cárcere. No entanto, ali se encontrava uma pessoa que a havia visto diante do arcebispo de York e ele consentiu que ela fosse aonde quisesse e a desculpou diante do meirinho, garantindo que ela não era lolarda. E deste modo ficou livre em nome de Jesus.

Então conheceu um homem de Londres e sua esposa que se encontrava com ele. E desta foi com eles até Lincoln e ali sofreu grande desprezo e numerosos insultos respondendo uma vez mais sem reservas pela causa de Deus, sábia e discretamente, de maneira que toda a gente estava surpresa com os seus conhecimentos.

Encontravam-se ali alguns juristas que a disseram:

– Nós estudamos muitos anos e mesmo assim somos incapazes de responder como você faz. De quem você recebeu tanta sabedoria?

– Do Espírito Santo – ela disse.

– Tens o Espírito Santo? – perguntaram eles.

– Sim, senhores – disse ela -, ninguém pode dizer belas palavras sem o dom do Espírito Santo, pois Nosso Senhor Jesus Cristo disse aos seus discípulos: "não fiquem preocupados com o que vão dizer ou como irão falar. Porque as palavras que disserem não serão de vocês mesmos, mas virão do Espírito Santo, que fala por meio de vocês"[227].

E assim Nosso Senhor lhe concedeu sua graça para respondê-los. Louvado seja!

Outra vez os vassalos de um grande senhor se aproximaram dela e blasfemaram em voz alta dizendo:

– Você tem nos dado a entender que pode nos dizer se seremos salvos ou se seremos condenados.

– Sim, – disse ela – verdadeiramente posso, pois se blasfemais horrivelmente e descumpris os mandamentos de Deus segundo se sabe que o fazem e se não abandonais os vossos pecados, atrevo-me a vos assegurar que estarão condenados. Mas se se arrependerem e confessarem seus pecados, fazendo penitência voluntariamente e abandonando o pecado

[227] Mateus 10, 19-20.

enquanto possam, com o propósito de não voltarem a cometê-lo, atrevo-me a garantir que serão salvos.

– O quê! Pode nos falar mais sobre isto?

– Senhores, – disse ela – penso que isto já é suficiente.

E logo se afastaram dela.

Depois disso regressou outra vez a sua casa até que foi para West Lenvynn[228]. Quando estava ali enviou notícias a Bishop's Lynn[229], por seu esposo, para o Mestre Robert, seu confessor e para o Mestre Alan[230], um doutor em teologia, contando-lhes algumas de suas tribulações. E depois lhes disse que não podia ir a Bishop's Lynn enquanto não conseguisse a carta e o selo do arcebispo de Canterbury.

– Pois quando estive diante do bispo de York, – disse ela – ele não deu nenhum crédito às minhas palavras enquanto eu não tivesse a carta e o selo do meu senhor de Canterbury.

E depois se despediu dos ditos clérigos, pedindo-lhes suas bênçãos e se dirigiu com seu esposo para Londres. Quando ali chegou obteve rápido êxito em relação á carata do arcebispo de Canterbury[231]. E assim permaneceu durante longo tempo muito tempo na cidade de Londres e foi muito bem recebida por vários homens distintos.

Mais tarde, no caminho de sua casa em Lynn, ela se dirigiu a Ely e quando se encontrava a três milhas de Ely, um homem que vinha de cavalo atrás deles em grande velocidade os alcançou e os prendeu, a ela e a seu marido, pretendendo levá-los a prisão. Ele os repreendeu cruelmente e os insultou com desmesura, repetindo numerosas palavras ultrajantes. E, por fim, ela pediu a seu marido que lhe mostrasse a carta do arcebispo de Canterbury. Quando o homem leu a carta, falou-lhes de forma amável e moderada dizendo:

– Por que não me mostraram essa carta antes?

E assim se afastou dele e depois chegaram a Ely e dali partiu para sua casa em Lynn, onde ela sofreu muita humilhação, muito desprezo, muita difamação e muita maldição.

E em certa ocasião, um homem descarado, pouco ligando para ocultar sua sem-vergonhice, jogou sobre a cabeça dela uma vasilha de água enquanto caminhava pela rua. Sem se alterar ela disse: "Deus te faça um bom homem!", agradecendo muito a Deus por isso, segundo fez em outras ocasiões.

---

[228] Na margem ocidental do rio Ouse.
[229] Lynn era conhecida como Bishop's Lynn até ser convertida em King's Lynn por volta de 1536-1537.
[230] Aleyn de Lynn.
[231] O sucessor de Arundel, Henry Chichele, arcebispo de Canterbury de 1414-1443.

CAPÍTULO 56

Depois Deus a castigou com grandes e variadas enfermidades. Padeceu disenteria durante muito tempo chegando ao extremo de receber a extrema unção, pois acreditaram que ela morreria. Ficou tão debilitada ao ponto de não poder segurar uma colher com a própria mão. Então Nosso Senhor Jesus Cristo falou a sua alma e lhe disse que não morreria. Depois se recuperou de novo, mas não por muito tempo.

E pouco tempo mais tarde, sofreu uma grande enfermidade da cabeça e depois da coluna, temendo-se que perdesse o juízo por causa delas. Pouco depois recuperou-se de todas estas enfermidades e contraiu outra que afetou seu lado direito, prolongando-se durante oito anos, por oito semanas, em momentos distintos. Às vezes a padecia uma vez por semana, e durante cerca de trinta horas; outras, vinte; outras, dez; outras, oito; outras, quatro; outras, duas, de maneira tão forte e tão aguda que vomitava tudo o que tinha no estômago, de tão amargo que era como se fosse fel, sem comer nem beber nada enquanto durava a crise, mas sempre se queixando até que desaparecia.

Então dizia a Nosso Senhor:

– Ah, bendito Senhor! Por que vos fizeste homem e sofreste tanta dor por meus pecados e pelos pecados de todos os homens que se salvaram e nós tão humilhados quanto vós, Senhor, convosco e eu, a mais indigna, não posso suportar essa pouca dor? Ah, Senhor, por vossa grande dor; pela grande dor que sofreste não me deis tanto quanto mereço, pois não posso suportar tanto como mereço. E se vós desejais Senhor, que eu a suporte me envie paciência, porque de outra forma não posso aguentar. Ah, bendito Senhor, por vosso amor suportaria melhor todas as maldades que essa gente pudesse dizer contra mim e a todos os clérigos que pregassem contra mim, sempre que não seja nenhum obstáculo para a alma de qualquer homem, mais do que esta dor que padeço. Porque sofrer palavras cruéis por vosso amor não me dói em absoluto, Senhor, pois o mundo não pode tirar de mim nada, salvo a honra e os bens materiais e pelo que se refere à honra do mundo para mim não tem valor nenhum em absoluto. E todo tipo de bens e de dignidade mundana e todo tipo de amores terrenos, peço-os, Senhor, que os proíba de mim, especialmente todos os amores e posses de quaisquer bens terrenos que possa diminuir o meu amor por vós, ou reduzir meu mérito no céu. E todas as formas de amor e bens que vós conheceis em sua Divindade que aumentariam meu amor para com vós, rogo-vos que os concedais a mim por vossa misericórdia para vossa adoração eterna.

Às vezes, apesar de esta criatura padecer grandes enfermidades corporais, operava em sua alma a Paixão de Nosso Senhor Jesus Cristo com tal intensidade que nesse momento não

sentia sua própria enfermidade, pois que chorava e gemia recordando a Paixão de Nosso Senhor, como se o visse com seus olhos corporais sofrendo dor e paixão diante dela.

Depois, quando se passaram oito anos, melhorou de sua enfermidade, de tal maneira que já não padecia uma semana atrás da outra como antes, entretanto, multiplicaram-se tanto seus alaridos e prantos que os sacerdotes não se atreviam a lhe dar comunhão publicamente na igreja e sim em privado, na capela do prior em Lynn, longe das vistas do povo.

Nessa capela ela teve tão alta contemplação e tantos colóquios com Nosso Senhor que foi expulsa da igreja por seu amor, pois no momento de receber a comunhão gritava como se sua alma e seu corpo fossem se separar e dois homens a seguravam nos braços, pois não podia suportar a abundância de amor que sentia pelo precioso sacramento, crendo firmemente que ali estava o verdadeiro Deus e homem sob a forma do pão.

Então Nosso Senhor abençoado disse em sua mente:

– Filha, eu não manterei oculta a graça que te concedo, pois quanto mais se esforce a gente para impedi-la e evita-la, tanto mais a propagarei e farei com que todo o mundo a conheça.

CAPÍTULO 57

Logo, segundo era costume na ocasião da troca de conventos[232], chegou a Lynn outro monge, o qual não apreciava a dita criatura nem permitia que ela fosse a sua capela, tal como fazia antes da chegada dele ali. Então, o prior de Lynn, Mestre Thomas Hevyngham, reuniu-se com a dita criatura e com o Mestre Robert Spryngolde, que nessa época era seu confessor, pedindo que o desculpassem porque já não recebia a comunhão em sua capela:

– Pois chegou ao convento – disse ele – um irmão que não vai à capela enquanto ela estiver lá. E por isso, por favor, peço que encontrem outro lugar.

– Senhor, – respondeu o Mestre Robert – nós devemos dar-lhe a comunhão na igreja, porque ela possui um documento e um selo de milorde de Canterbury, no qual ele nos ordena, em virtude da obediência, que a confessemos e possamos lhe dar a comunhão com a frequência que nos seja solicitada.

Logo depois desse momento, ela recebeu a comunhão no altar principal da igreja de Saint Margaret e Nosso Senhor a visitou com uma graça tão grande enquanto recebia a comunhão que gritou tão forte que se podia ouvir em toda a igreja e no exterior da mesma,

[232] Antigo costume segundo o qual todas as trocas de residência de monges, dentro do mesmo distrito, eram feitas no mesmo dia.

como se houvesse morrido por sua cauda, de forma que não pôde receber a comunhão das mãos do sacerdote até que cessassem os gritos. E então ele, voltando-se para ela, deu-lhe a comunhão segundo devia ser. E assim aconteceu muitas vezes quando ia receber a comunhão e às vezes ela chorava muito delicada e silenciosamente ao receber a sagrada comunhão sem nenhuma manifestação violenta, precisamente quando Nosso Senhor a visitava com sua graça.

Numa Sexta-feira Santa, quando a dita criatura viu sacerdotes ajoelhados e outros homens distintos com tochas acesas em suas mãos diante do Sepulcro de Páscoa, e representando a penosa morte e a dolorosa sepultura de Nosso Senhor Jesus Cristo segundo o bom costume da Santa Igreja, a memória das penas de Nossa Senhora, as que ela padeceu ao ver seu precioso corpo pregado na cruz e depois enterrado na sua frente, inundaram repentinamente o coração desta criatura, arrastando completamente sua mente até a Paixão de Nosso Senhor Jesus Cristo, a quem ela via com sua vista espiritual de sua alma tão real como se tivesse visto com seus olhos corporais seu precioso corpo sendo golpeado, açoitado e crucificado; cuja visão e contemplação espiritual operava, através da graça, tão ardentemente em sua mente, ferindo-a de lástima e compaixão, de tal forma que suspirava, grunhia e gritava, e, estendendo ambos os braços, dizia com uma forte voz: "Estou morrendo, estou morrendo!". Assim, muitas pessoas se surpreendiam com ela e se perguntava o que acontecia. E quanto mais tentava sufocar seus gritos, mais forte gritava, porque não dependia dela fazê-lo ou não, e sim da forma que Deus lhe enviava. Então um sacerdote a tomava em seus braços e a conduzia ao claustro principal para que ela respirasse, pensando que de outro modo não resistiria, tão grande era sua aflição. Nesse momento, ela ficava da cor de chumbo, completamente arroxeada e suava terrivelmente[233].

E semelhante maneira de gritar continuou durante dez anos, segundo já descrito. E em todos estes anos mencionados, a cada Sexta-feira Santa, ela chorava e gemia cinco ou seis horas e também gritava extremamente alto muitas vezes, de modo que não podia deixar de fazê-lo o que debilitava e esgotava bastante sua força corporal. Em certas ocasiões, chorava uma hora da Sexta-feira Santa pelos pecados de toda a gente, sentindo mais dor pelos seus pecados que pelos próprios, visto que Nosso Senhor havia perdoado seus próprios pecados antes de partir para Jerusalém.

Ela, no entanto, chorava por seus próprios pecados mais abundantemente quando comprazia a Nosso Senhor visitá-la com sua graça. Às vezes chorava outra hora pelas almas do purgatório; outra hora por aqueles que se encontravam na desgraça, na pobreza ou em qualquer

[233] Uma anotação do Monte Gracie comenta na margem do manuscrito: *largor amo-ris*, "enlanguescida de amor".

outro problema; outra hora pelos judeus, pelos sarracenos e por todos os falsos hereges, para que Deus, em sua bondade, cessasse sua cegueira, de maneira que eles podiam, por meio de sua graça, voltar à fé na Santa Igreja e ser filhos da salvação.

Muitas vezes, quando esta criatura queria rezar, Nosso Senhor lhe dizia:

– Filha, pede o que quiseres e o terá[234].

– Não peço absolutamente nada, Senhor, – dizia ela – salvo o que puder me dar também, e que é misericórdia que peço para os pecados dessa gente. Com frequência, ao longo do ano, disseste-me que perdoaste meus pecados. Por isso agora peço misericórdia para os pecados dessa gente, como faria para mim mesma, porque Senhor, vós sois todo amor, e o amor os trouxe a esse miserável mundo e fez com que sofresses dores terríveis por nossos pecados. Por que, pois, não hei de sentir amor por essas pessoas e desejar o perdão de seus pecados?

"Senhor bendito, penso que me mostraste grande amor, a mim que sou uma indigna miserável. Sois tão clemente comigo como se eu fosse uma donzela pura como qualquer outra deste mundo e como se nunca houvesse pecado. Por isso, Senhor, eu queria ter um poço de lágrimas para vos encher, de tal forma que não trarias nenhuma vingança sobre a alma do homem, apartando-o de vós para sempre; pois é doloroso pensar que qualquer homem terreno pudesse alguma vez cometer um pecado pelo qual seja separado de vosso glorioso rosto para sempre.

"Se eu pudesse, Senhor, outorgar a todas as pessoas uma contrição e um pranto tão bom quanto os que vós me concedestes para meus próprios pecados e para os pecados de outros homens e tão facilmente como eu poderia dar um centavo da minha própria bolsa, logo eu encheria os corações das pessoas de contrição para que pudessem deixar de pecar. Maravilho-me muito em meu coração, Senhor, que eu, que tenho sido uma mulher tão pecadora e criatura mais indigna deste mundo à qual sempre mostraste vossa clemência, tenha tão grande amor pelas almas dos meus companheiros cristãos. Penso que, mesmo que eles tenham desejado para mim a mais vergonhosa morte que qualquer homem ou mulher pudessem jamais padecer na terra, ainda os perdoaria por vosso amor, Senhor, e salvaria suas almas da condenação eterna. E por isso, Senhor, eu não cessarei, enquanto eu possa, de chorar abundantemente por eles, se eu puder ter êxito no meu intento. E se vós desejais Senhor, que eu deixe de chorar, rogo-vos que me leve deste mundo. Que ainda posso eu fazer aqui que não seja para a melhoria deles? Porque mesmo que fosse possível que todo este mundo pudesse ser salvo através das lágrimas dos meus olhos, não seria digna de agradecimento. Portanto, seja para vós, Senhor, todo louvor,

[234] O anotador do Monte Gracie escreveu na margem: *petite et accipipietis* ("pedis e obtereis"), referindo-se a Jn 16, 24.

toda honra e toda glória. Se fosse para a vossa vontade, Senhor, e para engrandecer vosso nome, eu seria cortada em pedaços tão pequenos como carne para a panela."

CAPÍTULO 58

Em certa ocasião, enquanto esta criatura se dedicava a sua contemplação, sentiu uma grande fome da palavra de Deus e disse:

– Ai, Senhor! Tens tantos clérigos neste mundo e não me enviarás algum que pudesse encher minha alma com vossa palavra e com a leitura da Bíblia, pois todos os clérigos que pregaram não podem me saciar, porque penso que minha alma está sempre faminta. Se tivesse dinheiro suficiente, daria todos os dias um nobre para ouvir um sermão, pois vossa palavra vale mais para mim do que todo o dinheiro do mundo. E por isso, bendito Senhor, tende piedade de mim, porque vós me haveis arrebatado o eremita que era meu consolo e meu conforto e que tantas vezes me refrescou com vossa santa palavra.

– Alguém virá de muito longe que realizará seu desejo – lhe respondeu logo "Nosso Senhor Jesus Cristo em sua alma".

Assim, muitos dias depois desta resposta, chegou a Lynn um sacerdote que nunca a havia visto antes; quando a viu caminhar pelas ruas, desejou muito falar com ela e perguntou a outras pessoas que tipo de mulher era ela. Disseram-lhe, confiando em Deus, que ela era uma mulher muito boa. Depois o sacerdote lhe mandou uma mensagem, pedindo-lhe que viesse e falasse com ele e com sua mãe, pois havia conseguido uma casa para ele e sua mãe, e assim eles viviam juntos. Então, a criatura foi saber o que ele queria e conversou com os dois, sendo muito bem recebida por ambos.

Logo, o sacerdote pegou um livro e leu nele como Nosso Senhor, ao ver a cidade de Jerusalém, sobre ela chorou repetindo as inúmeras desgraças e males que padeceria, pois ignorava a data de sua visita. Quando a dita criatura escutou a leitura sobre como Nosso Senhor chorou, logo chorou amargamente e grito com muita força, sendo que nem o sacerdote nem a sua mãe sabiam os motivos de seu pranto. Quando cessaram seus gritos e seu pranto, eles se regozijaram e se alegraram muito em Nosso Senhor. Depois, ela se despediu e nesse momento se afastou deles.

Quando já havia partido, o sacerdote disse a sua mãe:

– Estou assustado com a forma com a qual esta mulher chora e grita desta maneira. No entanto, penso que é uma boa mulher e desejo muito conversar mais com ela.

Sua mãe se encontrava muito contente e lhe aconselhou que fizesse isso. E depois este mesmo sacerdote a amou e confiou completamente nela e abençoou o momento no qual a conheceu, pois encontrou grande conforto espiritual nela e ela fez com que ele examinasse as boas escrituras e mais de um bom doutor, o que ele não teria feito se não fosse por ela.

Ele leu para ela muitos bons livros de alta contemplação e outros como a Bíblia comentada por doutores, o Livro de Santa Brígida, o Livro de Hilton, o *Stimulus Amoris* de Boaventura, o *Incendium Amoris* e outros parecidos com estes. E então ela entendeu que ele era um espírito enviado por Deus que, como pouco antes se escreveu, disse-lhe as seguintes palavras quando ela se queixou da carência de leitura, "Alguém virá de muito longe e realizará seu desejo". E dessa forma ela compreendeu através da experiência, de que se tratava de um espírito muito verdadeiro.

O dito sacerdote leu livros para ela durante sete ou oito anos, para grande crescimento de seu conhecimento dela e de seu mérito, na medida em ele lia para ela muitos livros e a consolava quando ela gritava e chorava. Depois, ele foi beneficiado e conseguiu uma paróquia importante e ficou muito satisfeito por ter lido muito anteriormente.

CAPÍTULO 59

Assim, escutando a leitura de livros e sermões sagrados, ela cresceu em contemplação e em santa meditação. Ficaria impossível escrever todos os santos pensamentos, os diálogos sagrados e as altas revelações que Nosso Senhor lhe ensinou, relacionadas tanto com ela quanto com outros homens e mulheres e assim mesmo com muitas almas, umas que se salvariam e outras que seriam condenadas.

Isso significou uma grande punição e um duro castigo para ela. Saber quem iria ser salvo supunha para ela uma alegria e um júbilo verdadeiro, pois à medida que se atrevia, desejava que todos os homens se salvassem e quando Nosso Senhor lhe revelava que alguém seria condenado, ela experimentava uma grande aflição. Não escutaria nem acreditaria que era Deus que lhe mostrava coisas semelhantes e as afastava de seu pensamento tanto quanto era capaz. Nosso Senhor a culpava por isto e lhe ordenava que cresse que dizia respeito à sua alta misericórdia e a sua bondade a lhe revelar seus conselhos privados dizendo a sua mente: "Filha, você deve conhecer quem será salvo e quem será condenado".

Ela não devia dar crédito ao conselho de Deus, pois acreditava que quem se manifestava era algum espírito maligno que queria enganá-la. Assim, por causa de sua insolência e de sua falta de fé, Nosso Senhor lhe retirou todos os bons pensamentos e todas as

recordações de bons discursos e de conversações sagradas e a alta contemplação que tempos atrás ela havia experimentado, mas consentiu que tivesse muitos maus pensamentos tanto quanto havia tido anteriormente bons pensamentos. E esta aflição durou um total de doze dias e assim como antes tinha quatro horas pela manhã de discursos santos e de diálogos com Nosso Senhor, agora tinha as mesmas horas de pensamentos obscenos e recordações lascivas, completamente imundas, como se ela mesma se prostituísse com todo tipo de pessoas.

E desta maneira, o maligno a enganava, fazendo com que dedicasse seu tempo a pensamentos repugnantes, do mesmo modo que anteriormente Nosso Senhor fez com que se dedicasse a pensamentos santos e assim como antes tinha gloriosas visões e altas contemplações sobre a humanidade de Nosso Senhor, de Nossa Senhora e dos outros santos sagrados, também agora tinha visões horrorosas e abomináveis das genitálias masculinas e de outras abominações semelhantes, apesar de tudo que ela fizesse para evitar.

Ela, como ela realmente pensava, via vários homens religiosos, sacerdotes e muitos outros, tanto pagãos quanto cristãos, que apareciam ante seus olhos sem que pudesse afastá-los de sua vista e lhe mostravam suas genitálias desnudas.

E como isso, o demônio lhe ordenava em sua mente que escolhesse qual queria primeiro e que ela devia se prostituir com todos eles. E ela dizia que havia um que gostava mais do que os outros. Pensava que dizia a verdade, não podia dizer que não e tinha que fazer o que ele mandava, e ainda assim ela não faria isso por nada nesse mundo. No entanto, pensava que devia fazê-lo e que estas horrorosas visões e pensamentos detestáveis resultavam agradáveis contra sua vontade. Estes pensamentos odiosos a acompanhavam aonde quer que ela fosse ou em qualquer coisa que fizesse. Quando desejava contemplar a eucaristia, recitar suas orações, ou fizesse boas ações, as ditas abominações invadiam sempre seu pensamento. Ela se confessava e fazia o quanto podia, mas sem êxito, até cair praticamente em desespero. Não se pode escrever a dor que sentia e o sofrimento que a embargava.

Então ela dizia: “Ai, Senhor! Dissestes antes que não me abandonaria. Onde está agora a verdade de sua palavra?”.

E imediatamente depois apareceu seu anjo bom dizendo:

– Filha, Deus não te abandoou, nem nunca te abandonará, segundo te prometeu. Mas porque não crês que seja o Espírito de Deus que fala em tua alma e te revela seus conselhos secretos e que alguns se salvarão e outros não; por isso Deus te castiga desta maneira e teu castigo durará até que creias que é Deus que te fala e não o demônio.

Logo ela disse ao anjo:

– Ah, rogo que intercedeis ao Senhor Jesus Cristo por mi, para que possa me libertar destes pensamentos odiosos, e me fale como até agora me falava e prometerei a Deus que crerei que é Deus quem tem me falado, pois não posso suportar mais esta prova tão grande.

– Filha, – disse-lhe de novo o seu anjo – meu Senhor Jesus Cristo não irá se separar de ti até que tenha padecido durante doze dias, porque deseja que conheça, deste modo, quem te fale, Deus ou o demônio, e meu Senhor Jesus Cristo nunca está aborrecido contigo, mesmo que permita que sinta este sofrimento.

Assim ela sofreu esta angústia até se passarem os doze dias e depois voltar a ter os mesmos santos pensamentos, reflexões, desejos, discursos e conversações como Nosso Senhor Jesus Cristo da mesma forma que sempre tinha tido, e Nosso Senhor lhe disse: "Filha, agora crês de verdade que não sou o demônio".

E ela se encheu de alegria, pois ouvia Nosso Senhor falar como antes. Por isso lhe disse:

– Creio que todo bom pensamento é o discurso de Deus. Bendito seja Senhor, que não deixais de me consolar de novo. Senhor, não sofreria por nada deste mundo outra prova semelhante a que suportei estes doze dias, porque pensava que estava no inferno. Bendito seja que isso já é passado! Agora Senhor, eu permanecerei tranquila e o obedecerei. "Peço-vos, Senhor, que me digas o que mais vos agrada".

CAPÍTULO 60

O bom sacerdote, sobre quem já foi escrito aqui anteriormente, que era o leitor dela, ficou muito doente e ela foi orientada em sua alma a cuidar dele, com a graça de Deus. E quando faltava qualquer coisa para os cuidados dele, ela procurava os bons homens e as boas mulheres e conseguia o que quer que fosse necessário. Ele estava tão doente que muitos achavam que ele não iria sobreviver e sua doença continuou por um bom tempo. Então, certa vez, quando ela estava na igreja ouvindo a missa e rezando pelo dito sacerdote, Nosso Senhor disse a ela que ele viveria e ficaria muito bem.

Então ela foi levada a ir a Norwich, à Igreja de St. Stephen, na qual o bom vigário estava enterrado[235], ele que morrera pouco antes daquele tempo, para quem Deus mostrou alta misericórdia pelo seu povo, e ela agradeceu pela recuperação do sacerdote. Ela se despediu de seu confessor e partiu para Norwich. Quando ela chegou ao cemitério da igreja de St. Stephen,

[235] Richard Caister, morto em 20 de março de 1420. Ele logo se tornaria um santo local.

ela gritou, grunhiu, chorou e caiu no chão, de tão intenso que a chama do amor ardia em seu coração. Depois disso, ela levantou e continuou, chorando, para dentro da igreja no altar principal e completamente arrebatada pelo conforto espiritual na bondade de Nosso Senhor, lá ela caiu com soluços violentos e gritos fortes ao lado da tumba do bom vigário, que realizou tão grande graça para seu servo que tinha sido seu confessor e muitas vezes ouvira sua confissão sobre o modo de vida dela e lhe administrou tantas vezes o precioso sacramento do altar. E dessa forma sua devoção ia crescendo de tal forma que ela viu Nosso Senhor operar tal graça especial por tal criatura como ela com a qual havia tido tantas conversas ao longo de sua vida. Ela teve tantos pensamentos santos e tantas recordações sagradas que não conseguia controlar nem seu choro nem seus gritos. E assim as pessoas ficaram muito assustadas com ela, achando que ela sofria de alguma doença física ou terrena e disseram para ela: "O que há de errado com você, mulher? Por que está se conduzindo dessa forma? Nós o conhecíamos assim como você o conhecia".

Então alguns sacerdotes que sabiam da forma dela se comportar estavam no mesmo recinto e eles muito caridosamente a levaram a uma taverna e fizeram-na tomar uma bebida e deram a ela calorosas boas-vindas. Também havia uma dama que queria levar a criatura para fazer uma refeição. E assim, como os bons modos requisitavam, ela foi para a igreja onde a dama ouvia a missa, onde a criatura viu uma linda imagem de Nossa Senhora chamada *pietá*. E contemplando aquela *pietá*, sua mente foi completamente ocupada pela Paixão de Nosso Senhor Jesus Cristo e na compaixão por Nossa Senhora, Santa Maria, através da qual foi compelida a gritar muito alto e chorar muito amargamente, como se ela fosse morrer. Então o sacerdote da dama veio até ela e disse: "Senhora, Jesus morreu há muito tempo".

Quando seu choro passou ela disse ao sacerdote:

– Senhor, a morte dele é tão recente para mim como se tivesse acontecido hoje, e penso que deve ser assim para você bem como para todos os cristãos. Nós devemos ter sempre em nossa mente sua bondade e pensar sempre na morte dolorosa que ele teve por nós.

Então, a boa dama escutando a conversa disse:

– Senhor, isto é um bom exemplo para mim e para outros também, da graça que Deus opera na alma dela.

E a boa dama a defendeu e respondeu por ela. Depois disso, elas foram para a casa da dama onde jantaram e ela foi alegremente recebida e ficou muito feliz pelo tempo que ela passou ali. E logo depois ela voltou para Lynn e o citado sacerdote, por quem ela havia ido especialmente a Norwich, e que leu para ela por sete anos, recuperou-se e podia ir aonde quer que desejasse, louvado seja Deus Todo-Poderoso por sua bondade!

CAPÍTULO 61

Então chegou a Lynn um frade que era considerado um homem santo e um bom pregador[236]. Seu nome e sua sabedoria como pregador eram muito conhecidos. Homens bons visitaram a dita criatura e muito caridosamente a disseram:

– Margery, agora você terá pregações suficientes, pois um dos mais famosos pregadores da Inglaterra chegou a esta cidade para ficar aqui no convento.

Logo, ela ficou feliz e contente e deu graças a Deus de todo o coração porque um homem tão santo viera morar entre eles. Pouco tempo depois, ele fez um sermão em uma capela de Santiago em Lynn, onde se reuniu muita gente para escutar o sermão. E antes de subir ao púlpito, o pároco da igreja onde ele ia pregar se aproximou dele e lhe disse:

– Senhor, rogo que não se aborreça. Ao seu sermão irá assistir uma mulher que, frequentemente, quando ouve falar sobre a Paixão de Nosso Senhor ou sobre qualquer outra devoção, chora, geme e grita, mas não por muito tempo. E por isso, bom senhor, se ela fizer qualquer barulho no seu sermão, suporta-o pacientemente e não se consterne por isso.

O bom frade seguiu adiante a pregar o sermão e falou muito santamente e devotamente e disse muitas coisas sobre a Paixão de Nosso Senhor, de modo que a dita criatura sentiu incapaz de suportar. Ela se conteve o quanto pôde para não gritar, mas finalmente explodiu num grande alarido e chorou amargamente. O bom frade o suportou com paciência e nesse momento não disse nem uma palavra a respeito.

Pouco depois, regou outra vez no mesmo lugar. Estava presente a dita criatura e, ao observar a multidão que havia corrido para escutar o sermão, recebeu muita alegria em sua alma, pensando interiormente: “Ah, Senhor Jesus, creio que se estivésseis aqui para pregar em pessoa, toda a gente ficaria muito contente de vos ouvir. Peço-vos, Senhor, que estabeleçais vossas santas palavras em suas almas da mesma maneira que estivessem na minha, e só assim muitos poderiam se converter pela sua voz, igual ao que aconteceria com vossa voz se vós mesmos pregásseis”.

E, com semelhantes pensamentos e reflexões sagradas, nesse momento pediu graças para toda a gente. E depois, com aquele santo sermão e com sua meditação, a virtude da devoção operou com tal intensidade em seu pensamento que começou a chorar violentamente. Então o bom frade disse:

---

[236] Numa nota marginal no capítulo 63 do manuscrito este frade recebe o nome de Melton, talvez o identificando como o inimigo de Margery Kempe, o pregador franciscano William Melton.

– Desejo que esta mulher permaneça fora da igreja; é uma pessoa desagradável.

– Senhor, perdoa, ela não pode se controlar – responderam algumas pessoas amigas dela.

Então muita gente se voltou contra ela e se alegrou porque o frade se posicionou contra ela. Por conseguinte, alguns homens disseram que ela tinha um demônio dentro dela e eles haviam dito isso antes muitas vezes, mas agora se mostravam mais atrevidos, pois pensavam que sua opinião era muito apoiada por esse frade. Ele não a permitiria escutar seu sermão se não parasse de suspirar e gritar.

Nesse momento também se encontrava ali um bom sacerdote que havia lido para ela numerosos bons livros santos e conhecia a causa de seus gritos. Ele falou com outro bom sacerdote que a conhecia há muitos anos e lhe confiou em como pretendia se reunir com o bom frade e veria se podia abrandar o coração dele.

O outro bom sacerdote disse que gostaria de ir com ele, para conseguir tal graça se pudesse. Deste modo, ambos os sacerdotes foram juntos pedir ao bom frade com todo o seu coração para que permitisse a criatura assistir, sem fazer barulho, ao seu sermão e que fosse paciente com ela caso ela gritasse ou gemesse, do mesmo modo que a haviam suportado antes outros bons homens.

Ele respondeu rispidamente que se ela entrasse em alguma igreja onde ele fosse pregar e fizesse algum daqueles ruídos que ela fazia, falaria severamente contra ela e não permitiria de nenhuma maneira que ela gritasse.

Depois, um ilustre doutor em teologia, um carmelita – um clérigo muito metódico e um doutor idoso, e com muita experiência – que havia conhecido a dita criatura durante muitos anos e acreditava na graça que Deus operava nela, fez-se acompanhar por outro homem importante, um bacharel em leis, um homem culto e especialista na Bíblia, que era confessor da dita criatura,[237] e foi ver o bom frade igual ao que fizeram antes os bons sacerdotes e mandou que trouxessem vinho para brindar com ele, rogando-lhe por sua caridade que valorizasse favoravelmente as obras de Nosso Senhor na dita criatura e lhe concedia sua benevolência a suportando se caso acontecesse de que gritasse ou gemesse durante seu sermão. E estes dignos clérigos lhe disseram que se tratava de um dom de Deus e que só se pode tê-lo quando Deus o concedia e não podia conter-se quando Deus o dava e Deus o retiraria quando quisesse, porque isto ela o possuía mediante revelação e o frade o desconhecia.

[237] Possivelmente o mestre Aleyn e o mestre Robert Spyngolde.

Então, ele, sem dar crédito às palavras do doutor nem às do bacharel, confiando muito no apoio de toda a gente, disse que não tinha consideração para com os seus gritos apesar de tudo o que qualquer um pudesse dizer ou fazer, porque ele não acreditava que se tratava de um dom de Deus. Mas, disse, se ela não podia suportar quando chegava que pensava que se tratava de um problema de coração ou de qualquer outra enfermidade e se ela quisesse reconhecer que era assim, disse ele, ficaria compadecido dela e instaria a todos para que rogassem por ela. E, com esta condição, ele se mostraria paciente com ela e a permitiria que gritasse o bastante, se dissesse que era uma enfermidade natural.

E ela mesma conhecia bem, mediante revelação e por experiência, que não se tratava de nenhuma enfermidade e, por conseguinte, por nada deste mundo diria o contrário do que sentia. E assim, eles não puderam entrar em acordo. Logo, o ilustre doutor e seu confessor lhe recomendaram que não fosse ao sermão e isso a deixou muito triste.

Então, outro homem, um burguês muito distinto, que poucos anos depois foi prefeito de Lynn, foi vê-lo e pedi-lo igual ao que fizeram antes os beneméritos clérigos e lhe respondeu o mesmo que a eles.

Logo seu confessor a instruiu para que não fosse onde ele estivesse pregando e sim que quando ele pregasse em uma igreja ela fosse à outra. Ela sentiu muita tristeza, pois não sabia o que fazer, pois era excluída do sermão que para ela constituía o consolo mais alto na terra quando podia escutá-lo e, igualmente, o contrário para ela era a maior dor na terra, quando não podia escutá-lo. Quando ela mesma se encontrava sozinha em uma igreja e ele pregava às outras pessoas em outra, gritava com a mesma força e tão assombrosamente como quando se achava entre as pessoas.

Durante anos não lhe foi permitido assistir aos seus sermões, porque gritava assim sempre que agradava a Nosso Senhor conceder sua lembrança e a verdadeira contemplação de sua amarga Paixão. Sem dúvida, não fora excluída da pregação de outros clérigos e sim unicamente da do bom frade, segundo fora dito antes, mesmo que ali pregaram muitos ilustres doutores e outros beneméritos clérigos, tanto regulares quanto seculares e em cujos sermões ela gritava muito forte e gemia muito violentamente muitas vezes e com frequência. E, no entanto, eles a suportavam com muita paciência e alguns que haviam falado antes com ela e conheciam sua maneira de viver, desculpavam-na na frente das pessoas quando eles escutavam qualquer clamor ou queixas contra ela.

CAPÍTULO 62

Depois, na festividade de Santiago[238], o bom frade pregou no cemitério da capela de Santiago em Lynn [239]- nesse momento não se encontravam ali nem o bacharel nem o doutro em teologia – diante de uma grande audiência, pois ele gozava de uma santa reputação e de grande aceitação entre as pessoas até o extremo de que alguns homens se sabiam que ia pregar na região, iam com ele ou, se não, seguiam-no de cidade em cidade, tão grande era o prazer que sentiam de escutá-lo e, desta maneira, bendito seja Deus, pregava mais santa e devotamente.

No entanto, neste dia ele pregou fortemente contra a dita criatura, sem mencionar o nome dela, mas explicando seus pensamentos de tal forma que as pessoas sabiam que ele estava falando dela. Então houve certa agitação entre as pessoas, pois muitos homens e mulheres a amavam muito e ficaram muito decepcionados e tristes com a forma que ele falou contra ela e eles desejaram que não tivessem ouvido tudo aquilo naquele dia.

Quando ele escutou os murmúrios e as reclamações das pessoas, supondo que ele seria contrariado outro dia por aqueles que eram amigos dela, ele disse, enquanto batia no púlpito com o punho, "Se eu escutar esses assuntos novamente, eu baterei com o prego na cabeça de tal forma", ele disse, "que causará vergonha para os partidários dela!".

E então muitos daqueles que fingiam ser amigos dela se afastaram apenas por causa do medo vão das palavras dele e então eles não se atreveram mais a falar com ela; o mesmo sacerdote era uma dessas pessoas, que depois disso escreveu este livro e resolveu nunca mais acreditar nos sentimentos dela de novo.

E então Nosso Senhor o fez recuar logo, bendito seja Ele, de tal forma que ele a amou mais e acreditou no seu choro e nos seus gritos mais do que ele fazia antes. Pois depois de ler sobre uma mulher chamada Marie d'Oignies[240] e de seu modo de vida e da maravilhosa doçura que ela tinha ao ouvir a palavra de Deus, da maravilhosa compaixão que ela tinha em pensar na Paixão de Cristo e das lágrimas abundantes que ela vertia que a deixavam tão fraca e debilitada que ela não podia suportar ver a Cruz ou escutar sobre a Paixão de Nosso Senhor que ela se dissolvia em lágrimas de compaixão de piedade.

Da graça abundante de suas lágrimas, ele[241] escreve especialmente no livro anteriormente mencionado, no capítulo vinte e oito, o qual começa com "*Bonus es, domine, sperantibus in te...*" e também no capítulo dezenove que narra como ela, ao receber o pedido de

---

[238] Dia 25 de julho.

[239] Neste cemitério o lolardo William Sawtry, capelão da paróquia de Saint Margaret, retratou-se publicamente de suas opiniões diante do bispo no dia 25 de maio de 1399.

[240] Santa Marie d'Oignies (1177-1213), mística e beguina belga, cuja vida foi uma fonte importante para o livro de Kempe.

[241] Não fica claro aqui de qual autor está se falando; o que se sabe é que a *Vita* de Marie d'Oignies foi escrita por seu confessor Jacques de Vitry (c. 1170-1240) e depois largamente traduzida e reformatada.

um sacerdote para que não fosse perturbado ou distraído na missa dele pelos choros e soluços dela, chorou alto de tal forma que não conseguia se conter.

Então Nosso Senhor também visitou o sacerdote de Marie, durante a missa, com tanta graça e com tal devoção enquanto ele lia o santo evangelho que ele chorou copiosamente de tal forma que molhou suas vestimentas e os ornamentos do altar e não conseguia controlar nem seu choro nem seus soluços, que eram muito abundantes; ele não conseguia controlar nem permanecer de pé em frente ao altar com tudo isso.

Então ele acreditou que a boa mulher (por quem ele antes tinha pouca afeição), não podia controlar seu choro, seus soluços nem seus gritos, ela que sentia muito mais abundância de graças do que ele já havia sentido, além de qualquer comparação. Então ele entendeu que Deus dava sua graça a quem ele quisesse.

Assim, o sacerdote que escreveu este tratado, através da direção de um clérigo digno, um bacharel em teologia, viu e leu o assunto previamente descrito muito mais seriamente e mais completamente do que está escrito nesse tratado (porque aqui há apenas um pouco do que foi proposto, pois ele não tinha uma memória muito clara do dito assunto quando ele escreveu este tratado e, portanto, ele escreveu menos do que o proposto). Então ele recuou e se inclinou mais honestamente em direção da dita criatura, de quem ele tinha se afastado e a evitado por causa da pregação do frade, como escrito anteriormente.

Também, o dito sacerdote depois disso leu um tratado chamado *Prykke of Lofe,*[242] nos dois capítulos que Boaventura escreveu sobre si mesmo, as seguintes palavras; “Ah, Senhor! Que mais invocarei e gritarei? Vós vos atrasais e não chegais e eu, cansado e vencido pelo desejo, começo a enlouquecer, pois me governa o amor e não a razão. Corro apressadamente até aonde vós quereis. Rio de mim, Senhor. Aqueles que vêm a mim estão irritados e se compadecem de mim, sem saber que estou ébrio de vosso amor. “Senhor”, dizem eles, “olha, esse louco grita pelas ruas”, mas eles não percebem do quão imenso é o desejo do meu coração” (*Et capitulo Stimulus Amoris et capitulo ut supra*)[243].

Ele também leu questões parecidas sobre Richard de Hampole, o ermitão, em *Incendium Amoris*[244], que o levaram a crer na dita criatura. Também Elizabeth da Hungria[245] gritava com uma voz forte, segundo aparece escrito em seu tratado.

---

[242] *The Prick of Love* ou *O estímulo do amor*, uma tradução do inglês médio do *Stimulus Amoris* de São Boaventura.
[243] “E um capítulo do *Stimulus Amoris* e um capítulo como acima”.
[244] Na realidade, trata-se de Richard Rolle e de sua obra *Indendium Amoris,* citada nos capítulos 17 e 58.
[245] Santa Elizabeth da Hungria (1207-1231), franciscana depois da morte de seu marido em 1227, foi canonizada em 1235. Sua história era muito popular na Inglaterra durante o século XV. O tratado citado no texto se refere às *Revelações de Santa Elizabeth da Hungria*.

E muitos outros, que a haviam abandonado devido à pregação do frade, arrependeram-se e voltaram para ela depois, apesar de que o frade manteve sua opinião. Ele sempre dedicara uma parte de seu sermão contra ela, estivesse ela presente ou não, e fez com que muitas pessoas pensassem muito mal dela durante muito tempo.

Pois alguns diziam que era possuída por um demônio e alguns lhes disseram na cara que o frade deveria ter expulsado os demônios dela. Desta maneira foi caluniada, devorada e arruinada pelas calúnias das pessoas, pois devido à graça da contrição, da devoção e da compaixão que Deus operava nela, mediante o dom por cuja graça ela chorava, suspirava e gritava muito amargamente contra sua própria vontade – ela não tinha escolha, pois, se pudesse, preferia chorar em voz baixa e no privado, melhor do que publicamente.

CAPÍTULO 63

Logo, alguns de seus amigos se aproximaram dela e lhe disseram que seria mais sensato para ela abandonar a cidade do que permanecer lá, pois muitas pessoas estavam contra ela. E ela lhes respondeu que permaneceria ali o tempo que Deus quisesse:

– Porque – ela disse – aqui nesta cidade eu pequei. Por isso é conveniente que eu padeça aqui nesta cidade. E, todavia, não sofro tanta aflição nem tanta desonra como mereço, pois pequei contra Deus. Dou graças a Deus Todo-Poderoso por tudo quanto me envia e peço a Ele que todo o tipo de maldades que qualquer homem diga sobre mim neste mundo valha para a remissão dos meus pecados e tudo de bom que qualquer homem diga sobre a graça de que Deus obra em mim possa se transformar em adoração e louvor a Deus e na exaltação eterna de seu santo nome, pois toda classe de adoração lhe pertence e todo o desprezo, vergonha e reprovação pertencem a mim e eu verdadeiramente mereço.

Outra vez seu confessor se aproximou dela numa capela de Nossa Senhora chamada de *Gesine*[246], dizendo:

– Margery, o que vais fazer agora? Já que ninguém mais pode estar contra ti, salvo a lua e as sete estrelas. Quase ninguém está do seu lado, exceto eu mesmo.

– Ânimo, senhor, – disse ela a seu confessor – porque tudo, finalmente, acabará completamente bem. E, em verdade vos digo, que meu Senhor Jesus Cristo me concede grande consolo em minha alma, pois de outro modo eu cairia em desespero. Meu Senhor abençoado Jesus Cristo não consentirá que muito santo nome que tenha o bom frade, pois meu Senhor me

[246] Uma capela da Igreja de Saint Margaret de Lynn consagrada à Natividade. *Gesine*, em francês arcaico, significa "parto".

disse que está aborrecido com ele, e me disse que melhor seria que ele não houvesse nascido, pois despreza suas obras em mim.

– Filha, – disse-lhe também Nosso Senhor – se é um sacerdote que te despreza, sabendo muito bem porque choras e gritas, então é abominável.

E certa vez, quando se encontrava no claustro principal e não se atrevia a estar na igreja para não ofender as pessoas com seus gritos, sentindo grande pesar no coração, Nosso Senhor lhe disse,

– Filha, peço-te que voltes à igreja, pois retirarei teus gritos, de maneira que já não gritarás tão forte, nem como fazias antes, mesmo que o quisesses.

Ela obedeceu à ordem de Nosso Senhor e explicou exatamente a seu confessor como se sentia e certamente aconteceu igual ao que sentiu. Depois, já não gritou tão forte, nem da maneira que o havia feito antes, mesmo que mais tarde suspirava de forma que chamava a atenção de chorasse com tal amargura como nunca havia feito antes, às vezes em voz alta e às vezes em silêncio, segundo o plano que o próprio Deus controlaria.

Então muitas pessoas pensaram que ela não se atrevia mais a gritar devido à pregação do bom frade contra ela e que não a suportaria de maneira nenhuma. Logo elas o tomaram por um homem santo e a ela por uma falsa e hipócrita fingida. E ao mesmo tempo em que alguns falavam mal dela porque gritava, outros o faziam porque não gritava. E assim a calúnia e a angústia física lhe chegavam de todas as partes e tudo acontecia para o incremento de seu consolo espiritual.

Depois Nosso Senhor misericordioso disse a sua indigna serva,

– Filha, necessariamente eu devo reconfortar-te, pois agora estás no verdadeiro caminho do céu. Por este caminho cheguei juntamente com os meus discípulos, pois agora conhecerás melhor toda a dor e a vergonha que sofri para o teu amor e tu sentirás mais piedade ao pensar em minha Paixão. Filha, muitas vezes te disse que o frade diria muitas maldades sobre ti. Por isso, advirto-te que não lhe contes os conselhos secretos que tenho te revelado, pois não desejo que os ouça de tua boca. E filha, em verdade te digo, que ele será duramente castigado. Semelhante ao que agora tem boa reputação e será humilhado e tu serás exaltada. E farei com que muitas pessoas te amem por meu amor do mesmo modo que te tenham desprezado por ele. Filha, tu estarás na igreja quando ele se encontrar fora. Nesta igreja sofreste muita vergonha e insultos pelos dons que te concedi e pela graça e a bondade que obrei em ti e por isso nesta igreja e neste lugar serei adorado em ti. Muitos homens e mulheres dirão: “É visível que Deus a ama muito”. Filha, eu obrarei tanta graça em ti que o mundo inteiro se assombrará e se maravilhará de minha bondade.

Logo a dita criatura disse a Nosso Senhor com grande severidade:

– Não mereço que mostreis tanta graça em mim, Senhor, basta-me que salveis minha alma da condenação eterna através da vossa grande misericórdia.

– É a minha adoração filha a que vou representar e por isso eu gostaria que não fizesses a tua vontade, mas sim a minha. Quanto menos te valorizas, mais te valorizo e mais te amarei, filha. Procura não sofrer por causa dos bens terrenos. Provei-te na pobreza e te castiguei como castigaria a mim mesmo, tanto interiormente em tua alma como exteriormente através da difamação de toda a gente. Veja filha, concedi-te teu próprio desejo: que não deves ter mais purgatório que o deste mundo.

"Filha, com frequência me dizes em tua alma que os ricos têm grande motivo para me amar muito e dizes grande verdade, pois dizes que os concedi muitos bens para que possam me servir e amar. Mas, boa filha, peço-te que me ames com todo o seu coração e te concederei bens suficientes para que me ames com eles, pois céus e terras passarão antes que eu falhe contigo. E se outros homens caíram, tu não cairás e mesmo que todos os teus amigos te abandonem eu jamais te abandonarei. Nomeaste-me certa vez servo de tua casa e executor de todas as tuas boas obras e serei um verdadeiro servo e um verdadeiro executor no cumprimento de todas as tuas vontades e de todos os teus desejos. E proverei para ti, filha, como por minha mãe e por minha própria esposa."

CAPÍTULO 64

A criatura disse a Nosso Senhor Jesus Cristo:

– Ah, bendito Senhor! Gostaria de saber como poderia vos amar e agradar melhor e que meu amor vos resultasse tão doce como eu creio que é o vosso amor por mim.

Imediatamente Nosso doce Senhor Jesus, respondendo a sua criatura, disse:

– Filha se soubesse o quão doce é o teu amor por mim, não farias outra coisa a não ser me amar com todo o teu coração. E por isso, filha, eu creio que meu amor não é tão doce para ti como o é teu amor para mim. Filha, tu não sabes o quanto eu te amo, pois neste mundo se pode saber o quanto, nem se sente como é, pois te quebrarias e explodirias e jamais o suportaria, pela alegria que sentirias. E por isso o compartilho segundo o meu desejo para tua maior tranquilidade e consolo.

"Mas, filha, tu conhecerás em outro mundo o quanto te amei na terra, pois ali terás grande motivo para me dar graças. Ali verás eternamente todos os bons dias que já lhe concedi,

de contemplação, de devoção e de todo o grande amor que te dei para proveito de teus companheiros cristãos. Por isso, serás recompensada quando chegares a tua casa no céu."

"Filha, não há nenhum clérigo neste mundo que possa instruir-te melhor do que eu, e se obedeceres a minha vontade eu obedecerei à tua. Onde existe melhor mostra de amor do que chorar pelo amor de teu Senhor? Sabes perfeitamente, filha, que o maligno não tem caridade, pois ele está muito aborrecido contigo, e poderia fazer-te algum mal de alguma forma, mas não te causará nenhum dano, salvo um pouco neste mundo, atemorizando-te em algumas ocasiões de maneira que me pedirás com força a graça e dirigirás todo o teu amor até mim. Não existe nenhum clérigo que possa falar contra a vida que te ensinei e se, assim o fizer, não é clérigo de Deus e sim do demônio. Em verdade te digo que não existe nenhum homem neste mundo – se quisesse sofrer tanta humilhação pelo meu amor como tu tens feito e ligar-se tão fielmente a mim, sem querer me abandonar por qualquer coisa que possa se dizer ou fazer contra ele – mas eu o trataria com generosidade e lhe mostraria muita graça tanto neste mundo quanto no outro."

– Ah, meu amado Senhor, – disse então a criatura – vós deveríeis mostrar esta vida aos religiosos e aos sacerdotes.

– Não, não, filha, – respondeu Nosso Senhor – pois o que mais amor, eles não amam e isto é a vergonha, o desprezo o desdém e os insultos de toda a gente e por isso eles não têm esta graça. Pois, filha, digo-te que quem teme a vergonha do mundo não pode amar perfeitamente a Deus. E, filha, debaixo de um hábito de santidade se esconde muita maldade. Filha, se tu viveres a maldade que se cometa no mundo como eu a vejo, surpreender-te-ia que não me vingo totalmente sobre eles. Mas, filha, eu me contenho por teu amor. Choras tanto a cada dia pedindo misericórdia que tenho que concedê-la e as pessoas não creem na bondade que opero em ti por eles.

"Sem dúvida, filha, chegará um dia em eles estarão muito contentes de crer na graça que te concedi para eles. E lhes direi, quando saírem deste mundo, 'Vejam, eu lhes ordenei que chorassem por seus pecados e vocês a desprezaram muito, mesmo que o amor dela nunca cessasse'. E por isso, filha, as almas boas me darão muitas graças pela graça e a bondade que te concedi e aqueles que são malvados se queixarão e sofrerão grande dor para suportar a graça que te mostro. E deste modo os castigarei se fosse por mim mesmo."

– Não, amado Senhor Jesus, – ela suplicou – não castigueis nenhuma criatura por minha causa. Vós sabeis também, Senhor, que não desejo vingança e sim que suplico misericórdia e graça para todos os homens se for da vossa vontade concedê-la. Sem dúvida, Senhor, melhor que apartá-los de vós eternamente é castiga-los como vós mesmos queirais. Em minha alma me parece, Senhor, que estais plenos de amor, pois dizes que não desejais a morte

de um pecador. E vós dizeis também que desejais que todos os homens sejam salvos. Por isso, Senhor, visto que vós desejais que todos os homens se salvem, eu devo desejar o mesmo e vós mesmos dizeis que devo amar aos meus irmãos cristãos como a mim mesma. E, Senhor, vós sabeis que chorei e sofri durante muitos anos para me salvar, e outro tanto devo fazer pelos meus irmãos cristãos.

CAPÍTULO 65

– Filha, – disse Nosso Senhor Jesus Cristo a esta criatura – quando estiveres comigo no céu também verás e que ninguém é condenado a menos que o mereça por justiça e tu mesma ficarás plenamente satisfeita com todas as minhas obras. E por isso, filha, agradeça-me muito pelo grande amor que obro em teu coração, pois sou eu mesmo, Deus Todo-Poderoso, quem te faz chorar todos os dias pelos teus próprios pecados; pela grande dor que te concedo pela minha amarga Paixão e pelo grande padecimento de minha mãe aqui na terra, pela angústia que sofreu e pelas lágrimas que derramou; e também, filha, pelos santos mártires do céu (quando ouves falar deles, dá-me graças com gritos e prantos pela graça que te mostrei e quando vês os leprosos, tens grande lástima por eles, dando-me graças e louvando-me pois te favoreço mais do que a eles); e também, filha, pela grande dor que sentes por todo este mundo, ao qual ajudarias igual ao que ajudarias a ti mesma, tanto espiritual quanto corporalmente; e ainda mais pela dor que sentes pelas almas do purgatório, que estarias tão alegre se ficassem livres de seu sofrimento, para que pudessem adorar-me durante toda a eternidade.

"E tudo isto é a minha vontade a qual te concedo pelo que estás obrigada a me dar graças. E dessa forma, também te dou graças pelo grande amor que tens por mim, e porque queres e desejas enormemente que todos os homens e mulheres me amem assim. Pois, segundo pensas, todos eles, santos e ímpios, desejam dinheiro para viver, como é legítimo que desejem, mesmo que nem todos se preocupem em me amar do mesmo modo que o fazem para conseguir os bens temporais."

"Também filha te dou graças, pois pensas igual quando estás longe de minha bendita presença. Ademais filha te dou graças especialmente porque não podes permitir que qualquer homem não cumpra meus mandamentos, ou que jure por mim, sem que signifique uma grande dor para ti e porque sempre estás disposta, pelo meu amor, a repreendê-los por seus juramentos. E por isso tens sofrido muitos insultos e muitas reprovações e por isso terás mais de uma alegria no céu."

"Filha, uma vez enviei São Paulo para que te confortasse e te consolasse, de forma que pudésseis falar com firmeza em meu nome desse dia em diante. E São Paulo te disse que sofrerias grande atribulação por causa de seus escritos e te prometeu que por ele terias a mesma graça pelo seu amor na proporção de todos os insultos e a vergonha que sofreste pelo seu amor. Também te falou de muitas alegrias do céu e do grande amor que eu sentia por ti."

"E filha, com frequência eu te disse que não há santo no céu que, se falasses com ele, não estaria disposto a te consolar e falar contigo em meu nome. Meus anjos estão preparados para me oferecer teus santos pensamentos e tuas orações e também as lágrimas de teus olhos, pois tuas lágrimas são bebidas dos anjos e verdadeiramente são para eles vinho com especiarias e mel."

"Por isso, minha querida filha, não te canses de mim na terra para que fiques tu mesma sozinha e pensa em meu amor e meus olhos misericordiosos estarão sempre sobre ti. Filha podes me dizer ousadamente *Jesus est amor meus* que significa 'Jesus é o meu amor'. Por isso, filha, permita-me que eu seja todo o teu amor e toda a alegria em teu coração."

"Filha, se pensares bem sobre tudo isso, terás grande motivo para me amar acima de todas as coisas pelos grandes dons que te concedo há tanto tempo. E, todavia, tens outro grande motivo para me amar, pois desejas ser casta como as viúvas mesmo vivendo com teu marido e dispondo de boa saúde."

"Filha, eu atraí o amor de teu coração a partir dos corações de todos os homens para o meu coração. Algumas vezes, filha, tu pensavas que de certa maneira não podia ser assim e naquela época sofrias grande dor em teu coração com os afetos terrenos. E então tu também poderias gritar para mim dizendo: 'Senhor, por todas as tuas perfurações, drena todo o amor do meu coração para vosso coração'".

"Filha, por todas estas razões e muitos outros motivos e bondades que te mostrei neste país e no além-mar, tens grande motivo para me amar."

CAPÍTULO 66

– Agora, filha, desejo que comas carne outra vez, como costumavas fazer e te submetas e obedeça minha vontade e minha ordem e abandones tua própria vontade e digas aos teus confessores que te permitam agir de acordo com a minha vontade. E não terás, de forma alguma, menos graça e sim muitas mais, pois no céu terás idêntica recompensa que terias se continuasse jejuando segundo sua própria vontade. Filha, primeiro eu te ordenei que devesse deixar a carne

e não mais comê-la e obedeceste a minha vontade durante muitos anos e te abstiveste seguindo meu conselho. Por isso, agora te ordeno que voltes a comer carne outra vez.

– Ah, Senhor bendito, – disse a dita criatura com temor reverente – quem conheceu minha abstinência durante tantos anos e que agora verá que volto a comer carne outra vez se surpreenderá e suponho que me desprezará e rechaçará por isso.

– Não farás caso de seu menosprezo- respondeu-lhe Nosso Senhor – e deixa que cada um diga o que quiser.

Logo, foi ver seus confessores e lhes contou o que Nosso Senhor lhe disse. Quando seus confessores souberam da vontade de Deus, ordenaram-lhe que comesse carne em virtude da obediência segundo havia feito muitos anos antes. Depois recebeu muito desprezo e muitas críticas por ingerir carne de novo.

Ela também havia feito o voto de jejuar um dia por semana enquanto vivesse, em louvor de Nossa Senhora, voto que cumpriu durante muitos anos. Nossa Senhora, aparecendo em sua alma, ordenou-lhe que falasse com seu confessor e lhe dissesse que devia ser dispensada de seu voto para que fosse suficientemente forte para cumprir com suas tarefas espirituais, pois sem forças físicas não poderia fazê-lo. E sua graça não diminuiu e sim aumentou bem mais, pois ela teria melhor jejuado em vez de comer, se essa tivesse sido a vontade de Deus.

Ademais Nossa Senhora lhe disse:

– Filha, agora tu te encontras bastante fraca por chorar e gritar, pois ambas as coisas te debilitam e esgotam. Posso te dar graças mais por comer carne por meu amor do que por jejuar, pois assim podes suportar a perfeição do teu pranto.

CAPÍTULO 67

Aconteceu que certa vez houve um grande incêndio em Bishop's Lynn que queimou o Salão da Guilda da Trindade[247]. Este incêndio assustador e terrível, provavelmente teria destruído a igreja paroquial, dedicada a Saint Margaret – um edifício majestoso e ricamente ornamentado – bem como a toda a cidade se uma graça ou milagre não tivessem acontecido.

Encontrando-se ali a dita criatura e vendo perigo e a desgraça de toda acidade, gritou muito forte muitas vezes naquele dia e chorou muito abundantemente. Pedindo graça e misericórdia para todos. E apesar de que outras vezes as pessoas não podiam suportar os seus gritos e prantos por causa da abundante graça que Nosso Senhor operava nela, neste dia, para

[247] Esse incêndio aconteceu em 23 de junho de 1420 ou 1421. O prédio atual de Lynn é o que foi reconstruído em 1421 depois do incêndio.

evitar que corressem perigo, consentiram-na que gritasse e chorasse o quanto quisesse e ninguém lhe ordenou que parasse e, sim suplicaram que continuasse confiando e crendo totalmente, que através de seus gritos e seu pranto Nosso Senhor lhes concederia misericórdia.

Então, seu confessor se aproximou dela e lhe perguntou se seria melhor levar a eucaristia até o fogo ou não.

– Sim, senhor, sim, – respondeu ela – pois Nosso Senhor Jesus Cristo me disse que seria bom fazer isso.

Assim, seu confessor, pároco da igreja de Saint Margaret, tomou a preciosa eucaristia e a elevou frente ao fogo com tanta devoção como pôde e depois a devolveu outra vez à igreja e as chispas do fogo sobrevoaram a igreja! A dita criatura, desejando acompanhar a eucaristia até o fogo, saiu pela porta da igreja e logo que viu as terríveis chamas do fogo gritou com voz forte e muitos prantos: "Bom Senhor, acaba com este fogo!".

Estas palavras surtiram efeito em sua mente, pois Nosso Senhor lhe havia dito antes que ele solucionaria tudo e por isso ela gritava:

– Bom Senhor, acaba com este incêndio trazendo a chuva ou provocando uma tempestade que através da vossa misericórdia apague este fogo e alivie meu coração.

Depois regressou à igreja e nesse mesmo instante viu como as chamas entravam no coro através da lanterna. Então sentiu uma nova dor e outra vez gritou muito forte pedindo graça e misericórdia, com grande abundância de lágrimas. Pouco depois, três ilustres homens se aproximaram dela com suas roupas cobertas de neve, dizendo-lhe:

– Veja, Margery! Deus nos mostrou grande graça e nos enviou uma bela nevasca para apagar o fogo. Alegre-se e dê graças a Deus por isto!

E dando um grande grito louvou e deu graças a Deus por sua grande misericórdia e bondade, especialmente porque ele lhe havia dito antes, que tudo daria certo, no mesmo instante em que o mais provável era que tudo desse errado a não ser por algum milagre ou graça especial. E agora, ao ver que realmente deu tudo certo, pensou que tinha grande motivo para dar graças a Nosso Senhor.

Logo se aproximou dela seu confessor e lhe disse que ele acreditava que devido às suas orações Deus os havia livrado de um grande perigo, pois sem as devotas rogativas não haveria como acontecer que a atmosfera, que estava clara e brilhante, de repente houvesse se tornado nublada e escura e caíram grandes flocos de neve que impediram que o fogo se alastrasse. Bendito seja Nosso Senhor!

Apesar da graça que ele mostrou por ela, todavia, quando o perigo passou algumas pessoas a caluniaram por ter gritado e algumas diziam que Nossa Senhora jamais gritou. “Por que gritas assim?” E ela disse que não conseguia evitar.

Logo se afastou de todos, retirando-se para o claustro principal, de maneira que não lhes daria mais nenhuma chance de lhe insultarem. Quando se encontrou ali, teve tantas recordações intensas da Paixão de Nosso Senhor Jesus Cristo e de suas preciosas feridas e de como a redimiu que gritou e grunhiu com grande amargura, de modo que pôde ser ouvida muito longe dali e não conseguia se segurar.

Assim, ela também se encontrava surpresa de como Nossa Senhora podia sofrer ou aguentar ver o precioso corpo de seu filho ser açoitado e pregado na cruz. Também, veio a sua mente como toda a gente lhe havia dito antes que Nossa Senhora, a própria mãe de Cristo não gritou como ela gritava e isso fez com que dissesse em seus gritos:

– Senhor, não sou vossa mãe. Afasta de mim essa dor, pois não posso suportá-la. Vossa Paixão vai me matar.

Assim, chegou a seu lado um distinto clérigo, doutor em teologia e disse:

– Preferia mais padecer semelhante dor pela Paixão de Nosso Senhor do que ter vinte libras.

Logo, o dito doutor mandou que ela viesse falar com ele onde ele se encontrava e ela foi de boa vontade até os aposentos dele chorando. Aquele distinto e respeitável clérigo a convidou para beber e se mostrou muito acolhedor com ela. Depois a levou até um altar e lhe perguntou a razão pela qual gritava e chorava de maneira tão amarga. Então ela lhe deu um grande número de importantes razões para o seu pranto e não lhe falou de nenhuma revelação. E ele disse que ela era obrigada a amar Nosso Senhor pelas demonstrações de amor que ele lhe mostrava de várias formas.

Depois, chegou um pároco graduado na universidade e que pregava o mesmo sermão pela manhã e à tarde. E como pregava santa e devotamente, a dita criatura foi movida pela devoção durante o seu sermão e, consequentemente, começou a chorar e as pessoas começaram a reclamar por causa de seus gritos, pois se produziam quando o bom frade pregava contra ela, segundo antes se havia descrito e também antes que Nosso Senhor lhe privasse de seus gritos. (Pois embora este assunto tenha sido escrito antes deste, no entanto, aconteceu depois deste).

Então o pároco interrompeu sua pregação e disse a toda à gente:

– Amigos, fiquem tranquilos e não sejam rancorosos com esta mulher, pois cada um de vocês pode pecar mortalmente nela e ela não é a causa e sim o seu próprio juízo. Pois, mesmo que esta maneira de se comportar possa parecer tanto boa quanto mal, vocês devem pensar o

melhor em seus corações e não duvido que seja algo muito bom. Também me atrevo a dizer que é um dom completamente cheio da graça de Deus. Bendito seja!

Logo, toda a gente o bendisse por suas boas palavras e ficaram mais dispostos a crer em suas benditas obras. Depois quando concluiu o sermão, um bom amigo da dita criatura se reuniu com o frade que havia pregado tão severamente contra ela e lhe perguntou o que pensava dela. O frade, respondendo bruscamente, disse:

– Ela tem o demônio dentro de si – sem se retratar em absoluto de sua opinião e sim defendendo seu erro.

CAPÍTULO 68

Pouco depois se celebrou o capítulo dos dominicanos em Lynn[248] e vieram muitos clérigos distintos dessa santa ordem, um dos quais foi fazer um sermão na igreja paroquial. E entre os que vieram ao dito capítulo se encontrava um digno doutor chamado Mestre Custawns, que havia conhecido a criatura muitos anos antes. Quando esta criatura soube que ele se encontrava ali foi vê-lo e revelou porque gritava e chorava tão amargamente, para saber se ele podia encontrar culpa em seus gritos ou em seus prantos. O distinto doutor lhe disse:

– Margery, eu li sobre uma santa mulher a quem Deus havia concedido a grande graça de prantos e gritos como fez contigo. Na igreja onde vivia havia um sacerdote que não tinha uma opinião favorável de seu pranto e a ordenou que saísse da igreja. Enquanto estava no cemitério, pediu a Deus que o sacerdote pudesse ter a sensação da graça que ela sentia, tão certo como que não estava em seu poder gritar ou chorar quando Deus quisesse. E assim, repentinamente, enquanto celebrava missa, Nosso Senhor lhe enviou tanta devoção que ele não pôde se controlar e logo, depois disso, não desejou desprezá-la mais e sim consolá-la[249].

Por isso, o dito doutor, confirmando seus gritos e seus prantos, disse que se tratava de um dom gracioso e especial de Deus e Deus seria sumamente exaltado em seu dom. E logo, o mesmo doutor foi ver outro doutor em teologia que havia sido designado para que pregasse na igreja paroquial na frente de todas as pessoas, pedindo-lhe que se a dita criatura gritasse ou chorasse durante seu sermão, devia suportá-lo calmamente e nem desanimar-se nem dizer nada contra isso. Assim, depois, quando o distinto doutor foi pregar, e foi conduzido de forma adequada ao púlpito, começou a pregar muito santa e devotamente sobre ascensão de Nossa Senhora e a dita criatura, transportada interiormente por uma grande doçura e devoção,

[248] O capítulo é a assembleia provincial dos dominicanos.
[249] Possivelmente, a santa mulher a qual o texto se refere é Marie d'Oignie.

começou a gritar com muita força e a chorar muito amargamente. O distinto doutor fez silêncio e esperou com paciência até que cessaram os gritos e depois continuou pregando até o final.

À tarde, fez com que trouxessem a mesma criatura até onde ele se encontrava e a recebeu muito bem. Logo ela lhe as graças pela paciência e pelo amor que ele havia demonstrado pela manhã durante seu sermão apesar dos gritos e dos prantos dela. O distinto doutor lhe respondeu:

– Margery, não falaria contra ti, mesmo que tivesse continuado gritando até a noite. Se tu vieres a Norwich, será muito bem-vinda e receberás a hospitalidade que posso te oferecer.

Desta maneira, Deus lhe enviou um excelente patrono na pessoa deste distinto doutor, para fortalecê-la contra seus detratores. Louvado seja seu nome!

Tempos depois, em Lent, um bom clérigo, um frei agostiniano, pregou em seu próprio convento em Lynn e teve grande audiência, encontrando-se presente neste momento a dita criatura. E Deus, em sua bondade, inspirou ao frade para que pregasse um grande sermão sobre sua Paixão, de maneira tão compassiva e com tanta devoção que ela foi incapaz de suportar. Caiu ao chão chorando e gritando de forma tão violenta que muitas pessoas se assombraram por isso e a insultaram veementemente supondo que conseguisse deixar de gritar se quisesse, visto que o bom frade pregou contra ela, segundo se escrevera anteriormente. E logo, este bom homem que pregava nesta ocasião disse a toda a gente:

– Amigos, calem-se, vocês sabem muito pouco sobre o que ela está sentindo.

E assim, as pessoas se calaram e continuaram ali e escutaram o sermão com tranquilidade e descanso de corpo e alma.

CAPÍTULO 69

Também, numa Sexta-feira Santa na igreja de Saint Margaret, o prior de lá[250] e da mesma cidade de Lynn foi pregar. E escolheu o tema “Jesus está morto”. Então, a dita criatura, completamente ferida de piedade e compaixão, gritou e chorou como se tivesse visto com os olhos de seu corpo a Nosso Senhor morto. O honrado prior e doutor em teologia a suportou com grande mansuetude e não fez nada contra ela.

Certa vez o bispo Wakering[251], bispo de Norwich, pregava em Lynn na dita igreja de Saint Margaret e esta criatura gritou e chorou muito violentamente durante seu sermão e ele se comportou com ela muito calmo e paciente e o mesmo fizeram muitos clérigos, os regulares e

[250] Thomas Hevynham.
[251] John Wakering, consegrado bispo de Norwich em 1416.

os seculares, pois não havia nenhum clérigo que pregasse abertamente contra seus gritos, exceto o frei franciscano, segundo antes havia sido escrito.

Assim, Nosso Senhor por sua misericórdia, segundo havia prometido à dita criatura que velaria por ela, movendo os espíritos de dois bons clérigos que durante muitos anos haviam conhecido sua conduta e sua perfeição, para que falassem com vigor e energeticamente para desculpar a dita criatura, tanto do púlpito como fora dele, aonde quer que escutassem algo contra ela, apoiando suficientemente seus argumentos com a autoridade da Bíblia. Destes clérigos, um era carmelita, doutor em teologia; o outro era um bacharel em direito canônico, uma pessoa muito versada nas Sagradas Escrituras.

E então, algumas pessoas invejosas se queixaram ao Provincial[252] dos carmelitas de que o dito doutor mantinha uma relação muito íntima com a dita criatura, chegando até ao ponto de apoiá-la em seus prantos e gritos, e instruindo-a também em questões relacionadas com a Bíblia sempre que ela lhe perguntava sobre alguma. Desta maneira foi lhe ordenado, em virtude da obediência, que não falasse mais com ela nem desse informações sobre nenhum texto bíblico e isso foi muito doloroso para ele porque, segundo disse a algumas pessoas, ele preferia perder cem libras do que sua conversação, de tão espiritual e frutífera que era.

Quando seu confessor soube como foi imposto pelo distinto doutor, em virtude da obediência, que não falasse mais com ela, ele, para evitar qualquer oportunidade e ocasião, também a advertiu em virtude da obediência que não fosse nunca mais encontrar os frades, nem falasse com o dito doutor, nem lhe perguntasse qualquer questão como havia feito antes.

E logo seus pensamentos se tornaram muito tristes e sombrios, pois estava excluída de muito consolo espiritual. Ela preferia perder qualquer bem terreno do que sua conversação, pois constituía para ela um grande aumento da virtude.

Logo, muito depois, aconteceu que ela caminhava pela rua para se encontrar com o mencionado doutor e nenhum dos dois dirigiu a palavra um ao outro e então ela gritou mais forte, derramando muitas lágrimas. Depois quando ela se pôs a meditar, disse interiormente a Nosso Senhor Jesus Cristo:

- Ai, Senhor! Por que não posso receber o consolo deste distinto clérigo, que me conhece há tantos anos e com frequência tem me reconfortado em vosso amor? Agora, Senhor, vós separastes de mim o eremita (confio em vossa misericórdia), o consolo mais especial e singular o qual nunca tive na terra, pois sempre me amou por vosso amor e jamais me esqueceria enquanto eu vivesse apesar do que qualquer um pudesse dizer ou fazer. E agora, o Mestre Aleyn

[252] Thomas Netter, eleito prior provincial dos carmelitas ingleses em 1414.

foi proibido de me ver e que eu o veja. Sir Thomas Andrew e Sir John Amy conseguiram benefícios e se encontram fora da cidade. O mestre Robert se atreve apenas a falar comigo. Agora não tenho nenhum consolo nem de adulto nem de criança.

– Filha, – disse Nosso misericordioso Jesus Cristo, respondendo-a em seu interior – sou mais digno de tua alma do que jamais o foram o eremita e todos os outros que nomeaste ou que possa ser o mundo inteiro e eu mesmo a consolarei, pois eu te falaria com mais frequência do que tu me permites. E quero, filha, que saibas que falarás com o Mestre Aleyn de novo, como fizeste antes.

E depois Nosso Senhor enviou, através de um acordo com o prior de Lynn, um sacerdote para que se encarregasse da capela de Nossa Senhora, chamada de Gesine, dentro da igreja de Saint Margaret e este sacerdote escutou muitas vezes sua confissão na ausência de seu confessor principal. E ela se referiu a este sacerdote toda a sua juventude, da maneira mais precisa que ela pôde: seus pecados, seus problemas, suas provas, suas contemplações e também suas revelações e a graça sem limites que Deus operava nela por sua misericórdia e deste modo aquele sacerdote acreditou plenamente que Deus operava muitas graças nela.

CAPÍTULO 70

Em certa ocasião, Deus visitou o mencionado doutor, o Mestre Aleyn, com uma enfermidade tão grave que ninguém lhe dava nenhuma esperança de vida. E assim contaram à dita criatura. Então se afligiu por causa dele, sobretudo porque havia recebido uma revelação de que falaria outra vez com ele como fazia antes e, se ele morresse desta enfermidade, seu pressentimento não havia sido verdadeiro. Por isso correu ao coro da igreja de Saint Margaret, ajoelhando-se diante da Eucaristia e falando desta maneira:

– Ah, Senhor! Peço-vos, por toda a bondade que me haveis mostrado e com a mesma certeza de que me amais, não permitais que este digno clérigo morra antes que eu possa falar com ele, segundo vós me haveis anunciado que deveria fazer. E vós, gloriosa Rainha de Misericórdia, recorda o que ele dizia sobre vós em seus sermões: ele costumava dizer, Senhora, que certamente era bem-aventurado quem os considerava sua amiga, pois quando vós orais, todos os companheiros do céu oram com vós. Agora, pelo maravilhoso amor que vós tendes a vosso filho, permite-lhe viver até que tenha permissão para falar comigo e eu com ele, pois agora estamos separados por obediência.

Logo ela recebeu resposta em sua alma de que ele não morreria antes de conseguir permissão para falar com ele e ele com ela, segundo haviam feito durante anos. E pouco tempo

depois, quando Nosso Senhor quis, o digno clérigo se recuperou e vivei são e saudável e obteve licença de seu Provincial para falar com a dita criatura. E ela conseguiu licença de seu confessor para fala com ele.

Aconteceu que o citado doutor foi jantar na cidade com uma distinta dama que havia tomado o manto e o anel e ele ordenou que a dita criatura viesse falar com ele. Muito surpresa com isso, ela pediu permissão e foi vê-lo. Quando chegou ao lugar onde ele estava não conseguiu falar por causa do pranto e da alegria que tinha em Nosso Senhor, ao ver que seu sentimento era verdadeiro e não falso e que ele tinha licença para falar com ela e ela com ele.

Logo, o honrado doutor lhe disse:

– Margery, tu és bem-vinda, pois estou separado de ti há muito tempo e agora Nosso Senhor te enviou aqui para que possa falar contigo. Bendito seja!

Desfrutaram de um jantar muito divertido e alegre, muito mais espiritual do que corporal, pois utilizaram os relatos da Bíblia como tempero e condimento. E naquela ocasião, ele entregou à dita criatura um par de facas, em sinal de que ele estaria ao seu lado por causa de Deus, segundo se havia feito antes.

CAPÍTULO 71

Um dia veio um sacerdote ver a dita criatura, ele acreditava muito em seus sentimentos e em suas revelações, mesmo assim desejo pô-los à prova em diferentes ocasiões e lhe pediu que rezasse a Nosso Senhor para que pudesse saber algo acerca de si o prior de Lynn, que era um bom mestre do dito sacerdote, seria transferido ou não. Tão logo teve uma ideia, foi lhe dar uma explicação verdadeira. Ela rogou pelo assunto mencionado e, depois de receber uma resposta, disse ao sacerdote que o prior de Lynn, seu mestre, seria chamado ao monastério de Norwich e, em seu lugar, seria enviado a Lynn outro de seus irmãos. E assim ocorreu realmente. Mas o que foi enviado a Lynn permaneceu pouco tempo, até que foi chamado outra vez Norwich, e, o que havia sido antes prior, foi enviado outra vez a Lynn e permaneceu ali aproximadamente quatro anos até morrer[253].

E naquele intervalo de tempo, a dita criatura sentia frequentemente que o último religioso que foi chamado a Norwich e que havia permanecido pouco tempo em Lynn seria de novo o prior. Ela não daria nenhum crédito a isto, visto que já havia estado ali e foi chamado outra vez ao convento. Então, enquanto passeava certa vez de um lado para o outro pela igreja

[253] Segundo alguns documentos, os dois priores foram Thomas Hevingham e seu sucessor John Dirham.

dos carmelitas de Lynn[254], experimentou uma doçura maravilhosa e um sabor celestial, pensando que poderia viver deles, sem necessidade de comer nem de beber, se houvesse durado. E nesse momento, Nosso Senhor lhe disse:

– Filha, por este doce aroma podes saber que logo haverá um novo prior em Lynn e que será o último que foi transferido de lá.

E, pouco tempo depois, morreu o antigo prior e logo Nosso Senhor lhe disse enquanto ela jazia em seu leito:

– Filha, descrente como és de minhas inspirações, brevemente, antes que acabe a semana, verás como prior em Lynn a quem te falei anteriormente.

E assim Nosso Senhor lhe repetiu a mesma informação todos os dias durante uma semana até que ela viu que realmente era correto e depois ficou muito alegre e contente, pois seu sentimento era verdadeiro.

Depois, quando este honrado homem chegou a Lynn e viveu ali durante algum tempo – se tratava de um clérigo muito distinto, um doutor em teologia – foi nomeado para que fosse para o outro lado do mar, ao reino da França, junto com outros clérigos entre os mais honrados da Inglaterra.

Então, um sacerdote que desempenhava um cargo abaixo do citado prior foi ver a dita criatura e lhe pediu que levasse em conta esta questão quando Deus mantivesse sua santa conversação com sua alma e averiguasse a respeito se o prior deveria ou não cruzar o mar. Não obstante, ele mesmo pensava que iria, e tudo estava preparado para tanto, tendo se despedido de seus amigos com grande pesar, pensando que nunca mais retornaria, pois era um homem muito fraco e tinha uma constituição muito delicada. E, nesse meio termo, morreu o rei[255], e o prior ficou em casa. E desta maneira seu pressentimento se cumpriu sem nenhum engano.

Também correu o boato de que o bispo de Winchester havia morrido[256], mas ela teve o pressentimento de que ele estava vivo. E de fato era verdade. E desta forma ela tinha pressentimentos sobre muitos outros assuntos sobre os quais se pode escrever, os quais Nosso Senhor, por sua misericórdia, revelava-a para sua compreensão, apesar de que não merecia por seus próprios méritos.

CAPÍTULO 72

[254] O convento dos carmelitas se encontrava em South Lynn, próximo à Igreja de Todos os Santos.
[255] Henrique V morreu na França em 31 de agosto de 1422.
[256] Henry Beaufour, bispo de Winchester entre 1405 e 1447, meio irmão do rei Henrique IV e ao qual Margery Kempe irá se referir mais adiante na narrativa. Morreu em 1447.

Assim, com o transcorrer do tempo, sua mente e seus pensamentos estiveram tão unidos a Deus que jamais o esquecia e sim continuamente o tinha em seu pensamento e o via em todas as criaturas. E quanto mais crescia seu amor e sua devoção, tanto mais aumentava sua dor e sua contrição, sua humildade, sua paciência e o santo temor a Nosso Senhor e o conhecimento de sua própria fragilidade, de tal forma que se via uma criatura sendo maltratada ou castigada violentamente ela pensava que aquele que maltratava deveria ser castigado mais do que aquela criatura, por sua desconsideração com Deus. Então gritava, chorava e soluçava por seu próprio pecado e por compaixão pela criatura que era maltratada de tal maneira e castigada violentamente.

Se via um príncipe, um prelado, ou pessoas de alta condição e nobreza, a quem os homens admiravam e reverenciavam servil e submissamente, de imediato sua mente recebia novo alento em Nosso Senhor, pensando quanta alegria, quanta sorte, quanta veneração e reverência tinha ele no céu entre seus benditos santos, pois nenhum mortal tinha honras semelhantes na terra.

E, sobretudo, quando via a preciosa Eucaristia sendo levada pela cidade com velas e veneração[257], prostrando-se todos de joelhos, então tinha muitos santos pensamentos e meditações e logo, com frequência gritava e grunhia como se tivesse explodido, devido à fé e à confiança que tinha na preciosa Eucaristia.

Também, muitas pessoas desejavam que a dita criatura estivesse ao seu lado durante sua agonia e rezasse por elas, pois, mesmo que não apreciassem seus gritos e seu pranto enquanto viviam, desejavam que chorasse e gritasse quando estavam agonizando, e ela assim o fazia. Quando vinham administra a extrema unção às pessoas, tinha muitos santos pensamentos, muitas santas meditações e, se via alguma pessoa agonizando, pensava que via Nosso Senhor agonizar e às vezes Nossa Senhora, pois Nosso Senhor iluminava sua visão espiritual com sensatez. Então gritava, chorava e soluçava incrivelmente, como se tivesse visto a Nosso Senhor ou Nossa Senhora agonizando. E pensava interiormente que Deus retirava a muitos deste mundo, que haviam vivido de muito boa vontade, "e eu Senhor", pensava ela, "com muita alegria iria convosco, e por mim não sentis nenhum anseio", e semelhantes pensamentos aumentavam seu pranto e seus suspiros.

Em certa ocasião, uma importante senhora mandou que fosse falar com ela e, enquanto conversavam, a senhora lhe mostrava certo respeito e adoração e para ela era uma grande dor

[257] Provavelmente quando se levava a eucaristia aos enfermos e moribundos. A Guilda de Corpus Christi de Lynn foi fundada depois da praga que dizimou sua população em 1349.

receber qualquer tipo de adoração. Logo, imediatamente o ofereceu a Deus com um grande grito e muitas lágrimas de devoção, pois só desejava sua devoção.

Deste modo, não existia honra nem devoção, nem amornem difamação, nem vergonha nem desprezo que pudessem desviar seu amor de Deus, pois, como dizia a frase de São Paulo: "Sabemos que todas as coisas cooperam para o bem daqueles que amam a Deus, daqueles que são chamados segundo o seu propósito"[258] e assim acontecia com ela. Visse ou ouvisse o que fosse, sempre aumentava seu amor e seu afeto espiritual por Nosso Senhor, bendito seja, que operava semelhante graça nela para benefício de numerosas pessoas.

Outra vez foi solicitada por outra importante senhora que se achava rodeada de um grande séquito, que lhe rendia grande honra e reverência. Quando a dita criatura viu todo o seu séquito ao redor dela e a grande reverência e honra que lhe mostravam, começou a chorar e a gritar muito com grande tristeza. Encontrava-se ali um sacerdote que ouviu como gritava e chorava e se tratava de uma pessoa que não apreciava os assuntos espirituais, e ele a maldisse dizendo:

– O que diabos acontece contigo? Por que choras dessa forma? Deus te dê sofrimento!

Ela permaneceu quieta e não respondeu. Logo, a senhora a conduziu a um jardim onde ficaram sozinhas e lhe pediu que dissesse por que gritava de maneira tão terrível. E então, supondo que era oportuno fazê-lo, contou parcialmente a razão. Então a senhora se aborreceu com seu sacerdote que havia falado de forma tão desprezível contra ela e sentiu grande amor pela criatura desejando e pedindo-lhe que continuasse, todavia com ela. Então ela mesma se desculpou e disse que não podia estar de acordo sobre como se vestiam e se comportavam seus familiares.

CAPÍTULO 73

Numa Quinta-feira Santa a dita criatura foi em procissão com outras pessoas e ela viu em sua alma Nossa Senhora, Santa Maria Madalena[259] e os doze apóstolos. E então contemplou com seus olhos espirituais como Nossa Senhora se despedia de seu bendito filho, o Cristo Jesus, como ele a beijava e aos seus apóstolos, e também à sua verdadeira amante, Maria Madalena. Logo pensou que era uma separação triste e uma despedida alegre. Quando contemplou essa

[258] Romanos 8, 28.

[259] Maria Madalena foi uma das mulheres que seguiram Jesus. As notícias que temos dela procedem principalmente do Evangelho de Lucas; sua penitência e ardente amor a Jesus Cristo a converteram em figura central de devoção medieval à humanidade de Cristo.

visão em sua alma, caiu no campo entre as pessoas. Gritava, rosnava e chorava pensando que se havia feito em pedaços. Não conseguia controlar-se nem dominar-se e, sim, gritava e rosnava de tal forma que muitas pessoas ficaram surpresas. Ela, no entanto, não dava atenção ao que diziam ou faziam, pois sua mente estava ocupada com Nosso Senhor.

Nesse momento sentiu muitos santos pensamentos os quais ela nunca mais sentiria. Ela havia esquecido todas as coisas terrenas e apenas prestava atenção às coisas espirituais. Ela achava que toda sua alegria havia acabado. Ela viu seu Senhor ascender aos céus, mas mesmo assim ela não podia viver sem ele na terra. Assim ela desejou ir com ele, pois toda a sua felicidade e alegria estavam com ele e ela sabia bem que ela nunca mais poderia ter esses bons sentimentos até que ela fosse até ele. Tais pensamentos e desejos sagrados fizeram com que ela chorasse e as pessoas não sabiam o que havia de errado com ela.

Certa vez, a dita criatura contemplou como Nossa Senhora agonizava, como ela pensava, e todos os apóstolos ajoelhando em frente a ela e pedindo por graça. Então ela gritou e chorou dolorosamente. Os apóstolos ordenaram que ela parasse e ficasse quieta. A criatura respondeu aos apóstolos:

– Querem que eu veja a mãe de Deus agonizar e que eu não chore? Não pode ser, pois tenho tanta dor que não posso suportar. Eu simplesmente devo chorar e gritar.

E então ela disse a Nossa Senhora em sua alma:

– Ah, bendita Senhora! Roga a vosso filho por mim, para que eu possa ir convosco sem demora, pois Senhora tudo isso é um grande sofrimento, assistir à morte de vosso filho e à vossa sem poder morrer convosco e seguir vivendo sozinha sem nenhum consolo.

Logo, Nossa clemente Senhora respondeu em sua alma, prometendo a ela que rezaria a ela por seu filho e disse:

– Filha, todas estas penas que sofrestes por mim e pelo meu bendito filho se voltarão para ti em grande alegria e felicidade sem fim no céu. E não tenhas dúvidas, filha, que virás conosco e será muito bem-vinda quando chegares. Mas agora não poderás vir porque virá no seu devido tempo. E filha tenha certeza que tens em mim uma verdadeira mãe para ajudar-te e socorrer-te como convém a uma verdadeira mãe fazer com sua filha, e obter para ti graça e virtude. E o esmo perdão que te foi concedido antes será confirmado no Dia de São Nicolau, quer dizer, a remissão plena dos teus pecados, e isto não somente para ti, mas para também todos aqueles que creem e que crerão até o fim do mundo que Deus te ama e darão graças a Deus por ti. Se abandonarem seus pecados e não mais reincidirem, mas se arrependerem e se afligirem pelo que fizeram e cumprirem a penitência devida, então eles terão o mesmo perdão

que foi garantido a você e esse é todo o perdão que há em Jerusalém, que foi concedido a ti quando estiveste em Ramla, como escrito antes.

CAPÍTULO 74

Um dia, enquanto a dita criatura ouvia missa, e meditava sobre o momento da sua morte, suspirando e queixando-se amargamente pelo muito que demorava, disse: "Ai, Senhor, quanto tempo devo chorar e lamentar desse jeito pelo seu amor e desejo da sua presença?"

Nosso Senhor respondeu em sua alma e disse: "Quinze anos no total".

Então ela falou: "Ah, Senhor, eu sinto como se fossem milhares de anos".

Nosso Senhor respondeu a ela:

– Filha, você deve pensar em minha bendita mãe, que viveu na terra por mais quinze anos depois da minha morte[260], o mesmo que São João Evangelista e Maria Madalena[261] que me amaram muito.

– Ah, bendito Senhor, – disse ela – como eu queria ser digna de estar certa de seu amor assim como Maria Madalena esteve.

– Em verdade, filha, – disse Nosso Senhor – amo a ti da mesma forma, e a mesma paz que concedi a ela, a concedo a ti. Pois, filha, nenhum santo no céu está aborrecido mesmo que eu ame alguém na terra como os tenho amado. Por isso só desejam o que eu desejo.

Assim, Nosso Senhor Cristo Jesus chamou essa criatura para o seu amor e para a recordação de sua Paixão, de tal maneira que ela não podia suportar a visão de um leproso ou de alguém enfermo, especialmente se estivesse com alguma ferida à mostra. Então ela chorava e gritava como se estivesse vendo Nosso Senhor Jesus Cristo com suas feridas sangrando. E assim o fez na visão de sua alma, pois ao ver um enfermo todo o seu pensamento ficava preso em Nosso Senhor Jesus Cristo.

Então ela se lamentava muito e sentia grande dor por não poder beijar os leprosos por amor a Jesus, quando os via ou os encontrava pelas ruas. Daí em diante ela começou a amar o que ela mais odiava antes, pois nos seus anos de vaidade humana nada havia de mais repugnante do que ver um leproso, a quem agora, através da misericórdia de Nosso Senhor, ela desejava abraçar e beijar pelo amor de Jesus, quando dispunha de tempo e de um lugar apropriado.

---

[260] Margery Kempe está de acordo com as revelações de Santa Brígida acerca da data da morte de Maria, mãe de Jesus.

[261] É apropriado a Margery Kempe se identificar com Maria Madalena.

Então ela contou ao seu confessor o quão grande era o desejo que ela tinha de beijar leprosos e ele advertiu que ela não devia beijar nenhum homem e que, se devesse beijar, beijasse as mulheres. Então ela ficou feliz porque agora tinha permissão para beijar as enfermas e foi até um lugar onde as mulheres doentes viviam e estava completamente infestado pela doença e caiu de joelho na frente delas implorando-as que a deixassem beijá-las pelo amor de Jesus. E assim ela beijou duas mulheres enfermas com muitos santos pensamentos e muitas lágrimas devotas e quando as beijou, ela falou muitas palavras boas para elas e as motivou para terem resignação e paciência para que não suportassem mal a doença, mas agradecessem muito a Deus por ela, e assim teriam grande felicidade no céu através da misericórdia de Nosso Senhor Jesus Cristo.

Então apareceu uma mulher que tinha muitas tentações e não sabia como se comportar melhor. Ela estava tão atormentada por seu inimigo espiritual que ela não sabia como abençoar a si mesma com o sinal da cruz. E era atormentada com pensamentos horríveis e indecentes, muito mais do que podia falar. E, como ela disse, era virgem. Portanto, a dita criatura foi até ela muitas vezes confortá-la e rezou para ela, especialmente para que Deus a fortificasse contra o seu inimigo. E acredita-se que assim aconteceu. Bendito seja!

CAPÍTULO 75

Estando a dita criatura na Igreja de Saint Margaret para praticar suas devoções, aproximou-se dela um homem e se ajoelhou atrás dela, retorcendo suas mãos e dando sinais de grande angústia. Ao ver sua angústia, perguntou o que lhe preocupava. Ele respondeu que as coisas iam muito mal, pois sua esposa acabava de ter um filho e havia perdido o juízo.

– Ah, madame, – disse ele – ela não me conhece nem a nenhum dos nossos vizinhos. Ruge e grita, de maneira que produz muito medo em toda a gente. Bate e morde e por isso permanece amarrada pelos punhos.

Logo ela perguntou ao homem se ele gostaria que ela fosse com ele vê-la e ele respondeu: “Sim, madame, pelo amor de Deus”.

Desta maneira ela lhe acompanhou para ver a mulher. E ao entrar em casa, quando a mulher enferma que havia perdido a razão a viu, falou-lhe com seriedade e amavelmente e lhe disse que era muito bem-vinda. E estava muito contente que tivesse vindo e muito reconfortada com sua presença.

– Pois é, – disse ela – uma mulher muito boa e vejo muitos anjos ao teu redor e por isso te peço que não me deixe, pois me reconforta muito.

E quando outras pessoas se aproximaram dela, gritava e abria a boca como se quisesse as engolir e dizia que via muitos demônios ao seu redor. Não estava disposta e permitir que a tocassem. E rugia e gritava de tal modo, a maior parte do dia e da noite que as pessoas não permitiam que vivesse entre elas, pelo tanto que a aborreciam. Logo a conduziram a uma casa no extremo mais distante da cidade para que toda a gente não pudesse ouvir seus gritos. E ali ataram suas mãos e seus pés com algemas de ferro para que não pudesse atacar ninguém.

E a dita criatura a visitava todos os dias, pelo menos uma ou duas vezes; e enquanto permanecia com ela se comportava de maneira bastante afável e escutava de boa vontade sua conversação e sua fala sem alaridos nem gritos. E a dita criatura rezava por esta mulher todos os dias para que Deus se fosse de sua vontade, devolvesse-lhe de novo seu juízo. E Nosso Senhor lhe respondeu em sua alma e disse que ela se curaria. Depois se atreveu a pedir para que voltasse a se encontrar como antes e todos os dias chorava e suspirava, pedindo por sua recuperação até que Deus lhe devolveu de novo sua inteligência e seu juízo. E logo a levaram à igreja e ficou purificada do mesmo modo que as outras mulheres.[262] Bendito seja Deus!

Foi, segundo pensaram aqueles que tiveram conhecimento, um autêntico grande milagre, pois quem escreveu este livro nunca antes havia visto a nenhum homem ou mulher, segundo pensava, tão demente como aquela mulher, nem tão difícil de controlar e depois a viu suficientemente calma e sóbria. Adorado e louvado seja eternamente Nosso Senhor por sua grande misericórdia e bondade, que sempre nos socorre em momentos de necessidade!

CAPÍTULO 76

Aconteceu certa vez[263] que o marido da dita criatura, um homem de idade avançada, mais de sessenta anos, caiu em seu aposento com seus pés e pernas desnudos e, fosse porque escorregou ou porque perdeu o equilíbrio, rolou pela escada com a cabeça retorcida embaixo do corpo, e ficou gravemente ferido e com muitas contusões ao ponto de necessitar durante muitos dias de cinco compressas de linho para cobrir as feridas de sua cabeça até que ficasse curado.

E, quando Deus quis, alguns de seus vizinhos souberam que havia caído da escada, talvez pelo estrondo ou pela velocidade de sua queda. E desse modo foram até ele e o

[262] Margery Kempe se refere aqui a cerimônia da purificação das mulheres que haviam dado à luz recentemente, a qual tinha lugar algumas semanas depois do parto e significava a reentrada da mulher na vida da paróquia.

[263] A data é incerta. Mais adiante é narrado que seu marido morreu pouco depois de que faleceu seu filho, talvez em 1431. A última vez que John Kempe aparece na documentação de Lynn é em 1425.

encontraram no chão com a cabeça retorcida debaixo dele, meio morto, totalmente ensanguentado, parecendo que nunca mais falaria novamente com sacerdotes ou clérigos, exceto por uma grande graça e um milagre.

Então foram buscar a dita criatura, sua esposa e assim ela foi aonde ele se encontrava. Logo o levantaram e costuraram sua cabeça, e depois ele ficou enferme muito tempo, de tal forma que todos pensavam que ele morreria. E então as pessoas diziam que se morresse sua esposa mereceria ser enforcada por sua morte, pois deveria ter cuidado dele e não o fez. Eles não viviam nem dormiam juntos, pois – segundo antes se havia escrito – ambos, de comum acordo e livremente, fizeram a promessa de viver castamente. E, por conseguinte, para evitar qualquer rusga, viviam em lugares diferentes, onde não pudesse existir suspeita de sua falta de castidade. Pois, no início, depois de fazer seu voto, viveram juntos, e então, as pessoas os difamavam de seu apetite e de seu prazer sexual igual à antes de fazer seu voto. E quando foram em peregrinação ou viram e conversaram com outras criaturas espirituais, muitas pessoas perversas cujas línguas eram sua própria ferida, que careciam do temor e do amor de Nosso Senhor Jesus Cristo, supunham e diziam que eles iam aos bosques, clareiras ou vales, sobretudo para desfrutar do prazer venéreo de seus corpos, onde ninguém pudesse vê-los. Sabendo quão dadas eram as pessoas a pensar mal deles e desejando evitar qualquer ocasião na medida em que logicamente pudessem, de maneira voluntária e de mútuo acordo se separaram um do outro em todas as questões relacionadas a comida e aos locais de dormir e foram morar em casas diferentes. E esta foi a razão pela qual não falava com ele e também para que não fosse perturbada durante sua contemplação. E por isso, quando ele caiu e se feriu gravemente, segundo já mencionado aqui, as pessoas diziam que se ele morresse era justo que ela respondesse pela morte dele. Então pediu a Nosso Senhor que seu marido vivesse mais um ano e ela se livraria da calúnia, se fosse a vontade Dele.

Nosso Senhor disse em sua mente:

– Filha conseguirá o que pede, pois ele viverá, e eu obrei um grande milagre através de ti, pois ele não estava morto. E te peço que o leve para casa e cuide dele por meu amor.

– Não, bom Senhor, – disse ela – porque então não poderei atendê-lo como faço agora.

– Sim, filha, – disse Nosso Senhor – receberá a mesma recompensa por cuidar dele e ajudá-lo em suas necessidades em casa caso estivesse apenas na igreja para fazer suas orações. E disseste várias vezes que cuidarias de mim com alegria. Agora te peço, cuida dele por amor a mim, pois em outro tempo ele cumpriu tanto tua vontade quanto a minha e ele deixou teu corpo à minha disposição de maneira que tu deves servir-me e viver casta e limpa e por isso desejo que esteja disposta a ajudá-lo em sua necessidade em meu nome.

– Ah, Senhor, – disse ela – por vossa misericórdia, concede-me graça para obedecer vossa vontade e cumprir vossa vontade e não permitirá jamais que meus inimigos tenham nenhum poder para me impedir de cumprir vossa vontade.

Logo levou o marido dela para casa e cuidou dele durante anos, tantos quantos ele viveu. Teve muitos problemas com ele, pois em seus últimos dias voltou a ser como um menino e perdeu a razão, de tal forma que não podia ir ao banheiro para fazer suas necessidades, mas agia como uma criança que defecava em suas fraldas, enquanto estava sentado junto ao fogo ou na mesa, onde quer que fosse sem se importar com o lugar. E por isso seu trabalho foi muito maior, lavando e escorrendo e mantendo o fogo aceso. Tudo isto tornava difícil sua dedicação adequada à contemplação, de tal forma que se aborrecia muitas vezes como todo o trabalho se não tivesse se recordado de como ela mesma em sua juventude tinha tido muitos pensamentos prazerosos, desejos carnais e um amor desordenado pelo corpo de seu marido. E por isso estava contente, pois era castigada através desse mesmo corpo e o suportava muito placidamente e lhe serviu e ajudou, pensava ela, como faria com o próprio Cristo.

CAPÍTULO 77

Quando a dita criatura teve seus primeiros gritos assustadores em uma ocasião mantinha um colóquio espiritual com seu soberano Senhor Jesus Cristo, ela disse:

– Senhor, por que me concedeis tais gritos se as pessoas se assustam comigo? E dizem que me encontro em grande perigo, pois, segundo dizem, sou a causa de que muitas pessoas pecam através de mim. E vós sabeis Senhor, que se soubesse não daria a ninguém nenhum motivo nem ocasião de pecar, pois preferiria Senhor, estar em uma prisão de dez *fathoms*[264] de profundidade para gritar e chorar ali durante toda a minha vida pelos meus pecados e pelos pecados de todos os homens e especialmente pelo vosso amor, que dar a toda a gente ocasião de pecar voluntariamente por minha culpa.

"Senhor, o mundo não permite que seja cumprida a vossa vontade, nem que siga vossa inspiração e por isso o rogo, se for vossa vontade retira de mim esses gritos durante os sermões para que eu não grite durante vossa santa pregação e deixa-me tê-los unicamente para mim mesma de modo que não seja excluída de ouvir vossa santa pregação e de vossas santas palavras; pois não posso sofrer maior dor neste mundo do que ser excluída de excitar vossa santa palavra. E se estivesse na prisão, minha maior dor seria prescindir de vossas santas

[264] Unidade de longitude equivalente a 6 pés (1,83 metro).

palavras e de vossos santos sermões. E, bom Senhor, se em qualquer caso, vós desejais que eu grite, peço-o que o me conceda o tanto quanto desejais, quando me encontre sozinha no meu quarto e liberar-me de fazê-lo quando eu estiver entre as pessoas, se vos aprouver."

– Filha, – disse Nosso misericordioso Senhor Jesus Cristo respondendo em sua mente – não rogues por isto; não conseguirás teu desejo nisto, mesmo que peçam por minha Mãe e todos os santos do céu, pois farei que obedeças a minha vontade, para que grites quando eu quiser, o mesmo em voz alta quanto com descrição; pois te disse, filha, que és minha filha e eu sou teu e assim será por toda a eternidade.

"Filha, veja como os planetas obedecem a minha vontade e que às vezes são produzidos muitos trovões e as pessoas se assustam terrivelmente. E às vezes, filha tu vês como envio grandes raios que queimam igrejas e casas. Também vês, às vezes, que mando ventos fortes que derrubam campanários e casas, e as árvores desabam e produzem tamanho dano em numerosos lugares e mesmo que o vento não possa ser visto, sem dúvida também pode ser sentido."

"E, precisamente assim, filha, atuo com o poder da Minha Divindade; não se pode ver com o olho humano e sem dúvida também se pode perceber numa alma simples onde Me agrada produzir graças, igual como faço em tua alma. E tão repentinamente como o raio cai do céu, com a mesma rapidez chego a tua alma e a ilumino com a luz da graça e do conhecimento e a coloco completamente no fogo do amor e faço com que o fogo do amor arda ali dentro e a limpe de toda a imundice terrena. E às vezes, filha, produzo terremotos para assustar as pessoas de modo que elas Me temam."

"E assim, filha, espiritualmente falando, fiz contigo e com outras almas eleitas que se salvarão, pois eu revolvo a terra de seus corações e as assusto com tal força que têm medo que a vingança caia sobre eles por causa de seus pecados. E assim o fiz, filha, quando pela primeira vez te voltaste para mim e é necessário que os jovens principiantes o façam; mesmo que agora, filha, tenha também grande motivo para me amar, pois o amor perfeito que te dou dissipa todo o seu temor. E mesmo que outras pessoas te desvalorizem, eu te valorizo cada vez mais. E tão certo quanto o sol que vês brilhando, esteja certa do amor de Deus em todos os momentos."

"Ademais, filha, também sabes que em ocasiões mando muitas grandes chuvas e aguaceiros violentos e em certas ocasiões somente gotas pequenas e ligeiras. E exatamente, da mesma maneira atuo contigo, filha, quando me apraz falar a tua alma. Às vezes te concedo prantos leves e lágrimas suaves, como sinal de meu amor por ti. E às vezes te concedo gritos tremendos e alaridos para que as pessoas se assustem da grande graça que ponho em ti, como

sinal de que desejo que a dor da minha mãe seja conhecida através de ti, para que assim homens e mulheres possam ter maior compaixão da dor que ela sofreu por mim."

"E o terceiro sinal, filha, é este: que todas as criaturas na terra sentirão tanta dor pela minha Paixão como a que tu tens sentido muitas vezes e deixarão de pecar. Então, alcançarão a felicidade celestial para sempre. O quarto sinal é este: que qualquer criatura sobre a terra, mesmo que tenha sido uma pecadora tão terrível, nunca cairá no desespero se tomar como exemplo sua maneira de viver e a imitá-la de alguma maneira, de acordo com sua capacidade."

"Também, filha, o quinto sinal é: que desejo que conheça em ti mesma, mediante a tremenda dor que sentes em teu coração quando gritas tão intensamente pelo meu amor, qual será a causa pela qual não sentirás dor quando tiver saído deste mundo, e que também terás menos dor em tua morte, pois tens grande compaixão pela minha carne que necessito ter compaixão pela sua carne."

"E por isso, filha, deixa que a gente diga o que quiser sobre teus gritos, pois de forma alguma são a causa dos teus pecados. Filha, as pessoas pecaram apesar de mim e sem dúvida não fui a causa de seu pecado."

– Ah, Senhor, – disse logo ela – bendito sejas, pois penso que vós mesmo fazeis tudo o que me ordenais que faça. Nas Sagradas Escrituras, Senhor, vós me ordenais que ame aos meus inimigos e também sei que nunca no mundo inteiro houve um inimigo tão grande como tenho sido para vós. Por isso, Senhor, mesmo que eu morresse cem vezes por dia, se isso fosse possível, jamais poderia compensar a bondade que me haveis mostrado.

– Peço-te, filha, – respondeu-lhe e lhe disse, por conseguinte, Nosso Senhor – que somente me dê amor. Nunca poderás agradar-me melhor do que me tendo sempre em teu amor, nem, por qualquer classe de penitência que possas fazer na terra, poderás me agradar tanto quanto me amando. E filha se deseja estar comigo em um lugar elevado do céu, mantenha-me sempre em tua mente como possas e não me esqueças de enquanto comeres e sim pense que estou sentado em teu coração e que conheço todos os pensamentos que estão nele, tanto os bons quanto os maus, e que percebo todo pensamento mínimo e o piscar dos teus olhos.

– Agora, verdadeiramente, Senhor, – disse ela de novo a Nosso Senhor – desejo poder vos amar tanto como vós podeis fazer com que vos ame. Se fosse possível, amar-vos-ia igual a todos os santos do céu e tanto quanto possam amar-vos todas as criaturas da terra. E, Senhor, eu permaneceria nua sobre uma vala para assombro de todos os homens por vosso amor, sempre e quando não existisse perigo para suas almas e que eles jogassem água de fossa e lixo líquido e fosse expulsa de cidade em cidade todos os dias de minha vida, se vós estivésseis contentes

por isso e não fosse obstáculo para nenhuma alma. Que se cumpra a vossa vontade e não a minha!

CAPÍTULO 78

Durante muitos anos, no Domingo de Ramos, quando esta criatura se encontrava na procissão pelo cemitério da igreja com outras boas pessoas e via como os sacerdotes celebravam a cerimônia, como se ajoelhavam diante da Eucaristia, como fazia toda a gente, era como se sua visão espiritual estivesse nesse momento em Jerusalém e visse Nosso Senhor em sua forma humana, recebido pelas pessoas da mesma forma que ocorreu enquanto viveu aqui na terra.

Então, sentia tanta doçura e devoção que não podia suportar e então gritava, chorava e gemia de maneira muito violenta. Tinha muitos pensamentos santos sobre a Paixão de Nosso Senhor e o via em sua visão espiritual como se verdadeiramente tivesse estado diante dela em sua visão física. Por isso mesmo, não conseguia evitar os prantos e os suspiros e sim tinha que chorar, gritar e suspirar quando via seu Salvador sofrer tantas dores pelo seu amor.

Logo, rezaria por todas as pessoas que viviam na terra para que pudessem adorar e reverenciar devidamente Nosso Senhor nesse momento e sempre e para que pudessem ser dignos de ouvir e entender as palavras sagradas e as leis de Deus e obedecê-las docilmente e cumpri-las verdadeiramente segundo sua capacidade.

E era costume no lugar onde ela morava pregar um sermão nesse dia, e então enquanto um respeitado doutor em teologia se encontrava no púlpito e que pregava o sermão, repetia com frequência estas palavras: “Nosso Senhor Jesus languidesce de amor”. De tal modo estas palavras operavam em sua imaginação, quando ouvia falar do perfeito amor que Nosso Senhor Jesus Cristo tinha pela humanidade e com quanto carinho nos redimiu com sua amarga Paixão, derramando o sangue de seu coração por nossa redenção e sofrendo tão infame morte por nossa salvação que, então, ela não conseguiu controlar o fogo de amor oculto dentro do seu peito que, no entanto, quisesse ou não, insistia em se manifestar exteriormente. E assim ela gritava com muita força e chorava e soluçava muito amargamente, como se houvesse explodido pela piedade e pela comiseração que sentia pela Paixão de Nosso Senhor. E às vezes, estava empapada de suar pelo esforço dos gritos, tão fortes e violentos eram e muitas pessoas se surpreendiam e a maldiziam em piedade, por supor que havia fingido seus gritos.

E pouco depois Nosso Senhor lhe disse:

– Filha, isto me agrada muito, pois quanto mais vergonha e desprezo padeça pelo meu amor, mais alegria terás comigo no céu e assim deve ser.

Em certas ocasiões, ouvia grandes sons e melodias com seus ouvidos físicos e então pensava que existia muita felicidade no céu e suspirava e ansiava muito o mais além, lamentando-se muito silenciosamente. E então, muitas vezes Nosso Senhor Jesus Cristo lhe dizia:

– Filha hoje estão aqui pessoas sãs e, no entanto, muitas morrerão antes de doze meses – e lhe disse isso antes que acontecesse a peste. E certamente, fora comprovado o que ela havia pressentido e isso a fortaleceu muito no amor de Deus.

Também disse a ela Nosso Senhor:

– Filha, àqueles que não creem na bondade e na graça que te mostro nesta vida, farei com que conheçam a verdade quando morrerem e estejam fora deste mundo. Filha, mostras bom zelo na caridade, desejando que todos os homens se salvem e eu também. E eles dizem que eles mesmos o desejam, mas também podes ver que eles mesmos não querem se salvar, pois todos ouvem em certas ocasiões a palavra de Deus, mas nem sempre atuarão de acordo com ela e não sentirão dor pelos próprios pecados, nem permitirão que outros sofram por eles. No entanto, filha, eu te ordenei que sejas um espelho entre eles, que tenhas grande dor de tal modo que eles devam seguir teu exemplo para sentir alguma pequena dor em seus corações pelos seus pecados, para que através dela possam ser salvos, mas eles não querem ouvir falar de dor nem de contrição. Mas, boa filha, cumpre tua obrigação e roga por eles enquanto estás neste mundo e terás a recompensa no céu, como se todo o mundo se salvasse pela tua vontade e pela tua oração. Filha, muitas vezes te disse que milhares de almas se salvarão através de tuas orações e alguns que mentem no momento da morte alcançarão graças pelos teus méritos e tuas orações, pois tuas lágrimas e tuas orações são muito doces e aceitáveis para mim.

Logo ela disse interiormente a Nosso Senhor Jesus Cristo:

– Ah, Jesus, bendito sejas eternamente porque tenho grande motivo para dar-vos graças e amar a vós com todo o meu coração, pois me parece Senhor que sois todo amor para benefício e saúde da alma humana. Ah, Senhor, creio que será muito malvado quem se separa de ti para sempre. Nem desejará, fará, nem alcançará o bem. E por isso, Senhor, dou-vos graças por toda a bondade que me haveis mostrado, eu, uma miserável indigna.

E então no mesmo domingo, quando o sacerdote tomou o madeiro da cruz e golpeou na porta da igreja, a mesma se abriu para ele e ele entrou com a Eucaristia, enquanto toda a gente seguia seus passos na igreja. Logo ela pensou que Nosso Senhor falava com o demônio e abria as portas do inferno, desconcertando-o e a toda a sua hoste e que a graça e a bondade que ele mostrava àquelas almas as livrava da prisão eterna, apesar do demônio e de todos os seus. Tinha tantos pensamentos e desejos santos que jamais poderia contar nem repetir, nem jamais

sua língua poderia expressar a abundante graça que sentia bendito seja Nosso Senhor por todos os seus dons.

Quando haviam entrado na igreja, viu o sacerdote ajoelhar-se diante do crucifixo e, enquanto eles cantavam, o sacerdote que oficiava o sermão esse dia elevou um pano diante do crucifixo três vezes, cada vez mais alto que a anterior, de tal maneira que toda a gente podia ver o crucifixo. Então, sua mente esqueceu completamente das coisas terrenas e se concentrou por inteiro nos assuntos espirituais, rogando e desejando que poderia ter, por fim, no céu uma vista completa dele, que é ao mesmo tempo Deus e homem em uma só Pessoa. E logo depois, durante a missa, choraria e suspiraria abundantemente, e às vezes enquanto gritava com mais fervor pensava que via tão verdadeiramente a Nosso Senhor Jesus Cristo em sua alma com sua vista espiritual da mesma forma que havia visto antes o crucifixo com seus olhos físicos.

CAPÍTULO 79

Logo contemplou na visão de sua alma a Nosso Bendito Senhor Jesus Cristo se dirigindo à sua Paixão e viu como antes de partir se ajoelhava e recebia a benção de sua mãe. Logo viu como a mãe se desvanecia diante de seu filho, dizendo-lhe:

– Ai, meu querido filho! Como suportarei esta dor e não tenho em todo este mundo mais felicidade que a tua? Ah, querido filho, já que morrerás a qualquer momento, permita-me morrer antes de ti e não deixes que jamais padeça este dia de dor, pois nunca poderei suportar esta dor que tenho pela tua morte. Desejo, filho, que pudesse morrer por ti, para que tu não morresses – se assim a alma do homem pudesse ser salva. Agora, querido filho, se não tens piedade de ti mesmo, tende piedade de tua mãe, pois sabes perfeitamente que ninguém neste mundo pode me consolar a não ser tu.

Logo Nosso Senhor abraçou e beijou com muita doçura a sua mãe e lhe disse:

– Ah, bendita mãe, anima-te e consola-te, pois com muita frequência te disse que necessariamente devo sofrer a morte ou se não, ninguém se salvaria, nem alcançaria a felicidade. E mãe, é vontade de meu pai que assim seja, e por isso, te peço, permite que seja também a sua vontade, pois minha morte se converterá em um grande culto para mim e em uma grande alegria e proveito para ti e para todos os que confiem em minha Paixão e ajam de acordo com ela.

“E por isso, mãe bendita, deves permanecer aqui depois que eu me vá, porque em ti se apoiará toda a fé da Santa Igreja e mediante tua a Santa Igreja crescerá em sua fé. E por isso,

mãe querida, peço-te que abandones tua tristeza, pois não te deixarei sem consolo, deixarei aqui contigo meu primo João para que te console em meu lugar; enviar-te-ei meus santos anjos para que te consolem na terra e eu mesmo te consolarei em tua alma pois, mãe, tu sabes também que te prometi a felicidade do céu e que estás segura disto."

"Ah, querida mãe! Que coisa melhor poderia desejar que, onde eu sou o rei, tu sejas a rainha e todos os anjos e santos obedeçam à tua vontade?"

"E qualquer graça que peçais, não negarei teu desejo. Dar-te-ei poder sobre os demônios, de modo que eles te temerão e não tu a eles. E também, minha bendita mãe, antes te disse que eu mesmo te acompanharei, quando fores sair deste mundo, com todos os meus anjos e santos que estão no céu, e te levarei diante de meu pai com todos os tipos de músicas, melodias e alegria. E ali alcançarás grande paz e descansarás eternamente. E ali serás coroada com rainha do céu, como senhora de todo o mundo, e como imperatriz do inferno."

"E por isso, minha amada mãe, peço-te que me bendiga e que me permita que eu vá cumprir a vontade de meu pai, pois que para isso vim a este mundo e tomei tua carne e teu sangue."

Quando a dita criatura contemplou esta gloriosa visão em sua alma e viu como ele obedecia a sua mãe, e sua mãe a ele, e logo sua mãe abençoada não podia dizer-lhe nem uma palavra mais e sim caiu ao chão; e deste modo ambos se separaram, sua mãe caída no solo como se estivesse morta; então a dita criatura pensou que agarrava Nosso Senhor Jesus Cristo pelas suas vestes e caia aos pés dele, pedindo-lhe que a abençoasse e com isso gritou muito forte e chorou amargamente, dizendo em seu pensamento:

– Ah, Senhor! Que será de mim? Preferia morrer a que me deixásseis no mundo sem vós, pois sem vós não posso permanecer aqui, Senhor.

Logo lhe respondeu Nosso Senhor:

– Tranquiliza-te, filha, e permanece aqui com minha mãe e consola-te com ela, pois ela, que é minha própria mãe, deve sofrer esta pena. Mas, filha, regressarei de novo com minha mãe e os consolarei a ela e ti, e transformarei toda tua dor em alegria.

E depois ela pensou que Nosso Senhor seguia seu caminho e foi ter com Nossa Senhora e disse:

– Ah, bendita Senhora, levantemos e sigamos a vosso bendito filho enquanto possamos vê-lo, para que possa olhá-lo bastante antes que morra. Ah, querida Senhora, como pode o vosso coração aguentar e contemplar como vosso bendito filho vê toda esta aflição? Senhora, não posso suportar isso mesmo não sendo a mãe dele.

Logo respondeu Nossa Senhora e disse:

– Filha, tu escutaste que não será de outra maneira e por isso simplesmente devo sofrer pelo amor de meu filho.

E logo pensou que elas seguiam atrás de Nosso Senhor e viam como rezava a seu pai no Monte das Oliveiras e escutavam a famosa resposta que recebeu de seu pai e famosa resposta que ele deu a seu pai.

Logo, viu como Nosso Senhor foi até onde se encontravam seus discípulos e ordenou que acordassem, pois seus inimigos estavam por perto. E logo chegou uma grande multidão de gente com muitas tochas e muitos armados com pedaços de pau, espadas e machados à procura de Nosso Senhor Jesus Cristo. Nosso misericordioso Senhor, manso como um cordeiro, disse-lhes:

– A quem buscam?

– Jesus de Nazaré – responderam rispidamente.

– Sou eu – disse Nosso Senhor.

E então ela viu que caíram ao chão os judeus – não podiam se manter em pé por medo, mas logo se levantaram de novo e seguiram procurando como haviam feito antes. E Nosso Senhor perguntou:

– A quem buscam?

– Jesus de Nazaré – disseram outra vez.

– Sou eu – respondeu Nosso Senhor.

E logo viu Judas se aproximar e beijar Nosso Senhor e os judeus puseram suas mãos sobre ele com muita violência. Então Nossa Senhora e ela sentiu muita dor e grande pena ao ver o Cordeiro da Inocência tratado com tanto desprezo e arrastado por sua própria gente à qual havia sido especialmente enviado. E imediatamente a dita criatura contemplou com seus olhos espirituais como os judeus tapavam com um pano os olhos de Nosso Senhor, esbofeteavam-no e golpeavam sua cabeça e davam golpes secos em sua doce boca, gritando-lhe com grande crueldade: “Fala-nos, agora quem te esbofeteou?”.

Não cessaram de cuspir em sua face da mais infame que podiam. E logo Nossa Senhora e ela, sua indigna serva de momento, choravam e suspiravam profundamente porque os judeus tratavam a Nosso Bendito Senhor de forma tão vil e maligna. Não hesitaram em puxar suas benditas orelhas e sua barba.

E pouco depois viu como lhe tiravam a roupa e lhe desnudavam e lhe arrastavam diante deles como se tratasse do maior malfeitor do mundo. E ele caminhava muito mansamente diante deles, desnudo como veio ao mundo, em direção a um pilar de pedra e falou nenhuma palavra

contra eles, permitindo que eles fizessem e dissessem o que quisessem. E ali o ataram à coluna o mais forte que puderam e golpearam seu branco e belo corpo com varas, chicotes e correntes.

E então ela pessoal que Nossa Senhora chorava muito assombrosamente e por isso a dita criatura tinha que chorar e gritar ao ver em sua alma semelhantes visões espirituais, igual às naturais e verdadeiras que se as visse com sua vista corporal e pensava que Nossa Senhora e ela estavam juntas para contemplar as dores de Nosso Senhor. Semelhantes visões espirituais ela as teve todos os domingos de Ramos e a cada Sexta-feira Santa, e também de muitas maneiras, durante muitos anos seguidos. E por isso gritava chorava com grade amargura e sofria muito desprezo e insultos em vários lugares.

E então, Nosso Senhor dizia a sua ama:

– Filha estas dores e muito mais os sofri por teu amor e muitas outras penas, mais das que possa contar qualquer homem sobre a terra. Por isso, filha tem grande motivo para me amar muito, pois comprei teu amor muito caro.

CAPÍTULO 80

Outra vez, viu durante sua contemplação Nosso Senhor Jesus Cristo amarrado a uma coluna e suas mãos atadas sobre sua cabeça[265]. E logo viu dezesseis homens com dezesseis homens com dezesseis chicotes e cada chicote tinha oito bolas de chumbo e cada bola estava coberta de pontas afiadas como se fossem as pontas de uma espora. E aqueles homens com os chicotes combinaram que cada um daria Nosso Senhor quarenta chicotadas.

Quando a criatura viu esta penosa cena chorou e gritou fortemente como se tivesse explodido de dor e de pena. E depois que Nosso Senhor foi severamente golpeado e flagelado, os judeus lhe soltaram de uma coluna e lhe deram sua cruz para que a levasse sobre seu ombro. E logo pensou que Nossa Senhora e ela iam por outro caminho para se encontrarem com ele e quando se encontraram com ele lhe viram transportando com muita dor a pesada cruz; tão pesada e enorme que Ele mal podia com ela.

E então Nossa Senhora lhe disse:

– Ah, meu doce filho! Permita-me que te ajude a levar essa pesada cruz.

E ela se encontrava tão débil que não pôde; caiu no chão e desmaiou e ficou tão imóvel que parecia uma mulher morta. Logo esta criatura viu Nosso Senhor se inclinar sobre sua mãe e a consolar como podia com palavras muito doces. Ao escutar as palavras e ver a compaixão

[265] Em um célebre retábulo do final do século XIV da Catedral de Norwich na cena da flagelação, Cristo aparece com os braços sobre sua cabeça atados a uma coluna.

que a mãe sentia pelo seu filho, chorou, soluçou e gritou pensando que deveria ter morrido, pela piedade compaixão que sentia diante dessa triste visão e os santos pensamentos que tinha naquele momento, os quais eram tão delicados e celestiais que nunca depois poderia descrevê-los da mesma maneira que os teve em sentimentos.

Mais tarde, ela continuou a contemplação, pela misericórdia de Nosso Senhor Jesus Cristo, no lugar onde foi cravado na cruz. E então viu aos juízes arrancar com grande violência do precioso corpo de Nosso Senhor um pano de seda que, com seu precioso sangue, havia endurecido e pregado com tal força no corpo de Nosso Senhor, que arrancou com ele toda a pele de seu bendito corpo e reabriu as preciosas feridas e fez correr sangue por todas as partes e por todos os lados. Então aquele precioso corpo apareceu em sua visão como se fosse carne viva, igual a algo recém-desenrolado, mais lamentável ainda para a visão. E assim, experimentou uma nova dor, de maneira que chorava e gritava muito amargamente.

E pouco depois, viu como os judeus cruéis deixavam seu precioso corpo na cruz e logo tomaram de um grosso e rugoso prego e o cravaram em uma mão e atravessaram sua mão com grande violência e crueldade. Vendo sua bendita mãe e esta criatura, como seu precioso corpo se contraia e se estirava por conta da dor que sofria e sentia; elas se lamentaram, choraram e suspiraram muito profundamente.

Logo ela viu em sua visão espiritual como os judeus atavam com cordas a outra mão, pois os tendões e veias estavam tão contraídos de dor que não chegava até o orifício que haviam feito para isso e puxaram até fazê-la coincidir com o orifício. E desta maneira aumentou ainda mais sua dor e seu sofrimento. E depois puxaram da mesma maneira seus pés. E logo pensou em sua alma que ouvia Nossa Senhora dizer aos judeus:

– Ai, cruéis judeus! Por que tratais assim ao meu doce filho se jamais os fez algum mal? Vós encheis completamente meu coração de dor.

E logo viu como os judeus falavam outra vez com rispidez a Nossa Senhora e a separavam de seu filho. Então esta criatura se imaginou que gritava contra os judeus e dizia:

– Malditos judeus! Por que matam assim ao meu Senhor Jesus Cristo? Matem a mim em seu lugar e deixem que ele se vá.

E logo chorou e gritou de maneira incomparavelmente amarga, de modo que muitas pessoas na igreja estavam assombradas. Imediatamente depois os viu tomar a cruz com o corpo de Nosso Senhor pregada nela e houve grande barulho e alvoroço; e levantaram um pouco a cruz do solo e deixaram cair no buraco. E então o corpo de Nosso Senhor balançou e estremeceu e todas as articulações de seu bendito corpo se quebraram e romperam e suas preciosas feridas

se abriram em rios de sangue por todos os lados e deste modo ela tive mais motivo para chorar e sofrer.

E logo ouviu a Nosso Senhor dependurado na cruz dizer estas palavras a sua mãe:

– Mulher aqui tem teu filho na pessoa de São João Evangelista.

Logo ela pensou que Nossa Senhora caia no chão e desmaiava e São João a tomava em seus braços e a consolava com palavras doces, tanto quanto podia. Então esta criatura disse a Nossa Senhora, segundo lhe pareceu:

– Ai, Senhor, vós deixais aqui uma mãe muito preocupada. Que faremos agora e como suportaremos esta grande dor que temos por vosso amor?

E logo ouviu os dois ladrões falando com Nosso Senhor e Nosso Senhor disse a um deles:

– Em verdade te digo que hoje estarás comigo no paraíso[266].

Logo se alegrou com esta resposta e pediu a Nosso Senhor, por sua misericórdia que fosse também compassivo com alma, quando chegasse o momento partir deste mundo que com o ladrão, pois, segundo pensava, era pior do que qualquer ladrão.

E então pensou que Nosso Senhor encomendava seu espírito nas mãos de seu Pai e dessa maneira ele morreu. Logo, pensou que Nossa Senhora iria desmaiar e cair ao chão e permanecer ali como se estivesse morta. Logo pensou que correria a todos os lugares como uma louca, gritando e grunhindo. E mais tarde se aproximou de Nossa Senhora e ajoelhou diante dela dizendo-lhe:

– Peço a vós, Senhora, que deixeis de sofrer, pois vosso filho está morto e sem dor e creio que já sofreste o bastante e, Senhora, sofrerei por vós, pois vossa dor é a minha.

Então pensou que via a José de Arimateia baixando o corpo de Nosso Senhor da cruz e o depositava sobre uma pedra de mármore diante de Nossa Senhora. Ela sentiu uma espécie de alegria quando seu querido filho foi baixado da cruz e colocado sobre a pedra diante dela. E imediatamente Nossa bendita Senhora se inclinou sobre o corpo de seu filho e beijou sua boca e chorou tão abundantemente sobre seu bendito rosto que lavou o sangue de seu rosto com as lágrimas de seus olhos.

Logo esta criatura pensou que ouvia Maria Madalena dizer a Nossa Senhora:

– Peço a vós, Senhora que me dê permissão para tocar e beijar seus pés, porque disso conseguirei graça.

---

[266] Lucas 23, 43.

Logo Nossa Senhora deu permissão a ela e a quantos se encontravam ali para que adorassem e reverenciassem o quanto quisessem aquele bendito corpo. E Maria Madalena tomou rapidamente os pés de Nosso Senhor e as irmãs de Nossa Senhora tomaram suas mãos, uma irmã uma mão e a outra irmã a outra mão e choraram com muita amargura enquanto beijavam estas preciosas mãos e pés. E a dita criatura pensou que corria de um lado para o outro, como uma louca, desejando muito intensamente ter tido o precioso corpo para ela somente, de modo que tivesse podido ter chorado o suficiente em presença daquele precioso corpo, pois pensava que havia morrido pelo pranto e a dor de sua morte, pelo amor que sentia por ele.

E imediatamente viu chegar São João Evangelista, José de Arimateia e a outros amigos de Nosso Senhor e queriam enterrar o corpo de Nosso Senhor e perguntaram a Nossa Senhora se lhes permitia enterrar aquele precioso corpo. Nossa Senhora aflita lhes disse:

- Senhores, querem me separar do corpo de meu filho? Nunca pude, enquanto ele viveu olhá-lo suficientemente. Peço-os que me permitam que o tenha agora que está morto e não nos separem. E assim, de todo jeito querem enterrá-lo, rogo-os que me enterrem com ele, pois não posso viver sem ele.

E logo esta criatura pensou que eles o pediram a Nossa Senhora de forma tão carinhosa que finalmente ela lhe permitiu que sepultassem seu filho com grande veneração e grande reverência, como era adequado que o fizessem.

CAPÍTULO 81

Quando Nosso Senhor foi sepultado, Nossa Senhora desmaiou quando saiu de perto da sepultura e São João a tomou em seus braços e Maria Madalena se colocou do outro lado para apoiar e confortar Nossa Senhora como podiam. Então esta criatura desejando permanecer junto a tumba de Nosso Senhor se lamentou, chorou e se queixou com fortes gritos pela ternura e pela compaixão que sentia pela morte de Nosso Senhor e os vários desejos tristes que Deus colocava em seu pensamento neste momento. Devido a isso, toda a gente se assombrava ao vê-la, perguntando-se o que lhe ocorria, pois ignoravam o motivo. Ela pensava que nunca se separaria dali, visto que desejava ter morrido ali e ser enterrada com Nosso Senhor. Mais tarde, a criatura pensou que via Nossa Senhora voltar para casa e, enquanto caminhava, várias mulheres se juntaram a ela e diziam:

– Senhora, nós sentimos muito pela morte de seu filho e que nossa gente lhe tenha causado tantos problemas.

E então Nossa Senhora, inclinando sua cabeça, deu-lhes graças humildemente com gestos e olhares, pois não podia falar, tão cheio de dor estava o coração dela.

Logo esta criatura pensou, quando Nossa Senhora chegou em casa e deitou na cama que preparava para Nossa Senhora uma boa bebida quente com vinho temperado e a levou para consolá-la e então Nossa Senhora lhe disse:

– Leve de volta, filha. Não me dê nenhuma comida exceto o meu próprio filho.

– Ah, bendita Senhora – replicou a criatura – deveis vos consolar e deixar de sofrer.

– Ah, ilha, onde eu poderia ir para viver sem dor? Digo-te que não há nenhuma dúvida de que jamais existirá mulher alguma na terra que tenha um motivo maior que o meu para sentir pena, pois não existe mulher neste mundo que tenha dado à luz a um filho melhor, ou mais submisso à própria mãe como meu filho foi para mim.

E ela pensou que imediatamente ouviu Nossa Senhora gritar com voz lastimosa e dizer:

– João, onde está meu filho Jesus?

E São João respondeu e disse:

– Querida senhor, vós sabeis que ele está morto.

– Ah, João, – disse ela – essa é uma notícia terrível para mim.

A criatura ouviu esta resposta com a mesma clareza no entendimento em sua alma como se a estivesse escutando um homem conversando com outro. E logo a criatura ouviu São Pedro chamando à porta e São João perguntou quem era. Pedro respondeu:

– Sou Pedro o pecador que neguei ao meu Senhor Jesus Cristo.

São Joao queria que entrasse e Pedro não queria até que Nossa Senhora lhe disse o que aconteceu. E logo disse Pedro:

– Senhora, não mereço estar perto de vós – e, no entanto, continuou na porta.

Então São João se aproximou de Nossa Senhora e lhe disse que Pedro se encontrava tão transtornado que não se atrevia a entrar. Nossa Senhora disse a São João que falaria rapidamente com Pedro e o ordenaria que entrasse com ela. E então esta criatura em sua visão espiritual viu São Pedro ficar diante de Nossa Senhora e se prostrar de joelhos dizendo, chorando e suspirando muito:

– Senhora, peço a vós perdão, pois neguei o vosso querido filho e meu doce mestre, que me amou tanto e por isso, Senhora, não mereço olhá-lo, nem tampouco a vós, salvo por vossa grande misericórdia.

– Ah, Pedro, – disse Nossa Senhora – não temas, pois mesmo que tenha negado meu doce filho ele nunca lhe negará Pedro, e ele ressuscitará e certamente consolará a todos nós; pois ele me prometeu, Pedro, que ressuscitaria ao terceiro dia e me confortaria. Ah, Pedro, –

disse Nossa Senhora – eu pensarei nisso por muito tempo até que chegue o dia em que eu possa ver Sua bendita face.

Logo Nossa Senhora permaneceu estendida em seu leito e ouviu como os amigos de Jesus se lamentavam pela dor que sentiam. E sempre Nossa Senhora permaneceu quieta, lamentando-se e chorando com expressão triste e, finalmente, Maria Madalena e as irmãs de Nossa Senhora se despediram dela, e partiram com a intenção de ir comprar unguentos para que pudessem ungir o corpo de Nosso Senhor.

Então esta criatura ficou a sós com Nossa Senhora e lhe pareceram mil anos até que chegou o terceiro dia e nesse dia ela se encontrava com Nossa Senhora em uma capela onde Nosso Senhor e disse:

– *Salva sancta parens*[267].

E logo esta criatura imaginou em sua alma que Nossa Senhora dizia:

– É o meu doce filho Jesus?

– Sim, minha bendita mãe, – disse ele – sou teu filho Jesus.

Depois ele abraçou a sua bendita mãe e a beijou com muita doçura.

E logo esta criatura imaginou que via Nossa Senhora tocando e examinando todas as partes do corpo de Nosso Senhor e suas mãos e seus pés, para comprovar se existia algum golpe ou ferida. E ouviu Nosso Senhor dizer a sua mãe:

– Querida mãe, minha dor já despareceu e agora viverei para sempre. E mãe do mesmo modo tua dor e teu pesar serão transformados em grande alegria. Mãe pergunta o que quiseres e eu te responderei.

E quando ele havia permitido a sua mãe perguntar o que quisesse e havia respondido às suas perguntas, então ele disse:

– Mãe, com sua permissão, devo ir e falar com Maria Madalena.

– Muito bem, – disse Nossa Senhora – pois, filho, ela sente grande dor pela tua ausência. E te rogo que não permaneça muito tempo longe de mim.

Estas visões e conhecimentos espirituais a criatura chorar, suspira e gritar muito forte até ao ponto de não poder se controlar nem se reprimir no Domingo de Páscoa nem noutros dias quando Nosso Senhor a visitava com sua graça. Bendito e adorado seja!

E pouco tempo depois esta criatura se encontrava, em sua contemplação, com Maria Madalena, chorando buscando Nosso Senhor na tumba e ouviu e viu quando Nosso Senhor Jesus Cristo lhe apareceu sob a aparência de um jardineiro dizendo:

---

[267] "Olá, santa mãe." A saudação é utilizada como parte do introito da missa de Nossa Senhora a partir do Domingo de Páscoa até Pentecostes.

– Mulher, por que choras?

Maria, sem saber quem era ardendo totalmente com o fogo do amor lhe respondeu:

– Senhor, se levaste meu Senhor, diz-me e o devolva.

Então, Nosso misericordioso Senhor, tendo piedade e compaixão dela, disse:

– Maria!

E com essa palavra, ao conhecer que era Nosso Senhor, caiu aos pés dele e quis beijá-los dizendo:

– Mestre!

– Não me toques – disse-lhe Nosso Senhor.

Então esta criatura imaginou que Maria Madalena dizia assim a Nosso Senhor:

– Ah, Senhor, vejo que não deseja que eu me comporte tão familiarmente como o fiz anteriormente – e parecia muito abatida.

– Sim, Maria, – disse Nosso Senhor – nunca te abandonarei e sempre estarei contigo por toda a eternidade.

E logo Nosso Senhor disse a Maria Madalena:

– Corre, conta aos meus irmãos e a Pedro que ressuscitei.

E então esta criatura imaginou que Maria corria com grande alegria e ficou muito surpresa que Maria se alegrara pois, se Nosso Senhor tivesse falado com ela da mesma forma que falou com Maria, pensava que jamais poderia ter se sentido feliz. Isso aconteceu quando ela quis beijar seus pés e ele disse: "Não me toques". Esta criatura sentiu tanto desespero e dor com aquelas palavras que, sempre que as escutava em algum sermão, segundo muitas vezes acontecia, ela chorava, gemia e gritava com tivesse morrido, devido ao amor que sentia por estar com Nosso Senhor.

CAPÍTULO 82

Na festividade da Purificação ou Festa da Candelária[268], quando a dita criatura via as pessoas com velas na igreja, sua imaginação ficou embelezada ao contemplar Nossa Senhora oferecendo seu bendito filho, Nosso Salvador, ao sacerdote Simão no templo, tão verdadeiramente em seu conhecimento espiritual como se se encontrasse ali corporalmente

[268] É a última grande festividade do ciclo da Natividade; menos solene apenas do que o Natal, o domingo de Páscoa ou pentecostes, mas do mesmo nível que o domingo da Trindade, Corpus Christi e Todos os Santos. Esta experiência de Margery Kempe recorda a visão de Marie d'Oignies. Na festa da Purificação tinha lugar uma procissão solene na qual os participantes levavam uma vela na mão.

presente para realizar a oferenda com Nossa própria Senhora. Então se consolou tanto pela contemplação que tinha em sua alma observando a Nosso Senhor Jesus Cristo, a sua bendita mãe, a Simão o sacerdote, a José e a outras pessoas que se encontravam ali quando Nossa Senhora se purificou e com as canções celestiais que imaginou que ouvia quando Nosso Senhor foi oferecido a Simeão que dificilmente podia levar sua vela ao sacerdote, segundo faziam todos no momento da oferenda e sim cambaleava feito uma mulher ébria de um lado para o outro, chorando e suspirando com tal intensidade que dificilmente podia se manter em pé, pelo fervente amor e devoção que Deus punha em sua alma mediante a alta contemplação. E às vezes não podia se manter em pé e caia no chão entre as pessoas e gritava com muita força, de maneira que muitas pessoas se assombravam com ao vê-la, e se perguntavam o que ocorria com ela, pois o fervor espiritual era tão grande que o corpo lhe falava e não podia suportá-lo.

Muitas vezes, quando via as mulheres se purificando depois de dar à luz, tinha os mesmos santos pensamentos e meditações. Pensava em sua alma que via a Nossa Senhora se purificando e tinha uma elevada contemplação ao observar às mulheres que vinham fazer oferendas junto com as mulheres que estavam sendo purificadas. Sua mente era absolutamente arrancada dos pensamentos e das visões e colocada por completo nas visões espirituais, que eram tão deleitáveis e tão devotas que durante o tempo que durava o fervor não podia reprimir o pranto, os gemidos e os gritos, e por isso suportava que se assombrassem muito com ela, muitos insultos e muito desprezo.

Também quando via casamentos, homens e mulheres que se uniam segundo a lei da Santa Igreja, imediatamente meditava sobre como Nossa Senhora se uniu a José, e sobre a união espiritual da alma humana com Jesus Cristo, pedindo a Nosso Senhor que seu amor e seu afeto pudessem se unir sem fim somente com ele e que pudesse ter a graça para obedecê-lo, amá-lo e teme-lo, adorá-lo e louvá-lo e não amar nada mais do que ele amara, nem querer nada que ele não quisesse e estar sempre disposta a cumprir sua vontade tanto de dia quanto de noite, sem protestar nem ficar triste, com grande alegria de espírito; e muitos outros santos pensamentos que nunca pôde repetir , pois não procediam de seu próprio esforço nem de seu próprio gênio, mas eram um dom dele, cuja sabedoria é incompreensível para todas as criatura, exceto aquelas que ele escolhe e ilumina, mais ou menos, segundo ele mesmo deseja, porque sua vontade não pode ser forçada, sua disposição é própria e livre.

Tinha tanto estes pensamentos e estes desejos com lágrimas, suspiros e gemidos profundos e, às vezes, com veementes gritos, segundo Deus queria enviá-los e às vezes doces e secretas lágrimas sem nenhuma violência. Não podia chorar em voz alta nem em voz baixa se Deus não as enviava, pois em certas ocasiões carecia de lágrimas durante um dia inteiro ou,

às vezes, durante meio dia e sofria muito pelo desejo que tinha delas e havia dado todo o mundo, se fosse seu, por umas poucas lágrimas ou padeceria grande dor corporal para obtê-las.

E então, quando se encontrava vazia de lágrimas, não podia achar alegria nem consolo na comida nem na bebida ou na conversação, apresentando sempre um aspecto e um melancólico até que Deus lhe enviava as lágrimas de novo e então ela ficava bastante feliz. E aconteceu que, às vezes, Nosso Senhor lhe retirava a abundância de suas lágrimas, mas não retirava seus pensamentos e desejos santos por muitos anos, pois sua mente e seu desejo estiveram sempre em Nosso Senhor. Mas pensava que não existia nem sabor nem doçura, exceto quando podia chorar, pois então pensava que podia orar.

CAPÍTULO 83

E especialmente os gritos dela contribuíam grandemente ao aumento do mérito e da virtude daqueles que não tinha dúvidas nem receavam suas petições. Para aqueles que confiavam e acreditavam pouco, talvez a virtude e o mérito aumentasse menos. Sem dúvida, acreditavam ou não as pessoas em seus gritos, sua graça nunca diminuiu e sim sempre aumentou. Nosso Senhor a visitava com grande amabilidade de noite e de dia, quando ele queria e segundo ele queria e onde ele queria, pois a ela nunca faltava a graça exceto quando duvidava ou desconfiava da bondade de Deus, por supor ou temer que se tratava do engano de seu inimigo espiritual para instrui-la ou ensiná-la de maneira inconveniente para sua saúde espiritual.

Quando supunha isto ou consentia em qualquer destes pensamentos inspirados por algum homem ou por algum espírito maligno – que muitas vezes a havia impelido a abandonar seus bons propósitos, faltava-lhe a poderosíssima mão da misericórdia de Nosso Senhor para opor-se a sua grande maldade, então lhe faltava graça e devoção e todos os bons pensamentos e todas as boas lembranças até que, por meio da misericórdia de Nosso Senhor Jesus Cristo, era obrigada a crer firmemente, sem nenhuma dúvida, que era Deus que falava nela e era exaltado nela por sua própria bondade e para benefício dela e de muitos outros.

E quando acreditava que era Deus e não o espírito maligno que lhe concedia tanta graça de devoção, de contrição e de santa contemplação, então tinha muitos pensamentos santos, discursos santos e conversações em sua alma, ensinando-lhe como devia amar a Deus, adorá-lo e servi-lo que nunca pode repetir senão alguns poucos. Eram tão santos e tão altos que se avergonhava de conta-los e qualquer criatura e eles estavam tão por cima de seu gênio corporal que jamais poderia explicar com sua língua corporal tal como os sentia. Compreendia-nos melhor em sua alma de que podia os expressar. Se um de seus confessores se aproximava

dela quando ela saia de suas contemplações ou meditações, podia contar-lhes muitas coisas sobre a conversação que Deus havia mantido com sua alma e pouco tempo depois esquecia a maior parte de tudo ou quase tudo.

CAPÍTULO 84

A abadessa de Denny[269], um monastério de religiosas, mandava com frequência buscar a dita criatura para que fosse falar com ela e com suas irmãs. Esta criatura acreditava que não devia ir até o ano seguinte, pois dificilmente podia suportar o esforço. Então, enquanto meditava e sentia grande doçura e devoção, Nosso Senhor a ordenou que fosse a Denny e consolasse às damas que queriam conversar com ela falando assim em sua alma:

– Filha vá ao ministério de Denny em nome de Jesus, pois desejo que as console.

Mostrava-se bastante resistente a ir, pois esse era um tempo de pragas e pensava que que poderia morrer ali por que valesse a pena. Nosso Senhor disse de novo em sua mente:

– Filha, viajarás sem perigo e regressarás sem perigo.

Logo foi ver a esposa de um burguês abastado que a amava e confiava muito nela e cujo marido estava muito doente e disse à boa esposa que devia ir a Denny. A boa mulher não queria que ela fosse e disse:

– Não queria, – disse – nem por quarenta xelins, que meu marido morresse enquanto estivesses ausente.

– Mesmo que me desses cem libras, – respondeu ela – não permaneceria em casa.

Porque quando em sua alma era ordenado ir, não desobedecia de nenhuma maneira e sim se colocava a caminho apesar de qualquer coisa, acontecesse o que acontecesse. E quando era ordenado que permanecesse em casa, ela não saia de modo algum.

E logo Nosso Senhor lhe disse que o dito burguês não morreria e regressou junto à boa esposa e para consolá-la lhe disse que seu marido viveria e recuperaria a saúde e que não morreria. A boa esposa se alegrou muito e replicou:

– Agora, o Evangelho pode estar em vossa boca.

Logo esta criatura se apressaria, segundo havia sido ordenado, mas ao chegar junto do rio todos os botes haviam partido para Cambridge antes que ela chegasse ali. Então, angustiou-se muito pela maneira de cumpri a ordem de Nosso Senhor. E ao mesmo tempo, recebeu em

[269] A abadia de Denny, um monastério de monjas franciscanas menores, perto de Water Beach ao noroeste de Cambridge.

sua alma a ordem de não sofrer nem se abater, pois lhe seria proporcionado tudo quanto fosse necessário e iria e voltaria sem problemas. E certamente assim acontecer.

Logo Nosso Senhor lhe deu uma espécie de agradecimento porque durante a contemplação e a meditação havia sido a serva de sua mãe e a ajudou a cuidar dele durante sua infância e assim sucessivamente até o momento de sua morte e lhe disse:

– Filha, terás tão grande recompensa comigo no céu por teu bom serviço e as boas ações que fizeste em tua mente e meditação como se tivesses realizado estas mesmas ações exteriormente, com teus sentidos corporais. E assim mesmo filha quando prestas algum serviço a ti mesma e a teu marido, ao comer ou beber ou em qualquer outra coisa que necessitais, a teus confessores, ou a quaisquer outras pessoas que recebes em meu nome, terás a mesma recompensa no céu que se o tivésseis feito por minha própria pessoa ou por minha bendita mãe, eu te agradecerei.

"Filha, tu dizes que é bom nome para mim eu ser chamado de Sumo Bem e perceberás que esse nome também é completamente adequado para ti. E também, filha, dizes que é muito apropriado que seja chamado de Todo Amor e certamente perceberás que sou todo amor para ti, pois conheço cada um de seus pensamentos de teu coração. E também sei filha que muitas vezes tem pensado que tivésseis muitas igrejas cheias de dinheiro o darias em meu nome. E também pensaste que tivésseis tido dinheiro suficiente terias fundado muitas abadias por meu amor para que nelas vivessem religiosos e religiosas e a cada uma delas lhes daria cem libras anuais para que fossem meus servidores. E também desejaste em tua mente ter muitos sacerdotes na cidade de Lynn que pudessem cantar e ler noite e dia para servir-me, adorar-me, orar e dar-me graças pelo bem que te fiz na terra."

"E, portanto, filha, prometi a que você teria a mesma recompensa no céu por estas boas intenções e estes bons desejos, como se efetivamente os tivesse realizado. Filha, conheço todos os pensamentos de teu coração que tens por toda a classe de homens e mulheres, por todos os leprosos, por todos os presos; e todo o dinheiro que lhes daria anualmente para me servir com ele, o tomo como se realmente o tivesse feito. E filha te agradeço o amor que tendes com todos os homens e mulheres lascivos, pois rezas e vertes muitas lágrimas por eles, desejando que os libere do pecado e que seja tão generoso com eles como fui com Maria Madalena e que eles possam sentir tão grande amor para mim como sentiu Maria Madalena. E com esta condição, você gostaria que cada um dispusesse de vinte libras por ano para me amar e louvar."

"E filha este grande amor que sentes por eles em tua oração me agrada muito. E também filha, dou-te graças pelo amor que tens em tua oração quando rezas por todos os judeus e sarracenos e por todos os povos pagãos, que eles deveriam se converter para a fé cristã de

modo que meu nome seja exaltado neles; e pelas santas lágrimas e prantos que teve por eles, rezando e desejando que se alguma oração pudesse trazê-los para a graça ou a fé cristãs, que deveria escutar tua oração por eles se fosse minha vontade."

"Ademais, filha, te ou graças pela caridade geral que demonstra a todos que agora vivem neste mundo e a todos que virão até o fim do mundo: que gostarias que por teu amor fosses cortada em pedaços tão pequenos como a carne para a panela para que, mediante tua morte, eu os salvaria a todos da condenação, se assim eu desejasse. Pois com frequência diz em teus pensamentos que há pessoas suficientes o inferno e desejas que mais nenhum homem mereça ir para lá."

"E por isso filha, por todas essas boas vontades e desejos, terás a mais alta recompensa no céu. Creias corretamente assim e não o duvides jamais de nenhuma maneira, pois todas estas graças são minhas graças e eu mesmo as obro em ti, de maneira que deves ter a maior recompensa no céu. E em verdade te digo, filha que todo bom pensamento e todo bom desejo que tens em tua alma é a linguagem de Deus, inclusive mesmo em ocasiões nas quais não me ouça falar contigo, segundo às vezes faço para a tua clara compreensão."

"E por isso filha, sou como um Deus escondido em tua alma e às vezes retiro tuas lágrimas e tua devoção para que tu mesma penses que não tem bondade por ti mesma e sim que toda bondade procede de mim; e também para que possas conhecer verdadeiramente o que é a dor da minha ausência e o quão doce é me sentir e que tens que te ocupares mais de buscar-me outra vez; também, filha, para que conheças a dor que outros homens têm, os quais desejam me sentir e não podem. Pois existem muitos homens na terra que, se tivessem um só dia em toda a sua vida igual a muitos que tu tens, sempre me amariam melhor, e me dariam as graças por esse único dia. E não podes, filha, viver sem mim um só dia sem grande dor. Por isso filha, tens grande motivo para me amar assim, pois não é por nenhum ressentimento, filha, o porquê de às vezes eu retirar de ti o sentimento da graça e o fervor da devoção, mas também deves saber com segurança que não podes ser hipócrita por causa de qualquer pranto, de qualquer grito, de qualquer doçura, de qualquer devoção, de qualquer pensamento sobre minha Paixão ou de qualquer outra graça espiritual que te concedo ou te envio. Pois não são dons do demônio e sim, são minhas graças e meus dons e estes são meus próprios dons especiais que concedo às minhas almas eleitas das que sempre sei que viriam à graça e morariam comigo por toda a eternidade."

"Porque em todas as demais coisas podes ser uma hipócrita se o desejas, ou seja, na compreensão, na reza de muitos rosários, em grandes jejuns, em fazer grande penitência exterior que todos possam ver, ou em fazer grandes obras de caridade pelas tuas mãos ou em dizer boas

palavras com tua boca. Em tudo isto, filha, podes ser uma hipócrita se o desejas e também pode fazê-lo bem e santamente, se tu mesma o desejas."

"Veja filha, dei-te tal amor que nele não serás nenhuma hipócrita. E filha, jamais perderás tempo enquanto estiverdes ocupada assim, porque qualquer que seja a maneira que penses, não poderá pecar durante esse tempo. E o demônio desconhece os santos ensinamentos que te concedo, nem ninguém sobre a terra conhece o quão bem e santamente te ocupas de mim, nem tu mesma podes descrever a grande graça e bondade que sentes em mim. E por isso, filha, tu seduzes ao mesmo tempo ao demônio e ao mundo com teus santos pensamentos e é uma grande loucura que pessoas deste mundo queiram julgar teu coração, que ninguém pode conhecer, a não ser Deus."

"E por isso filha, em verdade te digo: tens grande motivo para se regozijar e ser feliz em tua alma da mesma forma que qualquer outra senhora ou donzela neste mundo. Tão grande é o meu amor por ti que não posso separá-lo de ti, pois filha, nenhum coração pode pensar, nem nenhuma língua dizer do grande amor que tenho por ti e por isso tomo o testemunho de minha bendita mãe, de meus santos anjos e de todos os santos do céu, pois todos eles me adoram, por teu amor, no céu. E deste modo serei adorado em toda a terra por teu amor, filha, pois farei com que o mundo conheça a graça que te mostrei na terra para que a gente possa se maravilhar da bondade que mostrei a ti que tem sido pecadora. E por ter sido clemente e misericordioso contigo, aqueles que se encontram no mundo não se desesperarão, mesmo sendo muito pecadores, pois podem ter misericórdia e graça se eles mesmos quiserem.

CAPÍTULO 85

Uma vez quando esta criatura encontrava ajoelhada diante de um altar da Cruz e articulava uma oração seus olhos se fecharam como se fosse dormir; e, finalmente, sem que pudesse evitar e ficou ligeiramente sonolenta e imediatamente apareceu realmente diante de sua vista um anjo vestido completamente de branco como uma criança pequena que tinha um grande livro diante dele. Então esta criatura disse ao menino ou, melhor, ao anjo:

– Ah, – disse – este é o Livro da Vida.

E ela viu a Trindade no livro em letras dourada. Logo disse ao menino:

– Onde está meu nome?

–- Aqui está teu nome, – disse o menino respondendo – escrito sob a Trindade. E sem dizer mais nada desapareceu, sem que ela soubesse onde foi.

E pouco depois lhe falou Nosso Senhor Jesus Cristo e disse:

– Filha, trata agora de ser sincera e firme e tem fé verdadeira, pois teu nome está escrito no céu no Livro da Vida e era um anjo que te consolou. E por isso, filha deve ser muito feliz, pois me preocupo muito, tanto pela manhã como pela tarde, para chamar teu coração ao meu, porque deves manter tua mente totalmente em mim e isso multiplicará muito teu amor por Deus. Pois, filha se segue o conselho de Deus não pode obrar mal, pois o conselho de Deus é que seja mansa e paciente na caridade e a castidade.

Outra vez, quando esta criatura se achava dedicada à contemplação numa capela de Nossa Senhora, seu pensamento estava ocupado na Paixão de Nosso Senhor Jesus Cristo e realmente pensava que via a Nosso Senhor aparecendo a sua vista espiritual sob a forma humana, com suas feridas sangrando com tanto frescor como se tivesse sido açoitado diante dela. E então chorou e gritou com toda a força de seu corpo, pois, se sua dor era grande antes desta visão espiritual, todavia foi maior depois. E, então, maravilhou-se muito de que Nosso Senhor se fez homem e sofrera uma dor tão severa por ela, que era uma criatura tão desconsiderada com ele.

Outra vez, enquanto se encontrava na igreja de Saint Margaret, no coro, sentido grande doçura e devoção, com grande abundância de lágrimas, pergunto a Nosso Senhor Jesus Cristo como podia lhe agradar mais. E ele respondeu em sua alma, dizendo:

– Filha, considera tua maldade e pensa em minha bondade.

Logo ela rezou muitas vezes e com frequência com estas palavras:

– Senhor, por vossa grande bondade, tende misericórdia de toda minha maldade, pois seguramente nunca fui tão malvada como sois bom, nem jamais poderei sê-lo, inclusive mesmo que quisesse, pois vós sois tão bom que não poderíeis ser melhor. E por isso é muito assombroso que ninguém deve ser jamais separado de vós eternamente.

Então, enquanto, no entanto, permanecia no coro chorando e lamentando-se por seus pecados, de repente caiu em uma espécie de sonho. E no mesmo momento viu, com sua vista espiritual[270], o corpo de Nosso Senhor estendido diante dela e sua cabeça, segundo pensou, perto dela, com seu santo rosto olhando para cima, o homem mais belo que jamais pudesse ter visto ou imaginado. E logo, enquanto olhava, chegou uma pessoa com um punhal e abriu aquele precioso corpo pelo peito. E então, chorou amargamente de amaneira assombrosa, tendo maior consideração, piedade e lástima da paixão de Nosso Senhor Jesus Cristo como nunca tivera antes. E desta maneira cada dia e se multiplicarão seus pensamentos e seu amor por Nosso

[270] Nesta visão de Margery Kempe, que não aparece em nenhuma outra fonte, o corpo de Cristo é mutilado.

Senhor Jesus Cristo, bendito seja e quanto mais aumentava seu amor, maior era sua dor pelos pecados de toda a gente.

Outra vez, estando esta criatura numa capela consagrada a Nossa Senhora, chorando amargamente em memória da paixão de Nosso Senhor e de outras graças e bondades semelhantes que Deus colocava em sua mente, de repente, ignorava com quanta rapidez, caiu em uma espécie de sonho. E ao mesmo tempo, com os olhos da alma, viu a Nosso Senhor que estava de pé por cima dela, tão perto que pensou que tocava com sua com sua mão os dedos de seus pés e os sentia e sua sensação era como se realmente tivesse sido sua carne e seus ossos. E então, deu graças a Deus por tudo, pois mediante estas visões espirituais seu afeto ficava totalmente cultivado pela humanidade de Cristo e pela memória de sua Paixão, até que Nosso Senhor quis que ela compreendesse sua Divindade incompreensível.

Segundo antes se havia escrito, ela teve este tipo de visões e sensações depois de suas conversações, quando esteve preparada e completamente decidida a servir a Deus com todo seu coração e sua força; havia abandonado totalmente este mundo e permanecia na igreja pela manhã e pela tarde e muito especialmente na quaresma, quando depois de grande insistência e muitas súplicas obteve a permissão de seu esposo para viver casta e limpa e fazia grande penitência corporal antes de viajar a Jerusalém.

Mas depois, quando por mútuo consentimento, seu marido e ela fizeram voto de castidade, segundo se havia escrito e ela esteve em Roma e em Jerusalém e sofreu muito desprezo e reprovação por prantos e seus gritos, Nosso Senhor, por sua misericórdia, conduziu seu afeto à sua Divindade, de maneira que foi mais ardente em amor e desejo e mais misteriosa na compreensão, que o foi na humanidade. E, no entanto, o fogo do amor se multiplicou nela e seu conhecimento foi mais luminoso e sua devoção mais ardente do que antes, quando centrava sua meditação e sua contemplação somente em sua humanidade. Mesmo que ela não gritasse como antes, pois agora era mais misteriosa e mais delicada, e mais fácil de suportar por seu espírito e com a mesma abundância de lágrimas de antes.

Outra vez, enquanto esta criatura se encontrava no convento dos dominicanos, em uma capela consagrada a Nossa Senhora, realizando suas orações, suas pálpebras se cerraram um pouco, como numa espécie de sonho e imediatamente acreditou ver Nossa Senhora na visão mais linda que ela jamais tivera, com um belo lenço branco em suas mãos dizendo: “Filha, queres ver o meu Filho?”.

E imediatamente viu Nossa Senhora que segurava seu bendito filho pela mão e o envolvia com muita suavidade no lenço branco de tal maneira que pôde ver como o fazia. Então

esta criatura teve uma nova alegria espiritual e um novo consolo espiritual; foram tão maravilhosos que jamais os pôde contar tal como os sentiu.

CAPÍTULO 86

Em certa ocasião, Nosso Senhor falou à dita criatura, quando ele quis, dizendo ao seu conhecimento espiritual:

– Filha pelas mesmas vezes que recebeu a santa Eucaristia do altar com muitos mais santos pensamentos do que possa repetir, serás recompensada no céu com outras tantas novas alegrias e novos consolos. E filha, no céu conhecerás quantos dias tiveste de alta contemplação através de meu dom na terra e mesmo que se trate dos dons e graças que te dei, sem dúvida terás a mesma graça e recompensa no céu que fosse pelos seus próprios méritos, pois os te concedi livremente.

"Mas eu te agradeço muito, filha, que me tenha permitido obrar minha vontade em ti, e que me permitas me comportar tão familiarmente contigo. Pois, filha, em qualquer coisa que possas fazer na terra, em nada me agradarás tanto como permitir que te fale em tua alma, pois nesse momento tu compreendes minha vontade e eu a tua. E também, filha, tu chamas a minha mãe para que acuda a tua alma e me tome em seus braços e me apoie em seu peito e me amamente."

"Também, filha, conheço os santos pensamentos e os bons desejos que tens quando me recebes e o bom amor que tens comigo no momento de receber meu precioso corpo em tua alma e também como chamas a Maria Madalena a tua alma para me dar as boas-vindas, pois, filha, conheço suficientemente bem o que pensas. Pensas que ela é mais digna em tua alma e confias mais em suas orações junto com as de minha mãe e assim atuas acertadamente, filha, porque ela é uma grande mediadora minha na felicidade do céu. E em certas ocasiões, filha, pensas que tua alma é tão grande e de tal amplitude que chamas a toda a corte celestial a ela para me dar as boas-vindas. Sei perfeitamente, filha, que dizes: "Venham os doze apóstolos, aqueles que Deus amou tanto na terra e recebam o vosso Senhor em minha alma."

"Também rogas a Catarina, a Margarida e a todas às virgens santas que deem as boas-vindas em tua alma. E logo suplicas a minha bendita mãe, a Maria Madalena, a todos os apóstolos, aos mártires, aos confessores, a Catarina, a Margarida e todas as santas virgens que adornem à câmara da tua alma com muitas flores belas e com muitas doces especiarias para que eu possa descansar lá dentro."

“Ademais, filha, em ocasiões imaginas que tens em tua alma uma almofada de ouro, outro de veludo vermelho e um terceiro de seda branca. E pensas que meu pai se senta na almofada de ouro, porque a ele correspondem a força e o poder. E pensas que eu, a segunda pessoa da Trindade, teu amor e tua alegria, sento-me na almofada de veludo vermelho, porque em mim está todo o teu pensamento, pois te comprei muito cara e pensas que nunca me pagarás o amor que te demonstrei mesmo que fosses sacrificada mil vezes ao dia, se fosse possível, por amor a mim. Assim, filha, pensas em tua alma que sou digno de sentar-me na almofada vermelha, em memória do sangue vermelho que derramei por ti. Ademais, pensas que o Espírito Santo se senta em uma almofada branca, pois crês que está pleno de amor e pureza e por isso é mais apropriado para ele se sentar numa almofada branca, pois ele é quem concede todos os santos pensamentos e a castidade.”

“E sem dúvida conheço suficientemente bem, filha, que pensa que não podes adorar ao pai sem adorar ao Filho e que não podes adorar ao Filho e que não podes adorar ao Filho sem adorar ao Espírito Santo. E também às vezes pensas, filha, que o Pai é Todo-Poderoso e onisciente e todo graça e bondade e pensas o mesmo do Filho, que é Todo-Poderoso e onisciente e todo graça e bondade. E pensas que o Espírito Santo possui as mesmas propriedades, iguais às do Pai e às do Filho, procedentes dos dois.”

“Também, pensas que cada uma das três pessoas da Trindade possui o que a outra em sua Divindade e assim, verdadeiramente crês, filha, em tua alma, que há três pessoas distintas e um só Deus em essência e que cada uma conhece o que conhecem as outras e cada uma pode fazer o que as outras podem e cada uma quer o que as outras querem. E, filha, esta é uma verdadeira fé um fé cabal e tu tens esta fé somente por meu dom.”

“E por isso, filha, não te surpreendas se choras amargamente quando recebes a comunhão e recebes meu bendito corpo sob a forma de pão, pois rezas antes de receber a comunhão, dizendo-me em tua mente: ‘Tão certo, Senhor, como que me amas, limpa-me de todo pecado e dá-me graças para receber dignamente vosso precioso corpo, com todo o tipo de culto e veneração.’”

“E filha, tem a segurança de que escuto a sua oração, pois não podes dizer nada que agrade mais que ‘tão certo como te amo’, porque nesse momento cumpro minha graça em ti e te concedo cada um dos santos pensamentos, impossível contá-los todos.”

“E a causa da grande familiaridade que mostro para ti nesse momento és mais audaz para suplicar graças para ti mesma, para teu esposo, para teus filhos e nesse momento convertes a todos os homens e mulheres cristãos em filhos em tua alma e terias tanta graça para eles como para teus próprios filhos. Também pedes misericórdia para teu esposo e pensas que estás muito

agradecida comigo, pois te concedi o destino do homem que te permitiu viver castamente, estando ele vivo e gozando de boa saúde física. Na verdade, filha, realmente acertas e por isso tens grande motivo para me amar muito."

"Filha, se soubesses quantas esposas há neste mundo, que me amariam e serviriam bem e devidamente, se poderiam ser igualmente livres de seus maridos como tu és do teu, dirias que estavas muito em dívida comigo. E sem dúvida, elas se encontram muito frustradas e sofrem muito e por isso tem grande recompensa no céu, pois recebo como garantia todas as boas vontades."

"Às vezes, filha, faço com que sofras grande dor, especialmente pelos pecados de teu confessor, para que consiga o perdão total de seus pecados como tu dos teus. E às vezes, quando recebes a preciosa Eucaristia, faço como que rezes assim pelo seu confessor – pois muitos homens e mulheres podem ser convertidos através da sua oração, como tu desejas que se convertam pelas lágrimas de teus olhos, e que minhas santas palavras possam ser estabelecidas tão profundamente em seus corações, como desejas que estabeleçam em teu coração. E também, pedes a mesma graça para todos os bons homens que pregam minhas palavras na terra, para que eles possam trazer benefícios a todas as criaturas sensatas."

"E, frequentemente, no dia que recebes meu precioso corpo, pedes graças e misericórdia para todos os teus amigos e para todos os teus inimigos que alguma vez te desonraram ou te insultaram, ou te desprezaram o se riram de ti pela graça que opero em ti e por todo este mundo, tanto para jovens quanto para velhos, chorando e soluçando amargamente há muitos anos. Tens sofrido muita desonra, muita recriminação e por isso terás muita felicidade no céu."

"Filha, não te envergonhes de receber minha graça quando eu a conceda para ti, pois eu não me envergonharei de ti, de forma que serás recebida na felicidade do céu- para recompensar-te ali por todos os bons pensamentos, por todas as boas palavras e por todas as boas obras e por todos os dias de contemplação e por todos os bons desejos que tens tido aqui neste mundo – eternamente comigo como minha querida amada e minha bendita esposa e como minha santa esposa."

"E por isso, não temas, filha, mesmo que toda a gente se pergunte porque choras com tanta amargura quando me recebes, pois, se conhecessem a graça que ponho em ti neste momento, eles deveriam se perguntar por que teu coração não explode. E assim seria, se eu mesmo não controlasse esta graça; mas vês por ti mesma, filha, que quando me recebes em tua alma, estás em paz e tranquila e já não soluças mais. E nisto a gente está muito surpresa, mesmo que não seja uma surpresa para ti, pois sabes que me comportei igual a um marido que se casou

com uma esposa. E no momento em que se casa com ela, pensa que está suficientemente seguro dela e que ninguém os separará, pois então filha, eles podem deitar-se juntos sem vergonha nem temor de outras pessoas e dormir tranquilamente e em paz se eles o quiserem. E as coisas assim entre tu e eu, filha, pois tens todos os dias da semana, especialmente os domingos, grande temor e espanto em tua alma sobre como poderias estar mais segura do meu amor e , com grande reverência e santo temor, sobre como poderias me receber melhor para a salvação de tua alma, com todas as manifestações de mansuetude, humildade e caridade, do mesmo modo que qualquer mulher deste mundo se ocupa em receber seu marido quando ele chega em casa e ficou muito tempo longe dela."

"Minha querida filha, te dou muitas graças por todas as pessoas doentes que tens atendeste em meu nome e por todas as atenções e serviços que prestaste em qualquer nível, pois terás comigo no céu a mesma recompensa que se tiveste se ocupado de mim mesmo, enquanto estive aqui sobre a terra. Também filha te dou graças pelas numerosas vezes me banhaste, em tua alma, em casa em teu aposento, como se houvesse estado presente ali em minha humanidade, pois conheço também, filha, todos os santos pensamentos que me dedicaste em tua mente. E também, filha, dou-te graças por todas as vezes que me acolheste a mim e a minha bendita mãe em teu leito."

"Por estes e todos os demais bons pensamentos e boas ações que pensaste em meu nome e realizado pelo meu amor, terás comigo e com minha mãe. Com meus santos anjos, com meus apóstolos, com meus mártires, confessores e virgens e com todos os meus bem-aventurados santos, com todo o tipo de alegria e de felicidade, prolongando-se eternamente."

CAPÍTULO 87

A dita criatura permanecia imóvel na igreja, escutando e entendendo este doce colóquio em sua alma com tanta clareza como um amigo que conversa com outro. E quando escutava as grandes promessas que Nosso Senhor Jesus Cristo lhe fazia então lhe dava graças com grandes prantos e suspiros e com muitos santos e reverentes pensamentos dizendo em sua mente:

– Senhor Jesus, bendito seja, pois eu nunca mereci isto de vós, mas eu preferia estar de agora em diante naquele lugar onde jamais o desagradaria.

Com semelhantes pensamentos e muitos outros que eu jamais poderia escrever, ela adorava e exaltava Nosso Senhor Jesus Cristo por sua santa visita e seu consolo. E com este tipo de visitas e santas contemplações como as que antes foram escritas, mesmo que, sem

comparação, muito mais delicadas e elevadas de como aparecem escritas, a dita criatura viveu, com a proteção de Nosso Salvador Jesus Cristo, durante mais de vinte e cinco anos antes que este tratado fosse escrito[271], semana a semana, dia a dia, a menos que estivesse ocupada com os enfermos ou talvez impedida por alguma outra ocupação necessária para ela ou para seus companheiros cristãos. Logo, às vezes isso desaparecia, porque somente podia ter com grande tranquilidade da alma através de muito exercício.

Com esta forma de discurso e de conversação ela se tornou mais poderosa e forte no amor de Nosso Senhor, e mais estável em sua fé, e cresceu em mansuetude e caridade junto com outras boas virtudes. E com firmeza e polidamente acreditava que era Deus era quem falava em sua alma e não o diabo, porque em seu discurso ela tinha mais fortaleza e mais consolo e mais aumento da virtude. Deus seja louvado!

Em várias ocasiões quando esta criatura se encontrava tão enferma que pensava que iria morrer e outras pessoas pensavam o mesmo, sua alma recebeu a resposta de que não morreria e sim que viveria e melhoraria e assim aconteceu. Às vezes, Nossa Senhora falava com ela e a consolava durante sua enfermidade. Ás vezes São Pedro, ou São Paulo, às vezes Santa Maria Madalena, Santa Catarina, Santa Margarida ou qualquer santo do céu no qual pudesse pensar, através da vontade e do consentimento de Deus, falavam para a compreensão de sua alma e a informavam sobre como devia amar a Deus e como devia agradá-lo mais e respondiam ao que ela lhes perguntava e podia saber por sua forma de falar qual deles falava com ela e a consolava.

Nosso Senhor, por sua misericórdia, visitava-a com tanta frequência e tão abundantemente com seus santos discursos e suas santas distrações que muitas vezes ignorava como havia passado o dia. Às vezes acreditava que períodos de cinco ou seis horas não haviam durado nem uma hora. Era tão doce e tão piedoso que parecia estava no céu. Jamais pensou que era muito tempo e nunca se aborrecia com isso – o tempo passava sem que soubesse como. Preferia melhor servir a Deus desta maneira cem anos se pudesse viver tanto, do que um dia quando começou.

E com frequência dizia a Nosso Senhor:

– Ah, Senhor Jesus, pois é tão doce chorar por vosso amor na terra, sei bem que será verdadeiramente prazeroso estar convosco no céu. Por isso, Senhor vos peço que não permitas jamais que tenha nenhuma outra alegria na terra do que gemer e chorar pelo vosso amor como faço aqui, o inferno, se ali pudesse e gemer pelo vosso amor como faço aqui, o inferno não me

[271] O “tratado” de Margery Kempe foi escrito entre 1436 e 1438.

aborreceria e sim sereia uma espécie de céu, pois vosso amor espanta qualquer tipo de medo de nosso inimigo espiritual; pois melhor permaneceria ali tanto tempo quanto vós desejais e vos agradar do que estar neste mundo e vos desagradar. Portanto, Senhor, como vós desejais, que assim seja.

CAPÍTULO 88

Quando este livro foi escrito pela primeira vez, a dita criatura passava mais tempo em casa, em seu quarto, com seu escriba e rezava menos do que havia feito durante muitos anos até então, com a intenção de avançar na escritura, e quando ia para igreja ouvir missa ou a rezar as matinas e praticar outras devoções semelhantes, segundo já era acostumada, seu coração se encontrava longe do que dizia e estava muito focada na meditação. Temerosa de desagradar Nosso Senhor, ele disse em sua alma:

– Não temas, filha, porque aceito como tivesses recitado, tantas orações como gostarias de recitar; e teu esforço para escrever a graça que te mostrei me compraz muito e também o da pessoa que o escreve. Porque mesmo que estivesses na igreja e ambos chorassem tão amargamente como jamais fizeste, não me agradaria tanto quanto o que fazes escrevendo, pois, filhas, através deste livro muitas pessoas regressarão a mim e crerão.

– Filha, em tua opinião, onde existe uma oração melhor que me suplicar com teu coração ou com teu pensamento? Filha, quando rezas com o pensamento, tu mesma entendes o que me pedes e entendes também o que te digo, e entendes o que prometo a ti e a os teus, e a todos os teus confessores. E se através do Mestre Robert, teu confessor, concedi-te o que desejavas, ele deveria ter a metade de tuas lágrimas e a metade das boas obras que operei em ti. Por isso, verdadeiramente será recompensado mediante teus prantos, como se ele mesmo tivesse chorado. E certamente creias filha, que finalmente estarão completamente felizes juntos no céu e abençoarão o momento em que ambos se conheceram.

"E filha, bendirás a mim por toda a eternidade porque uma vez te concedi um confessor tão leal, pois mesmo que às vezes eu tenha sido severo contigo foi para ti uma grande vantagem, pois de outro modo tivesse tido demasiado afeto pessoal por ele. E quando era severo contigo, então corrias até mim com toda a tua mente, dizendo: 'Senhor, não há confiança que não seja somente em vós. 'E logo me gritavas com todo o teu coração, 'Senhor, por vossas dolorosas feridas, dilui todo o meu amor em vosso coração.' E filha assim eu fiz."

"Com frequência pensas que fiz muito por ti e pensas que é um grande milagre que tenha direcionado todo o teu afeto para mim, pois às vezes te atraíste tanto para alguma pessoa concreta, que nesse momento pensaste que em alguma medida tivesse sido impossível separar teu afeto dela. E mais tarde, desejaste que se fosse do meu agrado, esta mesma pessoa te abandonaria por meu amor, pois se ela não tivesse lhe ajudado, poucos homens apenas teriam te valorizado, segundo parecia para ti. E pensavas, que se ela te abandonasse se faria a maior crítica que jamais recebeste diante de toda a gente; e por isso de boa vontade terias suportado essa reprovação pelo meu amor, se me agradasse."

"E assim, com tantos pensamentos dolorosos incrementavas teu amor por mim e por isso, filha, recebo teus desejos com em verdade já tivessem se cumprido. E também, sei que sentes verdadeiro amor por esta mesma pessoa e com frequência te disse que ela estaria muito contente por te amar e que gostaria de crer que é Deus quem fala em ti e não o demônio. Também, filha, essa pessoa me agradou muito, pois com frequência em seus sermões desculpou teus prantos e teus gritos, e assim o fez também o Mestre Aleyn e por isso eles terão uma recompensa muito grande no céu. Filha, eu te disse muitas vezes que eu devia alimentar teus prantos e teus gritos com sermões e pregações."

"Também, filha, digo-te que o Mestre Robert, teu confessor, agradou-me muito quando ele te disse que acreditasse que te amo. E sei que tens grande fé em suas palavras e estás muito certa, pois ele jamais adularia a ti. E assim mesmo filha, eu estou muito satisfeito contigo, pois te disse que deverias permanecer tranquila e dedicar teu coração à meditação e pensar tantos santos pensamentos quanto os que Deus colocará em sua mente. Com frequência te digo assim eu mesmo e assim o farás exceto com muita reclamação."

"E apesar de tudo não estou aborrecido contigo, filha, pois com frequência te disse que rezas com tua boca ou pensas com teu coração, se lês ou escutas ler coisas, me agradarei contigo. E sem dúvida, filha, digo-te que se acreditares em mim, que pensar é melhor para ti e aumentará mais teu amor por mim; e quanto mais familiarmente me permitires estar em tua alma na terra, é digno e justo que seja mais familiar com tua alma no céu. E por isso, filha, se não segues meu conselho, segue o de teu confessor, pois ele te manda fazer o mesmo que eu mando."

"Filha, quando teu confessor te disse que desagradas a Deus, tu acreditas nele e então sentes muita dor e grande aflição e choras abundantemente até que consigas de novo a graça. E logo com frequência eu mesmo me aproximo de ti e te consolo, porque filha não posso permitir que sofras durante um tempo sem que eu te aplique um remédio. E por isso, filha, aproximo-me de ti dou-te garantias do meu amor e te digo com minha própria boca que estás tão segura

de meu amor com que Deus é Deus e que nada que possas ver na terra com teus olhos corporais é tão seguro para ti. E por isso, bendita filha, ama ao que te ama, e não me esqueças, filha, pois eu não te esqueço porque meus olhos misericordiosos estão sempre sobre ti. E minha misericordiosa mãe conhece isto perfeitamente, filha, pois assim te disse com frequência e também outros muitos santos."

"E por isso, filha, tens grande motivo para me amar assim e para me dar todo o teu coração com todos os teus afetos, pois isto e nada mais é o que desejo de ti. E em recompensa te darei todo o meu coração. E se obedeces minha vontade eu obedecerei a tua, filha."

CAPÍTULO 89

Também enquanto a dita criatura se ocupava da escritura deste tratado, tinha muitas lágrimas e muito pranto e com frequência ardia em seu peito uma chama de fogo, muito cálida e agradável; e também, quem escrevia para ela não podia ele mesmo às vezes controlar seu pranto.

E com frequência, nesse intervalo, quando esta criatura estava na igreja, Nosso Senhor Jesus Cristo junto com sua gloriosa mãe e também com muitos santos chegavam a sua alma e lhe davam graças, dizendo que estavam muito satisfeitos com a escritura desse livro. E assim mesmo muitas vezes escutou o trinado de um doce pássaro cantando em seu ouvido e com frequência ouvia doces sons e melodias que superavam seu conhecimento para falar sobre eles. E esteve enferma muitas vezes enquanto se escrevia este tratado e tão logo se punha a escrever este tratado, no mesmo instante, de repente, encontrava-se sã e saudável. E com frequência recebeu ordens para que estivesse pronta rapidamente.

Em uma ocasião enquanto realizava suas orações na igreja, em advento antes do Natal, pensou em seu coração que desejava que Deus, por sua bondade, fizesse com que o Mestre Aleyn pregasse um sermão o melhor que pudesse. E no mesmo instante em que o pensou ouviu que Nosso Soberano Senhor Jesus Cristo dizia em sua alma:

– Filha, eu sei perfeitamente o que agora mesmo pensas sobre o Mestre Aleyn e em verdade te digo que ele pregará um verdadeiro sermão santo. E procura crer com firmeza nas palavras que ele pragará, igual se fosse eu mesmo que as pregasse, pois serão palavras de grande consolo e conforto para ti, pois eu falarei nele.

Depois de escutar esta resposta, foi e a contou a seu confessor e a dois outros sacerdotes nos quais confiava muito. E quando lhes havia contado seu sentimento, ficou aflita, por temor de se ele pregaria ou não do mesmo modo como ela o havia sentido – pois as revelações às

vezes são difíceis de entender. E às vezes aquelas coisas que toda a gente pensa que eram revelações enganos e ilusões e por isso não convém dar crédito demasiado logo a todas as emoções e sim esperar discretamente e comprovar se procedem de Deus. Contudo, em relação a este sentimento desta criatura, este era muito verdadeiro, segundo se demonstra pela experiência e seu temor e seu mal-estar convertidos em grande consolo e alegria espirituais.

Em certas ocasiões, deprimia-se muito por seus sentimentos – quando durante muitos dias seguidos não sabia como interpretá-los, por causa do medo que tinha de decepção e engano – até o extremo de desejar que sua cabeça fosse separada de seu corpo até que Deus, por sua bondade, explicaria tudo a sua mente. Porque às vezes o que ela entendia como algo físico deveria ser entendido espiritualmente e o temor que tinha de seus sentimentos foi o maior castigo que teve na terra e especialmente quando teve seus primeiros sentimentos e esse medo a fez mais dócil, não se alegrava de seus sentimentos até que soubesse por experiência própria se eram ou não verdadeiros. Mas Deus seja bendito para sempre, pois a fez cada dia mais poderosa e forte em seu amor e em seu temor e acrescentou sua virtude com perseverança.

Aqui termina este tratado, pois Deus acolheu em sua misericórdia ao que escreveu a cópia deste livro. E mesmo que não o tenha transcrito com clareza nem de forma compreensível segundo nossa maneira de falar, ele, de acordo com sua maneira pessoal de escrever e soletrar lhe deu sentido verdadeiro, o qual, com a ajuda de Deus e dela mesma que experimentou todo este tratado em sentimentos e obras, foi transposto fielmente da cópia neste pequeno livro.

5.3 Livro II

CAPÍTULO 1

Depois que Nosso Soberano Salvador conduzira à sua imensa misericórdia a primeira pessoa que escreveu o dito tratado e o sacerdote, do qual antes se escreveu que tinha copiado o mesmo tratado segundo seu simples entendimento, ele considerou adequado para a honra da bem-aventurada Trindade que as santas obras de Deus fossem proclamadas e comunicadas a toda a gente para adoração de seu santo nome. E logo, no ano de Nosso Senhor de 1438, na Festividade de São Vidal[272], mártir, começou a escrever sobre a graça que Nosso Senhor operou em sua inocente criatura durante os anos que ela viveu depois, não toda, mas somente uma parte, segundo ela contava com sua própria língua.

[272] No dia 28 de abril.

E primeiro aqui está um importante assunto que não foi escrito no tratado anterior. Aconteceu que pouco depois que a criatura, sobre quem anteriormente se escreveu, renunciou às preocupações do mundo e se uniu em seu pensamento a Deus, na medida em que sua fragilidade o permitia. A dita criatura tinha um filho, um homem jovem e alto, que vivia com um burguês honrado em Lynn, dedicado aos negócios como mercador e navegando por além-mar, ao qual ela desejava afastar dos perigos deste penoso e inseguro mundo se pudesse. Fazia tudo que estava ao seu alcance e muitas vezes sempre que podia se reunir com ele quando não estava ocupado, aconselhava-o que abandonasse o mundo e seguisse a Cristo até o extremo de que ele não quis mais a companhia dela e nem mais encontrá-la de boa vontade.

Assim, em uma ocasião, aconteceu de que a mãe se encontrou com seu filho, mesmo que tenha sido contra a vontade e a intenção dele. E como havia feito outras vezes, também agora lhe disse que ele devia se afastar dos perigos deste mundo e se preocupar menos com os negócios. Como não estava de acordo, ele respondeu com maus modos e ela até certo ponto alterada espiritualmente, disse:

– Agora, visto que não abandonarás o meu pelo meu conselho, encarrego-te, com minha benção, que ao menos mantenha limpo seu corpo, afastado da companhia das mulheres até que tenhas uma esposa de acordo com a lei da igreja. E se não o fizeres, pedirei a Deus que o purifique e o castigue por isso.

Eles separaram e pouco depois o mesmo jovem navegou por além-mar se dedicando aos negócios e então, por causa das más intenções das outras pessoas e pela loucura de sua própria conduta caiu no pecado da lascívia. Pouco depois sua aparência mudou e se encheu de manchas e pústulas como as de um leproso. Então regressou a Lynn para ver seu patrão com o qual anteriormente havia vivido. Seu patrão lhe demitiu de seu serviço, não porque tivesse cometido algum erro, mas talvez supondo que havia contraído a lepra, como parecia pelo aspecto de seu rosto. O jovem lhe contou como sua mãe havia o amaldiçoado, devido ao que, segundo ele supunha, Deus o estava castigando tão severamente. Algumas pessoas, conhecendo seus lamentos e compadecendo-se de sua aflição, foram ver sua mãe, dizendo-lhe que havia agido muito mal, pois através de suas orações Deus havia se vingado em seu próprio filho. Sem prestar atenção às suas palavras, ela deixou passar tudo isso como se não se importasse até que ele veio e pessoalmente pediu pela graça.

Assim, finalmente, quando ele viu que não tinha mais nenhuma alternativa, apresentou-se a sua mãe falando-lhe do seu mau comportamento, prometendo-lhe que obedeceria a Deus e a ela e se corrigiria de suas faltas com a ajuda de Deus, evitando toda e qualquer má conduta daí por diante, o melhor que pudesse. Pediu a sua mãe que lhe abençoasse

e especialmente lhe suplicou que pedisse por ele para que Nosso Senhor, por sua grande misericórdia, perdoasse-lhe todos os seus pecados e lhe livrasse daquela grande enfermidade devido à qual as pessoas se afastavam de sua companhia qual se fosse um leproso. Pois supunha que através de suas orações Nosso Senhor lhe enviara aquele castigo e por isso confiava que por suas orações ele se livraria daquela moléstia, se ela quisesse por seu amor pedir por ele. Logo, ele, confiando em seu arrependimento e se compadecendo de sua enfermidade, com severas palavras de correção, prometeu que realizaria seu desejo, se Deus o quisesse conceder.

Quando ela se pôs a meditar, não esquecendo o fruto de seu ventre, pediu perdão por seus pecados e para que ficasse livre da enfermidade que Nosso Senhor lhe havia dado se a ele aprouvesse e aproveitaria sua alma. Orou tanto tempo que ele ficou completamente livre da enfermidade e viveu depois muitos anos e teve uma esposa e um filho, bendito seja Deus, tendo se casado na Prússia, Alemanha[273].

Quando chegaram as notícias de além-mar dizendo que seu filho havia se casado, sua mãe ficou muito contente e deu graças a Deus com todo o seu coração, supondo e confiando que ele viveria limpo e casto, segundo requer a lei do matrimônio. Mais tarde, quando Deus quis, sua mulher deu à luz a uma criatura, uma bela menina. Logo ele comunicou a sua mãe na Inglaterra o quanto Deus havia sido benevolente com ele e com sua esposa. Estando sua mãe em uma capela de Nossa Senhora, dando graças a Deus pela graça e a bondade que ele mostrava a seu filho, e desejando vê-lo se pudesse, foi respondido em sua mente que ela veria a todos antes de morrer. Ela se assombrou com esta revelação, como poderia ser da forma que ela sentia, pois eles se encontravam do outro lado do oceano e ela estava deste lado, sem intenção nenhuma de cruzar o mar enquanto vivesse. No entanto, ela sabia também que para Deus nada era impossível. Por isso confiava que aconteceria tudo de acordo com o que havia sentido, quando Deus quisesse.

CAPÍTULO 2

Pouco anos depois deste jovem se casar, voltou à Inglaterra para a casa de seu pai e de sua mãe, completamente mudado em seus modos de se vestir e de se portar. Pois antes suas roupas estavam cortadas todos à moda e sua conversa era absolutamente feita de banalidades;

[273] Em Lynn havia muitos mercadores prussianos estabelecidos e os barcos de Danzig se ocupavam do comércio pelo Báltico.

agora não vestia roupas da moda e sua conversação era cheia de virtude. Sua mãe, surpresa por esta repentina mudança, disse-lhe: "*Benedicite*[274], filho, a que se deve semelhante mudança?".

– Mãe, – disse ele – creio que, mediante tuas orações, Nosso Senhor me conduziu até ele e eu pretendo, pela graça de Deus, seguir teu conselho melhor do que o fiz até agora.

Logo sua mãe ao ver este maravilhoso poder de Nosso Senhor para atrair as almas até ele, deu graças a Deus segundo podia, prestando uma estreita atenção à conduta de seu filho por temor do engano. Quanto mais vigiava seu comportamento, ela acreditava que ele era mais fiel e mais reverente com Nosso Senhor. Ao saber que se tratava da atração da misericórdia de Nosso Senhor se pôs muito alegre, dando muitas graças a Deus por sua graça e sua bondade.

Mais tarde, para que ele fosse mais diligente e se ocupasse mais em seguir o chamado de Nosso Senhor, sua mãe lhe abriu seu coração, mostrando-lhe e informando-lhe como Nosso Senhor a fascinou com sua misericórdia e mediante quais meios e também quanta graça ele havia mostrado por ela, a qual seu filho não merecia escutar, segundo ele mesmo disse.

Logo, ele peregrinou muitas vezes a Roma e a muitos outros santos lugares para conseguir perdão, regressando outra vez para sua esposa e com sua filha como estava obrigado a fazer. Contou a sua esposa tudo sobre sua mãe, tanto que ela quis deixar seu pai e a sua mãe e seu próprio país, para ir a Inglaterra ver sua sogra. Ele ficou muito contente e enviou a Inglaterra uma mensagem para que sua mãe soubesse do desejo de sua esposa e para averiguar se sua mãe lhe aconselhava viajar por terra ou por mar, pois tinha uma grande confiança no conselho de sua mãe, crendo que provinha do Espírito Santo.

Sua mãe, depois de receber uma carta dele e de conhecer seu desejo, foi rezar para saber o conselho e a vontade de Nosso Senhor. E quando rezou pelo dito assunto, foi-lhe respondido em sua alma que, viajasse por terra ou por mar, seu filho chegaria seguro. Logo ela lhe escreveu cartas, dizendo-lhe que viajasse por terra ou por mar, viria seguro, pela graça de Deus. Quando soube da mensagem de sua mãe, perguntou quando partiriam barcos para a Inglaterra e alugou um barco, o melhor uma parte dele, onde ele colocou seus bens, sua esposa e sua filha, com a intenção de viajarem todos juntos para a Inglaterra.

Quando embarcaram, houve tormentas tais que não se atreveram a navegar e assim desembarcaram, tanto ele quanto sua esposa e filha. Deixaram sua filha na Prússia com seus amigos e ele, juntamente com a esposa, viajou a Inglaterra por terra para se reunirem com seu pai e sua mãe. Quando chegaram, sua mãe se regozijou muito em Nosso Senhor, pois seu

[274] "Bendito seja".

sentimento era verdade, pois ela sabia em sua alma, segundo já escrito, que, viajando por terra ou por mar eles chegariam seguros. E assim aconteceu, Deus seja bendito!

Chegaram em casa num sábado com boa saúde e no dia seguinte, que era um domingo, enquanto comiam ao meio-dia com outros bons amigos, seu filho ficou enfermo, pois se levantou da mesa e foi se deitar numa cama. Esta enfermidade e esta indisposição lhe duraram perto de um mês e depois consciente da verdadeira fé, ele passou para a misericórdia de Nosso Senhor. Assim, espiritual e corporalmente, poderia também se comprovar – "Ele virá seguro para casa" – não somente para este mundo mortal, mas também para a terra dos vivos, onde a morte nunca aparecerá.

Pouco depois, o pai da dita pessoa seguiu a seu filho pelo caminho que todos os homens hão de ir[275].

Então ainda vivia a mãe da dita pessoa, da qual este tratado faz uma menção especial e a que foi sua esposa, uma alemã, viveu com sua mãe durante dezoito meses, até que seus amigos da Alemanha, desejando tê-la em casa lhe escreveram cartas encorajando-a para que voltasse ao seu próprio país. E assim, ela, ansiando o afeto de seus amigos, contou sua ideia a sua sogra, contando-lhe o desejo de seus amigos e pedindo-lhe seu amor e sua permissão para poder regressar ao seu país. E assim, com o consentimento de sua sogra, ela se preparou para partir tão logo algum barco estivesse de partida para aquele país. Eles indagaram sobre algum barco do mesmo país, no qual navegaram até ali seus próprios compatriotas, pois pensavam que era melhor para ela navegar com eles em seu barco do que com outras pessoas.

Logo, ele foi até seu confessor para se confessar e enquanto o fazia, a dita criatura, sua sogra, subia e descia do coro, pensando em seu interior:

– Senhor, se fosse da vossa vontade, pediria permissão ao meu confessor e cruzaria o mar com ela.

Nosso Senhor respondeu em seu pensamento dizendo:

– Filha, eu também sei que se te ordeno ir, tu o farias muito rapidamente. Por isso não desejo que digas uma só palavra sobre esse assunto ao seu confessor.

Logo, ficou muito contente e feliz, acreditando que não deveria navegar, pois ela noutro tempo se encontrou em grande perigo no mar e nunca mais tentou navegar por sua própria vontade.

Quando sua nora acabou a confissão, o bom homem que nessa época confessava a ambas aproximou-se dela e lhe disse:

---

[275] O esposo e o filho de Margery Kempe faleceram no verão ou no outono de 1431.

– Quem irá com tua nora até a costa para chegue ao barco dela? Não convém que viaje tão longe somente com um jovem em um país estrangeiro onde nenhum deles é conhecido – pois havia chegado um estrangeiro para apanhá-la e ambos eram apenas conhecidos nesta região, pelo que seu confessor sentia ainda mais compaixão por ela.

Então, a dita criatura respondeu:

– Senhor se me ordenar que eu vá, eu mesma a acompanharei até que chegue a Ipswich, onde se encontra o barco e seus com patriotas que a levarão pelo mar.

– Como irias? – indagou-lhe seu confessor. – Faz pouco tempo que machucaste teus pés e ainda não está completamente curada e, além disso, é uma anciã. Não podes ir.

– Senhor Deus,– disse ela – segundo me confiou, ajudar-me-á muito bem.

Logo ele lhe perguntou quem iria com ela e a traria de volta para casa.

E ela disse:

– Senhor, há um ermitão que pertence a esta igreja, um jovem. Confio que, por amor a Nosso Senhor, ele queira ir e voltar comigo, se vós me autorizardes.

Desse modo obteve licença para acompanhar sua nora a Ipswich e voltar logo a Lynn. Assim, eles partiram durante a Quaresma e, quando haviam se afastado cinco ou seis milhas de Lynn, chegaram a uma igreja e entraram para ouvir a missa. E enquanto se encontravam na igreja, a dita criatura, desejando lágrimas de devoção, não conseguiu nenhuma nesse momento e sim era ordenada continuamente em seu coração que cruzasse o mar com sua nora. Ela tentava afastar a ordem de sua mente e sempre retornava outra vez com tal rapidez que não podia descansar nem manter tranquila a sua mente, estando continuamente atormentada e ordenando-lhe que cruzasse o mar. Pensava que era duro carregar tantos problemas, sobre si mesma e mentalmente se desculpou com Nosso Senhor, dizendo:

– Senhor, vós sabeis que não tenho permissão de meu confessor e estou obrigada a obedecê-lo. Por isso, não posso agir assim sem sua vontade e sem seu consentimento.

– Ordeno-te que embarques em meu nome, pois estou acima de teu confessor e te desculparei e te guiarei e te devolverei segura para sua casa – respondeu de novo ao seu pensamento.

No entanto, ela insistia em se desculpar a si mesma de qualquer maneira e por isso disse:

– Não disponho de ouro nem prata suficientes para viajar como deveria e mesmo que assim fosse e quisesse ir, sei que minha nora preferiria que eu permanecesse em casa e talvez o mestre do barco não permita que eu embarque para viajar com eles.

Nosso Senhor respondeu:

– Se vou estar contigo, quem estará contra ti? Eu proverei para ti e conseguirei que teus amigos te ajudem. Faça conforme te ordeno e ninguém no barco te dirá "não".

Esta criatura viu que não havia nenhuma outra desculpa para usar e sim que devia continuar adiante como Deus lhe mandava. Pensou que primeiro se encaminharia a Walsingham[276] e renderia culto a Nossa Senhora e quando se encaminhava até ali, ouviu dizer que um frade pregava um sermão em uma aldeia um pouco longe do seu caminho. Direcionou-se à igreja onde o frade pregava o sermão, um homem famoso, que tinha numerosa audiência para seu sermão. E muitas vezes repetiu estas palavras: "Se Deus é por nós, quem será contra nós?"[277], palavras que a estimularam mais a obedecer a vontade de Deus e a realizar seu propósito.

Assim, ela foi a Walsingham e logo depois a Norwich, com sua nora e o ermitão. Ao chegar a Norwich, encontrou um franciscano, um clérigo distinto, doutor em teologia, que havia ouvido falar do modo de vida dela e de seus sentimentos. O doutor lhe deu as boas-vindas calorosamente e conversou com ela segundo havia feito antes. Ela, suspirando muitas vezes, mostrava um aspecto e uns modos sombrios. O doutor lhe perguntou o que acontecia:

– Senhor, – disse ela – quando saí de Lynn, com a permissão do meu confessor, pretendia acompanhar minha nora a Ipswich, onde se encontrava um barco no qual ela, pela graça de Deus, navegaria a Alemanha; e logo, eu regressaria de volta para casa em Lynn o mais rápido que pudesse, em companhia do ermitão que veio comigo com a mesma intenção de me acompanhar de volta para casa. E ele tem plena confiança de que assim o farei. E, senhor, quando me encontrava a umas seis milhas de Lynn, em uma igreja para recitar minhas orações, foi-me ordenado em minha alma que deveria navegar com minha nora e sei perfeitamente que ela prefere que eu fique em casa e eu assim o faria, se me atrevesse. Assim, fui movida em minha alma e não pude ter tranquilidade em meu espírito ou devoção até que ganhei consentimento para obrar segundo fui movida em meu espírito e isto me causou um grande temor e tristeza.

O honorável clérigo lhe disse:

– Obedecerá a vontade de Deus, pois creio que é o Espírito Santo quem fala em ti e por isso segue o impulso de teu espírito em nome de Jesus.

Ela se consolou muito com suas palavras e se despediu, dirigindo-se com seus companheiros até a costa. Quando chegaram ali, o barco estava pronto para partir. Então

[276] O santuário de Nossa Senhora de Walsyngham, um dos lugares mais célebres de peregrinação da Inglaterra medieval com suas imagens da Virgem e o relicário da santa Casa.
[277] Romanos 8: 13.

perguntou ao mestre se podia viajar com eles para a Alemanha e ele a recebeu amavelmente e nenhum dos que se encontravam no barco disse que não. Ninguém se opôs tanto contra ela quanto sua nora, que devia haver estado mais a seu favor.

Logo se despediu do ermitão que a havia acompanhado até ali lhe dando alguma recompensa por seu trabalho e lhe pedindo que apresentasse suas desculpas ao seu confessor e aos seus outros amigos quando chegasse a casa em Lynn, pois não era sua intenção, quando se despediu deles, de cruzar novamente o mar:

– Mas – disse ela – hei de obedecer à vontade de Deus.

O ermitão se separou dela com cara de tristeza e regressou de volta a Lynn, desculpando-a para seu confessor e seus outros amigos, contando-lhes sua partida imprevista e surpreendente e como ele não sabia que se separariam tão inesperadamente. As pessoas que lhe ouviam falar se espantaram muito e disseram o que lhes ocorria. Algumas disseram que era um capricho de mulher e uma grande loucura pelo amor que pela sua nora, expor-se ela mesma, mulher de idade avançada, a todos os perigos do mar e ir a um país estrangeiro no qual nunca havia estado antes, sem saber como voltaria. Outras afirmaram que se tratava de uma verdadeira obra de caridade, visto que anteriormente sua nora havia deixado seus amigos e seu país e veio com seu marido para vista-la neste país e agora queria ajudar sua nora a regressar. Outras, que conheciam mais coisas da vida desta criatura, supuseram e desconfiaram que se tratasse da vontade e da obra de Deus Todo-Poderoso, para a grandeza de seu próprio nome.

CAPÍTULO 3

A dita criatura e seus companheiros subiram ao barco na quinta-feira da semana da Paixão[278] e nesse dia e na sexta-feira, Deus lhes enviou um vento favorável e um bom tempo. Mas no sábado e no domingo de Ramos, Nosso Senhor, girando sua mão como preferia, provando sua fé e sua paciência lhes enviou tão grandes tormentas e tempestades durante duas noites e todos pensaram que pereceriam. As tormentas foram tão fortes e terríveis que eles não podiam controlar o barco. Não conheciam melhor recurso do que encomendar a si mesmos e a seu barco ao governo de Nosso Senhor; renunciaram a sua maestria e a sua destreza e deixaram que Nosso Senhor os conduzisse até onde ele quisesse. A dita criatura estava bastante desgostosa e preocupada; pensava que nunca havia estado assim antes. Gritava pedindo misericórdia a Nosso Senhor e para que preservasse a ela e a todos os seus companheiros. Em sua mente, ela pensava:

– Ah, Senhor, vim aqui por vosso amor e com frequência me prometeste que nunca pereceria nem na terra nem no mar ou com as tormentas. Muitas vezes toda a gente me maldisse pela graça que vós haveis operado em mi, desejando que eu morresse em desgraça e em grande angústia, e agora, Senhor, é provável que sua maldição se cumpra e eu, indigna miserável, tenha sido enganada e iludida pela promessa que muitas vezes me fizeste a mim que sempre confiei em vossa misericórdia e em vossa bondade, a menos que vós ponhais logo um fim a estas tormentas e nos mostre misericórdia. Agora meus inimigos se alegram e eu posso ter pena de mim, se eles conseguirem seu propósito e eu seja enganada. Agora, Jesus bendito, recorda vossa imensa misericórdia e cumpra as promessas que fizeste. Mostra que sois verdadeiramente Deus e não o maligno, que me trouxe até aqui aos perigos do mar, em cujo conselho confiei e segui durante muitos anos, e seguirei fazendo, por vossa misericórdia, livrando-nos destes graves perigos. Ajuda-nos e socorre-nos, Senhor, antes que pereçamos ou desesperemos, pois não podemos suportar muito tempo esta pena que temos por carecer de vossa misericórdia e ajuda.

Nosso misericordioso Senhor, falando em sua mente, repreendeu-a por seu medo dizendo:

– Por que tens medo? Por que estás tão assustada? Eu sou aqui no mar tão poderoso quanto na terra. Por que desconfias de mim? Em verdade cumprirei tudo o que te prometi e nunca te enganarei. Resista pacientemente durante algum tempo e confia em minha misericórdia. Não fraquejes em tua fé, pois sem fé não podes me agradar. Se verdadeiramente

[278] Provavelmente no dia 2 de abril de 1433.

confiarás em mim ou duvidarás em absoluto terias grande consolo interior e poderias consolar teus companheiros mesmo que agora sintam todos grandes temores e preocupação.

Com semelhante conversação e outras muito mais elevadas e santas que eu jamais poderia escrever, Nosso Senhor consolou a sua criatura. Bendito seja! Os benditos santos ao quais havia rogado que falaram com sua alma com o consentimento de Nosso Senhor, diziam-lhe palavras de grande consolo. E finalmente, chegou Nossa Senhora e disse:

– Filha, consola-te. Sempre comprovaste que era verdade tudo o que te disse e, por isso, não temas durante mais tempo, pois verdadeiramente te digo, que estes ventos e tormentas cessarão logo e terás um tempo radiante.

E assim, bendito seja Deus, pouco tempo depois seu barco foi impulsionado até as costas da Noruega e ali desembarcaram na Sexta-feira Santa, e permaneceram alia véspera da Páscoa, o domingo de Páscoa e no domingo depois da Páscoa. E na segunda-feira, todos quantos pertenciam ao barco receberam a comunhão.

No domingo de Páscoa da Ressureição, o mestre do barco e a dita criatura e a maioria dos companheiros, desembarcaram e assistiram ao culto na igreja. Segundo o costume do país, foi alçada a cruz ao meio-dia[279], e ela praticou sua meditação e sua devoção com lágrimas e suspiros como se estivesse em casa. Deus não retirou sua graça nem na igreja, nem no barco, no mar ou em qualquer outro lugar no qual tenha estado, pois sempre tinha a ele em sua alma.

Depois que comungaram na segunda de Páscoa, segundo já escrito, Nosso Senhor lhes enviou um vento favorável que os afastou daquele país e os empurrou até a Alemanha da forma que eles desejavam. O comandante do barco se preocupou de tal modo com a dita criatura que abasteceu de carne e bebida e de tudo o que necessitara enquanto permaneceu no barco e foi tão amável com ela como se fosse com sua própria mãe. Enquanto esteve a bordo do barco, a cobriu com suas próprias roupas, visto que podia ter morrido de frio, pois não estava tão preparada quanto os demais. Ela viajava por ordem de Nosso Senhor, e por isso o seu mestre, o que a havia ordenado que fosse, facilitou-lhe o necessário para que se arranjasse como qualquer um de seus companheiros. Adorado e louvado seja Nosso Senhor por isso!

[279] Na Inglaterra, geralmente na manhã do domingo de Páscoa da Ressurreição do Senhor, eram retiradas logo cedo a hóstia e a cruz do Sepulcro da Ressurreição.

CAPÍTULO 4

A criatura permaneceu em Danzig[280], Alemanha, por cerca de cinco a seis semanas e foi calorosamente acolhida por diversas pessoas por amor a Nosso Senhor. Ninguém se desentendeu tanto com ela quanto sua nora, que era a que devia estar mais obrigada e agradecida para consolá-la se tivesse sido uma pessoa amável.

Então esta criatura se regozijou em Nosso Senhor por ser recebida tão amavelmente pelo seu amor e tratou de permanecer ali durante mais tempo. Nosso Senhor, falando em seu pensamento, ordenou-lhe que deixasse aquele país. Então ela se angustiou muito e ficou em dúvida sobre como poderia cumprir a ordem de Deus à qual, de forma alguma, queria resistir e, no entanto, não dispunha de nenhum homem nem mulher que a acompanhasse. Não viajaria pelo mar, pois havia passado muito medo em sua viagem até ali e não podia viajar com facilidade pela rota terrestre, pois havia uma guerra no país pelo qual ela deveria passar[281]. Assim, por uma ou outra razão, estava muito aflita, ignorando como as coisas melhorariam para ela. Foi à igreja e pediu a Nosso Senhor, pois como ele lhe ordenara viajar, que lhe mandasse ajuda e companhia com a qual poder partir.

E inesperadamente, um homem se aproximou dela e perguntou se gostaria de peregrinar a um lugar muito longe dali chamado Wilsnack[282], onde se venerava o precioso sangue de Nosso Senhor, que apareceu através de três hóstias sagradas, o sacramento da Eucaristia. Estas três Hóstias sagradas eram ali muito veneradas até aquele dia e visitadas por peregrinos de muitos países.

Ela, com alegria, disse que iria ali se dispusesse de uma boa companhia e se conhecesse a algum homem honesto que pudesse levá-la depois para a Inglaterra. E ele lhe prometeu que peregrinaria com ela ao dito lugar pagando seus gastos e depois a acompanharia até a Inglaterra, se ela pagasse os gastos dele; iria com ela até chegarem a costa da Inglaterra, onde ela poderia encontrar companheiros de seu próprio país.

Ele conseguiu uma pequena embarcação, um barquinho, no qual navegariam até o santo local, mas então ela não conseguiu permissão para deixar aquele país por ser inglesa[283] e assim teve muitos problemas e muitos obstáculos antes de conseguir permissão de um dos

---

[280] Danzig, atualmente a cidade polonesa de Gdans, na costa báltica, com a qual Lynn mantinha importantes laços comerciais.

[281] Talvez o texto se refira aqui às hostilidades em 1433 existentes entre Polônia e a Ordem Teutônica, à qual Danzig pertencia.

[282] Em Brandenberg, Alemanha.

[283] Até 1433 havia graves desacordos sobre os privilégios comerciais e o pagamento das dívidas entre a Inglaterra e a Ordem Teutônica.

cavaleiros teutônicos para sair dali. Finalmente, inspirado por Nosso Senhor, um mercador de Lynn ouviu falar da situação e veio até ela e a consolou, prometendo-lhe que a ajudaria a sair dali, fosse de forma secreta ou abertamente. E este homem com grande esforço obteve autorização para que ela fosse aonde quisesse ir.

Logo, ela subiu em seu barco com o homem que se havia ocupado dela e Deus lhes enviou um vento calmo, o que agradou muito a ela, pois não se levantava nem uma onda na água. Seus companheiros pensavam que não avançavam e se encontravam taciturnos e protestavam. Ela orou a Nosso Senhor e logo ele enviou vento suficiente para navegar um bom trecho e se levantaram grandes ondas. Seus companheiros estavam contentes e animados e ela se sentia muito triste e assustada por conta das ondas. Quando as olhava sempre ficava com medo. Falando em seu espírito, Nosso Senhor lhe ordenou que mantivesse a cabeça baixa para não ver as ondas e assim o fez. No entanto, ela continuou assustada e com frequência era criticada por isso. E assim navegaram até um lugar chamado Stralsund[284] (Se os nomes dos lugares não estiverem escritos corretamente, que ninguém se surpreenda, pois ela se preocupava mais com a concentração do que com os nomes dos lugares e quem os escreveu nunca esteve lá e, portanto, vamos desculpá-lo).

CAPÍTULO 5

Quando chegaram a Stralsund desembarcaram e logo a dita criatura, com o homem antes mencionado, encaminharam-se a Wilsnack com grande temor e passaram por muitos perigos. O homem que a guiava estava aterrorizado e com frequência pensava em abandoná-la. Muitas vezes, tão amavelmente quanto podia, ela lhe dizia que ele não devia abandoná-la naquelas terras desconhecidas e em meio aos seus inimigos, pois existia uma guerra declarada entre os ingleses e aqueles países. Por isso, seu medo era muito maior e no meio disso tudo Nosso Senhor sempre lhe falava em sua mente:

– Por que tens medo? Ninguém te fará dano ou a qualquer um que viaje contigo. Por isso consola a teu companheiro e diga que nenhum homem lhe causará danos enquanto estiver ao teu lado. Filha, saber perfeitamente que a mulher que tem um homem bonito como marido, se ela o ama, dever ir com ele aonde ele queira ir. E filha, não existe nenhum tão bom quanto eu. Por isso, se me amas, não deves temer ir comigo aonde eu sugerir. Filha, eu te trouxe até aqui e de novo te conduzirei em segurança até a Inglaterra. Não duvide e sim, creia.

[284] O escriba de Margery transcreve “Strawissownd”, ou seja, Stralsund, uma cidade hanseática na Pomerânia.

Tão santas distrações e diálogos em sua alma fizeram que ela soluçasse muito violentamente e chorasse de maneira abundante. Quanto mais chorava, mais irritado ficava o homem com a sua companhia e se preocupou de se afastar dela e deixá-la sozinha. Caminhava tão rápido que ela somente podia lhe seguir com grande esforço e angústia. Ela lhe dizia que tinha medo dos inimigos e dos ladrões que poderiam levá-la para longe dele e também baterem e roubarem-no. Ela lhe consolava o melhor que podia, e disse que ela se comprometia que nada os atingisse, roubasse ou insultasse.

E logo após ela dizer isso, um homem saiu do meio de um bosque, um homem alto com boas armas e bem armado para lutar segundo lhes pareceu.

Então seu homem, sentindo muito medo, disse-lhe:

– Veja só, o que me diz agora?

– Confia em Nosso Senhor – disse ela – e não temas ninguém.

O homem se aproximou deles e não lhes disse nenhuma má palavra a eles e continuaram caminhando até Wilsnack com grande esforço. Diferentemente do homem, ela não podia aguentar mais tais viagens tão longas e ele não tinha piedade dela e nem a esperava. E por isso ela lutou tanto quanto pôde até que adoeceu e não pôde mais continuar. Foi um espanto e um milagre o fato de que uma mulher não acostumada a caminhar, e com quase sessenta anos fosse capaz de manter a cada dia o ritmo de viagem junto a um homem vigoroso.

Na véspera de Corpus Christi[285] aconteceu de chegarem a um pequeno albergue afastado de qualquer cidade, mas conseguiram nenhuma cama e sim um pouco de palha. E a dita criatura se deitou naquela noite e no dia seguinte até que anoiteceu. Nosso Senhor enviou trovões e relâmpagos, e chuva quase o tempo inteiro de modo que não se atreveram a fazer absolutamente nada ao ar livre. Estava muito contente com isso, pois se encontrava muito doente e sabia perfeitamente que se o tempo fosse bom o homem com o qual viajava não haveria esperado e a teria abandonado. Por isso deu graças a Deus que lhe deu motivo para esperar, mesmo que fosse contra a vontade dele.

Entretanto, por causa de sua enfermidade, conseguiram uma carruagem para ela, e dessa maneira foi levada até o Santo Sangue de Wilsnack com grande angústia e desconforto. Conforme avançava, a mulheres da região, compadecendo-se dela, disseram muitas vezes ao dito homem que merecia grande repreensão porque ele a atormentava terrivelmente. Desejando livrar-se dela, não se preocupava com o que elas diziam não se ocupou mais dela. Desta

[285] Possivelmente em 10 de junho de 1433.

maneira, contra tudo e contra todos, com a ajuda de Nosso Senhor, ela chegou a Wilsnack e viu aquele sangue precioso que através de um milagre brotou do sacramento da Eucaristia.

CAPÍTULO 6

Não permaneceram muito tempo no dito lugar; pouco depois saíram para Aachen viajando em carroças até chegar a um rio onde se encontrava reunida muita gente; alguns se dirigiam a Aachen e alguns a outros lugares, entre os quais se encontrava um monge, um homem muito indolente e de má conduta e em cuja companhia se encontravam alguns jovens mercadores.

O monge e os mercadores também conheciam o homem que era o guia da dita criatura e lhe chamavam por seu nome e se comportavam muito amigavelmente com ele. Quando haviam cruzado o rio e viajavam por terra (o monge com os mercadores e a dita criatura com seu homem, juntos nas carroças), passaram por um convento de frades franciscanos e se encontravam com muita sede. Disseram a dita criatura que fosse ter com os frades e conseguisse um pouco de vinho. Ela disse:

– Senhores, perdoem-me, mas se tratasse de um convento de manjas eu iria de boa vontade, mas como são homens, com vossa permissão, não irei.

Então um dos mercadores foi buscar meio galão de vinho. Então os frades se aproximaram deles e lhes pediram que fossem visitar a sagrada Eucaristia em sua igreja, pois se celebrava a Oitava do Corpus Christi e se encontrava exposta em uma caixa de cristal, de maneira que as pessoas podiam vê-la se assim o desejassem.

O monge e os homens foram com os frades ver a preciosa eucaristia. A dita criatura pensava que também queria vê-la e foi atrás dele, apesar de que foi a contragosto. E quando contemplou o preciso sacramento, Nosso Senhor lhe concedeu tanta doçura e devoção que chorou e suspirou amargamente e não pôde se conter. O monge e todos os seus companheiros. Estavam furiosos porque chorava daquela maneira tão amarga e quando regressaram a suas carroças a repreenderam e insultaram, chamando-a de hipócrita e dizendo-lhe muitas palavras cruéis. Para se desculpar, ela citou a Bíblia contra eles, versos dos Salmos, "*Qui seminant in lacrimis*" etc., "*euntes ibant et flebant*" etc. e outros semelhantes[286]. Depois eles se aborreceram

[286] Salmo 126: 5 e 6: "Que aqueles que semeiam chorando façam a colheita com alegria! Aqueles que saíram chorando, levando a semente para semear, voltarão cantando, cheios de alegria, trazendo nos braços os feixes da colheita".

ainda mais e disseram que ela não deveria mais viajar na companhia deles e persuadiram seu guia para que a abandonasse.

Ela mansa e delicadamente pediu que, pelo amor de Deus, eles a permitissem que ela viajasse na companhia deles e não a abandonaram sozinha onde não conhecia ninguém e ninguém a conhecia, aonde quer que ela fosse. Depois de muito pedir e insistir ela continuou a viagem com eles até que chegaram a uma importante cidade, na Oitava do Corpus Christi. E ali eles disseram resolutamente que ela não iria prosseguir com eles de jeito nenhum. Aquele que havia sido seu guia e havia prometido leva-la até a Inglaterra a abandonou, devolvendo-lhe todo o ouro e outras coisas suas que ele guardava e prometeu que emprestaria mais dinheiro se ela quisesse. Ela lhe disse:

– John, eu não desejava seu dinheiro; preferiria mais ter você como meu companheiro nestes países estrangeiros a todo o dinheiro que você tem e creio que agradaria mais a Deus que fosse comigo como prometeste em Danzig do que caminhando a Roma a pé.

Assim eles a expulsaram de seu grupo e a deixaram ir para onde bem quisesse. Então ela disse ao que havia sido seu guia:

– John só me abandona porque choro quando vejo a Eucaristia e quando penso na Paixão de Nosso Senhor. E, portanto, sou abandonada por causa de Deus, creio que Deus proverá por mim e me levará adiante segundo ele mesmo queira, pois ele nunca me enganou. Bendito seja!

Desta maneira prosseguiram seu caminho e a deixaram ali. Caiu a noite e ela ficou muito triste, por se encontrar sozinha. Não conhecia ninguém com quem passar essa noite, nem com quem viajar no dia seguinte. Os sacerdotes daquele país foram até onde se encontrava alojada. Eles a chamaram de "a inglesa com rabo"[287] e lhe dirigiram numerosas palavras sujas e olhares indecentes, oferecendo-se para leva-la de um lugar para outro se ela quisesse. Temia muito por sua castidade e se sentia muito desafortunada.

Então ela foi ver a boa esposa do albergue, perguntando-lhe se algum de suas criadas poderia dormir com ela naquela noite. A boa mulher lhe conseguiu duas criadas que passaram com ela a noite toda, ainda assim não se atreveu a dormir com medo de ser violada. Permaneceu desperta e orou quase a noite inteira para que pudesse ser livrada de qualquer imundice e que pudesse encontrar alguns companheiros honestos que pudessem ajuda-la em sua viagem para Aachen, de repente, ela recebeu uma ordem em sua alma para que no dia seguinte logo cedo fosse até a igreja e ali encontraria os companheiros.

[287] Trata-se de uma mofa antiga do continente que dizia que os ingleses tinham rabo.

No dia seguinte cedo, pagou seu alojamento, perguntando aos seus hospedeiros se conheciam algum grupo que viajaria para Aachen. Eles responderam que "não". Com sua permissão, foi até a igreja para ver e comprovar se seu sentimento era verdadeiro ou não. Quando chegou ali, viu um grupo de pobres. Então se dirigiu a um deles perguntando para onde pretendiam ir. Ele disse:

– A Aachen.

Ela lhe pediu que eles permitissem que ela viajasse na companhia deles.

– Por que, senhora? – perguntou ele. – Não tens nenhum homem que vá convosco?

– Não, – disse ela – meu homem me abandonou.

Desse modo, foi recebida na companhia dos pobres e quando eles chegavam a qualquer cidade, ela comprava sua comida e seus companheiros iam de um lado para o outro pedir esmolas. Quando se encontravam fora das cidades seus companheiros tiravam as roupas e se limpavam de parasitas. Ela via obrigada a esperar por eles e a prolongar sua viagem, além de fazer um gasto maior do que de outro tivesse sido. Esta criatura tinha medo de tirar sua roupa como faziam seus companheiros e, por isso, ao misturar-se com eles, acabava contaminada com alguns dos parasitas e sofria mordidas e picadas terríveis de dia e de noite, até que Deus lhe enviou outros companheiros de viagem. Permaneceu em sua companhia com muita angústia e tristeza e com muito atraso até que chegaram a Aachen.

CAPÍTULO 7

Quando chegaram a Aachen, a referida criatura encontrou um monge da Inglaterra a caminho de Roma. Então ela ficou muito confortada, porque ela tinha alguém que ela conseguia entender. E assim eles permaneceram juntos dez ou doze dias, a fim de ver a túnica de Nossa Senhora e outras relíquias sagradas que foram mostradas na Festa de Santa Margarida[288].

E enquanto eles permaneceram ali, aconteceu que encontrou uma digna mulher, que veio de Londres, uma viúva que trazia uma grande comitiva para ver e adorar as relíquias sagradas. A dita criatura veio até esta digna mulher, queixando-se de que não tinha companheiros para voltar para sua casa na Inglaterra. A mulher digna concedeu-lhe todos os seus desejos, e a fez comer e beber em sua companhia, sendo muito amigável com ela.

[288] Santa Brígida da Suécia e a beata Dorotéia de Montau se encontram entre aqueles que peregrinaram a Aachen devido às suas célebres relíquias obtidas por Carlos Magno e Oton III para a capela imperial. Na capela palatina de Aachen se veneram quatro tecidos: o vestido que a Virgem levava na Noite de Natal, os cueiros do Menino Jesus, o tecido onde foi depositada a cabeça de João Batista e o pano que vestia Jesus na Cruz.

Quando o dia de Santa Margarida chegou e passou, e eles já tinham visto as relíquias sagradas, a digna mulher partiu rapidamente para Aachen com toda a sua comitiva. A dita criatura, pensando que partiria com ela e, assim, enganada em seu propósito, ficou em grande sofrimento. Ela se despediu do monge que estava a caminho de Roma, como foi escrito antes, e depois conseguiu uma carroça com os outros peregrinos, e seguiu atrás da dita digna mulher o mais rápido que podia, para ver se conseguia alcançá-la, mas não foi possível.

Então ela encontrou dois londrinos voltando para Londres. Ela pediu para viajar na companhia deles. Eles disseram que se ela pudesse suportar ir tão rápido quanto eles, ela seria bem-vinda, mas eles não podiam ter grande atraso; mesmo assim, estavam dispostos a ajudá-la em sua jornada. Então ela seguiu atrás deles com muito esforço, até que chegaram a uma bela cidade onde se encontraram com peregrinos ingleses, vindos da corte de Roma e estavam voltando para casa na Inglaterra. Ela suplicou para que ela pudesse ir com eles, e eles disseram rapidamente que não iriam atrapalhar sua viagem por causa ela, pois tinham sido roubados e tinham pouco dinheiro para voltar para casa, e assim precisavam alcançar uma boa velocidade em sua jornada. E, portanto, se ela pudesse suportar ir tão rápido quanto eles, ela seria bem-vinda, caso contrário, não.

Ela não viu alternativa para isso, a não ser permanecer com eles enquanto ela podia, e então ela deixou os outros dois homens e ficou com estes. Então eles fizeram suas refeições e se divertiram. A dita criatura olhou um pouco para o lado, e viu um homem deitado descansando na ponta de um banco. Ela perguntou de quem se tratava. Eles disseram que ele era um frade, um dos membros do seu grupo.

– Por que ele não come com vocês?

– Porque nos roubaram o mesmo que a ele e por isso cada qual deve se virar como pode.

– Bem, – disse ela – ele participará do mesmo dinheiro que Deus me mandou.

Ela confiou que Nosso Senhor proveria o que fosse necessário para ambos. Ela o fez comer e beber, e o consolou muito. Depois, todos caminharam juntos. A dita criatura logo ficou para trás; ela estava muito velha e fraca para acompanhá-los. Ela corria e pulava o mais rápido que pôde até que sua força esgotou.

Então ela falou com o pobre frade a quem ela havia acolhido antes, oferecendo-se para pagar suas despesas até chegar a Calais, se ele ficasse com ela e deixasse-a viajar com ele até chegar lá, e ainda lhe daria uma recompensa pelo transtorno. Ele ficou bem contente e concordou com seu desejo. Então eles deixaram seus companheiros continuarem adiante, e os dois seguiram em um ritmo suave, da melhor forma que podiam.

O frade, com muita sede, disse a esta criatura:

– Conheço estas terras muito bem, pois muitas vezes passei por elas para ir a Roma, e sei que há um lugar para saciar a sede um pouco longe daqui. Vamos até lá e tomemos uma bebida.

Ela ficou muito satisfeita e o seguiu. Quando lá chegaram, a boa dona do albergue, tendo compaixão das dificuldades da criatura, aconselhou-a a tomar uma carroça junto com outros peregrinos e não viajar assim sozinha com um homem. Ela disse que ela havia tentado e confiado plenamente em viajar com uma digna mulher de Londres, e, no entanto, fora enganada. Naquele momento eles tinham descansado um pouco e conversado com a boa dona do albergue, quando passou uma carroça com os peregrinos. A boa esposa, tendo conhecimento dos peregrinos na carroça, chamou-os de volta quando passaram por sua casa, implorando-lhes que esta criatura pudesse seguir com eles em sua carroça para acelerar sua jornada. Eles, gentilmente consentindo, receberam-na em sua carroça, cavalgando juntos até que chegaram a uma boa cidade onde a dita criatura reconheceu a digna mulher de Londres, mencionada anteriormente.

Então ela pediu aos peregrinos na carroça que a desculpassem, e que lhe permitissem que ela lhes pagasse pelo tempo que ela esteve com eles, pois ela desejava ir com a mulher digna de seu próprio país, a qual ela reconheceu que estava na cidade, e com quem ela havia concordado enquanto ela estava em Aachen para viajar para a Inglaterra. Ela se despediu afetuosamente e se separou deles.

Eles seguiram em frente, e ela foi até a mulher digna, pensando que seriam muito bem recebidos. Foi exatamente o contrário: ela foi recebida de forma descortês e com palavras muito ásperas, com a mulher digna dizendo-lhe:

– O quê? Você pensa em ir comigo? Não, você deve saber que não vou me envolver com gente como você.

Esta criatura foi tão repreendida que ela não sabia o que fazer. Ela não conhecia ninguém lá, e ninguém a conhecia. Ela não sabia para onde ir. Ela não sabia onde estava o frade, que deveria ter sido seu guia, nem se ele faria ou não aquele caminho. Ela estava em grande incerteza e tristeza, a maior, pensou ela, que sofrera desde que deixara a Inglaterra.

No entanto, ela confiou na promessa de Nosso Senhor e permaneceu ainda na cidade até que Deus lhe enviasse algum conforto. E quando já era quase noite, ela viu o frade entrar na cidade. Ela correu para falar com ele, reclamando como ela fora enganada e rejeitada pela boa mulher em quem ela tinha confiado tanto. O frade disse que devia agir seguindo a graça que Deus lhes dera, e a confortou o quanto pôde. Mas ele disse que não ficaria naquela cidade naquela noite, pois ele sabia muito bem que seus habitantes eram pessoas perigosas.

Depois saíram juntos outra vez da cidade ao anoitecer com muito medo e cuidado, preocupados aonde encontrariam alojamento esta noite. Aconteceu que chegaram a um bosque, buscando encontrar qualquer lugar onde pudessem descansar. E, como Nosso Senhor quis, eles notaram um ou dois edifícios, e se dirigiram apressadamente para onde um bom homem estava morando com sua esposa e dois filhos. Mas eles disseram que não hospedariam viajantes e não receberiam hóspedes em sua casa.

A dita criatura viu um monte de samambaias em uma casinha, e com grande insistência ela obteve licença para descansar naquele local naquela noite. O frade, depois de muito pedir, foi colocado em um estábulo, e eles pensavam que estavam bem, pois tinham um telhado sobre eles. No dia seguinte, eles deixaram seu alojamento, tomando o caminho para Calais, por caminhos cansativos e difíceis, por areias profundas, colinas e vales por dois dias antes que chegassem lá. Sofreram grande sede e desconforto, pois havia poucas cidades ao longo do caminho pelo qual viajaram e uns alojamentos muito pobres.

E à noite ela estava com mais medo, e talvez isso fosse por causa de seu inimigo espiritual, porque ela sempre teve medo de ser raptada ou violada. Ela não ousava confiar em nenhum homem; tivesse razão ou não, ela estava sempre com medo. Ela mal se atrevia a dormir qualquer noite, porque ela acreditava que os homens a estuprariam. Portanto, ela não ia para a cama tranquila em nenhuma noite, a menos que tivesse uma mulher ou duas com ela. E Deus a enviou essa graça, pois onde quer que ela fosse, na maioria das vezes, as jovens se deitavam alegremente ao lado dela, e isso era um grande conforto para ela. Ela estava tão cansada e tão sobrecarregada com o esforço no caminho para Calais que ela pensava que seu espírito teria partido de seu corpo enquanto ela seguia pelo caminho.

Assim, com grande esforço, ela chegou a Calais, e o bom frade junto dela, o qual tinha sido muito gentil e decente com ela durante o tempo em que viajaram juntos. E, portanto, ela deu a ele a recompensa que pôde, de modo que ele ficou bem satisfeito e contente, e assim eles se separaram um do outro.

CAPÍTULO 8

Em Calais esta criatura foi acolhida por várias pessoas, tanto homens e mulheres, que nunca a tinham visto antes. Havia uma boa mulher que a levou a sua casa, e lhe deu um banho, limpou-a e vestiu-lhe uma bata nova, e consolou-a grandemente. Outras boas pessoas a recebiam para refeições e bebidas. Enquanto ela estava lá três ou quatro dias esperando por um navio, ela se encontrou com várias pessoas que já a haviam conhecido antes, e que falaram

gentilmente com ela e dirigiram-lhe palavras gentis. Não lhe deram mais nada, essas pessoas que estavam esperando como ela, por um navio.

Ela queria navegar com eles para Dover, mas eles não a ajudaram e nem a deixaram saber em qual navio pretendiam embarcar. Ela perguntou e observou o mais diligentemente que podia, e ela sempre teve conhecimento de suas intenções de uma forma ou de outra, até arranjar o mesmo navio que eles. E quando ela carregou suas coisas para o navio onde eles estavam – supondo que eles deveriam navegariam imediatamente, mas sem saber quando – eles arranjaram outro navio que estava pronto para zarpar. Qual foi a causa, ela nunca soube.

Pela graça, ela, tendo conhecimento de seu propósito e de como eles estavam prontos para navegar, deixou todas as suas coisas no navio que ela estava, e foi para o navio em que eles estavam, e através da ajuda de Nosso Senhor, ela foi recebida no navio. E lá estava a ilustre mulher de Londres que a rechaçou como já foi escrito. E assim todos eles navegaram juntos para Dover.

A dita criatura, percebendo por seus rostos e expressões que eles tinham pouca afeição por ela, orou a Nosso Senhor que ele lhe concedesse a graça de manter a cabeça erguida e preservá-la de vomitar na presença deles, para que ela não causasse neles nenhuma aversão. Seu desejo foi realizado, de modo que, enquanto outros no navio estavam vomitando de forma muito violenta e suja, ela era capaz - para espanto de todos eles – de ajudá-los e de fazer o que quisesse. E a mulher de Londres especialmente, sofreu muitos enjoos e esta criatura foi a que mais se preocupou em ajuda-la e consolá-la pelo amor e a caridade de Nosso Senhor – ela não tinha nenhum outro motivo para tanto.

Então eles navegaram até chegarem a Dover, e então cada um daquele grupo tinha companhia para viajar, se quisesse, exceto ela, pois não conseguiu nenhum companheiro para ajudá-la. Por isso ela partiu para Canterbury sozinha, triste e aflita, pois não tinha companhia e que não conhecia o caminho. Pela manhã levantou cedo e chegou à casa de um homem pobre, batendo na porta. O bom pobre, vestindo suas roupas, que estavam amarrotados e desabotoados, veio até a porta para saber o que ela queria. Ela rogou a ele que se ele tivesse algum cavalo, que ele pudesse ajudá-la a chegar a Canterbury, e ela o recompensaria por seu trabalho. Ele, desejando agradá-la em nome de Nosso Senhor, atendeu seu desejo e a levou para Canterbury.

Ela teve grande alegria em Nosso Senhor, que lhe enviou ajuda e socorro em cada necessidade, e agradeceu-lhe com muitas lágrimas devotas, com muitos soluços e choros, em quase todos os lugares aos quais ela ia, tantos que não podem ser todos escritos, fossem do outro lado do mar quanto deste, tanto na água quanto na terra – bendito seja Deus.

CAPÍTULO 9

De lá, ela foi para Londres, vestida com uma lona, uma espécie de saco de tecido áspero, assim como ela tinha ido para o exterior. Quando ela chegou a Londres, muitas pessoas a conheciam bem o suficiente. Porque ela não estava vestida como gostaria por falta de dinheiro, e desejando que não a reconhecessem até que pudesse conseguir um empréstimo, cobria seu rosto com um véu. Não obstante o que ela fez algumas pessoas dissolutas, supondo que fosse Mar. Kempe[289] de Lynn, disseram – para que ela pudesse ouvir facilmente – estas palavras de reprovação: "Ah, você, carne falsa, você não comerá carne boa!".

Ela, sem responder, passou como se não tivesse ouvido. Tais palavras nunca tiveram nada a ver com sua forma de falar, nem com a de Deus nem com a de nenhum bom homem, apesar de terem sido atribuídas a ela, e ela muitas vezes e em muitos lugares foi muito insultada por sua causa. Elas foram inventadas pelo diabo, pai da mentira, favorecidas, mantidas e nascidas de seus membros, pessoas falsas e invejosas, que estavam indignadas com sua vida virtuosa e não tinham poder para impedi-la, exceto através de suas línguas falsas.

Nunca houve homem ou mulher que pudesse provar que ela dizia tais palavras, mas sempre se mostravam mentirosos seus autores, dizendo para se desculparem que outros homens as dissessem. Desta maneira estas palavras falsas foram inventadas por sugestão do diabo.

Alguma pessoa, ou mais de uma, enganada por seu inimigo espiritual, inventou esta história não muito depois da conversão da dita criatura, dizendo que ela - sentada para uma refeição em um dia de peixe na mesa de um bom homem, servido com vários peixes, como arenque vermelho e um bom esturjão e outros semelhantes – supunham que ela havia dito, segundo eles relataram: "Ah, carne falsa, agora você comeria arenque vermelho, mas você não realizará sua vontade".

E com isso ela deixou de lado o arenque vermelho e comeu o fino esturjão. E se supunha que havia dito outras coisas parecidas, segundo eles diziam, e assim surgiu uma espécie de provérbio contra ela, de modo que alguns diziam: "Carne falsa, não comerás arenque.". E alguns disseram as palavras antes escritas, e todas eram falsas, mas ainda assim não foram esquecidos; e foram repetidos em muitos lugares onde ela nunca foi conhecida.

Ela foi para um digno albergue de viúvas em Londres, onde ela foi gentilmente recebida e acolhida pelo amor de Nosso Senhor; e em muitos lugares em Londres, ela foi altamente encorajada em nome de Nosso Senhor. Deus recompense a todos eles. Havia uma

[289] É a primeira vez que aparece o nome de casada de Margery Kempe no *Livro*.

mulher digna, especialmente, que lhe mostrou sua alta caridade, tanto em comida e bebida quanto em lhe concedendo outros favores. Em uma ocasião ela estava jantando em sua casa com várias outras pessoas de várias condições, sendo ela desconhecida para elas e elas para ela, das quais alguns eram da casa do Cardeal[290] (como lhe foi dito por outras pessoas), e fizeram uma grande festa e o passaram maravilhosamente. E quando eles estavam em sua alegria, alguns repetiram as palavras antes escritas, ou outras parecidas, isto é: "Tu, falsa carne, não comerás desta boa carne". Ela ficou quieta e aguentou um bom tempo. Cada uma delas brincou com umas com as outras, divertindo-se muito com a descortesia da pessoa que disse essas palavras. Quando elas se divertiram completamente com essas palavras, ela perguntou se elas tinham algum conhecimento da pessoa que havia dito essas palavras. Elas disseram:

– Não, de fato. Mas ouvimos dizer que há uma falsa hipócrita fingido em Lynn que diz tais palavras e, deixando de lado as carnes grosseiras, come então as mais deliciosas e apetitosas que são colocadas na mesa.

– Vejam, senhores, – ela disse – vocês não deveriam dizer nada pior do que o que vocês sabem, nem tão mal quanto sabem. Mesmo assim, vocês estão aqui dizendo o pior que sabem, Deus os perdoem, pois eu sou essa mesma pessoa a quem essas palavras são imputadas, e muitas vezes eu sofro grande vergonha e repreensão, e eu não sou culpada neste assunto. Tenho Deus como testemunha.

Quando a viram impassível neste assunto, não reprovando-os, desejando através do espírito de caridade que se retratassem, eles foram repreendidos pela sua própria decência, humilhando-se para se desculparem.

Ela falou com ousadia e fortemente aonde quer que ela fosse em Londres contra os perjuros, os blasfemos e os mentirosos e outras pessoas cruéis, e contra as modas pomposas de homens e mulheres. Ela não os poupou, ela não os lisonjeou, nem por seus dons, nem por sua comida e bebida. Sua fala beneficiou muitas pessoas. Portanto, quando ela entrou na igreja para sua contemplação, Nosso Senhor enviou sua altíssima devoção, agradecendo-lhe que ela não tinha medo de reprovar o pecado em seu nome, e porque ela sofreu escárnio e repreensões por causa dele, prometendo-lhe muita graça nesta vida e, depois desta vida, ter alegria e bem-aventuranças sem fim.

Ela foi tão confortada nas doces comunicações de Nosso Senhor que ela não podia se controlar nem governar seu espírito de acordo com a sua própria vontade ou com a discrição de outros homens, mas de acordo com a forma como Nosso Senhor iria conduzi-la e controlá-la,

[290] Cardeal de Beaufort.

soluçando muito violentamente e chorando muito, pelo que sofreu grande calúnia e repreensão, especialmente por parte dos párocos e dos sacerdotes das igrejas em Londres. Eles não permitiriam que ela permanecesse em suas igrejas e, portanto, ela saia de uma igreja para outra para que ela não se tornasse cansativa para eles. Muitos das pessoas comuns glorificavam a Deus nela, acreditando firmemente que foi a bondade de Deus que realizou aquela alta graça em sua alma.

CAPÍTULO 10

De Londres ela foi para Sheen[291], três dias antes do Dia do Lammas[292], obter o seu perdão pela misericórdia de Nosso Senhor. E quando ela estava na igreja em Sheen, ela teve grande devoção e muita alta contemplação. Ela tinha lágrimas abundantes de compunção e de compaixão, em lembrança das amargas dores e paixões que Nosso misericordioso Senhor Jesus Cristo sofreu em sua bem-aventurada humanidade. Aqueles que a viram chorar e a ouviram soluçar tão violentamente que foram tomados de assombro e admiração pelo que estava preocupando sua alma.

Um jovem que observava seu rosto e seus modos, movido pelo Espírito Santo, foi até ela quando pôde, por si só, com um desejo fervoroso de ter alguma compreensão de qual poderia ser a causa de seu choro. Ele lhe disse:

– Mãe, por favor, peço que me diga o motivo do seu choro, pois eu não vi uma pessoa tão abundante em lágrimas como você é, e especialmente, eu nunca ouvi antes de qualquer pessoa tão violenta em soluçar como você. E, mãe, embora eu seja jovem, meu desejo é agradar ao meu Senhor Jesus Cristo, e assim segui-lo como posso e me seja autorizado. E pretendo pela graça de Deus tomar o hábito desta santa ordem, e por isso lhe rogo que se mostre indiferente comigo. Mostre-se maternal e amável e diz-me sua opinião, pois confio em você.

Ela, benigna e mansamente, com alegria de espírito, como ela julgou adequado, elogiou-o em sua intenção e, à parte, revelou a ele que a causa de seu choro e soluços era sua grande indelicadeza para com seu Criador, através da qual ela muitas vezes ofendido sua bondade. E também a grande abominação que ela tinha de seus pecados a fazia soluçar e chorar. O grande e excelso amor de seu Redentor também, pelo qual, através da virtude de seu

[291] Possivelmente trata-se de um erro de Margery que chama Sheen a Sion. Henrique V fundou o mosteiro cartuxo de Sheen, em Surrey e também do outro lado do Rio Tâmisa, o do monte Sion da Ordem do Santíssimo Salvador, fundada por Santa Brígida da Suécia. Ambos monastérios constituíram grandes centros de piedade contemplativa na Inglaterra durante o século XV.

[292] Tendo em conta suas viagens, pode-se dizer que se trata do dia 1 de agosto de 1434.

sofrimento da Paixão e do derramamento de seu precioso sangue, ela foi redimida da dor eterna, confiando em ser uma herdeira da alegria e da felicidade, levou-a a soluçar e chorar e isso não era motivo de surpresa. Ela falou muitas boas palavras de conforto espiritual para ele, por meio das quais ele foi movido a grande virtude, e depois comeu e bebeu com ela durante o tempo que ela esteva lá, e estava muito feliz por estar em sua companhia.

O Dia de Lammas era o principal dia de perdão e, quando a criatura entrou na igreja em Sheen, ela avistou o eremita que a acompanhou de Lynn, quando ela foi para a costa com sua nora, como foi escrito antes. Imediatamente, com grande alegria de espírito, ela foi até ele, acolhendo-o de coração e dizendo-lhe: "Ah, Reynald, seja bem-vindo! Eu acredito que Nosso Senhor o enviou aqui, pois espero que, assim como você me escoltou de Lynn, agora você deva me levar de volta para Lynn".

O eremita deu-lhe um olhar curto e franziu a testa pesadamente, pois nem desejava nem pretendia levá-la para casa em Lynn como ela desejava. Respondendo muito rapidamente, ele disse:

– Quero que você saiba que o seu confessor desistiu de você, porque você foi para o exterior e não lhe disse uma palavra sobre isso. Você se despediu para trazer sua filha até a costa; você não pediu licença para mais nada. Nenhum de seus amigos sabia o que estava em sua mente e, portanto, suponho você encontrará pouca amizade quando chegar em casa. Eu oro para que você arrume companheiros de viagem onde puder, porque eu tenho a culpa por sua transgressão quando eu a escoltei da última vez. Não quero mais saber disso.

Ela lhe falou amavelmente e pediu pelo amor de Deus que não fosse insultada, pois aqueles que a amavam por Deus antes de ela partir deveriam amá-la por Deus quando voltasse para casa. Ela ofereceu-se para pagar suas despesas a caminho de casa. Então, finalmente, ele consentiu, e a trouxe de volta para Londres e depois para sua casa em Lynn, para a alta adoração de Deus e para o grande mérito de ambos as suas almas.

Quando ela voltou para casa em Lynn, ela se humilhou obedientemente ao seu confessor. Ele falou-lhe algumas palavras muito duras, porque ela estava sob sua obediência e havia viajado sem seu consentimento. Portanto, ele estava ainda mais zangado com ela, mas Nosso Senhor a ajudou de sorte que conseguiu dele e depois de outros amigos o mesmo bom amor que havia recebido antes – Deus seja adorado. Amém.

***

Esta criatura, sobre a qual se escreveu o tratado anterior, durante muitos anos só começava suas orações dessa maneira. Primeiro, quando ela ia à igreja, se ajoelhava diante da Eucaristia em adoração da Santíssima Trindade (Pai, Filho e Espírito Santo, um Deus e três Pessoas), à gloriosa Virgem, Rainha de Misericórdia, Nossa Senhora Santa Maria, e aos doze apóstolos; ela recitava este santo hino, *Veni criador spiritus*, com todos os seus versos, para que Deus iluminasse sua alma, como fez com seus apóstolos no dia de Pentecostes, e revestia-a com os dons do Espírito Santo, para que ela tivesse a graça para entender sua vontade e colocá-la em ação, e para que ela tivesse graça para resistir às tentações de seus inimigos espirituais, e evitar todo tipo de pecado e maldade.

Quando ela havia recitado o *Veni creator spiritus*, com seus versos, ela falou desta maneira:

– O Espírito Santo eu tomo para testemunhar, a Nossa Senhora, Santa Maria, a mãe de Deus, toda a santa corte do céu, e todos os meus confessores aqui na terra, que, embora fosse possível que eu pudesse ter todo o conhecimento e a compreensão dos segredos de Deus através da informação de qualquer demônio do inferno, eu não o aceitaria.

"E tão certo como eu não devo saber, ouvir, ver, sentir, nem entender em minha alma nesta vida mais do que seja a vontade de Deus que eu deva conhecer, assim certamente Deus pode me ajudar em todas as minhas obras, em todos os meus pensamentos e em todas as minhas conversações e em todos os meus discursos, comendo e bebendo, dormindo e caminhando."

"Tão certo como não é minha vontade nem minha intenção adorar qualquer falso demônio como a meu Deus, nem a qualquer falsa fé, nem ter qualquer falsa crença, assim seguramente eu desafio ao diabo e a todos os seus falsos conselhos, e a tudo que eu já fiz, disse ou pensei de acordo com o conselho do diabo, pensando que tinha sido o conselho de Deus e a inspiração do Espírito Santo."

"Se não foi assim, Deus, que vê e conhece os segredos de todos os corações dos homens, tem piedade de mim por causa disso, e concede-me nesta vida um poço de lágrimas brotando em abundância, com o qual eu possa lavar os meus pecados por vossa misericórdia e vossa bondade."

"E, Senhor, por vossa alta misericórdia, visita-me aqui na terra com todas as lágrimas que possam aumentar meu amor por vós, e aumentar meu mérito no céu, e ajudar e beneficiar as almas de meus companheiros cristãos vivos ou mortos."

"Bom Senhor, não poupe os olhos em minha cabeça, do mesmo modo que não reparastes no sangue em seu corpo, que derramaste abundantemente pela alma do homem

pecador, e conceda-me tanta dor e tristeza neste mundo para que eu não seja privada de sua bem-aventurança e da contemplação de vosso rosto glorioso quando eu partir daqui."

"Quanto ao meu choro, ao meu soluço e ao meu pranto, Senhor Deus Todo-Poderoso, tão certo quanto vós sabe quanto desdém, quanta vergonha, quanto desprezo, e quantas repreensões eu tive por causa deles, e tão certo que não está em meu poder chorar alto ou baixinho por devoção ou doçura, mas somente pelo dom do Espírito Santo, com a mesma certeza, Senhor, justifica-me para que todo este mundo saiba e confie que é vosso trabalho e vosso dom, para a grandeza de vosso nome, e para aumentar o amor de outros homens por vós, Jesus."

"E eu vos rogo, Soberano Senhor Cristo Jesus, que quantos homens possam ser transformados pelo meu choro e pranto como me desprezaram por isso ou me desprezaram até o fim do mundo, e muitos mais, se for a vossa vontade. E quanto ao amor de qualquer homem terreno, tão certo como eu não teria outro amor, senão Deus para amar acima de todas as coisas, e amar a todas as outras criaturas por Deus e em Deus, tão certamente extinguir em mim toda a luxúria carnal, e em todos aqueles que eu contemplei seu corpo bem-aventurado. E concede-nos vosso santo temor em nossos corações, por vossas dolorosas feridas."

"Senhor faz com que meus confessores os temam em mim e os amem em mim e fazes com que todo mundo tenha mais dor por seus próprios pecados pela dor que haveis dado a mim pelos pecados de outros homens. Bom Jesus faça da minha vontade a vossa vontade, e a vossa vontade a minha vontade, que eu não tenha nenhuma vontade, mas apenas a vossa vontade."

"Agora, bom Senhor Jesus Cristo, eu clamo por misericórdia para todos os sacerdotes que estão na Santa Igreja, pelo Papa e por todos os seus cardeais, por todos os arcebispos e bispos, e para toda a ordem sacerdotal, para todos os homens e mulheres de religião, e especialmente para aqueles que estão ocupados em salvar e defender a fé da Santa Igreja. Senhor, por vossa misericórdia, abençoe-os e concedei-lhes a vitória sobre todos os seus inimigos, e acelere-os em tudo o que eles vão fazer para a vossa adoração; para todos os que estão na graça neste tempo, Deus os envie perseverança até o fim de suas vidas, e me faça digna de ser participante de suas orações, e eles das minhas, e cada um de nós dos demais."

"Eu clamo por sua misericórdia, bendito Senhor, pelo Rei da Inglaterra, e por todos os reis cristãos, e para todos os senhores e senhoras que estão neste mundo. Deus os estabeleça em tal autoridade que eles possam mais agradar a vós, e ser senhores e senhoras no céu sem fim. Eu peço a gritos por vossa misericórdia, Senhor, para os ricos deste mundo que têm os vossos bens sob vosso controle; dê-lhes graça para gastá-los para o vosso agrado. Eu imploro misericórdia, Senhor, para judeus e sarracenos, e todos os povos pagãos. Bom Deus lembrai-

vos que há mais de um santo no céu que certa vez foi um pagão na terra, e assim vós espalhareis vossa misericórdia para aqueles que estão na terra."

"Senhor, vós mesmo dizeis que ninguém virá a vós sem vós, nem qualquer homem será atraído a vós, a menos que vós o atraiais. E, portanto, Senhor, se houver alguém que não seja atraído, eu oro a vós que o cative."

"Vós me atraístes, Senhor, e eu nunca mereci ser atraída, mas de acordo com sua grande misericórdia vós me atraístes. Se todo este mundo conhecesse minha maldade como vós, eles ficariam maravilhados e admirariam a grande bondade que vós me mostrastes. Eu queria que todo este mundo fosse digno de dar-vos graças por mim, e, como vós haveis feito dignas a criaturas indignas, faça também digno a todo este mundo para dar-vos graças e louvá-lo."

"Eu clamo por misericórdia, Senhor, por todos os falsos hereges e por todos os descrentes, para todos os falsos dizimistas, ladrões, adúlteros e todas as mulheres dissolutas, e para todos os de má vida. Senhor, por vossa misericórdia, compadece-vos deles, se for da vossa vontade, e tira-os o quanto antes de sua má conduta por minhas orações."

"Peço-vos misericórdia, Senhor, para todos os que são tentados e perturbados por seus inimigos espirituais, que vós, por vossa misericórdia lhes possais dar tanta graça para resistir às suas tentações, e livrá-los delas quando mais vos agrade."

"Eu clamo por misericórdia, Senhor, para todos os meus confessores, que vós vos digneis espalhar tanta graça em suas almas como eu gostaria que você fizesse na minha."

"Eu clamo por misericórdia, Senhor, por todos os meus filhos, espirituais e corporais, e para todas as pessoas neste mundo, que vós façais seus pecados os meus, pela verdadeira contrição, como se fossem meus próprios pecados, e perdoe-os como eu gostaria que vós me perdoásseis."

"Eu clamo por misericórdia, Senhor, por todos os meus amigos e por todos os meus inimigos, especialmente para todos os doentes, para todos os leprosos, para todos os homens e mulheres acamados, por todos os que estão na prisão, por todas as criaturas que neste mundo falaram de mim bem ou mal, ou o farão até o fim do mundo. Tenha misericórdia deles, e tenha tanta clemência por suas almas como eu gostaria que vós tivésseis para com a minha."

"E aqueles que falaram mal de mim, por vossa alta misericórdia, perdoe-os; e aqueles que falaram bem, eu oro a vós, Senhor, recompensa-os, pois isso é pela sua caridade e não pelos meus méritos; pois, embora vós tenhais permitido que todo este mundo vingar-vos em mim e me odiar porque os desagradei, vós não me faríeis mal."

"Eu clamo por misericórdia, Senhor, por todas as almas que estão nas dores do purgatório, ali esperando pela vossa misericórdia e as orações da Santa Igreja com a segurança, Senhor, de serem vossas próprias almas escolhidas. Seja tão clemente para com elas como eu gostaria que vós pudésseis ser para minha alma se tivesse a mesma dor que elas estão sentindo."

"Senhor Cristo Jesus, eu vos agradeço por toda saúde e toda riqueza, por todas as riquezas e toda a pobreza, para a doença e todo o desprezo, para todas as humilhações e todos os erros, e para todas as diversas tribulações que têm acontecido ou deve acontecer comigo enquanto eu viver. Dou-vos imensas graças, pois me permitistes sofrer qualquer dor neste mundo em remissão de meus pecados e aumento de meu mérito no céu. Tão certo como que tenho grande motivo para vos dar graças."

"Tão certo como tenho grandes motivos para vos render graças, ouça minhas orações. Pois embora eu tivesse tantos corações e almas encerrados em minha alma quanto Deus sabia desde o princípio quantos deveriam habitar no céu sem fim, e como há gotas de água fresca e sal, lascas de cascalho, pedras pequenas e grandes, gramíneas crescendo em toda a terra, grãos de milho, peixes, aves, animais e folhas de árvores quando há maior abundância, pena de ave ou pelo de animal, sementes que crescem em plantas, ervas daninhas, flores, na terra ou na água quando a maioria cresce, e tantos quantos estiveram na terra, são, ou devem e podem ser em seu poder, e como há estrelas e anjos à vossa vista, ou outros tipos de bens que crescem na terra, e cada um era uma alma tão santa como sempre foi Nossa Senhora Santa Maria que deu à luz Jesus nosso Salvador, e se fosse possível que cada uma pudesse pensar e falar com tanta reverência e adoração como sempre fizeram Nossa Senhora Santa Maria aqui na terra e agora no céu e o fará sem fim, posso muito bem pensar em meu coração e falar com minha boca neste momento em adoração à Trindade e de toda a corte do céu, para grande vergonha e ignomínia de Satanás, que foi separado da face de Deus e de todos os seus espíritos malignos, de tal maneira que todos esses corações e almas nunca poderiam dar graças a Deus nem louvá-lo e reverenciá-lo totalmente nem amá-lo totalmente nem louvá-lo totalmente a ele como ele merece pela grande misericórdia que me mostrou na terra. O que eu não posso fazer, nem posso deixar de fazer.

"Rogo a minha Senhora, que é a única Mãe de Deus, o poço de graça, flor e a mais bela de todas as mulheres que Deus já fez na terra, a mais digna de ser vista e ouvida por Deus, e a mais alta que o mereceu nesta vida, Senhora benigna, Senhora mansa, Senhora caridosa, com toda a reverência que há no céu, e com todos os seus sagrados santos, eu vos rogo, Senhora, ofereçais graças e louvais à bendita Trindade por amor a mim, pedindo misericórdia e graça

para mim e por todos os meus confessores, e perseverança até o fim de nossa vida e que nessa vida possamos agradar mais a Deus."

"Bendigo meu Deus em minha alma, e todos vocês que estão no céu. Bendito seja Deus em todos vós, e vós em Deus. Bendito sejais vós, Senhor, por todas as vossas misericórdias que mostrastes a todos os que estão no céu e na terra. E especialmente, eu vos bendigo Senhor, por Maria Madalena, por Maria do Egito, por São Paulo e por Santo Agostinho. E como vós mostrastes misericórdia para com eles, então mostre vossa misericórdia para mim e para todos os que vos pedem misericórdia de coração. A paz e o descanso que vós legastes aos vossos discípulos e aos vossos amantes, que vós possais legar a mesma paz e descanso para mim na terra e no céu sem fim."

"Lembrai-vos, Senhor, da mulher que foi apanhada em adultério e conduzida até vós, e como vós expulsaste todos os vossos inimigos dela e ela permaneceu somente com vós, então verdadeiramente vós podeis expulsar todos os meus inimigos de mim, tanto corporais como espirituais, para que eu possa permanecer somente convosco, e fazer com que minha alma morra para todas as alegrias deste mundo, e viva ávida da alta contemplação em Deus."

"Lembra-te, Senhor, de Lázaro que permaneceu quatro dias morto na sua sepultura, e como eu estive naquele lugar sagrado onde vosso corpo esteve vivo, morto e crucificado pelo pecado do homem, e onde Lázaro foi ressuscitado da morte para a vida, tão certo Senhor, se algum homem ou mulher for morto nesta hora por pecado mortal, se alguma oração puder ajudar a eles, escutai minhas orações por eles e os façam viver eternamente."

"Eu vos agradeço, Senhor, por todos aqueles pecados que vós haveis me livrado, o que não cometi, e muitas graças, Senhor, por todas as tristezas que me deste por tudo que cometi, por estas graças, e por todas as outras graças que são necessárias para mim e para todas as criaturas da terra."

"E para todos aqueles que têm fé e confiam, ou devem ter fé e confiar, em minhas orações até o fim do mundo, a mesma graça que eles desejam, espirituais ou corporais, para o proveito de suas almas, rogo-vos, Senhor, pela abundância da vossa misericórdia. Amém."

Jhesu mercy quod Salthows[293].

[293] "Graças a Jesus, diz Salthows." Presumivelmente seja o copista do manuscrito e não o sacerdote que escreveu o ditado de Margery Kempe. Não é demais lembrar que o texto termina com as orações de Margery e a frase do copista, e muitos estudiosos se perguntam se haveria uma continuidade do texto que teria se perdido ao longo dos séculos.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Esta pesquisa de análise literária e tradução pretendeu elucidar a importância das autoras medievais Juliana de Norwich e Margery Kempe não só para a literatura inglesa, mas para toda a tradição literária de autoria feminina. Suas obras, respectivamente *A Revelation of Love* (c. 1395) (Paris Manuscript da Bibliothèque Nationale – Paris, BnF anglais, 40 – séc. XVII) e *The Book of Margery Kempe* (c. 1438), foram estudadas pelo viés da crítica literária feminista; buscamos observar as representações da memória, do corpo e da maternidade, bem como problematizar o relativo silêncio com o qual as referidas obras têm sido tratadas pelos estudos literários brasileiros. Propomos também a tradução da obra *The Book of Margery Kempe* (1438), da autora Margery Kempe, presente na British Library (Add. MS 61823 – século XV) para o português.

Através da análise realizada, pudemos constatar como as visões e experiências das referidas autoras se articulam no sentido de criar uma memória do fenômeno relatado através de textos que primam por recursos literários e dialogam com outros textos anteriores, como a própria Bíblia. O constante rememorar como processo de compreensão e registro dessa vivência se traduz numa ânsia por autoridade de seu discurso. A memória constitui, assim, um elemento central para a percepção de suas experiências visionárias.

Também evidenciamos, nas obras *A Revelation of Love* e *The Book of Margery Kempe*, a ruptura com paradigmas de representação da imagem divina, apresentada na figura de Jesus como Mãe, e a ênfase na representação do corpo divino, o que antecipa questões de gênero e presença de uma poética do corpo que se articula no texto literário, unindo os aspectos de uma corporeidade que evidencia traços dessas vozes femininas e suas experiências enquanto mulheres que vivenciam o divino em seu aspecto maternal, seja de forma amorosa, que acolhe toda a humanidade, seja de forma martirizante, o que aproxima Margery Kempe, por exemplo, da imagem da *Mater Dolorosa*. A obra *A Revelation of Love*, da anacoreta Juliana de Norwich, permanece como ícone ao transgredir a imagem tradicional de Deus, ao colocar, através do relato de suas visões da divindade, a imagem de Jesus Cristo como uma mãe, o que suscita todo um questionamento acerca das representações de gênero na Idade Média inglesa.

Buscamos, dessa forma, problematizar o relativo silêncio com o qual as obras das místicas inglesas têm sido tratadas em meio ao contexto brasileiro de estudos relativos à literatura inglesa. Notamos que os textos místicos de autoria feminina podem ser vistos como pioneiros na questão de uma suposta ausência das mulheres no pensamento e na literatura medievais. Conhecer esses textos e traduzi-los, como proposto nesta pesquisa se faz

fundamental para romper com esses estereótipos negativos em relação às mulheres medievais. Pudemos comprovar que, sim, elas produziram textos, fosse de próprio punho, fosse através dos relatos de suas narrativas a um escriba, muitas mulheres foram autoras na Idade Média.

Discutimos também a importância de uma tradução, para a língua portuguesa, da obra *The Book of Margery Kempe*, por meio de escolhas que priorizem os aspectos literários. Ressaltamos a importância da crítica e da análise das traduções de textos de autoria feminina pelo viés dos Estudos Feministas da Tradução, observando todas as relações de poder que podemos verificar na prática tradutória.

Por fim, mas não menos importante, apresentamos ao público leitor, a partir do único manuscrito da obra *The Book of Margery Kempe*, constante na British Library (Add. MS 61823 - século XV), sua tradução para a língua portuguesa, levando em conta as teorias da tradução literária e dos Estudos Feministas da Tradução. Entendemos que a transposição de obras como essa para a língua portuguesa é de suma importância para ampliar seu público leitor, despertar o desejo pela pesquisa acerca da obra e dar a conhecer uma narrativa literária que traz o cotidiano de uma voz feminina fascinante que ousou romper com os paradigmas convencionados às mulheres inglesas no medievo.

Essa pesquisa, portanto, teve como objetivo principal trazer para a atualidade essas mulheres inglesas pioneiras em termos de produção literária inglesa de autoria feminina. Juliana de Norwich e Margery Kempe permanecem como mulheres à frente de sua época no sentido de que ousaram ultrapassar os limites impostos à presença feminina dentro e fora das instituições religiosas, e cujas vozes ecoam seus protagonismos através dos séculos. Esperamos, assim, que mais leitores possam acessar e fruir suas obras e conhecer mais sobre o que podia uma mulher, mesmo com tantos impedimentos, no medievo inglês.

REFERÊNCIAS

AGOSTINHO, Santo. **Confissões**. 3. ed. Tradução de J. Oliveira e A. Ambrósio de Pina. Petrópolis: Vozes, 2013.

ALEXANDER, Michael. **A History of English Literature**. 2nd ed. London: Palgrave Macmillan, 2007.

ALEXANDER, Michael; RIDDY, Felicity. **St. Martin's Anthologies of English Literature**: The Middle Ages (Volume I). New York: St. Martin's Press, 1989.

ALMEIDA, Lélia. Linhagens e ancestralidade na literatura de autoria feminina. *In*: Espéculo. **Revista de estudios literarios**. Madrid: Universidad Complutense de Madrid, 2004. Disponível em: https://webs.ucm.es/info/especulo/numero26/linhages.html. Acesso em: 25 abr. 2018.

AQUINO, João Emiliano F. **Memória e consciência histórica**. Fortaleza: EdUECE, 2006.

BAKER, Denise N. (Ed.). **The Showings of Julian of Norwich**. (A Norton Critical Edition). New York: W.W. Norton & Company, 2005.

BALE, Anthony. Introduction. In: KEMPE, Margery. **The Book of Margery Kempe**. Tradução de Anthony Bale. Oxford: OUP, 2015.

BARBOSA, Heloísa Gonçalves. **Procedimentos técnicos da tradução**: uma nova proposta. Campinas: Pontes, 1990.

BARBOZA, B. R. G.; MATOS, N. A.; SANTOS, S. C. Estudos feministas de tradução: um recorte de pesquisas do Programa de Pós-Graduação em Estudos da Tradução (PGET-UFSC). **Belas Infiéis**, Brasília, Brasil, v. 7, n. 2, p. 43-61, 2018. DOI: 10.26512/belasinfieis.v7i2.15266. Disponível em: https://periodicos.unb.br/index.php/belasinfieis/article/view/15266. Acesso em: 31 ago. 2021.

BARBOZA, B.; CASTRO, O. (Re)examinando horizontes nos estudos feministas de tradução: em direção a uma terceira onda?. **Tradterm,** [S. l.], v. 29, p. 216-250, 2017. DOI: 10.11606/ issn.2317-9511.v29i0 p. 216-250. Disponível em: https://www.revistas.usp.br/tradterm/article/view/134563. Acesso em: 24 ago. 2021.

BARRATT, Alexandra. Julian of Norwich and Her Children Today: Editions, Translations, and Versions of Her Revelations. *In*: SALIH, S.; BAKER, D. N. (Eds.) **Julian of Norwich's Legacy**. The New Middle Ages. New York: Palgrave Macmillan, 2009.

BARREIRO, Carolina N. **Gênero no discurso**: uma análise sobre as relações de gênero nas obras *O Espelho das Almas Simples* de Marguerite Porète e *The Book of Margery Kempe* de Margery Kempe (séc. XIII e XV). Trabalho de conclusão de graduação (Curso de História). Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Porto Alegre, 2016.

BASSNETT, Susan. **Estudos de Tradução**. Tradução de Sônia Terezinha Gehring, Letícia V. Abreu e Paula A. R. Antinofi. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2005.

BEAUVOIR, Simone. **O segundo sexo**. Tradução de Sérgio Millet. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1980.

BEER, Jeanette (Ed.). **A Companion to Medieval Translation**. York: ARC Humanities Press, 2019.

BENJAMIN, Walter. **Escritos sobre mito e linguagem (1915-1921)**. Tradução de Susana Kampff Lages e Ernani Chaves. 2. ed. São Paulo: Duas Cidades; Editora 34, 2013.

BERMAN, Antoine. **A tradução e a letra ou o albergue do longínquo**. Tradução de Mauri Furlan *et al*. Rio de Janeiro: 7letras/PGET, 2007.

BERRIGAN, Karen E. "Woman, why weepest thou?, the influence of Mary Magdalene on The book of Margery Kempe." Thesis, National Library of Canada = Bibliothèque nationale du Canada, 1999. Disponível em: http://www.collectionscanada.ca/obj/s4/f2/dsk1/tape9/PQDD_0016/MQ49314.pdf. Aceeso em 7 Dez 2022.

BINGEMER, Maria Clara; VILLAS BOAS, Alex (Orgs.). **Teopoética**: mística e poesia. Rio de Janeiro: Ed. PUC-Rio; São Paulo: Paulinas, 2020.

BRITANNICA, T. Editors of Encyclopaedia (2022, October 21). Middle English language. **Encyclopedia Britannica**. Disponível em: https://www.britannica.com/topic/Middle-English-language. Acesso em: 29 nov. 2022.

BRITTO, Paulo Henriques. **A tradução literária**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2012.

BUTLER, Judith. **Problemas de gênero**: feminismo e subversão da identidade. Tradução de Renato Aguiar. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003.

BYNUM, Caroline Walker. **Jesus as Mother:** Studies on High Spirituality of the Middle Ages. Los Angeles: UCLA Press, 1984.

CALADO, Alder J. F. O perfil Instituinte do Movimento das Beguinas, na Baixa Idade Média. *In*: DEPLAGNE, Luciana E. F. C. (Org.) **Faces do Medievo**: gênero, poéticas, resistências. Recife: Baraúna, 2008, p. 11-46.

CASTAGNINO, Raúl H. **Tempo e expressão literária**. São Paulo: Mestre Jou, 1970.

CHAMBERLAIN, Lori. “Gênero e a metafórica da tradução.” (Tradução de Norma Viscardi). In: OTTONI, Paulo (org.). **Tradução.** A prática da diferença. Campinas, SP, FAPESP/UNICAMP, 1998.

COLLINS, P. H. Sobre tradução e ativismo intelectual. **Revista Ártemis**, [S. l.], v. 27, n. 1, p. 25-32, 2019. Disponível em: https://periodicos.ufpb.br/index.php/artemis/article/view/46697. Acesso em: 2 set. 2021.

COPELAND, Rita. **Rhetoric, Hermeneutics, and Translation in the Middle Ages**: Academic Traditions and Vernacular Texts. Cambridge: Cambridge University Press, 2009.

CORBIN, Henry. **Mundus Imaginalis or The Imaginary and The Imaginal**. Tradução de Ruth Horine. Disponível em: http://www.bahaistudies.net/asma/mundus_imaginalis.pdf. Acesso em: 10 nov 2020.

DEPLAGNE, L. E. de F. C. "As memórias" de Leonor López de Córdoba (1362/23-1430): inaugurando linhagens. **Revista Ágora**, [S. l.], n. 26, p. 94-106, 2018. Disponível em: https://periodicos.ufes.br/agora/article/view/18721. Acesso em: 20 out. 2020.

DEPLAGNE, Luciana E. F. C. Apresentação. *In*: PIZAN, Christine de. **A Cidade das Damas**. Tradução de Luciana Eleonora de Freitas Calado Deplagne. Florianópolis: Editora Mulheres, 2012.

DICKENS, Andrea J. **The Female Mystic:** Great Women Thinkers of the Middle Ages. London: I. B. Tauris, 2009.

DOYLE, Brendan (Org.). **Meditações com Julian de Norwich**. Tradução de Barbara Theoto Lambert). São Paulo: Editora Gente, 1993.

DRONKE, Peter. **Women Writers of the Middle Ages**: A Critical Study of Texts from Perpetua (+203) to Marguerite Porete (+1310). Cambridge: Cambridge University Press, 1984.

DUTTON, Elisabeth. Augustine Baker and Two Manuscripts of Julian of Norwich's Revelation of Love**. Notes and Queries**, New Series 52, no.3 (Sep. 2005) 329-37. Disponível em: http://nq.oxfordjournals.org/content/52/3/329.full.pdf+html?sid=eecc24cd-9517-4c8f-a0b5-96e1a1c2b026. Acesso em: 29 ago. 2021.

FANOUS, S.; LEYSER, H. (Orgs.). **The Life of Christina of Markyate**. Tradução de C. H. Talbot. Oxford: Oxford University Press, 2008.

FANTUZ, Giulliana Vittoria (Org.). **Juliana de Norwich**: A mística da alegria. Tradução de António Maria da Rocha. Lisboa: Paulinas, 2019.

FÉLIX, Loiva Otero. **História e memória:** a problemática da pesquisa. Passo Fundo: Ediupf, 1998.

FINKE, Laurie. Mystical Bodies and the Dialogics of Vision. *In*: **Philological Quaterly**, Fall 1988; 67, 4; Periodical Archive Online, p. 439-450.

FLORES, Josué Soares. **Maternidade de Deus em Juliana de Norwich**. São Paulo: Fonte Editorial, 2013.

FLOTOW, Luise von. Traduzindo mulheres: de histórias e retraduções recentes à tradução "Queerizante" e outros novos desenvolvimentos significativos. Tradução de Tatiana Nascimento dos Santos. *In*: BLUME, Rosvitha Friesen; PETERLE, Patricia (Orgs.). **Tradução e relações de poder.** Tubarão: Ed. Copiart, 2013; Florianópolis: PGET/UFSC. p. 169-192.

FORCADES I VILLA, Teresa. **La Teología Feminista en la Historia**. Barcelona: Fragmenta Editorial, 2011.

FURLIN, Neiva. Teologia feminista: uma voz que emerge nas margens do discurso teológico hegemônico. **Rever**. Ano 11. N. 01. Jan/Jun 2011. Disponível em: https://revistas.pucsp.br/index.php/rever/article/view/6034/4380. Acesso em: 28 fev. 2021.

GEARY, Patrick. Memória. *In*: LE GOFF, Jacques; SCHMITT, Jean-Claude (Orgs.). **Dicionário analítico do Ocidente medieval**: volume 2. Tradução de Eliana Magnani. São Paulo: Editora UNESP, 2017, p. 90-107.

GEBARA, Ivone. **O que é teologia?** São Paulo: Editora Brasiliense, 2006. (Coleção Primeiros Passos, 317)

GENTZLER, Edwin. **Teorias Contemporâneas da Tradução**. Tradução de Marcos Malvezzi. 2. ed. São Paulo: Madras, 2009.

GLASSCOE, Marion. Introduction. In: NORWICH, Juliana de. **A Revelation of Love.** Edited by Marion Glasscoe. Exeter: University of Exeter Press, 1993.

GOSMAN, Martin; MACDONALD, Alasdair; VANDERJAGT, Arjo. (Ed.). **Princes and Princely Culture 1450-1650**. Vol. 2. Leiden: Brill, 2005.

GREEN, Vivian Hubert H. **The Later Plantagenets.** A survey of English History between 1307 and 1485. 6. ed. Londres: Edward Arnold Publishers, 1970.

GRIFFITHS. Ralph A. **King and Country**. England and Wales in the Fifteenth Century. Londres: The Hambledon Press, 1991.

GUERINI, Andréia *et al*. **Literatura traduzida e literature nacional**. Rio de Janeiro: 7Letras, 2008.

HICKS, Michael. **English Political Culture in the Fifteenth Century.** Londres: Routledge, 2002.

JAGGAR, Alisson M.; BORDO, Susan R. **Gênero, corpo, conhecimento**. Tradução de Britta Lemos de Freitas. Rio de Janeiro: Record; Rosa dos Tempos, 1997.

JANTZEN, Grace. **Julian of Norwich**. London: SPCK, 2000.

JOHN-JULIAN. **The Complete Julian of Norwich**. Brewster, Massachusetts: Paraclete Press, 2009.

JONES, Dan. **The Hollow Crown**: The Wars of the Roses and the Rise of the Tudors. Londres: Faber & Faber, 2014.

JUDITE. Edição bilíngue e atualizada. Tradução, introdução e notas de Elton Oliveira Souza de Medeiros. São Paulo: Wyrd, 2021.

KEEN, Maurice. **England in the Later Middle Ages**. 2. ed. Londres: Routledge, 2003.

KELLY, Joan. **Women, History and Theory** (Women in Culture and Society). Chicago & London: University of Chicago Press, 1984. Edição do Kindle.

KEMPE, Margery. **The Book of Margery Kempe**. Tradução de Anthony Bale. Oxford: OUP, 2015.

KEMPE, Margery. **Libro de Margery Kempe**: La mujer que se reinventó a sí misma. Tradução de Salustiano Moreta Velayos. Valencia: PUV, 2012.

KEMPE, Margery. **The Book of Margery Kempe**. Edited by Barry Windeatt. Rochester: D. S. Brewer, 2004.

KEMPE, Margery. **The Book of Margery Kempe**. Tradução de Barry Windeatt. Londres: Penguin, 1994.

LE GOFF, Jacques. **História e Memória**. 5. ed. Tradução de Bernardo Leitão. Campinas: Editora da UNICAMP, 2003.

LE GOFF, Jacques. **Uma longa Idade Média**. 2. ed. Tradução de Marcos de Castro. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2010.

LEFEVERE, André. **Tradução, reescrita e manipulação da fama literária**. Tradução de Cláudia Matos Seligmann. Bauru/SP: Edusc, 2007.

LERNER, Gerda. **A Criação da Consciência Feminista**: a luta de 1.200 anos das mulheres para libertar suas mentes do pensamento patriarcal. Tradução de Luiza Sellera. São Paulo: Cultrix, 2022.

LICHTMANN, Mary R. **I desyrede a bodylye syght**: Julian of Norwich and the Body. Disponível em: https://www.academia.edu/24688476/_I_desyrede_a_bodyle_syght_Julian_of_Norwich_and_the_Body. Acesso em: 8 jun. 2016.

LIMA, Maria Graciele de. **Uma inquieta escritura**: estudo e tradução de exclamaciones e vejamen de Teresa d'Ávila. Disponível em: https://repositorio.ufpb.br/jspui/handle/123456789/16853. Acesso em: 29 jun. 2021.

LONG, Thomas Lynne. Medieval literature through the lens of translation theory: Bridging the interpretive gap. **Translation Studies**, 3:1, p. 61-77, 2010. Disponível em: file:///C:/Users/Usuario/Downloads/14781700903338680.pdf. Acesso em: 24 ago. 2021.

LONG, Thomas L. Julian of Norwich's "Christ as Mother" and Medieval Constructions of Gender. **Paper presented at the Madison Conference on English Studies**. James Madison University. March 18, 1995. Disponível em: http://www-bcf.usc.edu/~sbriggs/Long%20on%20julian.htm. Acesso em: 25 jun. 2015.

LOSSO, Eduardo Guerreiro Brito. Teoria crítica da mística e teoria da literatura. *In*: CABRAL, Jimmy Sudário; BINGEMER, Maria Clara. **Finitude e mistério**: mística e literatura moderna. Rio de Janeiro: PUC-Rio; Mauad, 2014, p. 23-52.

MAROLDI, Marcelo. Apresentação. In: NORWICH, Juliana de. **Revelações do Amor Divino.** Tradução de Marcelo Masson Maroldi. São Paulo: Paulus, 2018. (Coleção Clássicos do Cristianismo)

MCAVOY, Liz Herbert (Ed.). **A companion to Julian of Norwich**. London: Brewer, 2008.

MCAVOY, Liz Herbert. **Authority and Female Body in the Writings of Julian of Norwich and Margery Kempe**. Cambridge: D.S. Brewer, 2004.

MCNAMER, Sarah. The Exploratory Image: God as Mother in Julian of Norwich's Revelation of Divine Love. **Mystics Quarterly**, 15.1 (March 1989): 21-28. Disponível em: http://www.jstor.org/stable/20716905?&seq=1#page_scan_tab_contents. Acesso em: 26 jun. 2015.

MCGINN, Bernard. **As Fundações da Mística**: das Origens ao Século V. Tradução de Luiz Malta Louceiro. São Paulo: Paulus, 2012.

MEDEIROS, Elton O. S. O que Beowulf tem a ver com cristo? Reflexões sobre abordagem e problemática metodológica. **Revista Signum**, 2019, vol. 20, n. 1. Disponível em: file:///C:/Users/Usuario/Downloads/457-1533-1-PB.pdf. Acesso em: 9 nov. 2021.

MIATELLO, A. L. P. A literatura mística feminina e a escrita da História na Baixa Idade Média ocidental: Entre biografia, memória e relato social. **História da Historiografia**: International Journal of Theory and History of Historiography, v. 13, n. 33, p. 163-195, 21 jul. 2020. Disponível em: https://www.historiadahistoriografia.com.br/revista/article/view/1519. Acesso em: 15 jul. 2021.

MILTON, John. **Tradução***:* teoria e prática. 2. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1998.

MORRISON, Susan B. **Women Pilgrims in Late Medieval England**. London: Routledge, 2002.

NEWMAN, Barbara. Introdução. *In*: HILDEGARDA, Santa. **Scivias**: (Scito Vias Domini): conhece os caminhos do Senhor. Tradução de Paulo Ferreira Valério. São Paulo: Paulus, 2015.

NEWMAN, Barbara. What Did It Mean to Say "I saw"? The Clash between Theory and Practice in Medieval Visionary Culture. **Speculum 80** (2005). Disponível em: https://booksc.org/book/38771088/0c538f. Acesso em: 11 fev. 2021.

NOGUEIRA, M. S. M. "Mística feminina – escrita e transgressão". Revista **Graphos**, João Pessoa, v. 17, n° 2, (p.91-102), 2015.

NOGUEIRA, M. S. M. "Margerite Porete: a mística como escrita de si.". Revista **Graphos**, João Pessoa, vol. 22, n° 3, (p.76-90), 2020.

NORWICH, Juliana de. **Revelações do Amor Divino.** Tradução de Marcelo Masson Maroldi. São Paulo: Paulus, 2018. (Coleção Clássicos do Cristianismo)

NORWICH, Juliana de. **Revelações do Amor Divino.** Tradução de Maria Eizabeth Hallak Nielsen. Petrópolis: Vozes, 2018. (Série Clássicos da Espiritualidade)

OUSTINOFF, Michaël. **Tradução:** história, teoria e métodos. Tradução de Marcos Marcionilo. São Paulo: Parábola Editorial, 2011.

PAZ, Octavio. **Tradução:** literatura e literalidade. Tradução de Doralice Alves de Queiroz. Edição Bilíngue. Belo Horizonte: FALE/UFMG, 2009.

PERK, Godelinde G. **Julian, God and the Art of Storytelling**. A Narrative Analysis of the Works of Julian of Norwich. Umea: Umea University, 2016. Disponível em: http://umu.diva-portal.org/smash/record.jsf?pid=diva2%3A1021263&dswid=-564. Acesso em: 15 abr. 2018.

PERROT, Michelle. **Minha história das mulheres**. 2. ed. Tradução de Angela M. S. Corrêa. São Paulo: Contexto, 2015.

PINHEIRO, Mirtes Emília. Hildegarda, a mística de Bingen. *In*: DEPLAGNE, Luciana E. F. C. (Org.). **As intelectuais da Idade Média**: pensadoras, místicas, cientistas e literatas. João Pessoa: Editora da UFPB, 2015.

POKORN, Nike K. Translational and Mystical Texts. *In*: **Perspectives**: Studies in Translatology, 13:2, 2005, p. 99-105.

PORETE, Marguerite. **O espelho das almas simples e aniquiladas e que permanecem somente na vontade e no desejo do amor**. Tradução de Sílvia Schwartz, Petrópolis/RJ: Vozes, 2008.

POWER, Eileen. **Medieval Women**. Cambridge: Cambridge University Press, 1996.

RÉGNIER-BOHLER, Danielle. Vozes literárias, vozes místicas. *In*: DUBY, Georges; PERROT, Michelle. **História das Mulheres no Ocidente**. Volume 2. Tradução de Maria Helena da Cruz Coelho *et al*. Porto: Edições Afrontamento, 1990. p. 517-591.

REUTHER, Rosemary R. The emergence of Christian feminist theology. *In*: PARSONS, Susan F. **The Cambridge Companion to Feminist Theology**. Cambridge: Cambridge University Press, 2004.

REUTHER, Rosemary R. **Women and Redemption**: A Theological History. 2. ed. Minneapolis: Fortress Edition, 2012.

RIVERA GARRETAS, Maria-Milagros. **Textos y espacios de mujeres**. Europa siglo IV-XV. Barcelona: Icaria Editorial, 2005.

ROVERE, Maxime (Org.). **Arqueofeminismo**: mulheres filósofas e filósofos feministas. Tradução de Andrea M. Mello, Camilla Lima de Oliveira, Pedro Muniz, Viviana Ribeiro, Yasmin Haddad. São Paulo: n-1 edições, 2019.

SCANLON, Larry. **The Cambridge Companion to Medieval English Literature 1100-1500**. Cambridge: Cambridge University Press, 2009.

SCOTT, Joan. Gênero: uma categoria útil para análise histórica. *In*: HOLLANDA, Heloísa Buarque de. **Pensamento feminista**: conceitos fundamentais. Rio de Janeiro: Bazar do Tempo, 2019. p. 49-80.

SCHMITT, Jean-Claude**. O corpo, os ritos, os sonhos**: ensaios de antropologia medieval. Tradução de Maria Ferreira. Petrópolis, RJ: Vozes, 2014.

SILVA, Juliana S. A matéria de Bretanha e a historiografia medieval: da *Historiae regum britanniae* às primeiras crônicas peninsulares em língua romance. *In*: **Síntese** – Revista dos Cursos de Pós-Graduação. Vol. 10, 2005, p. 577-585. Disponível em: file:///C:/Users/Usuario/Desktop/baygon,+Gerente+da+revista,+Sylvestre+da+SILVA0001.PDF.pdf. Acesso em: 29 nov. 2022.

SCOTT, Joan W. "La querelle des femmes" no final do século XX. **Rev. Estud. Fem**., Florianópolis, v. 9, n. 2, p. 367-388, 2001. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104026X2001000200004&lng=en&nrm=iso. Acesso em: 23 mar. 2021.

SCOTT, Joan W. História das Mulheres. *In*: BURKE, Peter. **A escrita da história**: novas perspectivas. São Paulo: Editora Unesp, 2011.

SIMON, Sherry. *Gender in Translation:* Cultural identity and the politics of transmission. London and New York: Routledge, 2005.

SPIVAK, Gayatri Chakravorty. "TRADUÇÃO COMO CULTURA". In: **Ilha do Desterro**. Florianópolis nº 48 p.041-064 jan./jun. 2005. Disponível em: file:///C:/Users/Usuario/Downloads/9833-Texto%20do%20Artigo-29316-1-10-20090316.pdf. Acesso em 15 Jul 2021.

STALEY, Lynn. **Margery Kempe's dissenting fictions**. University Park: Pennsylvania University Press, 1994.

STEVENS, Cristina Maria Teixeira. Maternidade e feminismo: diálogos na literatura inglesa. *In*: CAVALCANTI, Ildiney *et al*. (Orgs.). **Da mulher às mulheres**: dialogando sobre literatura, gênero e identidades. Maceió: EDUFAL, 2006.

TEIXEIRA, Faustino. **Religiões & espiritualidade**. São Paulo: Fonte Editorial, 2014.

TELLES, Norma. **Gritos e sussuros**: o Livro de Margery Kempe. Disponível em: https://www.labrys.net.br/labrys20/aventura/norma.htm. Acesso em: 28 out. 2017.

TEMPLE, Liam Peter. Returning the English "Mystics" to their Medieval Milieu: Julian of Norwich, Margery Kempe and Bridget of Sweden. **Women's Writing**, 23:2, 2016, p. 141-158.

THE Pynson Ballad. Disponível em: https://www.walsinghamanglicanmedieval.org.uk/pynson.htm. Acesso em: 24 jun. 2021.

THOMASSET, Claude. Da natureza feminina. *In*: *I*DUBY, Georges; PERROT, Michelle. **História das Mulheres no Ocidente**. Volume 2. Tradução de Maria Helena da Cruz Coelho *et al*. Porto: Edições Afrontamento, 1990.

TROCH, Lieve. Mística Feminina na Idade Média: historiografia feminista e descolonização das paisagens medievais. *In*: Revista **Graphos**. Revista da Pós-Graduação em Letras da UFPB. Volume 15, n. 1, 2013. Disponível em: http://periodicos.ufpb.br/ojs/index.php/graphos/article/viewFile/16324/9352. Acesso em: 5 jun. 2015.

UNDERHILL, Evelyn. **Misticismo**. 2. ed. Curitiba: Ordem Rosacruz – AMORC, 2008.

VELASCO, Juan Martín. **El fenômeno místico**. 3. ed. Madrid: Editora Trotta, 2009.

VIÑAO, Antonio. Las Autobiografías, Memorias y Diarios como Fuente Histórico-Educativa: Tipología y Usos. **Revista Teias**, [S.l.], v. 1, n. 1, p. 11, ago. 2007. ISSN 1982-0305. Disponível em: https://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/revistateias/article/view/23827/16808. Acesso em: 20 out. 2020.

WARREN, Nancy Bradley. Feminist Approaches to Middle English Religious Writing: The Cases of Margery Kempe and Julian of Norwich. *In*: **Literature Compass**. Volume 4, Issue 5, September 2007, p. 1378-1396. Disponível em: http://onlinelibrary.wiley.com/doi/10.1111/j.1741-4113.2007.00487.x/full. Acesso em: 7 jun. 2016.

WATSON, Nicholas; JENKINS, Jacqueline (Ed.). **The writings of Julian of Norwich**: A vision showed to a devout woman and a revelation of love. Pennsylvania: The Pennsylvania University Press, 2006.

WINDEATT, Barry (Trad.). **Revelations of Divine Love**. Oxford: Oxford University Press, 2015.

WINDEATT, Barry (Ed.). **The Book of Margery Kempe**. Annoted Edition. Cambridge: D. S. Brewer, 2004.

ZACCARA, Angela. Il santorale di Giuliana di Norwich. *In*: **De Medio Aevo**. Vol. 14 (2020): La mujer en la Edad Media. p. 17-28. Disponível em: https://revistas.ucm.es/index.php/DMAE/issue/view/3571. Acesso em: 18 jul. 2020.

ZIMMERMANN, Margarete. Querelle des Femmes, querelles du livre. *In*: COURCELLES, D. VAL JULIÁN, Carmen. **Des femmes et des livres**. Paris: Publications de l'École nationale des chartes, 1999, p. 79-94. Disponível em: https://books.openedition.org/enc/1000. Acesso em: 27 jun. 2021.

ZINK, Michel. Literatura. *In*: LE GOFF, Jacques; SCHMITT, Jean-Claude (Orgs.). **Dicionário analítico do Ocidente medieval**: volume 2. Tradução de Lênia Márcia Mongelli. São Paulo: Editora UNESP, 2017, p. 90-107.

ZUMTHOR Paul. Litteratus/Illitteratus. Remarques sur le contexte vocal de l'écriture médiévale. *In*: **Romania**, tome 106 n. 421, 1985, pp. 1-18. Disponível em: https://www.persee.fr/doc/roma_0035-8029_1985_num_106_421_1734. Acesso em: 26 maio de 2020.